

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ANA CLAUDIA ALBUQUERQUE BORELLA

**DA TAFONOMIA FUNERÁRIA ÀS PRÁTICAS MORTUÁRIAS: UM ESTUDO DE
CASO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ‘CAIXA D’ÁGUA’ (BURITIZEIRO – MG)**

SÃO PAULO

2022

ANA CLAUDIA ALBUQUERQUE BORELLA

**DA TAFONOMIA FUNERÁRIA ÀS PRÁTICAS MORTUÁRIAS: UM ESTUDO DE
CASO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ‘CAIXA D’ÁGUA’ (BURITIZEIRO – MG)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. André Menezes Strauss

Coorientador: Dr. Rodrigo Elias de Oliveira

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo nº 2019/12981-2

SÃO PAULO

2022

Versão corrigida

Documento físico original disponível na biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo

Citar como:

BORELLA, Ana Claudia. Da Tafonomia Funerária às Práticas Mortuárias: um estudo de caso do sítio arqueológico ‘Caixa D’água’ (Buritizeiro – MG). Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2022. 473 p.

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Albuquerque Borella, Ana Claudia
Da Tafonomia Funerária às Práticas Mortuárias: um
estudo de caso do sítio arqueológico 'Caixa D'água'
(Buritizeiro - MG) / Ana Claudia Albuquerque
Borella; orientador André Menezes Strauss;
coorientador Rodrigo Elias de Oliveira. -- São
Paulo, 2022.
473 p.

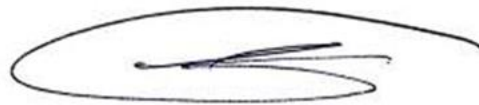
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
em Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e
Etnologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Práticas Funerárias. 2. Tafonomia Funerária.
3. Brasil Central. 4. Holoceno Médio. I. Menezes
Strauss, André, orient. II. Elias de Oliveira,
Rodrigo, coorient. III. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em
Arqueologia

Banca de Avaliação:



Prof. Dr. André Menezes Strauss

(Orientador)

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Prof. Dra. Maria Jacqueline Rodet

Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dra. Claudia Minervina Souza Cunha

Centro de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí

AGRADECIMENTOS

São inúmeras as pessoas que foram importantes durante a minha trajetória no Mestrado e, por esse motivo, merecem os devidos agradecimentos neste trabalho. Primeiramente, agradeço à minha família, especialmente ao meu pai, Claudio, e à minha mãe, Salete, por sempre apoiarem meus estudos e acreditarem no meu potencial. Essencial também foi o companheirismo da Clara, que comigo comemorou as minhas conquistas, mas que também me reergueu nos momentos de fragilidade. Agradeço por sempre confiar que fazer ciência é o meu caminho e por pôr a minha cabeça nos “eixos” quando eu mesma duvidei disso.

Outras duas pessoas que foram importantes e que merecem os devidos agradecimentos são meus orientadores, André Strauss e Rodrigo Oliveira, que desempenharam com maestria as suas devidas funções, além de contribuírem para o meu amadurecimento na labuta acadêmica. Embora não fossem formalmente minhas orientadoras, duas pessoas me auxiliaram em diversos momentos durante a elaboração deste trabalho. Por esse motivo, agradeço especialmente a Mariana Inglez e a Eliane Chim por sempre sanarem minhas dúvidas nesses quase dois anos e meio. Vocês são a minha inspiração para o que acredito ser uma mulher cientista.

Agradeço a todos os integrantes do Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva da USP. Dr. Rui, por ter sido sempre muito receptivo e solícito no dia a dia de trabalho. Luana, Haru, Aline, Maria, Mateus, Bia e Marcony por serem excelentes colegas de mesas de estudo e de bar. Agradeço também os bolsistas PUB, Laurinha e Marcon, por me auxiliarem de maneira exaustiva no processo de curadoria dos sepultamentos de Caixa D'água. Em especial, deixo meus agradecimentos ao meu amigo e irmão de coração Bacurau, que nesses anos se tornou não somente meu colega de mestrado, mas também um companheiro para todas as horas. Essenciais também foram os funcionários da Universidade de São Paulo, sem os quais esse trabalho não poderia ser concluído. Em particular, agradeço a todos os professores e funcionários do Museu de Arqueologia e Etnologia, que fizeram parte da minha formação acadêmica. Também devo os meus agradecimentos ao Maxito e ao Job, técnicos do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva, por sempre estarem dispostos a auxiliar no dia a dia de trabalho e resolver quaisquer problemas que aparecessem.

Três amigos especiais também merecem estar nesta seção. Andressa, Rod e Bebel, embora não tenham convivido comigo na vida acadêmica, foram meus parceiros na vida

cotidiana. Agradeço a vocês por todos dias de alegria que me ofereceram em meio a tantas tormentas vividas ao longo desses últimos 2 anos de pandemia.

Meus agradecimentos as professoras Dra. Jacqueline Rodet e Dra. Cláudia Cunha, por gentilmente aceitarem participar da banca de defesa desta Dissertação e ao Dr. Lucas Bueno, por ter participado de minha banca de Qualificação.

Por fim, agradeço à FAPESP pelo apoio financeiro durante todo o desenvolvimento do meu Mestrado (Processo nº 2019/12981-2).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Padrões funerários do sítio arqueológico Lapa do Santo. A) Sepultamento 1; padrão 1 B) Sepultamento 26; padrão 2 C) Sepultamento 6; padrão 3 D) sepultamento 3; padrão 4 E) Sepultamento 5; padrão 5 F) Sepultamento 8; padrão 6. G) Sepultamento 4; padrão 7 Fonte: Strauss, 2010.....	12
Figura 2 - Sítio arqueológico Santana do Riacho 1. Três momentos de escavação, onde é possível identificar a localização dos sepultamentos exumados. Fonte: Neves & Prous, 2003.....	15
Figura 3 - Sítio arqueológico Lapa do Boquete. Localização e caracterização dos sepultamentos. Fonte: Prous & Schlobach, 1997.....	18
Figura 4 - Sepultamento do sítio arqueológico Justino. Esqueleto n° 147. A) imagem do esqueleto in situ. B) desenho do esqueleto mostrando detalhes das posições dos ossos. Fonte: Simon e Carvalho, 1999.....	20
Figura 5 - Fragmentos ósseos do sepultamento 83 do sítio arqueológico Justino. A) foto mostrando os ossos cortados e polidos provenientes da sepultura secundária. B) desenho dos ossos apresentados na imagem A, destacando as marcas de corte e polimento. Fonte: Simon e Carvalho, 1999.	21
Figura 6 – Imagem da escavação do sepultamento 10 do sítio arqueológico Gruta do Gentio II. É possível observar o esqueleto parcialmente mumificado com o vasto acompanhamento funerário. Fonte: Sene, 2007.....	23
Figura 7 – Etapas de escavação do sepultamento I da Lapa do Caboclo. Fonte: Solari et al., 2012...	24
Figura 8 – Etapas de escavação do sepultamento II da Lapa do Caboclo. Fonte: Solari et al., 2012 .	25
Figura 9 – Etapas de escavação dos sepultamentos III e IV da Lapa do Caboclo. Fonte: Solari et al., 2012.....	26
Figura 10 – Sepultamento 4 da Lapa do Boquete. Figuras ilustrativas dos estágios de exumação do sepultamento e respectivas disposições dos elementos na estrutura. Fonte: Prous & Schlobach, 1997.	27
Figura 11 – Sepultamentos do sítio arqueológico Praça de Piragiba. A) sepultamento s/n° em decúbito com a cabeça protegida por cerâmica. B) sepultamento s/n° fletido com a cabeça protegida por cerâmica. C) representação de uma urna funerária onde eram depositados os esqueletos. Fonte: Fernandes, 2017.	29
Figura 12 – Relação entre a tafonomia, suas subdivisões e os eventos responsáveis pela origem das concentrações fossilíferas. Fonte: (Holz & Simões, 2002).	34
Figura 13 – Quadro hipotético com o resumo das etapas da análise tafonômica básica. Esses estágios não ocorrem necessariamente de maneira linear, mas com superposições. Fonte: (Holz & Simões, 2002).	35
Figura 14 – Mapa com a localização geográfica do sítio arqueológico Caixa D’água. Fonte: Google Earth.	41
Figura 15 – Desenho esquemático baseado nos documentos de escavação do sítio Caixa D’água apresentando as áreas do sítio que sofreram impactos antrópicos contemporâneos, causados pelas obras públicas e exploração de brita. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	42
Figura 16 – Planta baseada nos desenhos presentes nas documentações de campo do sítio Caixa D’água, apresentando as características do terreno, os setores de escavação, em branco e as quadras escavadas em cada etapa. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.....	43
Figura 17 – Estratigrafia do setor A do sítio arqueológico Caixa D’água (Buritizeiro, MG) baseada nos desenhos esquemáticos presentes na documentação de campo do sítio Caixa D’água. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	44
Figura 18 – Planta do setor B, retirada do diário de campo do Dr. Prous, onde é apresentada a localização dos sepultamentos escavados. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais	49

Figura 19 – Imagens dos sepultamentos 24 e 27 que demonstram as condições dos esqueletos <i>in situ</i> . Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais ..	50
Figura 20 – Início do processo de curadoria do sepultamento 26 do sítio arqueológico Caixa D’água (Buritizeiro – Minas Gerais). Da esquerda para direita: esqueleto com os remanescentes retirados das embalagens plásticas de armazenamento, dispostos na bancada e organizado por regiões anatômicas; bloco de sedimento contendo o crânio do sepultamento 26 ainda não higienizado; rádio e ulna do sepultamento 26 superficialmente higienizados, contendo uma fina camada de sedimento sobre e entre os ossos. Créditos: João Vítor Marcon Camargo (LAAAE – USP).	52
Figura 21 – Fotos ilustrando o processo de escavação e curadoria dos esqueletos em laboratório. Créditos: Dr. Rodrigo Elias de Oliveira (LAAAE – USP).	54
Figura 22 - Esquema representativo do modelo utilizado para realizar a organização e posterior sistematização das informações retiradas dos cadernos de campo das escavações do sítio arqueológico Caixa D’água (Buriziteiro – MG).	57
Figura 23 – Exemplo de uma análise de Cluster, onde se é possível perceber a presença de diferentes agrupamentos, formados por indivíduos cujas características se assemelham entre si.	65
Figura 24 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 - Desenho esquemático indicando a posição do esqueleto e a organização espacial das estruturas associadas a sepultura. Blocos de pedra estão representados em cinza, ossos humanos em rosa. Os contornos em preto indicam os limites da escavação do esqueleto. Figura baseada no croqui feito para a exposição 1b. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	67
Figura 25 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 – Foto de campo mostrando o bloco de arcósio (nº 6 na figura 24). A) Posição do artefato <i>in situ</i> , alocado imediatamente embaixo das pernas do indivíduo. B) Base lascada e regularizada do bloco nº 6 que poderia ter servido como sustentação para a “laje funerária”. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2005.	68
Figura 26 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 - Imagens de todos os blocos associados ao Sepultamento 1. A) bloco nº 4; B) bloco nº 5; C) bloco nº 6; D) bloco s/nº, coletado no início da decapagem do Sepultamento; E) bloco s/nº, coletado no início da decapagem do Sepultamento; F) bloco s/nº. Possível mó cuja presença de amido foi identificada na depressão formada por picoteamento na peça (círculo vermelho). G) bloco s/nº. Não há informações quanto a localização no Sepultamento. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	69
Figura 27 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 - Três pontas de osso fragmentadas associadas ao Sepultamento 1. A) parte externa das peças; B) parte interna das peças. Créditos: Ana Borella. Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva (LAAAE – USP).	70
Figura 28 – Sítio arqueológico Caixa D’água. Sepultamento 1 - Imagens da Exposição 1 do Sepultamento 1. A) exposição de parte do crânio e mandíbula do indivíduo. B) exposição da parte superior do esqueleto. C) imagem da posição dos blocos 5 e 4, localizados acima das pernas do indivíduo. D) imagem do limite norte do Sepultamento, com o início da exposição do crânio e mandíbula do esqueleto. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2005.	70
Figura 29 – Sítio arqueológico Caixa D’água. Sepultamento 1 – Imagem da exposição 1b do Sepultamento 1. Foto após a retirada dos blocos 5 e 4, localizados acima das pernas do indivíduo. Na imagem, o esqueleto está com o crânio orientado para norte e as pernas para sul. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografia tirada em 2005.	71
Figura 30 – Sítio arqueológico Caixa D’água. Sepultamento 1 – Imagem da exposição 2 do Sepultamento 1. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografia tirada em 2005.	71
Figura 31 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 – Imagens da exposição 3 do Sepultamento 1. A) início da exposição. B) retirada em bloco de parte do esqueleto. C) foto mostrando	

a altura dos blocos de sedimento retirados. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2005.	72
Figura 32 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 – Imagem do espaço ocupado pelo esqueleto após a retirada do Sepultamento. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2005.	72
Figura 33 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 – Imagens dos ossos mais afetados por danos causados por cupins. A) tíbia esquerda, vista posterior e a extremidade proximal para direita na foto. B) ulna esquerda, vista lateral e a extremidade proximal para direita na foto. C) fêmur esquerdo, vista posterior e a extremidade proximal para direita na foto.	74
Figura 34 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 – Danos causados por cupins na tíbia esquerda. Vista posterior, extremidade proximal para a direita da foto. A) túnel com as estriações paralelas nas bordas formado pela ação de cupins. B) detalhe dos “poços” em formato de estrela na região da diáfise. C) danos causados na região interna do osso cortical.	75
Figura 35 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 – Danos causados por cupins na ulna esquerda. A) detalhe das marcas e de um “poço” na região da metáfise proximal causadas por cupins, vista anterior, extremidade proximal para a direita na foto. B) danos causados por cupins presente de maneira generalizada na região da diáfise, vista lateral, extremidade proximal para a direita na foto.	76
Figura 36 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 – Imagens A, B e C) danos causados por cupins em diversas regiões da diáfise do fêmur esquerdo. Vista posterior, extremidade proximal a esquerda da foto.	77
Figura 37 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 fêmur direito. A) foto do fêmur direito, vista lateral, extremidade proximal a baixo na foto. B) epífise proximal do fêmur direito. Foto em detalhe da região afetada por cupins. C) tíbia direita. D) foto em detalhe da região afetada por cupins.	78
Figura 38 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 – A) fíbula direita, vista lateral, extremidade proximal para direita na foto. B e C) imagem em detalhe para as áreas da diáfise atingidas por cupins. D) rádio esquerdo, vista anterior, extremidade proximal para direita. E) imagem em detalhe de parte da diáfise atingida por cupins, com presença de “poços” nas bordas do osso. F) imagem em detalhe da região danificada, com presença de um túnel provocado por cupins.	79
Figura 39 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 2 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	80
Figura 40 – Sítio arqueológico Caixa D’Água Sepultamento 2 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto e a organização espacial dos blocos associados a sepultura. Figura baseada nas imagens das exposições 2 e 3. As imagens originais não tinham escala e, portanto, essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração as quadrículas (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m.	82
Figura 41 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Ferramenta tipo bigorna (bloco A na figura 20) posicionado acima do crânio do indivíduo do Sepultamento 2. A) foto da porção inferior do bloco. B) foto da porção superior do bloco. C) foto da ponta do bloco, de origem antrópica. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva (LAAAE – USP).	82
Figura 42 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Pigmento encontrado próximo a escápula esquerda do esqueleto. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva (LAAAE – USP).	83
Figura 43 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Esquema baseado no desenho presente no caderno de campo que mostra a localização de estrutura de combustão em relação ao Sepultamento 2. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva (LAAAE – USP).	84
Figura 44 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Imagens das primeiras exposições do Sepultamento 2. A) parte superior da exposição 1. B) exposição 1b. C) exposição 1c. Créditos: Museu	

de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2005.	85
Figura 45 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Imagens da exposição 2 do Sepultamento 2. A) foto geral do Sepultamento. B) foto com detalhe para a posição do esqueleto, o buraco de tradagem e o bloco de pedra acima do crânio. C) foto com enfoque no esqueleto. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2005.	86
Figura 46 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Imagens da exposição 3 do Sepultamento 2. A) foto com enfoque na porção superior do esqueleto, onde pode observar a posição do crânio, com a face virada para nordeste, e dos braços, o direito estendido ao lado e o esquerdo sobre o corpo. B) foto geral do Sepultamento. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2005	87
Figura 47 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Fíbula direita. A) fíbula direita, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. B e C) imagem em detalhe da diáfise do osso, onde se observa a mancha preta, formada por vários pontos pequenos, concentrada nessa região. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	89
Figura 48 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Fíbula esquerda. A) fíbula esquerda, vista medial, extremidade proximal a direita na foto. B e C) imagens em detalhe da diáfise do osso, onde é possível observar pequenos pontos pretos de atividade fúngica espalhados sobre a superfície do osso. D e F) imagens em detalhe da região próxima a epífise proximal do osso. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	90
Figura 49 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Ulna esquerda. A) ulna esquerda, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. B e C) imagens da região da diáfise, onde é possível observar as rachaduras na superfície do osso. D) imagem da região da diáfise, onde é possível identificar uma “mancha” preta, de superfície brilhosa, de origem não identificada. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	91
Figura 50 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Tíbia esquerda. A) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita da imagem. B) imagem em detalhe da proximidade do osso onde é possível observar os danos causados pelos cupins. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	92
Figura 51 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Fêmur direito. A) fêmur direito, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B) fotografia da região da diáfise do osso, onde há dois cortes, possivelmente causados pelas ferramentas utilizadas na escavação. C e D) imagens da diáfise do osso, onde se observa duas áreas onde foram retiradas “lascas” da superfície óssea pelas ferramentas utilizadas na escavação. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	93
Figura 52 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 3 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	94
Figura 53 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3. Desenho demonstrando a posição dos fragmentos ósseos e estruturas associadas. Figura baseada no croqui feito para a exposição 1.	95
Figura 54 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3 – Desenho esquemático representando a organização das estruturas e do esqueleto referentes ao Sepultamento 3 exumado em 2007. A) desenho presente no caderno de campo da etapa. Créditos: Diário de Campo do Prof. Dr. André Prous. Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. B) desenho digital baseado na imagem A.	97
Figura 55 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3 – Imagem do nível 1, 2º retirada, da quadra H12. Nela é possível já observar a presença de fragmentos ósseos um bloco de arcócio associados ao Sepultamento 3 retirado no ano de 2006. Crédito: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.	98

Figura 56 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagem das quadras H11 e H12 durante a exposição 1 do Sepultamento 3 retirado no ano de 2006. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2006.	98
Figura 57 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagens da exposição (s/n°) do Sepultamento 3 (2006). A) braço esquerdo do indivíduo. Em detalhe o úmero esquerdo (acima na imagem) e a ulna esquerda (abaixo na imagem). B e C) fragmentos ósseos dispersos na quadra, referentes ao Sepultamento 3 (2006). D) bloco contendo fragmentos do crânio do Sepultamento 3 (2006). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2006.	99
Figura 58 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagens da exposição (s/n°) do Sepultamento 3 (2006). A) exposição do bloco de sedimento fragmentos do crânio e úmero esquerdo e ulna esquerda. B) exposição do bloco de sedimento fragmentos do crânio e úmero esquerdo após a retirada da ulna esquerda. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2006.	100
Figura 59 – Sítio arqueológico Caixa D'Água – Sepultamento 3 – Fundo da fossa do Sepultamento 3 (2006). Na imagem é possível observar que já no fim da exumação do sepultamento em 2006 aparece um bloco de arcósio em posição vertical. Esse bloco corresponde ao mesmo artefato identificado como uma laje acima da cabeça do Sepultamento 3, escavado em 2007. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.	100
Figura 60 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagem da escavação das quadras H11, H12, I11 e I12. Nela, é possível visualizar a laje vertical (seta em amarelo) acima da cabeça do Sepultamento 3 (2007), a mesma observada na figura 59. A seta branca indica a porção superior do esqueleto, orientado no sentido norte → sul (crânio → bacia). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2007.	101
Figura 61 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagem das escavações dos Sepultamentos 3 (seta branca), 7 (seta amarela) e 12 (seta preta), no ano de 2007. A seta branca indica o Sepultamento 3, onde é possível observar parte do esqueleto, a laje acima da região onde estaria o crânio e a estrutura de blocos de arcósio abaixo dos pés (ainda sendo escavada). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2007.	101
Figura 62 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Ulna esquerda. A) ulna esquerda, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. B e C) imagem em detalhe da região da diáfise do osso, onde é possível observar uma pequena concentração de pontos pretos na superfície. D) imagem em detalhe da região próxima a epífise proximal do osso, onde é possível observar os danos causados por cupins. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	103
Figura 63 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – 4° metacarpo esquerdo. A) 4° metacarpo esquerdo, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. B) imagem em detalhe do osso, onde é possível observar vários pontos pretos de atividade fúngica dispersos sobre a superfície. C) imagem em detalhe da epífise distal do osso, onde é possível observar uma mancha preta concentrada na região. Créditos: Laboratório de Antropologia Ambiental e Evolutiva.	103
Figura 64 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Fragmentos de costela. A) fragmentos de costela não identificados. B, C, D e E) imagens em detalhe das regiões dos fragmentos onde foi possível observar a presença de pontos pretos característicos de atividade fúngica. F) imagem em detalhe do fragmento ósseo onde foi possível observar pequenos “poços” causados por cupins no osso. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	104
Figura 65 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Tíbia esquerda e rádio esquerdo. A) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) imagem em detalhe da superfície interna da tíbia esquerda, onde é possível observar os danos causados por cupins. C) rádio esquerdo, vista medial, extremidade distal a direita na foto. D) imagem em detalhe da região da diáfise do rádio esquerdo, onde é possível observar os danos causados por cupins. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	105

- Figura 66** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3 – Ulna direita. A) ulna direita, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. B e C) imagens em detalhe da região da diáfise do osso, onde é possível observar os danos causados por cupins. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 106
- Figura 67** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3 – Fragmentos de crânio. A, B e C) fragmentos de crânio onde é possível observar os danos causados por cupins. D) fragmento de crânio com pequenos pontos pretos dispersos, característicos de atividade fúngica. E e F) fragmentos de crânio marcas de queima, possivelmente não intencionais. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 107
- Figura 68** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3B – Fragmentos de mandíbula. A) fragmento de mandíbula, região não identificada. B) imagem em detalhe do fragmento de mandíbula onde é possível observar as linhas de “rachaduras” na superfície óssea. C) fragmentos da mandíbula. Acima na imagem, parte da região do ramo e incisura da mandíbula esquerda. Abaixo, parte do corpo da mandíbula, onde é possível observar o forame mental esquerdo. D e F) imagem em detalhe dos fragmentos de mandíbula com as linhas causadas por ressecamento. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva..... 108
- Figura 69** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3B – Fragmento de mandíbula. A) fragmento de mandíbula, região não identificada. B) imagem em detalhe dos pontos pretos esparsos ocasionados por atividade fúngica no osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva..... 109
- Figura 70** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3B – Pisiforme esquerdo. A) imagem do osso queimado. B) foto em detalhe da região queimada que apresenta um tom mais escuro que o restante do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva..... 110
- Figura 71** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3B – Úmero esquerdo. A) úmero esquerdo, vista posterior (acima: epífise distal a esquerda na foto; abaixo: epífise distal a direita na foto). B) imagem em detalhe da região próxima da epífise distal, onde é possível observar os danos causados por cupins. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 111
- Figura 72** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 4 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. 112
- Figura 73** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto e demais estruturas. Figura baseada no croqui feito para a sondagem n° 2 da quadra..... 113
- Figura 74** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – Imagem das escavações das quadras F14, F15, G14 e G15. Nelas, é possível observar os Sepultamentos 4 (seta vermelha), 5 (seta preta) e 6 (seta amarela). Na imagem, o Sepultamento 4 aparece durante o Nível 1, 1° retirada. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006. 114
- Figura 75** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – Escavação do Sepultamento 4, no Nível 1, 1° retirada. Na imagem, é possível observar o estado fragmentado do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006..... 114
- Figura 76** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – Ossos humanos cuja presença de atividade fúngica foi constatada. A) clavícula direita, indivíduo indeterminado, vista inferior, extremidade distal a direita na foto. B) região próxima da epífise distal do osso onde se observam pontos pretos esparsos e em pequena quantidade. C) úmero esquerdo, indivíduo subadulto, vista anterior, extremidade distal a esquerda na foto. D) imagem em detalhe da região da diáfise do osso, onde se observa uma concentração de pontos pretos correspondentes a atividade fúngica. E) fragmento de ulna esquerda, indivíduo adulto, vista e extremidades não identificadas. F) fotografia em detalhe da

região do fragmento onde foi constatada a presença de manchas pretas de atividade fúngica. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	116
Figura 77 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – Fragmentos ósseos queimados. A) fragmentos de crânio com diferentes graus de queima. B, C, D e E) imagens em detalhe dos fragmentos de crânio queimados. F) falange proximal queimada de um indivíduo adulto, vista anterior. G) falange proximal queimada de um indivíduo adulto, vista posterior. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	117
Figura 78 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – ossos longos cuja presença de ranhuras, cortes ou danos causados pela escavação foram observados. A) úmero esquerdo, vista posterior, extremidade distal a direita na foto. B) fotografia da região da diáfise do osso onde há uma pequena ranhura post-mortem na superfície óssea. C) fêmur esquerdo, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. D) imagem em detalhe da região da diáfise do osso. Próximo da área fragmentada é observado um pequeno corte, de origem post-mortem e não relacionado com o ritual fúnebre. E) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. F) imagem da diáfise da tíbia esquerda, onde se observa a área onde foi retirada uma “lasca” da superfície óssea pelas ferramentas utilizadas na escavação. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	118
Figura 79 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – Fragmento de úmero e rádio direito do indivíduo subadulto. A) fragmento de úmero, lado e posição das extremidades não identificada. B) imagem da área onde houve a quebra do osso em que se observa algumas rachaduras na superfície. C) rádio direito, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. D) fotografia da região próxima da epífise proximal, onde houve a quebra do osso. No local, há algumas rachaduras na superfície. E e F) imagens das regiões da epífise distal e proximal do osso onde foi constatada a presença de pequenos desgastes na superfície óssea. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	119
Figura 80 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 5 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	120
Figura 81 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 5 – Exposição (s/nº) do Sepultamento 5. Na imagem, é possível observar a ausência da parte inferior do esqueleto, bem como o braço esquerdo fletido, com a mão sobre o pescoço. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.	121
Figura 82 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 5 – Escavação do Sepultamento 5, no nível 1, 1º retirada. Na imagem, a seta vermelha indica o local de deposição do Sepultamento, com o bloco de arcócio depositado em cima dos remanescentes esqueléticos. Os dois blocos restantes, bem como parte da calota craniana, localizados abaixo do Sepultamento 5, correspondem ao Sepultamento 6. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.	122
Figura 83 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 5 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto e a organização espacial do bloco associado ao esqueleto. Figura baseada em um croqui do nível 1, 1º retirada.	123
Figura 84 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 5 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto após a retirada do bloco. Figura baseada em um croqui do nível 1, 2º retirada.	123
Figura 85 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 5 – Fragmentos de crânio que apresentaram alterações causadas por cupins e/ou pelo ambiente. A) cinco fragmentos de crânio do Sepultamento 5. B, C, D e E) imagens em detalhe dos fragmentos de crânio do Sepultamento 5, onde se observa as alterações causadas por cupins e/ou pelo ambiente. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	125
Figura 86 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 6	

(círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.....	126
Figura 87 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho representativo da sondagem n°2 dos Sepultamentos 4, 5 e 6, onde é possível inferir a posição do indivíduo e a região onde estava localizado os fragmentos ósseos de crânio inicialmente denominados de “Sepultamento 6”. Créditos: Diário de campo Prof. Dr. André Prous. Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.....	127
Figura 88 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 6 – Imagem da escavação do Sepultamento 6 no nível 1, 1° retirada. As setas indicam a posição dos blocos “A” e “B” e da calota craniana do indivíduo. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.	128
Figura 89 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 6 – Imagem das pernas do indivíduo do Sepultamento 6, onde é possível observar as pontas de osso (círculo vermelho) entre as pernas do esqueleto. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.	129
Figura 90 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 6 – Desenho digital do Sepultamento 6. Imagem baseada no desenho da figura 87. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	130
Figura 91 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 6 – Desenho digital do Sepultamento 6, mostrando a posição do esqueleto após a retirada dos blocos de pedra. Imagem baseada no desenho da figura 87. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	130
Figura 92 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 6 – Fêmur direito. A) fêmur direito, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. B) imagem em detalhe da região da diáfise onde se observa a concentração de pontos pretos característica de atividade fúngica. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.....	132
Figura 93 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 6 – Fragmentos de crânio do Sepultamento 6. A) fragmentos de crânio do Sepultamento 6 onde foi constatada a presença de alterações tafonômicas. B a L) imagens em detalhe das alterações tafonômicas evidentes nos fragmentos ósseos, como desgastes, macas de atividades fúngicas e pequenas perfurações no osso. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	133
Figura 94 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 7 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.....	134
Figura 95 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 7 – Início da escavação do Sepultamento 7. A) escavação das quadras H11, H12, H13, I11, I12 e I13. A seta vermelha indica a localização dos primeiros remanescentes do Sepultamento 7, próximo ao perfil de H12 e H13. B) imagem do crânio, os fragmentos de costela e ossos longos circundados por dois blocos de arcósio. C e D) imagens em detalhe da escavação do crânio localizado abaixo dos pés do indivíduo, antes da evidenciação do esqueleto articulado. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2007.	135
Figura 96 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 7 – Imagens da escavação do “conjunto ventral”, associado ao indivíduo do Sepultamento 7. A e B) evidenciação da estrutura localizada acima da barriga do indivíduo. C) imagem em detalhe de duas das pontas em osso do conjunto. D) conjunto ventral após sua evidenciação completa. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	136
Figura 97 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 7 – Desenho digital baseado em fotografias da escavação. Na figura é possível observar a posição do esqueleto articulado e a localização das demais estruturas associadas a ele. As imagens originais não tinham escala e, portanto,	

- essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração a quadrícula I12 e I13 (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m. 137
- Figura 98** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 7 – Fragmentos de ossos humanos queimados. A) falange proximal, vista anterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) detalhe dos graus de queima do osso. Na imagem, também é possível observar alguns pontos pretos causados por atividade fúngica. C) fragmentos de crânio não identificados. D) foto com foco na área mais queimada de um dos fragmentos de crânio. E) fragmento de escápula esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. F) imagem em detalhe da região do acrômio da escápula esquerda, onde se observa os diferentes graus de queima. G e H) fragmentos ósseos de osso longo com diferentes graus de queima. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 139
- Figura 99** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 7 – fragmentos ósseos onde foi observada a presença de atividade fúngica. A) úmero direito, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da diáfise do úmero direito com a presença de pequenos pontos pretos concentrados. C) fíbula, lateralidade e vista não identificada. D) fragmento de fíbula com pontos pretos esparsos sobre a superfície óssea. G) fragmento de metacarpo, lateralidade não identificada, vista posterior. H) imagem em detalhe do osso com pequenos pontos pretos dispersos. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 140
- Figura 100** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 7 – Tíbia e úmero esquerdos cuja presença de danos causados por cupins foi observada. A) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da região próxima a epífise proximal do osso, onde se observa pequenas depressões causadas pela atividade de cupins. C) úmero esquerdo, vista posterior, extremidade distal a esquerda na foto. D) imagem da região da diáfise do osso, onde se observa pequenas depressões causadas pela atividade de cupins. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 141
- Figura 101** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 8 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. 142
- Figura 102** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 8 – Desenho digital baseado em um croqui da escavação. Na figura é possível observar a posição dos conjuntos ósseos referentes ao indivíduo. O desenho original não tinha escala e, portanto, essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração as quadrículas (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m. 143
- Figura 103** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 8 – Fragmentos ósseos onde foram identificadas marcas de atividade fúngica. A) 2º metacarpo esquerdo, vista posterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) detalhe da região proximal do osso onde se observa uma mancha preta que cobre boa parte da superfície. C) Fêmur esquerdo, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. D) imagem em detalhe do fragmento próximo a epífise distal cuja superfície está coberta por diversas concentrações de pontos pretos gerados por atividade fúngica. E) úmero esquerdo, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. F) região da diáfise do osso onde foi constatada a presença de vários pontos pretos dispersos na superfície óssea. G) fragmentos de mandíbula, lateralidade e vista não identificada. H) detalhe de dos fragmentos de mandíbula onde foi evidenciada a presença de atividade fúngica em grande quantidade. I) fragmentos de crânio. J) fotografia de um dos fragmentos de crânio onde foi observado a maior intensidade de atividade fúngica no osso, cobrindo a superfície em quase sua totalidade. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 145
- Figura 104** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 8 – Fragmentos ósseos onde foram identificadas marcas de atividade fúngica. A) fíbula direita, vista lateral, extremidade proximal a direita na foto. B) foto da região próxima a epífise proximal do osso onde se observa pequenas concentrações de pontos pretos sobre a superfície do osso. C) fragmento de zigomático esquerdo. D)

imagem em detalhe de parte do fragmento de zigomático esquerdo onde há uma mancha preta formada por atividade fúngica e pequenos pontos pretos dispersos na superfície do osso. E) tíbia esquerda, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. F) região próxima da epífise proximal do osso com a presença de pontos concentrados de fúngica. G) fíbula direita, vista medial, extremidade distal a direita na foto. H) detalhe da região da epífise distal onde havia pequenas manchas pretas distribuídas sobre a superfície do osso. I) fragmentos de crânio, parietal esquerdo. J) imagem do fragmento menor de parietal esquerdo com uma grande mancha preta concentrada na parte direita do fragmento. K) rádio esquerdo, vista anterior, extremidade distal a esquerda na foto. L) detalhe da região próxima a área de fragmentação do rádio esquerdo, onde se observa pequenos pontos esparsos de atividade fúngica. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	146
Figura 105 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 8 – Fragmentos de osso longo queimados. A) fragmento de ulna direita queimada, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. B) detalhe da superfície do osso onde se observa diferentes graus de queima. C) fragmentos de osso longo não identificados. D, E e F) imagens em detalhe de diferentes fragmentos ósseos com graus de queima distintos. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	147
Figura 106 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 8 – imagens de fragmentos de osso longo onde foi observada a presença de “rachaduras” na superfície do osso. A) úmero esquerdo, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. B e C) imagens em detalhe da região da diáfise do osso em que se observa pequenas “rachaduras” na superfície do osso. D) fíbula direita, vista medial, extremidade distal a direita na foto. E) detalhe da região próxima a epífise proximal do osso em que foi constatada a presença de “rachaduras” na superfície. F) rádio esquerdo, vista anterior, extremidade distal a esquerda na foto. G) imagem da área fragmentada do rádio esquerdo, próximo a extremidade proximal, em que se observa várias “rachaduras” paralelas na superfície do osso. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	148
Figura 107 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 8 – Tíbia esquerda. A) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) imagem em detalhe da região próxima a epífise proximal onde foi observada a presença de um grande corte causado na superfície do osso devido a utilização de ferramentas pesadas para a exumação do esqueleto. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	149
Figura 108 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 9 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	150
Figura 109 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 9 – Imagem da escavação das quadras H11, H12, G11 e G12. No perfil da quadra H11, é possível observar a calota craniana referente ao Sepultamento 9 (seta preta), acima do crânio do Sepultamento 12. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2007.	151
Figura 110 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 9 – Imagem da escavação das quadras H11, H12, G11 e G12. Com o avanço das escavações na quadra H11, é possível evidenciar a calota craniana e o bloco de arcósio referente ao Sepultamento 9 (setas vermelhas). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2007.	151
Figura 111 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 10 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	152
Figura 112 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 10 – Desenho digital baseado em um croqui da escavação. Na figura é possível observar a posição dos conjuntos “Xa”, “Xb” e “Xc”. O desenho original não tinha escala e, portanto, essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração as quadrículas (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m.	154

- Figura 113** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 10 – Artefatos ósseos encontrados em conjunto do Sepultamento 10. A) Ponta óssea parcialmente cremada B) dentes de animais com as raízes perfuradas. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. ... 155
- Figura 114** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 10 – Fragmentos ósseos queimados. A) clavícula direita, vista inferior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da área articular da epífise proximal da clavícula direita, onde se observa os diferentes graus de queima da superfície do osso. C, D e E) fragmentos ósseos não identificados com diferentes graus de queima. F) fragmentos de crânio queimados. G) fragmento de fêmur queimado, vista anterior, extremidade proximal a esquerda na foto. H) fragmento de mandíbula queimado. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva..... 156
- Figura 115** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 10 – Fragmentos ósseos queimados. A e B) fragmentos ósseos do crânio. Parietal direito. C) osso do crânio. Fragmento de temporal direito. D) fragmento de coxal esquerdo. E) fragmento de zigomático, lado não identificado. F) fragmento de coxal direito. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 157
- Figura 116** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 10 – Ossos humanos onde foi identificada a presença de “ranhuras” ou pequenas depressões na superfície. A) fêmur esquerdo, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B) região abaixo da epífise proximal com uma pequena depressão em formato de linha reta, possivelmente causada por raízes. C) tíbia direita, vista posterior, extremidade distal a direita na foto. D) diáfise da tíbia direita com a presença de pequenas “ranhuras” na superfície óssea. E) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. F) região da diáfise da tíbia esquerda com a presença de uma grande ranhura concentrada em apenas um local do osso. G) fragmento de tíbia, lateralidade e vista não identificados. H) imagem em detalhe da superfície do osso, onde se observa pequenas depressões em formato de “caminhos”, possivelmente causadas por raízes. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 158
- Figura 117** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 10 – Ossos humanos onde foi identificada a presença de atividade fúngica. A) fêmur esquerdo, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da área fragmentada do fêmur esquerdo onde foi encontrada pequenos pontos pretos de atividade fúngica. C) tíbia esquerda, vista lateral, extremidade proximal a direita na foto. D) região da diáfise do osso com a presença de alguns pontos pretos distribuídos sobre a superfície. E) fragmentos de crânio. F) imagem da parte interna do osso onde foi observada a presença de pequenos pontos pretos distribuídos sobre a superfície G) fragmento de crânio. H) área próxima de uma região de sutura com pequenos pontos pretos distribuídos sobre a superfície. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 159
- Figura 118** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 11 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. 160
- Figura 119** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – Imagem do Sepultamento parcialmente escavado, onde é possível observar a posição das pernas e a angulação dos braços do indivíduo. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2007. 161
- Figura 120** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – Imagens da estrutura de blocos de arcósio que acompanhavam o Sepultamento. A) início da exposição da porção superior do esqueleto, onde é possível observar o bloco 1 sobrepondo o 2. B) imagem após a retirada do bloco 1, onde é possível observar a presença do bloco 3, abaixo e a exposição completa do bloco 2. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2007..... 162
- Figura 121** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – Imagens das pontas ósseas encontradas no sepultamento. A) foto in situ do esqueleto, onde é possível observar uma ponta óssea (círculo vermelho) depositada acima do braço direito. Não há fotos em laboratório desse material. B)

foto do fragmento de ponta óssea encontrada com o sepultamento, mas que não foi considerado acompanhamento funerário. Créditos: A) Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. B) Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. Fotos tiradas, respectivamente, em 2007 e 2009.	163
Figura 122 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – Foto tirada em laboratório dos artefatos líticos encontrados no sedimento ao redor do sepultamento, mas sem estarem associados a ele. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. Foto tirada em 2009.....	164
Figura 123 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – imagens <i>in situ</i> do Sepultamento 11, onde é possível observar a localização da fogueira com fragmentos de crânio e sua proximidade com o enterramento. A) foto do Sepultamento 11 com a fogueira à oeste (seta branca), próxima ao grande bloco que cobre o indivíduo. B) foto ampla da área onde foi depositado o Sepultamento 11. Nela se observa a verticalidade dos blocos ao redor da fogueira, que indica que eles podem ter sido perturbados pela estrutura de combustão. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2007.	165
Figura 124 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto <i>in situ</i> e das demais estruturas presentes no Sepultamento ou próximas a ele. Figura baseada no croqui feito no nível II Médio/Inferior.	166
Figura 125 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – Fragmentos ósseos queimados. A) fragmentos de fêmur com diferentes graus de queima. B) fragmentos de crânio com diferentes graus de queima. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.....	167
Figura 126 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – imagens dos ossos em que foram identificadas a presença de rachaduras causadas por ressecamento. A) clavícula direita, vista inferior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) região da diáfise da clavícula direita onde foram identificadas várias rachaduras perpendiculares na superfície do osso. C) fragmento de parietal, lateralidade não identificada. D) fotografia da parte interna do fragmento de parietal onde se observa as pequenas rachaduras causadas pelo ressecamento. E) fragmento de ulna, lateralidade e vista não identificadas. F) imagem em detalhe do fragmento de ulna onde se observa algumas rachaduras esparsas causadas por ressecamento. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	168
Figura 127 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – Fragmentos ósseos onde foi identificada a presença de manchas causadas por atividade fúngica. A) fêmur direito, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da região proximal do fêmur direito onde foi observada uma pequena concentração de pontos pretos, em formato de círculo. C) fragmento de tíbia, lateralidade e vista não identificadas. D) fotografia de um dos fragmentos de tíbia em que foi observada a presença de vários pontos pretos dispersos na superfície do osso. E e F) fragmentos de metatarso, lateralidade e vista não identificadas. Na imagem, se observa a presença de pontos pretos dispersos na superfície do osso. G) fêmur esquerdo, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. H) região da diáfise do osso com a presença de pequenos pontos pretos esparsos na superfície óssea. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.....	169
Figura 128 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 12 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 12 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	170
Figura 129 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 12 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto <i>in situ</i> e das demais estruturas presentes no Sepultamento ou próximas a ele. Na imagem, é possível observar os braços e as pernas fletidas, cobertas por um grande bloco de arcósio. Figura baseada no croqui feito no nível II Superior.	171
Figura 130 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 12 – Fotografias tiradas em campo que mostram a localização dos artefatos ósseos no Sepultamento. A) imagem do Sepultamento 12 no início da exumação, onde é possível observar o fragmento de ponta óssea cremado (seta vermelha)	

depositado no crânio do indivíduo. B) imagem em detalhe da ponta óssea cremada (círculo vermelho) repousando sobre o crânio do esqueleto. C) imagem do Sepultamento 12 após a retirada do grande bloco de arcósio que estava acima do corpo do indivíduo. Na foto é possível observar a presença de uma grande ponta óssea (círculo vermelho) depositada sobre o lado esquerdo do ventre do indivíduo.

Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Fotos tiradas em 2007. 172

Figura 131 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Imagens do Sepultamento durante a sua exposição (s/nº). A) foto da escavação das quadras G11, G12, H11, H12, I11 e I12, onde é possível observar o Sepultamento 12 já completamente exposto. B) imagem em detalhe da quadra H11 com o Sepultamento 12 já completamente exposto. C) foto em detalhe do esqueleto do Sepultamento 12 exposto com o bloco de arcósio ainda em cima do indivíduo. 173

Figura 132 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – A) foto da escavação das quadras G11, G12, H11, H12, I11 e I12, onde é possível observar o Sepultamento 12 já sem o bloco de arcósio que estava depositado acima do esqueleto. B) imagem em detalhe do esqueleto após a retirada do bloco de arcósio. Na foto, observa-se os membros superiores e inferiores fletidos, que anteriormente estavam cobertos pelo bloco. 174

Figura 133 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Fragmentos de crânio onde foi observada a presença de atividade fúngica. A) parietal esquerdo. B) imagem em detalhe da parte interna do fragmento de parietal esquerdo com a presença de pequenos pontos pretos dispersos sobre a superfície do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. . 176

Figura 134 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Fragmento de parietal onde foi observada a presença de danos causados por cupins. A) fragmento de parietal, lateralidade não identificada. B) fotografia do túnel causado pela perfuração do osso pelos cupins. Na imagem pode se observar as estriações subparalelas no entorno do buraco. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 177

Figura 135 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Fragmento de ossos longos queimados. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 178

Figura 136 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 13 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 13 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. 179

Figura 137 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 13 - Desenho demonstrando a posição do esqueleto in situ. Na imagem, é possível observar o estado fragmentado do esqueleto, o que dificultou a identificação anatômica dos ossos. Na região noroeste da sepultura, há ossos dos pés do Sepultamento 12 cobrindo parte dos ossos do Sepultamento 13. Figura baseada no croqui feito no nível II. 180

Figura 138 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 15 – Úmero direito. A) úmero direito, vista anterior, extremidade distal a esquerda na foto. B) imagem da diáfise do osso, onde foi observada a presença de pequenos pontos pretos característicos de atividade fúngica. C) imagem da diáfise do osso, próximo da área de quebra pós-deposicional, onde está presente uma pequena depressão em formato de linha na superfície do osso, ocasionada por bioturbação de raízes. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 181

Figura 139 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 13 – Fragmento de fêmures direito e esquerdo e fíbula esquerda com pequenas rachaduras ocasionadas pelo ressecamento da estrutura óssea. A) fêmur direito, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B e C) imagens da região próxima a área fragmentada do fêmur direito em que foram observadas rachaduras na estrutura óssea. D) fragmentos de fíbula esquerda, vista lateral, extremidade distal a esquerda na foto. E) fotografia da área fragmentada do osso (fragmento de baixo, lado direito do osso, na imagem D) onde há pequenas rachaduras na superfície. F) fragmentos de fêmur, lateralidade e vista não identificadas. G) imagem do fragmento localizado em cima na imagem F, com a presença grandes rachaduras

esparças na superfície óssea. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	182
Figura 140 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 14 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 14 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	183
Figura 141 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 14 – Fotografias dos ossos fragmentados que compunham o esqueleto. A) rádio esquerdo, vista anterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) fragmento de clavícula esquerda, vista inferior, extremidade distal a direita na foto. C) ulna esquerda, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. D) fragmento de maxila direita. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	184
Figura 142 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 15 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 15 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	185
Figura 143 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 15 – desenho do esqueleto feito em 2009 baseado no croqui do final da exumação do Sepultamento 15, realizado em 2008. Na imagem, é possível observar a posição do esqueleto in situ. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	186
Figura 144 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 15 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto in situ após o fim de sua exumação. Na imagem, é possível observar os membros superiores e inferiores do indivíduo fletidos e o crânio consideravelmente fragmentado. Figura baseada no croqui da figura 143.	187
Figura 145 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 15 – Fragmentos ósseos onde foi observada a presença de marcas de atividade fúngica. A) úmero direito, vista e localização das extremidades não identificada. B) diáfise do úmero direito onde constam pequenos pontos pretos dispersos na superfície do osso. C) epífise distal do úmero direito com pontos pretos dispersos sobre o côndilo do úmero. D) fêmur esquerdo, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. E) área da diáfise do osso com pequenos pontos pretos distribuídos na superfície. F) ulna esquerda, vista lateral, extremidade proximal a direita na foto. G) detalhe da região fragmentada do osso, próximo a extremidade proximal, onde se observa uma grande quantidade de pontos pretos dispersos sobre a superfície do osso. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. .	189
Figura 146 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 15 – Fragmentos de crânio com diferentes graus de queima. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	190
Figura 147 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 16 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 16 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	191
Figura 148 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 16 – Croqui da quadra H14 no nível II inferior. No desenho, é possível observar a localização do conjunto de ossos fragmentado que corresponde ao Sepultamento 16 (círculo vermelho). Croqui feito na etapa de 2008. Escala de 1:10. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	192
Figura 149 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 17 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 17 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	193
Figura 150 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 17 – Úmero direito. A) úmero direito, vista posterior, extremidade distal a direita na foto. B) região da diáfise do úmero direito onde foi identificada a presença de pequenos pontos pretos, gerados por atividade fúngica, dispersos sobre a superfície do osso. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. .	195

Figura 151 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 18. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização da região onde estaria depositado o Sepultamento 18 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.....	196
Figura 152 - Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 18 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto <i>in situ</i> e das demais estruturas presentes no Sepultamento ou próximas a ele. A) desenho digital baseado no croqui de exumação da porção inferior do esqueleto, retirada na campanha de 2007. B) desenho digital baseado no croqui de exumação da porção superior do esqueleto, realizada na campanha de 2008. C) desenho digital do Sepultamento 18 baseado nas imagens A e B. As imagens originais não tinham escala e, portanto, essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração as quadrículas (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m. A imagem A corresponde a meia quadra escavada.....	198
Figura 153 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 21 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	200
Figura 154 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21 – croqui do fim da exumação do Sepultamento, no nível II Médio. No desenho, é possível observar a posição fletida, em decúbito lateral esquerdo, do esqueleto. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	201
Figura 155 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21 – Croqui do início da exumação do Sepultamento 21, com apenas o crânio do indivíduo totalmente evidenciado. Na imagem, é possível observar a posição dos blocos de arcócio associados ao esqueleto. N° 1 e N° 2, próximos ao crânio e o N° 3 em cima do esqueleto, cobrindo parte das pernas, costelas e bacia. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.....	202
Figura 156 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21 – Desenho digital baseado nos croquis originais de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar a posição do esqueleto e as demais estruturas associadas ou próximas a ele.....	203
Figura 157 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21 – Desenho digital baseado nos croquis originais de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar o esqueleto já sem parte das pedras que o circundavam e/ou o cobriram. Após a retirada do bloco de arcócio que ficava em cima do esqueleto, se evidenciou o conjunto de artefatos líticos e ósseos concentrados na bacia do indivíduo.	204
Figura 158 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21 - Desenho digital baseado nos croquis originais de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar o esqueleto sem as pedras que o circundavam e/ou o cobriram e o conjunto de artefatos líticos e ósseos concentrados na bacia do indivíduo.	204
Figura 159 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 22. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 22 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	205
Figura 160 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 23. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a região em que o Sepultamento 23 estava localizado (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	206
Figura 161 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 23 - Desenho demonstrando a disposição dos fragmentos ósseos <i>in situ</i> . Na imagem, é possível observar o estado fragmentado do esqueleto, o que dificultou a identificação anatômica dos ossos.....	207
Figura 162 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 24. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do	

Sepultamento 24 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	208
Figura 163 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 24 – Imagens das exposições Sepultamento 24, evidenciando a organização da estrutura de blocos de pedra e a posição do esqueleto. A) início da exposição da estrutura de blocos de pedra. B) evidenciação do esqueleto localizado abaixo dos blocos. C) exposição total do indivíduo. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2008.....	210
Figura 164 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 24 – Imagem da exposição Sepultamento 24, onde é possível observar a localização da estrutura composta por fragmentos ósseos humanos cremados (seta vermelha). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2008.....	211
Figura 165 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 24 - Desenho digital baseado na fotografia (A na figura 163) de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar a estrutura de blocos de pedra que circundava e cobriam o esqueleto.....	212
Figura 166 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 24 - Desenho digital baseado na fotografia (B na figura 163) de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar o esqueleto parcialmente exposto, o bloco de arcósio acima da caixa torácica e a estrutura de ossos cremados.	212
Figura 167 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 24 - Desenho digital baseado no croqui de exumação do Sepultamento. Na imagem é possível observar a posição do esqueleto, com as pernas fletidas em direção a caixa torácica.....	213
Figura 168 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 25. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 25 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	214
Figura 169 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 25 - Desenho digital baseado no croqui de exposição do esqueleto (créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG). Na imagem, é possível observar o crânio do indivíduo e blocos de arcósio circundando o remanescente.	215
Figura 170 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 26 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	216
Figura 171 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26 – Fotos de campo mostrando o Sepultamento 26 durante sua exposição. A) Posição do esqueleto in situ, onde é possível observar os membros flexionados. B) Foto em detalhe da parte superior do Sepultamento em que se observa a mão esquerda do indivíduo apoiando o seu crânio. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2008.	217
Figura 172 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26 – A) foto do Sepultamento 26 in situ, onde é possível observar a posição do bloco de arcósio (círculo vermelho) no Sepultamento. B) imagem tirada em laboratório da parte não trabalhada do bloco de arcósio associado ao Sepultamento 26. C) Fotografia onde é possível observar a área polida (círculo vermelho) do bloco de arcósio associado ao Sepultamento 26. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2008.....	218
Figura 173 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26 – Imagem do Sepultamento 26 in situ. No círculo vermelho, é possível observar a posição das três pontas de osso que acompanhavam o indivíduo do Sepultamento 26. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2008.....	219
Figura 174 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26 - Desenho digital baseado no croqui da primeira exposição Sepultamento. Na imagem é possível observar a primeiramente a exposição dos membros inferiores e dos artefatos ósseos depositados nessa região.....	220

- Figura 175** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26 - Desenho digital baseado no croqui final da escavação das quadras E13 (parcialmente), F13 e F12. Na imagem é possível observar o esqueleto totalmente exposto e a posição dos membros in situ. O crânio do indivíduo, ausente no croqui original, foi retirado antes do restante do corpo..... 221
- Figura 176** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26 – Fotos de partes do sepultamento 26 após a finalização do processo de curadoria. A) crânio do sepultamento 26, utilizado para estimativa de sexo e idade. B) tíbia esquerda do indivíduo em bom estado de conservação, com exceção das epífises. C) mandíbula do sepultamento 26. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 222
- Figura 177** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26 – Fêmur direito. A) fêmur direito, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. B) fotografia da região da diáfise do osso, onde se destaca a presença uma estria em formato de “ziguezague”, que percorre boa parte da superfície óssea. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 223
- Figura 178** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26 – Clavícula esquerda. A) clavícula esquerda, vista superior, extremidade distal a direita na foto. B) imagem do corpo da clavícula, próximo a epífise distal do osso, onde se observa pequenos pontos pretos esparsos sobre a superfície do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. 224
- Figura 179** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 27 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. 225
- Figura 180** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 – Imagens das exposições Sepultamento 27, próximo ao Sepultamento 24. A) início da exposição da estrutura de blocos de pedra onde depositado o Sepultamento 24. O círculo vermelho indica a região onde estava localizado o Sepultamento 27. B) evidenciação do Sepultamento 24, localizado abaixo dos blocos. O círculo vermelha indica a região onde estava localizado o Sepultamento 27. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2008..... 226
- Figura 181** – Sítio arqueológico Caixa D’água. Sepultamento 27 – Imagem da exposição total do Sepultamento 27. Foto após a retirada dos localizados acima do Sepultamento 27 e 24. Na imagem, é possível observar a posição dos membros do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografia tirada em 2008..... 227
- Figura 182** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 - Desenho digital baseado na fotografia (A na figura 180) de exumação do Sepultamento 24. Na imagem, é possível observar a estrutura de blocos de pedra que estava acima dos esqueletos. O círculo vermelho indica a região em que o Sepultamento 27 estava depositado..... 228
- Figura 183** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 - Desenho digital baseado na fotografia (B na figura 180) de exumação do Sepultamento 24. Na imagem, é possível observar o esqueleto 24 parcialmente exposto, o bloco de arcósio acima da caixa torácica e a estrutura de ossos cremados. O círculo vermelho indica a região em que o Sepultamento 27 estava depositado. 228
- Figura 184** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 - Desenho digital baseado no croqui de exumação do Sepultamento 24. Na imagem é possível observar a posição do esqueleto 24. O círculo vermelho indica a região em que o Sepultamento 27 estava depositado. 229
- Figura 185** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 - Desenho digital baseado nos croquis de exumação do Sepultamento 24 e 27. Na imagem é possível observar a posição do esqueleto 24 e, 19 cm abaixo, o indivíduo 27. 229
- Figura 186** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação do Sepultamento. Na imagem é possível observar o esqueleto totalmente exposto e a posição dos membros in situ..... 230
- Figura 187** – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 - Fotos de partes do sepultamento 27 após a finalização do processo de curadoria. a) mandíbula do indivíduo utilizada para estimar sexo.

b) clavícula esquerda do indivíduo em bom estado de conservação. c) ulna direita do sepultamento 27	
Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	231
Figura 188 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 – Ossos do Sepultamento 27 que apresentaram sinais de atividade fúngica. A) escápula esquerda, vista e extremidades não identificadas. B, C e D) imagens em detalhe dos ossos de escápula esquerda onde se observa a distribuição dos pontos pretos sobre a superfície dos fragmentos. E) úmero esquerdo, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. F e G) regiões da diáfise do osso onde foram identificadas marcas de atividade fúngica em pequenas quantidades. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.....	232
Figura 189 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 – Ossos longos onde foi observada a presença de estriações ou ranhuras na superfície. A) fêmur direito, vista posterior, extremidade distal a direita na foto. B) região da diáfise do osso em que há uma pequena estriação na superfície ocasionada pela atividade de raízes na área em que o Sepultamento estava depositado. C) fíbula direita, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. D) imagem em detalhe da região próxima a área fragmentada da diáfise da fíbula em que se observa uma pequena ranhura na superfície do osso. E) tíbia direita, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. F) área a diáfise do osso, onde se observa pequenas ranhuras que se distribuem sobre quase toda a superfície. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.....	233
Figura 190 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 – Fragmentos de crânio onde foi identificada a presença de danos causados por cupins. A) fragmentos de parietal/occipital, lateralidade não reconhecida. B) imagem em detalhe do túnel causado pelas atividades de cupins no osso, onde se observa as pequenas estriações subparalelas em seu entorno. Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.	234
Figura 191 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 28. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 28 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	235
Figura 192 – Sítio arqueológico Caixa D’água. Sepultamento 28 – Imagens do esqueleto in situ. A) imagem do processo de exumação do Sepultamento 28 com o esqueleto quase totalmente exposto, evidenciando a posição dos membros. O círculo vermelho destaca a região perturbada do Sepultamento, onde estariam os ossos dos pés do indivíduo. B) imagem em detalhe da parte superior do Sepultamento 28. Na fotografia, é possível observar a mandíbula do indivíduo apoiada sobre a mão esquerda. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.....	236
Figura 193 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 28 – Imagens do esqueleto in situ. A) foto do esqueleto parcialmente exumado. Os círculos vermelhos indicam as regiões onde foram encontradas concentrações de carvão/ossos queimados. B) foto da região das costelas do esqueleto. As setas pretas indicam os carvões/ossos queimados. C) foto da porção superior do sepultamento. A seta preta, abaixo da ulna esquerda, indica a presença do osso queimado. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	237
Figura 194 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 28 – Imagens do esqueleto in situ. A) foto da exumação do esqueleto. A seta preta indica a localização do bloco próximo as pernas do indivíduo. B) fotografia da porção superior do esqueleto, onde é possível observar em maior detalhe o bloco próximo as pernas do indivíduo. A seta preta indica a localização do bloco. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	238
Figura 195 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 28 – Imagens A, B, C e D: fotos tiradas em campo onde é possível observar o processo de escavação da estrutura de ossos e líticos queimados. O círculo vermelho nas figuras indica a localização da estrutura e circundava a parte superior do Sepultamento 28. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	239

Figura 196 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 28 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação do Sepultamento. Na imagem é possível observar o Sepultamento totalmente exposto, a posição dos membros in situ, a localização das estruturas associadas ao esqueleto e os Sepultamentos próximos.	240
Figura 197 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 29. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização aproximada do Sepultamento 29 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	241
Figura 198 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização aproximada do Sepultamento 30 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	242
Figura 199 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Imagem do Sepultamento in situ, onde é possível observar o Sepultamento 33 e, imediatamente abaixo, remanescentes esqueléticos fragmentados correspondentes ao Sepultamento 30. Na figura, nota-se a perturbação causada pela deposição, tanto do corpo do indivíduo do Sepultamento 33, quanto pelos blocos de arcósio que o acompanhavam, no Sepultamento 30. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	243
Figura 200 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Imagem da quadra F13 após a retirada do Sepultamento 30. Na figura, é possível observar o buraco causado pelos cupins (seta vermelha) e a presença de raízes em várias regiões da quadra (setas brancas). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	244
Figura 201 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Imagens do bloco de arcósio manchado com pigmentação vermelha, encontrado imediatamente abaixo dos remanescentes esqueléticos do Sepultamento 30. A) figura do bloco, onde é possível observar a parte pigmentada. B) imagem em detalhe da pigmentação vermelha (setas pretas). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	245
Figura 202 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Inferior (cotas – pontos vermelhos. Bloco: - 1,03 m. Osso longo: - 1,12m). Na imagem é possível observar o início da evidenciação do Sepultamento 30, logo após a exumação do Sepultamento 33. Os remanescentes esqueléticos fragmentados estavam depositados imediatamente abaixo dos blocos de arcósio que circundavam o esqueleto do Sepultamento 33. Cotas/Pontos vermelhos – Bloco: - 1,03 m. Osso longo: - 1,12 m.....	246
Figura 203 – Sítio arqueológico Caixa D'água. Sepultamento 30. Desenho digital baseado no croqui do Nível II Inferior 2º retirada. Na imagem, é possível observar a localização dos ossos do Sepultamento 30 após a retirada dos blocos de arcósio. No centro do Sepultamento, surge a mancha de pigmentação vermelha, entre os ossos longos das pernas e as costelas do indivíduo. No desenho, também se destaca o estado perturbado e fragmentado do esqueleto. Cotas/Pontos vermelhos – Pigmento vermelho: - 1,19 m. Fragmento de ponta óssea: - 1,16 m. Ossos esparsos: - 1,16 m).	247
Figura 204 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do Nível Contato II – III. Na imagem, a quadra F13 aparece já sem os remanescentes esqueléticos do Sepultamento 30 e com a concentração de pigmento vermelho menos esparsa. A nordeste é possível observar um bloco de arcósio polido, onde havia uma pequena mancha de pigmento vermelho. Abaixo, foi retirado um bloco de sedimento para amostra. Cotas/Pontos vermelhos – NW: - 1,22 m. NE: - 1,20 m. SW: - 1,22 m. SE: - 1,20 m.	248
Figura 205 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do nível III A 2º Retirada. Na imagem, é possível observar a presença de fragmentos ósseos do crânio e da fíbula. Já a concentração de pigmento vermelho desapareceu totalmente. Cotas – Início da 2º Retirada: - 1,25 m. Fim da 2º Retirada: - 1,30 m.	249

Figura 206 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do Nível III B 1º Retirada. Na imagem, é possível observar a presença de mais fragmentos de osso longo. A norte da quadra, há a presença de raízes e fungos de formigueiro. Cotas/Pontos vermelhos – Túnel de formigueiro: - 1,32 m. Ossos topo: - 1,29 m. Ossos base: - 1,32 m.	250
Figura 207 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do nível III B 2º Retirada. Na imagem, é possível observar os túneis de formigueiro, além de raízes. Sem cotas.	251
Figura 208 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do nível III B 3º Retirada. Na imagem, é possível observar a profundidade atingida pelos túneis de formigueiro. Cota – Base do nível: - 1,39 m.	252
Figura 209 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 31. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 31 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	253
Figura 210 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 31 – Imagens do Sepultamento in situ. A) fotografia da concentração “A” (círculo vermelho) do Sepultamento 31. B) fotografia da concentração “B” (círculo vermelho) do Sepultamento 31. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	254
Figura 211 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 31 – Desenho digital baseado no croqui de exumação Zero Superior. Na imagem, é possível observar a concentração “A”, ainda retido no perfil e a concentração “B” arrastada para a região central das quadras K11 e J11.	255
Figura 212 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 32. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 32 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	256
Figura 213 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 32 – Imagens do Sepultamento in situ. A) imagem do início da exumação da porção superior do Sepultamento 32, onde é possível observar o estado fragmentado do crânio. B) fotografia da exumação parcial do esqueleto, onde se visualiza boa parte dos ossos longos e os blocos de arcósio abaixo dos pés do indivíduo. C) imagem do Sepultamento totalmente exposto, onde se observa o estado fragmentado das costelas, os blocos de arcósio abaixo dos pés do indivíduo e a posição do esqueleto. D) foto do Sepultamento totalmente exposto, após a retirada de parte das costelas e a evidênciação do bloco de arcósio depositado acima da perna direita do indivíduo. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	257
Figura 214 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 32 – Imagens do Sepultamento in situ. A) figura indicando a localização do bloco de arcósio depositado sobre a perna direita do indivíduo (seta vermelha). B) fotografia indicando o conjunto de blocos de arcósio (círculo vermelho) que estavam colocados abaixo dos pés do esqueleto. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	258
Figura 215 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 32 – Imagens do bloco de arcósio manchado com pigmentação vermelha, encontrado imediatamente abaixo dos remanescentes esqueléticos do Sepultamento 30. A) figura do bloco, onde é possível observar a parte pigmentada. B) imagem em detalhe da pigmentação vermelha (setas pretas). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	259
Figura 216 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 32 – Desenho digital baseado no croqui de exumação do nível II Superior. Na imagem é possível observar o Sepultamento totalmente exposto, a posição dos membros in situ e a localização das estruturas associadas ao esqueleto.	260
Figura 217 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 33. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a região onde estaria localizado o Sepultamento 33 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	261

Figura 218 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 33 – Imagem do esqueleto in situ, onde é possível observar a posição dos membros do esqueleto e o crânio sobre as mãos apoiadas em um grande bloco de arcósio. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tiradas em 2009.	262
Figura 219 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 33 – Imagens do Sepultamento in situ. A) fotografia tirada antes da exumação do esqueleto, onde é possível visualizar os blocos de arcósio depositados acima do indivíduo. As setas azul e vermelha indicam os blocos que estavam imediatamente abaixo do esqueleto. B) foto do Sepultamento após a retirada dos blocos que estavam acima do corpo. Na imagem, se observa com maior clareza a posição dos blocos depositados abaixo do esqueleto. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade de Minas Gerais. Fotografia tiradas em 2009.	263
Figura 220 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 33 – Imagem do Sepultamento in situ, onde é possível observar os fragmentos de ossos longos verticalizados, referentes ao Sepultamento 30, depositados abaixo do bloco de arcósio (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.	264
Figura 221 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 33 – Imagem do Sepultamento in situ. Na imagem em detalhe da parte superior do corpo, é possível observar o crânio fragmentado (círculo vermelho) e alguns fragmentos ósseos dispersos no sedimento (seta vermelha). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.	265
Figura 222 - Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 33 – Desenho digital baseado no croqui de escavação das quadras F13 e G13. O nível não é especificado. Na imagem, é possível observar os blocos de arcósio associados ao Sepultamento 33.	266
Figura 223 - Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 33 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação do Sepultamento. Na imagem é possível observar o Sepultamento totalmente exposto, a posição dos membros e blocos in situ e os Sepultamentos próximos.	266
Figura 224 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 34. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 34 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	267
Figura 225 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 34 – Imagem do Sepultamento in situ. Na fotografia é possível observar a posição dos membros do esqueleto, em decúbito dorsal e com as pernas fletidas em direção ao tórax. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.	268
Figura 226 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 34 – Imagem do Sepultamento in situ. Na fotografia, as setas pretas indicam a localização dos blocos associados ao esqueleto. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.	269
Figura 227 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 34 – Imagens do Sepultamento in situ. A) fotografia geral do indivíduo, onde é possível observar a localização das pontas ósseas ao lado do crânio (setas brancas). B) imagem em detalhe da ponta óssea depositada do lado esquerdo do crânio (seta branca). C) foto em detalhe das duas pontas ósseas depositadas ao lado do crânio (setas brancas). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.	270
Figura 228 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 34 – Desenho digital baseado no croqui do nível I da quadra E11. Na figura, é possível observar a quadra antes dos primeiros sinais do Sepultamento.	271
Figura 229 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 34 – Desenho digital baseado no croqui do Nível Contato I-II da quadra E12, onde é possível observar os primeiros fragmentos ósseos (em rosa) do Sepultamento 34.	271

Figura 230 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 34 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio. Na imagem, já se observa a presença de alguns ossos longos, correspondentes ao Sepultamento 34.....	272
Figura 231 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 34 – Desenho digital baseado no croqui do Nível II Inferior das quadras E11 e E12. Na figura, já se observa o Sepultamento 34 totalmente exposto.	272
Figura 232 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 35. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 35 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	273
Figura 233 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 35 – Imagem do Sepultamento in situ. Na figura, é possível observar a posição dos membros superiores e inferiores do esqueleto. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografia tirada em 2009.....	274
Figura 234 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 35 – Imagens da exumação do esqueleto. A e B) início da escavação da sepultura, onde é possível observar a exposição do bloco de arcósio que cobria o crânio e a parte superior do esqueleto. C) fotografia da exumação parcial do Sepultamento 35. O bloco que cobria a parte superior do indivíduo já estava totalmente exposto. Abaixo, há o início da exposição do bloco de arcósio depositado acima da bacia e do braço esquerdo do esqueleto. D) imagem da exumação do esqueleto onde já é possível observar os blocos de arcósio associados com o indivíduo. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	275
Figura 235 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 35 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio, onde é possível observar a quadra E12 no nível imediatamente anterior a evidenciação do Sepultamento 35.	276
Figura 236 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 35 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio 1º retirada. Na figura, já é possível observar a evidenciação do esqueleto e do bloco de arcósio depositado acima do crânio.....	276
Figura 237 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 35 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio 2º retirada. Na figura, já é possível observar a evidenciação do esqueleto, do bloco de arcósio depositado acima do crânio e ossos longos do indivíduo.	277
Figura 238 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 35 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio (não especificada a retirada). Na figura, se observa o indivíduo totalmente exposto após a retirada dos blocos de arcósio que estavam depositados em cima.	277
Figura 239 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 36. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 36 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	278
Figura 240 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 36 – Imagens do Sepultamento in situ. Nas fotografias, é possível observar a cobertura quase total do esqueleto pelos blocos de arcósio e a compressão causada pela estrutura nos ossos. Na imagem A, circulado em vermelho, o bloco de arcósio com uma das superfícies polidas. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.	280
Figura 241 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 36 – Croqui de exumação do Sepultamento 36 no nível II Médio. Na imagem, é possível observar a posição do esqueleto e a disposição dos acompanhamentos funerários (setas vermelhas). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	281
Figura 242 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 36 – Desenho digital baseado no croqui de escavação das quadras C11 e D11 no nível II Médio. A sul da imagem é possível observar os blocos de arcósio que estavam depositados acima do esqueleto.....	282

Figura 243 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 36 – Desenho digital baseado no croqui de escavação da quadra D12 no nível II Médio 1º retirada. Ao sul da quadra, é possível observar o surgimento de fragmentos ósseos correspondentes ao Sepultamento 36.	282
Figura 244 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 36 – Desenho digital baseado no croqui de exumação do esqueleto no nível II Médio. Na imagem, é possível observar o esqueleto totalmente exposto e os artefatos associados. Desenho feito após a retirada dos blocos de arcósio.....	283
Figura 245 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 38. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 38 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	284
Figura 246 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 38 – Imagem da exposição do Sepultamento 26, onde é possível observar o esqueleto correspondente ao Sepultamento 38 (seta vermelha). Ao lado, estava depositado o Sepultamento 26. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.	285
Figura 247 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 38 – Desenho digital baseado no croqui de exumação da parte inferior do Sepultamento 38.	286
Figura 248 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 38 – Desenho digital baseado no croqui de exumação da parte superior do Sepultamento 38.	286
Figura 249 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 39. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 39 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	287
Figura 250 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 40. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 40 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	288
Figura 251 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 40 – Imagem do Sepultamento in situ. Na fotografia, é possível observar o estado fragmentado e descontextualizado do indivíduo. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.....	289
Figura 252 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 40 – Desenho digital baseado no croqui de escavação das quadras D12 e D13 no nível II Médio. Na imagem, é possível observar a posição dos fragmentos ósseos in situ e o estado perturbado do esqueleto.	290
Figura 253 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 41. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 41 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	291
Figura 254 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 41 – Imagem do esqueleto in situ, onde é possível observar a posição dos membros do indivíduo sepultado. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.....	292
Figura 255 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 41 – Imagem do esqueleto in situ. Na figura, se observa os blocos que circundavam o esqueleto (setas vermelhas). A direita, o bloco maior, verticalizado, que delimitava o braço esquerdo do indivíduo. A seta preta indica o local onde estava depositada a ponta óssea associada ao esqueleto. Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.	293
Figura 256 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 41 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação do esqueleto, onde se observa o indivíduo totalmente exposto, a posição dos membros inferiores e superiores e a localização dos artefatos associados com o corpo.	294
Figura 257 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 42. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do	

Sepultamento 42 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	295
Figura 258 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 42 – Desenho digital baseado no croqui de exumação final do esqueleto, onde se observa a posição dos fragmentos ósseos.	296
Figura 259 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 43. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 43 (círculo vermelho). Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.	297
Figura 260 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 43 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação dos fragmentos ósseos, onde se observa a dispersão dos fragmentos sobre o sedimento.	298
Figura 261 – Gráfico gerado a partir de Análise de Cluster em que se observa a formação de três agrupamentos, sendo que dois deles derivaram de um eixo em comum.	303

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela apresentando as datações radiocarbônicas existentes para o sítio arqueológico Caixa D'água.....	47
Tabela 2 – Tabela de variação de cor de acordo com a temperatura baseada em Ellingham et al. (2015).....	64
Tabela 3 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Tabela apresentando as quadras, níveis arqueológicos e cotas iniciais e finais de cada Sepultamento.	300
Tabela 4 – Lista dos Sepultamentos referentes ao primeiro agrupamento e suas respectivas características de deposição.	304
Tabela 5 – Lista dos Sepultamentos referentes ao segundo agrupamento e suas respectivas características de deposição.	304
Tabela 6 – Lista dos Sepultamentos referentes ao terceiro agrupamento e suas respectivas características de deposição.	305
Tabela 7 – Lista dos Sepultamentos referentes ao quarto agrupamento e suas respectivas características de deposição.	306

Resumo

As práticas mortuárias dos grupos humanos que habitaram o Brasil Central, durante o Holoceno Médio, ainda são amplamente desconhecidas pela Arqueologia Brasileira, devido à escassez de sítios deste período. O sítio arqueológico Caixa D'água, localizado às margens do Rio São Francisco, no município de Buritizeiro (MG), é uma importante exceção, pois apresenta dezenas de esqueletos putativamente datados do Holoceno Médio. No presente trabalho foi realizado um estudo de uma amostra de 43 sepultamentos de Caixa D'água, a fim de estabelecer padrões funerários do sítio. Para atingir esse objetivo, foi necessário concluir a curadoria dos esqueletos humanos e sistematizar todas as documentações de campo. Posteriormente, os sepultamentos foram analisados do ponto de vista da Tafonomia Funerária, que consiste na análise contextual (e. g. notas de campo, esboços e fotografias) e laboratorial do esqueleto (e. g. marcas de corte, queima, etc). Os resultados sugerem que os esqueletos da Caixa D'água, em geral, não apresentam intervenções post-mortem, como marcas de corte, fraturas intencionais ou queimaduras. A maioria deles pôde ser caracterizado como sepulturas primárias, embora haja indicativos – não confirmados *in situ* – da presença de manipulação secundária em alguns esqueletos. Para estabelecer os padrões funerários, análises foram empregadas em um banco de dados composto pelas variáveis categóricas que descrevem as características funerárias dos 43 sujeitos. O conjunto foi analisado por técnicas estatísticas multivariadas a fim de obter clusters, ou agrupamentos, com base no grau de similaridade das variáveis categóricas dos sepultamentos. Os resultados indicaram a presença de quatro agrupamentos para os enterramentos de Caixa D'água.

Palavras-chave: Práticas Funerárias. Tafonomia Funerária. Brasil Central. Holoceno Médio.

Abstract

The mortuary practices of human groups that inhabited Central Brazil during the Middle Holocene are still largely unknown by Brazilian Archeology due to the absence of sites. The Caixa D'água archaeological site, located on the banks of the São Francisco River in Buritizeiro (MG), is an important exception given de presence of dozens of dated skeletons from the Middle Holocene. Analyzes were applied to a dataset of the 43 burials from Caixa D'água. To reach this goal, we finished curating human skeletons and systematize all field documentation. Subsequently, the burials were investigated from the point of view of Funerary Taphonomy, which consists of contextual (e.g. field notes, sketches, and photographs) and laboratory analysis of the skeleton (e.g. cut marks, burning, etc.). The results suggest that the Caixa D'água skeletons, in general, do not present *post-mortem* interventions, such as cut marks, intentional fractures, or burns. Most of them could be characterized as primary graves, although there are indications – not confirmed *in situ* – of the presence of secondary manipulation in some skeletons. To establish the funerary patterns, analyzes were applied in a database composed of categorical variables that describe the funerary characteristics of the 43 subjects. The set was analyzed using multivariate statistical techniques to obtain clusters based on the degree of similarity of the categorical variables of the burials. The results indicated the presence of four groups for the sepultures of Caixa D'água.

Keywords: Funerary Practices. Funerary Taphonomy. Central Brazil. Middle Holocene.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. Abandono ou novas estratégias de mobilidade: as mudanças climáticas no Holoceno Médio e seus impactos no registro arqueológico	3
2.1 O Brasil Central no Holoceno Médio.....	5
3. As práticas mortuárias no Brasil Central.....	9
3.1 O Holoceno Inicial	9
3.2 O Holoceno Médio.....	17
3.3 O Holoceno Final	21
4. A Arqueologia das Práticas Mortuárias: o desenvolvimento teórico da disciplina.....	29
4.1 Entre Definição e Aplicação: o que é Tafonomia?.....	33
4.2 Da Tafonomia Funerária às Práticas Mortuárias	36
4.3 A importância da cronologia nas práticas mortuárias	38
5. Materiais	40
5.1 O sítio arqueológico Caixa D'água (Buritizeiro – Minas Gerais).....	40
5.2 As escavações do sítio Caixa D'água.....	42
5.3 As ocupações humanas em Caixa D'água.....	46
5.4 Os sepultamentos de Caixa D'água.....	48
5.5 A documentação do sítio Caixa D'água.....	51
6. Métodos aplicados para análise dos esqueletos de Caixa D'água	52
6.1 Métodos de curadoria.....	52
6.2 Métodos de diagnóstico de sexo e estimativa de idade à morte	55
6.3 Método de organização e análise da documentação primária	56
6.4 Modificação óssea.....	60
6.4.1 Modificações causadas por animais, plantas e/ou insetos	60
6.4.2 Os padrões de fratura.....	61
6.4.3 Alteração do aspecto morfológico do osso por temperatura	63
6.5 Análise estatística: análise de clusters.....	65
7. Descrição e análise dos Sepultamentos	66
7.1 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 1	66
7.2 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 2.....	80
7.3 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 3.....	93
7.4 Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 4	112
7.5 Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 5	119
7.6 Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 6	125
7.7 Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 7	134

7.8	Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 8	141
7.9	Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 9	150
7.10	Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 10	152
7.11	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 11	160
7.12	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 12	170
7.13	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 13	178
7.13	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 14	183
7.15	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 15	184
7.16	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 16	190
7.17	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 17	192
7.18	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 18	196
7.19	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 19	199
7.20	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 20	199
7.21	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 21	199
7.22	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 22	205
7.23	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 23	205
7.24	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 24	208
7.25	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 25	213
7.26	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 26	215
7.27	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 27	225
7.28	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 28	235
7.28	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 29	240
7.30	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 30	241
7.31	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 31	252
7.32	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 32	255
7.33	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 33	260
7.34	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 34	267
7.35	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 35	273
7.36	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 36	278
7.37	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 38	283
7.38	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 39	287
7.39	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 40	288
7.40	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 41	290
7.41	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 42	294
7.42	Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 43	296
8.	Os Padrões de Sepultamento de Caixa D'Água	298
8.1	Agrupamento de Sepultamento 1	304

8.2 Agrupamento de Sepultamento 2	304
8.3 Agrupamento de Sepultamento 3	305
8.4 Agrupamento de Sepultamento 4	305
8. Discussão e conclusões.....	307
10. Referências Bibliográficas.....	310
11. Anexos	322

1. Introdução

A Arqueologia das Práticas Mortuárias exerce um importante papel na compreensão da relação entre as sociedades pretéritas e a morte, tanto do ponto de vista biológico, quanto sociocultural. No Brasil Central, a análise acerca do universo funerário recebeu maior ênfase no período do Holoceno Inicial, devido ao rico registro arqueológico da região de Lagoa Santa em Minas Gerais (vide Strauss, 2010, 2011, 2016; Strauss et al., 2020). As práticas mortuárias das populações que ocuparam a região durante o Holoceno Médio, em contrapartida, ainda são pouco conhecidas, devido à baixa ocorrência de sítios arqueológicos e, especialmente, a raridade de contextos com preservação de remanescentes esqueléticos. Nesse sentido, o sítio arqueológico Caixa D'água (município de Buritizeiro - MG), assume um papel central, já que é o único sítio com datas do Holoceno Médio que apresenta dezenas de esqueletos humanos relativamente bem preservados.

Apesar dessa coleção esquelética de Caixa D'água deter grande potencial para análises bioarqueológicas, a curadoria do material não havia sido concluída até o ano de 2020. Por esse motivo, apenas alguns poucos estudos preliminares com os esqueletos de Caixa D'água foram realizados até o momento. Em grande medida, essa situação resulta de contingências institucionais que recentemente foram sanadas. Assim, o ponto de partida do presente trabalho foi precisamente finalizar o processo curatorial desses esqueletos. Esta foi uma contribuição de longa duração, pois permitirá que, para além das questões funerárias, sejam realizadas no futuro outros tipos de análises bioarqueológicas com o material, como estudos de estilo e qualidade de vida, dieta, mobilidade e arqueogenética.

O presente trabalho pretende contribuir para a compreensão das práticas mortuárias no Brasil Central durante o Holoceno Médio através do estudo dos sepultamentos exumados de Caixa D'água. O sítio foi escavado entre os anos de 2005 a 2009, pela equipe de arqueólogos da Universidade Federal de Minas Gerais. No local, foram retirados um total de 43 sepultamentos humanos. Entretanto, embora Caixa D'água seja conhecido como um cemitério do Holoceno Médio, poucas datações – apenas uma delas diretas em osso – foram realizadas para confirmar essa hipótese. Gerar datas diretas para os esqueletos da coleção era uma das importantes contribuições à que se propunha o presente trabalho. Em particular, a proposta inicial era processar as amostras durante um estágio no Centro Kimmel de Ciências Arqueológicas do Instituto Weizmann em Israel, um dos mais prestigiados centros de datação radiocarbônica no mundo. Contudo, devido a interrupção de atividades laboratoriais e de

viagens ao exterior em decorrência da pandemia da Covid-19, a realização dessa etapa não pôde ser concluída.

Esta dissertação foi desenvolvida de acordo com dois eixos centrais. A primeira parte refere-se à contextualização arqueológica dos sepultamentos de Caixa D'água. Assim, o Capítulo 2 é dedicado a caracterizar a região do Brasil central durante o Holoceno Médio. Nele, são discutidas as diferentes teorias acerca das mudanças climáticas que ocorreram no local ao longo desse período. Em seguida, é apresentada as alterações também observadas no registro arqueológico em diferentes áreas do Brasil central. Já o capítulo 3 apresenta um resumo sobre as práticas mortuárias durante o Holoceno Inicial, Médio e Final no Brasil central e procura identificar características que aproximem ou distanciem os sítios arqueológico dessa região.

No capítulo 4 é apresentado o referencial teórico da Arqueologia das práticas mortuárias. Na primeira parte, são apresentadas, em ordem cronológica, as teorias dos principais autores que contribuíram para a consolidação da disciplina. Na segunda metade, é dado enfoque a temas específicos, como o conceito de Tafonomia, a abordagem da Tafonomia Funerária para a interpretação de práticas fúnebres e a importância da cronologia para a definição de padrões funerários.

O capítulo 5 é a primeira parte do segundo eixo desta dissertação e trata do sítio Caixa D'água. É apresentada a sua localização geográfica, a relação com o ambiente e sua eventual descoberta. É descrita as etapas de escavação, as hipóteses formuladas a respeito do período de ocupação do sítio, a caracterização geral dos sepultamentos exumados e as documentações geradas nas diferentes etapas de campo. Já no capítulo 6 são discutidas as metodologias aplicadas no âmbito desta pesquisa, como os métodos de curadoria, de diagnóstico de sexo e idade à morte, método de organização e análise das documentações de campo, análises de modificação óssea e análises de cluster.

No capítulo 7 são apresentadas as descrições dos 43 sepultamentos de Caixa D'água. A parte mais basal desta parte do trabalho foi a leitura e sintetização de todos os documentos de campo que continham informações sobre os sepultamentos. Durante as escavações, não foram utilizadas fichas ou cadernos de campo próprios para os enterramentos escavados. Por esse motivo, muitos indivíduos continham informações acerca de sua exumação em mais de um documento de campo. Ao todo, foram lidos e sintetizados 21 cadernos de campo, além de analisadas e separadas por sepultamento mais de 3000 fotografias. Durante esse processo, foi realizada a compatibilização de todo o material documental. Ou seja, avaliou-se até que ponto

as diferentes fontes de informações eram convergentes ou não e, em casos de inconsistências, elas foram retificadas. Por fim, os capítulos 8 e 9, respectivamente, são apresentados os agrupamentos funerários definidos para o sítio Caixa D'água e as discussões e conclusões relacionadas ao material desta dissertação.

2. Abandono ou novas estratégias de mobilidade: as mudanças climáticas no Holoceno Médio e seus impactos no registro arqueológico

O Holoceno Médio foi caracterizado pela ocorrência de episódios de seca em diversas regiões da América do Sul entre 7.500 A.P. e 3.500 A.P.¹ (Araujo et al., 2003, 2005; Prado et al., 2013; Riris & Arroyo-Kalin, 2019). Durante este período também houve uma diminuição de sítios e datações arqueológicas no centro-leste do Brasil (Araujo et al., 2005; Bueno & Isnardis, 2018; Iriarte et al., 2017; Parolin, 2006). As consequências dessas mudanças climáticas nas populações humanas, entretanto, ainda são pouco reconhecidas, principalmente no período de desenvolvimento da agricultura em determinadas regiões (Araujo et al., 2005; Goldberg et al., 2016).

No Brasil Central, registros polínicos da lagoa central de Lagoa Santa indicaram que, a partir de 5.000 A.P., as formações vegetais se tornaram mais abertas e escassas (Parazzi, 1991). Em sítios como a Lapa Vermelha IV e na Lagoa dos Olhos, houve um grande acúmulo de carvão a partir de 7.000 A.P., ocasionado possivelmente por uma maior incidência de incêndios no Holoceno Médio (Prous, 2019). Nesse mesmo período, em sítios arqueológicos da região de Lagoa Santa, e em outras localidades da América do Sul, houve um suposto padrão de amplo abandono de regiões (Araujo et al., 2006; Araujo et al., 2003). Na Arqueologia, esse fenômeno foi denominado “Hiato do Arcaico” e teria afetado, principalmente, sítios arqueológicos localizados em abrigos rochosos (Araujo et al., 2006; Araujo et al., 2005; Bueno & Isnardis, 2018).

Em sítios de Lagoa Santa (Araujo et al., 2003; Hurt & Blasi, 1969) e Santana do Riacho (Kipnis, 2002), por exemplo, foi identificado um declínio na ocupação humana entre 7.500 A.P. a 2.000 A.P. e 8.000 A.P. a 4.000 A.P. Na Lapa do Boquete (Fogaça, 2001) e na Lapa do Dragão (Prous; Ribeiro, 1997), na região do vale do Rio Peruaçu, a diminuição da presença humana também foi sugerida. Na Lapa do Boquete, esse hiato estaria concentrado no período

¹ A.P. – Antes do Presente. Nomenclatura usada na expressão de datações absolutas, a exemplo do radiocarbono e da termoluminescência, que por convenção foi estabelecido o ano de 1950 como base para todas as datações, referente às curvas de calibragem do radiocarbono, descoberto dois anos antes por Willard F. Libby.

de 7.000 A.P. a 2.000 A.P., enquanto na Lapa do Dragão, entre 10.000 A.P. a 5.000 A.P. (Araujo et al., 2005).

Os eventos de abandono, embora sejam fenômenos relacionados a presença humana em abrigos, foram também observados em ocupações a céu aberto (Araujo et al., 2005). Em sítios arqueológicos do Brasil Central, por exemplo, foi reconhecido um período de diminuição demográfica em 5.000 A.P. Essa desocupação de áreas anteriormente habitadas, tanto a céu aberto, quanto em abrigos rochosos, foi justificada pelo clima pouco favorável no Holoceno Médio. Como consequência, áreas mais vantajosas para os assentamentos passaram a ser mais procuradas e disputadas nesse período (Araujo, 2014; Araujo et al., 2003, 2005).

Ainda que dados arqueológicos tenham indicado uma diminuição nos sítios e datações em algumas regiões durante o Holoceno Médio, alguns locais do Brasil Central parecem nunca ter sido abandonados. No vale do Peruaçu, diversos abrigos outrora ocupados passam a ser menos frequentados. Ainda assim, estudos recentes indicam que em alguns sítios arqueológicos houve a presença humana durante todo o Holoceno. No sítio Lapa do Boquete, por exemplo, os níveis arqueológicos do Holoceno Médio indicaram a ocupação dessa área (Rodet, 2006). Os vestígios líticos exumados no nível IV (datados de aproximadamente 7.000 A.P. – 550 lascas) foram quantitativamente equivalentes a períodos anteriores (nível VI, aproximadamente 9.000 A.P., 126 lascas; nível V, 693 lascas). Entre 5.000 e 4.000 A.P. o número de vestígios líticos exumados se mantém próximo de camadas anteriores (400 lascas). Por volta de 2.000 A.P. no horizonte horticultor, a indústria lítica continua abundante (450 peças), com a utilização sistemática do quartzo, menos presente em períodos anteriores². Esse também é o caso dos sítios Caixa D'água (a céu aberto) e o Abrigo Bibocas II, cujas datas indicaram a presença de ocupações humanas ao longo de todo o Holoceno (Rocha, 2011; Sousa *et al.*, 2015). Análises químicas realizadas em Bibocas II apresentaram marcadores químicos de presença humana (geoquímicos e de suscetibilidade magnética) em níveis onde havia a diminuição de vestígios arqueológicos, indicando que o sítio não foi abandonado (Sousa *et al.*, 2015).

Segundo Bueno & Isnardis (2018), essas mudanças assinaladas nos padrões de mobilidade podem não estar relacionadas a um abandono geral de locais antigamente habitados, mas sim a uma alteração na percepção de territorialidade entre grupos humanos do período. Em sítios arqueológicos do centro-norte de Minas Gerais, por exemplo, há um “padrão de

² As quantificações apresentadas são relativas às quadras estudadas (30m² e 10 m²) em Rodet, 2006. Os conjuntos não sofreram intervenção ou revolvimentos de sedimento por sepultamentos.

alternância” da presença humana nessas localidades (Bueno; Isnardis, 2018). Em suma, os períodos de ocupação de cada área eram intercalados entre si: quando em uma zona não eram observadas datações, na circunvizinha sim. Esse padrão, que se mostrou visível pelo menos entre 8.000 A.P. a 4.000 A.P., indicaria uma possível integração/interrelação entre diferentes áreas do Brasil Central (Bueno; Isnardis, 2018).

Além da alteração na dinâmica de uso de determinados locais, esse padrão de alternância também estaria relacionado a mudança da função de espaços anteriormente ocupados (Bueno; Betarello; Lima, 2019). Os abrigos rochosos, por exemplo, não são mais utilizados como área de habitação ou deposição de sepultamentos. Na região de Lagoa Santa, a utilização de abrigos rochosos como locais fúnebres foi abandonada. Em Diamantina, obteve-se uma única datação para o Holoceno Médio (Fagundes, 2016), o que aponta a presença humana na região. Contudo, em sítios em abrigos rochosos houve uma ausência considerável de níveis arqueológicos (Bueno; Isnardis, 2018). Esses fatores, associados a uma mudança nas estratégias de mobilidade, podem ser um indicativo de que os abrigos, durante o Holoceno Médio, perderam um importante papel que desempenhavam anteriormente. A resignificação da utilização desses espaços, e a incorporação de áreas mais amplas, corroboram com a ideia de uma mudança no padrão de mobilidade dos grupos humanos. Esse movimento compreenderia a integração e articulação de diferentes áreas no espaço e no tempo (Bueno; Braga; Betarello, 2017; Bueno; Isnardis, 2018). Esse fenômeno pôde também ser observado em características culturais, como semelhanças na tecnologia lítica e na distribuição das pinturas rupestres da região.

2.1 O Brasil Central no Holoceno Médio

O Holoceno Médio é um período ainda pouco documentado pela comunidade arqueológica (Araujo et al., 2005), pois seus contextos são superficialmente conhecidos, especialmente aqueles com sepultamentos. Ainda assim, algumas informações muito gerais dos caçadores-coletores desse período, estão disponíveis na literatura. Durante o Holoceno Médio, as características dos grupos forrageadores parecem começar a se modificar em todo o Brasil Central e o Nordeste (Prous, 2007). É também nesse período que ocorre uma mudança na função dos abrigos rochosos em todo o Brasil Central. Eles deixam de ser utilizados como áreas de ocupação ou deposição de sepultamentos e passam a ser intensamente decorados com grafismos rupestres (Prous, 2007; Prous, 1992).

Em Minas Gerais, na região de Lagoa Santa, os vestígios arqueológicos em abrigos rochosos tornam-se esporádicos durante o Holoceno Médio (Prous, 2019). Em outras regiões do Brasil Central, como o Alto Jequitinhonha e Montes Claros, o mesmo fenômeno é observado. Em Santana do Riacho, Lapa Vermelha IV e Lapa do Santo, a presença humana é ainda reconhecida em pequenos intervalos de tempo (Araujo et al., 2018; Prous, 2019). Associado a essas ocupações, há o registro de fogueiras e poucos resquícios instrumentais e faunísticos. Em contraposição, em sítios arqueológicos localizados no vale do Peruaçu (municípios de Januária e Itacarambi) e no Vale do São Francisco (municípios de Jequitaiá, Buritizeiros e Pirapora) não foi observada uma diminuição de ocupação (De Sousa *et al.*, 2018; Rodet, 2009; Rodet *et al.*, 2007; Sousa *et al.*, 2020). Em Serranópolis, Goiás, novos abrigos passam a ser habitados, embora a intensidade dessas ocupações diminua ao longo do Holoceno Médio (Schmitz *et al.*, 1989). As alterações nos modos de ocupação e de territorialidade foram acompanhadas por uma série de particularidades tecno-culturais que caracterizaram os grupos humanos do Holoceno Médio.

As indústrias líticas, ao contrário de períodos anteriores, cujas características tecnológicas e de dispersão são claramente reconhecidas, são pouco definidas para o Holoceno Médio. Cada região do Brasil Central apresentou uma mudança na organização tecnológica, mas ainda mantendo certas particularidades – principalmente em função das matérias-primas usadas (Prous, 2007). As técnicas utilizadas, em contrapartida, compartilhavam algumas características. Os artefatos formais eram raramente confeccionados. As matérias-primas locais eram privilegiadas e a maioria dos artefatos eram pequenos, com algumas bordas retocadas e baixa frequência de reutilização. Os núcleos não apresentavam características específicas que indicassem uma idealização prévia – ou um mínimo planejamento. Acredita-se que o objetivo não era obter um tipo particular de suporte, mas sim bordas específicas em diferentes suportes (Bueno; Isnardis, 2018). Esse padrão é também observado em sítios do vale do rio Tocantins onde, para esse período, não há evidências da presença de artefatos formais. Na região de Lajeado, por exemplo, há uma diminuição da preferência pela matéria-prima, o arenito silicificado fino, utilizada em períodos anteriores. Nota-se, em compensação, uma prevalência de matérias-primas amplamente distribuídas, mas que apresentam uma menor qualidade para o lascamento (Bueno; Betarello; Lima, 2019; Bueno; Braga; Betarello, 2017). Na Lapa do Boquete, foi identificada a presença, em camadas associadas ao Holoceno Médio, de lascas de produção bifacial, possíveis pontas trabalhadas e uma lasca aloganda, com talão pequeno, pouco espessa, sem acidentes e retirada por percussão tangencial (Rodet, 2006). Entre 7.000

A.P. e 4.000 A.P, no Vale do Rio Peruaçu, há um aumento na variedade, aspecto e qualidade da matéria-prima utilizada, como também ocorre em outras regiões. O calcário aparece episodicamente e é utilizado principalmente como bigorna. A partir de 4.000 A.P., o quartzo hialino aparece sistematicamente, mas em pouca quantidade. Se destaca o uso de silexito de grão médio e, em alguns sítios, observa-se a debitação de pequenos blocos de jaspe e de calcedonia de granulometria homogênea (Rodet, 2006, 2009). Há a presença de lascas de façongem de instrumentos unifaciais e bifaciais ao longo das ocupações (Holoceno Médio incluso), demonstram a produção de instrumentos provenientes de uma imagem mental bem definida, realizados a partir de percussão direta dura e percussão orgânica tangencial. Tratava-se de tecnologias conscientemente escolhidas a partir da cultura dos grupos que ocupavam o setor (Rodet, comunicação pessoal). Os vestígios líticos encontrados sugerem que os abrigos do Vale do Peruaçu foram utilizados sistematicamente ao longo do tempo, mas de maneira curta, ou seja, não foram locais de moradia, mas de passagem ou acampamento rápidos. As fases das cadeias operatórias encontradas nesses locais foram aquelas relacionados ao final da produção, como façongem ou retoque de unifaciais e bifaciais. Os instrumentos abandonados nos sítios foram aqueles muito gastos e/ou fragmentados (Rodet, 2006).

Em Buritizeiro, na margem do rio São Francisco, a principal escolha de matéria-prima, ao longo de todo o Holoceno, foi o quartzito. A utilização dos seixos era dada a partir de diferentes métodos, como a debitação antecipada (não predeterminada) ou fatiagem. A escolha do método a ser utilizado estava diretamente relacionada às morfologias, dimensões e volumes dos distintos seixos. O modo de produção das lascas, os métodos utilizados e a busca por matéria-prima e morfologias específicas do suporte indicaram uma singularidade no método de fatiagem, que ultrapassa a simplicidade de uma produção sem planejamento apresentada para outros setores do Brasil Central. Já o Abrigo Bibocas II, no vale do rio Jequitaiá, apresentou vestígios de produção de instrumentos variados unifaciais e bifaciais durante o Holoceno Médio. As matérias-primas, de boa qualidade para o lascamento (silexitos, quartzo), indicaram imagens mentais elaboradas e um bom controle do lascamento (Inizan *et al.*, 2017; Rodet *et al.*, 2007).

A partir de 7.600 A.P. é reconhecida a utilização de conchas de grandes gastrópodes como instrumentos, sobretudo do gênero *Megalobulimus* (Prous, 2007). As peças eram trabalhadas por lascamento de uma ou várias perfurações, e transformadas em plainas que poderiam ser eficientes para descascar ou regularizar varas de madeira (Prous, 2019). Acredita-se que a parte intacta da concha também poderia ser utilizada como polidor de madeira, prática

reconhecida em trabalhos etnográficos com indígenas Xikrin, Bororo e Guayaki (Prous; Pessoa Lima, 2019). Instrumentos em concha foram detectados na Lapa Vermelha IV, onde havia 60 exemplares de origem reconhecidamente antrópica (Laming-Emperaire, 1979). Em São José de Confins, alguns desses instrumentos foram encontrados com decorações avermelhadas e extremidades lascadas, formando plainas e goivas extremamente afiadas. Esse tipo de técnica também foi encontrado na Lapa Pequena de Montes Claros, em níveis com datações semelhantes aos outros locais (Bueno; Barbosa; Gomes, 2008; Prous, 2019). A indústria óssea é também observada nesse período, com uma grande diversidade de instrumentos e adornos. Eram utilizados dentes humanos ou de animais para confeccionar adereços e ossos e chifres de veado para a elaboração de raspadores e furadores (Prous, 2007).

Ainda que as datações de grafismos rupestres sigam associadas a uma elevada incerteza, existe a sugestão de que durante o Holoceno Médio teria ocorrido uma intensificação dessa prática em abrigos. Esse fenômeno é atrelado a uma marcada diferenciação regional no Brasil Central (Bueno; Isnardis, 2018). Tanto na região de Lagoa Santa, com datações de 5.120 ± 130 A.P. (Laming-Emperaire, 1979), quanto em Santana do Riacho, com datações de 2.000 A.P. (Prous; Baeta, 1992), ocorre a “Tradição do Planalto”, onde as imagens mais antigas costumavam ser representações de figuras zoomórficas, geralmente de veados (Bueno; Isnardis, 2018; Motta Baeta, 2011). A partir de 7.000 A.P., também é possível perceber uma expansão, com um aumento gradativo de complexidade, das pinturas geométricas e policrômicas atribuídas à Tradição São Francisco (Prous, 2007), principalmente nas paredes rochosas do vale do Peruaçu. Tanto no aspecto temático quanto no estilístico, a Tradição São Francisco se difere das figuras que dominam as rochas de outras localidades. Entre a arte rupestre da Serra do Cipó e Diamantina, no entanto, foi possível observar semelhanças na seleção de temas e mudanças estilísticas, pois ambas as regiões detinham conformidades nesses aspectos. Já a arte rupestre das zonas intermediárias entre Diamantina, Lagoa Santa, Serra do Cipó e Peruaçu apresentavam especificidades locais. As maneiras de escolher e combinar os temas compartilhados com essas primeiras áreas eram particulares, pois através da mescla de tipologias originais se construía organizações espaciais específicas (Bueno; Isnardis, 2018).

Ao mesmo tempo em que ocorre uma mudança na utilização dos abrigos rochosos, surge uma maior concentração de sítios de habitação e de áreas com esqueletos humanos próxima aos terraços dos rios (Bueno, 2005). A diminuição da presença de registro arqueológico em abrigos foi utilizada como pressuposto de que teria havido um abandono dessas regiões no período do Holoceno Médio. Contudo, há dados que demonstram que áreas como o Vale do Rio São

Francisco e do Rio Tocantins nunca deixaram de ser povoadas (Bueno, 2005; Bueno; Braga; Betarello, 2017; Bueno; Isnardis, 2018; Rodet *et al.*, 2007; Sousa *et al.*, 2015, 2020). A própria existência do sítio Caixa D'água, elemento central deste projeto, é também um forte indicador da manutenção desses locais (Prous, 2007). Esse cenário reflete a existência de uma visão ainda parcial acerca das ocupações humanas no Brasil Central durante o Holoceno Médio, uma vez que poucos sítios arqueológicos foram escavados, estudados e sistematicamente datados para esse período. Além disso, a relação entre a utilização dos abrigos rochosos e ocupação de áreas a céu aberto é ainda limitada para o Brasil Central e impede a formalização de hipóteses generalizadas sobre tais ocupações (Rodet, com. pessoal).

3. As práticas mortuárias no Brasil Central

3.1 O Holoceno Inicial

A análise de esqueletos humanos, quando em contexto, permite a compreensão de uma série de questões acerca da estrutura social e do modo de vida das sociedades passadas. Entre elas, o estudo das práticas mortuárias contribui para o conhecimento das relações humanas com a morte e com o indivíduo falecido. Apesar do papel fundamental dos esqueletos humanos, a boa condição, e até a presença deles, pode variar entre os contextos arqueológicos. As razões para isso são diversas e envolvem, desde a ação de agentes tafonômicos, até a própria natureza das práticas funerárias, que podem implicar na destruição dos ossos.

Em sítios arqueológicos do período inicial da colonização do continente sul-americano, a presença de remanescentes esqueléticos humanos é considerada rara (Bird, 1988; Dillehay, 2000). É somente após o início do Holoceno que a deposição de sepultamentos em espaços domésticos, ou em áreas especializadas, parece se tornar um hábito comum entre os primeiros americanos. Essa prática concedeu a alguns locais, cuja concentração de sepultamentos humanos antigos pôde ser confirmada, uma notoriedade dentro da Arqueologia. Na América do Sul, o Brasil Central vem sendo foco de estudos bioantropológicos justamente por essa excepcionalidade.

Em Lagoa Santa, região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais (MG), está registrado o maior número de sepultamentos antigos associados a grupos caçadores-coletores. Apesar dessa presença significativa de esqueletos humanos, pouco havia sido discutido sobre as práticas mortuárias desses grupos até recentemente. Seja por desinteresse, ou pelo uso de técnicas de registro ineficazes para o contexto fúnebre, a inexistência de trabalhos sobre o tema

formou um falso consenso de que, em Lagoa Santa, os rituais funerários eram simples e homogêneos (Strauss, 2014). Os sepultamentos, cuja complexidade estava inerente à prática, foram considerados perturbados ou desconexos. Ainda assim, as escavações em abrigos rochosos de Lagoa Santa resultaram num acúmulo considerável de remanescentes esqueléticos humanos. Em algumas ocasiões, esses sepultamentos foram parcialmente descritos. Contudo, a superficialidade desses registros impediu a compreensão total das práticas mortuárias atribuídas a esses indivíduos. Em escavações realizadas no Abrigo de Eucalipto, por exemplo, vários esqueletos humanos foram exumados, alguns ainda articulados devido às incrustações calcárias aderentes aos ossos. 14 desses indivíduos foram descritos apenas como em posição flexionada, com as mãos acima da cabeça e com pequenos blocos de pedra ou seixos rolados por cima, associados ao esqueleto (Walter, 1958).

Em 1970, foram exumados diversos esqueletos humanos, depositados em duas câmaras do abrigo da Lapa da Samambaia. Com descrições contextuais limitadas, quatro indivíduos foram encontrados na primeira câmara. Todos foram descritos como “deitados de lado”. Na segunda, foi escavado um pequeno monte correspondente a dois crânios pertencentes a dois esqueletos entrelaçados. Em cima, o crânio de uma criança de 6 ou 7 anos e, abaixo, o esqueleto de uma mulher idosa. Ao lado dos remanescentes, havia vestígios de uma fogueira com fragmentos de ossos de animais. Ao todo, 26 esqueletos humanos foram exumados na Lapa da Samambaia. 25 estavam com o crânio repousado em blocos de pedra preta (Bányai, 1996).

Na Lapa do Acácio, também escavada entre as décadas de 70 e 80, foram exumados quatro indivíduos localizados entre 20 e 30 cm de profundidade. Os esqueletos estavam muito fragmentados devido a intervenções humanas recentes que impactaram as sepulturas. Os indivíduos eram, em sua maioria, idosos. Apenas um dos esqueletos, coberto por um bloco de pedra, estava em condição quase intacta. Ele foi diagnosticado como do sexo biológico masculino, e foi sepultado acompanhado com uma ponta de lança verde clara próximo a cabeça (Bányai, 1996).

A partir dos anos 2000, com o desenvolvimento de novas pesquisas arqueológicas no Brasil e a descoberta de sítios na região, a visão sobre as práticas mortuárias de Lagoa Santa começa a mudar. Em escavações realizadas na Lapa das Boleiras, foi encontrado um sepultamento cujo tratamento envolvia a separação das diáfises e das epífises dos ossos longos do indivíduo. Apesar de se tratar de um único caso, esse tipo de manipulação do corpo indicou um cenário diferente daquele apontado para a região. A riqueza do registro fúnebre existente

em Lagoa Santa parecia ser incompatível com as caracterizações simples e expeditas encontradas na literatura até aquele momento (Strauss, 2014).

Com a descoberta do sítio arqueológico Lapa do Santo, ainda nos anos 2000, a diversidade das práticas funerárias em Lagoa Santa se tornou ainda mais evidente. O trabalho intensivo no sítio permitiu o desenvolvimento de um estudo detalhado das práticas mortuárias desses grupos. Os sete padrões funerários identificados foram sistematizados em três períodos arqueológicos (figura 1). Entre 10.600 A.P. a 10.300, foram exumados esqueletos do padrão 1, descritos como simples e articulados. Entre 9.600 A.P. a 9.400 A.P., há o padrão 2, com sepultamentos caracterizados pela manipulação *perimortem* e o subsequente enterramento dos ossos desarticulados de múltiplos indivíduos. Alguns esqueletos ainda estavam parcialmente articulados, mas com partes anatômicas faltantes devido à sua remoção intencional, realizada num momento anterior a decomposição dos tecidos moles. Esse padrão pôde ser notado na sepultura de número 26, reconhecida como o caso de decapitação mais antigo da América. O sepultamento era composto por um crânio articulado a mandíbula e a seis vértebras cervicais. Marcas de corte em formato de “v” foram observadas na mandíbula e nas vértebras. A mão direita foi amputada e depositada sobre o lado esquerdo da face, com as falanges distais apontando para o queixo. A mão esquerda, também amputada, foi colocada no lado direito do rosto do indivíduo, apontando a uma direção contrária à mão direita (Strauss *et al.*, 2015). Outros sepultamentos, também associados ao padrão 2, correspondem a covas preenchidas com ossos totalmente desarticulados e intencionalmente selecionados de dois ou mais indivíduos. Marcas de queima, corte, descarnamento, aplicação de pigmento vermelho e remoção intencional dos dentes também foram identificadas em alguns casos. Por fim, também associado ao Padrão 2, há sepultamentos compostos por ossos isolados com sinais de corte e queima (Strauss, 2010).

Entre 8.600 A.P. e 8.200 A.P. foi observada a presença de cinco padrões funerários na Lapa do Santo. O Padrão 3 é formado por esqueletos, depositados em covas circulares, e com ossos desarticulados de um único indivíduo. Os ossos longos geralmente apresentavam fraturas *perimortem*. O Padrão 4 inclui esqueletos cujos membros foram removidos. O Padrão 5 é caracterizado pelo enterro de um esqueleto completo desarticulado na forma de feixe. O Padrão 6 corresponde a sepultamentos cremados. Por fim, o Padrão 7 engloba os enterramentos em cova circular, com ossos desarticulados, cremados, com aplicação de pigmento vermelho e recobertos por blocos de quartzito (Strauss, 2010).



Figura 1 – Padrões funerários do sítio arqueológico Lapa do Santo. A) Sepultamento 1; padrão 1 B) Sepultamento 26; padrão 2 C) Sepultamento 6; padrão 3 D) sepultamento 3; padrão 4 E) Sepultamento 5; padrão 5 F) Sepultamento 8; padrão 6. G) Sepultamento 4; padrão 7 **Fonte:** Strauss, 2010

Além da Lapa do Santo, outros sítios arqueológicos na região de Lagoa Santa também tiveram a presença de sepultamentos humanos antigos confirmada. Entre eles, nos abrigos rochosos do complexo de Cerca Grande, foram encontrados diversos esqueletos humanos associados ao Holoceno Inicial. Em Cerca Grande 2, quatro sepultamentos foram exumados. A primeira sepultura era composta por uma série de pedras dispostas verticalmente no entorno da cova. O esqueleto estava muito fragmentado. Ainda assim, sua posição anatômica pôde ser inferida. O indivíduo estava fletido, com os joelhos próximos a face. O tronco havia sido torcido e os braços cruzados sobre o peito. Outro sepultamento, cujo indivíduo estava fletido, com os joelhos juntos ao crânio e a face voltada para baixo, também estava depositado em uma cova coberta por pedras. Um outro esqueleto, localizado em uma profundidade maior que os anteriores, também estava depositado em posição fletida. Contudo, a cobertura de pedras, depositada em volta da cova nos indivíduos anteriores, se encontrava na base do sepultamento (Da-Gloria et al., 2017: 305).

No abrigo Cerca Grande 5, foram encontrados cinco sepultamentos humanos. Para um deles, as informações a respeito de suas características não estavam disponíveis na literatura. Outro esqueleto (sepultamento 2) teve sua posição descrita como fletida, com o crânio e os joelhos agrupados em decúbito lateral esquerdo. Os ossos foram encontrados muito mineralizados e manchados de corante vermelho. Parte da cova estava circundada por blocos de pedra. Vestígios de uma estrutura de combustão foram descritas como associados à base do sepultamento. O terceiro sepultamento era composto por um indivíduo, depositado em posição fletida e sentada, com a cabeça entre os joelhos. A sepultura de uma criança também foi encontrada. Nenhum osso desse indivíduo estava em posição anatômica. Já o sepultamento 5 correspondia a um indivíduo adulto. Ele foi enterrado em posição fletida e com os joelhos próximos ao crânio (Hurt; Blasi, 1969).

Os sepultamentos do abrigo Cerca Grande 6 eram muito similares em suas descrições com aqueles depositados em Cerca Grande 5. Todos se tratavam de sepultamentos primários, simples e com os indivíduos em posição fletida. O sepultamento 4, em contraposição, foi enterrado sentado, com os joelhos junto à cabeça. Sobre a cova, havia uma “laje de calcário”. Fragmentos de casca de árvore foram encontrados e interpretados como uma possível oferenda associada ao sepultamento 4 (Hurt; Blasi, 1969). Já em Cerca Grande 7, foi exumado apenas um sepultamento. O indivíduo estava fletido, com os joelhos junto à cabeça e os braços cruzados acima da cintura. A cova estava recoberta e rodeada por grandes rochas (Strauss, 2010).

Na Lapa das Boleiras, com datações entre 8.420 A.P. e 7.560 A.P., foram identificados cinco sepultamentos. O sepultamento 1 estava próximo a superfície (a 10 cm de profundidade) e grande parte dos ossos estavam ausentes. Já o sepultamento 2 foi encontrado abaixo de 1,35 metro de sedimentos. O esqueleto de um adolescente estava deitado posição fletida, em decúbito lateral e com cabeça junto aos joelhos (Hurt; Blasi, 1969). O terceiro indivíduo sepultado estava em uma profundidade de 20 cm, disposto em uma cova circular de 30 cm de diâmetro. Circundando a região sul da sepultura, havia uma concentração de carvão. O sepultamento, secundário, era formado por ossos longos, ordenados lado-a-lado, e posicionados dentro do crânio do indivíduo. A face, desarticulada do crânio, estava localizada na margem dos ossos. O restante dos remanescentes estava disposto mais abaixo, ao redor do crânio e dos ossos longos. Sobre os ossos, foi observada a utilização de pigmento vermelho (ocre) e marcas de quebra intencionais. A epífise proximal da ulna esquerda foi removida por corte. Alguns

fragmentos de ossos longos foram utilizados como espátula para espalhar o pigmento vermelho sobre a superfície óssea (Araújo & Neves, 2010:192).

O sepultamento 4 da Lapa das Boleiras corresponde a um esqueleto incompleto. Apenas os ossos das regiões do joelho e do pé estavam presentes. A sepultura foi parcialmente perturbada por um buraco de tatu. Ainda assim, os ossos presentes e em contexto indicaram que o indivíduo parecia estar em posição anatômica, classificando-o como um sepultamento primário. Os remanescentes foram encontrados acerca de 30cm abaixo da base do sepultamento 3, e a 60 cm da superfície. O sepultamento 5 também estava em um contexto bastante perturbado. Havia poucos ossos presentes e, por esse motivo, sua caracterização fúnebre não pôde ser definida. Ao sul da Lapa das Boleiras, em um pequeno abrigo, denominado de Boleiras 2, outro esqueleto foi exumado. O sepultamento 1 era composto por um indivíduo articulado, com exceção dos ossos longos e do crânio, que não foram encontrados. A oeste da sepultura, havia uma estrutura de blocos de calcário, enquanto a norte e a sul, blocos de brecha (Araújo; Neves, 2010).

Ainda que a área cárstica de Lagoa Santa apresente a maior concentração de sepultamentos humanos antigos, outras localidades do Brasil Central também se destacam pela presença de esqueletos do Holoceno Inicial. No sítio arqueológico Loca do Suim, em Pains – MG, dois sepultamentos humanos, com idades entre 8.400 A.P. e 8.160 A.P. foram exumados. Ambos estavam muito fragmentados. Durante a curadoria, se constatou a presença de ossos de quatro indivíduos (um adulto masculino e um feminino, além de duas crianças) no sepultamento 1. Os ossos do indivíduo feminino haviam sido cremados, enquanto para os outros remanescentes, a utilização do fogo não foi observada. Para o sepultamento 2, foi constada a presença de apenas um indivíduo, mas não há informações a respeito de seu contexto fúnebre.

O sítio arqueológico Santana do Riacho está localizado fora da formação cárstica de Lagoa Santa, a norte. Ainda assim, ele é reconhecido como uma extensão arqueológica dessa região. Nas escavações, foram exumados 28 sepultamentos contendo, aproximadamente, 44 indivíduos (Junqueira, 1992). Todos foram datados entre 9.500 A.P. e 8.200 A.P., com exceção de um indivíduo sepultado entre 11.000 A.P. e 10.000 A.P (Prous, 1992:22). Entre os esqueletos, 39 indivíduos foram diagnosticados quanto ao sexo e idade. Entre eles, 21 adultos (sendo 9 masculinos, 8 femininos e 4 indeterminados) e 18 subadultos. Os corpos foram enterrados em covas rasas, preenchidas com sedimentos e cinza de fogueiras. Muitas vezes, os carvões e as cinzas ainda estavam quentes, causando marcas de queima em alguns ossos. O topo das sepulturas foi preenchido com cascalho e blocos de quartzito. Os indivíduos foram

depositados no entorno de um grande bloco ($\pm 3 \times 2 \times 1$ metros) que desabou do teto do abrigo há cerca de 11.000 A.P. (figura 2). Apenas quatro sepultamentos (3, 9, 16 e 20) não foram enterrados ao redor desse grande bloco. Ainda assim, dois deles (16 e 20) estavam próximos a outras estruturas similares presentes no sítio. A grande densidade de esqueletos nessa área fez com que vários enterros fossem perturbados à medida que os sepultamentos mais recentes eram depositados. Quando isso acontecia, os ossos descontextualizados eram colocados no topo da nova sepultura. Essa prática fez com que a relação espacial e temporal entre os diversos sepultamentos, tanto na vertical, quanto na horizontal, não fosse clara (Neves *et al.*, 2003).

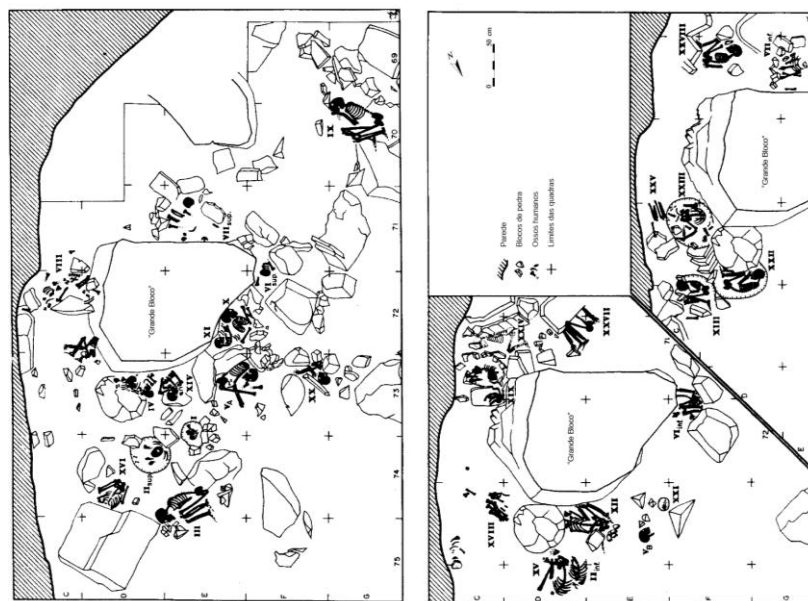


Figura 2 - Sítio arqueológico Santana do Riacho 1. Três momentos de escavação, onde é possível identificar a localização dos sepultamentos exumados. **Fonte:** Neves & Prous, 2003.

A presença de acompanhamentos funerários variou entre os sepultamentos. Enquanto alguns indivíduos não apresentavam acompanhamentos funerários, outros exibiam vários itens associados a eles. Os itens variavam entre colares de contas de madeira e ferramentas líticas, como martelos, brocas manchadas de vermelho ou amarelo, raspadores e flocos de quartzo. Instrumentos ósseos eram raramente utilizados como acompanhamento funerário. Apenas três fragmentos de ponta de osso (sepultamento 4), dois fragmentos de espátula em osso (sepultamento 2) e um fragmento de anzol de pesca (sepultamento 18) foram documentados.

Todos os indivíduos foram enterrados em posição fletida e em decúbito lateral. Alguns adultos provavelmente foram enrolados em redes antes de serem depositados. No sepultamento 16, o esqueleto é descrito com as costelas e a perna direita parcialmente envolvidas em um tecido fabricado pela técnica de entrelaçamento (Lara; Moresi, 1991). O corpo do(a) jovem de

12 anos foi enterrado com uma dúzia de contas vegetais perfuradas que rodeavam a frente do corpo, na altura da bacia. Um pedaço de entrecasca estava acima da mesma região. Nele, havia os restos mortais de um perinatal banhado em pigmento vermelho. Apesar de esse sepultamento ser associado a uma datação antiga de 8.000 A.P., materiais perecíveis como madeira, segundo as descrições (Prous, 1992:51), parecem ter se conservado. A preservação desse tipo de material nesse período, no entanto, é considerada rara. Por se tratar de um contexto de difícil escavação, com perturbações e sobreposições de camadas causadas pelos próprios habitantes do sítio, a associação de materiais perecíveis a um período mais antigo pode ter sido equivocada.

Apesar da presença de sepultamentos humanos antigos em outras áreas do Brasil Central, a importância da região de Lagoa Santa para o entendimento do universo fúnebre do Brasil Central durante o início Holoceno Inicial se destaca na atualidade. Isso porque, a partir do estudo sistemático de sítios arqueológicos como a Lapa do Santo, foi possível observar a grande diversidade de práticas funerárias dos grupos desse período. Essa variedade de rituais mortuários se contrapõe à ideia de enterramentos simples e expeditos associados a essas sociedades na literatura. Ainda que não se caracterizem como um padrão generalizado no Brasil Central durante o Holoceno Inicial, algumas práticas de enterramento em Lagoa Santa são comuns entre os diversos sítios da região. Além de a utilização de abrigos rochosos como locais de deposição dos mortos parecer um hábito comum nesse período. A ausência de acompanhamentos funerários e o tratamento do corpo como parte central do ritual fúnebre também são padrões que se repetem entre os sítios. Tanto na Lapa do Santo, quanto na Lapa das Boleiras, por exemplo, a separação da diáfise e da epífise de ossos longos foi uma prática observada nos sepultamentos. Além disso, padrões de marca de corte e descarnamento similares também parecem terem sido difundidas em Lagoa Santa. Essa similaridade entre os diferentes sítios arqueológicos sugere a existência de uma possível “unidade” cultural/simbólica na região. Análises de Estrôncio ($^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$) realizadas em indivíduos de Lagoa Santa também indicaram uma unidade geográfica e uma mobilidade local para esses grupos. Já em Santana do Riacho, considerada uma extensão arqueológica de Lagoa Santa, as análises de Estrôncio ($^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$) dos indivíduos indicaram uma assinatura isotópica diferente daquela observada em Lagoa Santa. Além disso, o padrão de mobilidade e obtenção de recursos também era limitada a áreas locais (Gomes, 2020).

No universo fúnebre, os sepultamentos localizados nos abrigos de Santana do Riacho parecem ter características que se distanciam daquelas observadas no carste de Lagoa Santa. Contudo, a ausência de descrições precisas das sepulturas impede a confirmação dessa hipótese.

Ainda assim, em Santana do Riacho as práticas mortuárias parecem se utilizar de outros componentes que vão além do corpo do indivíduo falecido, como o uso acompanhamentos funerários, por exemplo. Já em Lagoa Santa, os sepultamentos são caracterizados pela ausência de uma arquitetura monumental e/ou de ricos acompanhamentos funerários. A elaboração dos rituais fúnebres estava associada à manipulação dos cadáveres e à reorganização dos ossos em arranjos secundários (com exceção dos sepultamentos primários, mais antigos). Assim, se pode sugerir que, durante o Holoceno Inicial, os grupos que habitavam a região de Lagoa Santa utilizavam o próprio corpo do indivíduo falecido como um agente simbólico (Strauss, 2016).

3.2 O Holoceno Médio

Ao contrário do que se observa no Holoceno Inicial, que na última década tem recebido grande ênfase no estudo das práticas funerárias (vide Strauss, 2010, 2012, 2016; Strauss et al., 2020), no Holoceno Médio esse conhecimento é limitado para a maioria dos contextos do Brasil Central (Bueno; Isnardis, 2018). Isso se dá, principalmente, devido à existência de poucos sítios datados deste período. Apesar disso, é reconhecido que havia, durante o Holoceno Médio, uma grande variação de rituais funerários entre as regiões do Brasil Central (Prous, 2007).

Em sítios arqueológicos como a Lapa do Boquete (Minas Gerais – MG), os grupos humanos mantiveram a sua prática do enterramento, geralmente do corpo inteiro, em covas alojadas em abrigos rochosos (Prous, 2007). Na Lapa do Boquete, o grau de conservação dos depósitos funerários era consideravelmente alto. A maior parte dos sepultamentos exumados aparentavam estar articulados, fletidos ou hiperfletidos e com a presença constante de pigmentos vermelhos ou amarelos (Prous; Schlobach, 1997). Seis indivíduos foram exumados de uma área de 55m² (figura 3). Os esqueletos estavam associados a dois momentos de ocupação. Um pré-cerâmico (entre 7.000 A.P. e 4.400 A.P.) e outro cerâmico (entre 2.700 A.P. e 520 A.P.).

Os sepultamentos I, II e VI estavam associados ao período mais antigo e serão aqui descritos. IV e V, por estarem relacionados a datações do Holoceno Final, serão apresentados no próximo tópico. O sepultamento I era composto por um indivíduo do sexo masculino e de idade entre 35 a 39 anos. O esqueleto foi depositado em uma cova de cerca de 70 cm de diâmetro e 30 cm de profundidade, forrada com vários blocos de calcário. O corpo, articulado, estava em decúbito dorsal, com os membros fletidos. A cabeça estava orientada a noroeste e a bacia a sudeste. Um quebra coco estava depositado acima do tórax do indivíduo, enquanto outras peças,

uma delas pintada de vermelho, recobriam o crânio (Strauss, 2014). O sepultamento II correspondia a uma criança recém-nascida. A cova tinha formato oval e tinha 25 cm de profundidade. O esqueleto, ainda que de um indivíduo subadulto, estava bem preservado. O corpo estava articulado e em posição fletida, em decúbito dorsal. O braço direito estava dobrado acima do corpo, enquanto o esquerdo estava reto ao lado da perna esquerda. Um colar de contas minúsculas de osso, coberto por pigmento vermelho, rodeava o pescoço. A parte inferior da cova foi completamente preenchida por pigmento amarelo. O sepultamento VI se trata de um enterramento de uma criança de idade estimada entre 18 meses. O esqueleto estava completo e bem preservado, tendo sido depositado em uma cova de 80 x 40 cm e com profundidade de 29 cm. A criança foi depositada em posição estendida, em decúbito ventral, com os pés cruzados. Os braços estavam dispostos ao longo do corpo, com uma das mãos repousando sobre a perna direita e a outra na perna esquerda. A cabeça estava virada para oeste. Restos de fibras vegetais foram encontradas em associação com esqueleto. Pigmentos amarelos forravam as laterais da cova e as pernas, o tronco e a cabeça do indivíduo (Prous; Schlobach, 1997).

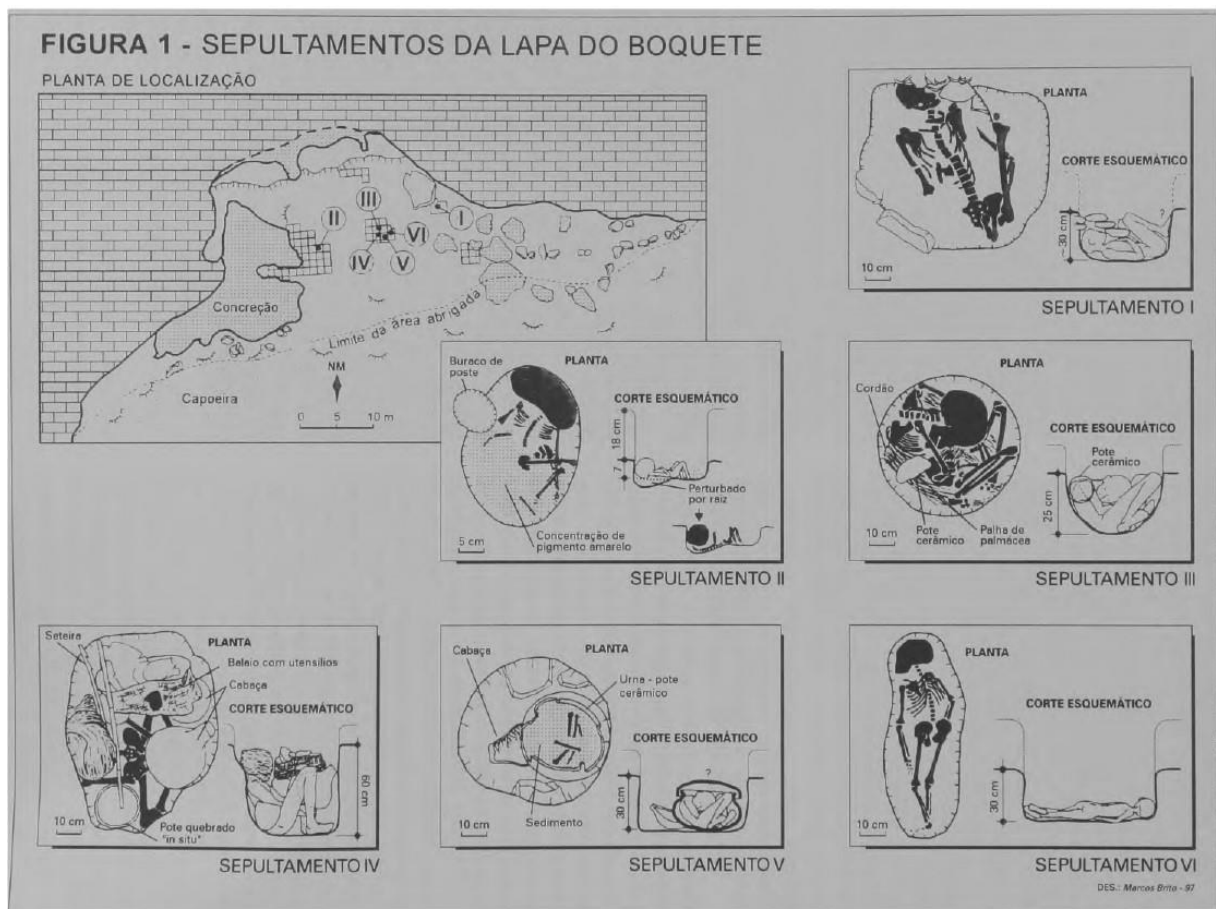


Figura 3 - Sítio arqueológico Lapa do Boquete. Localização e caracterização dos sepultamentos. **Fonte:** Prous & Schlobach, 1997.

Na Gruta do Gentio (noroeste de Minas Gerais), a utilização dos abrigos para deposição dos falecidos também se manteve, embora os corpos fossem primeiramente cremados e posteriormente depositados. O sítio apresentava muitos sepultamentos em seu interior. Em um primeiro momento se acreditava que esses enterramentos correspondiam a ocupações antigas do sítio por caçadores-coletores (Strauss, 2014). Contudo, Sene (2007) averiguou que todos os sepultamentos foram realizados por grupos ceramistas e apresentam uma datação muito mais recente do que aquela que lhes fora atribuída anteriormente (3490 ± 120 A.P. até 410 ± 60 A.P.).

Na região Nordeste do Brasil, há a presença de sepultamentos datados do Holoceno Médio em alguns sítios arqueológicos. Em Buíque (Pernambuco – PE), um abrigo escavado por Marcos Albuquerque na década de 70 (PE-91-Mx), apresentou enterramentos associados a esse período. Os sepultamentos, primários, estavam depositados em covas forradas com fibras trançadas. Alguns crânios foram cobertos com uma espécie de cesta ou coifa, do mesmo material. Essa prática, datada em 6.000 A.P., se tornou generalizada nos períodos posteriores ao Holoceno Médio (Martin, 2013).

Os enterramentos do sítio arqueológico Toca do Enoque (Piauí – PI) indicaram um investimento fúnebre equivalente entre os indivíduos adultos, crianças e recém-nascidos. O sepultamento primário de um feto, por exemplo, fazia parte uma complexa área funerária coletiva datada do Holoceno Médio (6.220 ± 50 A.P. a 6.610 ± 40 A.P.). O esqueleto do prematuro foi depositado com uma série de objetos e com um elaborado tratamento funerário, similar ao dos outros indivíduos (um sub adulto e um adulto) depositados na mesma vala (Solari *et al.*, 2020).

No cemitério da Pedra do Alexandre, há a evidência de depósitos funerários a partir do Holoceno Inicial. As duas sepulturas que registram o ritual funerário mais complexo, entretanto, são datadas do Holoceno Médio (entre 4.000 A.P. e 4.700 A.P.). Um dos sepultamentos era secundário, com restos de até quatro indivíduos, sendo dois adultos e duas crianças. Os ossos foram pintados com pigmento vermelho e ordenados em uma cova forrada com laje plana horizontal e delimitada por blocos verticais. O segundo sepultamento, primário, era de um indivíduo jovem, masculino, em posição fletida. Sobre o tórax foi colocada uma laje oval de pedra e o pescoço adornado com um colar de ossos de cervídeo (Martin, 2013).

O sítio arqueológico Justino (Sergipe – SE) desempenha um importante papel para o entendimento das práticas mortuárias durante o Holoceno Médio. Uma série de sepultamentos (em torno de 200 indivíduos) foram depositados no sítio, situado no alto de um terraço que

domina o rio São Francisco. Considerada uma grande necrópole, a área foi utilizada por diversos grupos humanos para a deposição de seus mortos ao longo de boa parte do Holoceno. O complexo é formado por quatro setores. O cemitério A referente a populações ceramistas semi-sedentárias com datações entre 2.530 ± 70 A.P. e 1.280 ± 45 A.P. O cemitério B, com datações entre 3.270 ± 135 A.P. e 2.650 ± 150 A.P., também de ocupações ceramistas. O cemitério C, com datas do Holoceno Médio (entre 5.570 ± 70 A.P. e 4790 ± 80 A.P.) e com sepultamentos de grupos cerâmicos. O cemitério D apresentou as datações mais antigas do sítio (8.950 ± 70 A.P.) e estava associado a ocupações de caçadores-coletores (Vergne, 2005).

No cemitério C, datado para o Holoceno Médio, um total de 32 indivíduos foram exumados. Embora correspondam a uma ocupação cerâmica, os sepultamentos parecem ocorrer no período de transição do pré-cerâmico para o cerâmico. Esses enterramentos eram, em sua maioria, primários e simples (figura 4). Os corpos estavam depositados em posições variadas, como em decúbito lateral direito, esquerdo, dorsal com os membros inferiores fletidos e fetal. Cerca de metade dos indivíduos encontravam-se estendidos e em decúbito lateral esquerdo (Vergne, 2002:269). Em menor quantidade, os sepultamentos secundários continham os restos esqueléticos de mais de um indivíduo, geralmente de um ou mais adultos e uma criança. Os ossos eram cuidadosamente arrumados em torno do crânio e, em alguns casos, cortados e polidos (figura 5) antes de serem depositados (Simon; Carvalho, 1999; Vergne, 2007).

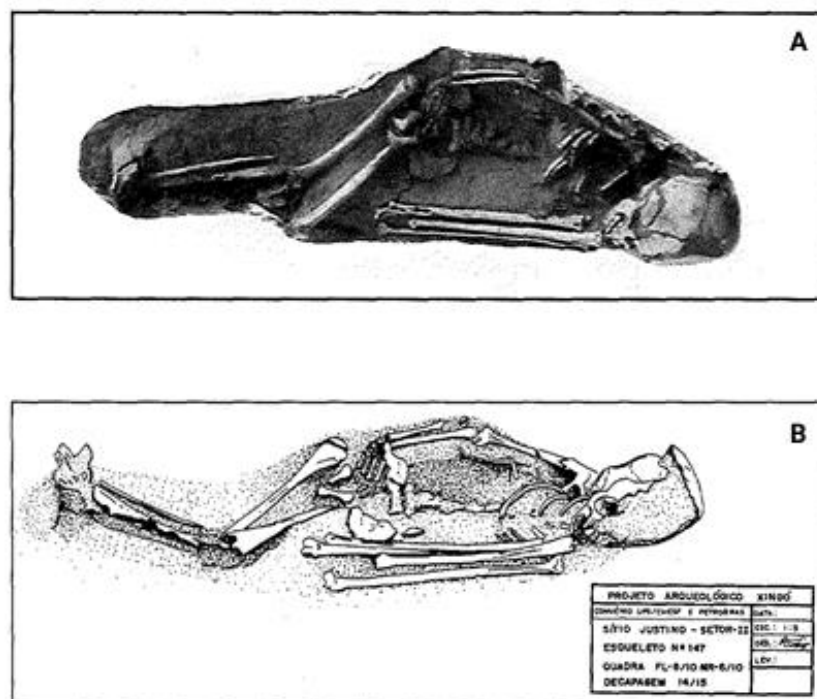


Figura 4 - Sepultamento do sítio arqueológico Justino. Esqueleto n° 147. A) imagem do esqueleto in situ. B) desenho do esqueleto mostrando detalhes das posições dos ossos. **Fonte:** Simon e Carvalho, 1999.



Figura 5 - Fragmentos ósseos do sepultamento 83 do sítio arqueológico Justino. A) foto mostrando os ossos cortados e polidos provenientes da sepultura secundária. B) desenho dos ossos apresentados na imagem A, destacando as marcas de corte e polimento. **Fonte:** Simon e Carvalho, 1999.

Em regiões como Lagoa Santa, é notado o desaparecimento de práticas comuns de enterramento durante o Holoceno Inicial. A presença de sepultamentos humanos em abrigos rochosos, por exemplo, desaparece com o início do Holoceno Médio. Até então, não há confirmação sobre qual destino esses grupos davam aos corpos dos indivíduos falecidos nesse período. Duas hipóteses foram propostas para explicar o fenômeno. A primeira sugere que esse registro pode ter sido destruído de forma voluntária (exposição, cremação completa) ou natural (enterrados a céu aberto). A outra possibilidade está relacionada a teorias de abandono dessa região durante o Holoceno Médio. Sob tal perspectiva, os indivíduos que ocupavam essas áreas passaram a habitar outros espaços e, por consequência, os locais de deposição dos mortos também foram alterados.

3.3 O Holoceno Final

O Holoceno Final no Brasil Central é marcado por uma série de transformações técnico-culturais que se estabeleceram na região ao longo desse período, como o desenvolvimento da horticultura, das tradições cerâmicas e das mudanças nos modos de assentamento. Dentro do universo fúnebre, uma grande diversidade de práticas mortuárias, tanto nos modos de enterramento, quanto na utilização de componentes além do corpo sepultado, pôde ser observada. Além disso, alguns casos se destacam pela complexidade e energia investida no

ritual fúnebre. Apesar da quantidade significativa de sepultamentos humanos, poucos estudos bioarqueológicos – quando comparado com contextos do Holoceno Inicial – foram desenvolvidos com esses esqueletos.

É reconhecido que grande parte dos sepultamentos recentes no Brasil Central estão associados, em sua maioria, a grupos horticultores das tradições cerâmicas Una/Aratu. O maior cemitério da tradição Una foi encontrado na Lapa do Gentio II, em Unaí – Minas Gerais. Foram escavados 69 sepultamentos, com em torno de 138 indivíduos enterrados e datados entre 350 A.P. e 500 A.P. Cerca de 80% dos enterramentos eram primários, podendo ser simples ou múltiplos. Os esqueletos foram encontrados majoritariamente semifletidos. Os indivíduos foram enterrados sob leitos de folhas e fibras vegetais, rodeados ou não por rochas de diferentes tamanhos. Os corpos estavam envolvidos em esteiras de palha ou de couro de animais. Como acompanhamento funerário, cabaças simples ou decoradas, restos vegetais, cerâmicos, faunísticos e colares foram encontrados. No enterramento de uma mulher adulta, o esqueleto de um papagaio foi depositado abaixo dos pés (Machado *et al.*, 1982; Sene, 2007). No sepultamento 10 (figura 6), havia o corpo de uma pequena múmia natural de uma jovem de aproximadamente 12 anos, datada em 3.350 A.P. Ela foi sepultada em uma prateleira natural da caverna, com diversos acompanhamentos funerários. As pernas e os braços estavam envolvidos em colares de semente e um arco atravessava o ombro esquerdo. O corpo repousava em uma fina rede de algodão e, acima do esqueleto, o couro de um veado fechava a sepultura.

Enterramentos secundários foram encontrados na Lapa do Gentio II, mas em menor quantidade quando comparado com primários. Os sepultamentos correspondiam a pequenos depósitos, com ossos misturados ou dispersos de um ou mais indivíduos, predominantemente crianças. No enterramento 11, havia ossos pintados, muitos quase totalmente recobertos por ocre, de um adulto jovem e duas crianças. Como acompanhamento funerário, foi descrita a presença de um caco de cerâmica, de um enorme colar de sementes, restos vegetais e de parte de um possível invólucro de tecido vegetal. No caso de sepultamentos cremados, os ossos de vários indivíduos eram empilhados em um único monte (Machado *et al.*, 1982; Prous, 2019).



Figura 6 – Imagem da escavação do sepultamento 10 do sítio arqueológico Gruta do Gentio II. É possível observar o esqueleto parcialmente mumificado com o vasto acompanhamento funerário. **Fonte:** Sene, 2007.

Na região do Vale do Peruaçu, foram identificadas quatro estruturas funerárias no sítio arqueológico Lapa do Caboclo. Os sepultamentos datados entre 1.220 ± 40 A.P. e 680 ± 50 A.P. foram atribuídos a grupos horticultores. Apesar de serem costumeiramente associados a grupos ceramistas, não há a presença de vestígios desse material no sítio. O padrão funerário no sítio foi considerado bastante peculiar, onde a presença de vestígios vegetais e faunísticos como acompanhamentos funerários foi extremamente significativa (Isnardis, 2009).

No sepultamento I da Lapa do Caboclo, o esqueleto secundarizado de uma criança foi depositado dentro de um recipiente cilíndrico de paredes formadas por cascas de árvore (figura 7). As extremidades da sepultura estavam cobertas por couro (a norte) e por palha (a sul). O crânio, bastante fragmentado, estava disposto na parte sul da estrutura. Na porção central do recipiente repousavam ossos da costela, escápula e vértebras. Na extremidade norte, estavam depositados os ossos longos. Na região meridional, os ossos estavam embaralhados e encaixados um nos outros. (Solari; Isnardis; Linke, 2012). Os remanescentes foram imergidos em pigmento vermelho antes da deposição na sepultura. Duas costelas do indivíduo

apresentaram estrias acentuadas e marcas de desgaste nas bordas e faces. Essa característica demonstrou que os ossos foram limpos com a utilização de instrumentos de corte/raspagem. No sedimento associado ao esqueleto, foi observada a presença de penugens que poderiam compor o sepultamento (Isnardis, 2009).

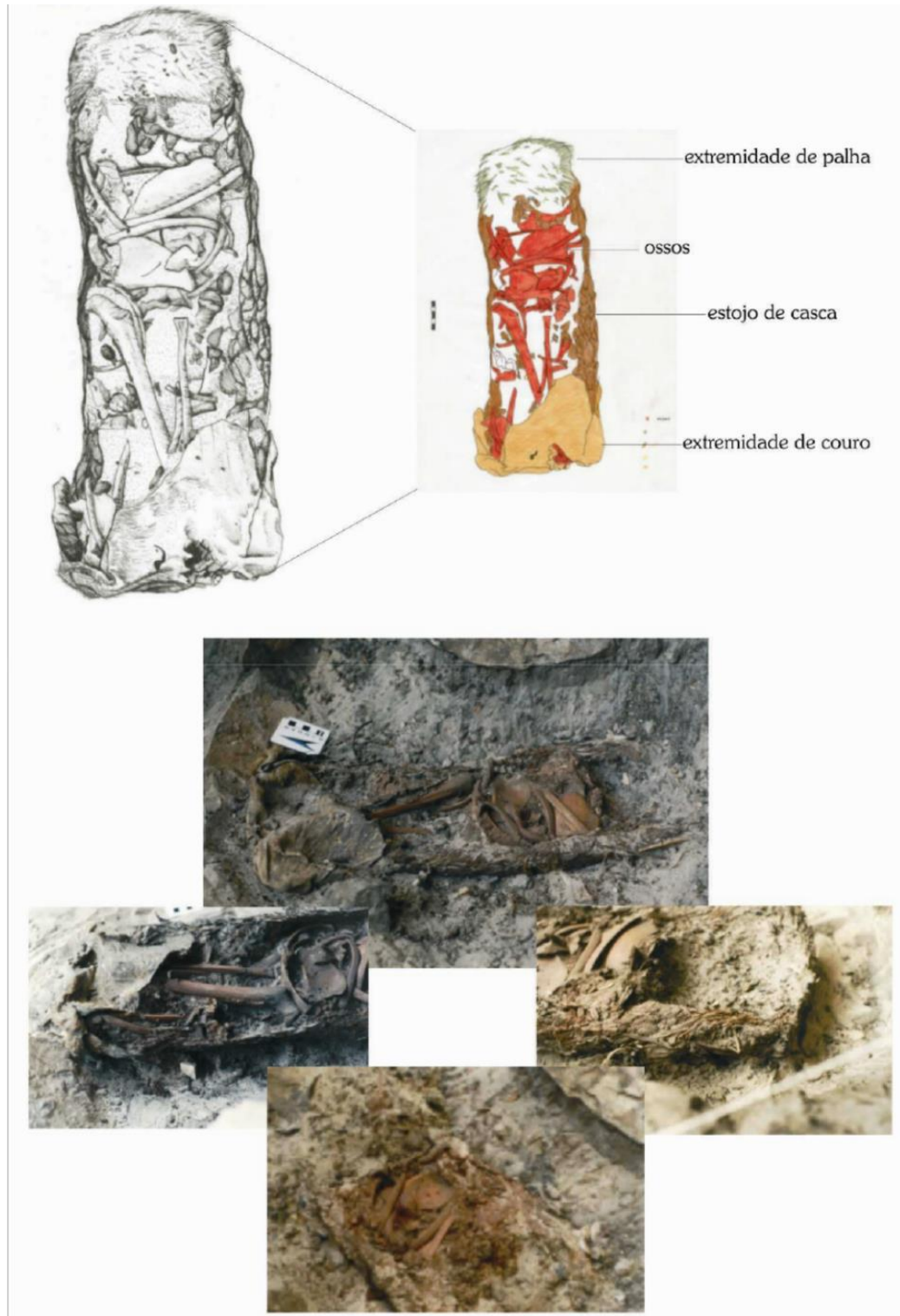


Figura 7 – Etapas de escavação do sepultamento I da Lapa do Caboclo. **Fonte:** Solari et al., 2012.

O sepultamento II de Caboclo foi encontrado no mesmo nível estratigráfico de I. A organização da estrutura sepulcral também era similar. Os ossos estavam dispostos fora da ordem anatômica, dentro de um estojo de casca de árvore. Uma peça de couro repousava sob a casca. Limitando a parte norte da estrutura, havia um bloco de quartzito com cerca de 20 cm de diâmetro. Os ossos longos foram depositados no estojo sob uma relação simétrica com o eixo longitudinal da estrutura. No centro, os dois fêmures estavam cruzados, com os úmeros posicionados ao lado e acima de cada um deles. As duas tíbias estavam posicionadas junto à casca (figura 8). A utilização de pigmento vermelho também esteve presente no sepultamento II. Contudo, a coloração era menos intensa e não se encontrava distribuída com a mesma homogeneidade observada no sepultamento I. Resina ou cera avermelhada foi empregada em vários ossos. Na epífise de um dos fêmures e no crânio, ela foi utilizada para “colar” penas de ave que estavam justapostas nessas regiões (Solari; Isnardis; Linke, 2012).



Figura 8 – Etapas de escavação do sepultamento II da Lapa do Caboclo. **Fonte:** Solari et al., 2012

Os sepultamentos III e IV da Lapa do Caboclo foram encontrados significativamente degradados, o que impossibilitou uma descrição precisa como a apresentada para os indivíduos de I e II. Ainda assim, foi possível observar os quatro sepultamentos apresentavam os mesmos elementos básicos. Tanto em III, quanto em IV, os indivíduos foram depositados, em posição não anatômica, dentro de um estojo de casca de árvore (figura 9). Ambos os sepultamentos foram alvo de ação destrutiva de cupins (Solari; Isnardis; Linke, 2012).



Escavação dos sepultamentos III e IV, num momento de sobreposição das fossas



Escavação dos sepultamentos III e IV, com as fossas individualizadas



Sepultamento IV, em dois momentos da escavação.

base da estrutura de casca de árvore, após a remoção do conteúdo

Figura 9 – Etapas de escavação dos sepultamentos III e IV da Lapa do Caboclo. **Fonte:** Solari et al., 2012.

Na Lapa do Boquete (Minas Gerais – MG), dois sepultamentos (IV e V) são indicados como possivelmente associados ao Holoceno Final. O sepultamento IV estava depositado em uma grande cova subcircular aberta onde, ao redor, haviam vários “silos” enterrados. O esqueleto de um adulto de sexo biológico masculino foi encontrado com os ossos em posição anatômica. A cabeça estava envolta por uma estrutura trançada de palha de palmeiras. Na base do sepultamento, foram jogados grânulos de pigmento vermelho. O fundo e a parede ocidental foram forrados por pecíolos de palmeiras. O corpo estava parcialmente mumificado por conta das condições ambientais. O indivíduo foi depositado sentado, com as costas em contato com a parede ocidental da cova. As pernas estavam fletidas e abertas, com os pés juntos embaixo da bacia. As mãos repousavam sob o púbis. Uma delas estava segurando um anel de fibras vegetais. A cabeça foi envolta em uma espécie de cesto emborcado. Pedacos de entrecasca foram postas sob os braços e o tórax (Mendonça de Souza *et al.*, 2009).

Uma série de elementos rodeavam o esqueleto do sepultamento IV. No fundo da foça, foram depositados grânulos de pigmento vermelho. Um pote de cerâmica da Tradição Una foi colocado a direita do corpo. Na frente do esqueleto, havia uma enorme cabaça e, do lado esquerdo, outras três de tamanho mediano. Acima da cova, foi colocada uma palma inteira de coqueiro. Como acompanhamento funerário, também foram depositados um estojo de instrumentos e fragmentos de madeira interpretados como um possível arco e flechas (figura 10).

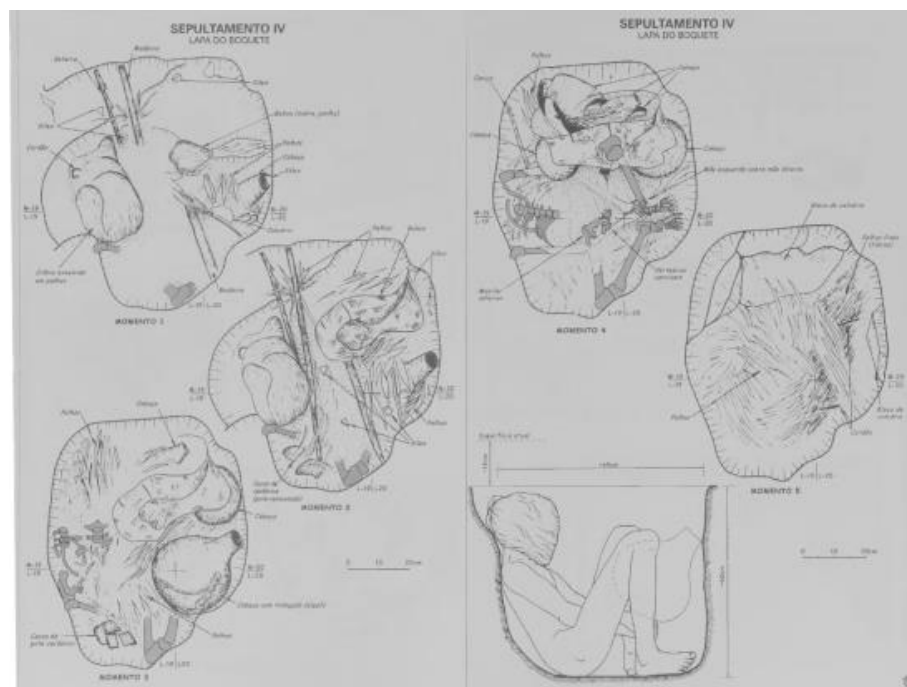


Figura 10 – Sepultamento 4 da Lapa do Boquete. Figuras ilustrativas dos estágios de exumação do sepultamento e respectivas disposições dos elementos na estrutura. **Fonte:** Prous & Schlobach, 1997.

O sepultamento V da Lapa do Boquete foi estimado em uma antiguidade entre 800 A.P. e 600 A.P. O esqueleto era de uma criança de poucos meses de vida, e estava em condições de excelente preservação. A cabeça do indivíduo foi enfeitada com penugens brancas e com um colar de contas encontrado na região do tórax. O corpo foi depositado em posição fletida dentro de um pote de cerâmica e enterrado em uma fossa de 60 cm de diâmetro. A urna estava envolta por cintas vegetais. A oeste da peça, foram depositados uma cabaça, um ornamento floral, sementes de cana-de-açúcar e um objeto de fibras.

Na Lapa do Malhador, alguns sepultamentos femininos foram depositados sobre folhas de palmeiras, contendo grandes quantidades de pigmento vermelho. Os corpos, hiperfletidos, estavam com as mãos amarradas e com a cabeça envolta por fibras vegetais. Como acompanhamento funerário, foram encontrados quebra-cocos, instrumentos ósseos e conchas de gastrópodes. Alguns indivíduos eram ainda acompanhados por esqueletos de animais, como cobras e papagaios. O corpo de uma criança, datada em 810 A.P., também foi encontrado sepultado na Lapa do Malhador. O enterramento primário foi depositado em uma cova arredondada e forrada por camadas de vegetais. A criança foi depositada sentada, hiperfletida, com os braços fletidos sobre o corpo. A cova foi recoberta por uma capa de fibras, envolvendo também o corpo do indivíduo (Prous; Schlobach, 1997).

Por fim, sepultamentos humanos associados a Tradição Aratu na Bahia foram descritos com características bastante peculiares, com concentrações de grandes campos de urnas funerárias (Fernandes, 2017). No sítio Praça de Piragiba, em Muquém do São Francisco, oeste da Bahia, foram exumados diversos sepultamentos. Poucas datas foram obtidas para esse contexto, mas duas datações radiocarbônicas parecem indicar uma ocupação de 870 A.P. Dos 64 enterramentos escavados, oito se tratavam de um sepultamento simples cujo corpo estava em contato com o solo e apenas a cabeça protegida por uma tigela cerâmica (figura 11). A maior parte dos sepultamentos, entretanto, eram depositados em urnas funerárias. Sobre a abertura do recipiente, era colocado outro vaso ou um grande fragmento de urna. Em conjunto com o morto, eram postos vários acompanhamentos funerários, como ornamentos, ferramentas e restos faunísticos. Nas urnas de infantes, não foram encontrados objetos associados (Fernandes, 2003).

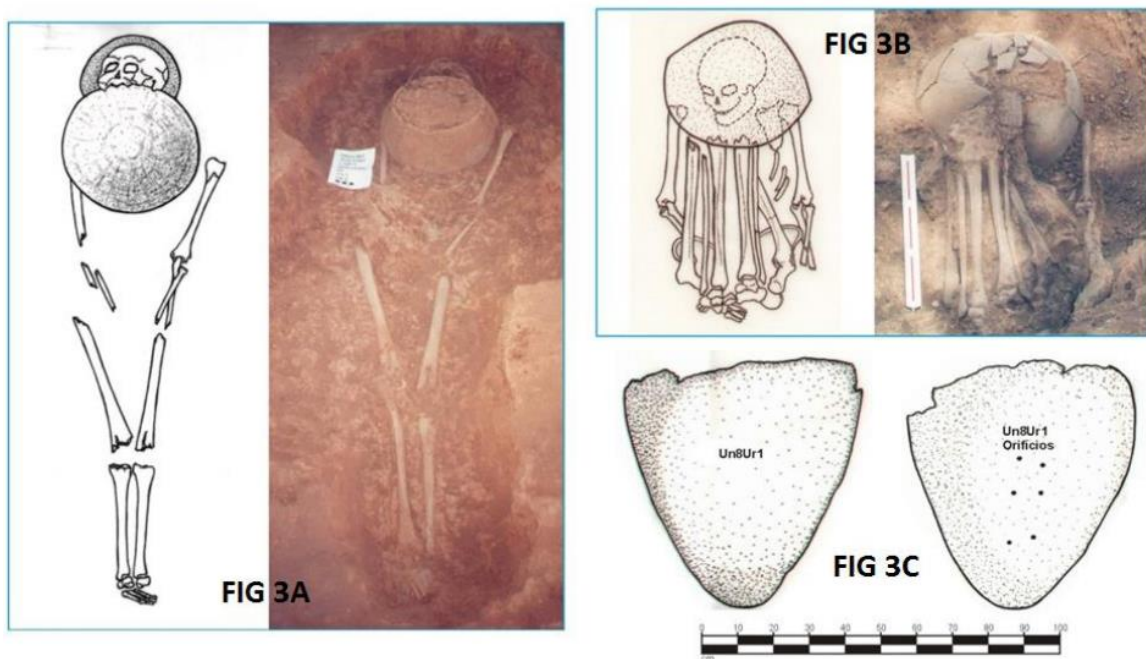


Figura 11 – Sepultamentos do sítio arqueológico Praça de Piragiba. A) sepultamento s/n° em decúbito com a cabeça protegida por cerâmica. B) sepultamento s/n° fletido com a cabeça protegida por cerâmica. C) representação de uma urna funerária onde eram depositados os esqueletos. **Fonte:** Fernandes, 2017.

4. A Arqueologia das Práticas Mortuárias: o desenvolvimento teórico da disciplina

O pressuposto de que remanescentes humanos, quando em contexto, podem conter informações relevantes para as interpretações arqueológicas não é recente (Brown, 1971; Gowland, R., Knüsel, 2006). As suposições sobre quais tipos de dados são recuperáveis, bem como os métodos empregados para obtê-los foram, em contrapartida, evoluindo junto as mudanças de paradigmas (Lorentz, 2016). Na Arqueologia, o estudo das práticas mortuárias, ainda que hoje formalmente inserido teórica e metodologicamente na disciplina, tardou em receber uma devida atenção. Durante grande parte do século XIX e início do século XX, os sepultamentos e seus respectivos contextos eram vistos apenas como cápsulas do tempo hermeticamente fechadas e fonte de objetos íntegros. Na Antropologia e Sociologia, por outro lado, o interesse pelo entendimento das práticas mortuárias surgiu ainda no século XX, sob um forte viés dicotômico entre natureza e cultura (Strauss, 2010). Tais estudos eram, geralmente, tratados de maneira sistemática e inicialmente voltados à religião (Py-Daniel, 2014). Binford (1970), definiu esse período como um estágio de “perspectivas filosóficas” sobre as análises das práticas funerárias, focadas principalmente na construção de discursos de religiões e crenças primitivas.

Durante o século XIX, embora autores como Adolf Bastian tenham se dedicado ao estudo das práticas mortuárias (Bartel, 1981), foi apenas com os trabalhos de Tylor (1920) e

Frazer (1886) que o tema foi formalmente introduzido na Antropologia (Bartel, 1981; Binford, 1970). Os autores detinham um forte pensamento racional-idealista. Consideravam as ideias e crenças de uma sociedade como variáveis a serem utilizadas no entendimento de diferenças comportamentais e culturais (Binford, 1970; Carneiro, 2018). Já dentro da escola francesa de sociologia, o estudo da morte e das questões envolvidas nesse fenômeno partiu de intelectuais como Durkheim, Hertz, Van Gennep e Mauss. A relação entre a morte e organização social, a análise de práticas funerárias específicas e a discussão de conceitos como liminaridade, foram temas aos quais os autores se dedicaram (Binford, 1970; Palgi; Abramovitch, 1984).

Com uma forte influência etnográfica, os trabalhos de antropólogos britânicos no início do século XX não se reservaram ao estudo direcionado dos contextos funerários. Ainda assim, autores contemporâneos (e.g. O'Shea, 1984; Pearson, 1999) afirmam que o funcional-estruturalismo também foi imprescindível para o desenvolvimento, na metade do século XX, dos estudos acerca dos aspectos sociais das práticas mortuárias. Trabalhos atuais sobre o tema, tanto na Arqueologia quanto na Antropologia Sociocultural, igualmente se beneficiaram dos avanços teórico-metodológicos alcançados na época (Bartel, 1981; Binford, 1970).

Durante grande parte do século XX, a Arqueologia, no âmbito da corrente teórica histórico-culturalista, manteve os sepultamentos humanos sob o status de “contextos fechados”. Os artefatos eram vistos como propícios para a obtenção de tipologias, seriações e datações (Binford, 1970; Webster, 2008). O contexto, a estruturação funerária, o indivíduo e os processos tafonômicos relacionados ao enterramento eram raramente analisados em sua totalidade (Duday, 2006). Embora diante dessa conjuntura pouco favorável, alguns estudos, voltados para o entendimento das práticas mortuárias, foram empreendidos na época. Eles tinham como propósito reconhecer e caracterizar a extrema variabilidade encontrada no universo funerário. Argumentos analógicos simples eram utilizados. Correlações diretas entre status socioeconômico, os aspectos qualitativos e quantitativos dos enterramentos e a monumentalidade das sepulturas eram empregadas para dar sentido a tais explicações (Bartel, 1981). Tais objetivos se relacionavam com a premissa de que todas as diferenças encontradas nos enterramentos correspondiam a mudanças culturais, em uma escala geográfica e cronológica, causadas por eventos como migração e difusão de indivíduos e/ou costumes culturais (Py-Daniel, 2014).

Na década de 1960, a Arqueologia, sob influência dos ideais processualistas, passou a entender as práticas mortuárias como um elemento capaz de esclarecer questões acerca da organização social dos grupos pretéritos. Com um maior enfoque nas influências bioculturais e

ambientais envolvidas nos hábitos humanos, as práticas funerárias eram interpretadas como respostas às questões de cunho social e ambiental (Da Silva, 2005). Estudos etnográficos sobre práticas mortuárias passaram a ser utilizados, não para construir paralelos com contextos arqueológicos específicos, mas para explorar regularidades e generalizações interculturais (Pearson, 1999). Buscava-se construir relações entre os restos estáticos do registro arqueológico e os comportamentos dinâmicos das populações presentes, para compreender os gestos funerários no passado (Trigger, 2011).

Com o fortalecimento das ideias processualistas, se teve o surgimento de uma área cujo intuito era o estudo dos vestígios mortuários como um fenômeno digno de interesse em si mesmo. No período, a disciplina foi nomeada de Arqueologia da Morte³ e foi fundamentalmente teorizada por Binford (1970), Saxe (1971) e Goldstein (1976) como um campo capaz de reconstruir a organização social das sociedades passadas. Para os autores, haveria uma relação direta entre a organização social de uma comunidade e suas práticas funerárias, enquanto as crenças e os sistemas religiosos teriam um menor grau de importância dentro da variabilidade mortuária possível de ser estudada pelos arqueólogos.

Sob uma mesma perspectiva teórica, Bement (1994) postulou que o estudo das práticas mortuárias consistia na reconstrução de variáveis biológicas (idade, sexo e traços herdados) e variáveis culturais (a localização e morfologia da cova, a forma do processamento do corpo e os acompanhamentos funerários). Nesse sentido, a partir de uma compreensão biocultural do universo funerário, o autor defendia que a identificação das variáveis culturais e biológicas traduziam as práticas mortuárias e os padrões de sepultamento de uma determinada sociedade (Da Silva, 2005).

Assim como outros ramos da Arqueologia Processual, a Arqueologia da Morte surgiu como uma crítica às abordagens histórico-culturalistas. Kroeber (1927) e Ucko (1969) representavam a expressão mais forte das ideias que a Nova Arqueologia buscava combater. Para os autores, as práticas mortuárias eram um fenômeno instável no tempo e espaço (Strauss, 2010) e não se relacionavam com questões econômicas e de subsistência (Kroeber, 1927). Os costumes funerários teriam um forte caráter emotivo, que seria o real responsável pelas alterações na maneira de lidar com a morte e com o indivíduo sepultado. Lewis Binford discordava dos ideais postulados por Kroeber (1927) e Ucko (1969). Segundo o autor, o

³ Hoje, reserva-se o termo “Arqueologia da Morte” às abordagens processualistas da década de 70 (STRAUSS, 2010).

objetivo primário da Arqueologia da Morte era aferir se a variabilidade encontrada no contexto funerário estava relacionada a organização social. As crenças e ideias específicas de cada grupo não teriam relação com tal diversidade. Desse modo, pressupunha-se que sociedades com estruturas sociais distintas revelariam costumes funerários diferentes no registro arqueológico (Binford, 1970).

Binford (1970) propôs três hipóteses que relacionavam a variabilidade funerária à organização social. A primeira constatava que quanto maiores as dimensões simbólicas, maior a variabilidade encontrada nos sepultamentos. Como segunda hipótese, admitia-se que em sociedades de “menor complexidade”, o status do falecido estaria relacionado as qualidades pessoais (e. g. sexo, idade etc.). Em sociedades “mais complexas”, as construções culturais poderiam prevalecer nas práticas funerárias. Em sua última hipótese, Binford afirmava que em sociedades igualitárias o status social seria adquirido por feitos pessoais e, portanto, indivíduos de pouca idade teriam uma baixa posição social e, logo, tratamentos funerários distintos (Binford, 1970).

Saxe (1971), baseado na teoria dos sistemas, na teoria dos papéis⁴, em análise componencial, na teoria política evolutiva e na teoria da informação, também buscou evidenciar as relações entre as estruturas sociais e as práticas funerárias. A morte, que se caracterizava como uma situação social particular, promovia a escolha entre identidades incompatíveis, uma vez que as convivências coletivas de um indivíduo não eram únicas (Saxe, 1971). O autor também ressaltava que as práticas mortuárias deveriam ser compreendidas de acordo com o sistema a qual faziam parte e não a partir de estudos comparativos externos. As análises deveriam ser direcionadas as expressões materiais dos sepultamentos, com métodos que enfatizassem as relações entre identidade social, relação de identidade e persona social (Saxe, 1971). Segundo Saxe, essas categorias eram determinadas pela estrutura social, que por sua vez era evidenciada no registro arqueológico, através do estudo das práticas mortuárias em questão (Strauss, 2012). Partindo desses ideais, Saxe formulou oito hipóteses as quais consolidaram sua visão sobre a correlação entre estrutura social e práticas funerárias. Suas hipóteses foram reconhecidas entre os arqueólogos, e representam o âmago Processualista que influencia o estudo das práticas mortuárias na atualidade.

Nesse mesmo período, a Arqueologia francesa, direcionada para os contextos funerários, se desenvolveu de forma mais sistemática em comparação às ideias processualistas

⁴ Do Inglês *Role theory* (Strauss, 2010)

(Py-Daniel, 2014). Como crítica, eles consideravam que muitas análises e observações de campo continham lacunas ou estavam erradas devido à má aplicação das metodologias em campo (Knüsel; Robb, 2016). Em publicações francesas é notório, ao contrário das produções norte-americanas, um certo distanciamento em relação à Etnologia ou Antropologia Sociocultural. Duday et al. (1990), embora concordasse com os pressupostos teóricos de Binford (1970), a respeito da morte e suas representações coletivas sobre os mortos (Duday *et al.*, 1990), via a necessidade de se estabelecer um conjunto de técnicas e métodos⁵, para a análise de sepultamentos humanos, que buscasse identificar e diferenciar os gestos funerários, materializados sobre os corpos e covas, dos processos tafonômicos ou pós-deposicionais. Assim, se procurou entender, a partir desses elementos, o que a repetição de um costume funerário poderia indicar sobre as práticas funerárias socialmente estabelecidas, dando um maior enfoque ao indivíduo sepultado (Py-Daniel, 2014). A Arqueotanatologia, como metodologia, teria surgido então como uma crítica, pois apesar dos contextos funerários serem considerados pela Arqueologia, o indivíduo falecido era comumente ignorado. A atenção, geralmente ligada aos materiais associados e/ou a estrutura funerária, invertia os papéis, fazendo do corpo uma ‘oferenda’ para os artefatos (Duday, 2006; Duday *et al.*, 1990).

Até este momento, as questões teóricas envolvidas nas práticas mortuárias foram expostas de maneira cronológica, seguindo o próprio desenvolvimento da disciplina. Daqui em diante, essa retrospectiva histórica será substituída pela discussão de três temas fundamentais e particularmente relevantes para o presente projeto. Primeiramente, a Tafonomia, que será apresentada quanto a sua origem epistemológica e sua aplicação dentro da Arqueologia. Em seguida, a Tafonomia Funerária, abordagem central a ser aplicada neste trabalho. Por fim, serão expostos os aspectos cronológicos envolvidos na interpretação das práticas funerárias.

4.1 Entre Definição e Aplicação: o que é Tafonomia?

A Tafonomia (do grego: *taphos* = enterro; *nomos* = leis) é o estudo de todos os aspectos da “vida de um fóssil”, desde a morte do organismo e as transformações que lhe ocorreram ao longo do tempo, até o momento de sua exumação (Holz; Simões, 2002). A disciplina é estudada há séculos, mas tardou em ser formalizada como ciência (Holz; Simões, 2002; Martin, Ronald E, 1999). Inicialmente relacionado às questões paleontológicas e geológicas, o termo “Tafonomia” foi utilizado pela primeira vez na década de 1940, por Efremov (1940). Para o

⁵ Inicialmente chamada de “Antropologia do Terreno” e atualmente denominada de “Arqueotanatologia” (Py-Daniel, 2014).

autor, o conceito compreendia o estudo das “leis” que governam a transição dos restos orgânicos da biosfera para a litosfera (Holz; Simões, 2002; Lyman, 1994).

Behrensmeier & Kidwell (1985) criticaram a definição de Efremov (1940), pois a consideravam muito ampla e como um sinônimo para processos de fossilização, paleoecologia e bioestratinomia. Em resposta, elaboraram uma nova definição para o termo, que foi descrito como o estudo dos processos de preservação e como eles afetam a informação do registro fóssilífero (Lyman, 1994a). A Tafonomia (figura 12) atua dentro de dois campos: a bioestratinomia – o estudo da história sedimentar dos restos esqueléticos – e a diagênese dos fósseis – a investigação dos processos físicos e químicos que alteram os vestígios (Hendy, 2011; Holz; Simões, 2002). Alguns autores também incluem o estudo da necrólise – observações acerca da morte e decomposição de organismos – como domínio da Tafonomia (Hendy, 2011; Kellogg; Weigelt, 1928).

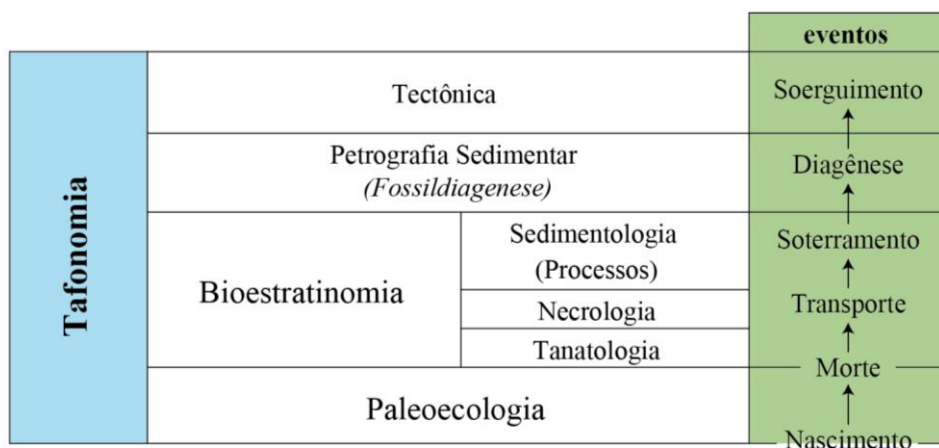


Figura 12 – Relação entre a tafonomia, suas subdivisões e os eventos responsáveis pela origem das concentrações fóssilíferas. Fonte: (Holz & Simões, 2002).

A análise tafonômica básica (figura 13) percorreria desde a morte do indivíduo e a averiguação de sua causa, a necrólise e a desarticulação esquelética, o transporte e o soterramento final, até a diagênese e a sua respectiva influência sobre a fossilização (Holz; Simões, 2002). Nesse processo, ocorreriam a perda de dados biológicos do organismo e, em contraposição, o aumento do número de informações *perimortem* e *postmortem*⁶ (Steven, 2013). Informações contextuais e temporais também devem ser consideradas em qualquer análise tafonômica. A primeira por fornecer dados sobre quais forças atuaram na alteração dos remanescentes, além de estar relacionada às circunstâncias deposicionais e aos eventos que

⁶ Correspondem, respectivamente, ao momento da morte e o início dos processos de deposição e ao período de deposição até sua recuperação/exumação.

causaram alterações visíveis no fóssil. Já as informações temporais dão ordem as mudanças tafonômicas e são de suma importância para a Tafonomia. Isso porque o objetivo é justamente compreender o processo de formação do registro fossilífero ao longo do tempo (Holz; Simões, 2002; Steven, 2013).

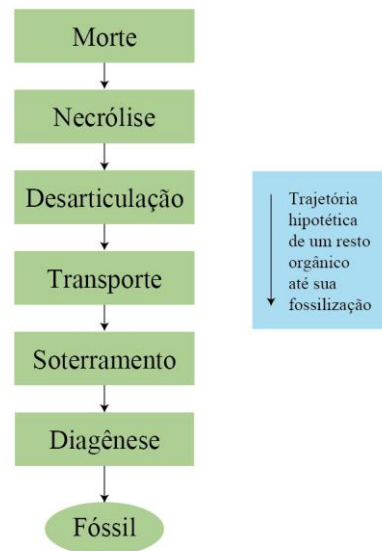


Figura 13 – Quadro hipotético com o resumo das etapas da análise tafonômica básica. Esses estágios não ocorrem necessariamente de maneira linear, mas com superposições. Fonte: (Holz & Simões, 2002).

Na arqueologia, conceitos e métodos de Tafonomia foram introduzidos no início da década de 70 (e.g. Boaz & Behrensmeyer, 1976; Brain, 1969; Hill, 1978; Muñoz, 2001), sob influência dos ideais processualistas da época (Trigger, 2011; Watson, 2008). Na atualidade, a expressão “Tafonomia” é comumente utilizada na literatura arqueológica, mas não necessariamente com um significado próximo de sua etimologia. Geralmente, o conceito está atrelado aos modos de preservação – ou alteração – de elementos orgânicos após sua deposição, mas também diz respeito às transformações de objetos por humanos (e. g. cerâmica, madeira, lítico) ou aos processos formação de sítios arqueológicos (Duday et al., 2014; Falsetti, 2002; R. Lyman, 2010; R. Lyman, 1994b).

Na análise de esqueletos humanos, a Tafonomia refere-se aos eventos que afetam os remanescentes após a sua deposição, a preservação ou não preservação do remanescente e sua condição geral em relação aos outros elementos do sítio (Duday; Le Mort; Tiller, 2014). Nesses estudos, a Tafonomia deve ainda considerar os agentes naturais e culturais, pois ambos modificam, do momento de sua morte até sua efetiva exumação, o corpo do indivíduo (Falsetti,

2002). Essa é uma investigação essencialmente interdisciplinar, que considera o processo de formação do sítio arqueológico e do enterramento, da decomposição e alteração química/física do esqueleto, da modificação do osso por animais e pelas ações humanas intencionais e não intencionais do passado e do presente (Stodder, 2007).

O comportamento tafonômico de um esqueleto é influenciado por muitos fatores. Há aqueles relacionados com o corpo, como a causa do falecimento e o estado do indivíduo à morte (e. g. a idade, o sexo, a massa corporal e a presença de patologias). Os fatores externos, considerados agentes primeiramente culturais, como o tempo passado entre a morte e o enterramento, a preparação do corpo e o próprio ambiente sepulcral. Há também as questões tafonômicas não culturais, como as bioturbações e as condições ambientais. A determinação desse distúrbios pode ser relevante para a diferenciação entre essas ações e atividades culturalmente determinadas (Roksandic, 2001). Com o objetivo de compreender os padrões mortuários, os agentes tafonômicos não culturais devem ser, portanto, identificados e entendidos. Assim que se compreende seus efeitos, há a possibilidade de se interpretar as ações humanas e culturais sobre os corpos sepultados.

4.2 Da Tafonomia Funerária às Práticas Mortuárias

Assim como fora postulado por Duday e colaboradores (1990, 2014), as alterações ocasionadas pelos processos tafonômicos exercem um papel fundamental na reflexão teórica e interpretativa das práticas mortuárias. Fundamentada nesses ideais, a Tafonomia Funerária emergiu como um campo capaz de esclarecer tanto os processos antropogênicos, quanto os não-antropogênicos, que afetam o esqueleto, antes e depois de sua deposição. Seus princípios baseiam-se em três corpos teóricos que surgiram com a introdução dos conceitos tafonômicos na ciência arqueológica. O primeiro são métodos de Tafonomia utilizados para o estudo paleontológico de vertebrados (e, posteriormente, pela Zooarqueologia). A intenção era criar teorias de médio alcance para interpretar como o transporte e deposição dos remanescentes esqueléticos ocorria pela água, além de identificar suas assinaturas arqueológicas (Stodder, 2007). A segunda referência partiu da Antropologia Forense (Haglund, D., Sorg, H., 1997, 2002), que buscava entender como um corpo em decomposição reagiria a diferentes ambientes e como distintos agentes (e. g. espécies carnívoras) deixam marcas específicas nos vestígios. O terceiro corpo ancestral consiste de tentativas esporádicas e criativas de investigar a Tafonomia Funerária diretamente (e. g. O'Connor et al., 1989; Ubelaker, 1974). Contudo, foi apenas a

partir de 1990 que pesquisas sistemáticas com estudos tafonômicos foram realizadas (e. g. Saville, 1990; Whittle et al., 1998).

Nas duas últimas décadas, a Tafonomia Funerária se desenvolveu como um campo coerente, com questões teóricas bem definidas e um conjunto de técnicas e métodos amplamente utilizado (Knüsel; Robb, 2016). A pergunta central da Tafonomia Funerária pode ser definida de forma bastante concisa: “*What are deathways about?*”⁷ (Knüsel; Robb, 2016; Pearson, 1999). Diante da tradicional corrente histórico-culturalista, os *Deathways* refletiam as crenças passadas, ligadas as identidades étnicas dos grupos humanos. Durante o Processualismo, o termo referia-se as diferenças nas práticas mortuárias e suas relações com a estrutura social (Binford, 1970; O’Shea, 1984; Saxe, 1971). Em certos casos, os *Deathways* são inevitavelmente sociopolíticos, mas versões simplistas ou mecânicas dessa visão são amplamente criticadas pela Tafonomia Funerária. Knüsel & Robb (2016) exemplificam que, mesmo em sociedades altamente desiguais, os *Deathways* podem enfatizar a solidariedade e a igualdade, mascarando qualquer diferenciação social entre os indivíduos. Para os autores, não se pode assumir que os *Deathways* expressem puramente distinções sociais, baseadas em modelos universais, ou crenças culturais sustentadas de maneira uniforme. Os *Deathways* dizem respeito ao processo de morrer, e esse é o foco da Tafonomia Funerária (Gowland, R., Knüsel, 2006; Knüsel; Robb, 2016).

Embora a morte biológica seja um evento de curto prazo, o processo social de morrer é, muitas vezes, um evento prolongado (Kellehear, 2007). Ele envolve muitos participantes, além do indivíduo morto. O objetivo é realizar uma transição social e ontológica no status de falecido. Em diversas sociedades modernas, essa transformação se dá de um ser vivo animado para um objeto inanimado incapaz de interação social. Porém, em alguns grupos, o morto continua exercendo um papel social ativo e potencialmente interativo com os vivos, em novas e diferentes formas (Kellehear, 2007; Robb, 2013). Segundo Knüsel & Robb (2016), três pontos estão relacionados com esse processo e são particularmente relevantes para os estudos tafonômicos:

1. *Todas as sociedades têm múltiplas maneiras de lidar com a morte, que não refletem somente status social ou marginalidade, mas também fatores como a circunstância da morte. Além disso, são interdependentes para formar programas funerários coerentes.*

⁷ Aqui, podemos entender “*Deathways*” como práticas funerárias.

2. *A transformação ontológica é quase sempre realizada através da ação direta sobre os restos físicos do falecido (através de ações como enterro, queima, desfiguração, mumificação, ressurgimento, dissecação e exposição).*
3. *A transformação de uma entidade viva em uma entidade morta (mas possivelmente ainda social) ocorre durante um período prolongado de interação contínua com o indivíduo e o corpo sepultado.*

Entender a complexidade dessas ações físicas no corpo do indivíduo e a transformação social que o acompanha requer uma investigação tafonômica adequada. Epistemologicamente, a Tafonomia Funerária possui um conjunto de métodos semelhante a teoria de médio alcance (Binford, 1970). A partir dos padrões estáticos, detectáveis em conjuntos e contextos arqueológicos, pode se chegar aos sistemas dinâmicos que os produziram (Knüsel; Robb, 2016). Esse processo inclui a compreensão ampla dos eventos ambientais e antropogênicos envolvidos na formação desses registros. Esses dados são obtidos através da intersecção entre informações coletadas em campo e em laboratório. O foco da Tafonomia Funerária está, portanto, na reconstrução dos processos deposicionais dos sepultamentos (Lorentz, 2016). É a partir dela que se identifica os padrões resultantes das práticas funerárias humanas. Quando isto é alcançado, é possível ir além, e chegar à interpretação do sistema ritual que motivou tais gestos (Knüsel, 2006; Knüsel; Robb, 2016).

4.3 A importância da cronologia nas práticas mortuárias

Os aspectos diacrônicos dos fenômenos sociais configuram como um dos temas mais discutidos na teoria arqueológica (Robb; Pauketat, 2008). Se tratando de rituais funerários, Kroeber (1927) e Ucko (1969) já defendiam o caráter instável das práticas mortuárias ao longo do tempo. Para os autores, tais mudanças estariam atreladas as questões emocionais, e eram pouco influenciadas pela organização social. Binford (1970), criticou a posição de tais autores. Utilizando um exemplo pontual para demonstrar que a instabilidade temporal nas práticas mortuárias era uma exceção, ele fez com que a variação cronológica dos rituais fúnebres fosse desconsiderada por mais de 15 anos (Strauss, 2010).

Foi apenas com O'Shea (1984) que a discussão acerca da natureza diacrônica do comportamento funerário foi retomada. Em seu estudo sobre os remanescentes arqueológicos (entre 1740 e 1845) de dois grupos norte-americanos, os Pawnee e os Arikara, O'Shea (1984) concluiu que nenhum costume mortuário é imutável ao longo do tempo. Alguns aspectos,

entretanto, seriam mais suscetíveis a mudança que outros. Características verticais como rank, status social, posição social etc. tenderiam a se manter constantes, enquanto as horizontais (e.g. homem e mulher, adulto e criança) teriam uma maior variação (Cristante, 2017; Strauss, 2010). O'Shea (1984) também estabeleceu que existiriam duas categorias de mudanças diacrônicas nas práticas mortuárias. A primeira compete as alterações na estrutura social de um grupo e a segunda a mudanças no sistema simbólico de uma mesma organização social. Com tais conclusões, O'Shea (1984) afirma que as mudanças temporais nas práticas dos grupos podem afetar as reconstruções arqueológicas, e questiona o quão confiável seria atrelar as mudanças nas práticas mortuárias somente a alterações nas estruturas sociais.

Chapman (2005), assim como O'Shea (1984), reforçou a importância de se ter uma cronologia refinada para cada contexto funerário. Constatada a relevância da cronologia no estudo das práticas funerárias, seria inconsistente que se ignorasse a passagem do tempo em análises diacrônicas de sepultamentos. Para Chapman, isso significava abandonar o que ele denominou de "cronologias grosseiras", antigamente utilizadas. Análises adequadas levariam em conta "cronologias finas", que só poderiam ser obtidas a partir de um amplo investimento em datações, tanto dos esqueletos, quanto dos sítios em que eles foram encontrados (Chapman, 2005; Weiss-Krejci, 2011).

Diversos estudos sobre práticas funerárias reconhecem a mudança temporal nos gestos funerários. O que os difere é o motivo tido como causador dessa modificação. Trabalhos como o de Walthall (1999), com grupos norte-americanos do Holoceno Inicial, e de Saxe & Gall (1977) sobre os Temuan da Malásia, reconhecem a mudança temporal das práticas mortuárias como consequência de alterações na estrutura social. O próprio estudo de O'Shea (1984), com os Pawnee e os Arikara, possui exemplos dessa relação. Diante da presença marcante do colonizador europeu, a reorganização social e econômica dessas sociedades alterou-se de maneira quase imediata. Uma das transformações visíveis foi a valorização da mulher no tratamento fúnebre. Como eram elas as responsáveis pelo plantio do milho e este era a principal mercadoria consumida pelos europeus, as mulheres ganharam uma importância econômica-social não existente até então. Assim, a própria organização social se alterou, diminuindo a assimetria entre ambos os sexos, inclusive nos tratamentos funerários (O'Shea, 1984).

Nem todos os trabalhos sobre práticas funerárias concordam com a relação entre a variação temporal dos tratamentos fúnebres e a mudança nas estruturas sociais. Autores como Cannon (1989) representam uma visão mais teoricamente embasada por Kroeber (1927) e Ucko (1969). A partir de observações das variações do comportamento fúnebre inglês no século XIX,

Cannon (1989) admitiu que as mudanças constatadas não poderiam ser justificadas pela organização social, uma vez que essa não havia sofrido alterações. A resposta partiria de uma tentativa das classes mais baixas de se “equiparar” a nobreza em seus rituais funerários. Essa ação criou um movimento circular, onde enquanto as classes de menor poder copiavam costumes de nobres e ricos, a classe alta reinventava novos símbolos para serem substituídos. Trabalhos mais recentes, como o de Mizoguchi & Uchida (2018), sobre o cemitério Xibeigang datado no período da dinastia Shang, também retratam a variação cronológica das práticas mortuárias como resultado de expressões de status, simbolismo e poder.

Não é possível afirmar que as mudanças nas práticas mortuárias estarão sempre atreladas às modificações na estrutura social, como defendido por processualistas, nem somente a caracteres emotivos ou a processos históricos, como sugerido por Kroeber (1927) e Ucko (1969) e, mais recentemente, por Carr (1995). Contudo, as práticas mortuárias se modificam ao longo do tempo. Apesar da alta potencialidade informativa dos sepultamentos, não se deve ignorar que tais esqueletos não representam, necessariamente, uma população temporalmente homogênea. As pessoas, até mesmo dentro de uma única sepultura, não morrem simultaneamente. Os indivíduos falecem em momentos, idades e de causas diferentes. Mudanças sociais, mesmo que não drásticas, podem ocorrer ao longo do tempo arqueológico. Suas marcas nas práticas funerárias, entretanto, podem ser menos acentuadas. Eventos que causem mudança nas práticas podem ocorrer simultaneamente e repetidamente em um curto período de tempo. Por esses motivos, a característica basal que rege os locais fúnebres é a sua inconstância, e isso fornece à passagem do tempo uma posição chave na interpretação desses contextos (Sayer, 2010).

5. Materiais

5.1 O sítio arqueológico Caixa D’água (Buritizeiro – Minas Gerais)

Localizado no município de Buritizeiro – Minas Gerais (MG), o sítio arqueológico Caixa D’água se situa a céu aberto na parte central da bacia do rio São Francisco, em sua margem esquerda (figura 14). Atualmente, o sítio ocupa cerca de 1 hectare de extensão, com 800 m² protegidos por lei. A área está localizada na parte central do núcleo urbano municipal, rodeada de edificações, ruas pavimentadas, casas e galpões. Embora se trate de um sítio a céu aberto, e dentro de zona urbana, seu grau de conservação foi considerado alto, principalmente para as camadas arqueológicas datadas no Holoceno Médio (Coutinho, 2007). Devido a sua

posição privilegiada, ao longo do rio São Francisco, o sítio Caixa D'água é também uma importante evidência da utilização desses lugares ao longo do Holoceno. Além de servir como um local de travessia, a área é reconhecida pela facilidade de se desenvolver técnicas de pesca durante o ano inteiro, que possibilitaria a utilização desse recurso por grupos humanos pré-coloniais (Prous, 2019). O sítio também estava próximo de pontos de jazida de matéria-prima lítica, que serviram para a obtenção dos blocos associados ao sepultamentos.

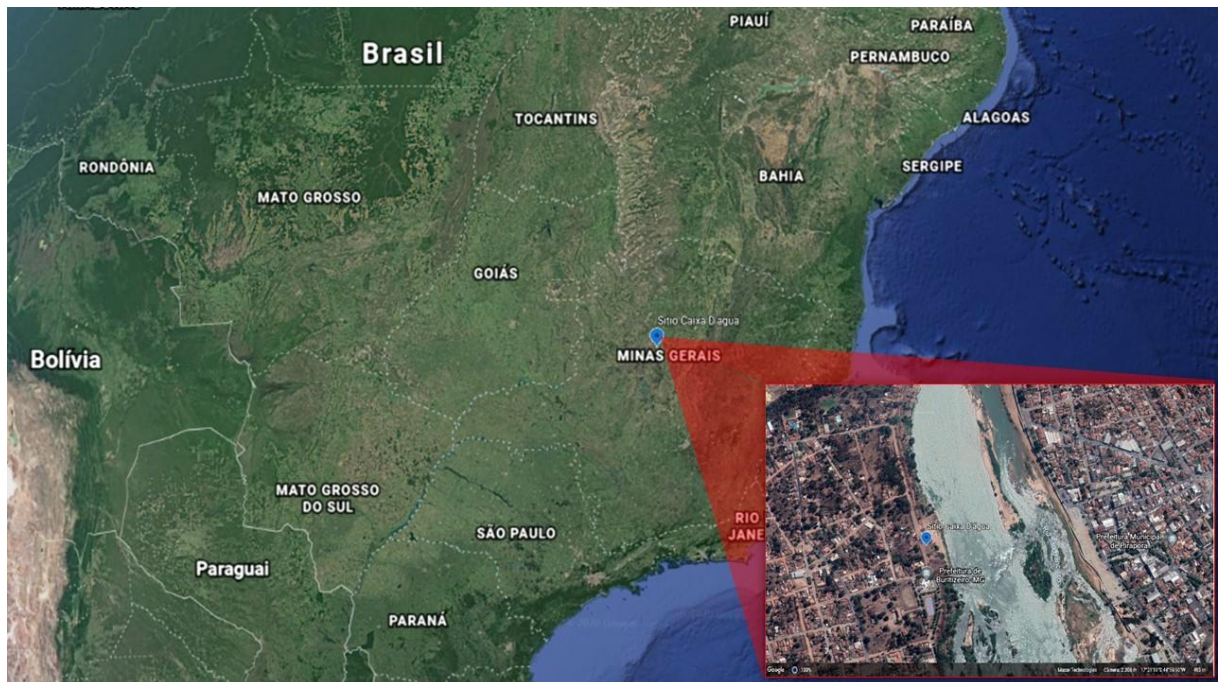


Figura 14 – Mapa com a localização geográfica do sítio arqueológico Caixa D'água. **Fonte:** Google Earth.

Do ponto de vista geológico, o sítio Caixa D'água encontra-se inserido nos domínios do Grupo Bambuí – Neoprotozóico, sobre a Formação Três Marias (Baggio et al., 2012) – localizado dentro de uma feição morfológica caracterizada como uma escarpa de linha falha, com cerca de 1 km de extensão e desnível médio de 16 m. A escarpa é modelada em litofácies de arcósio, arenitos finos (frente deltaica) e pelitos (sistema deltaico) da base para o topo (Baggio et al., 2012). O sítio está localizado a uma altura superior em relação ao rio São Francisco, sendo uma área protegida de inundações (Silva, 2015). Sob uma perspectiva pedológica, o sítio apresenta uma cobertura diferenciada, influenciada pelo material de origem e pelo relevo, e possui como solos predominantes os Neossolos litolítico e regolítico (Baggio et al., 2012).

O sítio arqueológico Caixa D'água foi descoberto em 1987 devido a uma obra de saneamento básico. No período, o local já havia sofrido uma série de impactos antrópicos. Entre eles, a terraplanagem de parte da área do sítio, a exploração de pedras da encosta para a

produção de brita (figura 15) e a construção de casas simples, sem fundações, acima do sítio. Caixa D'água foi inicialmente escavado ainda na década de 80, pela equipe do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Entretanto, foi apenas entre 2005 e 2009 que foram realizadas escavações sistemáticas, sob a coordenação do Prof. Dr. André Prous e da Prof. Dra. Jacqueline Rodet, com financiamento da Missão Franco-Brasileira e da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (FAPEMIG) (Rocha, 2011). Nestas etapas bioarqueólogos da USP se juntaram a equipe mineira para auxiliar na escavação das dezenas de esqueletos humanos identificados no sítio.



Figura 15 – Desenho esquemático baseado nos documentos de escavação do sítio Caixa D'água apresentando as áreas do sítio que sofreram impactos antrópicos contemporâneos, causados pelas obras públicas e exploração de brita. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

5.2 As escavações do sítio Caixa D'água

Com cerca de 50 m² de área escavada, o sítio Caixa D'água foi dividido em quatro setores, sendo eles: A, B, C e D (figura 16). O setor A, localizado na parte sul do sítio, foi caracterizado por uma estratigrafia perturbada e a presença abundante de material lítico, como núcleos de fatiagem, quartzos lascados, lâminas de machado polidas e alguns instrumentos do tipo plano-convexo. Há a ausência de sepultamentos nessa parte do sítio, possivelmente devido a presença de um afloramento rochoso na área, que dificultaria a escavação e deposição dos mortos. O

setor B, na porção norte do sítio, é onde foram identificados os esqueletos humanos. A área, que se encontrava afastada da encosta do rio São Francisco, era formada por um sedimento duro devido a presença de apatita, escuro e com grande abundância de raízes, o que dificultou a exumação dos esqueletos. O setor C, a sudoeste, foi diretamente impactado pelas obras de infraestrutura mencionadas anteriormente e o setor D, a noroeste, correspondia ao local onde se encontrou material deslocado devido às obras públicas. A seguir, serão detalhadas as características dos estratos de cada setor.

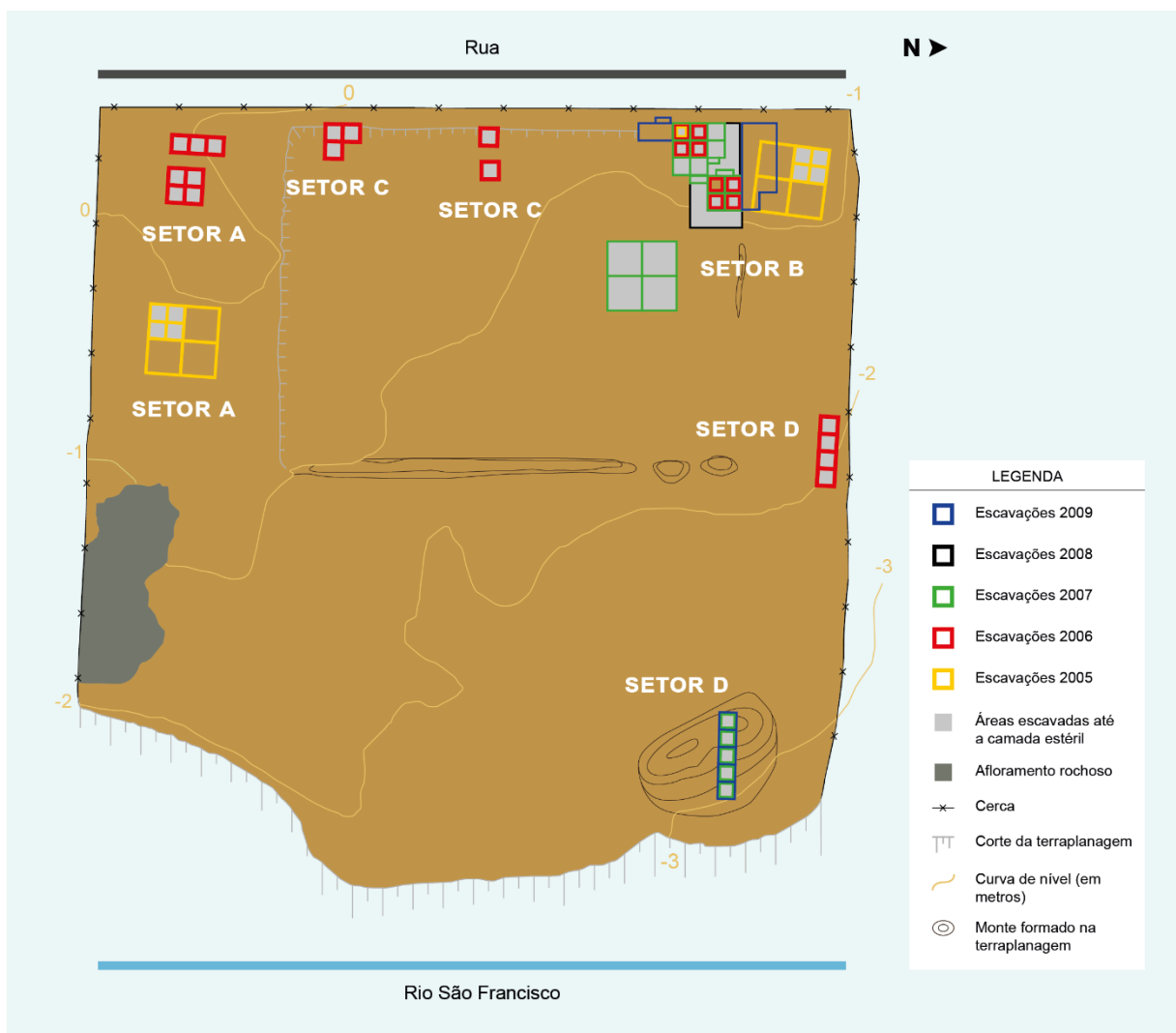


Figura 16 – Planta baseada nos desenhos presentes nas documentações de campo do sítio Caixa D'água, apresentando as características do terreno, os setores de escavação, em branco e as quadras escavadas em cada etapa. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

- O setor A

O setor A teve uma área de 8 m² escavada ao longo das campanhas de 2005 e 2006, mas nem todas as unidades chegaram ao nível estéril. Foi possível identificar uma estratigrafia para

o local (figura 17). As camadas compactas eram formadas por uma sucessão de sedimento silto-arenoso e silto-argiloso, com colorações variantes entre vermelho e amarelo. Os níveis arqueológicos foram definidos a partir das modificações naturais do sedimento ou acompanhando a frequência de material lítico. A camada arqueológica atingiu, aproximadamente, dois metros (Alves, 2010).

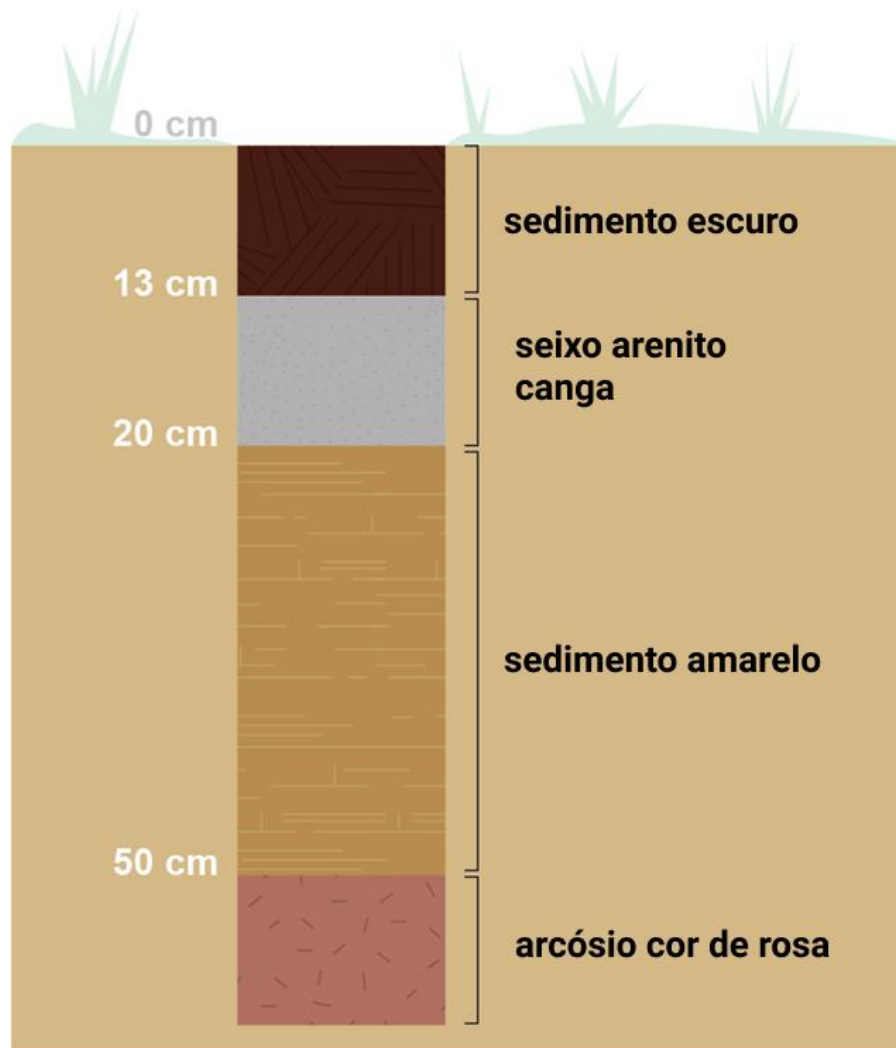


Figura 17 – Estratigrafia do setor A do sítio arqueológico Caixa D'água (Buritizeiro, MG) baseada nos desenhos esquemáticos presentes na documentação de campo do sítio Caixa D'água. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

A área contava com uma grande diversidade de peças líticas. Entre elas, núcleos de fatiagem, lascas, quartzo lascado e lâminas de machado polidas. Os restos faunísticos presentes eram, em sua maioria, vértebras de surubim. Foi constatada a presença de estratos perturbados (níveis II e IV), onde elementos contemporâneos, como plásticos, vidros e metais, estavam presentes no sedimento arqueológico. A partir do segundo nível o sedimento das camadas

arqueológicas se torna mais ácido, com a presença de pontos brancos espalhados, originados do processo de decomposição de material rico em cálcio (Alves, 2010).

- O setor B

Localizado na porção norte do sítio, o setor B é onde estavam localizados os sepultamentos de Caixa D'água. Com cerca de 30 m² de área escavada, diversas alterações tafonômicas se mostraram visíveis durante as escavações. Entre elas, a pressão causada no solo e nos sepultamentos pelas antigas casas de pau-a-pique e, posteriormente, pelo maquinário utilizado nas obras públicas. Também foi descrita a presença de raízes, de ninhos e de túneis de cupins, que impactaram parcialmente os sepultamentos, seja perturbando-os ou danificando os ossos (Alves, 2010). A estratigrafia de níveis artificiais do local, acompanhada desde o início das escavações, foi descrita como:

1. Um primeiro nível superficial (0), altamente perturbado, com presença de raízes e materiais contemporâneos. É onde há o início do aparecimento de materiais líticos, depositados em um sedimento compacto, acinzentado e predominantemente silto-arenoso, com 20 cm de profundidade;
2. Na sequência, o sedimento torna-se avermelhado e siltoso, com algumas regiões escurecidas. O estrato foi considerado como o nível 1. Os vestígios predominantes associados eram, em sua maioria, líticos, carvões e pequenas estruturas de queima;
3. Entre a base do nível anterior e início do nível 2, há o escurecimento do sedimento, possivelmente devido a sua origem orgânica. Há presença de pequenos nódulos de goethita amarela abaixo das quais foram evidenciadas as lajes que recobriam os sepultamentos;
4. No nível 2 os sepultamentos passam a ser identificados. O sedimento é silto-argiloso, compacto e de coloração escura, com a presença de pequenos pontos brancos.
5. Abaixo dos sepultamentos, já no nível 3, o sedimento se mantém silto-arenoso, com uma coloração mais clara que a camada superior. O material lítico é predominante em toda a área, sendo o único vestígio presente;
6. Ao fim das camadas antrópicas, há um agrupamento natural de seixos de arenito, quartzo e arcósio associados a um sedimento estéril.

Finalizadas as escavações, a espessura média do pacote antrópico no setor B foi de 1,5 m. A metodologia de escavação seguiu os níveis naturais do estrato, em conjunto com a aplicação do critério de sucessão entre a densidade qualitativa de material lítico e sua diminuição (Alves, 2010). Assim, para os quatro níveis arqueológicos, há subníveis intermediários, definidos como superior, médio e inferior, divididos de acordo com o material lítico. De maneira geral, a indústria lítica desse setor é caracterizada pela presença de lascas de fiação sob matéria-prima quartzito/arenito silicificado e quartzo debitado por fraturação em split sobre bigorna (Alves, 2010).

- O setor C

Localizado na parte sudoeste do sítio, no limite entre a via asfaltada, o setor C não foi escavado até sua camada estéril. No espaço de 4 m², o setor apresentou apenas vestígios de material lítico, com a predominância de lascas de silexito e calcedônia. O sedimento era predominantemente silto-argiloso e extremamente compactado. O setor sofreu sérias perturbações antrópicas, o que impossibilitou a datação de carvão das camadas estratigráficas. Contudo, há o pressuposto de que a estratigrafia cultural e geológica seria semelhante ao setor A (Alves, 2010).

- O setor D

O setor D foi uma porção do sítio escavada somente nas etapas de 2007 e 2009. A área foi utilizada para depósito do sedimento removido dos setores A e C, durante a terraplanagem do local para a execução de obras públicas. Foram escavados 6 m², a fim de obter informações, mesmo que descontextualizadas, acerca da indústria lítica de Buritizeiro (Alves, 2010). Foram encontrados, entre o sedimento compacto e silto-argiloso, fragmentos de espátula de osso, lascas de fiação e dois instrumentos plano-convexos.

5.3 As ocupações humanas em Caixa D'água

A presença humana no sítio Caixa D'água se estendeu ao longo de todo o Holoceno (tabela 1). Há poucas informações, entretanto, sobre os períodos finais de ocupação, uma vez que essas camadas arqueológicas foram destruídas devido a terraplanagem realizada no local. Já para o Holoceno Inicial e médio, cujos estratos se mantiveram preservados, há um número maior de dados contextuais. Essas primeiras ocupações iniciam-se entre 10.550 e 7.000 A.P., em um ambiente muito mais seco do que o atual. Análises palinológicas indicaram que, nesse

período, as veredas – formação vegetacional típica do cerrado – ainda não haviam se instalado na região (Prous, 2019). No Holoceno Inicial, a presença de sepultamentos não foi confirmada. Nas camadas arqueológicas, os únicos vestígios encontrados são de indústria lítica, caracterizada pela fiação de seixos por percussão direta dura, através de métodos variados, como centrípeto, bipolar, frontal, etc. (Rodet *et al.*, 2007; Rodet; Duarte-Talim; Barri, 2011). Para a matéria prima utilizada, se destaca a preferência de rochas de quartzito e arenito silificado, que eram obtidas em áreas mais distantes e transportadas inteiras para o sítio para serem processadas (Rodet, 2006, p. 473). Instrumentos robustos também foram encontrados, como unifaciais e peças plano-convexas, confeccionadas sobre espessas lascas corticais de seixos de quartzito encontradas nas mediações do sítio. Três lâminas de machado foram achadas nas camadas iniciais de habitação, datadas em 10.500 A.P. Além disso, é apenas durante as ocupações do Holoceno Inicial que se verifica a presença de instrumentos retocados de quartzo. Já entre 9.000 e 7.000 A.P., a indústria lítica é caracterizada pela predominância de debitage sob seixos de quartzito local. Blocos e fragmentos de arenito friável também eram trazidos de regiões próximas do São Francisco para servirem como polidor, enquanto o arcócio local foi comumente utilizado como calibrador (Alves, 2010; Fiumari, 2017).

Tabela 1 – Tabela apresentando as datações radiocarbônicas existentes para o sítio arqueológico Caixa D'água.

ID da Amostra*	Localização	Associação	Material	Idade Radiocarbônica (anos antes do presente)
6441	Setor A	Nível II (5° decapagem) - Contaminado	Material carbonizado	8120 ± 50
6449	Setor A	Nível III (9° decapagem)	Material carbonizado	4580 ± 40
6370	Setor A	Nível II (2° decapagem)	Material carbonizado	1300 ± 40
6680	Setor B	Nível III (-1,39m)	Material carbonizado	10550 ± 70
7659	Setor B	Nível III Inferior	Material carbonizado	9790 ± 60
7510	Setor B	Nível II Médio	Material carbonizado	8070 ± 40
6494	Setor B	Nível II/III – Fossa do sep. 10	Material carbonizado	6860 ± 70
6330	Setor B	Nível II Inferior (8° decapagem)	Material carbonizado	5970 ± 50
6480	Setor B	Nível II Inferior – Sep. 3	Material carbonizado	5900 ± 40
5580	Setor B	Nível II Inferior – Sep. 3	Material carbonizado	5560 ± 90
5996	Setor B	Sepultamentos 3 e 15	Material carbonizado	5540 ± 40
5989	Setor B	Nível III Superior	Material carbonizado	5370 ± 40
7596	Setor B	Nível III Inferior – Contaminado	Material carbonizado	5130 ± 50
7585	Setor B	Nível II Médio	Ossos humanos	4930 ± 40

* ID das amostras determinadas pelo laboratório onde foram geradas as datações radiocarbônicas (Beta Analytic).

A partir de 6.000 A.P., já no Holoceno Médio, a paisagem local começa a sofrer alterações. As veredas, anteriormente inexistentes, ocupam esses espaços e trazem consigo os

buritizais, um novo atrativo para a ocupação humana na região. Fitólitos datados entre 5.000 e 6.000 A.P. indicaram a predominância de espécies arbóreas, grande parte da família do bambu. Entretanto, esse dado pode estar associado a materiais de construção ou a confecção de hastes e cabos para instrumentos. Restos de amido compatível com milho foram identificados em abundância nas mós datadas do Holoceno Médio. Esse dado pode indicar que esse recurso já estava sendo cultivado e transformado em farinha na região (Prous, 2019). A indústria lítica era caracterizada por lascas de fiação de seixo de quartzito e de arenito arcossiano local, com gumes utilizados ainda brutos. Alguns artefatos, em quantidade reduzida, eram confeccionados em calcedônia e sílex, como as pontas bifaciais, as lesmas de fino acabamento e os microrraspadores sobre lascas alongadas. A reutilização desses instrumentos foi observada com a presença de retoque nos objetos (Alves, 2010; Rodet *et al.*, 2007).

Apesar de Caixa D'água ser reconhecido como tendo uma ocupação durante o Holoceno Médio, as datações radiocarbônicas obtidas para esse contexto são muito mais amplas, apresentando muitas vezes inversões cronológicas em um mesmo setor/estrato. Essa condição fragiliza a afirmação de Caixa D'água como uma ocupação do Holoceno Médio e evidencia a necessidade de se obter um maior número de datações para o sítio. Ainda assim, a mudança mais característica constatada para Caixa D'água está relacionada ao Holoceno Médio. É para esse período que parece ser identificado o início da utilização do sítio Caixa D'água como área de deposição de esqueletos humanos (Rocha, 2011). Considerando o seu grau de importância para o presente projeto, os sepultamentos humanos de Caixa D'água serão descritos quanto a sua exumação e características gerais a seguir.

5.4 Os sepultamentos de Caixa D'água

Embora seja um sítio a céu aberto localizado numa área quente e úmida, dezenas de esqueletos humanos foram encontrados em Caixa D'água. Trata-se, dessa maneira, não apenas de uma rara ocorrência de ocupações humanas no Brasil Central durante o Holoceno Médio (Baggio Filho *et al.*, 2012), mas também ao primeiro cemitério a céu aberto encontrado para esse período da história pré-colonial do país (Prous, 2017). Em uma área de aproximadamente 100 x 50 metros, foram escavados 44 esqueletos humanos, com datas sugeridas entre 6.100 e 5.000 A.P. (Prous; Rodet, 2009; Rocha, 2011). Desse total, 25 foram perdidos com o incêndio ocorrido em junho de 2020 no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (UMFG). O restante do material (19) encontra-se sob guarda temporária para análise no Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva

da Universidade de São Paulo (LAAAE - USP). Três desses sepultamentos (27, 26 e 32) ainda precisavam passar pelo processo de curadoria, que foi realizada no âmbito deste projeto.

Dos 44 esqueletos exumados de Caixa D'água (figura 18), boa parte se encontrava em um estado extremamente fragmentado. Essa condição é devida as alterações tafonômicas do local e as dificuldades de escavação enfrentadas por conta do sedimento extremamente duro da região. A pressão causada pelas antigas casas de pau-a-pique e pelo maquinário de obras urbanas, pressionou os sepultamentos, causando o “achatamento” e a fragmentação de boa parte dos ossos. O sedimento, embora dificultasse a escavação, manteve a estrutura dos ossos. Entretanto, assim que a terra era retirada, os fragmentos eram soltos e a estrutura óssea perdida. Essa condição revela o estado extremamente fragmentado e friável do material. A dificuldade de escavação também gerou um grande número de fraturas *post-mortem*, ocasionadas pelos trabalhos de exumação dos esqueletos. Além disso, a presença de ninhos e túneis de insetos como cupins perturbaram parte dos sepultamentos. Todos esses fatores geraram dificuldades na análise, tanto contextual, quanto em laboratório, dos sepultamentos.

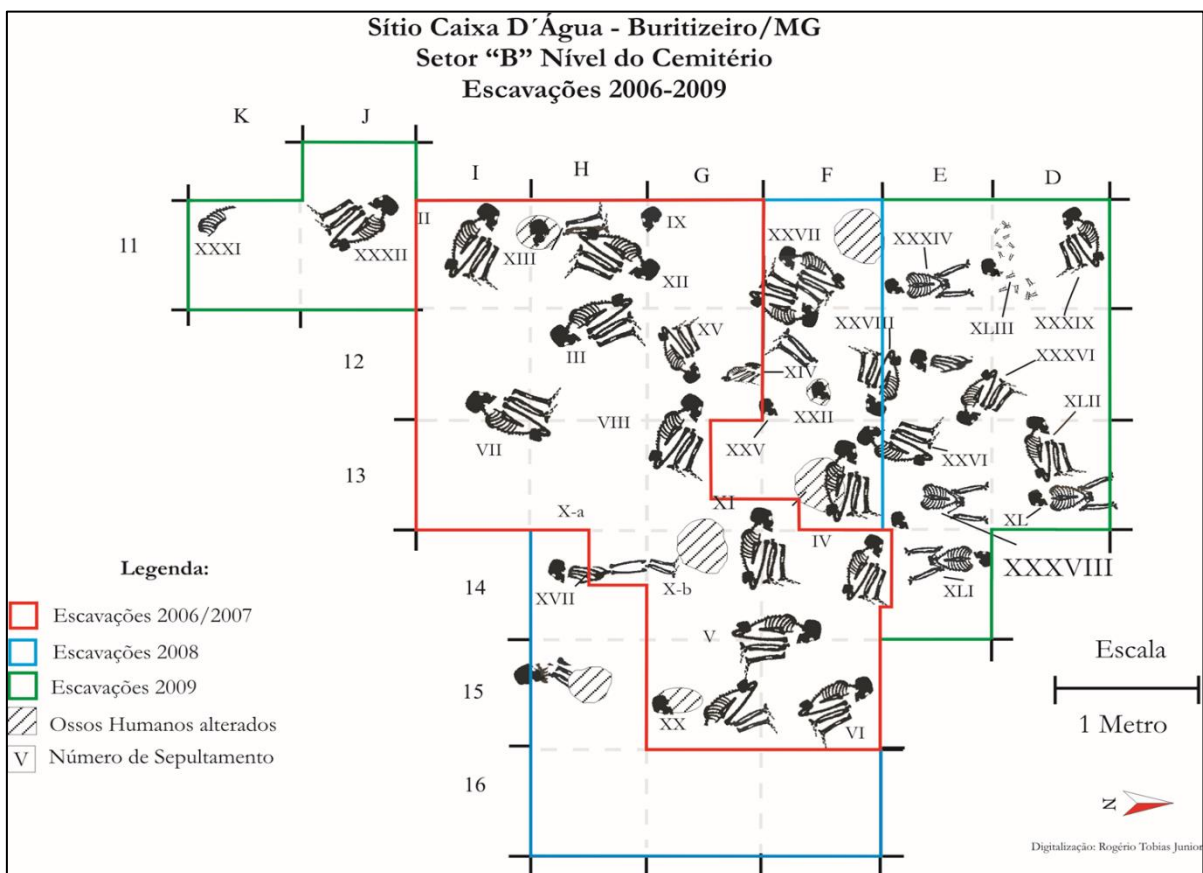


Figura 18 – Planta do setor B, retirada do diário de campo do Dr. Prous, onde é apresentada a localização dos sepultamentos escavados. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais

Apesar das dificuldades apresentadas, descrições preliminares sobre os sepultamentos estão disponíveis na literatura. Os enterramentos foram caracterizados, de maneira geral, como próximos um dos outros e enterrados em covas rasas. Os indivíduos, majoritariamente adultos, foram encontrados articulados, em sua maioria em posição fletida (figura 19), com duas exceções nas quais foram descritos como em decúbito dorsal e ventral (Prous; Rodet, 2009). Os poucos ossos de criança achados estavam queimados e desconexos, sugerindo a possibilidade de um local e tratamento funerário distinto para esses indivíduos (Prous, 2019). Porém, para validar essa suposição, as questões tafonômicas devem ser consideradas, uma vez que o grau de preservação de esqueletos de infantes tende a ser mais baixa, facilitando a sua perturbação e causando a sua menor frequência no registro.



Figura 19 – Imagens dos sepultamentos 24 e 27 que demonstram as condições dos esqueletos *in situ*. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais

Os enterramentos estavam, em sua maioria, recobertos parcialmente por um ou mais blocos de arcócio trabalhados por picoteamento ou lascamento, medindo entre 30 e 60 centímetros de comprimento (Silva, 2015). No momento da exumação, eles estavam dispostos horizontalmente na caixa torácica, o que pode indicar que não eram visíveis depois do preenchimento da fossa, a não ser que tenham tombado. Alguns blocos tiveram uma de suas extremidades lascadas para formar uma ponta que pode ter sido utilizada para cavar a fossa, ou

não. Parte dos esqueletos também estava acompanhado por outros blocos de arcósio, em formato de bigornas ou com uma depressão picoteada. Considerando as análises de amido, que demonstraram o seu uso para processar vegetais, essas depressões podem ter servido como mós (Prous, 2019).

Poucos instrumentos de pedra lascada pareciam estar diretamente associados aos sepultamentos. Embora presentes, a maioria dos artefatos líticos parecem ser originários de ocupações anteriores, que se misturaram ao sedimento devido a perturbação para a escavação das covas. Artefatos em osso era o acompanhamento funerário mais frequente, presente em praticamente todos os sepultamentos (Prous; Rodet; Baggio, 2007; Rocha, 2011). Algumas pontas, em formato losangular para armar projéteis, apareciam em conjuntos de peças paralelas, que deviam estar encabadas. Outras pontas sobre suporte natural também acompanhavam os corpos. Certos sepultamentos traziam consigo um estojo, provavelmente confeccionado com algum material perecível, pois não foi conservado. A disposição dos artefatos, entretanto, indicavam a presença do recipiente, pois eles se mantiveram compactados no espaço original, indicando que haveria algum material contendo o seu movimento. No estojo, foram armazenadas lâminas de machado retangulares polidas, pontas de osso sobre suporte tubular, lascas de sílex e quartzo (inexistentes no restante do sítio para os níveis dessa época), caninos de porco-do-mato e esporões de peixe (Prous, 2019).

5.5 A documentação do sítio Caixa D'água

Parte fundamental dos estudos em Tafonomia Funerária derivam da análise dos registros de campo, como diários, croquis, fotos e etc. A documentação do sítio Caixa D'água, entretanto, nunca foi organizada para uma análise efetiva, com exceção de um trabalho realizado com parte dos esqueletos (ver Medeiros, 2018). A sistematização dos dados era, portanto, necessária para elaboração da análise contextual. Além dos croquis e fotografias das quadras e dos sepultamentos, o sítio Caixa D'água contava com três cadernos de campo, de origens distintas, referentes as campanhas de 2005 – 2009 (totalizando 22 diários de campo e 2.931 fotografias e croquis). O diário de campo de bioarqueologia, referente a etapa de 2005, pertencia aos Drs. Pedro da Glória, Danilo Bernardo e André Strauss. O caderno do Prof. Dr. André Prous, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), continha dados de todas as etapas. Por fim, os diários de campo de alunos que participaram da escavação de 2009. Como não houve uma sistematização pré-existente ao momento da escavação, o tipo e qualidade do registro dos dados variou de acordo com o autor do documento.

No diário de campo de bioarqueologia estavam contidas as informações sobre as escavações dos sepultamentos 1 e 2, exumados entre 2005 e 2006. Não havia referências sobre as características gerais do sítio. O diário de campo do Prof. Dr. André Prous foi a fonte com o maior número de informações contextuais do sítio Caixa D'água. Havia descrições sobre todas as etapas de campo, sobre as exumações dos sepultamentos, em maior ou menor grau de detalhes, e as análises laboratoriais realizadas. Já as informações contidas nos cadernos de campo dos participantes da etapa de 2009 foram separadas por quadra escavada, com descrições variando de acordo com os tipos de materiais encontrados (e. g. sepultamento, lítico e estruturas).

6. Métodos aplicados para análise dos esqueletos de Caixa D'água

Neste tópico, serão apresentados os métodos utilizados para análise de Tafonomia Funerária dos sepultamentos do sítio arqueológico Caixa D'água. Eles correspondem aos processos de curadoria, de diagnóstico de sexo e idade à morte, a datação radiocarbônica, a organização e análise da documentação primária e aos métodos de análise de modificação óssea.

6.1 Métodos de curadoria

Os sepultamentos do sítio arqueológico Caixa D'água foram retirados em blocos de sedimento para que, em laboratório, fossem escavados (figura 20). Antes de dar início a este processo, todos os blocos foram tomografados para garantir a preservação das informações de suas condições iniciais. Em seguida, foi realizada a escavação do material em laboratório. Os blocos foram individualmente molhados e o sedimento cuidadosamente removido, com o auxílio de uma escova, até ser totalmente retirado. Todas as etapas desse procedimento foram fotografadas e documentadas para garantir a obtenção e armazenamento dos dados. Completado esse estágio, os esqueletos exumados passaram pelo processo de cura.



Figura 20 – Início do processo de curadoria do sepultamento 26 do sítio arqueológico Caixa D'água (Buritizeiro – Minas Gerais). Da esquerda para direita: esqueleto com os remanescentes retirados das embalagens plásticas de armazenamento, dispostos na bancada e organizado por regiões anatômicas; bloco de sedimento contendo o crânio

do sepultamento 26 ainda não higienizado; rádio e ulna do sepultamento 26 superficialmente higienizados, contendo uma fina camada de sedimento sobre e entre os ossos. **Créditos:** João Vítor Marcon Camargo (LAAAE – USP).

A curadoria dos esqueletos seguiu os métodos propostos por Lessa (2011) e White & Folkens (2005). O processo correspondeu a seis etapas: a limpeza dos ossos, a secagem, a organização anatômica e fixação provisória, a restauração final, a numeração e o inventário. Para a primeira etapa, seguindo as recomendações de White e Folkens (2005), e considerando o grau de dureza do sedimento atrelado aos ossos, foi utilizado spray d'água e escova de cerdas macias para a limpeza dos remanescentes. Nos ossos que estavam quase completos e poucos sujos, se utilizou o spray e, com o auxílio da escova, foi retirado o sedimento superficial. Em ossos longos, na ausência de uma ou de duas epífises, foi também realizada a limpeza do canal medular com a utilização de escova tubular. Para os ossos fragmentados e misturados com sedimento, o mesmo procedimento foi aplicado, mas sobre uma peneira de malha fina. Dado o tamanho diminuto do material, o método foi necessário para o controle da perda de fragmentos ósseos.

Para os blocos de sedimento, que continham em seu interior partes do esqueleto, optou-se por uma metodologia similar a uma escavação em laboratório (figura 21). Com o uso de spray d'água, parte do bloco foi umedecido e, com a ajuda de pincéis, escovas e espátulas de madeira, eram descoladas plaquetas de sedimento. Em casos onde um osso, ou um conjunto de ossos, estava coberto por uma grande quantidade de sedimento, o processo de limpeza foi feito em duas etapas. Primeiro, com o auxílio de uma espátula de madeira e spray d'água, foi retirado parte da terra que ligava os fragmentos. Em seguida, eles eram higienizados separadamente, com a ajuda de uma escova de cerdas macias. A secagem dos remanescentes foi realizada de forma não mecânica, em local ventilado protegido da luz do sol por um período de, no mínimo, 24 horas (Lessa, 2011).



Figura 21 – Fotos ilustrando o processo de escavação e curadoria dos esqueletos em laboratório. **Créditos:** Dr. Rodrigo Elias de Oliveira (LAAAE – USP).

A organização por região anatômica e fixação provisória foi feita com o auxílio de atlas de anatomia (e. g. Putz & Pabst, 2008a, 2008b; White & Folkens, 2005) e esqueleto de referência (Lessa, 2011), através da separação dos ossos em grandes categorias e, posteriormente, identificando-os com maior refinamento. Em seguida, os ossos foram provisoriamente fixados com a ajuda de fita adesiva. Para a restauração final, optou-se pelo uso de cola solúvel (White; Folkens, 2005). A numeração dos ossos foi feita após a restauração, com tinta nanquim preta aplicada sobre uma base solúvel de PVA no osso (Lessa, 2011). Para o inventário, o material foi devidamente fichado e armazenado nas condições adequadas seguindo os protocolos padrões previamente estabelecidos pelo Dr. Rodrigo Elias de Oliveira, coordenador do processo de curadoria do LAAAE-USP. As fichas preenchidas correspondem, respectivamente, à tabela de arcada dentária, considerando os dentes ausentes e presentes, as patologias, as quebras e os desgastes; ao inventário ósseo, onde consta o número de ossos conservados e o grau de preservação e fragmentação e à ficha de dados biológicos, com a idade, o sexo biológico, as patologias, os cortes e as possíveis marcas tafonômicas identificadas no esqueleto.

A metodologia aqui apresentada corresponde ao processo de curadoria empregado nos Sepultamentos 26 e 27, que ocorreram durante o período deste trabalho. O restante dos sepultamentos de Caixa D'água já haviam sido curados e passaram por métodos de curadoria distintos.

6.2 Métodos de diagnóstico de sexo e estimativa de idade à morte

Tendo em vista o estado fragmentário em que se encontram os remanescentes ósseos provenientes do sítio arqueológico Caixa D'água, optou-se pela formulação de um protocolo mais amplo para a identificação dos dados biológicos dos indivíduos. Para tanto, foram consideradas diversas porções anatômicas do esqueleto, que foram registradas quanto a sua presença ou ausência, em conjunto com os resultados obtidos de suas análises, nas fichas de inventário da curadoria.

No trabalho de diagnose sexual, o termo “sexo” refere-se a um parâmetro paleobiológico e não de gênero. Para essa estimativa, foram utilizados quatro métodos. Walker (2008), que sugere a análise de cinco regiões anatômicas, sendo elas: a glabella, a margem supra-orbital, o processo mastoide, a protuberância mentoniana e a protuberância occipital externa. Através do exame desses respectivos acidentes anatômicos, o sexo dos indivíduos é classificado em uma escala de 1 a 5 (1= super feminino; 2= feminino; 3= indeterminado; 4= masculino e 5= super masculino). O método de Phenice (1969), que advém da análise visual de três regiões anatômicas. O aspecto medial do ramo ísquio-púbico, mais largo no sexo masculino e afilado, com uma crista, no sexo feminino. O arco ventral, presente apenas no sexo feminino, e a concavidade sub-púbica, que possui uma curva lateral no ramo ísquio-púbico feminino que ocorre raras vezes em indivíduos do sexo masculino. Em Bruzek (2002), são consideradas as características dos coxais. Para a incisura isquiática maior, se analisou a proporção do comprimento das cordas da incisura isquiática e a simetria da incisura isquiática maior. No arco composto foi examinada a relação entre o contorno da incisura isquiática maior e o contorno da superfície auricular. Para a proporção ísquio-púbica, se observou a relação entre os comprimentos do púbis e do ísquio. Por fim, a análise da circunferência da diáfise femoral de Black (1978), feita através de uma fita métrica. Para medidas inferiores a 81mm, classificou-se o indivíduo como feminino e para medidas superiores a 81mm, masculino.

A estimativa de idade foi realizada através de quatro métodos. Calce (2012), que estima a idade à morte através da análise de três caracteres do acetábulo: o sulco, a porosidade do rebordo e a atividade no ápex. Esses caracteres podem ser classificados em três faixas etárias (de acordo com suas alterações): jovem adulto (17-39 anos); adulto maduro (40-64 anos) e adulto idoso (+65 anos). Destaca-se que as estimativas obtidas por Calce (2012) se deram a partir de análises da relação entre degeneração e idade em amostras históricas/contemporâneas. Por esse motivo, os resultados em coleções pré-coloniais tendem a subestimar a idade

cronológica dos indivíduos devido a diferenças de cargas mecânicas exigidas ao esqueleto em populações pré-industriais. Lovejoy et al. (1985), que diagnostica a idade através da superfície auricular. São analisados a organização transversal (ondulações e estrias horizontais na superfície auricular), a textura (finamente granulada no início da vida e grosseiramente granular e densa em indivíduos mais velhos), a porosidade (pontuada com base na sua presença em uma ou ambas as faces da superfície auricular) e a atividade apical (a borda da superfície auricular na região do ápice é uma característica diagnóstica). O terceiro método partiu da análise do desenvolvimento dentário, baseado no esquema de Buikstra & Ubelaker (1994). A última metodologia aplicada corresponde ao diagnóstico feito a partir da fusão das epífises. A técnica seguiu os padrões propostos por Buikstra & Ubelaker (1994).

6.3 Método de organização e análise da documentação primária

Devido a diversidade de documentos sobre as escavações do sítio Caixa D'água, dados correlatos que estavam distribuídos entre eles não haviam sido correlacionados até o momento. Para realizar uma análise contextual foi necessário ordená-los em um arquivo próprio para cada tipo de informação. Todos os diários de campo foram lidos e seus dados sistematizados. A qualidade da descrição, tanto dos sepultamentos, quanto do sítio, variou de acordo com a fonte. Os croquis e as fotografias foram igualmente organizados. As informações foram distribuídas em três categorias: os aspectos gerais do sítio, as datações radiocarbônicas e os elementos contextuais dos sepultamentos (figura 22). Após a sistematização, os dados foram confrontados para identificar a presença de inconsistências na descrição de uma mesma informação.

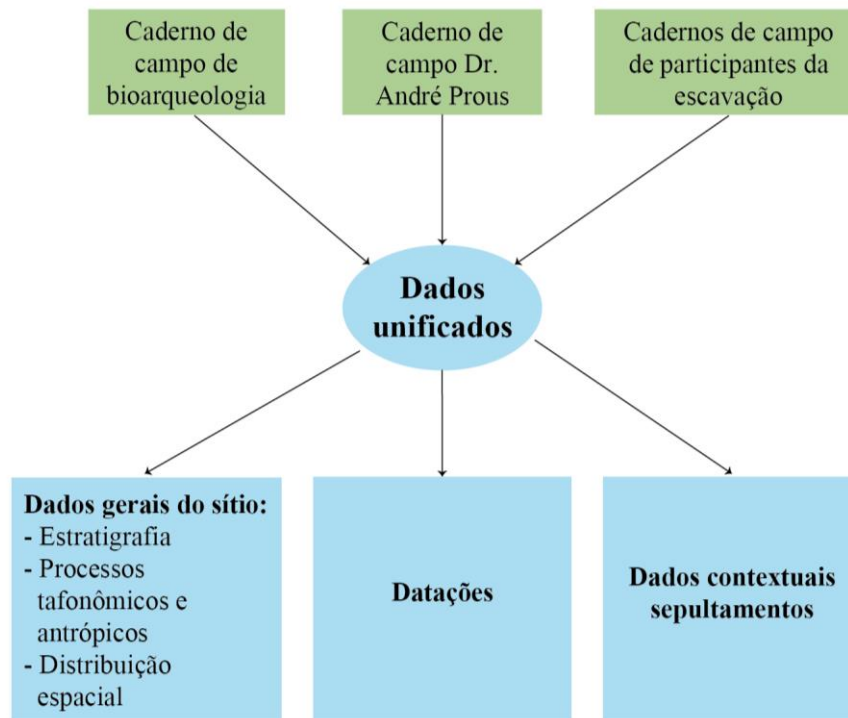


Figura 22 - Esquema representativo do modelo utilizado para realizar a organização e posterior sistematização das informações retiradas dos cadernos de campo das escavações do sítio arqueológico Caixa D'água (Buriziteiro – MG).

Os aspectos gerais do sítio, como a estratigrafia dos setores [A, B, C e D], os processos tafonômicos e antrópicos envolvidos e a distribuição espacial de elementos arqueológicos, foram sistematizados de acordo com o ano da campanha, o setor de escavação e, quando possível, a sua respectiva quadra. No caso das datações radiocarbônicas, suas informações foram tabeladas. Os dados contidos eram referentes a identificação da amostra, sua localização, nível e a decapagem de retirada, o tipo de material utilizado para análise, a idade radiocarbônica obtida, o método utilizado e as possíveis observações contextuais existentes. A maior parte desses dados, com exceção da etapa de 2009, estavam contidos somente no caderno de campo do Dr. André Prous. Essas informações foram comparadas com os croquis e fotografias presentes. Em casos em que uma inconsistência significativa foi identificada, esse dado foi desconsiderado da análise. Para a etapa de 2009, além do caderno geral do Dr. Prous, há diários divididos de acordo com a quadra escavada. As informações contidas nesses dois tipos de documentos foram comparadas. Se observa a presença de uma inconsistência, as diferentes informações eram comparadas com os croquis e fotografias do local, caso existentes. O dado que correspondesse com maior verossimilhança aos registros visuais era considerado na análise. Em casos em que a inconsistência não fosse sanada, a informação era desconsiderada da análise.

Os dados levantados para os sepultamentos analisados, inicialmente agrupados, foram posteriormente sistematizadas em fichas catalográficas individuais. Destaca-se que, com exceção dos sepultamentos 1 e 2, as exumações realizadas em Caixa D'água não foram sistematizadas em fichas de campo específicas. Para tanto, as descrições relacionadas à exumação da maior parte dos esqueletos estavam distribuídas de forma generalizada entre os cadernos de campo. A ficha catalográfica gerada após a sistematização dessas informações continha uma descrição geral do sepultamento, organizada em categorias semelhantes aquelas presentes na ficha catalográfica dos sepultamentos 1 e 2. Os croquis, imagens e datações referentes a cada sepultamento foram igualmente anexadas a ficha. Na presença de sepultamentos com descrições insuficientes para uma análise funerária, ou com inconsistências nos dados obtidos para a ficha catalográfica, utilizou-se dos croquis e fotografias para a determinação das informações contextuais. Os dados contidos, bem como suas estruturações dentro do documento, serão apresentados a seguir.

1. **Informações gerais:** (a) nome do sítio; (b) sigla do sítio; (c) número do sepultamento.
2. **Localização do sepultamento:** (a) quadra; (b) nível; (c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]; (d) profundidade final [crânio; bacia; pé].
3. **Perfil biológico:** (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.
4. **Informações sobre a deposição do corpo:**
 - **Tipo de sepultamento** – (a) primário, secundário, não especificado; (b) simples, duplo, triplo, múltiplo, não especificado.
 - **Posição do esqueleto** – (a) estendido, semifletido, fletido, hiperfletido; (b) decúbito dorsal, decúbito ventral, decúbito lateral esquerdo, decúbito lateral direito, sentado, não especificado.
 - **Posição dos membros** – descrever
 - **Orientação do corpo (crânio → bacia)** – (a) norte → sul, sul → norte, leste → oeste, oeste → leste.
 - **Orientação da face** – (a) leste, oeste, norte, sul.
 - **Grau de articulação** – (a) articulado, parcialmente articulado, perturbado

- **Associação com outros sepultamentos** – (a) sim, não; (b) quais sepultamentos; (c) tipo de associação.

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:** (a) ausente, restrito, generalizado; (b) descreva.
- **Ação do fogo:** (a) ausente, parcialmente cremado, totalmente cremado; (b) descreva.

6. Estado de preservação: (a) bom, regular, mal.

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:** (a) sim, não
- **Dimensões da cova:** caso presente, (a) descrever comprimento máximo, largura máxima e profundidade.
- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:** (a) comprimento máximo, largura máxima.

8. Associações

- **Estruturas:** caso presente, (a) descrever a característica da estrutura; (b) sua disposição no sepultamento.
- **Objetos:** caso presente, (a) descrever o tipo de material associado, (b) sua disposição no sepultamento.
- **Corante:** caso presente, (a) descrever grau de intensidade do uso, (b) sua disposição no sepultamento.
- **Carvão:** caso presente, (a) descrever a quantidade; (b) sua disposição no sepultamento.

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:** (a) quebras pós deposicionais; (b) compressão/deformação; (c) bioturbação; (d) estado do osso; (e) alteração dos ossos; caso presentes, descrever as características de cada categoria.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

10. Inventário dos ossos presentes: (a) assinalar com “x” no diagrama de um esqueleto completo os ossos encontrados; (b) descrever o grau de preservação dos ossos presentes

11. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

6.4 Modificação óssea

Entre os dados utilizados para a análise laboratorial em Tafonomia Funerária, as modificações ósseas causadas por diferentes forças e agentes são de extrema relevância (Knüsel; Robb, 2016). Considerando a inexistência de um padrão de termos bem estabelecido para tais fenômenos, e a divergência presente entre as modificações tafonômicas e humanas, os dados obtidos para o sítio Caixa D’água foram separados de acordo com as recomendações de James & Thompson (2015). As informações foram divididas entre as descrições de marcas de modificação óssea e as interpretações das possíveis atividades que as geraram. Nesta seção, serão apresentados os diferentes métodos aplicados para identificação e análise das modificações ósseas nos esqueletos de Caixa D’água.

6.4.1 Modificações causadas por animais, plantas e/ou insetos

Considerando as descrições presentes nos diários de campo do sítio arqueológico Caixa D’água, foi constatada a presença de cupinzeiros em parte do cemitério. Esses insetos, portanto, representaram um agente causador de modificações significativas nos esqueletos. Embora extremamente relevantes, as degradações ósseas resultantes da ação de cupins ainda são pouco reconhecidas na literatura (Huchet et al., 2011). Entre as assinaturas mais características, os traços superficiais com um padrão radiado a partir de um ponto central são os mais diagnósticos. Elas podem estar concentradas tanto de maneira generalizada no esqueleto, quanto localizadas na superfície óssea em contato com o substrato. A análise do grau de modificação óssea é feita através da identificação visual de diferentes gradientes de alteração classificados por ordem crescente por Huchet (2014). Os danos são categorizados como: 1) impressões superficiais de galerias (tubos de abrigo) no córtex; 2) abrasão local, mais ou menos generalizada do osso compacto, que pode atingir a díploe (tecido esponjoso); 3) efeitos mais profundos incluindo

notavelmente cúpulas, fossas, perfurações e galerias abaixo do córtex e 4) destruição completa de certos ossos.

6.4.2 Os padrões de fratura

Após a morte biológica, os ossos perdem gradualmente o seu colágeno, ficando quebradiços e menos elásticos. Por esse motivo, apresentam fraturas distintas quando esta ocorre antes da morte (*ante-mortem*), próximo da morte (*peri-mortem*) e após a morte (*post-mortem*). Como um osso foi quebrado pode ser extremamente informativo para a sua história, mas para a Tafonomia Funerária, o ponto chave está em **quando** essa fratura ocorreu (Ubelaker & Montaperto, 2014). Para os remanescentes de Caixa D'água, a classificação de uma quebra como *ante-mortem*, *peri-mortem* ou *post-mortem* será realizada pela avaliação visual de suas características. Os dados obtidos para cada sepultamento serão anexados a sua ficha catalográfica, para posterior análise. Serão descritos o momento e a localização da quebra, bem como os traços utilizados para sua classificação.

Diversos aspectos podem ser utilizados para a classificação temporal de uma quebra. Para que uma fratura seja considerada como *ante-mortem* deve haver a ocorrência de reação osteogênica, como a formação de porosidade adjacente às bordas da fratura, o arredondamento dessas bordas ou a presença de calo ósseo (Moraitis; Spiliopoulou, 2006). Essas feições são de fácil identificação no osso seco, o que torna a determinação do caráter *ante-mortem* de uma fratura muito mais simples que a diferenciação entre aquelas *peri-mortem* ou *post-mortem* (Quatrehomme & Iscan, 1997; Sauer, 1998). Ainda assim, o tempo de cicatrização de um osso pode variar muito, de acordo com as condições, o tipo e intensidade da fratura, as medidas tomadas para a recuperação do osso, a presença de infecções e a idade do indivíduo (Moraitis; Spiliopoulou, 2006). A identificação de fraturas *ante-mortem* é essencial para estudos de estilo e qualidade de vida, já a diferenciação entre fraturas *peri-mortem* e *post-mortem* são de extrema relevância para as análises de práticas funerárias (Strauss, 2010). Isso porque os eventos *peri-mortem* têm um grande potencial de estarem relacionados ao evento funerário, seja como causador da morte do indivíduo ou como fruto do processo de manipulação do corpo durante o ritual funerário. As fraturas *post-mortem*, por outro lado, estão relacionadas as questões pós-deposicionais como, por exemplo, eventuais perturbações ou processos tafonômicos.

Devido ao caráter mutável decorrente das mudanças nas propriedades mecânicas dos ossos, o diagnóstico de fraturas *peri-mortem* e *post-mortem* é feito através da diferença no

comportamento mecânico entre os ossos “frescos” (com a presença de colágeno) e ossos secos. Embora, as fraturas apresentem uma evolução nas suas características conforme o osso “seca”, o tempo exato em que um osso “fresco” perde suas propriedades plásticas é pouco conhecido e varia de acordo com o ambiente de deposição e o tipo de preparação do cadáver (Knüsel; Robb, 2016). Ainda assim, as características das fraturas podem ser utilizadas para diferenciar aquelas ocorridas entre ossos “frescos” e “secos”.

Diversas características são comumente utilizadas para diferenciar fraturas em osso “fresco” de fraturas em osso “seco”. Uma delas é a morfologia do contorno da superfície fraturada. Quando um osso “fresco” quebra (e.g. *peri-mortem*), o resultado obtido é uma fratura obtusa, com ângulos/margens agudos, contornos helicoidais ou espirais e superfícies de fratura lisa (Knüsel, 2005). A presença de fratura espiralada é ainda considerada diagnóstica para ossos que estavam “frescos” no momento da quebra (Myers; Voorhies; Corner, 1980). Outro traço determinante de quebra em osso “fresco” é a chamada “textura de lascamento”, caracterizada por uma superfície de quebra fibrosa, cujo ângulo com a superfície cortical é acentuadamente aguda e de espessura reduzida. Fraturas em forma de “asa de borboleta” e em “galho verde” também são características de quebra em osso “fresco”. A primeira ocorre comumente nas diáfises de ossos longos e é formada por duas fraturas obliquas que produzem um fragmento triangular (Ubelaker & Adams, 1995) Já as quebras “galho verde” são caracterizadas como fraturas “incompletas”, que não atravessam o osso. Elas são típicas de ossos muito plásticos, como os de indivíduos subadultos.

As fraturas em osso “seco” ocorrem com a passagem do tempo após a morte do indivíduo, onde o osso perde gradualmente seu componente orgânico. Nesse tipo de fratura, o contorno pode ser helicoidal ou espiral, parecido com uma fratura *peri-mortem*. Contudo, elas possuem margens de fratura relativamente quadradas e onduladas/irregulares, que formam ângulos retos com suas superfícies de fratura. Essas superfícies são geralmente mais ásperas e mais irregulares em comparação com a suavidade das superfícies de uma fratura *peri-mortem* (Outram, 2002) . Outra característica diagnóstica é a quebra com textura escalonada, visível próximo às bordas da fratura. Em ossos secos, há a possibilidade de haver microfissuras pré-existentes no osso que, no momento da quebra, podem ser interrompidas pela linha da fratura, gerando um padrão escalonado na superfície do osso (Outram, 2002).

Por fim, a diferença de cor entre a superfície interna ou externa do osso e a parte fraturada também servem para distinguir fraturas em ossos verdes de secos. A primeira é caracterizada pela presença de bordas fraturadas lisas e afiadas, geralmente com bordas

fraturadas e da mesma cor que o restante do osso. Já em fraturas em osso seco, além das bordas apresentarem quebras mais irregulares, sua coloração é geralmente mais clara que o osso adjacente, já escurecido pela exposição ao ambiente (Moraitis; Spiliopoulou, 2006). Além de auxiliar na identificação do estado do osso no momento da quebra, a coloração pode indicar se ela foi causada por impacto direto ou indireto. No caso de impacto direto, são geradas fraturas do tipo transversal simples, penetrativa ou cominuída. Fraturas de impacto indireto, em contrapartida, podem ser oblíquas, espiraladas, cominuídas ou em “galho verde” (Lovell, 1997). Para fraturas cominuídas, que podem ser resultado tanto de impacto direto quanto indireto, Lovell (1997) afirma que, quando geradas por forças indiretas, elas apresentam forma de “Y” ou “T”.

6.4.3 Alteração do aspecto morfológico do osso por temperatura

A utilização da queima em rituais funerários é frequentemente descrita na literatura (e.g. Christopher & Steven, 2008; McKinley, 2013). A questão chave para sua interpretação está na intencionalidade ou não, por parte dos indivíduos, dessa ação sobre os restos cadavéricos. Quando presente, o grau da queima e a sua distribuição sobre os ossos são de extrema relevância. Para as análises tafonômicas, essas informações podem revelar características importantes, como o quão sistemática foi a cremação e se ela foi realizada ainda com a presença de tecidos moles ou com os ossos ainda frescos ou secos. (Correia, 1997). Nos remanescentes esqueléticos de Caixa D’água, a presença de alteração morfológica do osso por temperatura foi observada em uma parcela dos sepultamentos. Não há dados suficientes, entretanto, para afirmar a intencionalidade ou não desse ato. Ainda assim, uma análise inicial, a fim de estabelecer uma categorização das temperaturas atingidas e a condição dos ossos no momento da queima, pode ser realizada. A investigação partirá da classificação dos fragmentos ósseos de acordo com o tipo de coloração.

Em análises visuais de coloração, é de conhecimento que ossos cremados podem apresentar uma grande diversidade de cores, variando entre cinza-azulado, preto, cinza, branco-acinzentado e branco (Shipman; Foster; Schoeninger, 1984). Essas colorações podem estar atreladas a temperatura da queima e ao tempo de exposição do osso ao calor (Heglar, 1984). Elas também são um reflexo do material orgânico e inorgânico associado ao corpo enquanto ele é exposto a essas condições. Para tanto, a análise visual da cor de um osso cremado pode auxiliar na identificação do tipo (intencional ou não) de cremação. Uma coloração amarronzada,

por exemplo, é associada a hemoglobina e/ou descoloração causada pelo solo. Já a coloração preta é resultado da carbonização do osso queimado em um estado sem oxigênio (Correia, 1997). Cores acinzentadas derivam do processo de pirólise de componentes orgânicos dos ossos (Shipman; Foster; Schoeninger, 1984) e o branco é o estágio final da calcinação, onde o osso perdeu completamente sua parte orgânica e há a fusão dos sais minerais presentes (Correia, 1997). Para a classificação da temperatura atingida, será utilizada a tabela de variação de cor de Ellingham et al. (2015), apresentada na tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Tabela de variação de cor de acordo com a temperatura baseada em Ellingham et al. (2015)

Temperatura (°C)	Cor observada
100 – 200	<ol style="list-style-type: none"> 1. amarelo esbranquiçado 2. amarelo/branco neutro 3. amarelado
300 – 400	<ol style="list-style-type: none"> 1. marrom escuro 2. marrom avermelhado/marrom escuro /amarelo avermelhado 3. cinza escuro
500 – 600	<ol style="list-style-type: none"> 1. cinza 2. preto/cinza azulado/algumas manchas amarelas avermelhadas 3. preto
700	<ol style="list-style-type: none"> 1. branco leitoso 2. manchas principalmente brancas / algumas manchas cinza-azuladas 3. cinza claro
800 – 1000	<ol style="list-style-type: none"> 1. branco 2. manchas principalmente brancas / algumas manchas cinza-azuladas 3. cinza claro

6.5 Análise estatística: análise de clusters

A análise de Cluster trabalha através da divisão dos componentes de uma amostra de acordo com suas variáveis. Elementos de um mesmo grupo possuirão variáveis semelhantes, sendo mais “aparentados” entre si. Em contraposição, as amostras que pertencerem a grupos diferentes, terão, por consequência, características distintas. Para se executar uma análise de Clusters, duas decisões primárias devem ser tomadas: 1 – Definição de uma medida de distância entre duas amostras e 2 – Escolha de um critério de agregação e desagregação das amostras (Reis, 2001). Para esse estudo foi definido um tipo de medida de distância e um critério de agregação, sendo elas a distância Euclidiana e o Método de Ward. Por classificar as amostras com base na observação das semelhanças e diferenças entre elas, a análise de clusters é capaz de organizar os indivíduos em grupos relativamente homogêneos. Com a aplicação dessa metodologia em contextos funerários, é possível identificar a formação de “padrões” (ou agrupamentos) que englobem os sepultamentos mais assemelhados entre si, a origem comum entre eles e as separações que foram ocorrendo ao longo da dispersão (figura 23). Com a formação de agrupamentos compostos pelos Sepultamentos de Caixa D’Água, se pôde contabilizar visualmente o número de enterramentos pertencentes a cada grupo formado. Para cada padrão, foram observadas as semelhanças e diferenças entre os sepultamentos, a fim de identificar quais características foram responsáveis pelos respectivos agrupamentos.

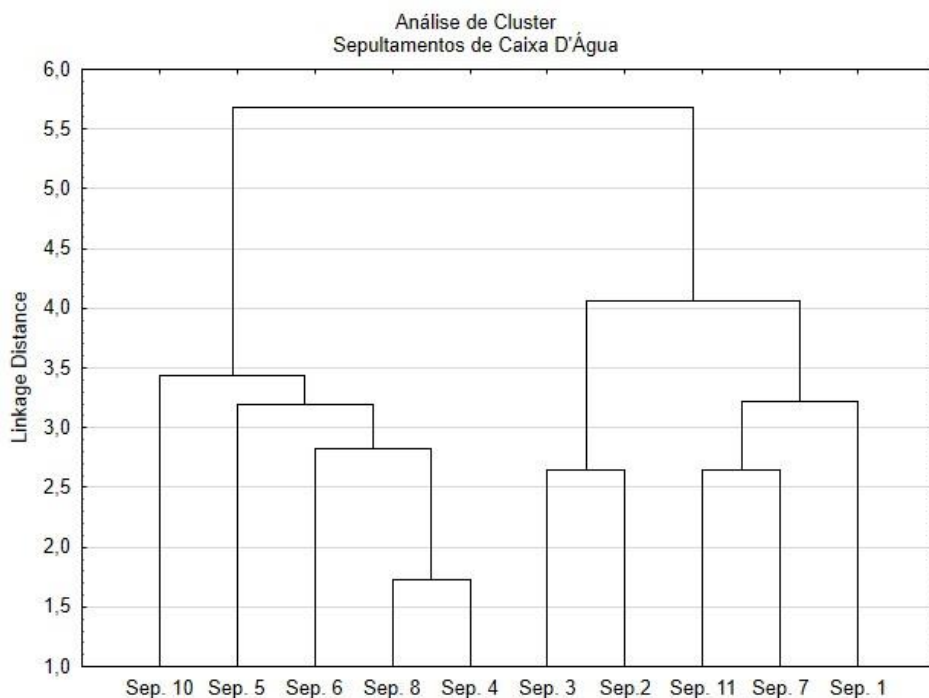


Figura 23 – Exemplo de uma análise de Cluster, onde se é possível perceber a presença de diferentes agrupamentos, formados por indivíduos cujas características se assemelham entre si.

7. Descrição e análise dos Sepultamentos

7.1 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 1

Localização Espacial e Estratigráfica

O Sepultamento 1 do sítio arqueológico de Buritizeiros (Caixa D'Água) foi escavado na campanha de 2005 e tinha uma ficha de escavação específica para os dados de sua exumação. O topo do Sepultamento estava situado a 41,5 cm de profundidade, no nível IV Superior. As cotas iniciais associadas ao crânio, à bacia e ao pé eram de, respectivamente, 56,5 cm, 54,0 cm e 53,5 cm. Já as cotas finais da exumação para o úmero e costela foram de 54,0 cm e 44,0 cm. O Sepultamento 1 ocupava as quadras P12, P13, O12 e O13. A localização dessas quadras no sítio arqueológico, entretanto, não foi explicitada. Esse fator impossibilitou a observação de qualquer associação espacial com outros enterramentos.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 1 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo de sexo feminino e idade de morte estimada de >30 anos. Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto foram consideradas baixas. Ainda assim, foi possível identificar que o corpo estava orientado no sentido norte → sul (crânio → bacia) e com a face voltada para leste. O esqueleto estava articulado, semifletido, em decúbito lateral direito, com apenas as pernas dobradas (figura 24). Os braços estavam parcialmente estendidos sobre o corpo. Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre. O esqueleto ocupava um espaço de 108 cm de comprimento e 53 cm de largura.

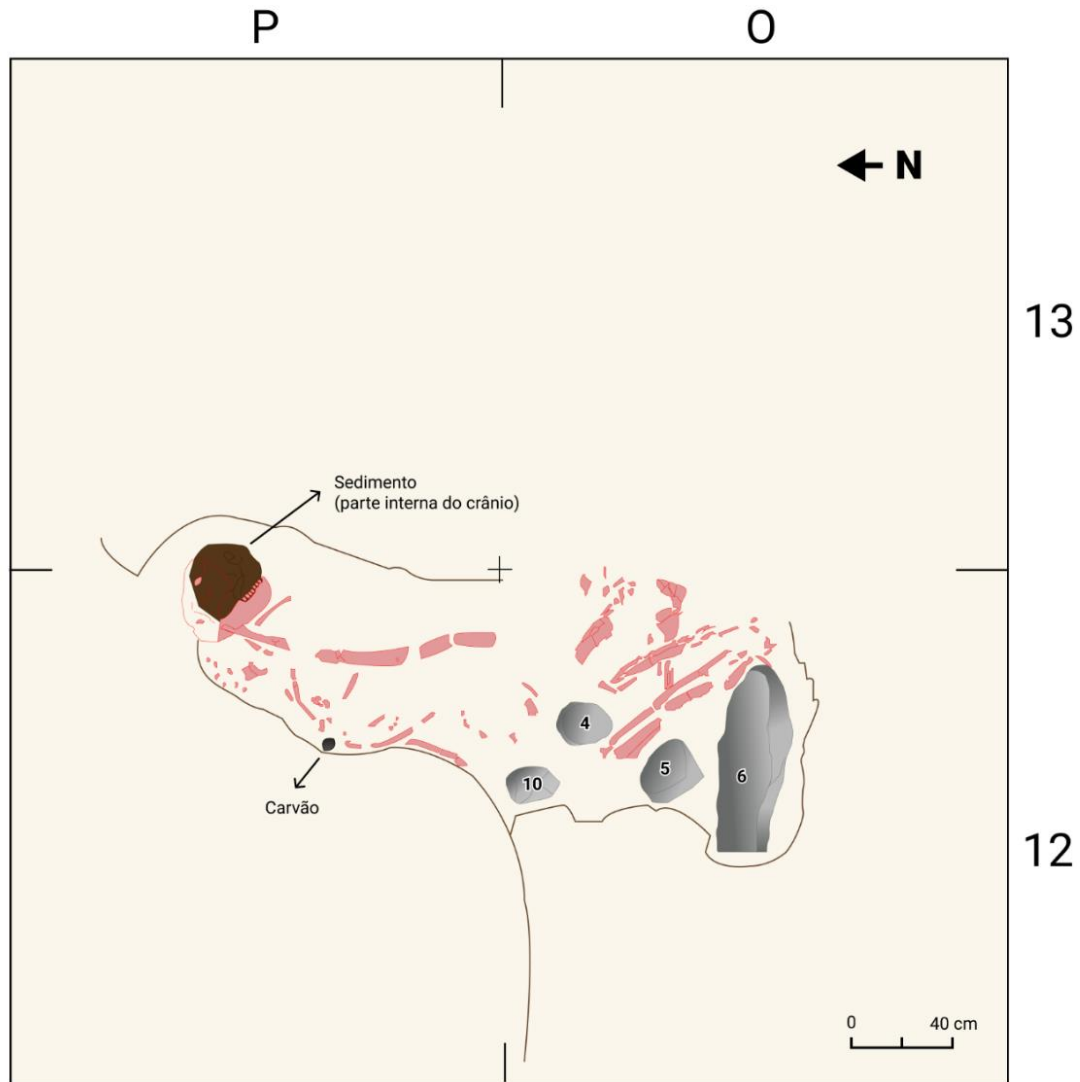


Figura 24 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 - Desenho esquemático indicando a posição do esqueleto e a organização espacial das estruturas associadas a sepultura. Blocos de pedra estão representados em cinza, ossos humanos em rosa. Os contornos em preto indicam os limites da escavação do esqueleto. Figura baseada no croqui feito para a exposição 1b. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Durante a escavação não foi possível identificar os limites da cova funerária. Ainda assim, blocos de pedra foram encontrados juntos aos pés e ao crânio do indivíduo. O limite sul do Sepultamento era marcado por um bloco retangular de arcósio (nº 6 na figura 24), com dimensões próximas de 36 x 15 x 8,5 cm, e orientado perpendicularmente em relação ao eixo do esqueleto. A peça, inclinada para o norte, tinha um gume produzido por lascamento bifacial. Uma das bases da pedra também foi lascada de maneira a regularizar a superfície (figura 25). Essa característica sugeriu a possibilidade de que o bloco teria sido utilizado como uma “laje funerária”, alocada em posição vertical.

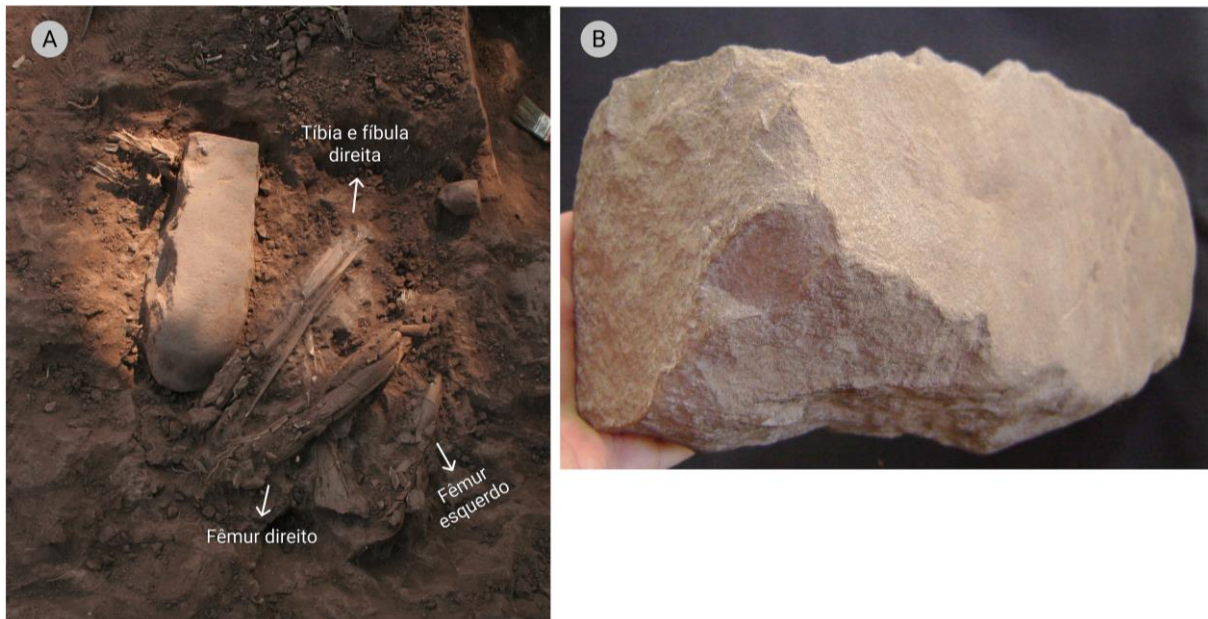


Figura 25 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 1 – Foto de campo mostrando o bloco de arcósio (nº 6 na figura 24). A) Posição do artefato in situ, alocado imediatamente embaixo das pernas do indivíduo. B) Base lascada e regularizada do bloco nº 6 que poderia ter servido como sustentação para a “laje funerária”. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2005.

Outros dois blocos de arcósio (nº 4 e 5 na figura 24) estavam depositados sobre a região das pernas do Sepultamento 1. O bloco 4 (imagem A na figura 26), com dimensões de 29,9 x 19,5 x 7,4 cm, era um instrumento do tipo bigorna e estava posicionado sobre os fêmures do indivíduo. O bloco 5 (imagem B na figura 26), com tamanho aproximado de 27,5 x 18,7 x 4,9 cm, era trabalhado sobre lascamento por percussão direta dura. Ele estava depositado na região imediatamente abaixo das pernas flexionadas. O bloco nº 10 (na figura 24) estava localizado atrás da região da bacia do esqueleto. Não há informações e imagens que detalhem as características desse artefato.

Embora haja menção da presença de blocos acima do crânio do indivíduo, na extremidade norte do Sepultamento, não há descrições ou imagens que apresentem as características desses artefatos ou como eles estavam dispostos no Sepultamento. Quatro outras peças (imagens D, E, F e G na figura 26) foram retiradas no mesmo nível do início do Sepultamento. Entretanto, não há detalhes de suas posições na sepultura. Dois desses blocos eram uma bigorna/percutor e uma lasca sobre seixo de quartzito. Outro instrumento (imagem F na figura 26) foi interpretado como uma possível mó e/ou bigorna associada ao Sepultamento 1. A peça tinha as superfícies picoteadas. Em uma delas, a concentração e a disposição dos picoteamentos sugeriram o seu uso intenso, formando uma depressão na região. Essa

característica, em conjunto com análises que indicaram a presença de amido na superfície, sugeriram a utilização desse instrumento como mó (Rodet & Gonçalves, 2009).

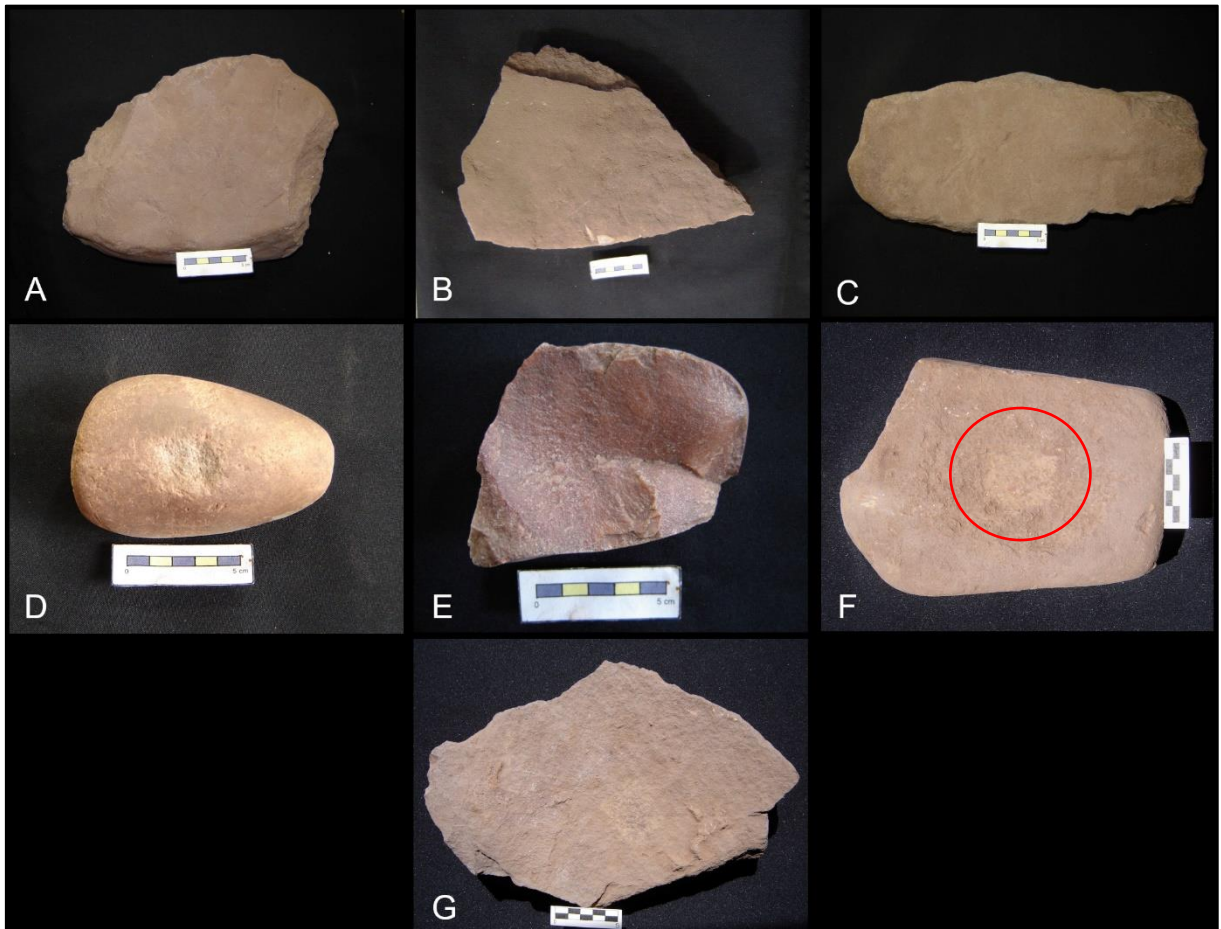


Figura 26 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 - Imagens de todos os blocos associados ao Sepultamento 1. A) bloco n° 4; B) bloco n° 5; C) bloco n° 6; D) bloco s/n°, coletado no início da decapagem do Sepultamento; E) bloco s/n°, coletado no início da decapagem do Sepultamento; F) bloco s/n°. Possível mó cuja presença de amido foi identificada na depressão formada por picoteamento na peça (círculo vermelho). G) bloco s/n°. Não há informações quanto a localização no Sepultamento. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Três pontas de osso (figura 27) foram encontradas junto ao Sepultamento 1, segundo descrições do diário de campo. Entretanto, a posição desses instrumentos dentro do Sepultamento não foi definida. No entorno do indivíduo também foram encontradas lascas de seixo de silexito, entretanto não fica claro pelo diário de campo se se tratam de acompanhamentos funerários ou se poderiam resultar de uma associação fortuita.



Figura 27 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 - Três pontas de osso fragmentadas associadas ao Sepultamento 1. A) parte externa das peças; B) parte interna das peças. **Créditos:** Ana Borella. Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva (LAAAE – USP).

Modo de Enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 1 do sítio arqueológico de Caixa D'Água indicam um enterro primário e simples (figuras 28, 29, 30, 31 e 32). Ainda que não tenha sido identificado o contorno da cova, parece ter havido uma delimitação do corpo do indivíduo através da utilização dos blocos de arcósio. Como acompanhamento funerário, havia três pontas de osso.

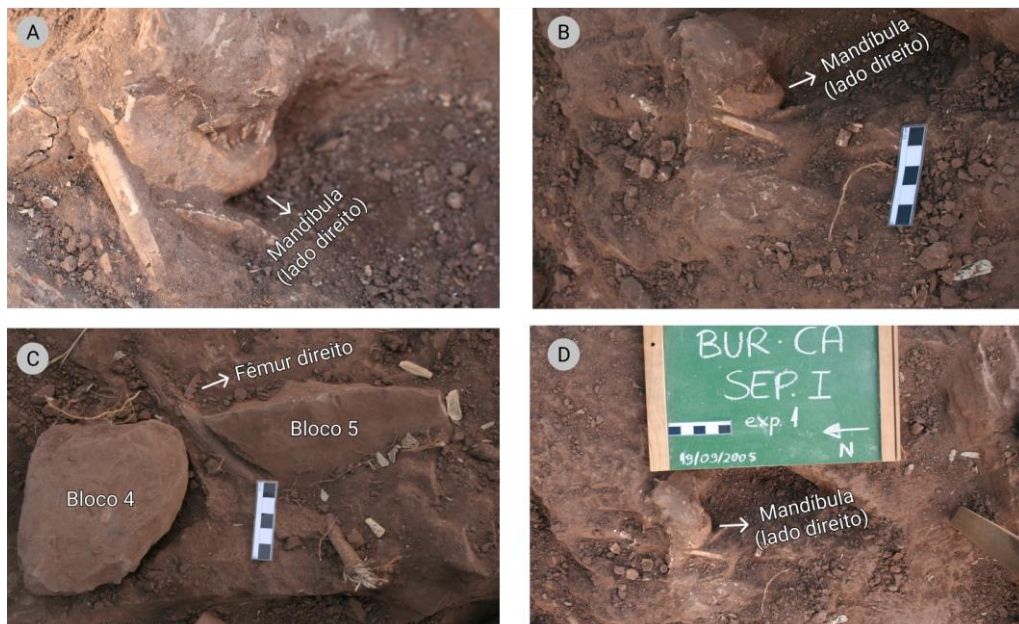


Figura 28 – Sítio arqueológico Caixa D'água. Sepultamento 1 - Imagens da Exposição 1 do Sepultamento 1. A) exposição de parte do crânio e mandíbula do indivíduo. B) exposição da parte superior do esqueleto. C) imagem da posição dos blocos 5 e 4, localizados acima das pernas do indivíduo. D) imagem do limite norte do Sepultamento, com o início da exposição do crânio e mandíbula do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2005.



Figura 29 – Sítio arqueológico Caixa D'água. Sepultamento 1 – Imagem da exposição 1b do Sepultamento 1. Foto após a retirada dos blocos 5 e 4, localizados acima das pernas do indivíduo. Na imagem, o esqueleto está com o crânio orientado para norte e as pernas para sul. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografia tirada em 2005.



Figura 30 – Sítio arqueológico Caixa D'água. Sepultamento 1 – Imagem da exposição 2 do Sepultamento 1. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografia tirada em 2005.



Figura 31 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 – Imagens da exposição 3 do Sepultamento 1. A) início da exposição. B) retirada em bloco de parte do esqueleto. C) foto mostrando a altura dos blocos de sedimento retirados. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2005.



Figura 32 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 – Imagem do espaço ocupado pelo esqueleto após a retirada do Sepultamento. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2005.

Análise em Laboratório

O Sepultamento 1 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi retirado em bloco para ser escavado em laboratório. O esqueleto estava alocado em seis caixas de papelão, forradas com serragem e com os blocos guardados em sacos plásticos. Em 2011, foram realizadas a limpeza e a curadoria desse material. Durante este processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo. Ossos do crânio, bacia e coluna vertebral estavam pouco preservados. Apenas pequenos fragmentos dessas regiões estavam presentes. O restante do esqueleto também estava fragmentado, dificultando a remontagem dos ossos presentes. Ainda assim, alguns ossos longos, como tíbias, fêmures, úmeros e ulnas, puderam ser parcialmente remontados. O alto grau de fragmentação evidenciado no Sepultamento 1 foi provocado, possivelmente, pela pressão causada pela construção de casas de pau-a-pique e pelo maquinário utilizado nas obras públicas.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2020. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. As alterações tafonômicas mais evidentes foram os danos causados possivelmente por cupins, assinaladas em sete ossos longos do indivíduo. Os ossos mais afetados foram a tíbia esquerda, a ulna esquerda e o fêmur esquerdo (figura 33), nos quais as alterações se estenderam sobre toda a superfície externa e interna do osso. Foram observados canais feitos por cupins no osso cortical, “poços” em forma de estrela nas regiões mais afetadas e túneis com estriações subparalelas no seu entorno, produzidos pela perfuração do osso pelos insetos (figura 34 a 36). Outros quatro ossos longos também apresentaram danos causados por cupins, mas em menor proporção quando comparados com a tíbia, a ulna e o fêmur esquerdos. São eles o fêmur direito, a tíbia direita, a fíbula direita e o rádio esquerdo. Tanto o fêmur, quanto a tíbia direita, tinham pequenas alterações concentradas em uma única região (figura 37). Já a fíbula direita e o rádio esquerdo apresentaram danos que se estendiam sobre boa parte da superfície do osso, mas que não alteraram, de maneira agressiva, a sua estrutura (figura 38).



Figura 33 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 – Imagens dos ossos mais afetados por danos causados por cupins. A) tíbia esquerda, vista posterior e a extremidade proximal para direita na foto. B) ulna esquerda, vista lateral e a extremidade proximal para direita na foto. C) fêmur esquerdo, vista posterior e a extremidade proximal para direita na foto.

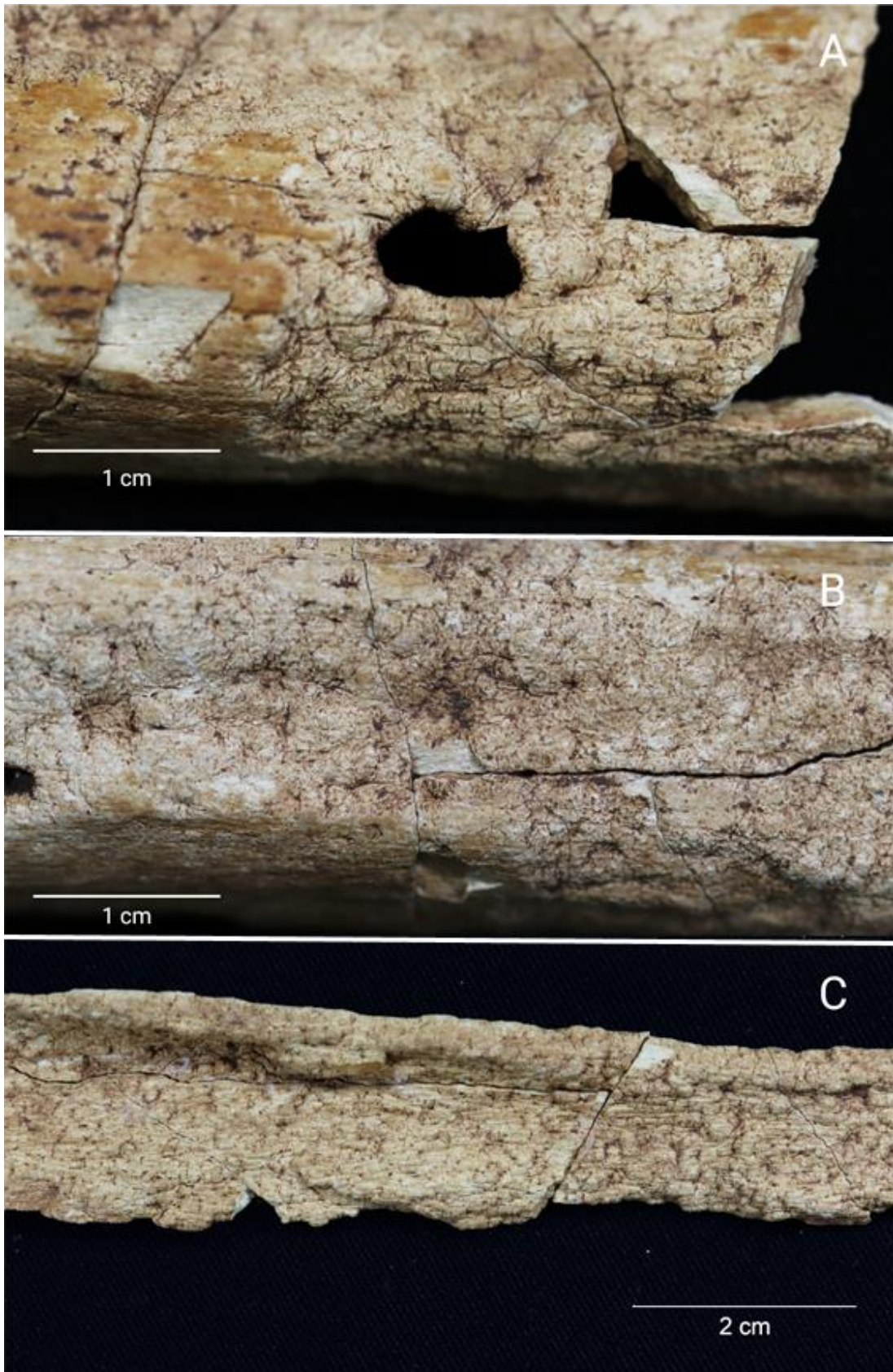


Figura 34 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 – Danos causados por cupins na tíbia esquerda. Vista posterior, extremidade proximal para a direita da foto. A) túnel com as estriações paralelas nas bordas formado pela ação de cupins. B) detalhe dos “poços” em formato de estrela na região da diáfise. C) danos causados na região interna do osso cortical.



Figura 35 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 – Danos causados por cupins na ulna esquerda. A) detalhe das marcas e de um “poço” na região da metáfise proximal causadas por cupins, vista anterior, extremidade proximal para a direita na foto. B) danos causados por cupins presente de maneira generalizada na região da diáfise, vista lateral, extremidade proximal para a direita na foto.

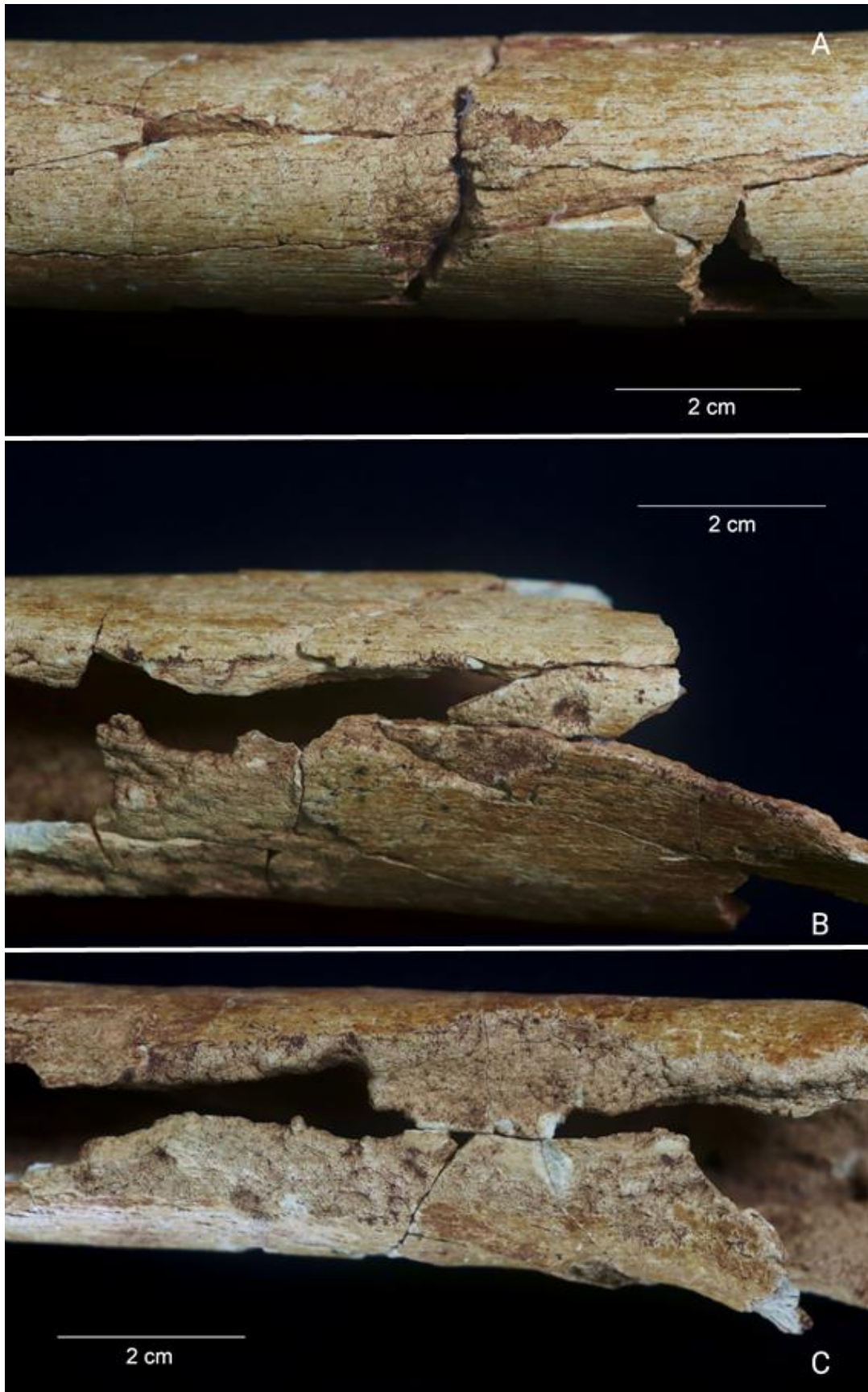


Figura 36 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 – Imagens A, B e C) danos causados por cupins em diversas regiões da diáfise do fêmur esquerdo. Vista posterior, extremidade proximal a esquerda da foto.



Figura 37 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 fêmur direito. A) foto do fêmur direito, vista lateral, extremidade proximal a baixo na foto. B) epífise proximal do fêmur direito. Foto em detalhe da região afetada por cupins. C) tíbia direita. D) foto em detalhe da região afetada por cupins.



Figura 38 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 1 – A) fíbula direita, vista lateral, extremidade proximal para direita na foto. B e C) imagem em detalhe para as áreas da diáfise atingidas por cupins. D) rádio esquerdo, vista anterior, extremidade proximal para direita. E) imagem em detalhe de parte da diáfise atingida por cupins, com presença de “poços” nas bordas do osso. F) imagem em detalhe da região danificada, com presença de um túnel provocado por cupins.

7.2 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 2

Localização Espacial e Estratigráfica

Escavado na campanha de 2006, o Sepultamento 2 foi encontrado a partir de uma tragem. A cerca de 7,5 m a sul da quadra O11 foi observada a presença de ossos humanos a 15cm da superfície e, em seguida, um grande bloco de pedra com marcas de utilização tipo bigorna. As quadras I11 e I12 foram abertas, evidenciando a localização do esqueleto (figura 39). Os primeiros vestígios esqueléticos estavam associados ao nível I médio. A cota inicial do Sepultamento para a extremidade distal do úmero esquerdo, a junção do úmero/escápula esquerda e a falange intermediária da mão direita era, respectivamente, 31,5 cm, 27 cm e 29 cm. Não foram definidas as cotas finais do Sepultamento.

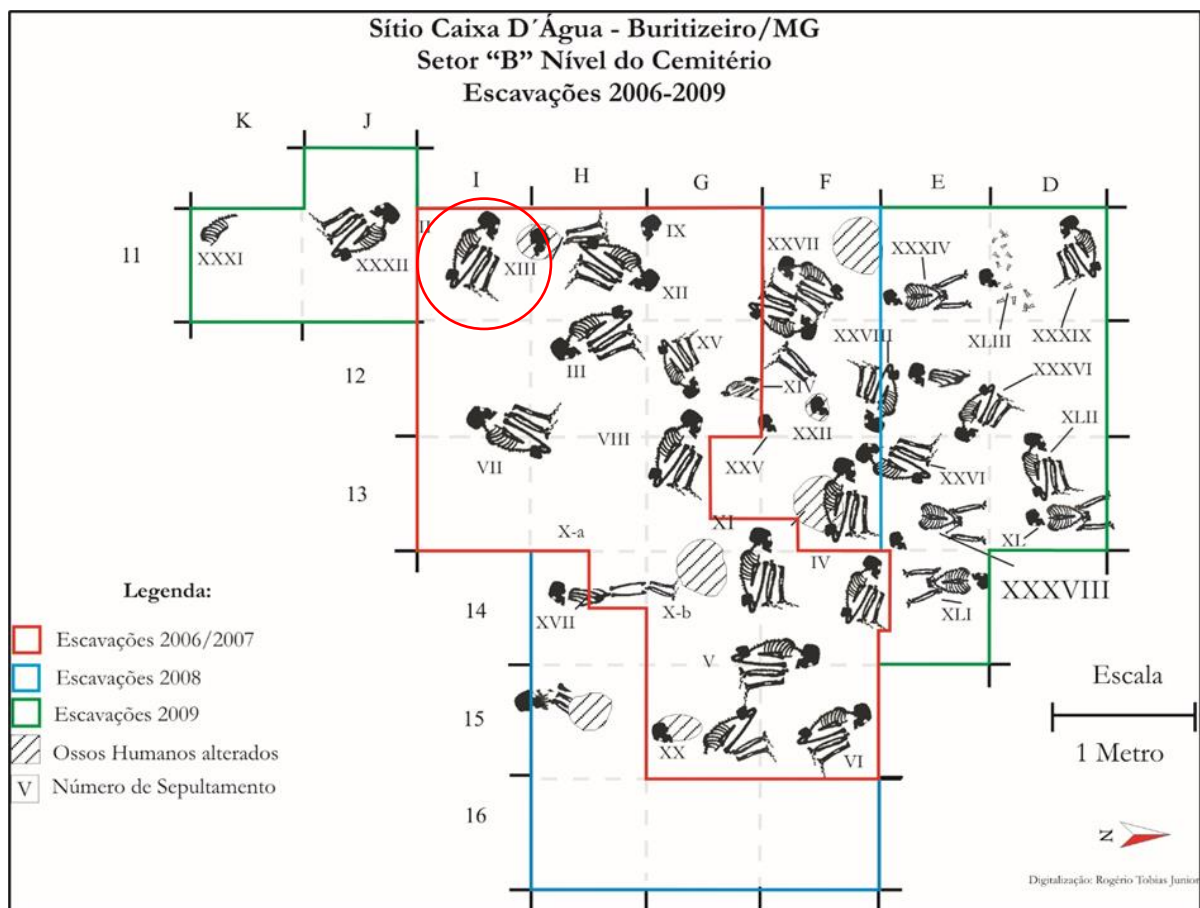


Figura 39 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 2 (círculo vermelho).
Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 2 do sítio Caixa D'Água era composto por um indivíduo de sexo masculino e idade estimada de >25 anos. O corpo estava orientado no sentido leste → oeste

(crânio → bacia) e com a face virada para nordeste. O esqueleto, articulado, estava na posição fletida, em decúbito lateral direito, com o braço esquerdo semifletido acima das pernas e o braço direito estendido ao lado corpo, com as duas pernas fletidas (figura 40). A largura e o comprimento máximo do espaço ocupado pelo esqueleto eram 80 cm e 45 cm, respectivamente (ombro) e 55 cm (perna + bacia). Durante a escavação não foi possível determinar a extensão da cova funerária. Ainda assim, foi identificado que havia blocos de pedra limitando, ou ao menos circundando, o esqueleto. Ainda na exposição 1, um bloco (A na figura 40), a norte da quadra I11, estava posicionado imediatamente acima do crânio. Trata-se de uma ferramenta do tipo bigorna (figura 40 e 41). Supõe-se que esse instrumento foi utilizado como “picão” para abertura da fossa sepulcral. A noroeste da quadra I11 havia outro bloco (B na figura 40) posicionado ao lado de gomos de seixo. A face voltada para baixo era bastante picoteada. Esse bloco possuía profundas marcas de uso. Logo abaixo do bloco apareceram fragmentos ósseos humanos. Durante a exposição 2, a noroeste do Sepultamento, foi evidenciado outro bloco de arcósio (C na figura 40), achatado e com pouco mais de 20 cm de diâmetro. Ele não apresentava marcas de uso, mas sobre ele foi identificada a presença de uma fíbula, que adentrava o perfil norte da quadra I11. O osso fazia parte de um conjunto completo de tíbia, fíbula e fêmur direitos, mas não pertenciam ao Sepultamento 2. Durante a exposição 3, foi observada a presença significativa de pequenos seixos (D na figura 40) próximos ao crânio e sobre o úmero esquerdo do esqueleto. Logo abaixo do crânio, havia também um fragmento de osso longo isolado (F na figura 40), sem conexão anatômica.

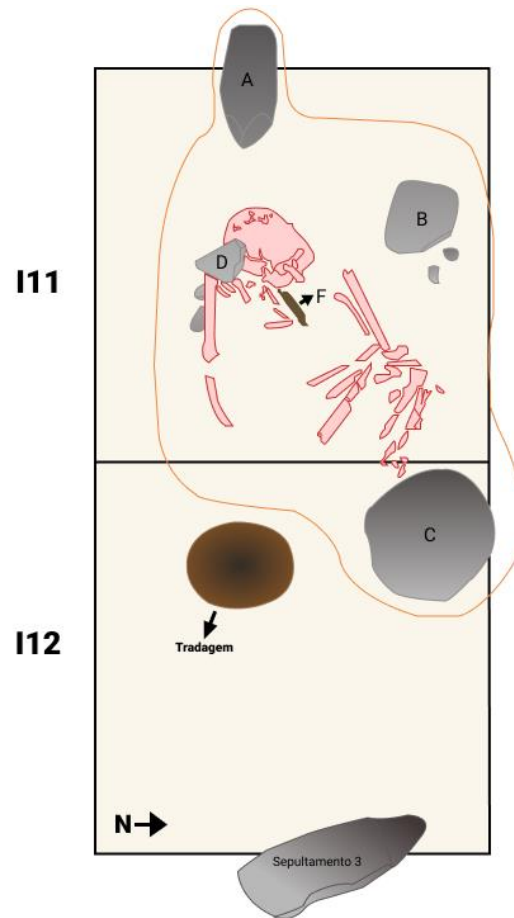


Figura 40 – Sítio arqueológico Caixa D'Água Sepultamento 2 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto e a organização espacial dos blocos associados a sepultura. Figura baseada nas imagens das exposições 2 e 3. As imagens originais não tinham escala e, portanto, essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração as quadrículas (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m.



Figura 41 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 2 – Ferramenta tipo bigorna (bloco A na figura 20) posicionado acima do crânio do indivíduo do Sepultamento 2. A) foto da porção inferior do bloco. B) foto da porção superior do bloco. C) foto da ponta do bloco, de origem antrópica. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva (LAAAE – USP).

Próximo à fossa sepulcral, foi observada a presença de pontos de pigmentos amarelo e vermelho. Eles poderiam estar ligados ao Sepultamento ou serem resultado do acúmulo de goetita e hematita em grande parte das camadas do sítio. Próximo da escápula esquerda do indivíduo também foi evidenciado um ponto de pigmento de cor vermelha de cerca de 1 cm de diâmetro (figura 42). Não houve determinação, *in situ*, quanto a associação desse material com o esqueleto. Portanto, não se pode afirmar um uso ritualístico para esse material, uma vez que os ossos também não apresentaram marcas de corante.

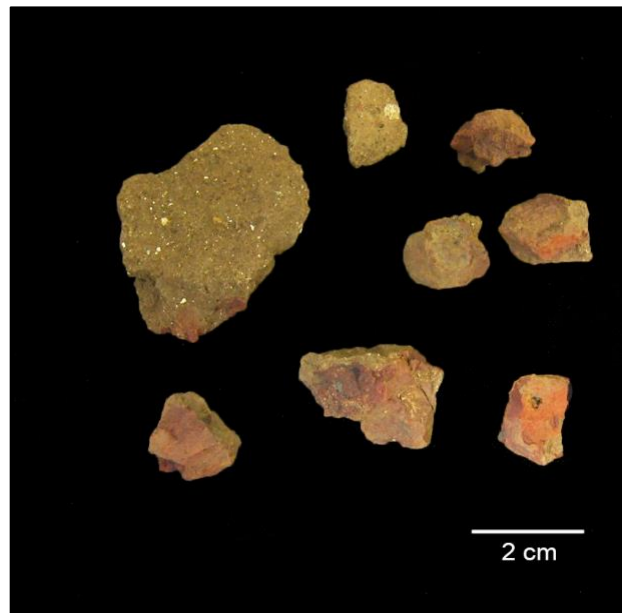


Figura 42 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 2 – Pigmento encontrado próximo a escápula esquerda do esqueleto. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva (LAAAE – USP).

A leste do Sepultamento foi encontrada uma estrutura de combustão com um aglomerado de ossos de fauna queimados. Não há informações quanto às suas características. Durante as escavações, foi sugerida uma associação entre ela e o Sepultamento 2, o que não pôde ser comprovado devido a interrupção das atividades. Nas imagens disponíveis para o Sepultamento 2, não foi possível averiguar a organização espacial dessa estrutura. A única informação quanto a sua localização corresponde a um desenho técnico presente em um dos cadernos de campo (figura 43).

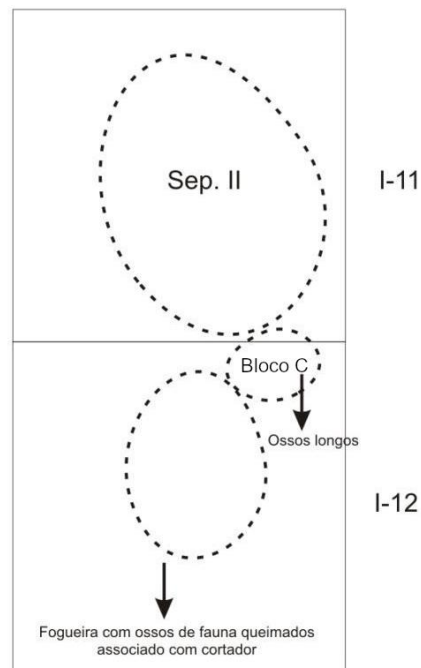


Figura 43 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 2 – Esquema baseado no desenho presente no caderno de campo que mostra a localização de estrutura de combustão em relação ao Sepultamento 2. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva (LAAAE – USP).

Modo de enterramento

O Sepultamento 2 do sítio arqueológico Caixa D'Água era constituído por um enterro primário e simples (figuras 44, 45 e 46). Embora não identificados claramente os limites da cova, a sepultura parece ter sido delimitada através da utilização dos blocos de arcósio. Não foi mencionada a presença de acompanhamentos funerários nem comprovada a associação de estruturas com o esqueleto.



Figura 44 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 2 – Imagens das primeiras exposições do Sepultamento 2. A) parte superior da exposição 1. B) exposição 1b. C) exposição 1c. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2005.



Figura 45 – Sítio arqueológico Caixa D'Água, Sepultamento 2 – Imagens da exposição 2 do Sepultamento 2. A) foto geral do Sepultamento. B) foto com detalhe para a posição do esqueleto, o buraco de tradagem e o bloco de pedra acima do crânio. C) foto com enfoque no esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2005.



Figura 46 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 2 – Imagens da exposição 3 do Sepultamento 2. A) foto com enfoque na porção superior do esqueleto, onde pode observar a posição do crânio, com a face virada para nordeste, e dos braços, o direito estendido ao lado e o esquerdo sobre o corpo. B) foto geral do Sepultamento. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2005

Análise em laboratório

O Sepultamento 2 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi retirado em bloco para ser escavado em laboratório. O esqueleto estava alocado em 7 caixas de papelão forradas com serragem. O material estava acondicionado em embalagens separadas envolvidas por papel higiênico e em sacos plásticos. Em 2007, foram realizadas a limpeza e a curadoria desse material. O protocolo adotado foi o de imersão e dissolução total dos blocos e posterior resgate dos fragmentos de ossos com o auxílio de uma peneira. Durante este processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado regular, mas com os ossos bastante fragmentados. Ossos do crânio, bacia e coluna vertebral estavam pouco preservados. Apenas pequenos fragmentos dessas regiões estavam presentes. O restante do esqueleto também estava fragmentado, dificultando a remontagem dos ossos presentes. Ainda assim, alguns ossos longos, como tíbias, fêmures, úmeros e ulnas, puderam ser parcialmente remontados. O alto grau de fragmentação evidenciado no Sepultamento 2 foi provocado, possivelmente, pela pressão causada pela construção de casas de pau-a-pique e pelo maquinário utilizado nas obras públicas.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2020. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. Entre elas, quebras *post-mortem*, modificações causadas por cupins nos ossos do esqueleto, sinais de atividade fúngica, cortes (não antrópicos) e marcas de queima, possivelmente não intencionais. Além disso, devido a dureza do solo, que dificultou a exumação do esqueleto, fez-se necessário o uso de ferramentas pesadas para o resgate do material. O uso desses instrumentos causou marcas de impacto nos ossos do indivíduo.

As alterações tafonômicas mais evidentes foram as marcas causadas por atividade fúngica, assinaladas principalmente nas fíbulas direita e esquerda do indivíduo. No osso direito a mancha preta estava concentrada na região da diáfise (figura 47), enquanto que no esquerdo os pontos pretos se espalhavam sobre todo o osso (figura 48). Não fica claro, entretanto, qual fator contribuiu para o aumento da umidade na região do esqueleto e que intensificou a atividade fúngica no local. Ainda assim, pode se supor se deva a proximidade a qual o Sepultamento estava da superfície, ou até de uma exposição causada pela própria escavação, uma vez que não havia proteção acima do esqueleto. Esse fator também explicaria a presença de “ranhuras” na superfície óssea, possivelmente causada pelo ressecamento devido exposição solar (imagens B, C e D na figura 48).

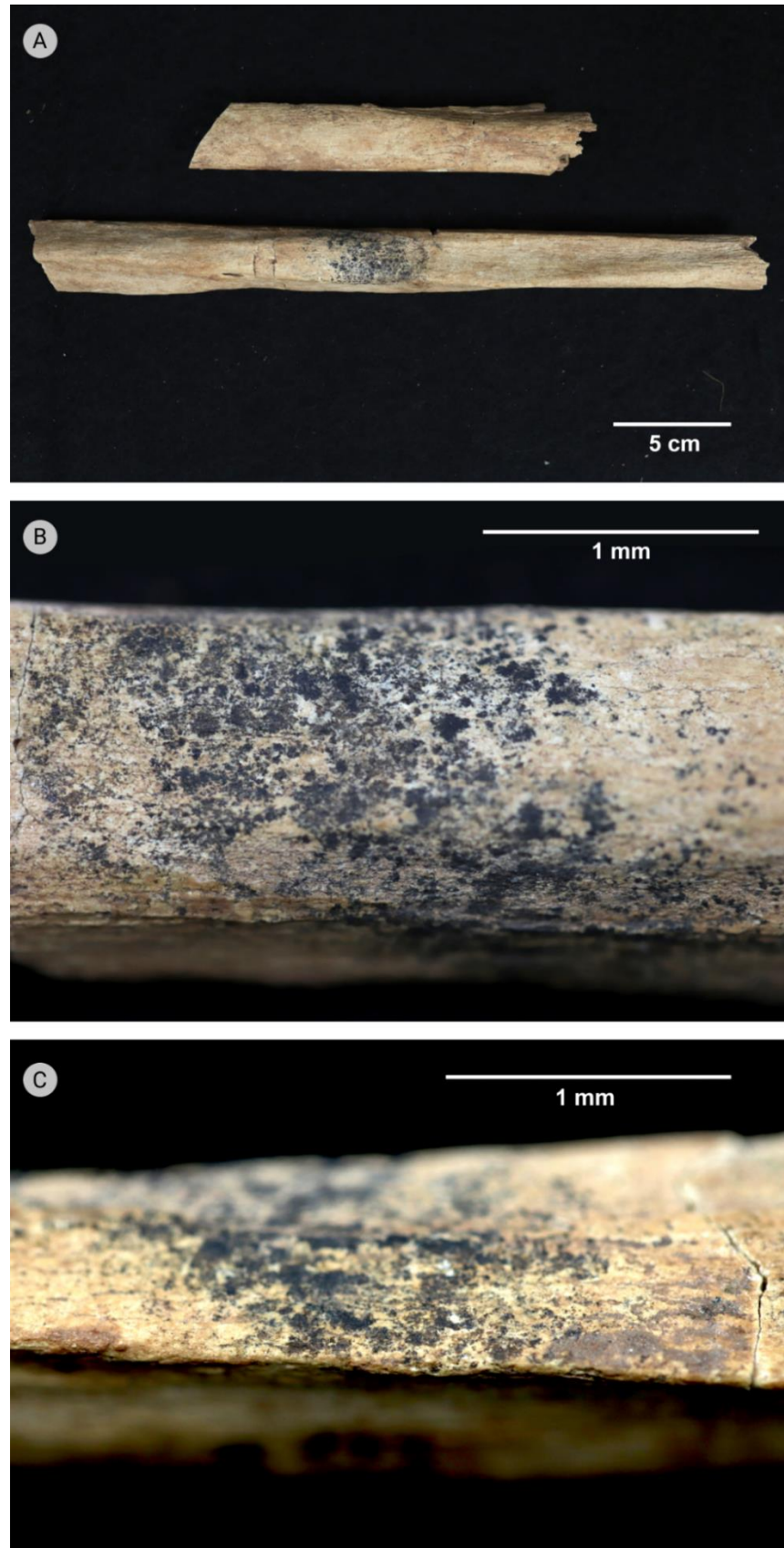


Figura 47 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 2 – Fíbula direita. A) fíbula direita, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. B e C) imagem em detalhe da diáfise do osso, onde se observa a mancha preta, formada por vários pontos pequenos, concentrada nessa região. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

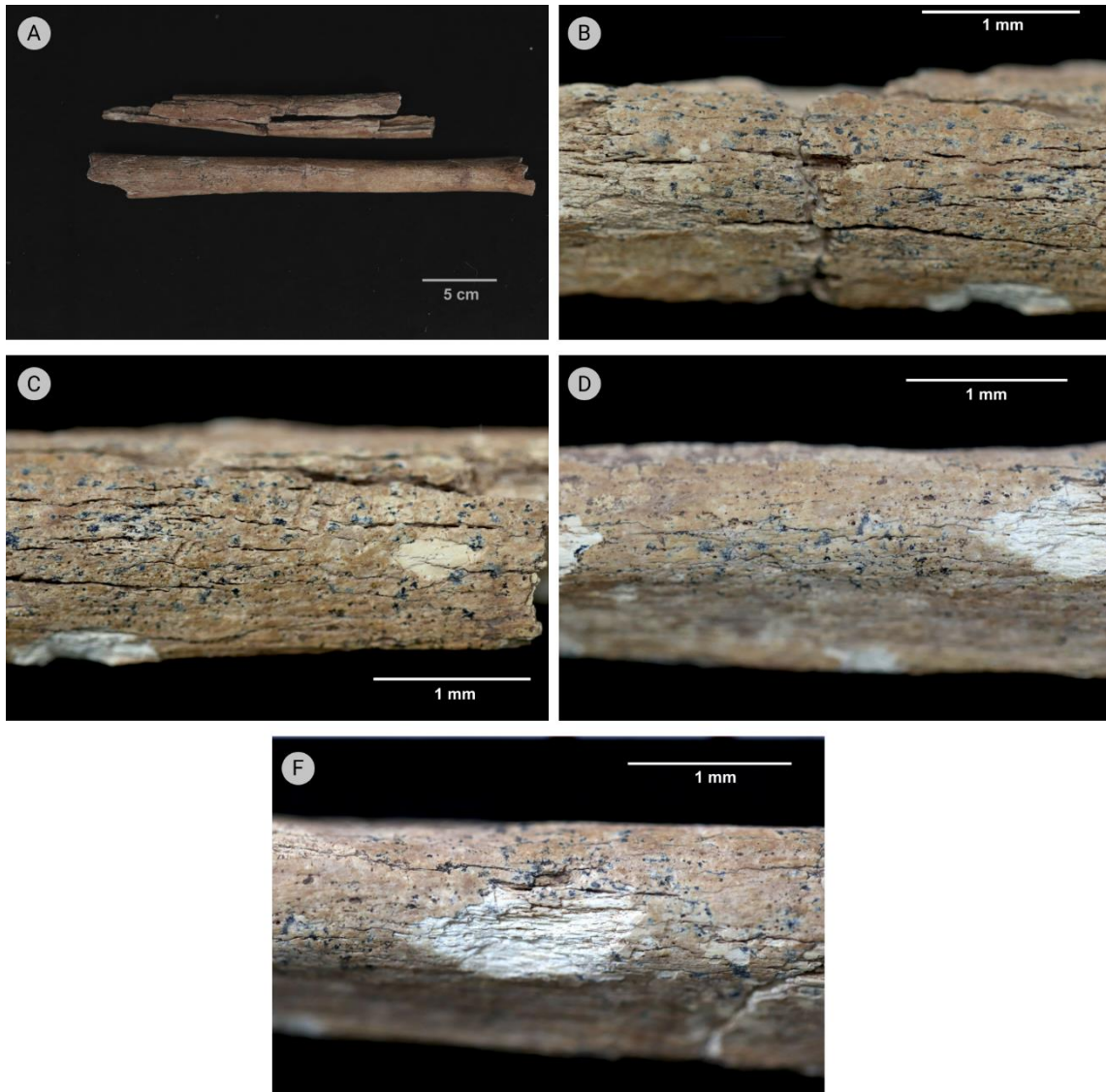


Figura 48 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 2 – Fíbula esquerda. A) fíbula esquerda, vista medial, extremidade proximal a direita na foto. B e C) imagens em detalhe da diáfise do osso, onde é possível observar pequenos pontos pretos de atividade fúngica espalhados sobre a superfície do osso. D e F) imagens em detalhe da região próxima a epífise proximal do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Além da fíbula esquerda, a ulna esquerda também apresentou rachaduras na superfície (imagens B e C na figura 49). O grau de intensidade, entretanto, parecia ser menor do que no osso anterior. Ademais, na região da diáfise também foi encontrada uma “mancha preta”, de superfície brilhosa incrustada no osso (imagem D na figura 49). A sua origem, entretanto, não pôde ser identificada.



Figura 49 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 2 – Ulna esquerda. A) ulna esquerda, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. B e C) imagens da região da diáfise, onde é possível observar as rachaduras na superfície do osso. D) imagem da região da diáfise, onde é possível identificar uma “mancha” preta, de superfície brilhosa, de origem não identificada. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

A presença de danos causados possivelmente por cupins foi assinalada em apenas um osso longo do indivíduo. A tíbia esquerda apresentou alterações na área fragmentada da diáfise, que se estenderam sobre boa parte da extremidade dessa superfície. Foram observados canais feito por cupins no osso cortical e “poços” em forma de estrela (figura 50).

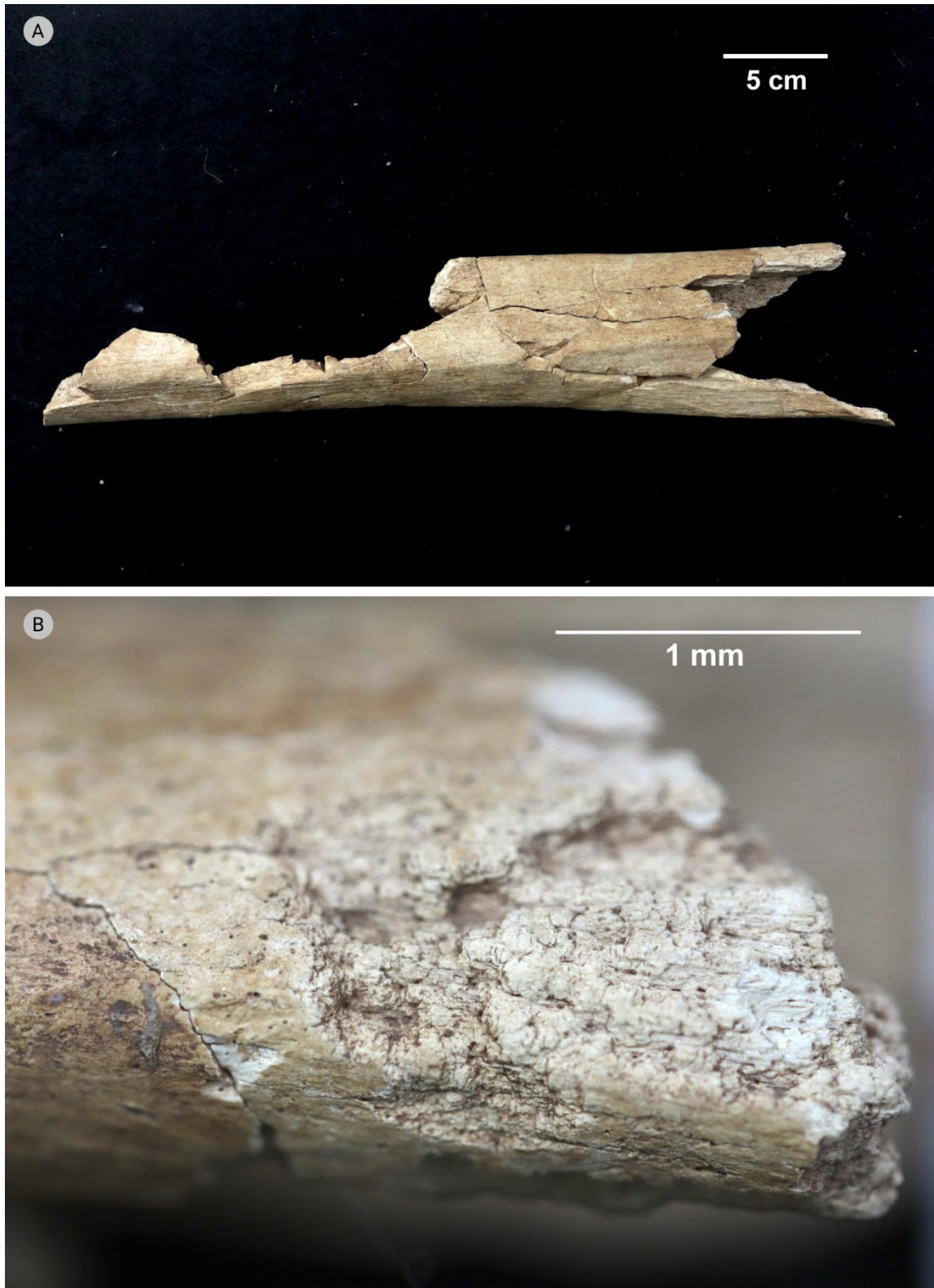


Figura 50 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 2 – Tíbia esquerda. A) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita da imagem. B) imagem em detalhe da proximidade do osso onde é possível observar os danos causados pelos cupins. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Danos causados pelo uso de ferramentas pesadas para a exumação do esqueleto foram observados em maior ou menor grau nos ossos do esqueleto. O fêmur direito, todavia,

apresentou o maior número de marcas de impacto. Marcas de corte causadas pela ferramenta foram observadas no osso (imagem B na figura 51), bem como “ranhuras” em outras partes da superfície (imagem C e D na figura 51).



Figura 51 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 2 – Fêmur direito. A) fêmur direito, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B) fotografia da região da diáfise do osso, onde há dois cortes, possivelmente causados pelas ferramentas utilizadas na escavação. C e D) imagens da diáfise do osso, onde se observa duas áreas onde foram retiradas “lascas” da superfície óssea pelas ferramentas utilizadas na escavação. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.3 Buritizeiro Caixa D’Água - Sepultamento 3

Localização Espacial e Estratigráfica

O Sepultamento 3 do sítio arqueológico Caixa D’Água foi escavado nas campanhas de 2006 e 2007. Ele estava localizado próximo do perfil norte da quadra H12 (figura 52), ocupando parte da quadra H11. Os primeiros vestígios esqueléticos foram observados no nível I Médio. As cotas iniciais e finais de exumação do indivíduo, bem como uma possível associação com outros sepultamentos, não foram mencionadas.

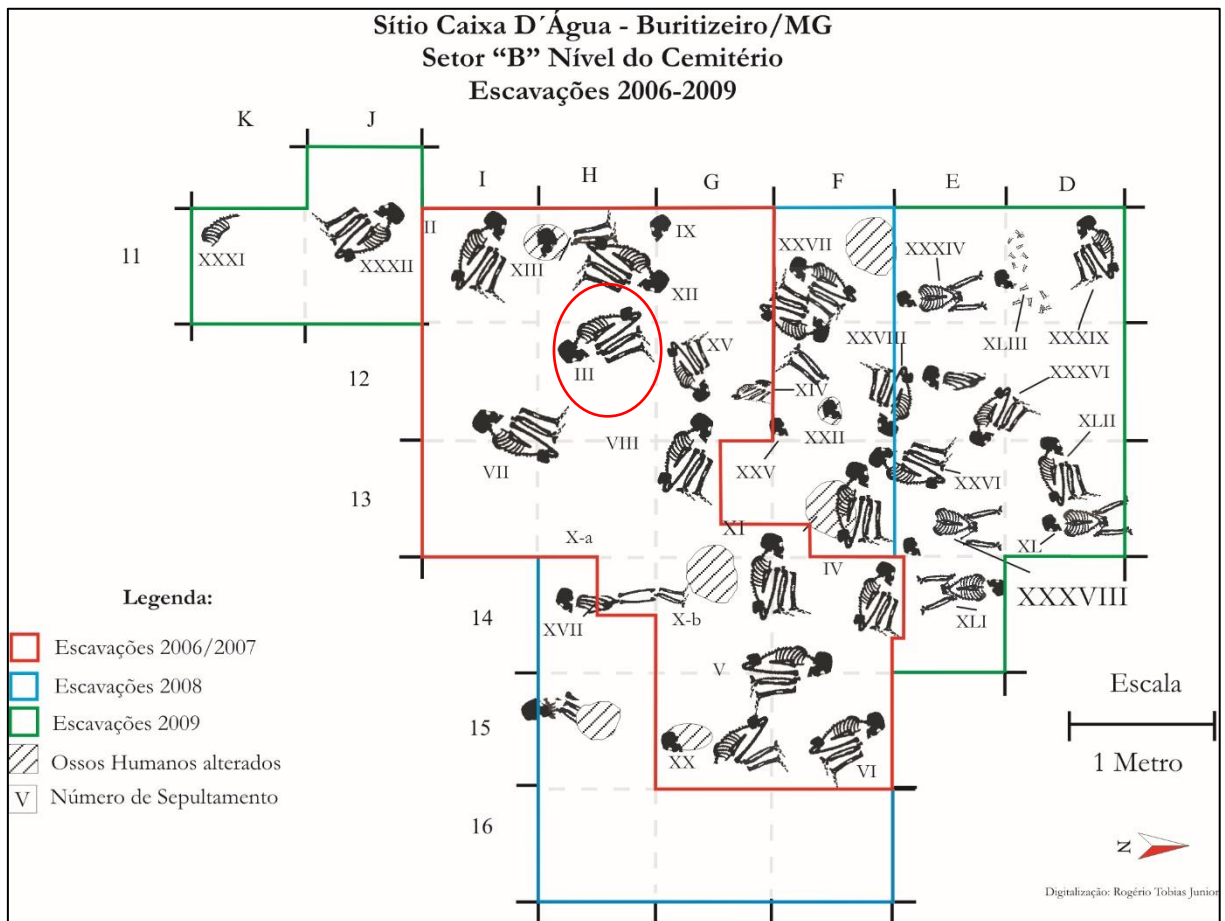


Figura 52 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 3 (círculo vermelho).
Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 3 de Caixa D'Água, escavado durante a etapa de 2006, foi encontrado em um estado fragmentado. O esqueleto, ainda que em certa lógica anatômica (fragmentos do crânio concentrados a norte e ossos longos ao sul), apresentava um contexto de difícil interpretação. Na região oeste do esqueleto, havia muitos ossos dispersos. Dentre eles, fragmentos de crânio e ossos longos. Essa disposição sugeriu que o Sepultamento 3 pode ter sido “arrastado”, ou “espalhado”, para oeste da quadra H12.

O esqueleto teve seu processo de exumação iniciado em 2006. Nessa campanha, foram retirados fragmentos do crânio e de ossos longos, além de parte do úmero e ulna esquerdos (figuras 53). Em laboratório, esses ossos foram denominados como Sepultamento 3. Em 2007, foi descoberta, na mesma quadra, parte de um esqueleto considerado o restante do Sepultamento 3. Em laboratório, esses ossos foram denominados como Sepultamento 3b. Ainda que

localizados na mesma quadra, a profundidade onde foram encontrados os ossos retirados em 2006 é mais superficial do que em 2007. Outras informações sobre as escavações realizadas, tanto em 2006, quanto em 2007, não foram citadas. Esses fatores fragilizam a afirmação de que esses remanescentes pertencem ao mesmo esqueleto, ou até sepultamento. Já o perfil biológico de ambos os remanescentes é semelhante, o que sugere a possibilidade de se tratar do mesmo indivíduo. Análises em laboratório foram executadas na tentativa de esclarecer essa questão.

Sítio Caixa D'Água Sepultamento 3 1º exposição

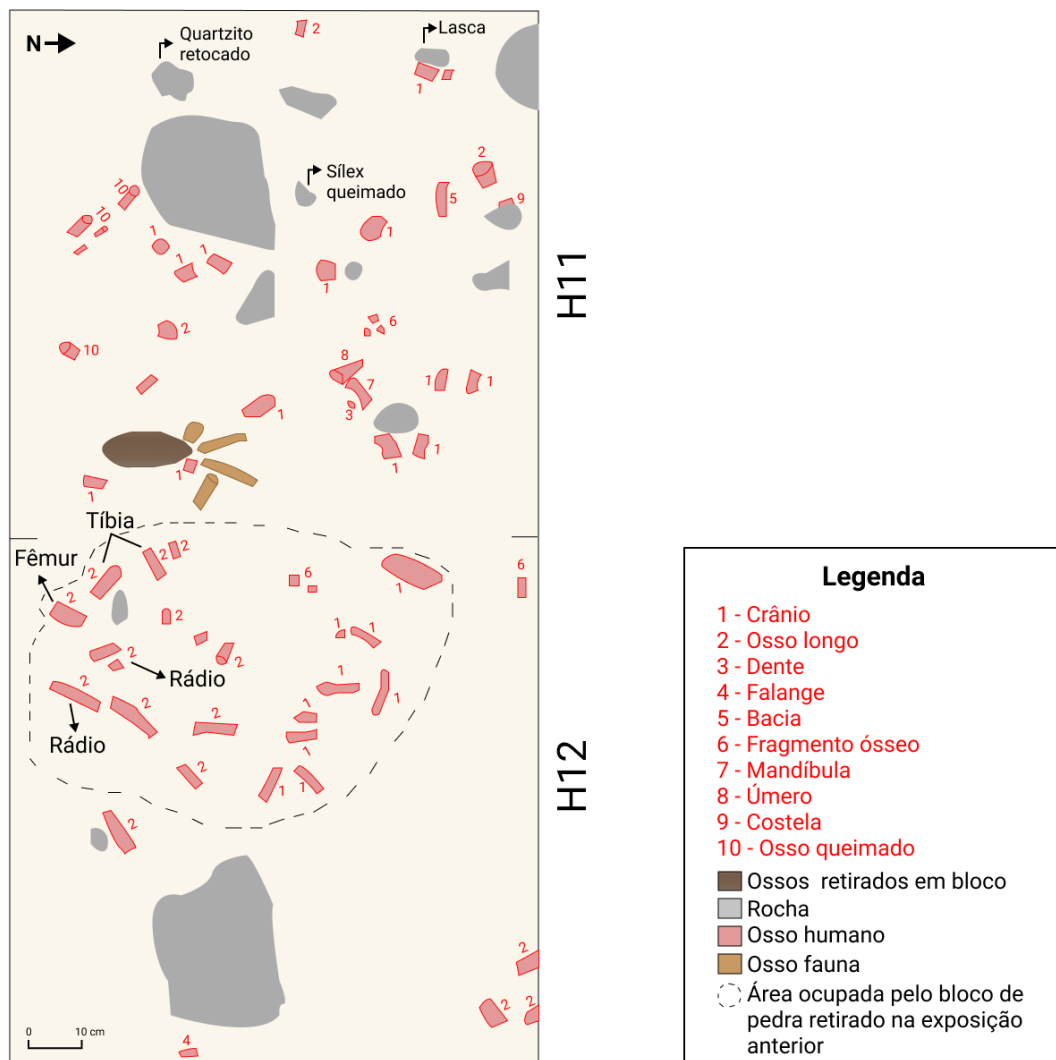


Figura 53 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3. Desenho demonstrando a posição dos fragmentos ósseos e estruturas associadas. Figura baseada no croqui feito para a exposição 1.

Nas documentações, o Sepultamento (considerando ambos os remanescentes) foi descrito como composto por apenas um indivíduo, de sexo masculino e idade de morte estimada de 45 – 50 anos de idade. O corpo estava orientado no sentido norte → sul (crânio → bacia), com a face virada para sul. O esqueleto, parcialmente perturbado, foi descrito como em posição fletida. A posição dos membros inferiores ou superiores não foi citada (considerando os remanescentes exumados em 2007). Em 2006, o espaço ocupado pelo esqueleto foi de comprimento máximo de 1m (com perturbação) e largura máxima de 70 cm. Para os restos exumados em 2007, essa informação não consta nos diários de campo. *In situ*, não foram identificadas a utilização de ocre nem a queima no tratamento fúnebre em ambas as exumações.

Assim como em outros sepultamentos, a extensão da cova funerária não pôde ser inferida, mas havia blocos de pedra que pareciam estar circundando o esqueleto. Nas exumações de 2006, foi descrita a presença de um bloco a leste da quadra H12, ao lado do Sepultamento, e de outro bloco de pedra acima dos fragmentos ósseos. Contudo, não há imagens ou descrições que certifiquem a associação dessas estruturas com o Sepultamento. No caso das escavações de 2007, foi descrita a presença de uma laje acima da cabeça do indivíduo e de blocos menores, paralelepípedos, inseridos verticalmente próximo aos pés. Não há fotografias dessa estrutura, apenas um desenho esquemático em um dos diários de campo (figura 54). Além dos blocos de pedra, não foi descrita a presença de nenhuma outra estrutura ou artefato associado ao sepultamento.

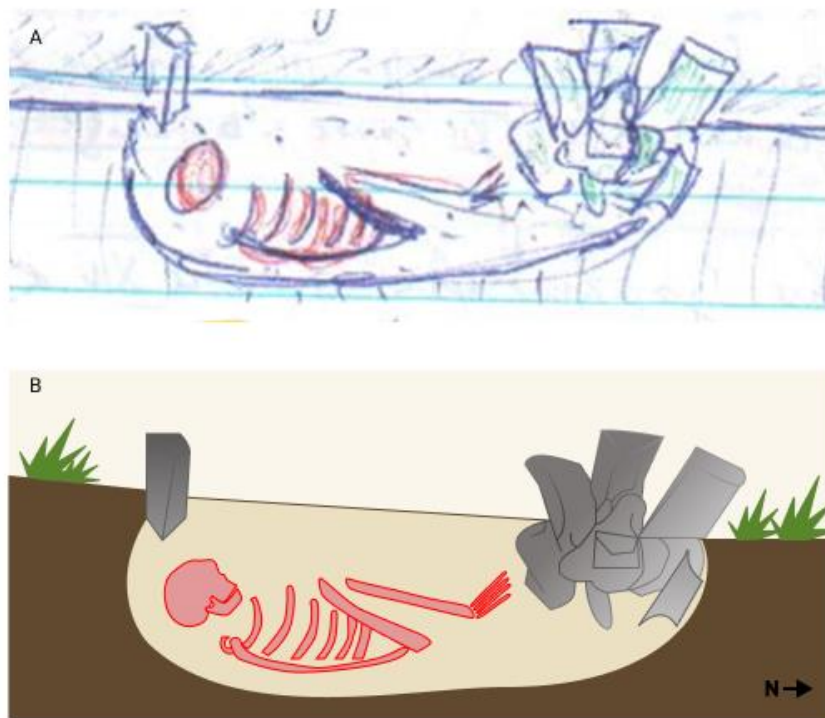


Figura 54 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Desenho esquemático representando a organização das estruturas e do esqueleto referentes ao Sepultamento 3 exumado em 2007. A) desenho presente no caderno de campo da etapa. **Créditos:** Diário de Campo do Prof. Dr. André Prous. Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. B) desenho digital baseado na imagem A.

Modo de enterramento

As feições descritas para as duas etapas de exumação indicam um enterro primário e simples (Sepultamento 3 – figuras 55 a 59; Sepultamento 3b – figuras 59 a 61). Embora as limitações da cova funerária não estivessem claras, parece ter havido uma delimitação do corpo através da utilização dos blocos de arcócio. Não foi descrita a presença de acompanhamentos funerários.



Figura 55 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagem do nível 1, 2ª retirada, da quadra H12. Nela é possível já observar a presença de fragmentos ósseos um bloco de arcócio associados ao Sepultamento 3 retirado no ano de 2006. **Crédito:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.



Figura 56 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagem das quadras H11 e H12 durante a exposição 1 do Sepultamento 3 retirado no ano de 2006. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2006.



Figura 57 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagens da exposição (s/nº) do Sepultamento 3 (2006). A) braço esquerdo do indivíduo. Em detalhe o úmero esquerdo (acima na imagem) e a ulna esquerda (abaixo na imagem). B e C) fragmentos ósseos dispersos na quadra, referentes ao Sepultamento 3 (2006). D) bloco contendo fragmentos do crânio do Sepultamento 3 (2006). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2006.



Figura 58 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagens da exposição (s/n°) do Sepultamento 3 (2006). A) exposição do bloco de sedimento fragmentos do crânio e úmero esquerdo e ulna esquerda. B) exposição do bloco de sedimento fragmentos do crânio e úmero esquerdo após a retirada da ulna esquerda. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2006.



Figura 59 – Sítio arqueológico Caixa D'Água – Sepultamento 3 – Fundo da fossa do Sepultamento 3 (2006). Na imagem é possível observar que já no fim da exumação do sepultamento em 2006 aparece um bloco de arcósio em posição vertical. Esse bloco corresponde ao mesmo artefato identificado como uma laje acima da cabeça do Sepultamento 3, escavado em 2007. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.



Figura 60 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagem da escavação das quadras H11, H12, I11 e I12. Nela, é possível visualizar a laje vertical (seta em amarelo) acima da cabeça do Sepultamento 3 (2007), a mesma observada na figura 59. A seta branca indica a porção superior do esqueleto, orientado no sentido norte → sul (crânio → bacia). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2007



Figura 61 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Imagem das escavações dos Sepultamentos 3 (seta branca), 7 (seta amarela) e 12 (seta preta), no ano de 2007. A seta branca indica o Sepultamento 3, onde é possível observar parte do esqueleto, a laje acima da região onde estaria o crânio e a estrutura de blocos de arcócio abaixo dos pés (ainda sendo escavada). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2007.

Análise em laboratório

O Sepultamento 3 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi retirado em bloco para ser escavado em laboratório. O esqueleto estava alocado em 6 caixas de papelão forradas com serragem. Os materiais menores estavam acondicionados em embalagens plásticas fechadas com arames plastificados. Já os blocos estavam envoltos por sacos plásticos pretos de lixo. As poucas peças que não estavam em blocos encontravam-se muito fragmentadas.

Em 2007, foram realizadas a limpeza e a curadoria desse material. O protocolo adotado foi o de imersão e dissolução total dos blocos e posterior resgate dos fragmentos de ossos com o auxílio de uma peneira. Durante este processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo, com os ossos bastante fragmentados. Cada bloco continha partes anatômicas diversas e que, após a limpeza, eram separados em grandes grupos (costelas, vértebras, ossos longos, etc.). Esse fator dificultou a remontagem dos ossos presentes. Além disso, foi constatada a presença de raízes em todos os blocos, o que indicou a existência de bioturbação no Sepultamento.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. Entre elas, quebras *post-mortem*, modificações causadas por cupins nos ossos do esqueleto, sinais de atividade fúngica e marcas de queima, possivelmente não intencionais.

Uma das alterações tafonômicas mais evidentes foram as marcas causadas por atividade fúngica, assinalada principalmente na ulna esquerda, em um fragmento de osso zigomático, nas costelas e no 4º metacarpo esquerdo do indivíduo (figuras 62 a 67). Na ulna esquerda, a mancha preta se distribuía sobre a região da diáfise do osso (figura 62), enquanto que no 4º metacarpo esquerdo ela estava concentrada na epífise distal do osso (figura 63). Já nas costelas, assim como no osso zigomático, os pontos pretos de atividade fúngica estavam mais esparsos (figuras 64 e 67). Assim como para o Sepultamento 2, não fica claro qual fator contribuiu para o surgimento de fungos no local. Considerando o estado perturbado do esqueleto *in situ* e a impossibilidade de se obter mais informações de campo, não foi possível inferir possíveis causas para essa atividade.

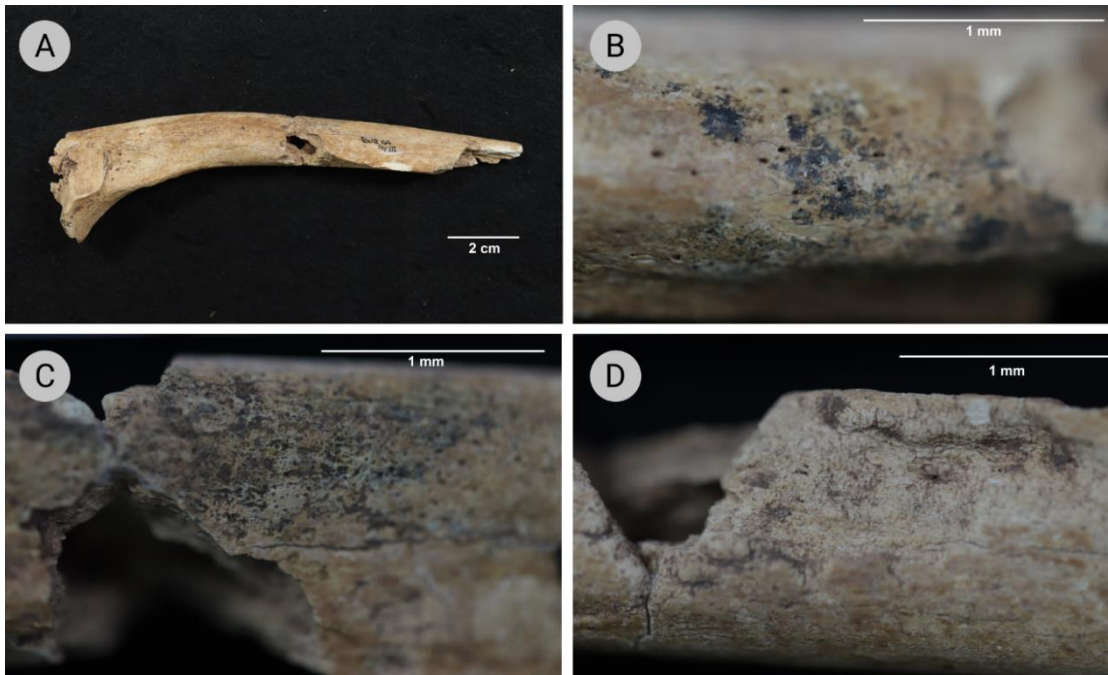


Figura 62 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Ulna esquerda. A) ulna esquerda, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. B e C) imagem em detalhe da região da diáfise do osso, onde é possível observar uma pequena concentração de pontos pretos na superfície. D) imagem em detalhe da região próxima a epífise proximal do osso, onde é possível observar os danos causados por cupins. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.



Figura 63 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – 4º metacarpo esquerdo. A) 4º metacarpo esquerdo, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. B) imagem em detalhe do osso, onde é possível observar vários pontos pretos de atividade fúngica dispersos sobre a superfície. C) imagem em detalhe da epífise distal do osso, onde é possível observar uma mancha preta concentrada na região. **Créditos:** Laboratório de Antropologia Ambiental e Evolutiva.



Figura 64 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Fragmentos de costela. A) fragmentos de costela não identificados. B, C, D e E) imagens em detalhe das regiões dos fragmentos onde foi possível observar a presença de pontos pretos característicos de atividade fúngica. F) imagem em detalhe do fragmento ósseo onde foi possível observar pequenos “poços” causados por cupins no osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evoluiva.

Os danos causados possivelmente por cupins, assinalados em seis ossos do indivíduo, também se mostraram marcantes. Os ossos mais afetados foram o rádio esquerdo, a tíbia esquerda e fragmentos do crânio, nos quais as alterações se estenderam sobre toda a superfície externa e interna do osso. Foram observados canais feitos por cupins no osso cortical, “poços” em forma de estrela nas regiões mais afetadas e túneis com estriações subparalelas no seu entorno, produzidos pela perfuração do osso pelos insetos (figuras 65 e 67). Outros três ossos também apresentaram danos causados por cupins, mas em menor proporção quando comparados com o rádio esquerdo e os fragmentos de crânio. São eles a ulna esquerda, alguns fragmentos de costela e a ulna direita. Tanto a ulna esquerda, quanto direita, tinham pequenas alterações concentradas em uma única região (figuras 62 e 66). Já os fragmentos de costela

apresentaram danos superficiais em formato de “poços” que se estendiam sobre uma pequena parte do osso, mas que não alteraram, de maneira agressiva, a sua estrutura (figura 64).



Figura 65 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 3 – Tíbia esquerda e rádio esquerdo. A) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) imagem em detalhe da superfície interna da tíbia esquerda, onde é possível observar os danos causados por cupins. C) rádio esquerdo, vista medial, extremidade distal a direita na foto. D) imagem em detalhe da região da diáfise do rádio esquerdo, onde é possível observar os danos causados por cupins. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.



Figura 66 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Ulna direita. A) ulna direita, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. B e C) imagens em detalhe da região da diáfise do osso, onde é possível observar os danos causados por cupins. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Marcas de queima também foram observadas em alguns fragmentos ósseos, principalmente do crânio (figura 67). Segundo descrições de campo, é comum na região a utilização de fogo por habitantes da cidade para a limpeza dos terrenos. Considerando a proximidade a qual esses fragmentos ósseos estavam da superfície, foi inferido que pode se tratar de uma queima indireta, não intencional e contemporânea.

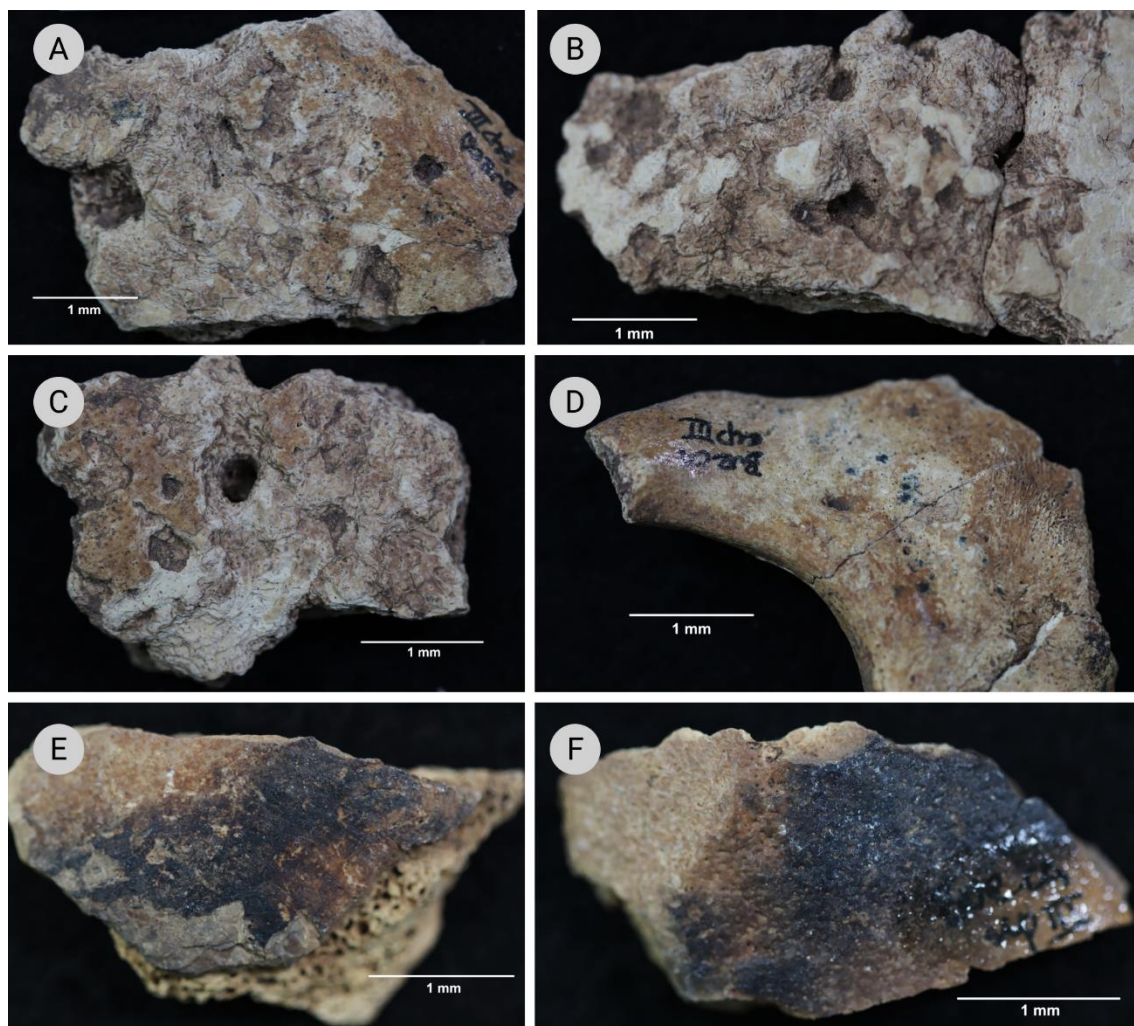


Figura 67 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3 – Fragmentos de crânio. A, B e C) fragmentos de crânio onde é possível observar os danos causados por cupins. D) fragmento de crânio com pequenos pontos pretos dispersos, característicos de atividade fúngica. E e F) fragmentos de crânio marcas de queima, possivelmente não intencionais. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Análises em laboratório também foram realizadas nos remanescentes esqueléticos correspondentes ao Sepultamento “3B”. Em fragmentos da mandíbula do indivíduo foram identificadas “rachaduras” na superfície do osso ocasionadas, possivelmente, pelo ressecamento da estrutura óssea (figura 68).

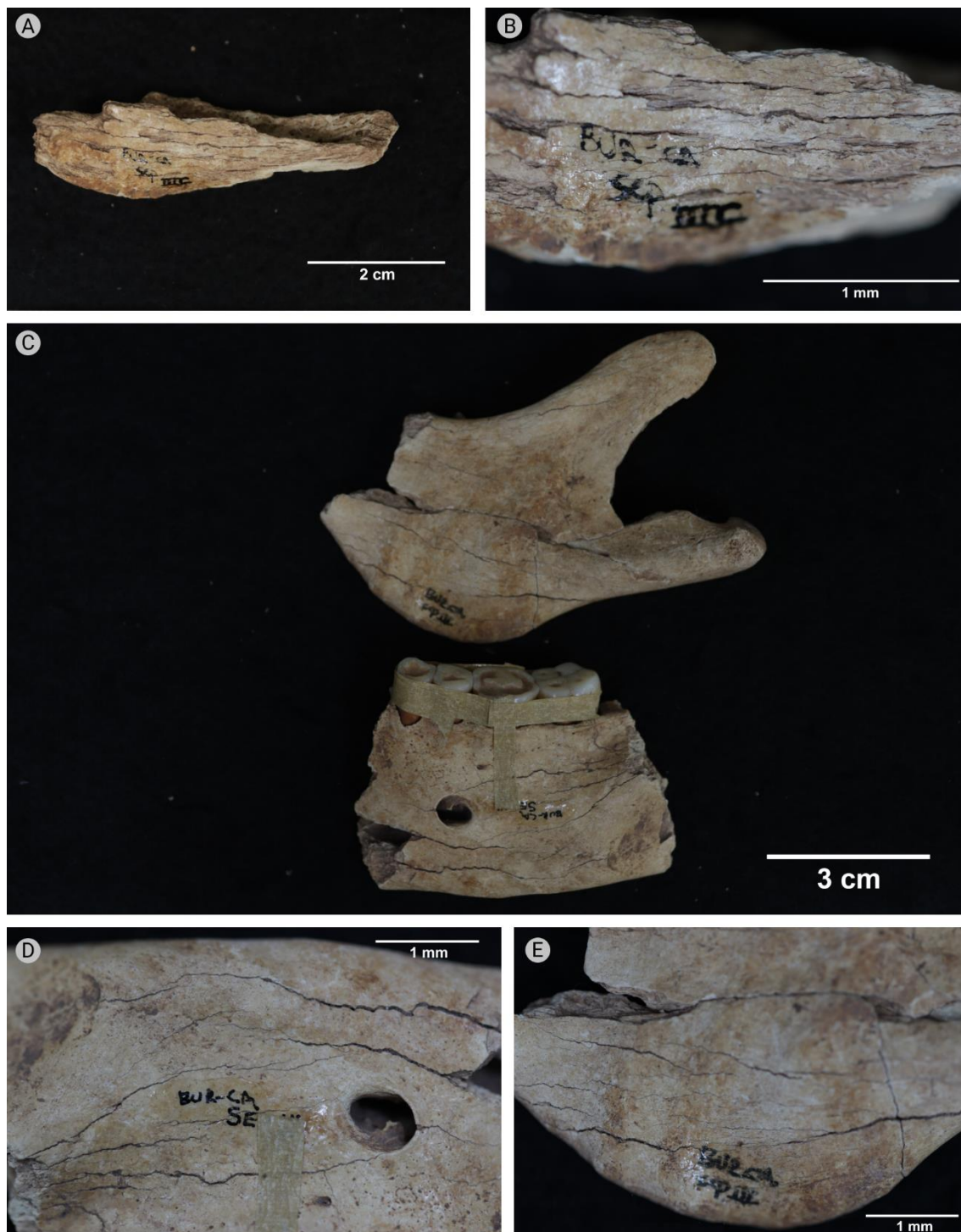


Figura 68 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3B – Fragmentos de mandíbula. A) fragmento de mandíbula, região não identificada. B) imagem em detalhe do fragmento de mandíbula onde é possível observar as linhas de “rachaduras” na superfície óssea. C) fragmentos da mandíbula. Acima na imagem, parte da região do ramo e incisura da mandíbula esquerda. Abaixo, parte do corpo da mandíbula, onde é possível observar o forame mental esquerdo. D e F) imagem em detalhe dos fragmentos de mandíbula com as linhas causadas por ressecamento. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Marcas causadas por atividade fúngica também foram assinaladas em um fragmento de mandíbula. Os pequenos pontos pretos estavam distribuídos sobre toda a superfície óssea

(figura 69). Não foram observadas marcas de atividade fúngica em outros ossos do Sepultamento 3B.

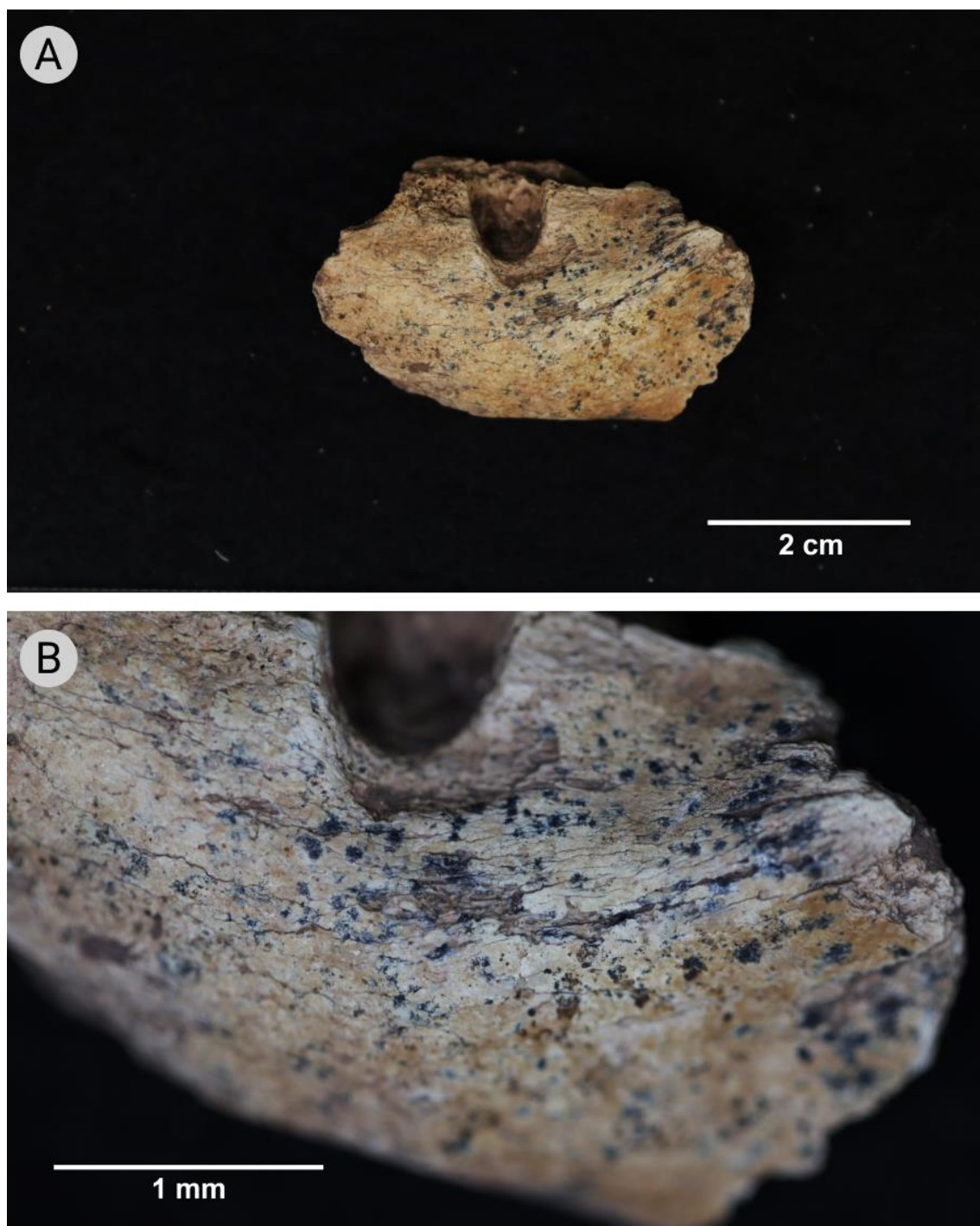


Figura 69 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3B – Fragmento de mandíbula. A) fragmento de mandíbula, região não identificada. B) imagem em detalhe dos pontos pretos esparsos ocasionados por atividade fúngica no osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Um pisiforme esquerdo apresentou marcas de queima sobre a superfície óssea (figura 70). O osso estava com a superfície em tom amarronzado, com uma das extremidades pretas,

caracterizando diferentes graus de exposição a queima. Considerando a ausência de outros fragmentos ósseos queimados, pode se tratar de um material intrusivo.

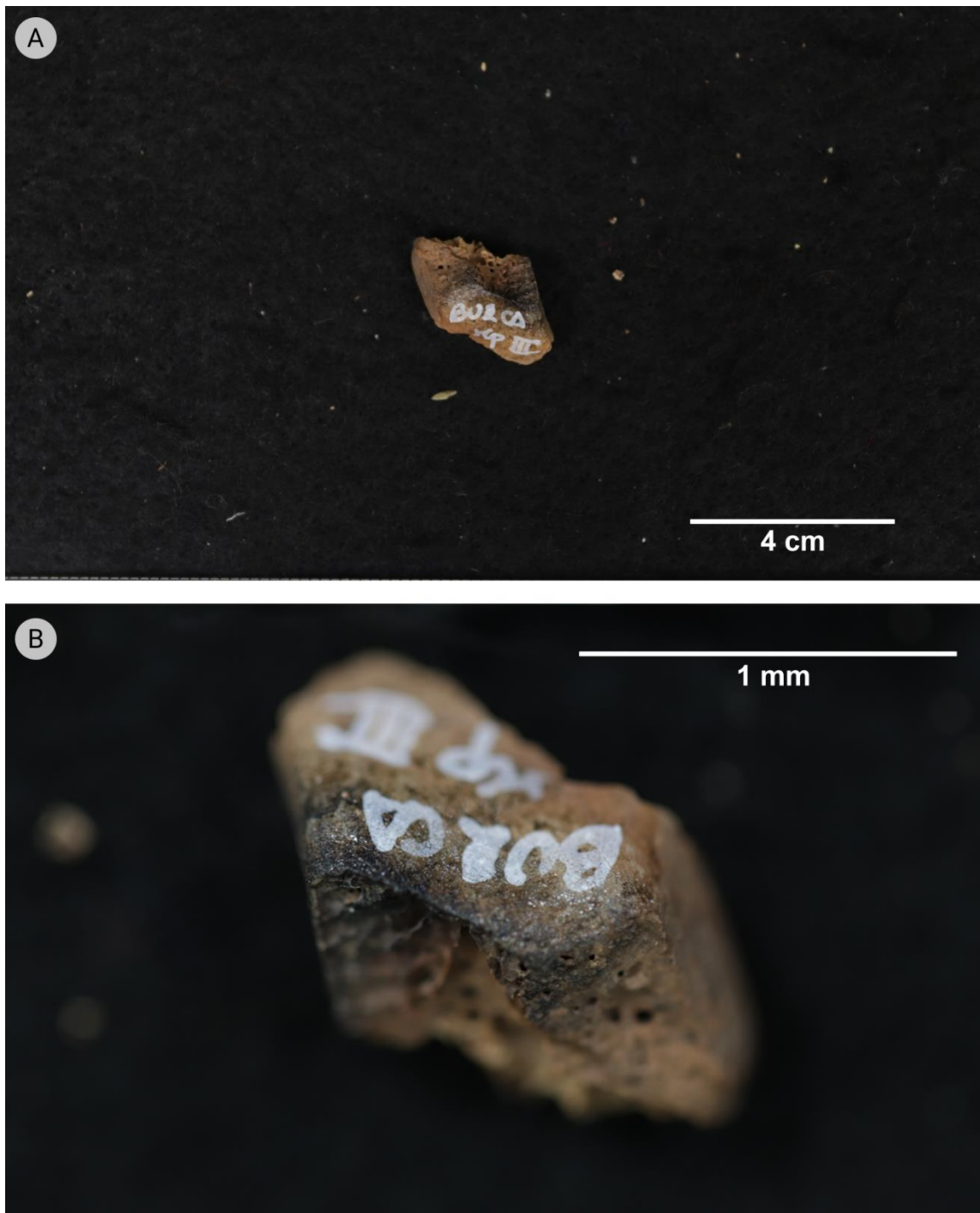


Figura 70 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3B – Pisiforme esquerdo. A) imagem do osso queimado. B) foto em detalhe da região queimada que apresenta um tom mais escuro que o restante do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Ainda que danos causados possivelmente por cupins tenham se mostrado bastante frequentes em ossos do Sepultamento 3, os remanescentes esqueléticos referentes ao

Sepultamento 3B não apresentaram atividades evidentes desses agentes. Apenas no úmero esquerdo foram observadas pequenas estriações, próximas da epífise distal, causadas pela perfuração do osso pelos insetos (figura 71).



Figura 71 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 3B – Úmero esquerdo. A) úmero esquerdo, vista posterior (acima: epífise distal a esquerda na foto; abaixo: epífise distal a direita na foto). B) imagem em detalhe da região próxima da epífise distal, onde é possível observar os danos causados por cupins. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.4 Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 4

Localização Espacial e Estratigráfica

O Sepultamento 4 do sítio Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2006 e estava localizado na quadra F14 (figura 72). O esqueleto foi associado ao nível I superior. Informações acerca das cotas iniciais e finais de escavação não foram explicitadas. Ainda assim, é de conhecimento que os remanescentes esqueléticos estavam a, aproximadamente, 20 cm abaixo da superfície. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos. Imediatamente ao lado do Sepultamento 4, foram encontrados os Sepultamentos 5 e 6. Os três pareciam estar depositados em uma mesma profundidade.

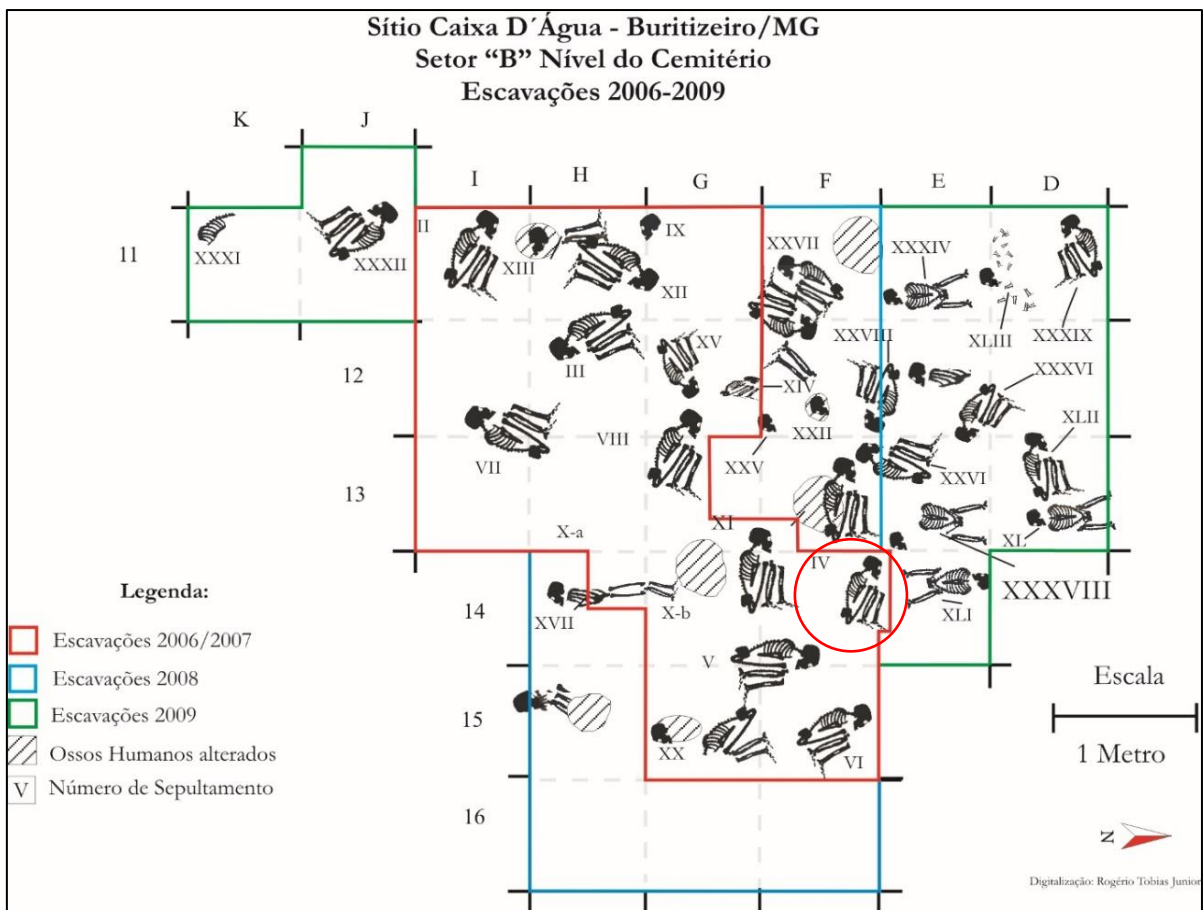


Figura 72 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 4 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 4 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do sepultamento

O Sepultamento 4 era composto por apenas um indivíduo de sexo indeterminado e idade a morte estimada entre 20 e 35 anos. O corpo estava orientado no sentido norte → sul (crânio → bacia) e com a face virada para nordeste. O esqueleto, parcialmente articulado, estava em

posição fletida, em decúbito lateral esquerdo, com o braço esquerdo fletido acima das pernas fletidas (figura 73). A posição do braço direito não pôde ser inferida. O espaço ocupado pelo esqueleto, assim como a delimitação da cova funerária, não pôde ser identificado. Ao contrário de outros esqueletos, não havia blocos de pedra limitando, ou ao menos circundando, o indivíduo. *In situ*, não foi observado o uso de corante ou carvão.

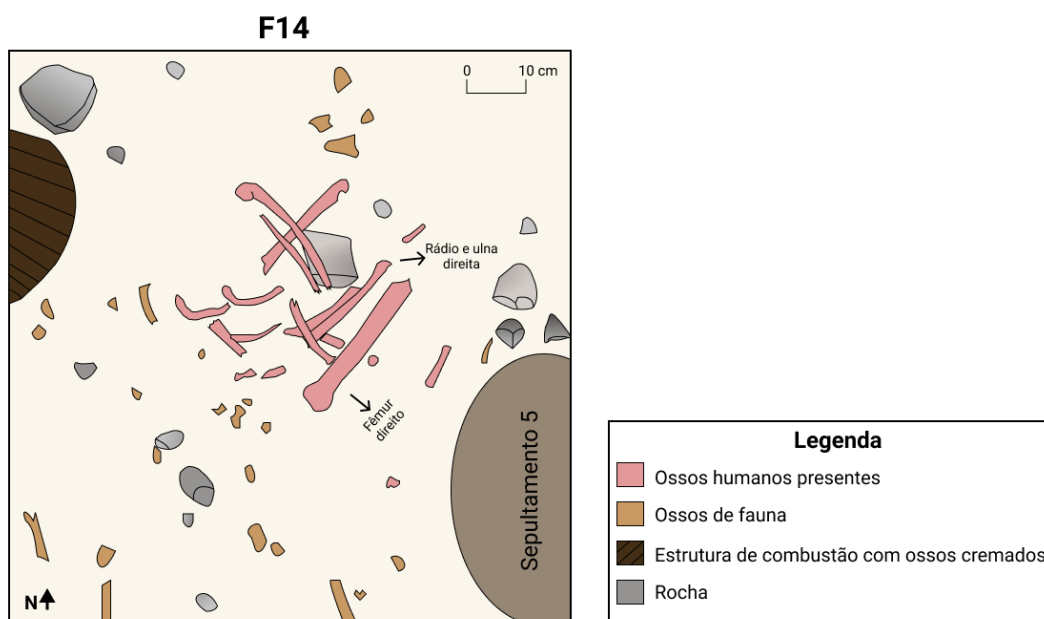


Figura 73 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 4 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto e demais estruturas. Figura baseada no croqui feito para a sondagem n° 2 da quadra.

O Sepultamento 4 estava consideravelmente perturbado. Nos diários de campo, é descrito que, devido à sua proximidade com um cupinzeiro, e à presença de ovos e cupins nos ossos, o Sepultamento foi severamente atingido por esse agente. Além disso, o indivíduo estava depositado em uma camada próxima àquelas retiradas pela terraplagem, o que intensificou o impacto gerado pelas retroescavadeiras no Sepultamento. Parte da calota craniana, por exemplo, foi “arrastada” e danificada pelo maquinário.

Modo de enterramento

As feições descritas indicam um enterro primário e simples (figuras 74 e 75). A extensão da cova funerária não pôde ser delimitada. Não foi identificada a presença de estrutura funerária formada por blocos de pedra. Não foi descrita a presença de acompanhamentos funerários.



Figura 74 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 4 – Imagem das escavações das quadras F14, F15, G14 e G15. Nelas, é possível observar os Sepultamentos 4 (seta vermelha), 5 (seta preta) e 6 (seta amarela). Na imagem, o Sepultamento 4 aparece durante o Nível 1, 1º retirada. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.



Figura 75 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 4 – Escavação do Sepultamento 4, no Nível 1, 1º retirada. Na imagem, é possível observar o estado fragmentado do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.

Análise em laboratório

O Sepultamento 4 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi retirado em bloco para ser escavado em laboratório. O esqueleto estava alocado em seis caixas de papelão forradas com serragem. Em 2008, foram realizadas a limpeza e a curadoria desse material. O protocolo adotado foi o de imersão e dissolução total dos blocos e posterior resgate dos fragmentos de ossos com o auxílio de uma peneira. Durante este processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo, com os ossos bastante fragmentados, sem muitas possibilidades de remontagem. Ossos do crânio, bacia e coluna vertebral estavam pouco preservados. Apenas pequenos fragmentos dessas regiões estavam presentes. O restante do esqueleto também estava fragmentado, dificultando a remontagem dos ossos presentes. Ainda assim, alguns ossos longos, como tíbias, fêmures, úmeros e ulnas, puderam ser parcialmente remontados. O alto grau de fragmentação evidenciado no Sepultamento 4 pode ter sido provocado, assim como para outros Sepultamentos, pela pressão causada pela construção de casas de pau-a-pique e pelo maquinário utilizado nas obras públicas.

Durante a curadoria, foi constatada a presença de ossos correspondentes a, no mínimo, três indivíduos, um adulto, um subadulto e um indeterminado. Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. Entre elas, quebras *post-mortem*, modificações causadas por cupins nos ossos do esqueleto, sinais de atividade fúngica, cortes (não antrópicos) e marcas de queima, possivelmente não intencionais.

As alterações tafonômicas causadas por atividade fúngica foram assinaladas na clavícula direita do indivíduo indeterminado, no úmero esquerdo do esqueleto subadulto e na ulna esquerda do indivíduo adulto. Os pequenos pontos pretos se encontravam dispersos sobre as superfícies dos ossos, geralmente em pouca quantidade (figura 76). Não fica claro, entretanto, qual fator contribuiu para o aumento da umidade na região do esqueleto e que intensificou a atividade fúngica no local. Assim como para o Sepultamento 2, pode se supor se deva a proximidade a qual o esqueleto estava da superfície, ou até de uma exposição causada pela própria escavação, uma vez que não havia proteção acima do esqueleto.

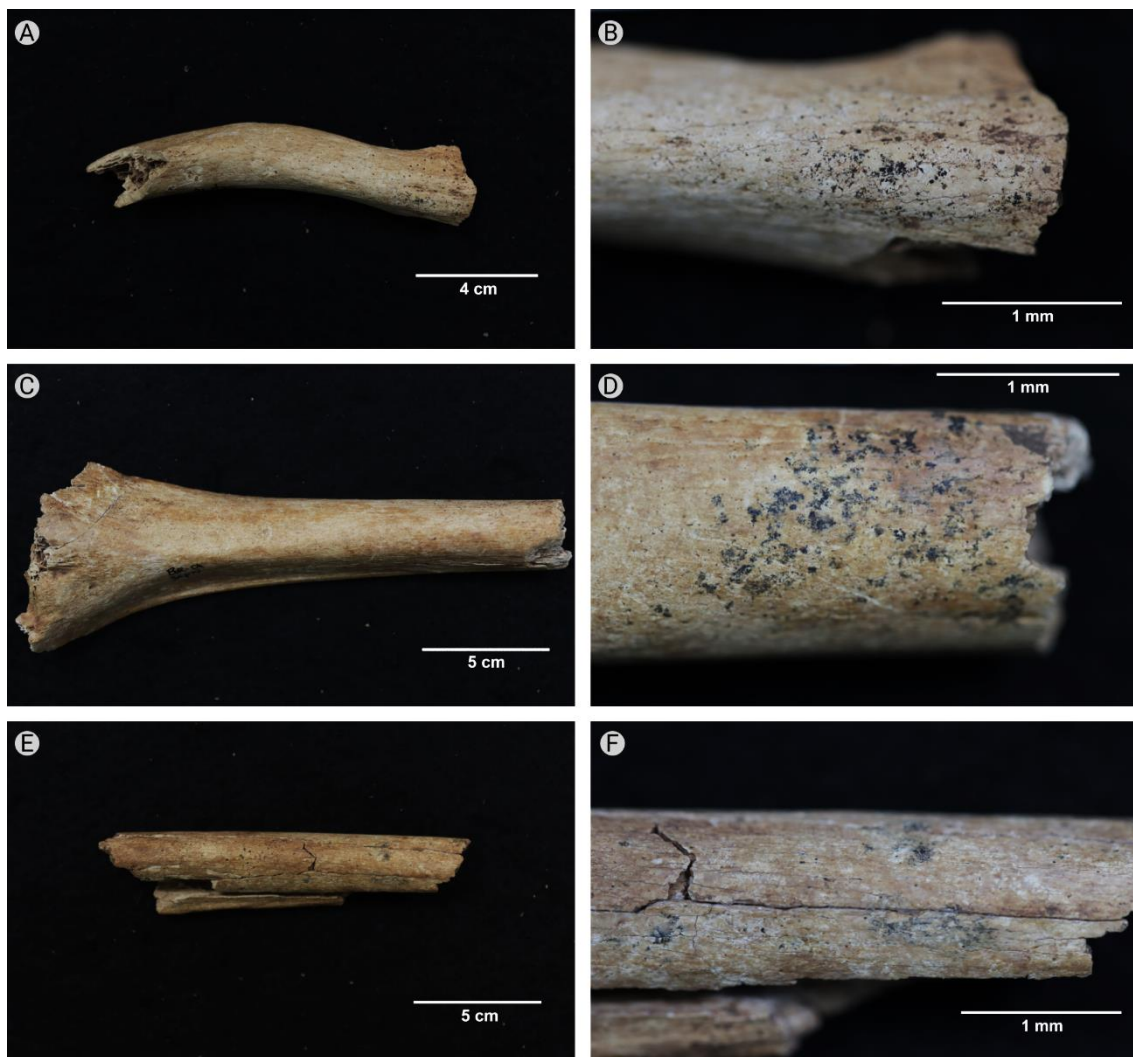


Figura 76 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 4 – Ossos humanos cuja presença de atividade fúngica foi constatada. A) clavícula direita, indivíduo indeterminado, vista inferior, extremidade distal a direita na foto. B) região próxima da epífise distal do osso onde se observam pontos pretos esparsos e em pequena quantidade. C) úmero esquerdo, indivíduo subadulto, vista anterior, extremidade distal a esquerda na foto. D) imagem em detalhe da região da diáfise do osso, onde se observa uma concentração de pontos pretos correspondentes a atividade fúngica. E) fragmento de ulna esquerda, indivíduo adulto, vista e extremidades não identificadas. F) fotografia em detalhe da região do fragmento onde foi constatada a presença de manchas pretas de atividade fúngica. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Marcas de queima também foram observadas em alguns fragmentos ósseos, principalmente do crânio, além de uma falange proximal (figura 77). Segundo descrições de campo, é comum na região a utilização de fogo por habitantes da cidade para a limpeza dos terrenos. Considerando a proximidade a qual esses fragmentos ósseos estavam da superfície, foi inferido que pode se tratar de uma queima indireta, não intencional e contemporânea.

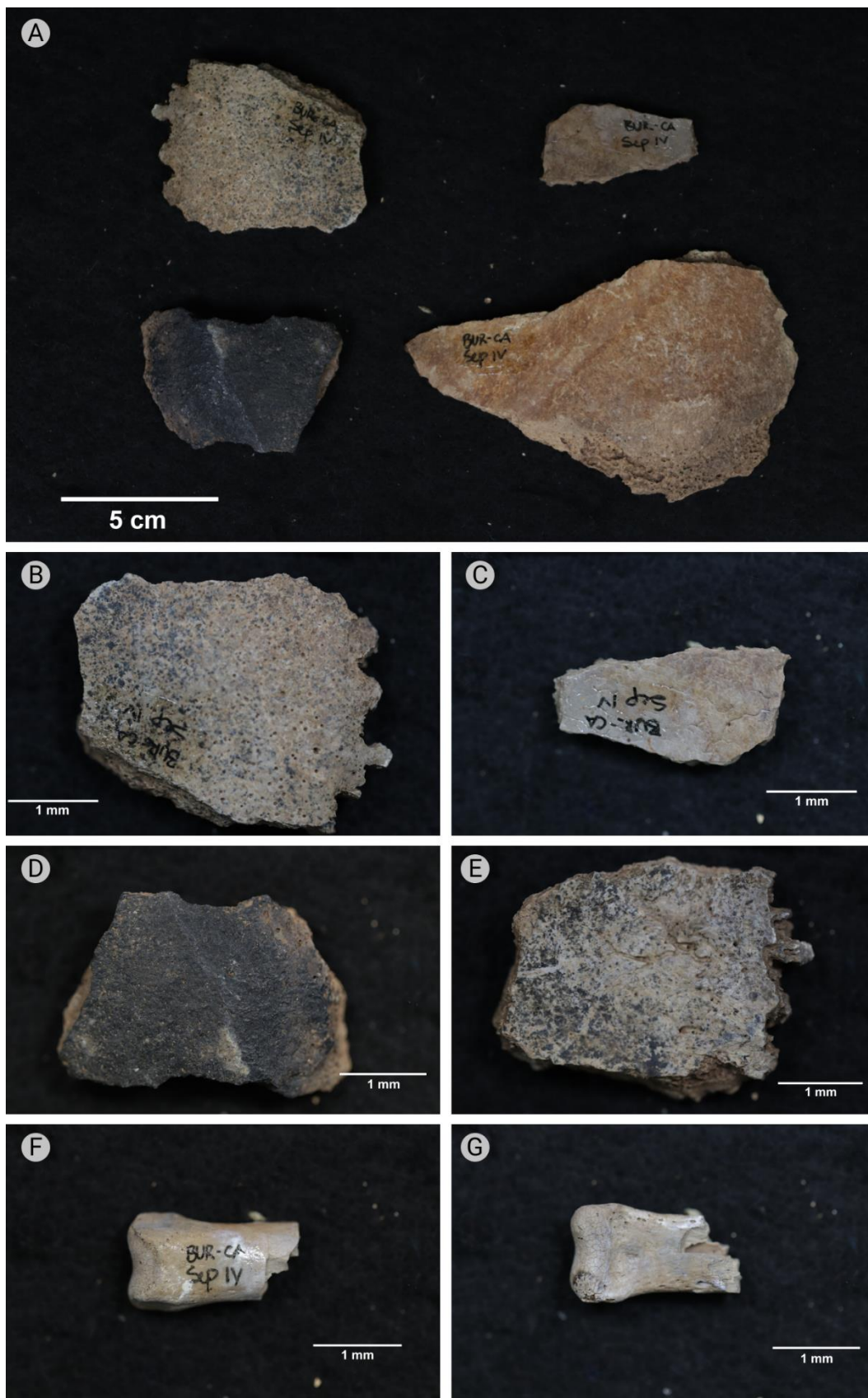


Figura 77 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 4 – Fragmentos ósseos queimados. A) fragmentos de crânio com diferentes graus de queima. B, C, D e E) imagens em detalhe dos fragmentos de crânio queimados. F) falange proximal queimada de um indivíduo adulto, vista anterior. G) falange proximal queimada de um indivíduo adulto, vista posterior. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Em alguns ossos longos foi evidenciada a presença de “ranhuras” ou cortes na superfície óssea que parecem se tratar de uma atividade *post-mortem* e não relacionada com o ritual fúnebre. Tais danos foram observados nas diáfises do úmero e fêmur esquerdos do indivíduo adulto (imagens A a D na figura 78). Danos causados pelo uso de ferramentas pesadas para a exumação do esqueleto foram registrados em menor grau nos ossos do esqueleto. A tíbia esquerda apresentou marcas de impacto sobre boa parte da superfície óssea (imagens E e F na figura 78).



Figura 78 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – ossos longos cuja presença de ranhuras, cortes ou danos causados pela escavação foram observados. A) úmero esquerdo, vista posterior, extremidade distal a direita na foto. B) fotografia da região da diáfise do osso onde há uma pequena ranhura *post-mortem* na superfície óssea. C) fêmur esquerdo, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. D) imagem em detalhe da região da diáfise do osso. Próximo da área fragmentada é observado um pequeno corte, de origem *post-mortem* e não relacionado com o ritual fúnebre. E) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. F) imagem da diáfise da tíbia esquerda, onde se observa a área onde foi retirada uma “lasca” da superfície óssea pelas ferramentas utilizadas na escavação. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Alguns fragmentos ósseos também apresentaram pequenas “rachaduras” na superfície. Elas foram ocasionadas, possivelmente, pelo ressecamento da estrutura óssea devido a alteração

do ambiente estável ao qual o osso estava depositado. Essa característica foi observada em um fragmento de úmero e no rádio direito do indivíduo subadulto (figura 79).



Figura 79 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 4 – Fragmento de úmero e rádio direito do indivíduo subadulto. A) fragmento de úmero, lado e posição das extremidades não identificada. B) imagem da área onde houve a quebra do osso em que se observa algumas rachaduras na superfície. C) rádio direito, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. D) fotografia da região próxima da epífise proximal, onde houve a quebra do osso. No local, há algumas rachaduras na superfície. E e F) imagens das regiões da epífise distal e proximal do osso onde foi constatada a presença de pequenos desgastes na superfície óssea. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.5 Buritizeiro Caixa D’Água – Sepultamento 5

Localização Espacial e Estratigráfica

O Sepultamento 5 de Caixa D’Água foi escavado na campanha de 2006 e estava localizado entre as quadras F14 e F15 (figura 80), no nível I superior. As cotas iniciais e finais de exumação não foram explicitadas. O esqueleto estava depositado entre os Sepultamentos 4

e 6. Os três indivíduos estavam em uma profundidade similar, mas o Sepultamento 5 era mais antigo que o 6, pois foi perturbado no momento de deposição desse.

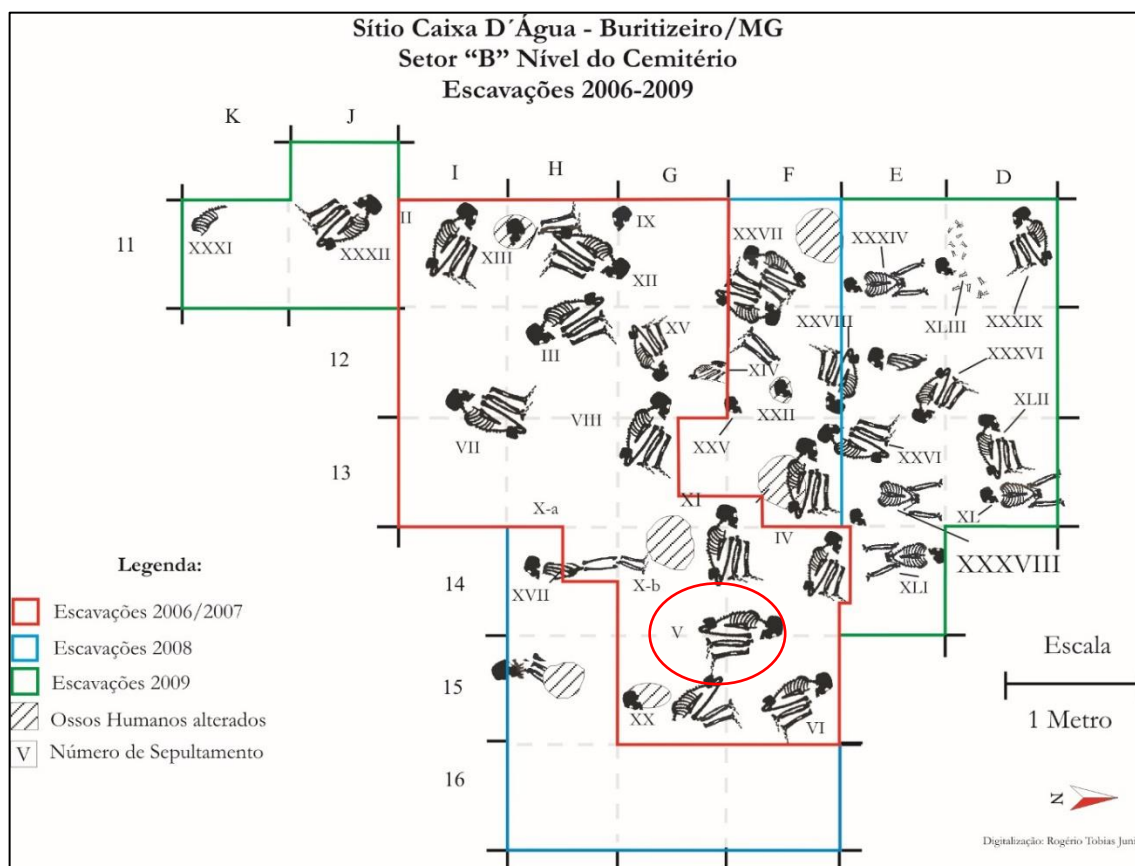


Figura 80 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 5 (círculo vermelho).

Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Poucos dados sobre o Sepultamento 5 estavam disponíveis para análise. Esse fator dificultou a sua interpretação contextual e de deposição. Ainda assim, foi possível constatar que o Sepultamento 5 era composto por apenas um indivíduo de sexo indeterminado e idade estimada de 45 – 55 anos. O corpo estava orientado no sentido nordeste → sudoeste (crânio → bacia) e com a face virada para sudeste. O esqueleto estava parcialmente articulado, em decúbito lateral esquerdo. O braço direito estava fletido, com a mão sobre o pescoço (figura 81). Ossos do braço esquerdo estavam pouco conservados, impossibilitando a interpretação de sua posição. Sua posição anatômica não pôde ser inferida, uma vez que a parte inferior do esqueleto (bacia + pernas + pés) não estava presente. Em campo, a origem dessa ausência não foi inferida, mas pode estar relacionada, tanto a questões tafonômicas, quanto a impactos de agentes antrópicos (intencionais ou não).



Figura 81 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 5 – Exposição (s/nº) do Sepultamento 5. Na imagem, é possível observar a ausência da parte inferior do esqueleto, bem como o braço esquerdo fletido, com a mão sobre o pescoço. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.

Durante a escavação, a extensão da cova funerária e o espaço ocupado pelo esqueleto não foram delimitados. Em cima do indivíduo, havia um bloco de pedra que parecia cobrir totalmente os braços, a caixa torácica e o crânio. Essa estrutura parecia delimitar o espaço ocupado pela parte superior do esqueleto (figura 82). Como a parte inferior do indivíduo não estava presente, não foi possível determinar se também havia uma estrutura nessa porção do Sepultamento.



Figura 82 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 5 – Escavação do Sepultamento 5, no nível 1, 1º retirada. Na imagem, a seta vermelha indica o local de deposição do Sepultamento, com o bloco de arcócio depositado em cima dos remanescentes esqueléticos. Os dois blocos restantes, bem como parte da calota craniana, localizados abaixo do Sepultamento 5, correspondem ao Sepultamento 6. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006

Modo de Enterramento

As feições descritas indicam um enterro primário e simples. A extensão da cova funerária não foi identificada, mas a parte superior do esqueleto estava coberta por um bloco de pedra. Próximo ao crânio e à caixa torácica do indivíduo, foi encontrado pigmento vermelho, mas não há indicação de que se trate de uma prática intencional. Não houve menção da presença de acompanhamentos funerários (figuras 83 e 84).

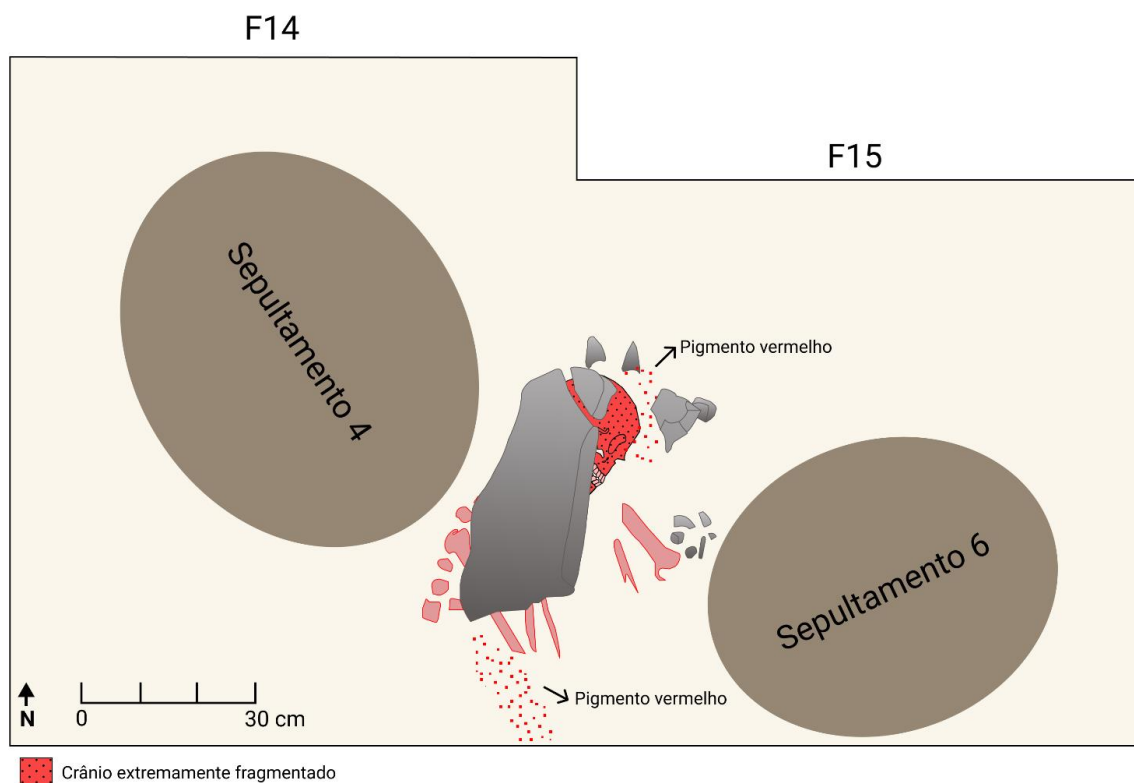


Figura 83 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 5 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto e a organização espacial do bloco associado ao esqueleto. Figura baseada em um croqui do nível 1, 1^o retirada.

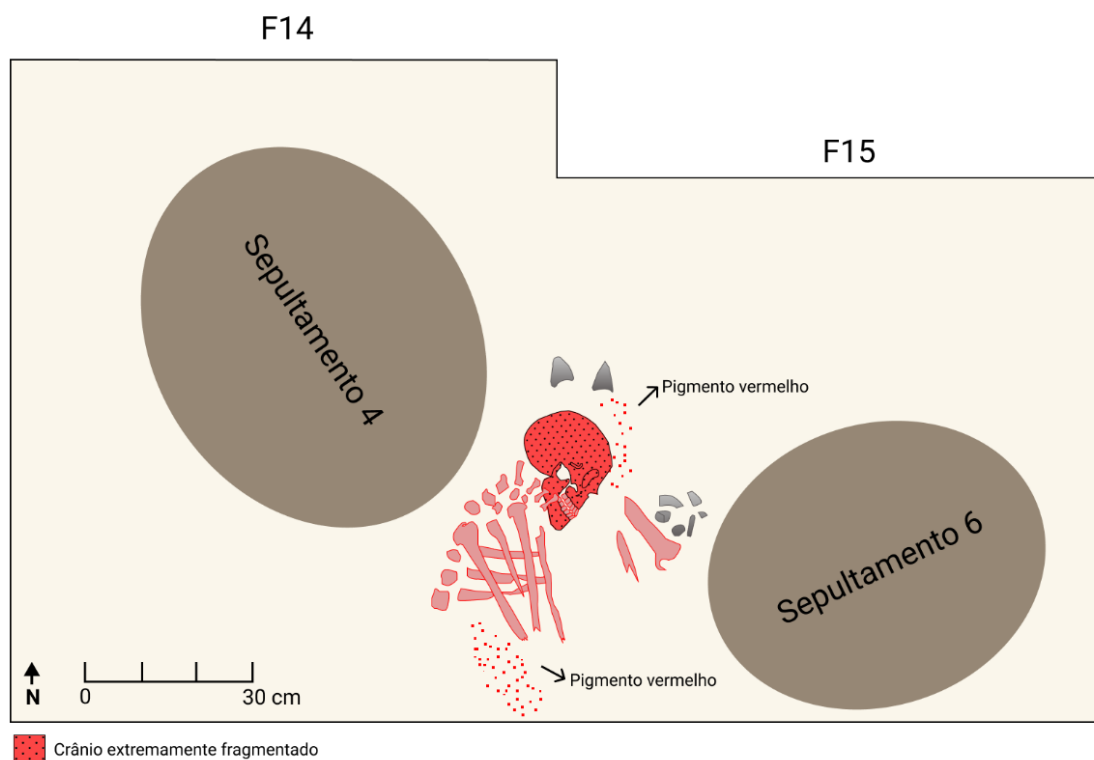


Figura 84 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 5 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto após a retirada do bloco. Figura baseada em um croqui do nível 1, 2^o retirada.

Análise em laboratório

O Sepultamento 5 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi retirado em bloco para ser escavado em laboratório. O esqueleto estava alocado em duas caixas de papelão forradas com serragem, onde estavam armazenados seis blocos de sedimento contendo os remanescentes e alguns fragmentos ósseos (ossos longos e crânio) soltos. Os ossos fragmentados estavam acondicionados em sacos plásticos fechados com arames plastificados, enquanto que os blocos foram guardados em sacos de lixo preto.

Em 2008, foram realizadas a limpeza e a curadoria desse material. O protocolo adotado para os blocos foi o de imersão e dissolução total e posterior resgate dos fragmentos de ossos com o auxílio de uma peneira. Já os fragmentos ósseos foram lavados e limpos com o auxílio de uma escova de cerdas macias, e posteriormente colocados para secar. Durante este processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo, com os ossos bastante fragmentados, sem muitas possibilidades de remontagem. O material esquelético era composto majoritariamente por ossos do crânio. Alguns fragmentos de ossos longos também foram encontrados, mas sem que pudessem ser identificados quanto o tipo de osso e lateralidade. O alto grau de fragmentação evidenciado no Sepultamento 5 pode ter sido provocado, assim como para outros Sepultamentos, pela pressão causada pela construção de casas de pau-a-pique e pelo maquinário utilizado nas obras públicas. Durante a curadoria, também foi observada a presença de grandes quantidades de raízes nos blocos que continham os fragmentos ósseos. Esse fator indicou a existência de bioturbação na região e, conseqüentemente, no Sepultamento.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-depositivos foram identificadas. Entre elas, modificações geradas por cupins nos ossos do esqueleto e alterações na estrutura óssea causadas pelo ambiente, sobretudo em fragmentos do crânio do indivíduo (figura 85).

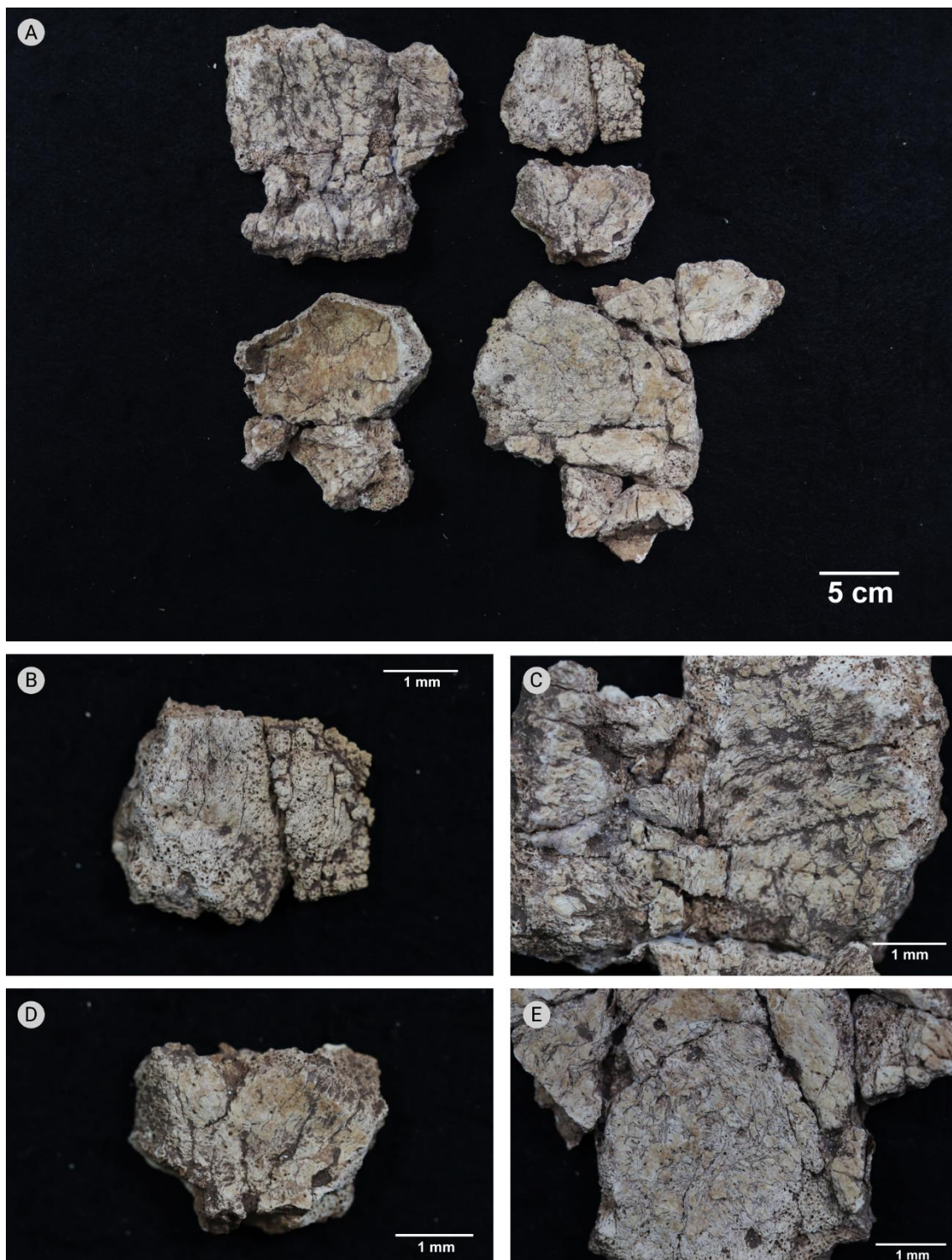


Figura 85 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 5 – Fragmentos de crânio que apresentaram alterações causadas por cupins e/ou pelo ambiente. A) cinco fragmentos de crânio do Sepultamento 5. B, C, D e E) imagens em detalhe dos fragmentos de crânio do Sepultamento 5, onde se observa as alterações causadas por cupins e/ou pelo ambiente. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.6 Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 6

Localização Espacial e Estratigráfica

O Sepultamento 6 de Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2006 e estava localizado na quadra F15 (figura 86), no nível I superior. As cotas iniciais e finais de exumação não foram especificadas. O esqueleto estava depositado ao lado dos Sepultamentos 4 e 5. A profundidade dos três era similar, sendo que o Sepultamento 6 era mais recente que o 5, pois este foi perturbado no momento de deposição do primeiro.

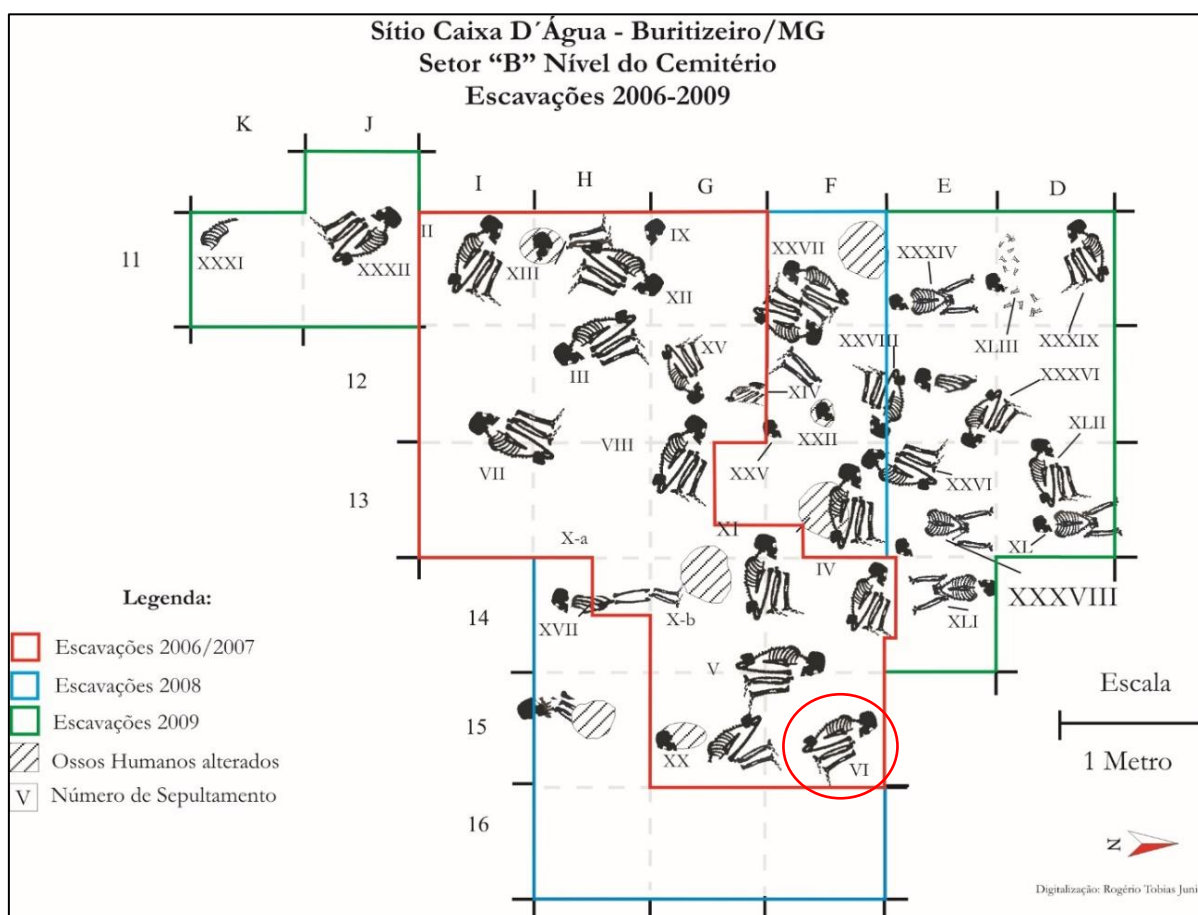


Figura 86 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 6 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Poucas fotografias e documentos escritos sobre o Sepultamento 6 estavam disponíveis para análise. Esse fator dificultou a sua interpretação contextual e de deposição. Os dados presentes nos cadernos de campo descreviam uma área com fragmentos de crânio, denominada inicialmente de Sepultamento 6 (neste trabalho, essa estrutura foi nomeada de sepultamento "VI"). Com o avanço das escavações, foi evidenciado acima dessa região um indivíduo sepultado, que recebeu igualmente a numeração "6", mas que não tinha relação com os fragmentos ósseos anteriores. O Sepultamento foi descrito como composto por apenas um

indivíduo de sexo indeterminado, adulto, com idade estimada indeterminada. O corpo estava orientado no sentido nordeste → sudoeste (crânio → bacia) e com a face virada para noroeste. O grau de articulação não pode ser confirmado, uma vez que essa informação não estava disponível nas descrições e imagens do esqueleto. A posição do Sepultamento pôde ser inferida através de um desenho da sondagem n°2 dos Sepultamentos 4, 5 e 6 (figura 87). No desenho, o indivíduo é representado em posição semifletida, com as pernas parcialmente fletidas e ambos os braços parcialmente fletidos em ângulo de $\cong 45^\circ$. Não foi documentada a presença de pigmento ou carvão em associação com o esqueleto.

Sondagem n° 2 do setor "B"

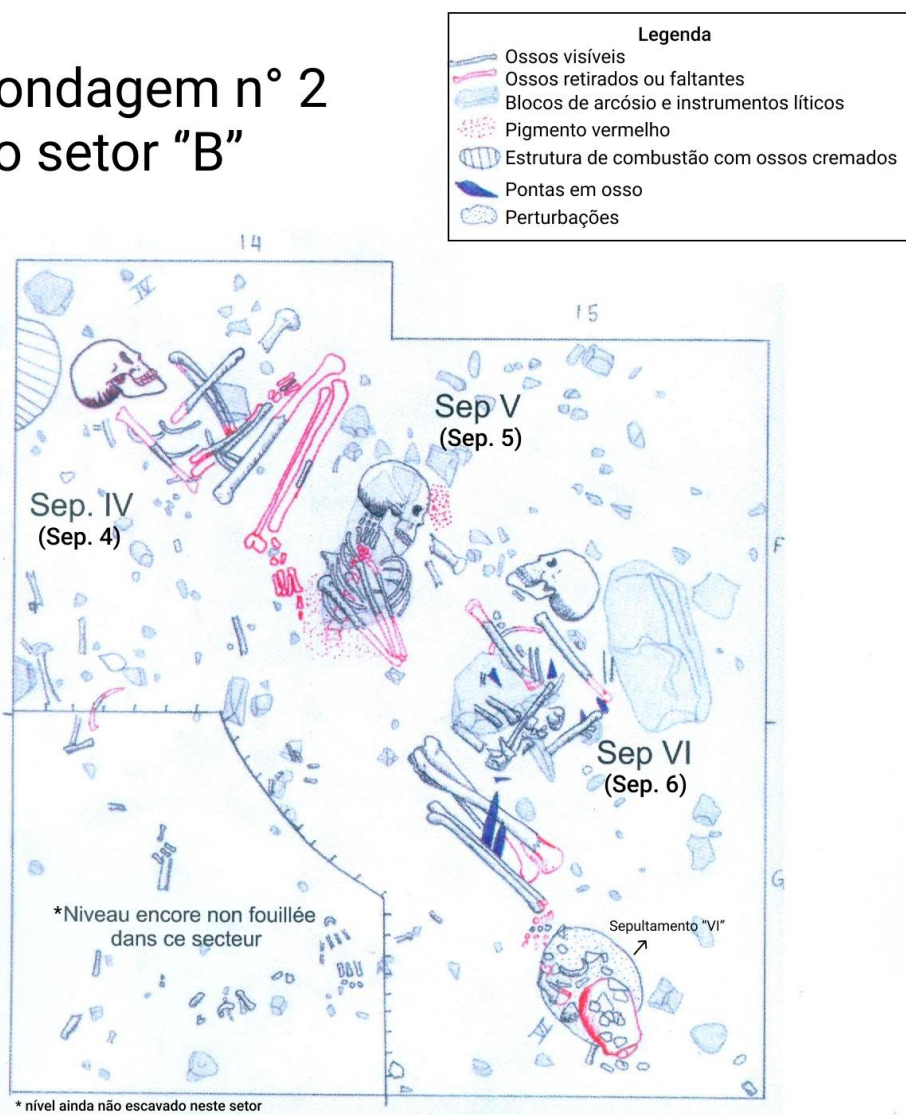


Figura 87 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Desenho representativo da sondagem n°2 dos Sepultamentos 4, 5 e 6, onde é possível inferir a posição do indivíduo e a região onde estava localizado os fragmentos ósseos de crânio inicialmente denominados de "Sepultamento 6". **Créditos:** Diário de campo Prof. Dr. André Prous. Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

A extensão da cova funerária, assim como o espaço ocupado pelo indivíduo não pôde ser inferida. Ainda assim, foi observado que algumas extremidades do esqueleto estavam

circundadas por blocos de arcócio. Dois blocos estavam circundando o indivíduo. Um deles, de formato pontiagudo (bloco A), estava localizado ao lado do braço esquerdo, cobrindo-o parcialmente. O segundo bloco (bloco B), de formato retangular, estava ao lado das costas do indivíduo, na porção leste do Sepultamento (figura 88).

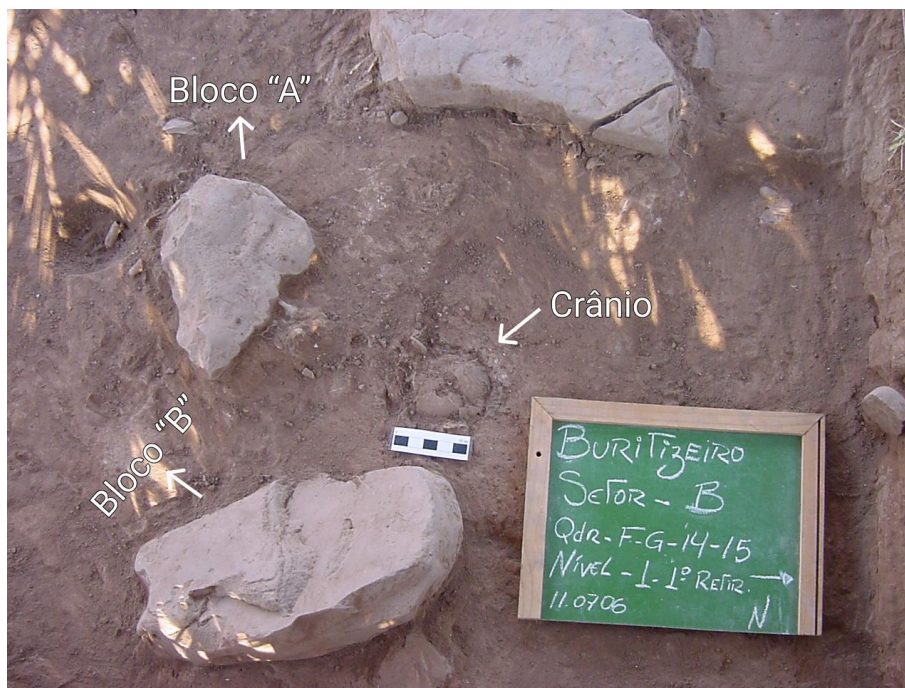


Figura 88 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 6 – Imagem da escavação do Sepultamento 6 no nível 1, 1º retirada. As setas indicam a posição dos blocos “A” e “B” e da calota craniana do indivíduo. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.

Em associação com o esqueleto, haviam duas pontas em osso, localizadas entre as pernas do indivíduo. Com a parte pontiaguda direcionada para norte, elas estavam depositadas abaixo das tíbias e fíbulas, mas acima dos fêmures (figura 89). Fragmentos de ponta foram encontrados próximo aos braços do esqueleto, mas podem se tratar de material intrusivo do solo.



Figura 89 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 6 – Imagem das pernas do indivíduo do Sepultamento 6, onde é possível observar as pontas de osso (círculo vermelho) entre as pernas do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2006.

Modo de Enterramento

As feições descritas indicam um enterro primário e simples (figuras 90 e 91). Embora não explicitada a extensão da cova funerária, parte do esqueleto parece ter sido delimitado através da utilização dos blocos de arcócio. Como acompanhamento funerário, foram depositadas duas pontas em osso.

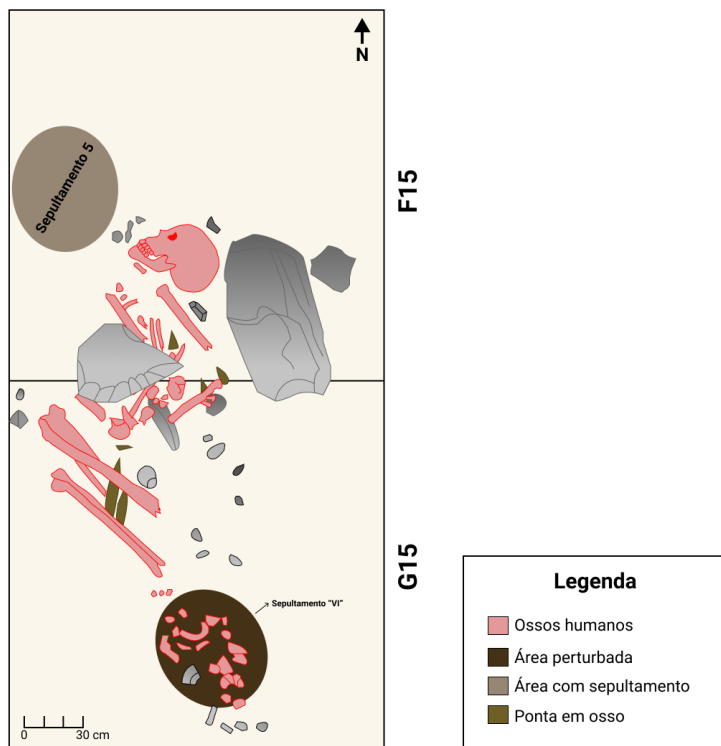


Figura 90 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 6 – Desenho digital do Sepultamento 6. Imagem baseada no desenho da figura 87. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

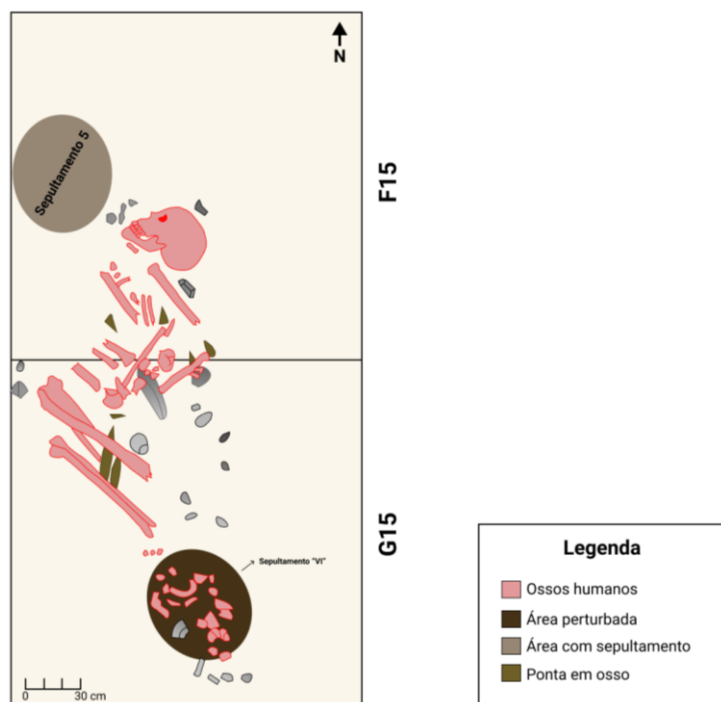


Figura 91 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 6 – Desenho digital do Sepultamento 6, mostrando a posição do esqueleto após a retirada dos blocos de pedra. Imagem baseada no desenho da figura 87. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Análise em laboratório

O Sepultamento 6 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi retirado em bloco para ser escavado em laboratório. O esqueleto estava alocado em apenas uma caixa de papelão forrada com serragem. Em 2009, foram realizadas a limpeza e a curadoria desse material. O protocolo adotado foi o de imersão e dissolução total dos blocos e posterior resgate dos fragmentos de ossos com o auxílio de uma peneira. Durante este processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo, com os ossos bastante fragmentados, sem muitas possibilidades de remontagem. O material esquelético correspondia, majoritariamente, a ossos do crânio. Alguns fragmentos de osso longo também estavam presentes. O alto grau de fragmentação evidenciado no Sepultamento 6 pode ter sido provocado, assim como para outros Sepultamentos, pela pressão causada pela construção de casas de pau-a-pique e pelo maquinário utilizado nas obras públicas. Durante a curadoria, também foi descrita a presença de grandes quantidades de raízes nos blocos que continham os fragmentos ósseos. Esse fator indicou a existência de bioturbação na região e, conseqüentemente, no Sepultamento.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-depositivos foram identificadas. Entre elas, modificações causadas por cupins nos ossos do esqueleto, sinais de atividade fúngica e alterações na estrutura óssea causadas pelo ambiente.

As alterações tafonômicas causadas por atividade fúngica foi assinalada no fêmur direito do indivíduo. Os pequenos pontos pretos se encontravam concentrados sobre a superfície do osso, próximo da diáfise (figura 92). Não fica claro, entretanto, qual fator contribuiu para o aumento da umidade na região do esqueleto e que intensificou a atividade fúngica no local. Assim como para outros Sepultamentos, pode se supor se deva a proximidade a qual o esqueleto estava da superfície, ou até de uma exposição causada pela própria escavação, uma vez que não havia proteção acima do esqueleto.



Figura 92 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 6 – Fêmur direito. A) fêmur direito, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. B) imagem em detalhe da região da diáfise onde se observa a concentração de pontos pretos característica de atividade fúngica. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Modificações geradas por cupins nos ossos do esqueleto e alterações na estrutura óssea causadas pelo ambiente também foram identificadas, sobretudo ossos do crânio do indivíduo (figura 93). Alguns fragmentos também apresentaram, possivelmente, alguma patologia, que também foi atingida por agentes tafonômicos.

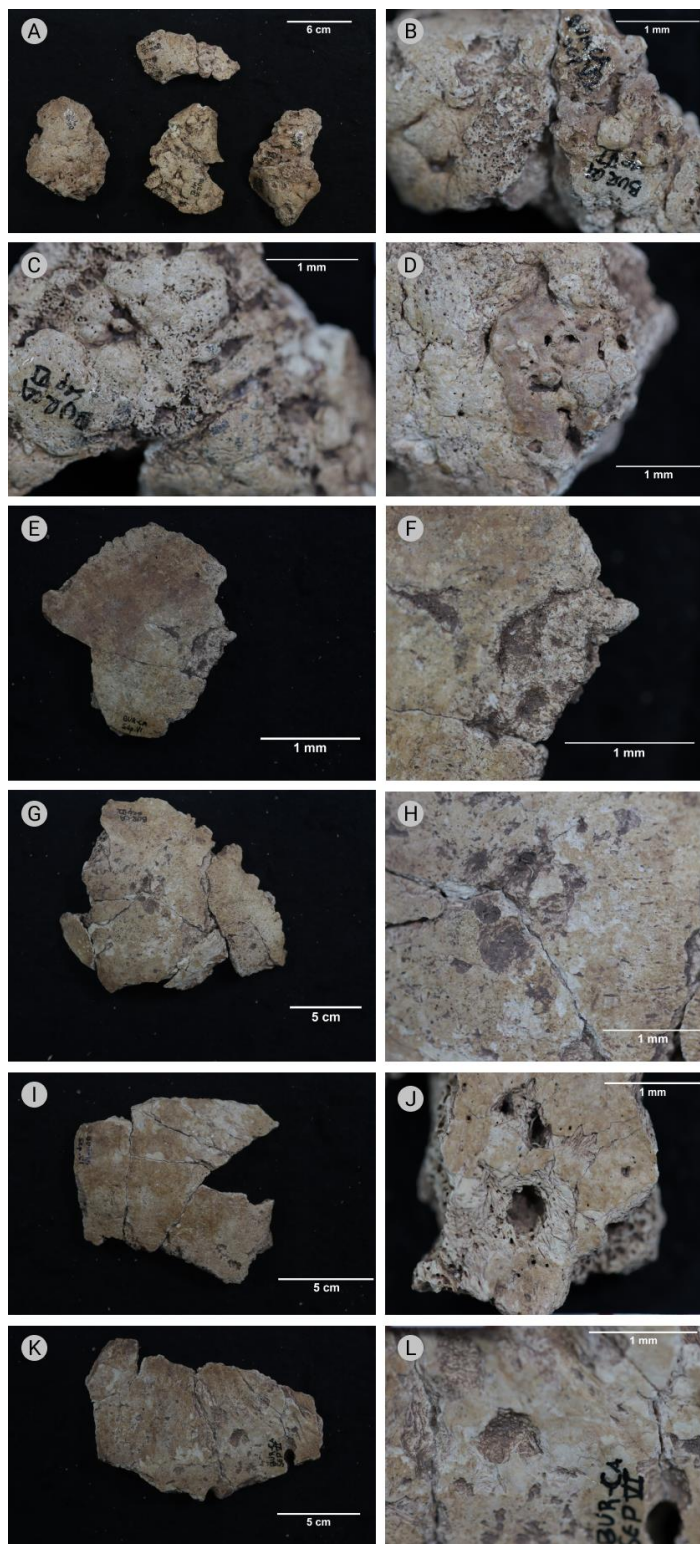


Figura 93 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 6 – Fragmentos de crânio do Sepultamento 6. A) fragmentos de crânio do Sepultamento 6 onde foi constatada a presença de alterações tafonômicas. B a L) imagens em detalhe das alterações tafonômicas evidentes nos fragmentos ósseos, como desgastes, marcas de atividades fúngicas e pequenas perfurações no osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.7 Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 7

Localização Espacial e Estratigráfica

O Sepultamento 7 de Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2007 e estava localizado entre as quadras H12, H13, I12 e I13, no nível II Superior (figura 94). Não há informações quanto as cotas iniciais e finais de exumação do esqueleto. O indivíduo estava depositado próximo aos Sepultamentos 3 e 12, em um nível similar a esses esqueletos.

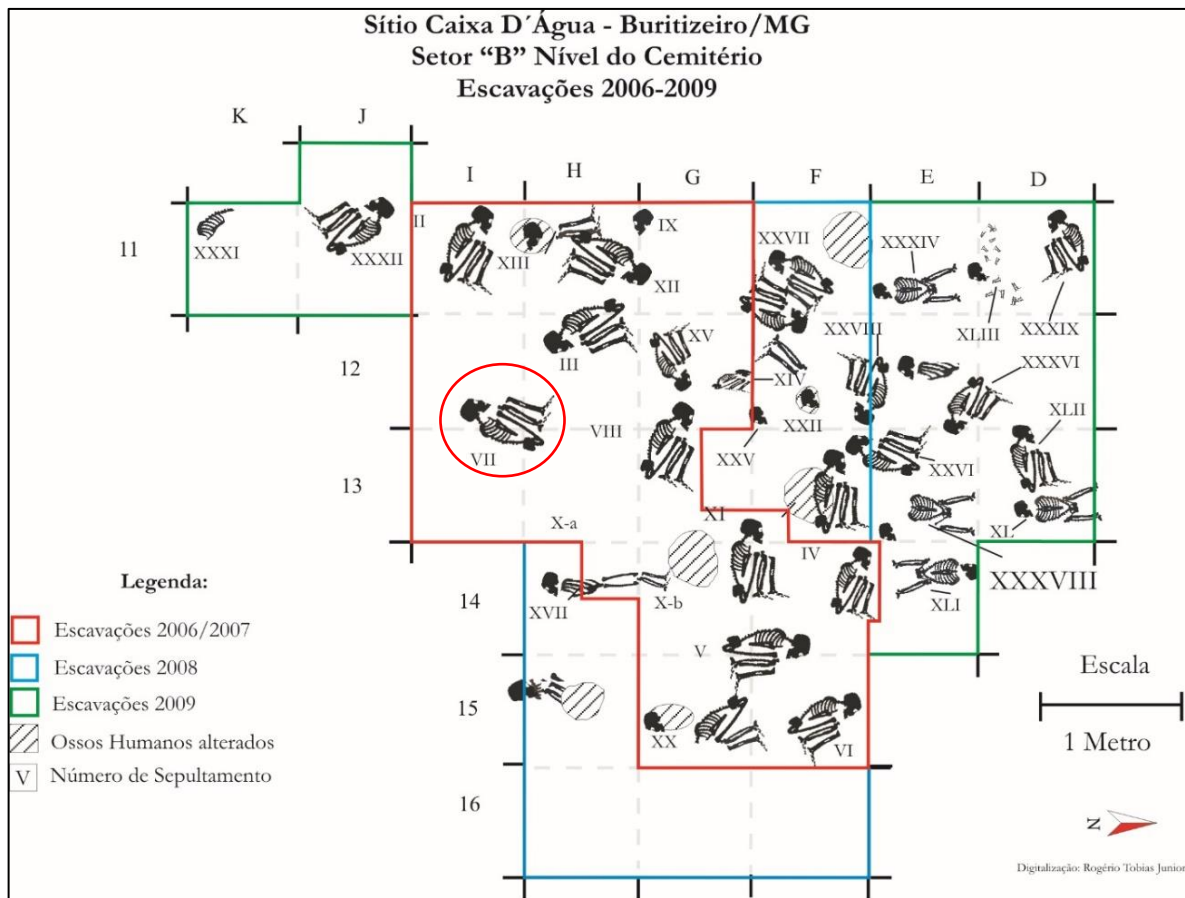


Figura 94 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 7 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Próximos aos perfis das quadras H12 e H13, circundados por dois blocos de arcócio, os primeiros remanescentes do Sepultamento 7 foram encontrados. Se tratava de um crânio, alguns fragmentos de costela e ossos longos (figura 95). Com o seguimento das escavações em direção às quadras I12 e I13, o esqueleto de um indivíduo adulto foi evidenciado. O sexo e a idade estimada não puderam ser inferidos. O corpo estava orientado no sentido norte → sul (crânio → bacia). A orientação da face não pôde ser confirmada. No caderno de campo, o indivíduo foi

descrito como em posição fletida e em decúbito lateral esquerdo. As pernas estavam fletidas e os membros superiores parcialmente fletidos em ângulo de $\cong 45^\circ$, com as mãos sobre o púbis. O esqueleto estava articulado, com exceção do crânio que estava ausente. O crânio encontrado no início da escavação não estava em orientação anatômica com restante do corpo. Ele estava depositado na região dos pés, em conjunto com o restante dos fragmentos (costela + ossos longos). Há a possibilidade desses remanescentes ósseos se tratarem de uma perturbação ou de um outro sepultamento.



Figura 95 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 7 – Início da escavação do Sepultamento 7. A) escavação das quadras H11, H12, H13, I11, I12 e I13. A seta vermelha indica a localização dos primeiros remanescentes do Sepultamento 7, próximo ao perfil de H12 e H13. B) imagem do crânio, os fragmentos de costela e ossos longos circundados por dois blocos de arcósio. C e D) imagens em detalhe da escavação do crânio localizado abaixo dos pés do indivíduo, antes da evidencição do esqueleto articulado. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2007.

Além dos blocos de arcósio que estavam limitando o crânio e os fragmentos associados a ele, um outro bloco estava depositado acima do esqueleto, na região da pélvis, cobrindo parte do rádio e ulna esquerdos. Esse terceiro bloco estava em uma profundidade menor comparada com os anteriores. Segundo as descrições, e as características observadas em uma das superfícies da rocha, ele parece se tratar de um instrumento de mó (setas vermelhas nas imagens A e B da figura 96). A esquerda desse bloco, um conjunto de materiais líticos (seixos e lascas), artefatos em osso (três pontas ósseas), ossos fauna (2 esporões de surubim + ossos de répteis e cervídeos) e um bloco de pigmento vermelho estava depositado sobre a barriga do indivíduo. Os braços do esqueleto estavam posicionados de forma a “proteger” ou “segurar” esses artefatos. Os objetos foram encontrados ainda em sua posição original, compactados, sugerindo que estavam armazenados em um recipiente de origem vegetal ou outro tipo material perecível (figura 96). Nos cadernos de campo esse agrupamento foi denominado de “conjunto ventral”.



Figura 96 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 7 – Imagens da escavação do “conjunto ventral”, associado ao indivíduo do Sepultamento 7. A e B) evidenciação da estrutura localizada acima da barriga do indivíduo. C) imagem em detalhe de duas das pontas em osso do conjunto. D) conjunto ventral após sua evidenciação completa. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Os croquis das etapas de exumação do esqueleto não estavam disponíveis para análise. Esse fator dificultou a interpretação contextual do Sepultamento. Ainda assim, com base em fotografias da escavação, foi possível gerar um desenho digital da organização do esqueleto e das estruturas associadas. Trata-se de uma representação aproximada do contexto original da sepultura (figura 97).

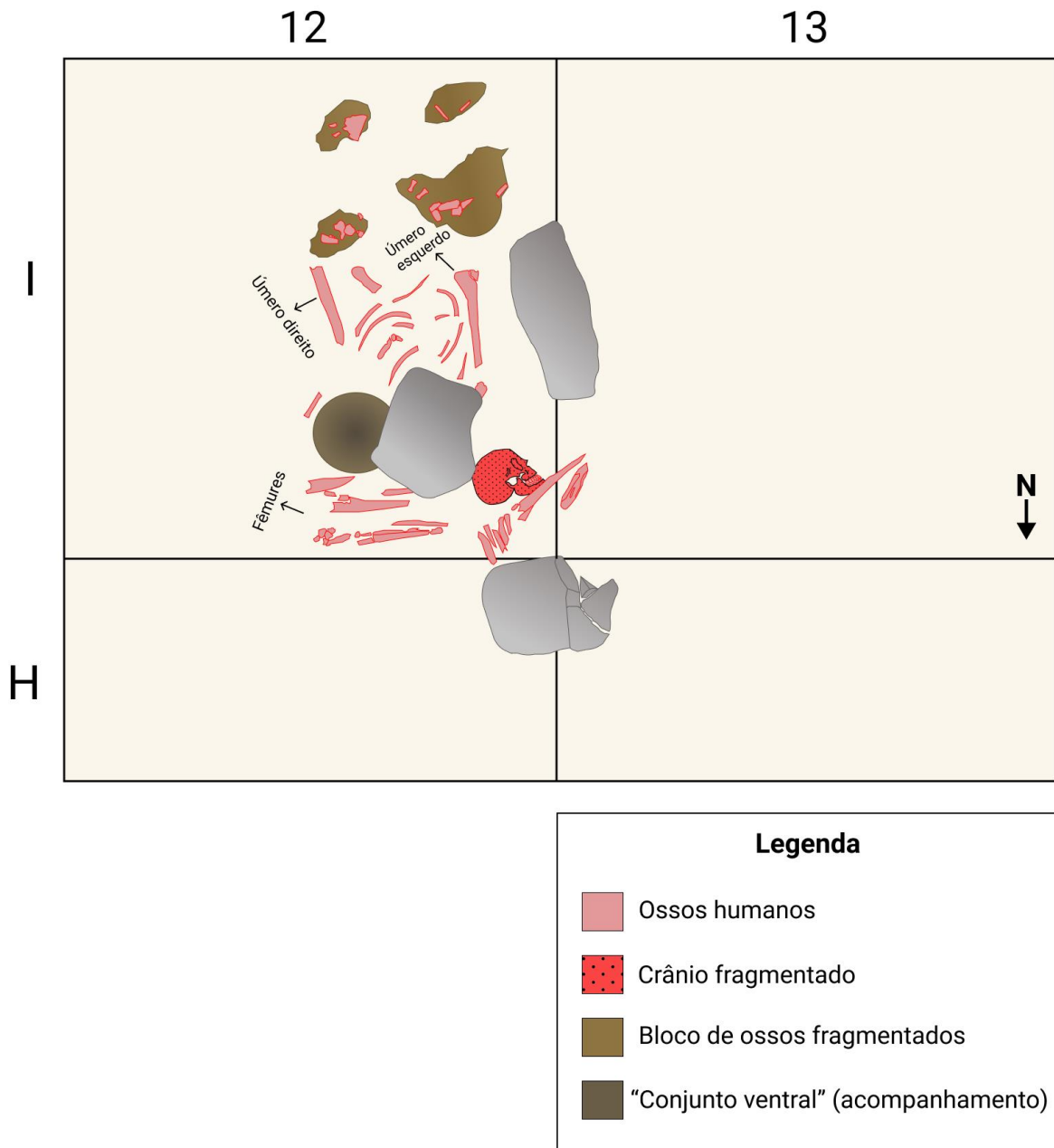


Figura 97 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 7 – Desenho digital baseado em fotografias da escavação. Na figura é possível observar a posição do esqueleto articulado e a localização das demais estruturas associadas a ele. As imagens originais não tinham escala e, portanto, essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração a quadrícula I12 e I13 (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m.

Modo de enterramento

As feições descritas indicam um enterro primário e simples, mas possivelmente perturbado. Embora não explicitada a extensão da cova funerária, parte do esqueleto parece ter sido delimitado através da utilização dos blocos de arcócio. Como acompanhamento funerário, foi depositado um conjunto de artefatos concentrados na região da bacia do indivíduo.

Análise em laboratório

O Sepultamento 7 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi retirado em bloco para ser escavado em laboratório. O esqueleto estava alocado em duas caixas de papelão forradas com serragem. O material estava acondicionado sacos de lixo preto não vedados. Em 20011, foram realizadas a limpeza e a curadoria desse material. O protocolo adotado foi o de imersão e dissolução total dos blocos e posterior resgate dos fragmentos de ossos com o auxílio de uma peneira. Durante este processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado regular, mas com os ossos bastante fragmentados. Ossos do crânio, bacia e coluna vertebral estavam pouco preservados. Apenas pequenos fragmentos dessas regiões estavam presentes. O restante do esqueleto também estava fragmentado, dificultando a remontagem dos ossos presentes. Ainda assim, alguns ossos longos, como tíbias, fêmures, úmeros e ulnas, puderam ser parcialmente remontados.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-depositacionais foram identificadas. Entre elas, quebras *post-mortem*, modificações causadas por cupins nos ossos do esqueleto, sinais de atividade fúngica e marcas de queima, possivelmente de outro Sepultamento ou de um material intrusivo. Além disso, ossos de outro esqueleto, que estavam depositados abaixo dos pés do indivíduo 7, foram armazenados em conjunto com esse Sepultamento. Para tanto, eles também foram analisados, embora aparentem se tratar de um material perturbado ou de outro sepultamento.

Marcas de queima foram observadas em diferentes graus em ossos do crânio, ossos longos, escápula e em uma falange proximal (figura 98). Com base em imagens de campo, esses fragmentos queimados também estavam depositados abaixo dos pés do Sepultamento 7 e não parecem pertencer a esse indivíduo.

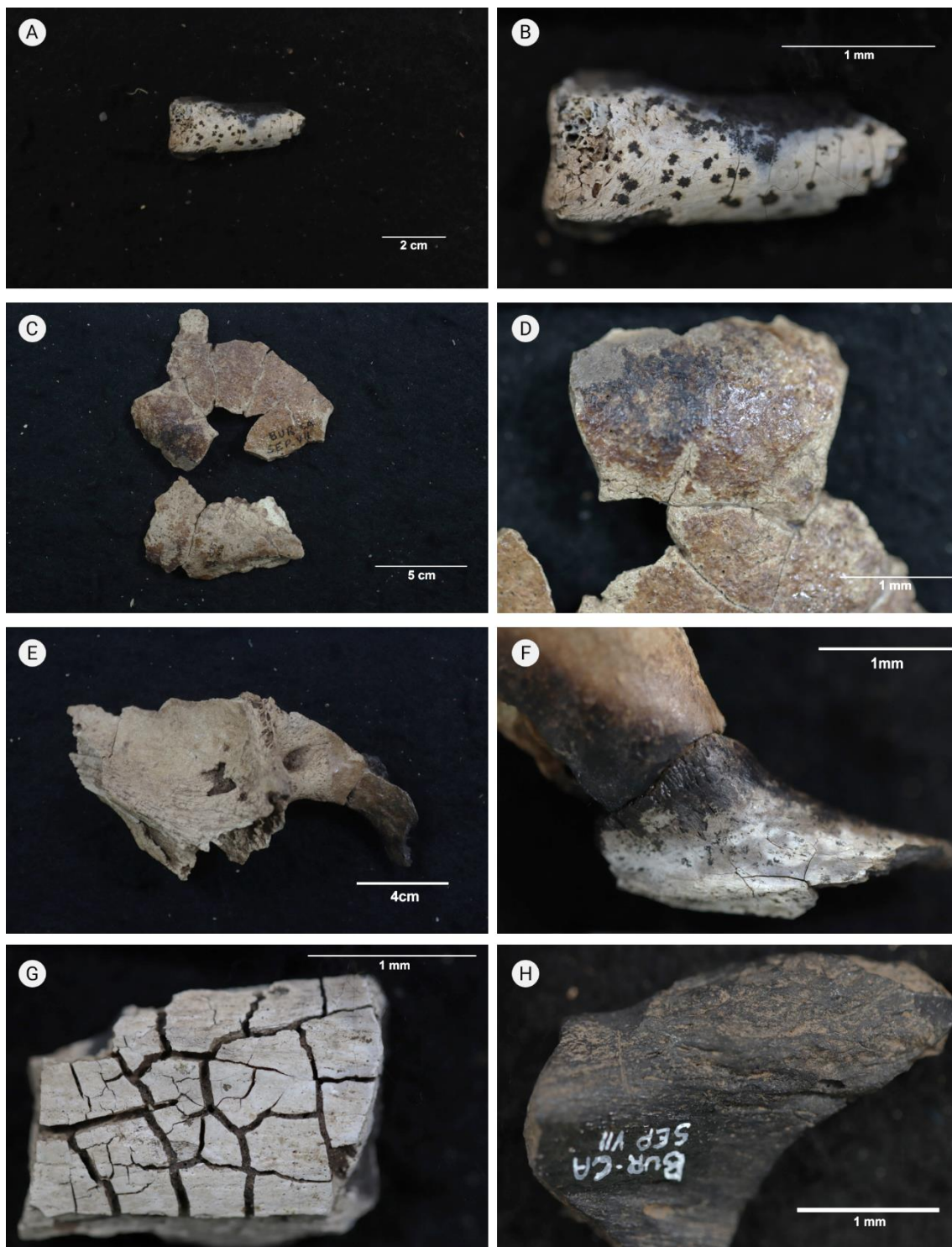


Figura 98 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 7 – Fragmentos de ossos humanos queimados. A) falange proximal, vista anterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) detalhe dos graus de queima do osso. Na imagem, também é possível observar alguns pontos pretos causados por atividade fúngica. C) fragmentos de crânio não identificados. D) foto com foco na área mais queimada de um dos fragmentos de crânio. E) fragmento de escápula esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. F) imagem em detalhe da região do acrômio da escápula esquerda, onde se observa os diferentes graus de queima. G e H) fragmentos ósseos de osso longo com diferentes graus de queima. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Marcas causadas por atividade fúngica foram assinaladas em diferentes ossos do indivíduo, sobretudo nos ossos longos. No úmero direito pequenos pontos pretos constituíam uma mancha preta que estava concentrada na região da diáfise. Em fragmentos de fíbula de lado identificado e em um metacarpo, os pontos pretos estavam mais dispersos sobre a superfície do osso. Já na fíbula direita a marca de atividade fúngica estava concentrada em uma área próxima da região de fragmentação do osso, formando uma grande mancha escura (figura 99).



Figura 99 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 7 – fragmentos ósseos onde foi observada a presença de atividade fúngica. A) úmero direito, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da diáfise do úmero direito com a presença de pequenos pontos pretos concentrados. C) fíbula, lateralidade e vista não identificada. D) fragmento de fíbula com pontos pretos esparsos sobre a superfície óssea. G) fragmento de metacarpo, lateralidade não identificada, vista posterior. H) imagem em detalhe do osso com pequenos pontos pretos dispersos. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Danos causados possivelmente por cupins foram assinalados em dois ossos do indivíduo, sendo eles a tíbia e o úmero esquerdo. Os ossos apresentaram danos superficiais em formato de “poços” que se estendiam sobre uma pequena parte da superfície, mas que não alteraram, de maneira agressiva, a sua estrutura (figura 100).

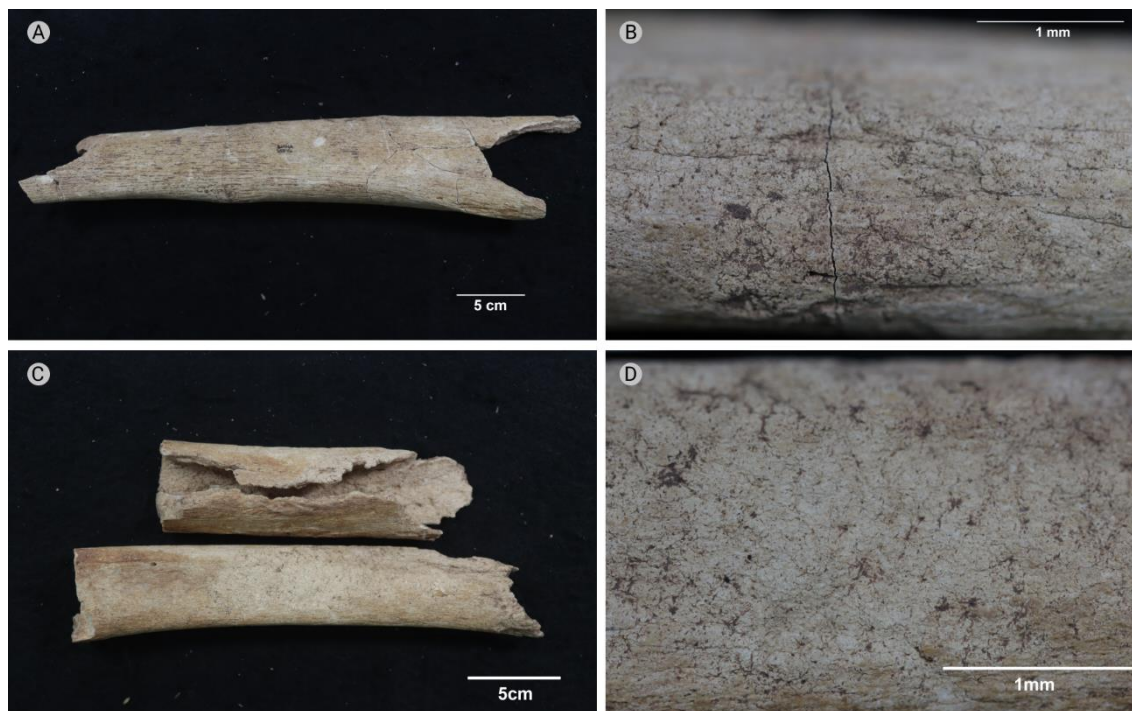


Figura 100 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 7 – Tíbia e úmero esquerdos cuja presença de danos causados por cupins foi observada. A) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da região próxima a epífise proximal do osso, onde se observa pequenas depressões causadas pela atividade de cupins. C) úmero esquerdo, vista posterior, extremidade distal a esquerda na foto. D) imagem da região da diáfise do osso, onde se observa pequenas depressões causadas pela atividade de cupins. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.8 Buritizeiro Caixa D’Água – Sepultamento 8

Localização Espacial e Estratigráfica

O Sepultamento 8 de Caixa D’Água foi escavado na campanha de 2007 e estava localizado entre as quadras G12, H12, G13 e H13 (figura 101). O esqueleto estava associado ao nível II. Não há informações disponíveis para as cotas iniciais e finais de sua exumação. O indivíduo estava depositado próximo aos Sepultamentos 15 e 14.

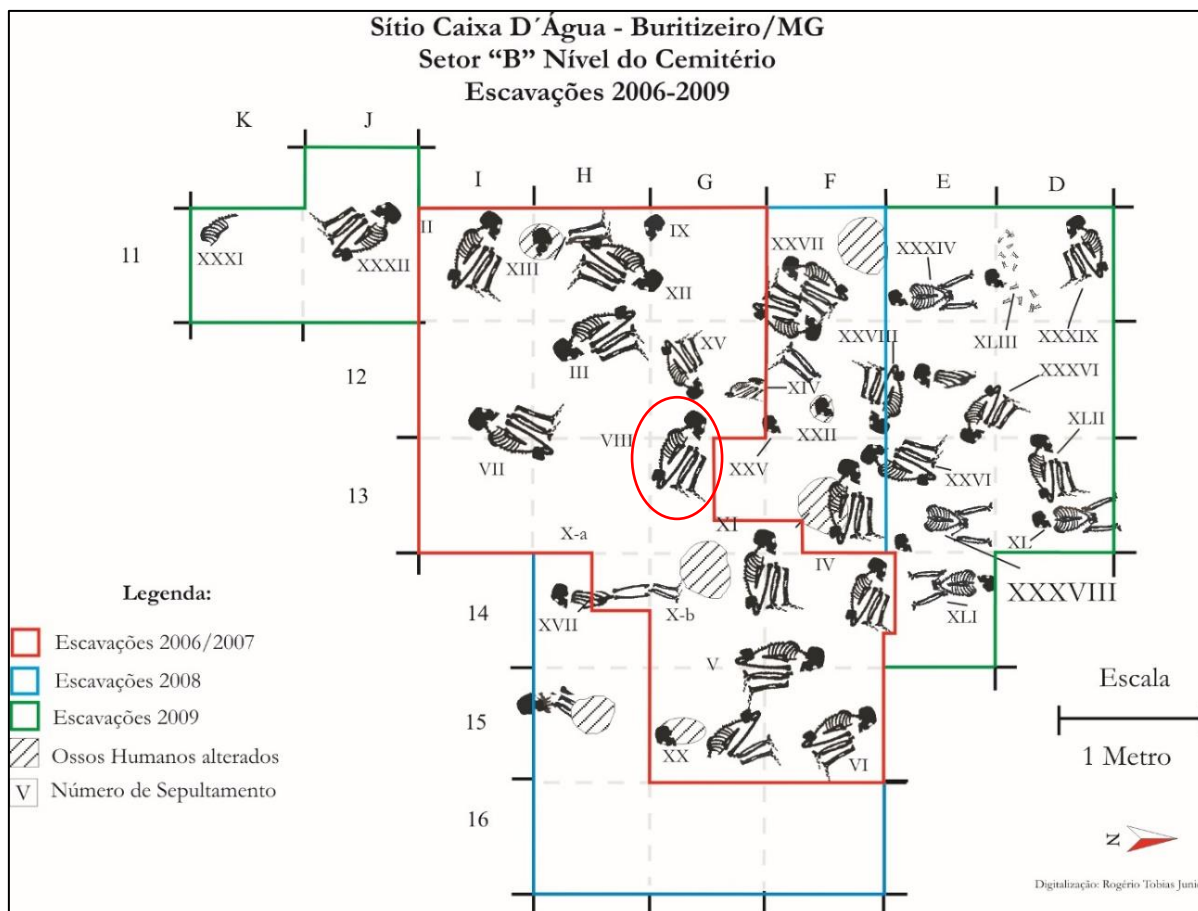


Figura 101 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 8 (círculo vermelho).
Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Poucas fotografias e documentos escritos sobre o Sepultamento 8 estavam disponíveis para análise. Além disso, o estado de preservação do esqueleto foi considerado ruim. Esses fatores dificultaram a sua interpretação contextual e de deposição. Em um croqui do nível II, foi possível identificar parcialmente a posição do indivíduo e das demais estruturas da sepultura (figura 102). Na imagem, o corpo é descrito como orientado no sentido oeste → leste (crânio → bacia) e com a face virada para norte. O indivíduo adulto, sem sexo e idade estimada, estava em posição fletida e em decúbito lateral esquerdo. A posição e a angulação dos braços não puderam ser confirmadas. A extensão da cova funerária também não foi explicitada. Do lado direito do esqueleto, estava depositado um bloco de arcóσιο (“B” na figura 102), cuja associação com o esqueleto não foi indicada. Durante as escavações, o esqueleto foi retirado em blocos, que foram denominados de “conjunto Q”, “conjunto M” e “conjunto P”.

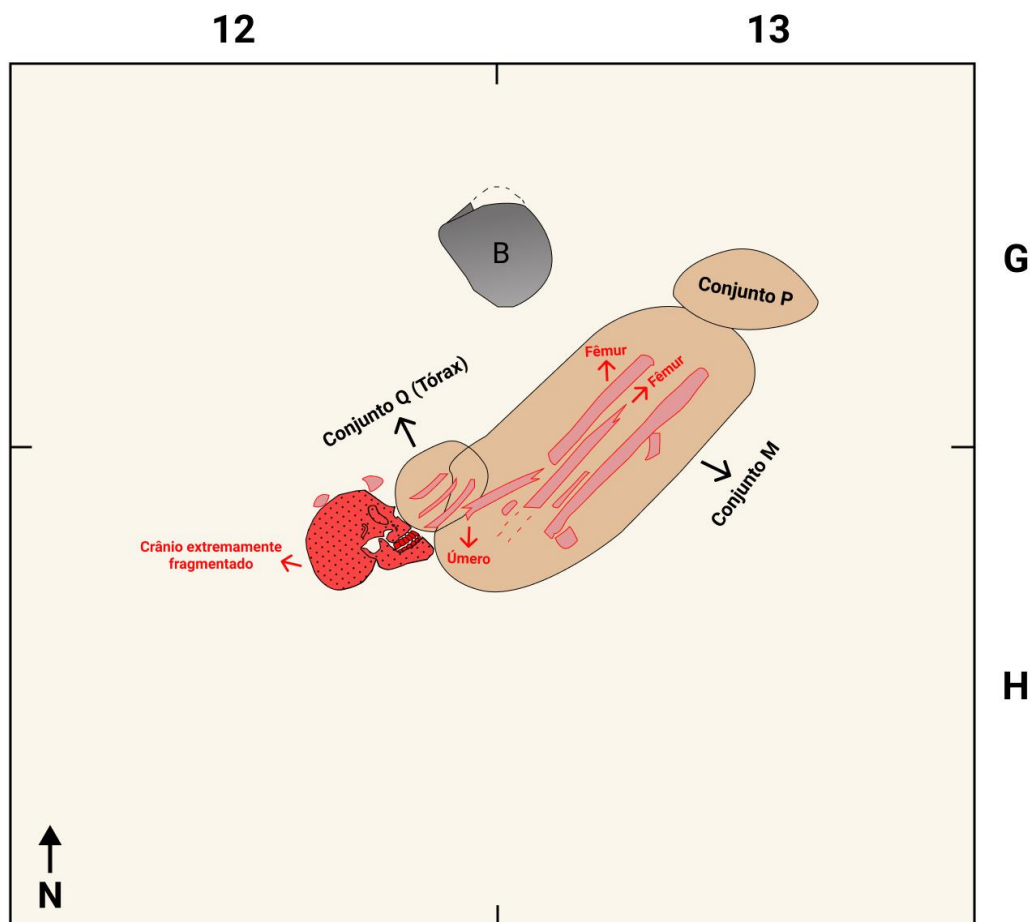


Figura 102 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 8 – Desenho digital baseado em um croqui da escavação. Na figura é possível observar a posição dos conjuntos ósseos referentes ao indivíduo. O desenho original não tinha escala e, portanto, essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração as quadrículas (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m.

Modo de Enterramento

Apesar da quantidade limitada de informações, as feições descritas indicam um enterro primário e simples. A extensão da cova funerária não pôde ser inferida, assim como a presença de acompanhamentos funerários. Não há imagens para o Sepultamento 8.

Análise em laboratório

O Sepultamento 8 do sítio arqueológico Caixa D’Água foi retirado em bloco para ser escavado em laboratório. O esqueleto estava alocado em 3 caixas de papelão forradas com serragem. O material solto estava acondicionado em sacos plásticos fechados com arames plastificados. Já os blocos foram armazenados em sacos plásticos pretos. Em 2011, foram realizadas a limpeza e a curadoria desse material. O protocolo adotado foi o de imersão e dissolução total dos blocos e posterior resgate dos fragmentos de ossos com o auxílio de uma peneira. Durante este processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo, com

os ossos bastante fragmentados, o que dificultou a remontagem dos ossos presentes. Ossos do crânio, bacia e coluna vertebral estavam pouco preservados. Já alguns ossos longos, como tíbias, fêmures, úmeros e ulnas, puderam ser parcialmente remontados. O alto grau de fragmentação evidenciado no Sepultamento 8 parece ter sido provocado por diferentes agentes, desde a pressão causada no solo pela construção de casas de pau-a-pique e pelo maquinário utilizado nas obras públicas, até a perturbação do esqueleto.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. Entre elas, quebras *post-mortem*, marcas de queima, possivelmente não intencionais e ressecamento dos ossos causado por questões ambientais. Além disso, devido a dureza do solo, que dificultou a exumação do esqueleto, fez-se necessário o uso de ferramentas pesadas para o resgate do material. O uso desses instrumentos causou marcas de impacto em alguns ossos do indivíduo.

Uma das alterações tafonômicas mais evidentes foram as marcas causadas por atividade fúngica, assinaladas em 11 ossos do esqueleto. O 2º metacarpo esquerdo, o fêmur esquerdo, o úmero esquerdo, fragmentos de mandíbula e zigomático esquerdo, fragmentos de crânio, a ulna esquerda, a tíbia esquerda, a fíbula direita e o rádio esquerdo apresentaram danos causados por atividade fúngica de maneira intensiva e distribuída sobre boa parte da superfície óssea (figuras 103 e 104). Em vários fragmentos, por exemplo, foi possível observar a formação de uma grande mancha preta que cobria a superfície do osso quase que em sua totalidade. Assim como para os outros Sepultamentos, não fica claro nas documentações de campo qual fator pode ter contribuído para o surgimento de fungos no local. Todavia, a maior parte dos ossos onde as marcas foram evidenciadas pertencem ao lado direito do esqueleto, o que pode indicar uma atividade fúngica mais intensa nessa região.



Figura 103 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 8 – Fragmentos ósseos onde foram identificadas marcas de atividade fúngica. A) 2º metacarpo esquerdo, vista posterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) detalhe da região proximal do osso onde se observa uma mancha preta que cobre boa parte da superfície. C) Fêmur esquerdo, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. D) imagem em detalhe do fragmento próximo a epífise distal cuja superfície está coberta por diversas concentrações de pontos pretos gerados por atividade fúngica. E) úmero esquerdo, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. F) região da diáfise do osso onde foi constatada a presença de vários pontos pretos dispersos na superfície óssea. G) fragmentos de mandíbula, lateralidade e vista não identificada. H) detalhe de dos fragmentos de mandíbula onde foi evidenciada a presença de atividade fúngica em grande quantidade. I) fragmentos de crânio. J) fotografia de um dos fragmentos de crânio onde foi observado a maior intensidade de atividade fúngica no osso, cobrindo a superfície em quase sua totalidade. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

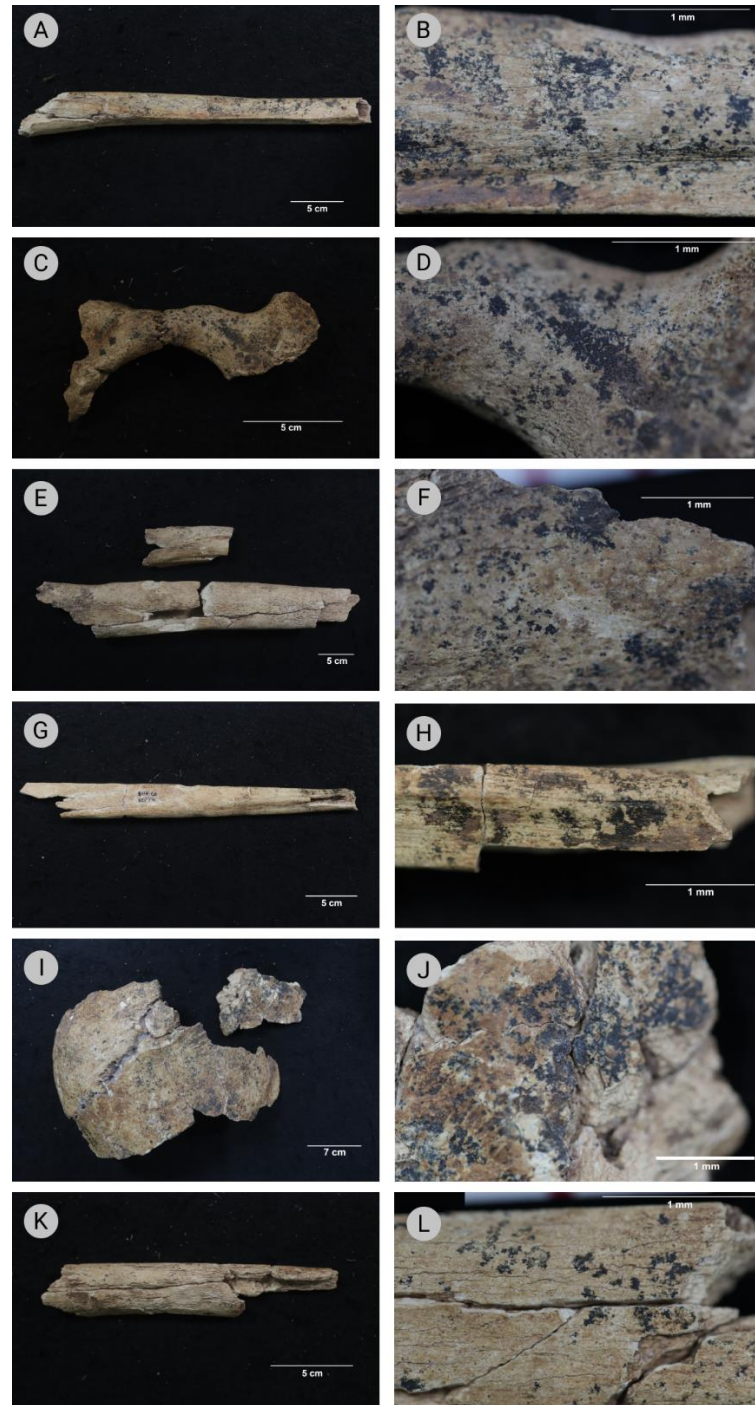


Figura 104 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 8 – Fragmentos ósseos onde foram identificadas marcas de atividade fúngica. A) fíbula direita, vista lateral, extremidade proximal a direita na foto. B) foto da região próxima a epífise proximal do osso onde se observa pequenas concentrações de pontos pretos sobre a superfície do osso. C) fragmento de zigomático esquerdo. D) imagem em detalhe de parte do fragmento de zigomático esquerdo onde há uma mancha preta formada por atividade fúngica e pequenos pontos pretos dispersos na superfície do osso. E) tíbia esquerda, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. F) região próxima da epífise proximal do osso com a presença de pontos concentrados de fúngica. G) fíbula direita, vista medial, extremidade distal a direita na foto. H) detalhe da região da epífise distal onde havia pequenas manchas pretas distribuídas sobre a superfície do osso. I) fragmentos de crânio, parietal esquerdo. J) imagem do fragmento menor de parietal esquerdo com uma grande mancha preta concentrada na parte direita do fragmento. K) rádio esquerdo, vista anterior, extremidade distal a esquerda na foto. L) detalhe da região próxima a área de fragmentação do rádio esquerdo, onde se observa pequenos pontos esparsos de atividade fúngica. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Marcas de queima foram observadas em alguns fragmentos de ossos longos não identificados (figura 105). Não fica claro a origem desses fragmentos queimados, mas, considerando as descrições de campo, podem se tratar de material intrusivo.



Figura 105 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 8 – Fragmentos de osso longo queimados. A) fragmento de ulna direita queimada, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. B) detalhe da superfície do osso onde se observa diferentes graus de queima. C) fragmentos de osso longo não identificados. D, E e F) imagens em detalhe de diferentes fragmentos ósseos com graus de queima distintos. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Alguns fragmentos ósseos também apresentaram pequenas “rachaduras” na superfície. Elas foram ocasionadas, possivelmente, pelo ressecamento da estrutura óssea devido a alteração do ambiente estável ao qual o osso estava depositado. Essa característica foi observada no úmero esquerdo, ulna esquerda e rádio esquerdo (figura 106).

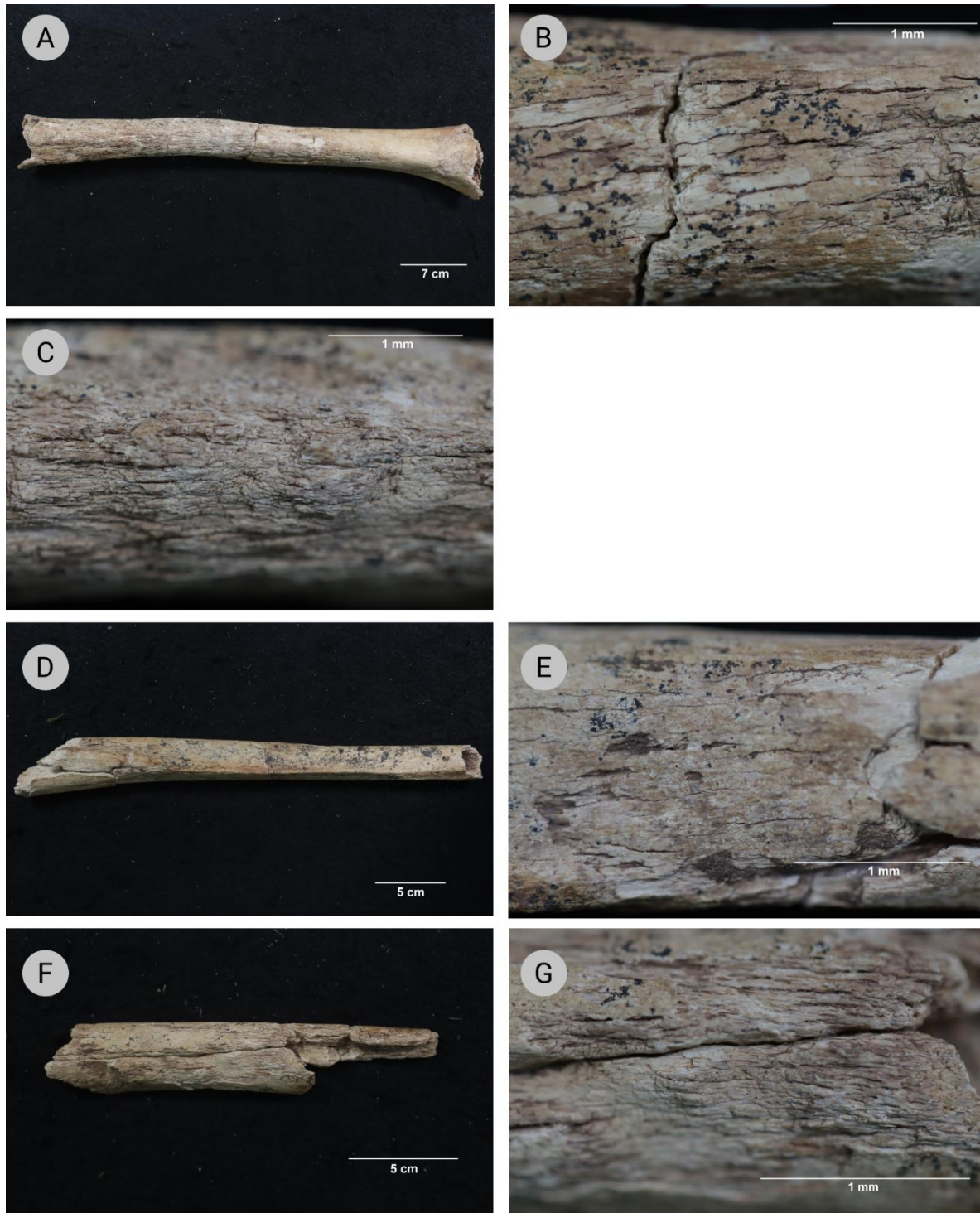


Figura 106 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 8 – imagens de fragmentos de osso longo onde foi observada a presença de “rachaduras” na superfície do osso. A) úmero esquerdo, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. B e C) imagens em detalhe da região da diáfise do osso em que se observa pequenas “rachaduras” na superfície do osso. D) fíbula direita, vista medial, extremidade distal a direita na foto. E) detalhe da região próxima a epífise proximal do osso em que foi constatada a presença de “rachaduras” na superfície. F) rádio esquerdo, vista anterior, extremidade distal a esquerda na foto. G) imagem da área fragmentada do rádio esquerdo, próximo a extremidade proximal, em que se observa várias “rachaduras” paralelas na superfície do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Marcas de dano causado pelo uso de ferramentas pesadas para a exumação do esqueleto foram observadas em partes da tíbia esquerda. Na região próxima a epífise proximal do osso foi observada a presença de um grande corte causado pelo impacto do objeto na superfície óssea (figura 107).



Figura 107 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 8 – Tíbia esquerda. A) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) imagem em detalhe da região próxima a epífise proximal onde foi observada a presença de um grande corte causado na superfície do osso devido a utilização de ferramentas pesadas para a exumação do esqueleto. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.9 Buritizeiro Caixa D'Água – Sepultamento 9

Localização Espacial e Estratigráfica

O Sepultamento 9 de Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2007 e estava localizado na quadra G11 (figura 108). As cotas iniciais e finais de sua exumação, bem como a qual nível o esqueleto estava associado não foram explicitadas. O indivíduo estava depositado muito próximo do Sepultamento 12, mas em camadas mais recentes.

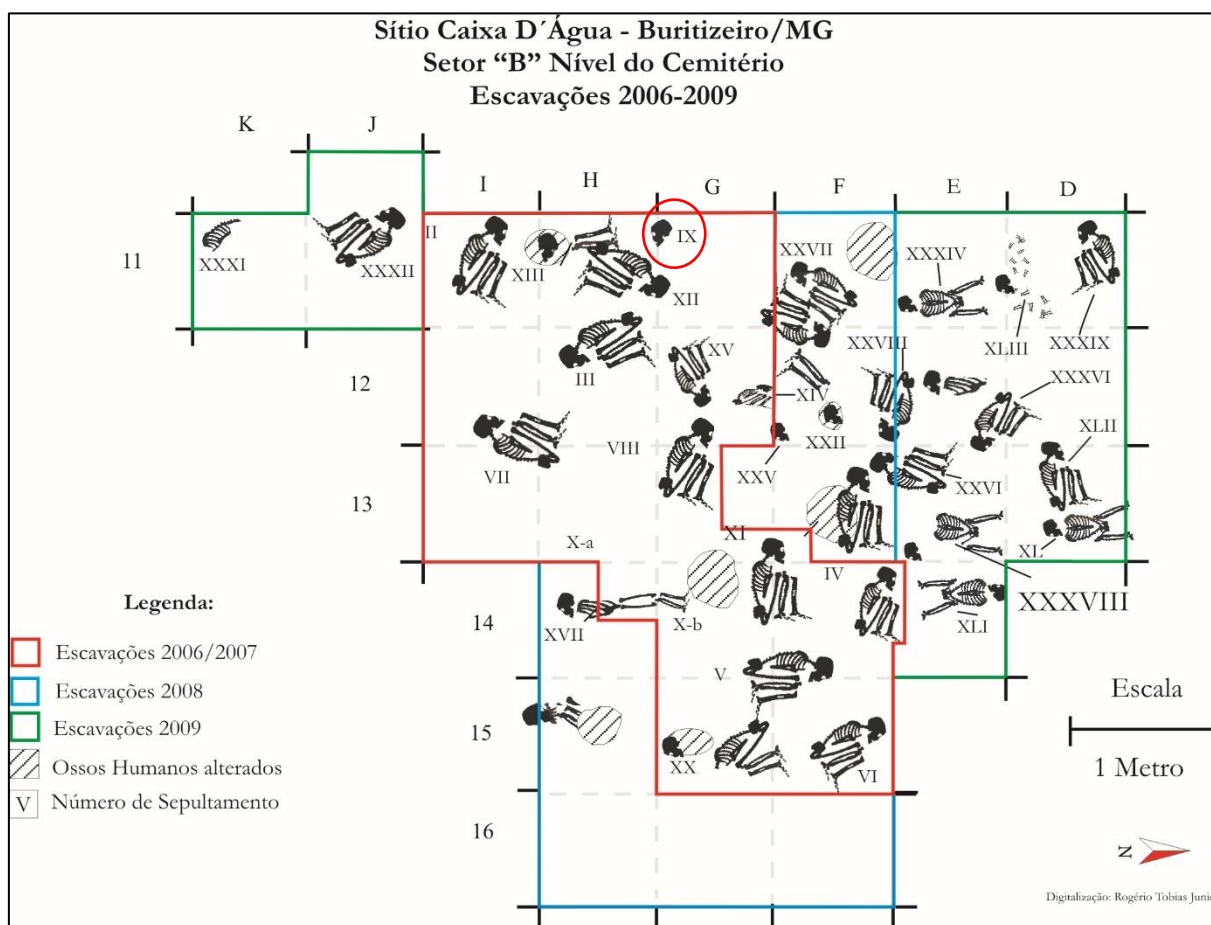


Figura 108 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 9 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O esqueleto referente ao Sepultamento 9 foi descrito como composto apenas por uma calota craniana e um bloco de arcósio (figura 109 e 110). Outras informações desse indivíduo não estavam disponíveis para análise.



Figura 109 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 9 – Imagem da escavação das quadras H11, H12, G11 e G12. No perfil da quadra H11, é possível observar a calota craniana referente ao Sepultamento 9 (seta preta), acima do crânio do Sepultamento 12. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2007.



Figura 110 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 9 – Imagem da escavação das quadras H11, H12, G11 e G12. Com o avanço das escavações na quadra H11, é possível evidenciar a calota craniana e o bloco de arcócio referente ao Sepultamento 9 (setas vermelhas). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2007.

Modo de Enterramento

Devido a pouca quantidade de informações, não é possível determinar o modo de enterramento.

Análise de laboratório

Material inexistente para análise.

7.10 Buritizeiro Caixa D’Água – Sepultamento 10

Localização Espacial e Estratigráfica

O Sepultamento 10 de Caixa D’Água foi escavado na campanha de 2007 e estava localizado entre as quadras G13, H13, G14 e H14 (figura 111). O Sepultamento estava depositado no nível II Inferior. Não foi possível determinar as cotas iniciais e finais de exumação do indivíduo.

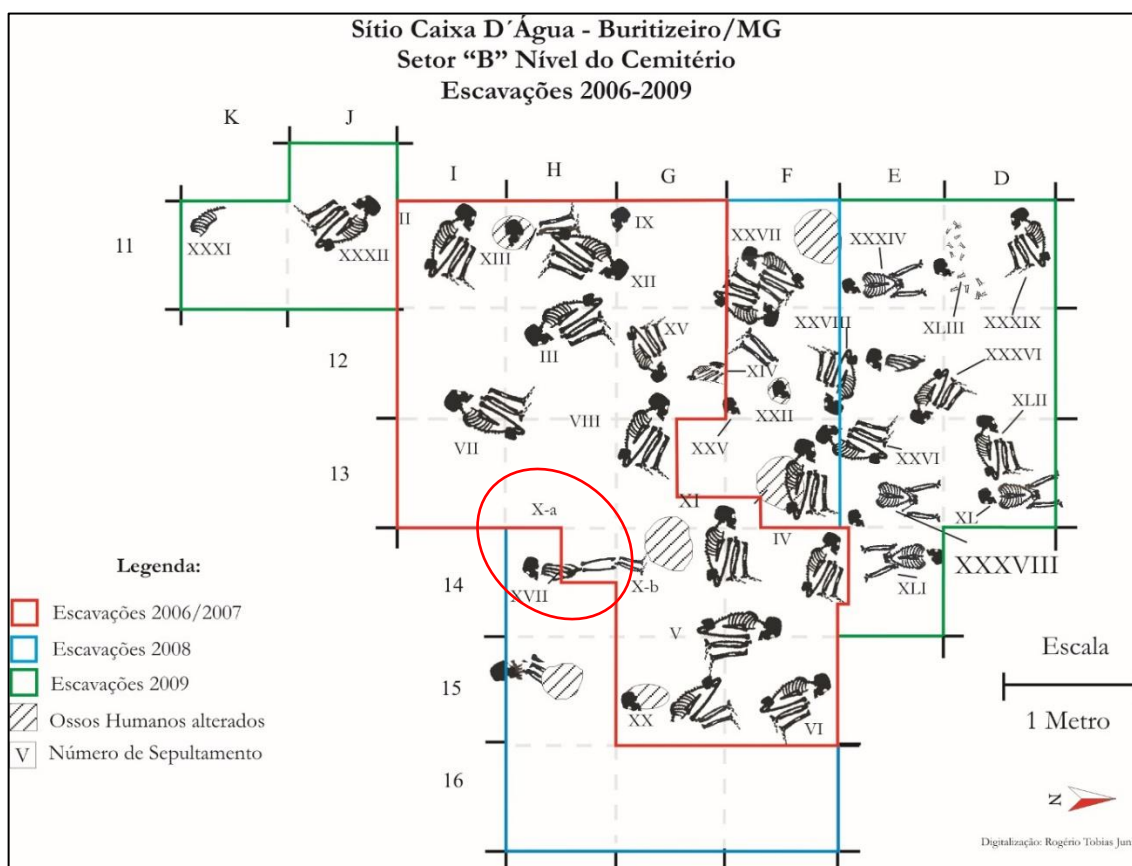


Figura 111 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D’água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 10 (círculo vermelho).
Créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Durante as escavações, o Sepultamento 10 foi dividido em três conjuntos de ossos (Xa, Xb e Xc). Não é explicitado se, desde o princípio, cada conjunto foi considerado um sepultamento ou partes de uma mesma unidade. Em determinados momentos, os pacotes Xa e Xb são definidos como indivíduos distintos. Em um croqui, do nível II Inferior, foi possível observar a organização desses conjuntos ósseos nas quadras (figura 112). Eles estavam dispersos no sedimento, mas localizados próximos uns dos outros. Nas descrições, o conjunto Xa é classificado como um indivíduo com a perna flexionada e com o corpo lateralizado. Já Xb estaria com ossos do tórax alinhados, braço direito fletido e braço esquerdo caído para a esquerda, em posição sentada. Poucas descrições e imagens desse processo de exumação estavam disponíveis para análise, o que dificultou a interpretação desse contexto.

O Sepultamento 10 estava associado a um contexto muito perturbado. Os ossos estavam depositados em um nível superficial, o que facilitou o impacto de agentes antrópicos contemporâneos no enterramento. Material recente, como tijolos, estava depositados no mesmo nível do esqueleto. Além disso, o Sepultamento 10 foi perturbado e os ossos foram danificados pela construção das casas de pau-a-pique e pelo maquinário utilizado nas obras públicas. No diário de campo, é destacada a presença de ninhos de cupins que estavam localizados próximos do Sepultamento 10 e podem ter danificado e até deslocado os ossos.

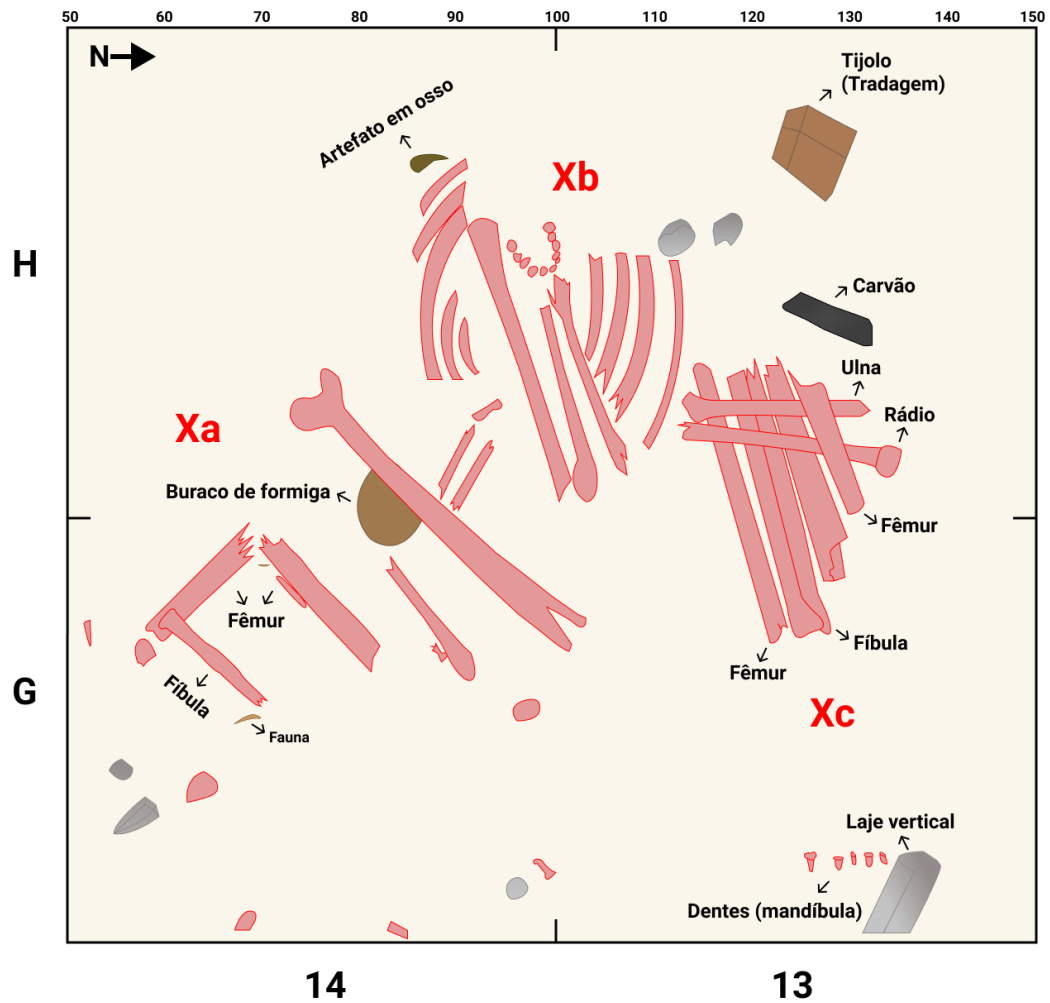


Figura 112 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 10 – Desenho digital baseado em um croqui da escavação. Na figura é possível observar a posição dos conjuntos “Xa”, “Xb” e “Xc”. O desenho original não tinha escala e, portanto, essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração as quadrículas (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m.

Durante as atividades em campo, não foi descrita a existência de acompanhamentos funerários. Na curadoria do material, todavia, foi identificada a presença de artefatos ósseos. Foram encontradas uma ponta óssea e vários dentes de animal com a raiz perfuradas, possivelmente para uso como adorno (figura 113). Apesar de encontrados junto aos remanescentes esqueléticos do Sepultamento 10, não é possível confirmar a associação desses artefatos com o indivíduo.



Figura 113 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 10 – Artefatos ósseos encontrados em conjunto do Sepultamento 10. A) Ponta óssea parcialmente cremada B) dentes de animais com as raízes perfuradas. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Modo de Enterramento

Devido a pouca quantidade de informações para o Sepultamento 10, não foi possível determinar o modo de enterramento.

Análise em laboratório

Não foi possível obter informações acerca do processo de curadoria do Sepultamento 10. Ainda assim, o material estava disponível para análise em laboratório, etapa que foi realizada no ano de 2021. Nesse momento, foi constatado que o grau de preservação do esqueleto era baixo, com os ossos bastante fragmentados. Em sua maioria, o Sepultamento 10 era composto por vários fragmentos ósseos, talvez de um ou mais indivíduos, sendo que boa parte deles estavam queimados (figuras 114 e 115).



Figura 114 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 10 – Fragmentos ósseos queimados. A) clavícula direita, vista inferior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da área articular da epífise proximal da clavícula direita, onde se observa os diferentes graus de queima da superfície do osso. C, D e E) fragmentos ósseos não identificados com diferentes graus de queima. F) fragmentos de crânio queimados. G) fragmento de fêmur queimado, vista anterior, extremidade proximal a esquerda na foto. H) fragmento de mandíbula queimado. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.



Figura 115 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 10 – Fragmentos ósseos queimados. A e B) fragmentos ósseos do crânio. Parietal direito. C) osso do crânio. Fragmento de temporal direito. D) fragmento de coxal esquerdo. E) fragmento de zigomático, lado não identificado. F) fragmento de coxal direito. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Em alguns ossos longos foi registrada a presença de “ranhuras” ou cortes na superfície óssea que parecem se tratar de uma atividade *post-mortem* e não relacionada com o ritual fúnebre. No fêmur esquerdo e em um fragmento de tíbia haviam pequenas depressões em formato de linhas na superfície óssea, possivelmente causadas por bioturbações de raízes. Já nas tíbias direita e esquerda, foram observadas pequenas ranhuras sobre a superfície óssea (figura 116).



Figura 116 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 10 – Ossos humanos onde foi identificada a presença de “ranhuras” ou pequenas depressões na superfície. A) fêmur esquerdo, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B) região abaixo da epífise proximal com uma pequena depressão em formato de linha reta, possivelmente causada por raízes. C) tíbia direita, vista posterior, extremidade distal a direita na foto. D) diáfise da tíbia direita com a presença de pequenas “ranhuras” na superfície óssea. E) tíbia esquerda, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. F) região da diáfise da tíbia esquerda com a presença de uma grande ranhura concentrada em apenas um local do osso. G) fragmento de tíbia, lateralidade e vista não identificados. H) imagem em detalhe da superfície do osso, onde se observa pequenas depressões em formato de “caminhos”, possivelmente causadas por raízes. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Marcas causadas por atividade fúngica também foram assinaladas no esqueleto, sobretudo em alguns ossos longos e fragmentos de crânio. Tanto o fêmur esquerdo e a tíbia esquerda, quanto os fragmentos de crânio, apresentaram apenas pequenos pontos pretos esparsos sobre a superfície óssea (figura 117).



Figura 117 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 10 – Ossos humanos onde foi identificada a presença de atividade fúngica. A) fêmur esquerdo, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da área fragmentada do fêmur esquerdo onde foi encontrada pequenos pontos pretos de atividade fúngica. C) tíbia esquerda, vista lateral, extremidade proximal a direita na foto. D) região da diáfise do osso com a presença de alguns pontos pretos distribuídos sobre a superfície. E) fragmentos de crânio. F) imagem da parte interna do osso onde foi observada a presença de pequenos pontos pretos distribuídos sobre a superfície G) fragmento de crânio. H) área próxima de uma região de sutura com pequenos pontos pretos distribuídos sobre a superfície. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.11 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 11

Localização espacial e estratigráfica

Escavado na campanha de 2007, o Sepultamento 11 de Caixa D'Água foi encontrado próximo dos sepultamentos 4, 5 e 6, mas em uma profundidade maior, associado ao nível II Médio/Inferior. O esqueleto estava localizado ao extremo oeste das quadras G13, G14, F13 e F14 (figura 118). Para as cotas iniciais do sepultamento, apenas a profundidade da ponta do bloco que estava acima do esqueleto foi documentada (-2,21m). As cotas finais do sepultamento foram -2,37m para base do crânio e -2,43m para a base da bacia.

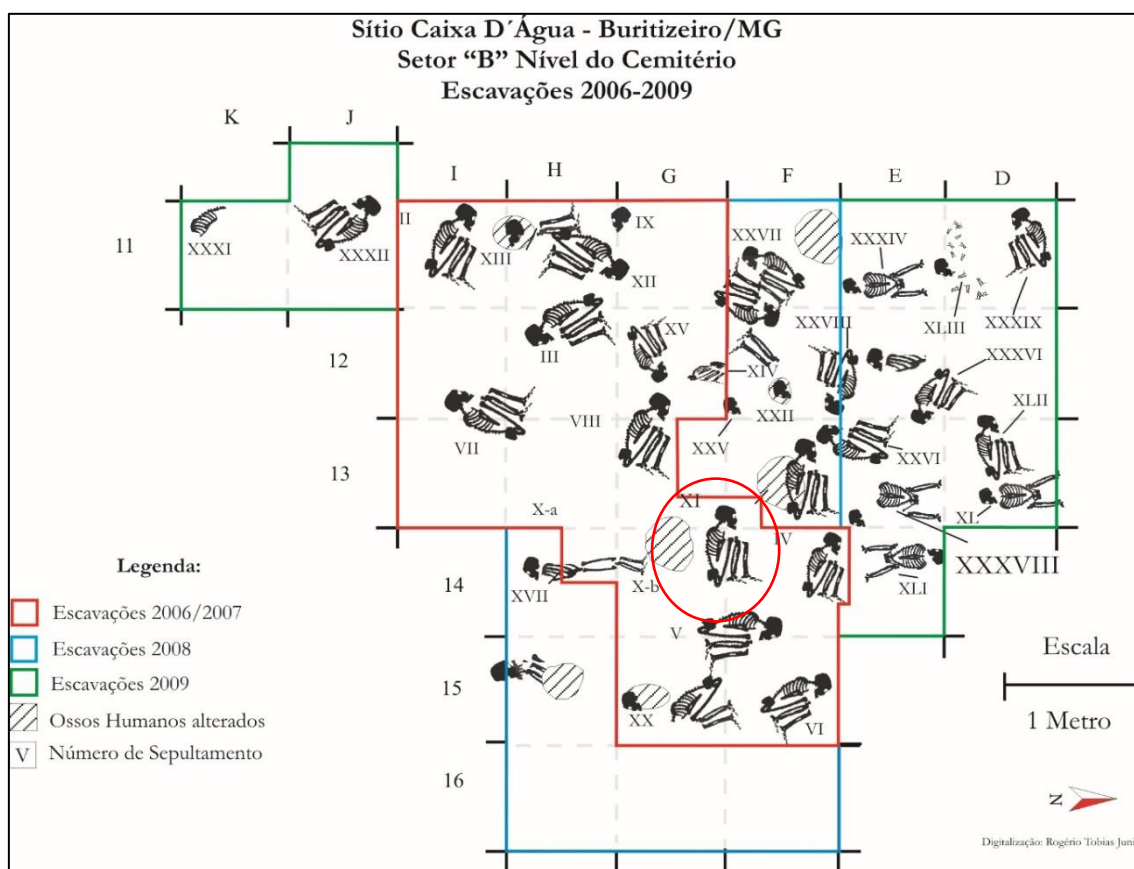


Figura 118 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 11 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 11 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 11 do sítio Caixa D'Água era composto por um indivíduo de sexo indeterminado e idade estimada de < 30 anos. O corpo estava orientado no sentido sudoeste → nordeste (crânio → bacia) e com a face virada para noroeste. O esqueleto, articulado, estava na posição fletida, em decúbito lateral direito. Os braços estavam fletidos sobre o tórax do

indivíduo, em um ângulo de 30 graus (figura 119). Não foram obtidas informações a respeito da largura e do comprimento máximo do espaço ocupado pelo esqueleto. Durante a escavação não foi possível determinar a extensão da cova funerária.

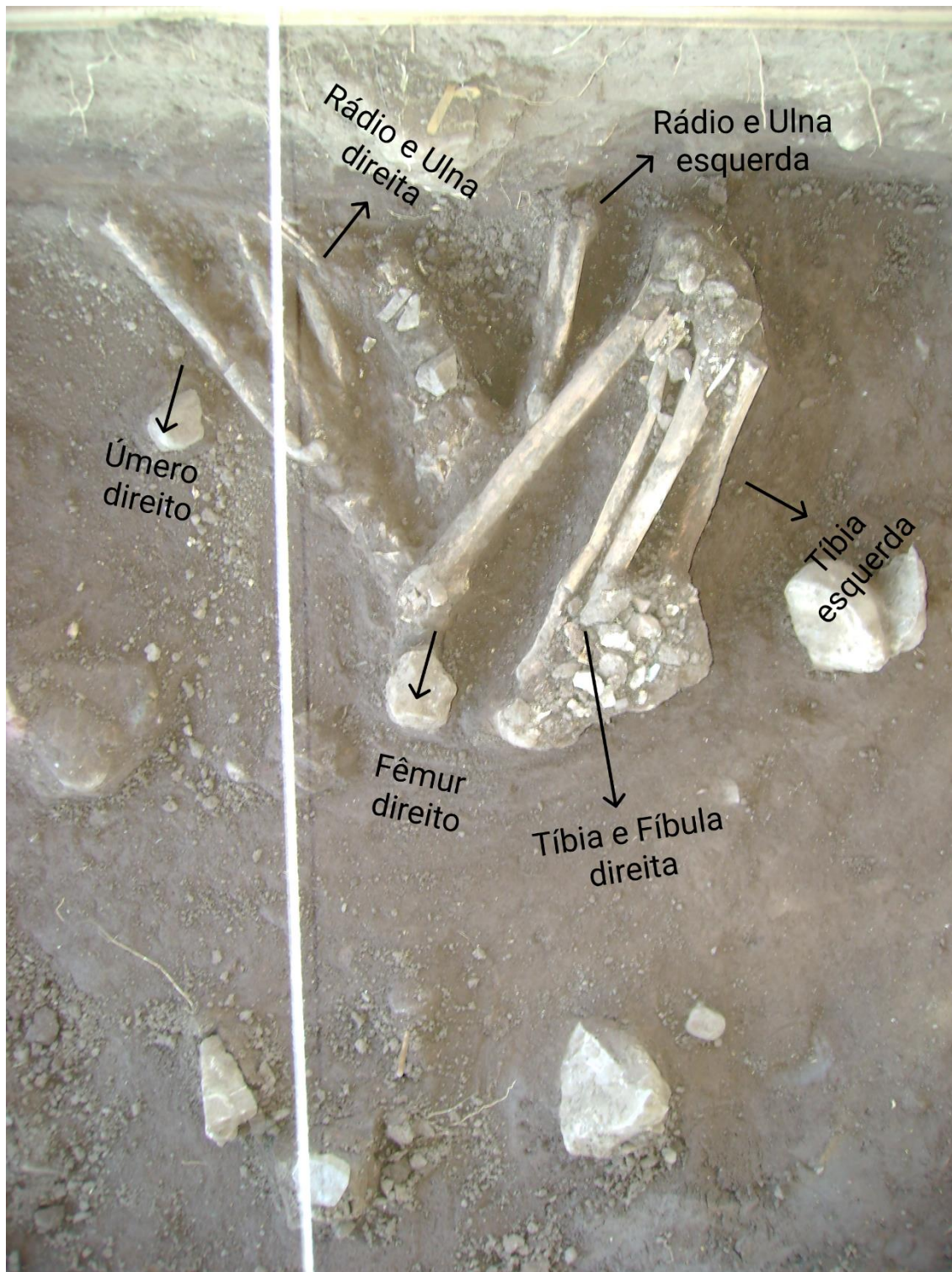


Figura 119 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 11 – Imagem do Sepultamento parcialmente escavado, onde é possível observar a posição das pernas e a angulação dos braços do indivíduo. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2007.

Blocos de arcóσιο foram depositados na porção superior do esqueleto, do lado oeste do sepultamento (figura 120). Um grande bloco estava disposto em posição vertical (nº 2 na figura 120A e 120B). Ao lado dessa estrutura, havia outro bloco (nº 1 na figura 120A e 120B). Embaixo, foram encontrados fragmentos de crânio e os braços fletidos do indivíduo e blocos menores que circundavam a lateral do crânio (nº 3 na figura 120B). Não foi possível obter informações a respeito das características desses blocos. De acordo com documentações institucionais⁸, um deles se tratava de um instrumento similar a uma mó.



Figura 120 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 11 – Imagens da estrutura de blocos de arcóσιο que acompanhavam o Sepultamento. A) início da exposição da porção superior do esqueleto, onde é possível observar o bloco 1 sobrepondo o 2. B) imagem após a retirada do bloco 1, onde é possível observar a presença do bloco 3, abaixo e a exposição completa do bloco 2. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2007.

Poucos acompanhamentos funerários foram encontrados associados com o esqueleto. Foi descrita a presença de apenas um ponta óssea posicionada acima do braço esquerdo do indivíduo. É descrita a presença de outro fragmento de ponta óssea, mas parece não se tratar de mais um artefato associado ao sepultamento (figura 121). Ainda que a presença de material lítico tenha sido significativa, nenhum foi classificado como acompanhamento funerário, e estavam apenas dispersos no sedimento ao redor do esqueleto (figura 122).

⁸ Registro e classificação das peças líticas arqueológicas (mós) do Setor de Arqueologia Pré-Histórica, na Reserva Técnica do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (CECOR) da EBA-UFGM. Elaborado por Gabriel Sousa de Pádua no dia 31/10/2011.



Figura 121 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 11 – Imagens das pontas ósseas encontradas no sepultamento. A) foto in situ do esqueleto, onde é possível observar uma ponta óssea (círculo vermelho) depositada acima do braço direito. Não há fotos em laboratório desse material. B) foto do fragmento de ponta óssea encontrada com o sepultamento, mas que não foi considerado acompanhamento funerário. **Créditos:** A) Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. B) Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. Fotos tiradas, respectivamente, em 2007 e 2009.



Figura 122 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 11 – Foto tirada em laboratório dos artefatos líticos encontrados no sedimento ao redor do sepultamento, mas sem estarem associados a ele. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. Foto tirada em 2009.

Nas descrições de campo, foi documentada a presença de uma fogueira com fragmentos de crânio cremados próximos da sepultura. A estrutura estava localizada à oeste do grande bloco (2 na figura 123) que cobria o indivíduo e ao lado de outro bloco a direita do sepultamento. Em imagens tiradas em campo (figura 123), a fogueira parece estar em uma profundidade menor do que o esqueleto. Considerando a posição dos blocos localizados próximos à fogueira, ela parece se tratar de um evento mais recente que o enterramento. Isso porque a verticalidade dos blocos que circundavam essa estrutura (imagem B na figura 123) indicou que houve uma perturbação do sedimento que deslocou esses blocos.



Figura 123 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 11 – imagens in situ do Sepultamento 11, onde é possível observar a localização da fogueira com fragmentos de crânio e sua proximidade com o enterramento. A) foto do Sepultamento 11 com a fogueira à oeste (seta branca), próxima ao grande bloco que cobre o indivíduo. B) foto ampla da área onde foi depositado o Sepultamento 11. Nela se observa a verticalidade dos blocos ao redor da fogueira, que indica que eles podem ter sido perturbados pela estrutura de combustão. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2007.

Modo de Enterramento

O Sepultamento 11 do sítio arqueológico Caixa D'Água era constituído por um enterro primário e simples (figura 124). Não foram identificados claramente os limites da cova. A parte

oeste da sepultura, onde estava localizado o crânio do indivíduo, parece ter sido delimitada através da utilização dos blocos de arcócio. Como acompanhamento funerário, foi documentada a presença de uma ponta óssea depositada acima da ulna e rádio direitos.

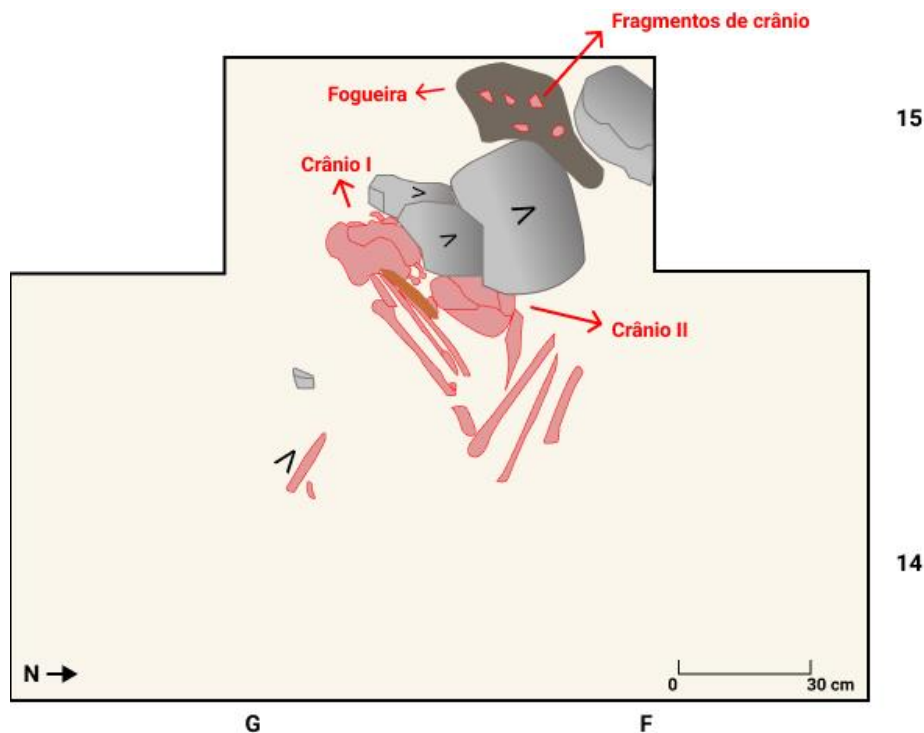


Figura 124 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 11 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto *in situ* e das demais estruturas presentes no Sepultamento ou próximas a ele. Figura baseada no croqui feito no nível II Médio/Inferior.

Análise de laboratório

O Sepultamento 11 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi retirado em bloco para ser escavado em laboratório. O esqueleto estava alocado em quatro caixas de papelão forradas com serragem. O material solto estava acondicionado em sacos plásticos fechados com arames plastificados. Já os blocos foram armazenados em sacos plásticos pretos. Em 2010, foram realizadas a limpeza e a curadoria desse material. O protocolo adotado foi o de imersão e dissolução total dos blocos e posterior resgate dos fragmentos de ossos com o auxílio de uma peneira. Durante este processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo, com os ossos bastante fragmentados. Ossos do crânio, bacia e coluna vertebral estavam pouco preservados. Apenas pequenos fragmentos dessas regiões estavam presentes. O restante do esqueleto também estava fragmentado, dificultando a remontagem dos ossos presentes. Ainda assim, alguns ossos longos, como tíbias, fêmures, úmeros e ulnas, puderam ser parcialmente remontados.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. Entre elas, quebras e ranhuras *post-mortem*, sinais de atividade fúngica, ressecamento da superfície óssea causadas pelo ambiente e marcas de queima, possivelmente não intencionais.

As marcas de queima foram observadas sobretudo em fragmentos de ossos longos e do crânio (figura 125). Considerando as descrições de campo e análise dos remanescentes esqueléticos provenientes do Sepultamento 11, essa atividade parece se tratar de um evento *post-mortem* e não intencional.

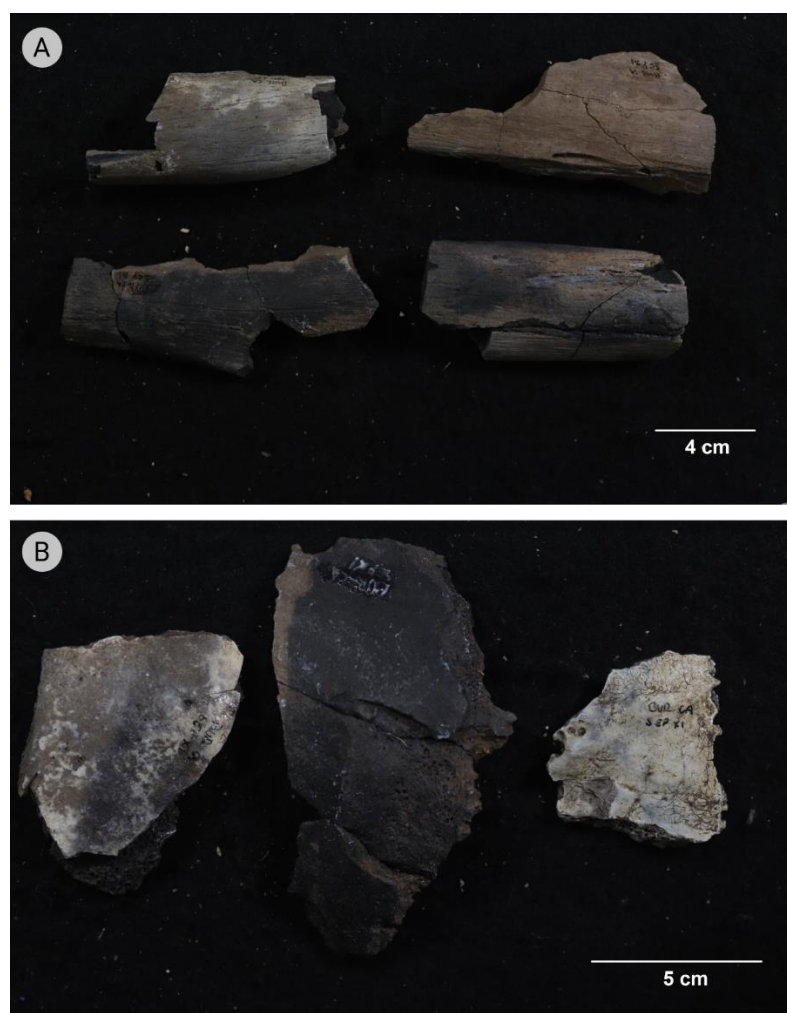


Figura 125 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 11 – Fragmentos ósseos queimados. A) fragmentos de fêmur com diferentes graus de queima. B) fragmentos de crânio com diferentes graus de queima. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Alguns fragmentos ósseos também apresentaram pequenas “rachaduras” na superfície. Elas foram ocasionadas, possivelmente, pelo ressecamento da estrutura óssea devido a alteração

do ambiente estável ao qual o osso estava depositado. Essa característica foi observada na clavícula direita, em um fragmento de parietal e em um fragmento de ulna cuja lateralidade não pôde ser identificada (figura 126).



Figura 126 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 11 – imagens dos ossos em que foram identificadas a presença de rachaduras causadas por ressecamento. A) clavícula direita, vista inferior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) região da diáfise da clavícula direita onde foram identificadas várias rachaduras perpendiculares na superfície do osso. C) fragmento de parietal, lateralidade não identificada. D) fotografia da parte interna do fragmento de parietal onde se observa as pequenas rachaduras causadas pelo ressecamento. E) fragmento de ulna, lateralidade e vista não identificadas. F) imagem em detalhe do fragmento de ulna onde se observa algumas rachaduras esparsas causadas por ressecamento. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Uma das alterações tafonômicas mais evidentes foram as marcas causadas por atividade fúngica, assinaladas em quatro ossos do esqueleto. Nos fêmures direito e esquerdo foram observados pequenos pontos pretos concentrados em apenas uma região. Já nos fragmentos de tíbia e de um metatarso, as manchas pretas de atividade fúngica estavam distribuídas sobre toda a superfície do osso (figura 127).



Figura 127 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 11 – Fragmentos ósseos onde foi identificada a presença de manchas causadas por atividade fúngica. A) fêmur direito, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B) imagem da região proximal do fêmur direito onde foi observada uma pequena concentração de pontos pretos, em formato de círculo. C) fragmento de tíbia, lateralidade e vista não identificadas. D) fotografia de um dos fragmentos de tíbia em que foi observada a presença de vários pontos pretos dispersos na superfície do osso. E e F) fragmentos de metatarso, lateralidade e vista não identificadas. Na imagem, se observa a presença de pontos pretos dispersos na superfície do osso. G) fêmur esquerdo, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. H) região da diáfise do osso com a presença de pequenos pontos pretos esparsos na superfície óssea. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.12 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 12

Localização espacial e estratigráfica

Escavado na campanha de 2007, o Sepultamento 12 de Caixa D'Água foi encontrado próximo ao limite das quadras H11 e G11, no nível II Superior (figura 128). Acima do crânio do indivíduo, havia um grande fragmento de calota craniana, que foi denominado de Sepultamento 9. Ele estava depositado algumas camadas acima do Sepultamento 12. Não foi possível obter as cotas iniciais de exumação do esqueleto. A cota final do fundo da fossa do Sepultamento 12 foi de -117cm.

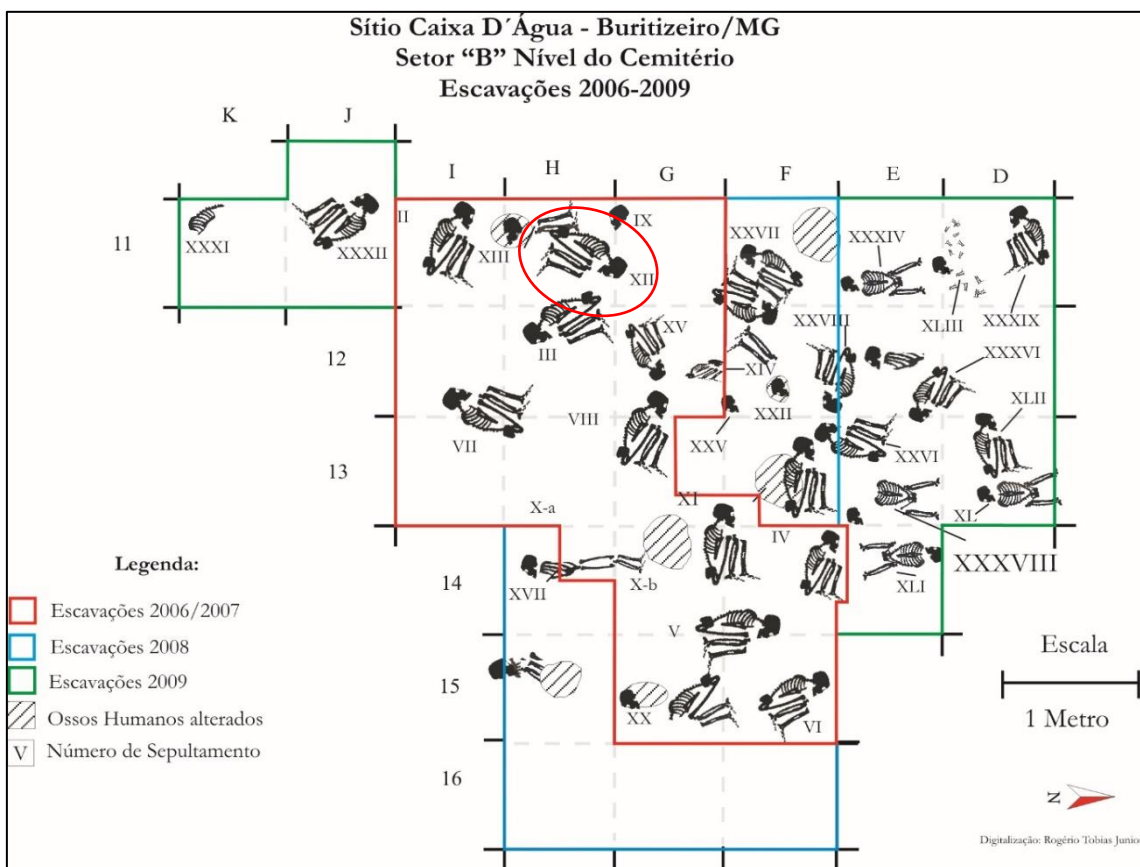


Figura 128 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Desenho esquemático das quadras escavadas no sector B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 12 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 12 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo de sexo masculino e idade de morte estimada de >30 anos. O corpo estava orientado no sentido nordeste → sudoeste (crânio → bacia) e com a face voltada para sudeste. O esqueleto estava articulado, fletido, em decúbito lateral esquerdo, com as pernas e os braços dobrados. O

braço direito do indivíduo estava parcialmente fletido, em um ângulo de aproximadamente 90 graus. Tanto os membros superiores, quanto inferiores, estavam cobertos por um grande bloco de arcósio (figura 129). Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre. O espaço ocupado pelo esqueleto não pôde ser determinado.

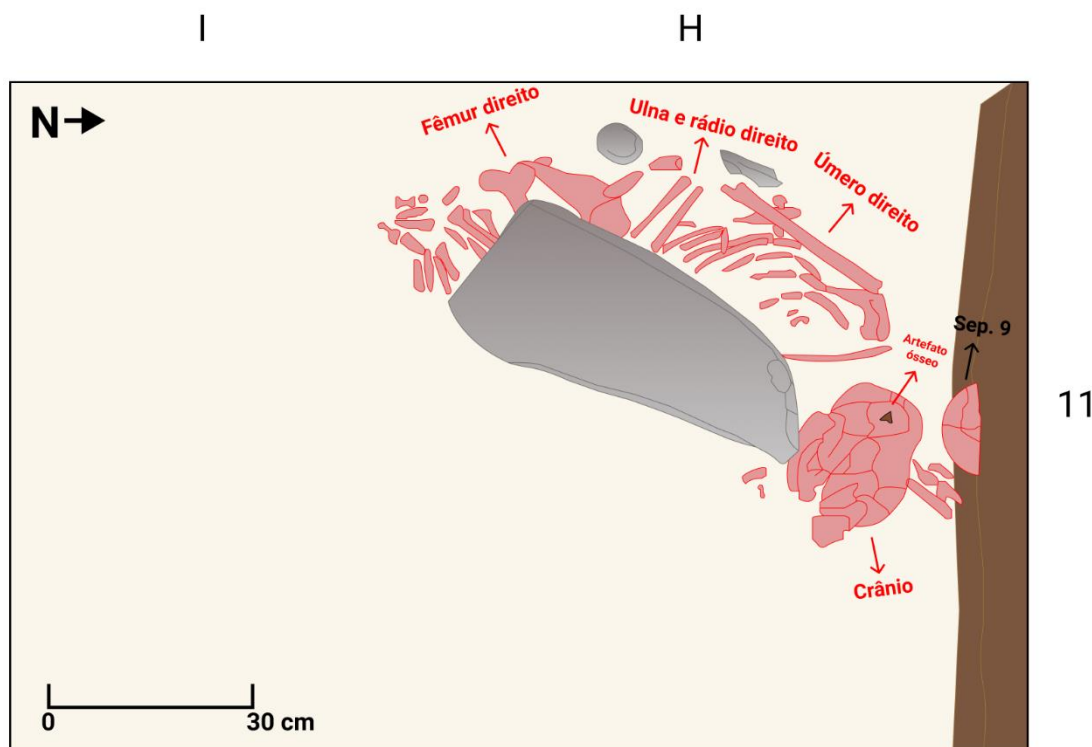


Figura 129 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto in situ e das demais estruturas presentes no Sepultamento ou próximas a ele. Na imagem, é possível observar os braços e as pernas fletidas, cobertas por um grande bloco de arcósio. Figura baseada no croqui feito no nível II Superior.

Um artefato em osso foi encontrado junto ao Sepultamento 12, segundo descrições do diário de campo. O acompanhamento funerário estava depositado sobre o lado esquerdo do ventre do indivíduo (C na figura 130). Também estava presente um fragmento queimado de ponta óssea, depositado sobre o crânio do indivíduo (A e B na figura 130). Nesse caso, entretanto, pode se tratar de material intrusivo do solo.



Figura 130 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Fotografias tiradas em campo que mostram a localização dos artefatos ósseos no Sepultamento. A) imagem do Sepultamento 12 no início da exumação, onde é possível observar o fragmento de ponta óssea cremado (seta vermelha) depositado no crânio do indivíduo. B) imagem em detalhe da ponta óssea cremada (círculo vermelho) repousando sobre o crânio do esqueleto. C) imagem do Sepultamento 12 após a retirada do grande bloco de arcósio que estava acima do corpo do indivíduo. Na foto é possível observar a presença de uma grande ponta óssea (círculo vermelho) depositada sobre o lado esquerdo do ventre do indivíduo. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2007.

Modo de Enterramento

O Sepultamento 12 do sítio arqueológico Caixa D'Água era constituído por um enterro primário e simples (figuras 131 e 132). Não foram identificados claramente os limites da cova. Um grande bloco de arcósio foi utilizado para cobrir boa parte do corpo do indivíduo. Como acompanhamento funerário, foi documentada a presença de uma ponta óssea depositada acima na parte esquerda do ventre do indivíduo.



Figura 131 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Imagens do Sepultamento durante a sua exposição (s/nº). A) foto da escavação das quadras G11, G12, H11, H12, I11 e I12, onde é possível observar o Sepultamento 12 já completamente exposto. B) imagem em detalhe da quadra H11 com o Sepultamento 12 já completamente exposto. C) foto em detalhe do esqueleto do Sepultamento 12 exposto com o bloco de arcósio ainda em cima do indivíduo.

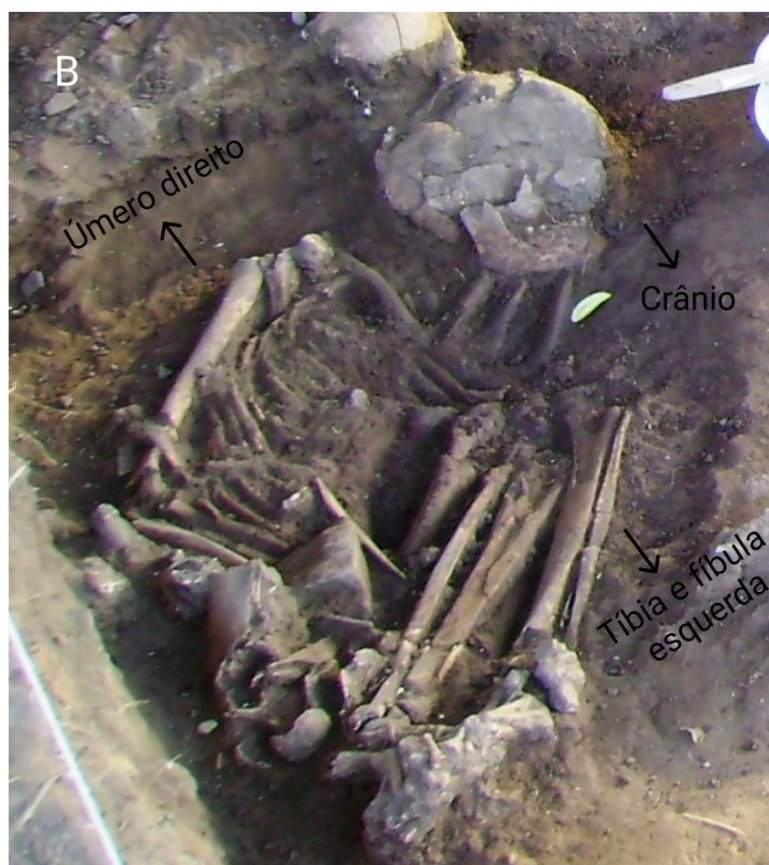


Figura 132 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – A) foto da escavação das quadras G11, G12, H11, H12, I11 e I12, onde é possível observar o Sepultamento 12 já sem o bloco de arcósio que estava depositado acima do esqueleto. B) imagem em detalhe do esqueleto após a retirada do bloco de arcósio. Na foto, observa-se os membros superiores e inferiores fletidos, que anteriormente estavam cobertos pelo bloco.

Análise em laboratório

Poucas informações a respeito do processo de curadoria do Sepultamento 12 do sítio Caixa D'Água foram obtidas. O esqueleto era composto por quatro blocos que estavam armazenados em sacos pretos de lixo. Alguns fragmentos ósseos soltos também estavam presentes. A curadoria foi iniciada no ano de 2012 e foi realizada por alunos de escolas públicas, como parte de um projeto para o Ensino Médio. Em 2013, o processo foi finalizado e material estava disponível para análise. Nesse processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado regular, mas com os ossos bastante fragmentados. Ossos do crânio, bacia e coluna vertebral estavam pouco preservados. Apenas pequenos fragmentos dessas regiões estavam presentes. O restante do esqueleto também estava fragmentado, dificultando a remontagem dos ossos presentes. Ainda assim, alguns ossos longos, como tíbias, fêmures, úmeros e ulnas, puderam ser parcialmente remontados.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. Entre elas, quebras *post-mortem*, sinais de atividade fúngica, danos causados por cupins e marcas de queima, possivelmente não intencionais.

Em um fragmento de parietal esquerdo foi identificada a presença de pequenas manchas pretas resultantes de atividade fúngica na superfície do osso. Os pontos, presentes em pequenas quantidades sobre o fragmento de crânio, estavam dispersos na superfície do osso (figura 133). Não foram observadas marcas semelhantes em outras partes do esqueleto.

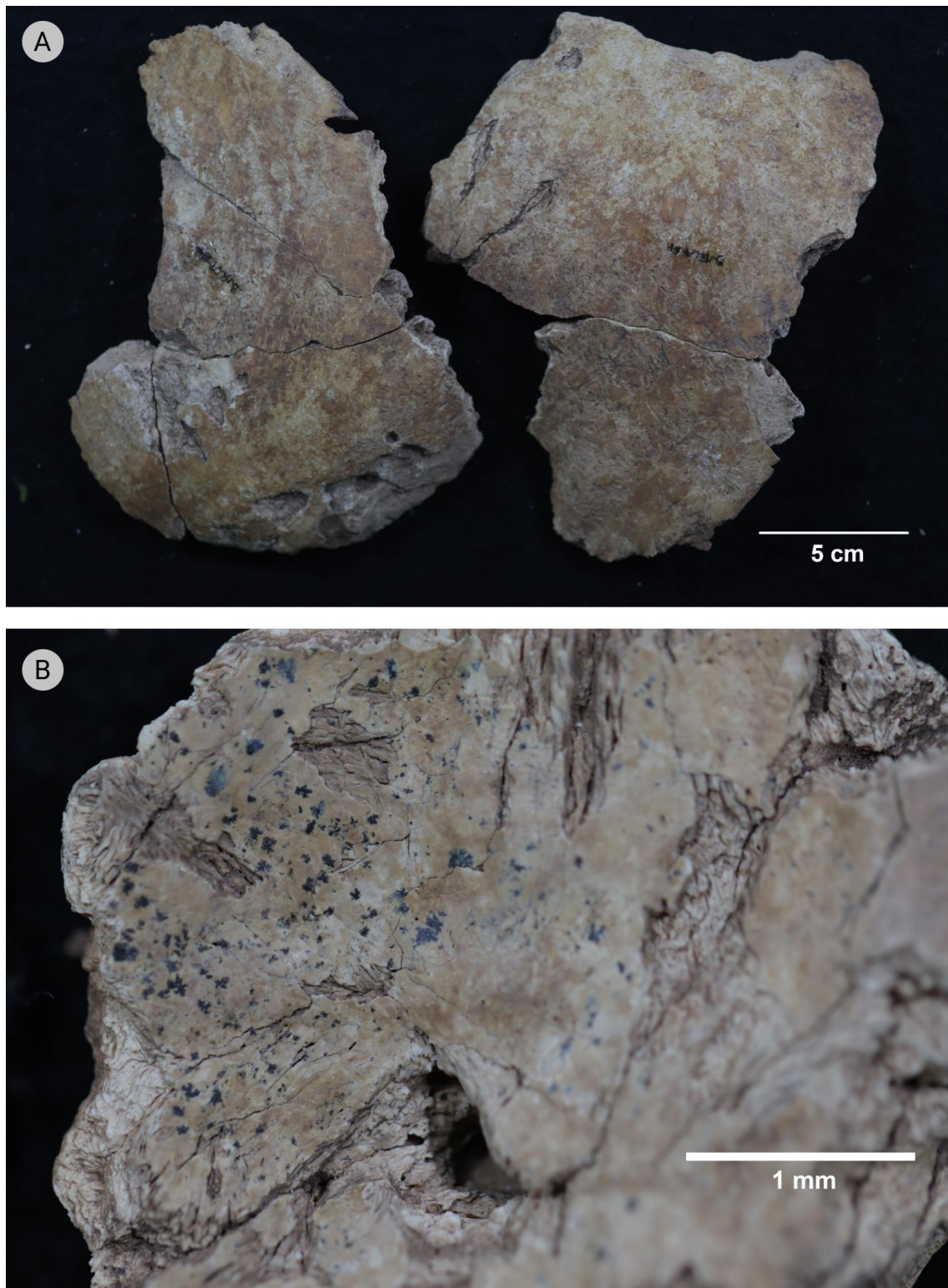


Figura 133 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Fragmentos de crânio onde foi observada a presença de atividade fúngica. A) parietal esquerdo. B) imagem em detalhe da parte interna do fragmento de parietal esquerdo com a presença de pequenos pontos pretos dispersos sobre a superfície do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Outro fragmento de parietal, de lateralidade não identificada, apresentou sinais de danos causados possivelmente por cupins. Foi observada a presença de um túnel com estriações subparalelas no seu entorno, produzidos pela perfuração do osso pelos insetos (figura 134).

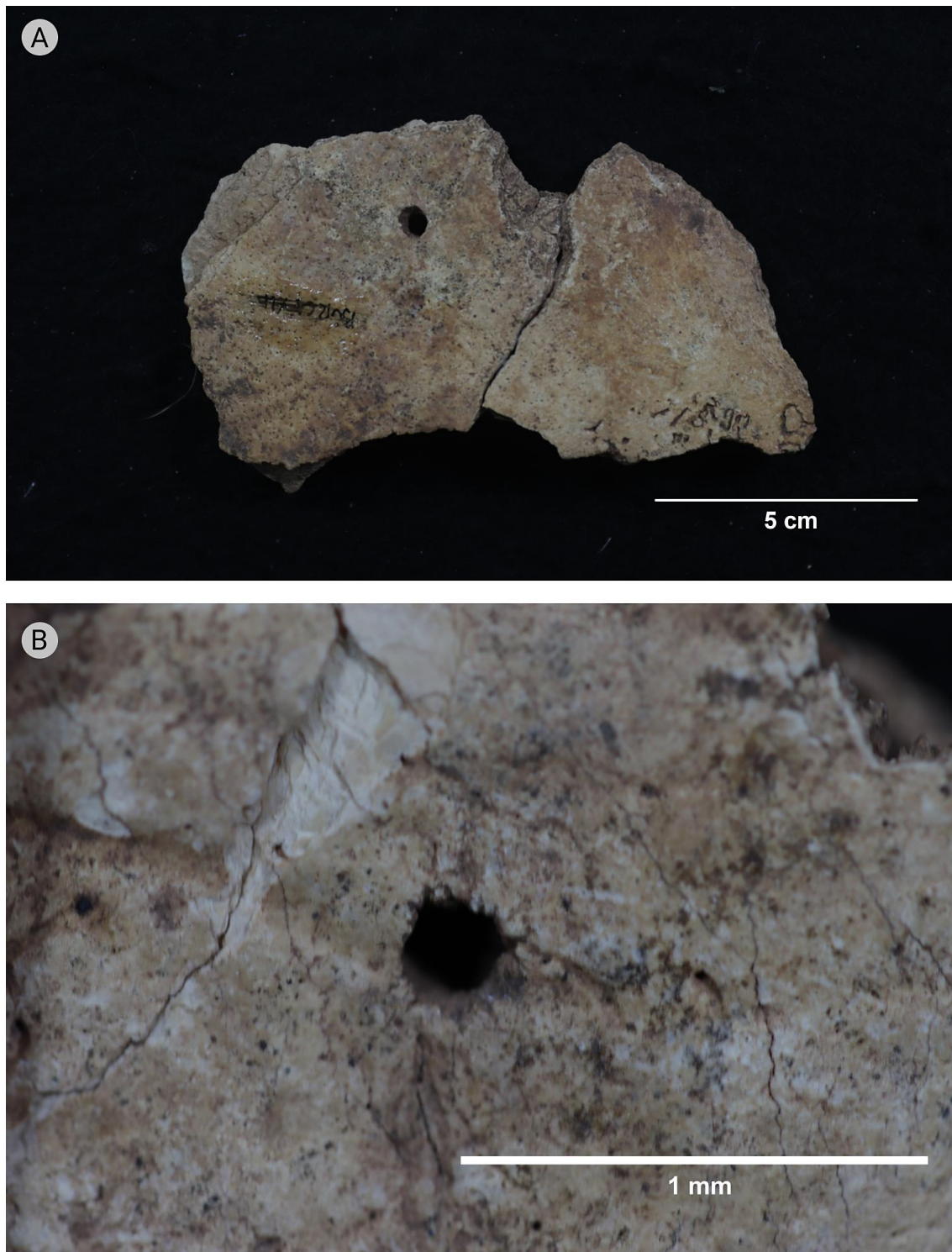


Figura 134 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Fragmento de parietal onde foi observada a presença de danos causados por cupins. A) fragmento de parietal, lateralidade não identificada. B) fotografia do túnel causado pela perfuração do osso pelos cupins. Na imagem pode se observar as estriações subparalelas no entorno do buraco. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Marcas de queima foram observadas apenas em alguns fragmentos de ossos longos não identificados (figura 135). De acordo com as descrições de campo e a análise dos remanescentes esqueléticos provenientes do Sepultamento 12, esses ossos parecem se tratar de um material intrusivo, derivado de um evento *post-mortem* e não intencional.



Figura 135 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 12 – Fragmento de ossos longos queimados.
Créditos: Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.13 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 13

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 13 do sítio Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2007 e estava localizado nos limites das quadras I11 e H11 (figura 136), entre os Sepultamentos 2 e 12. O esqueleto foi associado ao nível II. Informações acerca das cotas iniciais da exumação não foram explicitadas. Para as cotas finais, o fundo da fossa onde fora depositado o esqueleto estava a -117 cm de profundidade. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

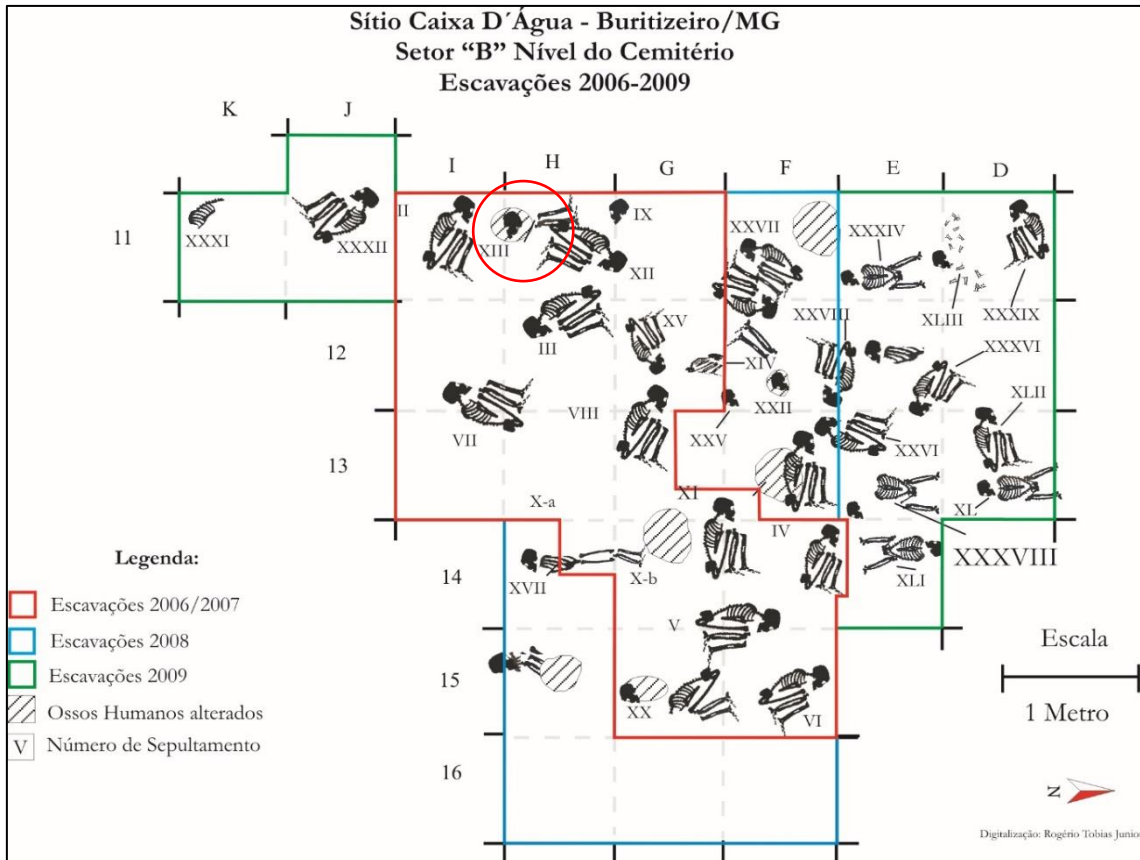


Figura 136 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 13 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 13 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Poucas informações acerca das características do Sepultamento 13 estavam disponíveis na literatura. Foi encontrado apenas um croqui do nível II da quadra H11 (figura 137), onde é possível observar os fragmentos ósseos correspondentes ao Sepultamento 13.

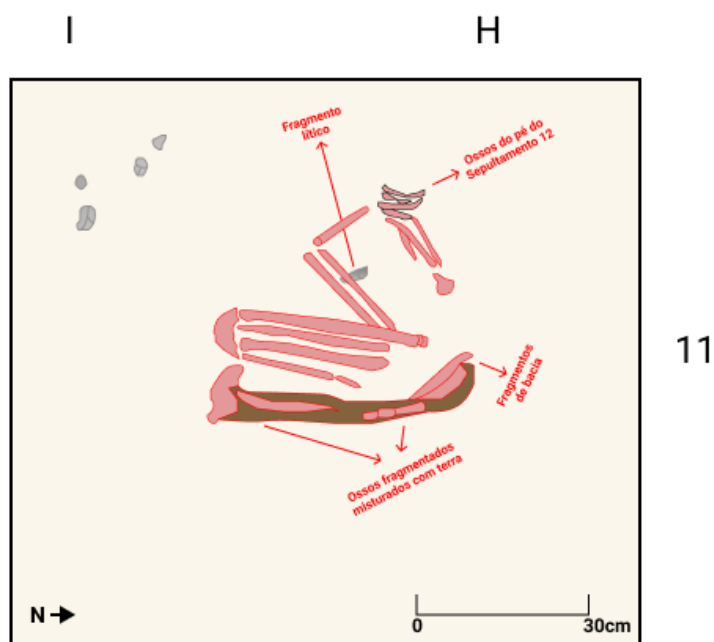


Figura 137 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 13 - Desenho demonstrando a posição do esqueleto in situ. Na imagem, é possível observar o estado fragmentado do esqueleto, o que dificultou a identificação anatômica dos ossos. Na região noroeste da sepultura, há ossos dos pés do Sepultamento 12 cobrindo parte dos ossos do Sepultamento 13. Figura baseada no croqui feito no nível II.

Modo de Enterramento

Devido a pouca quantidade de informações, não é possível determinar o modo de enterramento.

Análise em laboratório

Poucas informações a respeito do processo de curadoria do Sepultamento 13 do sítio Caixa D'Água foram obtidas. O esqueleto estava armazenado em três caixas de papelão forradas com papel amaçado e/ou serragem e flocos de isopor. Os ossos menores estavam acondicionados em sacos plásticos, enquanto que os maiores se encontravam soltos diretamente sobre a serragem. Em 2014, a curadoria do material foi finalizada e o Sepultamento estava disponível para análise. Nesse processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo, com os ossos bastante fragmentados. Ossos do crânio, bacia e coluna vertebral estavam pouco preservados. Apenas pequenos fragmentos dessas regiões estavam presentes. O restante do esqueleto também estava fragmentado, dificultando a remontagem dos ossos presentes. Ainda assim, alguns ossos longos, como tíbias, fêmures, úmeros e ulnas, puderam ser parcialmente remontados.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento

funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. Entre elas, quebras *post-mortem*, sinais de atividade fúngica, depressões nas superfícies dos ossos causadas por bioturbações de raízes e ressecamento da estrutura óssea geradas por alterações ambientais.

O úmero direito foi o único osso do indivíduo que apresentou sinais de atividade fúngica. Ainda assim, foi apenas observada a presença de pequenos pontos preto dispersos pela superfície (imagem B na figura 138). No mesmo osso, foi também identificada a presença de uma depressão em formato de linha ocasionada por bioturbação de raízes na superfície óssea (imagem C na figura 138).

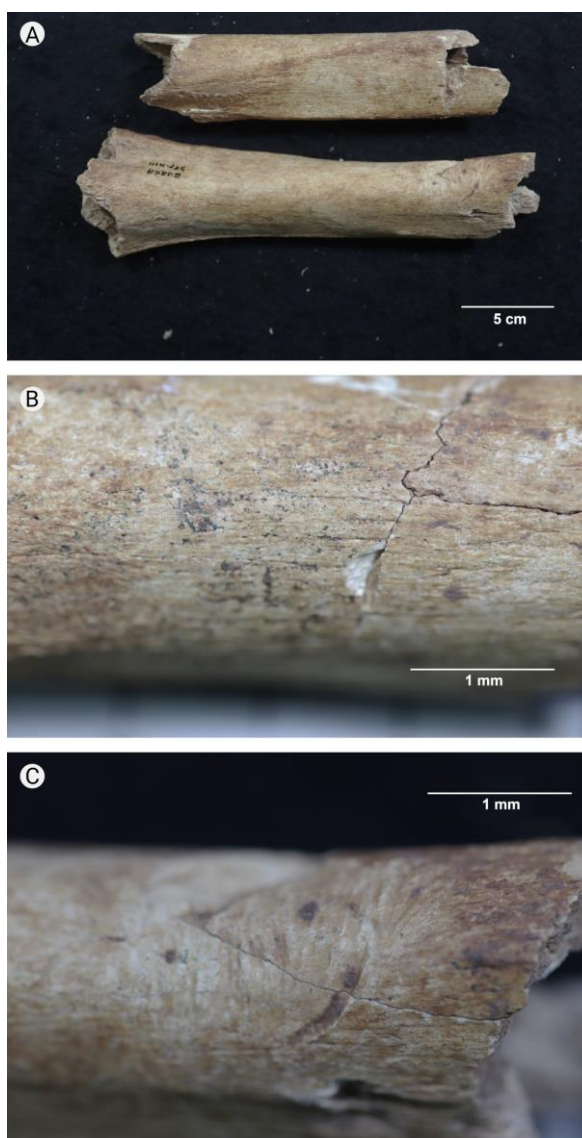


Figura 138 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 15 – Úmero direito. A) úmero direito, vista anterior, extremidade distal a esquerda na foto. B) imagem da diáfise do osso, onde foi observada a presença de pequenos pontos pretos característicos de atividade fúngica. C) imagem da diáfise do osso, próximo da área de quebra pós-deposicional, onde está presente uma pequena depressão em formato de linha na superfície do osso, ocasionada por bioturbação de raízes. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Alguns fragmentos ósseos também apresentaram pequenas “rachaduras” na superfície. Elas foram ocasionadas, possivelmente, pelo ressecamento da estrutura óssea devido a alteração do ambiente estável ao qual o osso estava depositado. Essa característica foi observada no fêmur direito, em fragmentos de fíbula esquerda e em fragmentos de fêmur de lateralidade não identificada (figura 139).



Figura 139 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 13 – Fragmento de fêmures direito e esquerdo e fíbula esquerda com pequenas rachaduras ocasionadas pelo ressecamento da estrutura óssea. A) fêmur direito, vista anterior, extremidade proximal a direita na foto. B e C) imagens da região próxima a área fragmentada do fêmur direito em que foram observadas rachaduras na estrutura óssea. D) fragmentos de fíbula esquerda, vista lateral, extremidade distal a esquerda na foto. E) fotografia da área fragmentada do osso (fragmento de baixo, lado direito do osso, na imagem D) onde há pequenas rachaduras na superfície. F) fragmentos de fêmur, lateralidade e vista não identificadas. G) imagem do fragmento localizado em cima na imagem F, com a presença grandes rachaduras esparsas na superfície óssea. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.13 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 14

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 14 do sítio Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2007 e estava localizado na quadra G12 (figura 140), entre os Sepultamentos 7 e 15. Informações acerca das cotas iniciais e finais da exumação não foram explicitadas, bem como o nível ao qual Sepultamento estaria relacionado. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

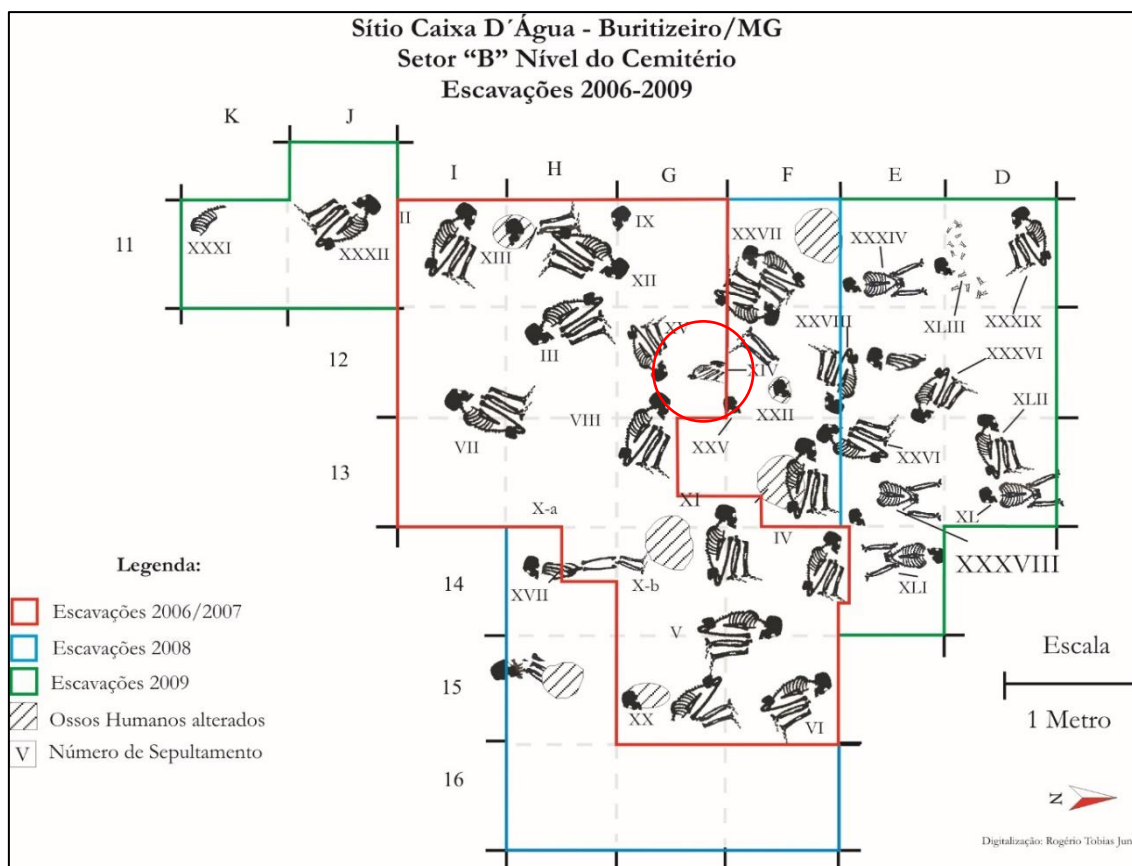


Figura 140 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 14 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 14 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Poucas informações acerca das características do Sepultamento 14 estavam disponíveis na literatura. Não foram encontradas fotografias ou desenhos técnicos que representassem o esqueleto *in situ*. Por esse motivo, não foi possível descrevê-lo.

Modo de Enterramento

Devido a pouca quantidade de informações, não é possível determinar o modo de enterramento.

Análise em laboratório

Não foram obtidas informações a respeito do processo de curadoria do Sepultamento 14. O esqueleto era composto por pequenos fragmentos ósseos diversos. Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Da mesma forma, não foram observadas alterações tafonômicas diversas, apenas quebras pós-deposicionais e o alto grau de fragmentação dos ossos presentes (figura 141).



Figura 141 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 14 – Fotografias dos ossos fragmentados que compunham o esqueleto. A) rádio esquerdo, vista anterior, extremidade proximal a esquerda na foto. B) fragmento de clavícula esquerda, vista inferior, extremidade distal a direita na foto. C) ulna esquerda, vista lateral, extremidade proximal a esquerda na foto. D) fragmento de maxila direita. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.15 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 15

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 15 do sítio Caixa D'Água foi encontrado na campanha de 2007, mas somente em 2008 ele foi exumado. O esqueleto estava localizado entre as quadras G11 e G12

(figura 142), no nível II Médio. Informações acerca das cotas iniciais e finais da exumação não foram explicitadas. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

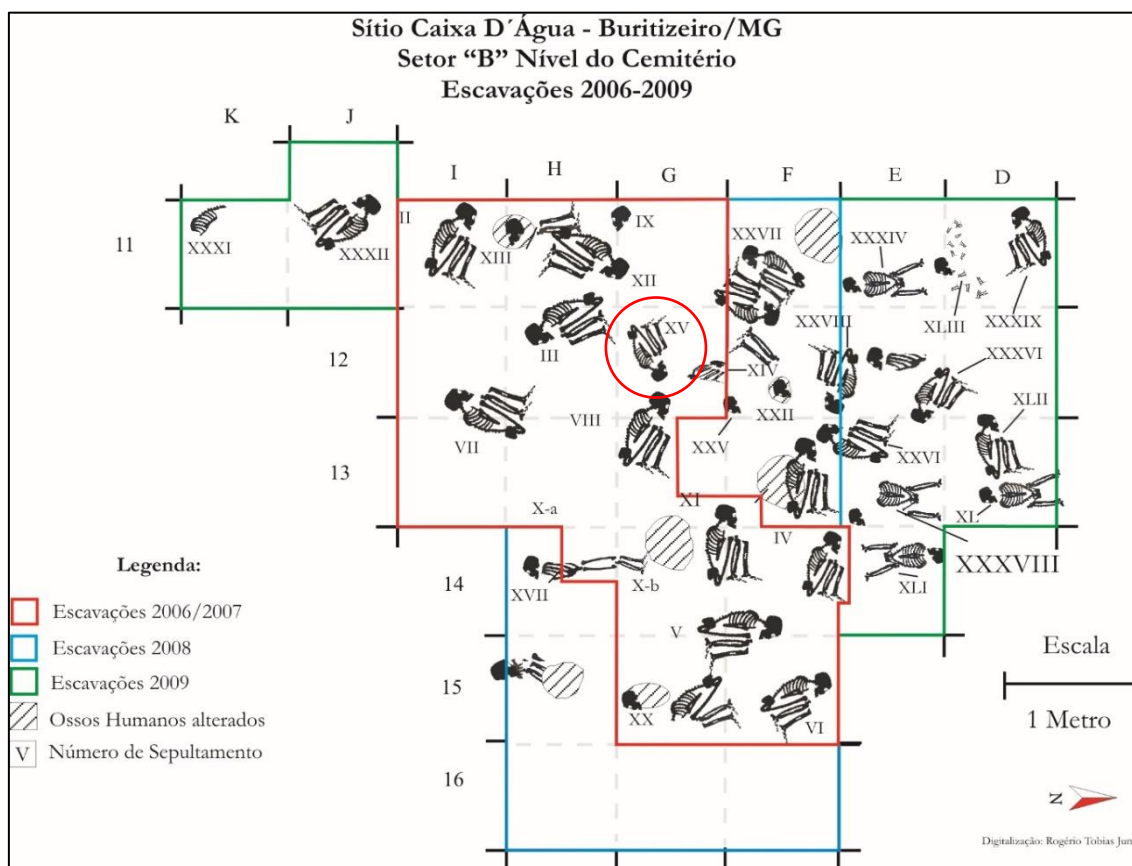


Figura 142 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 15 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 15 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O sepultamento 15 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por um indivíduo de sexo e idade de morte indefinidos. O corpo estava orientado no sentido leste → oeste (crânio → bacia) e com a face voltada para leste. O esqueleto estava articulado, fletido, em decúbito lateral esquerdo, com as pernas e os braços dobrados. As pernas estavam fletidas em direção ao ventre do indivíduo. Os braços, em um ângulo de aproximadamente 45 graus, estavam fletidos, com as mãos indo a encontro com o crânio. Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre. O espaço ocupado pelo esqueleto não pôde ser determinado.

Não foi documentada a presença de acompanhamentos funerários. Algumas lascas e peças líticas estavam distribuídas entre o esqueleto, mas se tratavam de material intrusivo do sedimento. Também havia um fragmento de ponta óssea cremada sobre a caixa torácica do

indivíduo. Nas documentações de campo, é relatada a presença de blocos de arcósio associados ao Sepultamento. Contudo, não foram obtidas fotografias ou desenhos técnicos que confirmassem a presença e a posição dessas peças na sepultura. No croqui encontrado para a exposição do Sepultamento 15 (figura 143), aparece somente o esqueleto após a evidenciação de todos os ossos.

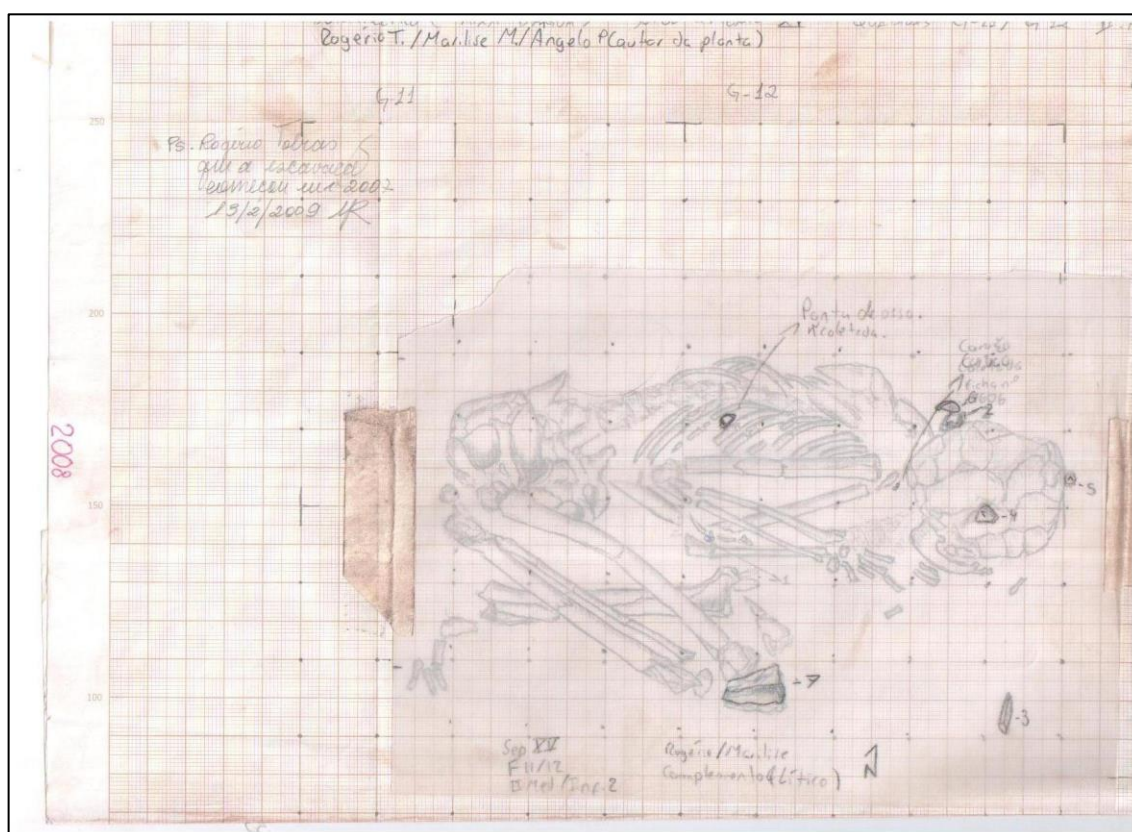


Figura 143 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 15 – desenho do esqueleto feito em 2009 baseado no croqui do final da exumação do Sepultamento 15, realizado em 2008. Na imagem, é possível observar a posição do esqueleto in situ. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Modo de Enterramento

Apesar da quantidade limitada de informações, as feições descritas indicam um enterro primário e simples. A extensão da cova funerária não pôde ser inferida, assim como a presença de acompanhamentos funerários e estruturas de blocos de arcósio. Não há fotografias da exumação do Sepultamento 15. Foi elaborado um desenho digital do Sepultamento (figura 144), baseado no croqui do final da exumação do esqueleto (figura 143).



Figura 144 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 15 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto in situ após o fim de sua exumação. Na imagem, é possível observar os membros superiores e inferiores do indivíduo fletidos e o crânio consideravelmente fragmentado. Figura baseada no croqui da figura 143.

Análise em laboratório

Poucas informações a respeito do processo de curadoria do Sepultamento 15 do sítio Caixa D’Água foram obtidas. Segundo descrições do diário de curadoria, os remanescentes esqueléticos do Sepultamento 15 estariam armazenados em quatro caixas. Contudo, só foram encontrados ossos do indivíduo 15 em duas caixas de papelão forradas com papel amaçado e/ou serragem e flocos de isopor. Os ossos menores estavam acondicionados em sacos plásticos, enquanto que os maiores se encontravam soltos diretamente sobre a serragem. É sugerido que o material correspondente ao Sepultamento 15 pode ter se misturado com os ossos de outros indivíduos. Em 2014, a curadoria do material foi finalizada e o Sepultamento estava disponível para análise. Nesse processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo, com os ossos bastante fragmentados. Ossos do crânio, bacia e coluna vertebral estavam pouco preservados. Apenas pequenos fragmentos dessas regiões estavam presentes. O restante do

esqueleto também estava fragmentado, dificultando a remontagem dos ossos presentes. Ainda assim, alguns ossos longos, como tíbias, fêmures, úmeros e ulnas, puderam ser parcialmente remontados.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-depositacionais foram identificadas. Entre elas, quebras *post-mortem*, sinais de atividade fúngica e marcas de queima, possivelmente não intencionais. As alterações tafonômicas mais evidentes foram as marcas causadas por atividade fúngica, assinaladas em três ossos do esqueleto. No úmero direito, foi identificada a presença de manchas pretas, tanto na diáfise do osso, quanto em um fragmento de epífise distal. Já no fêmur e ulna esquerda, os pequenos pontos pretos se encontravam dispersos e em pequenas quantidades sobre a superfície da diáfise dos ossos (figura 145).

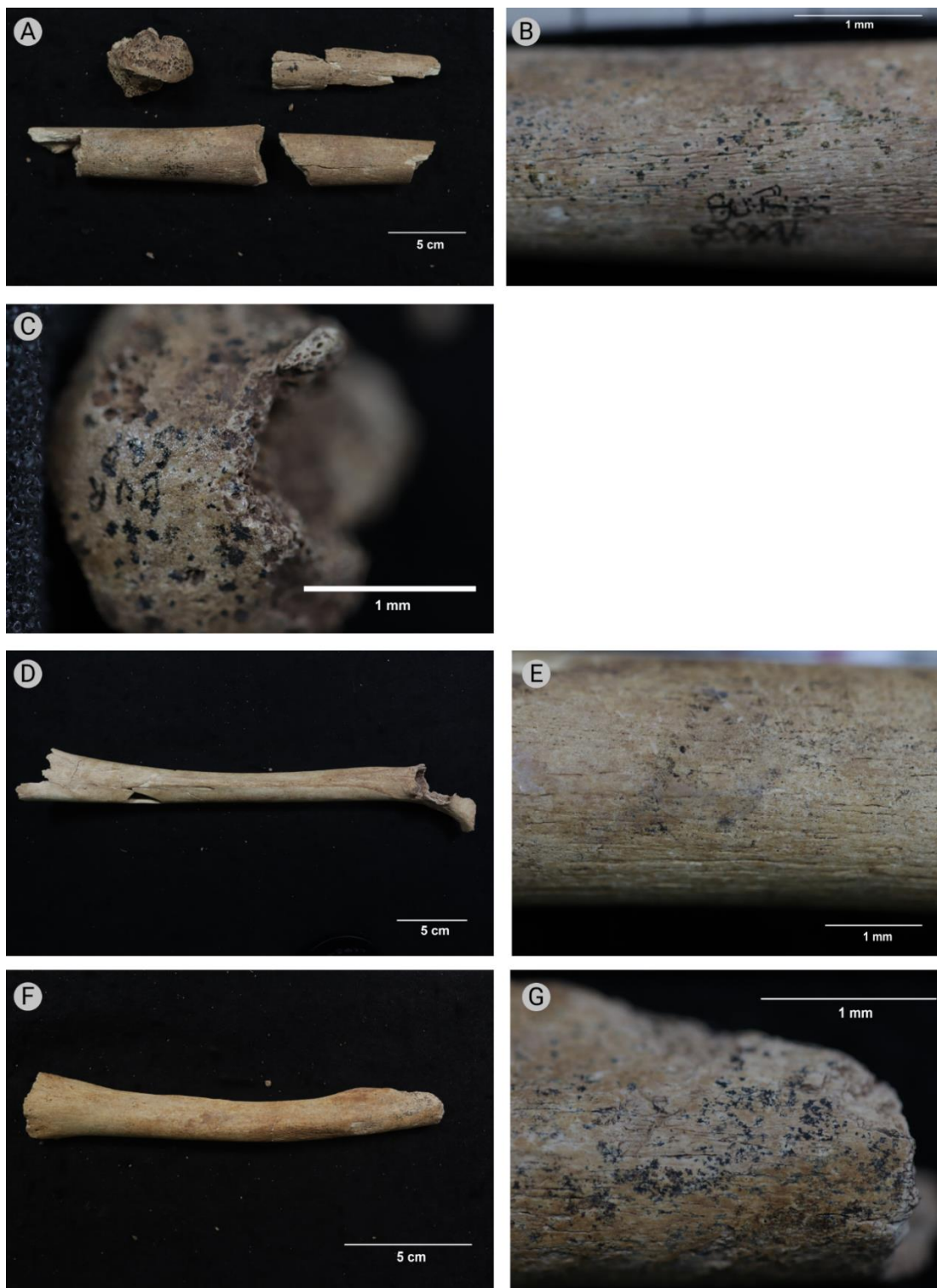


Figura 145 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 15 – Fragmentos ósseos onde foi observada a presença de marcas de atividade fúngica. A) úmero direito, vista e localização das extremidades não identificada. B) diáfise do úmero direito onde constam pequenos pontos pretos dispersos na superfície do osso. C) epífise distal do úmero direito com pontos pretos dispersos sobre o côndilo do úmero. D) fêmur esquerdo, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. E) área da diáfise do osso com pequenos pontos pretos distribuídos na superfície. F) ulna esquerda, vista lateral, extremidade proximal a direita na foto. G) detalhe da região fragmentada do osso, próximo a extremidade proximal, onde se observa uma grande quantidade de pontos pretos dispersos sobre a superfície do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Marcas de queima foram observadas apenas em alguns fragmentos de crânio (figura 146). De acordo com as descrições de campo e a análise dos remascentes esqueléticos provenientes do Sepultamento 15, esses ossos parecem derivar de um evento *post-mortem* e não intencional.

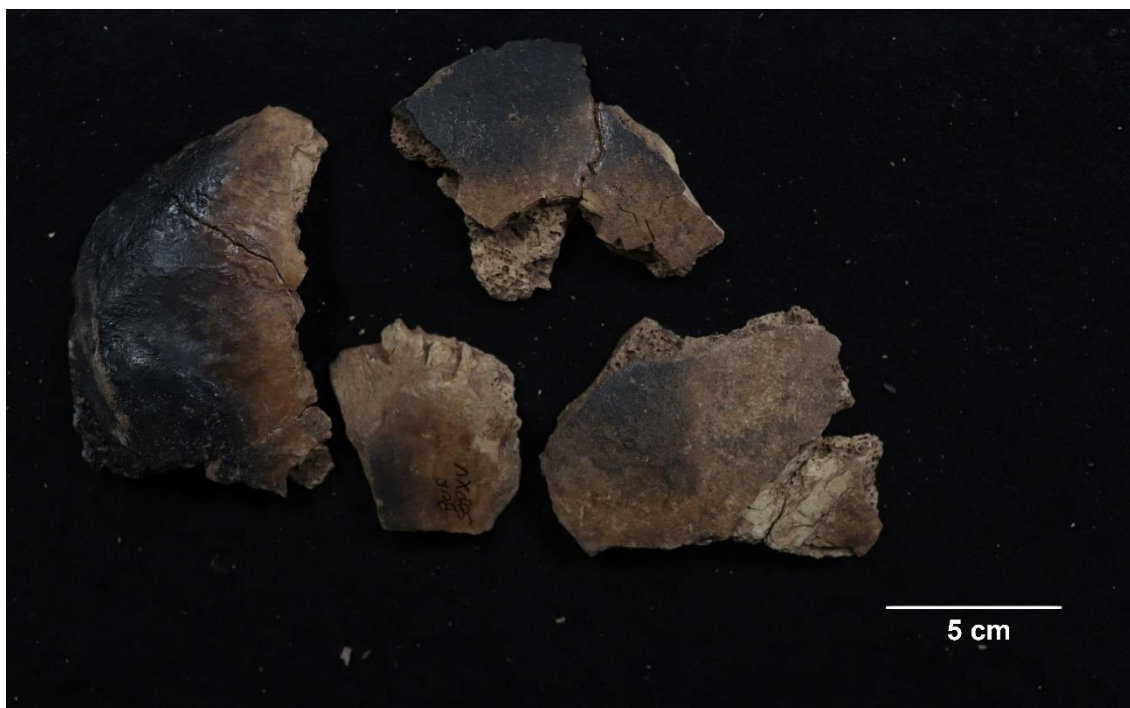


Figura 146 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 15 – Fragmentos de crânio com diferentes graus de queima. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.16 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 16

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 16 do sítio Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2008. O esqueleto estava localizado na quadra H15 (figura 147), no nível II Médio. Informações acerca das cotas iniciais e finais da exumação não foram explicitadas. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

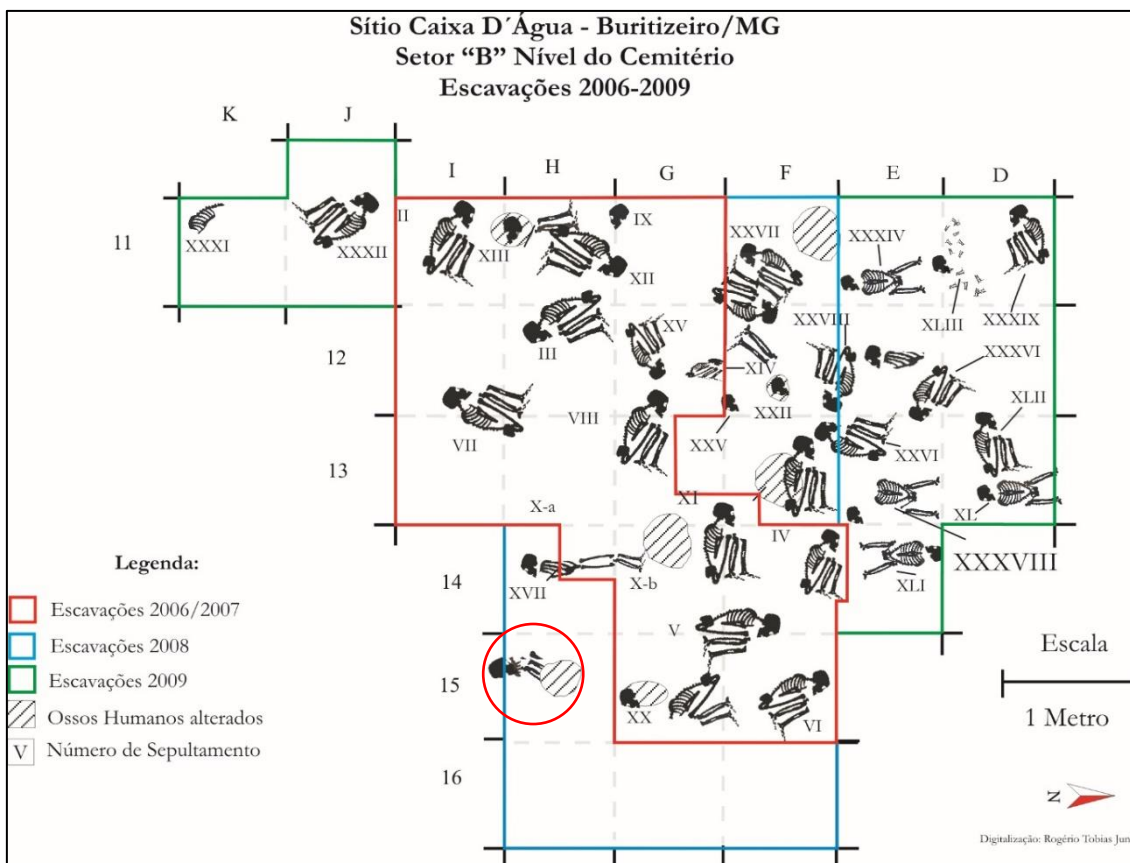


Figura 147 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 16 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 16 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 16 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por um conjunto de ossos humanos fragmentados (figura 148). Poucas informações contextuais desse Sepultamento estavam disponíveis na literatura, o que impediu a descrição de sua contextualização.

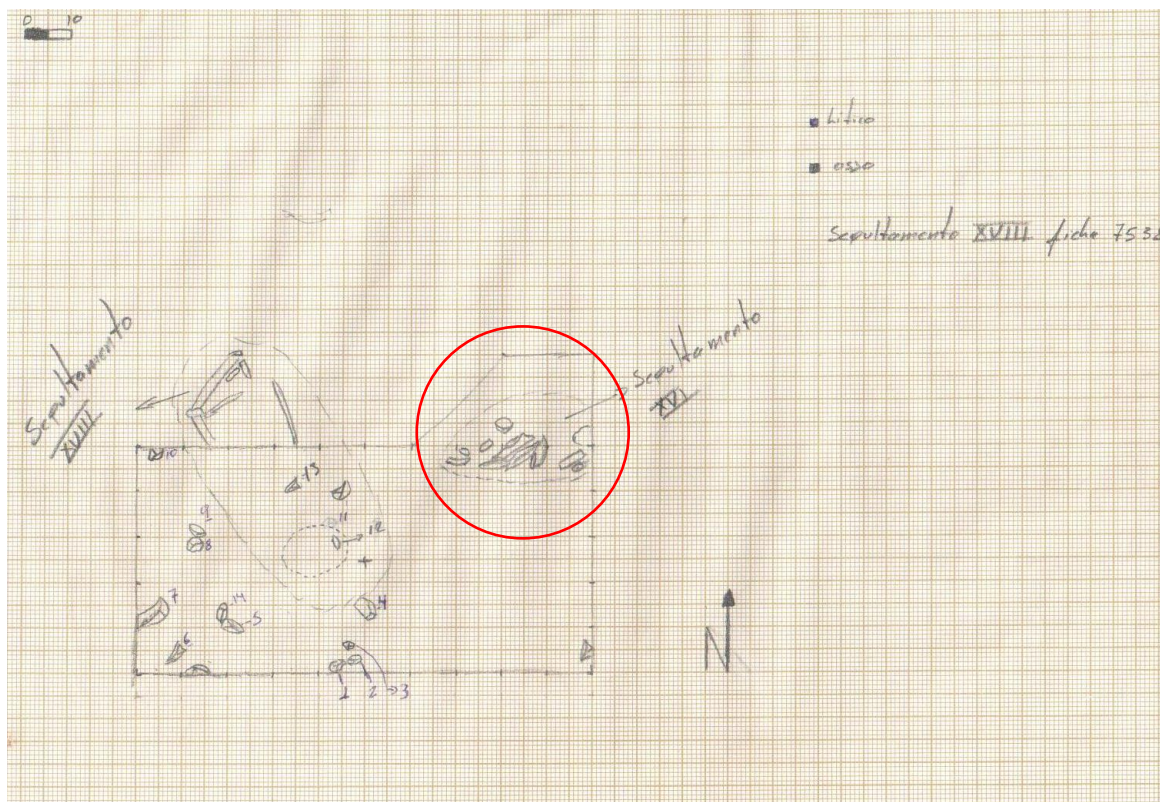


Figura 148 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 16 – Croqui da quadra H14 no nível II inferior. No desenho, é possível observar a localização do conjunto de ossos fragmentado que corresponde ao Sepultamento 16 (círculo vermelho). Croqui feito na etapa de 2008. Escala de 1:10. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Modo de Enterramento

Devido a pouca quantidade de informações, não é possível determinar o modo de enterramento.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.17 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 17

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 17 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi descoberto na etapa de 2007, mas foi escavado somente na campanha de 2008. O Sepultamento estava localizado nas quadras G13, G14, H13 e H14, próximo do Sepultamento 10 (figura 149). Os vestígios esqueléticos estavam associados ao nível de contato entre o II Inferior e III Superior. Informações acerca das cotas iniciais e finais da exumação não foram explicitadas.

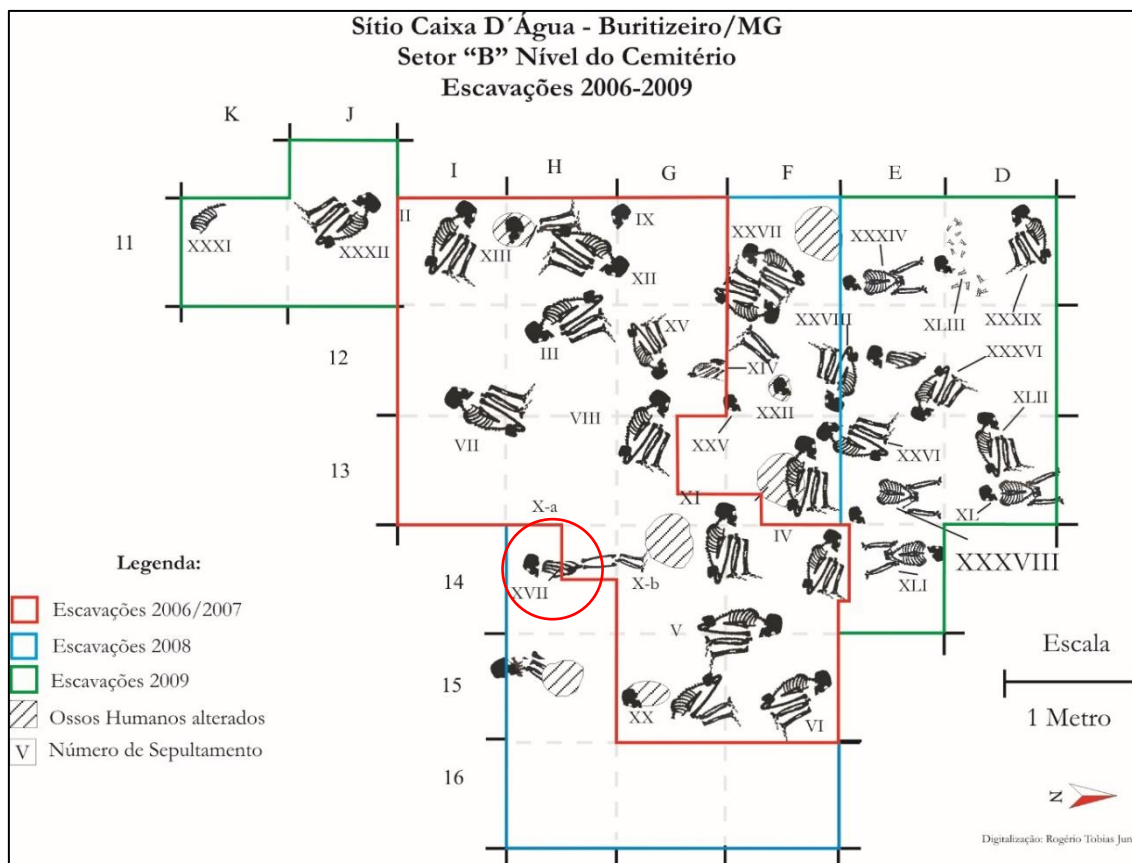


Figura 149 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 17 – Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 17 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O sepultamento 17 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por um indivíduo de sexo e idade de morte indeterminada. O corpo estava orientado no sentido sul → norte (crânio → bacia) e com a face voltada para leste. Não foram obtidas fotografias ou croquis que confirmassem o grau de articulação do esqueleto. Nas descrições de campo, o indivíduo é descrito como articulado, fletido, em decúbito lateral esquerdo. As pernas estavam dobradas em direção a bacia e os braços fletidos ao lado esquerdo do corpo, com as mãos repousado sob o queixo. Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre. Na região próxima da mandíbula, foram encontrados diversos buracos de cupim. O espaço ocupado pelo esqueleto não pôde ser determinado.

Não foi documentada a presença de acompanhamentos funerários. Nas documentações de campo, é relatada a presença de grãos de pigmento vermelho, diversos seixos pequenos e lascas no fundo da fossa do Sepultamento. Contudo, não foram obtidas fotografias ou desenhos

técnicos que confirmassem a presença desse material na sepultura. Também não foi possível confirmar se se trata de uma associação direta com o indivíduo sepultado.

Modo de Enterramento

A pouca quantidade de dados acerca do Sepultamento 17 dificultou a determinação do seu modo de enterramento. Ainda assim, as feições descritas indicam um Sepultamento primário e simples. Não foram identificados claramente os limites da cova. Não foi descrita a presença de blocos de arcósio ou acompanhamentos funerários. Não há imagens para o Sepultamento 17.

Análise em laboratório

Poucas informações a respeito do processo de curadoria do Sepultamento 17 do sítio Caixa D'Água foram obtidas. Segundo descrições do diário de curadoria, os remanescentes esqueléticos estavam armazenados em uma caixa de papelão forrada com serragem. O material era composto por poucos fragmentos, boa parte relativos à ossos longos. Os ossos foram lavados em água corrente, com o auxílio de uma escova de cerdas macia. Posteriormente, eles foram postos para secar em uma área ventilada e afastada do sol. Em 2015, a curadoria do material foi finalizada e o Sepultamento estava disponível para análise. Nesse processo, o grau de preservação do esqueleto foi considerado baixo, com os ossos bastante fragmentados. Não foram identificados ossos do crânio, bacia e coluna vertebral, entre outros. Apenas fragmentos de ossos longos, em sua maioria do antebraço, estavam presentes. Ainda que fragmentados, foi possível remonta-los sem grandes dificuldades.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas aos processos pós-deposicionais foram identificadas. Além das quebras *post-mortem*, o alto grau de fragmentação e a baixa preservação dos ossos, apenas uma alteração tafonômica foi identificada. Marcas causadas por atividade fúngica foram assinaladas em um osso esquelético. No úmero direito, foi identificada a presença de pequenos pontos pretos sobre a superfície da diáfise do osso (figura 150).



Figura 150 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 17 – Úmero direito. A) úmero direito, vista posterior, extremidade distal a direita na foto. B) região da diáfise do úmero direito onde foi identificada a presença de pequenos pontos pretos, gerados por atividade fúngica, dispersos sobre a superfície do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.18 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 18

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 18 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2008. A porção inferior do esqueleto, entretanto, já havia sido parcialmente exumada em 2007. O indivíduo estava localizado nas quadras G13 e G14 (figura 151), em uma profundidade maior quando comparada a de outros Sepultamentos. O esqueleto estava depositado entre os níveis II Inferior e III Superior. Informações acerca das cotas iniciais de exumação não foram explicitadas. As cotas finais do Sepultamento foram, respectivamente, 115 cm para o rádio, 120 cm na região do tórax e 121 cm para o crânio.

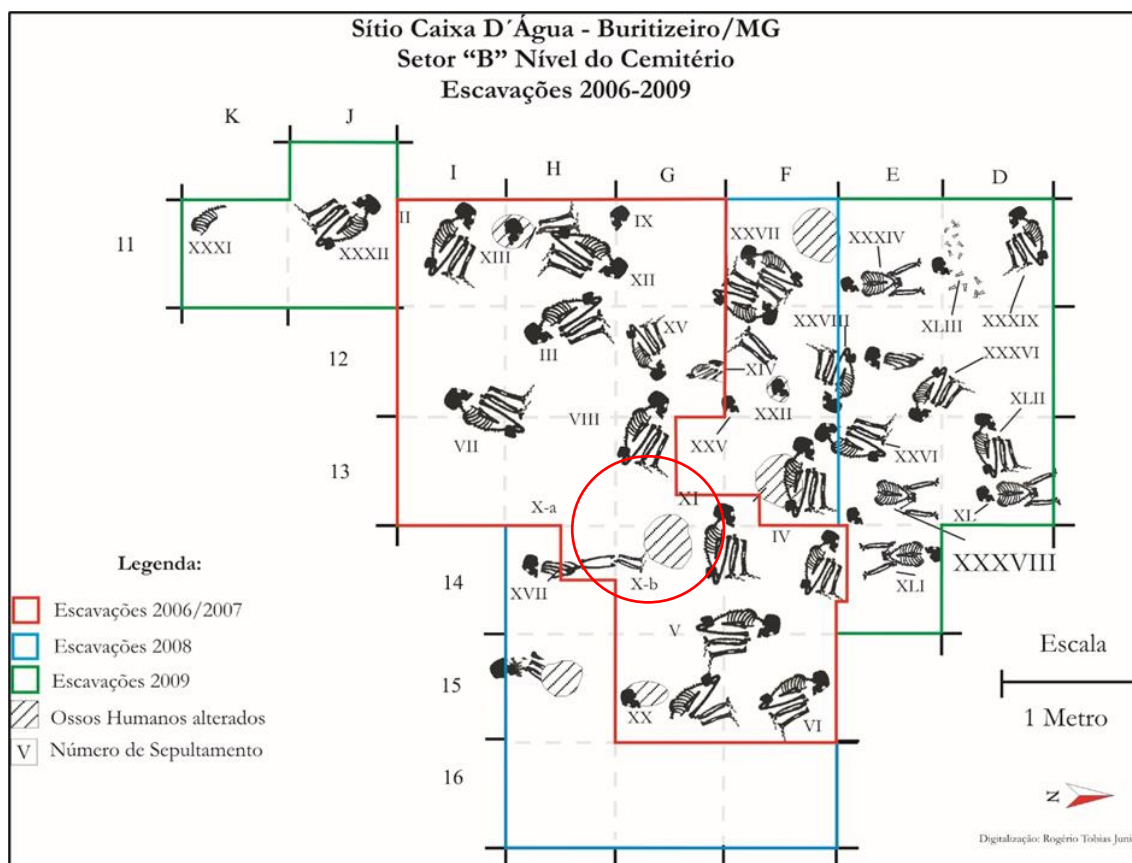


Figura 151 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 18. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização da região onde estaria depositado o Sepultamento 18 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 18 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo. O sexo e a idade de morte estimada do esqueleto não puderam ser inferidos, pois o material não estava disponível para análise. *In situ*, o indivíduo foi descrito como possivelmente

subadulto. Contudo, não foi possível obter fotografias do esqueleto para confirmar essa hipótese. Ainda que as porções inferior e superior do Sepultamento tenham sido exumadas em campanhas distintas, foi possível identificar a posição do corpo do indivíduo. Ele estava orientado no sentido sudeste → noroesteBA (crânio → bacia) e com a face voltada para sudeste. O esqueleto estava articulado, mas, ao contrário de outros sepultamentos, ele estava com as pernas estendidas e em decúbito ventral. O braço direito estava parcialmente fletido em um ângulo $< 90^\circ$, indo em direção à bacia (figura 152). Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre. Não foi possível determinar a extensão da cova funerária.

Uma ponta de osso foi encontrada junto ao Sepultamento 18, segundo descrições do diário de campo e croquis do esqueleto. O instrumento estava localizado do lado esquerdo do corpo, próximo ao crânio do indivíduo. O artefato ósseo tinha um formato losangular e um tamanho considerado grande. Não há imagens da peça. No fundo da cova sepulcral também foram encontradas lascas de seixo de sílex, entretanto não se tratam de acompanhamentos funerários.

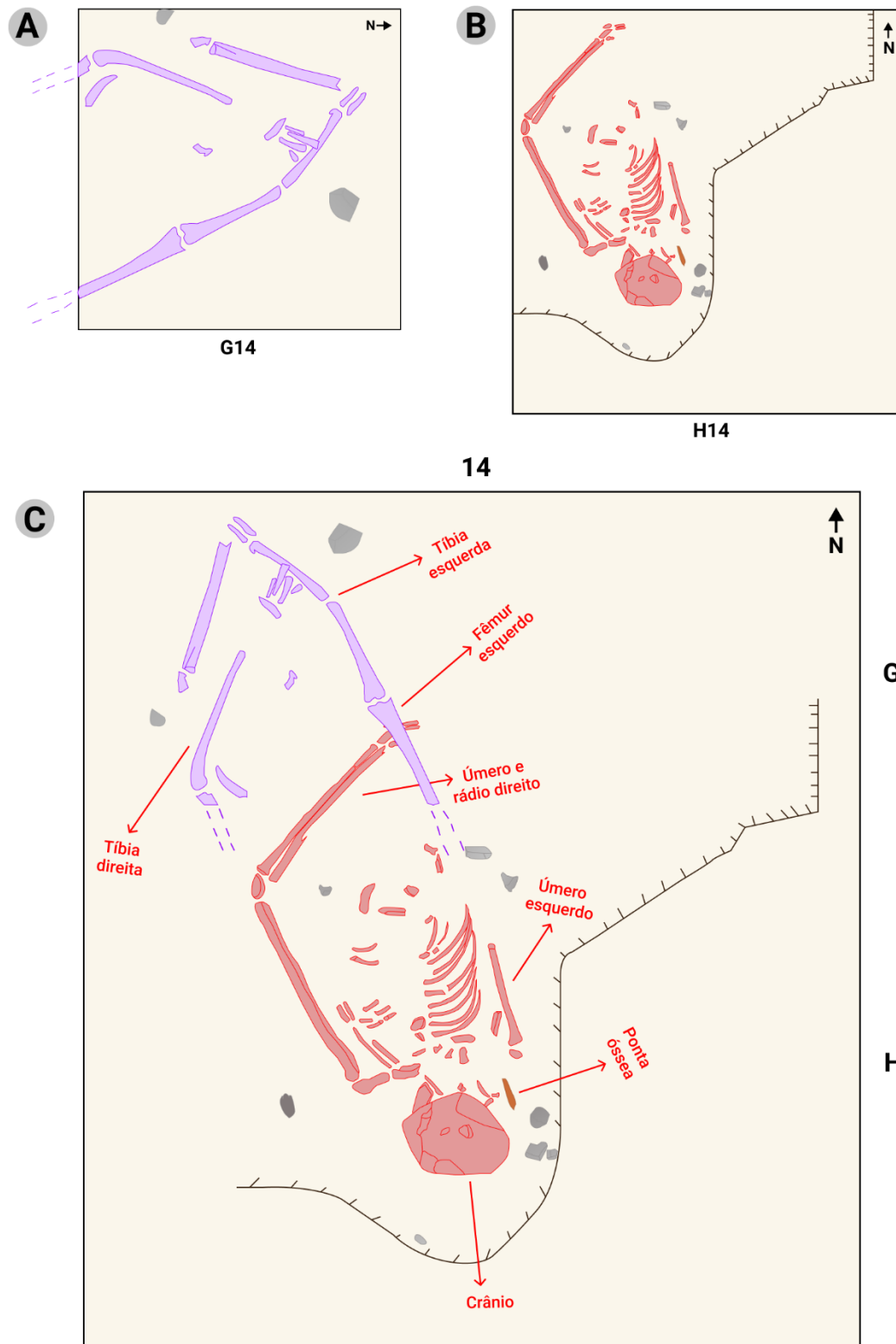


Figura 152 - Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 18 – Desenho demonstrando a posição do esqueleto *in situ* e das demais estruturas presentes no Sepultamento ou próximas a ele. A) desenho digital baseado no croqui de exumação da porção inferior do esqueleto, retirada na campanha de 2007. B) desenho digital baseado no croqui de exumação da porção superior do esqueleto, realizada na campanha de 2008. C) desenho digital do Sepultamento 18 baseado nas imagens A e B. As imagens originais não tinham escala e, portanto, essa informação não está disponível na figura. Para noções de escala, levar em consideração as quadrículas (linhas em preto), cujo tamanho é padronizado em 1m x 1m. A imagem A corresponde a meia quadra escavada.

Modo de Enterramento

A pouca quantidade de dados sobre Sepultamento 18 dificultou a determinação do seu modo de enterramento. Ainda assim, as feições descritas indicam um Sepultamento primário e simples. Como acompanhamento funerário, uma grande ponta de osso losangular foi depositada ao lado esquerdo do crânio do indivíduo. Não foram identificados claramente os limites da cova. Não foi descrita a presença de blocos de arcósio ou acompanhamentos funerários. Não há imagens disponíveis do para o Sepultamento 18.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.19 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 19

Não foram encontradas informações a respeito deste Sepultamento. Por esse motivo, ele não será descrito.

7.20 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 20

Não foram encontradas informações a respeito deste Sepultamento. Por esse motivo, ele não será descrito.

7.21 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 21

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 21 do sítio arqueológico de Buritizeiro (Caixa D'Água) foi escavado na campanha de 2008. O topo do Sepultamento estava situado a 76 cm de profundidade, no nível II médio. O indivíduo estava depositado na quadra F13 (figura 153). As cotas iniciais e finais de exumação do esqueleto não foram explicitadas.

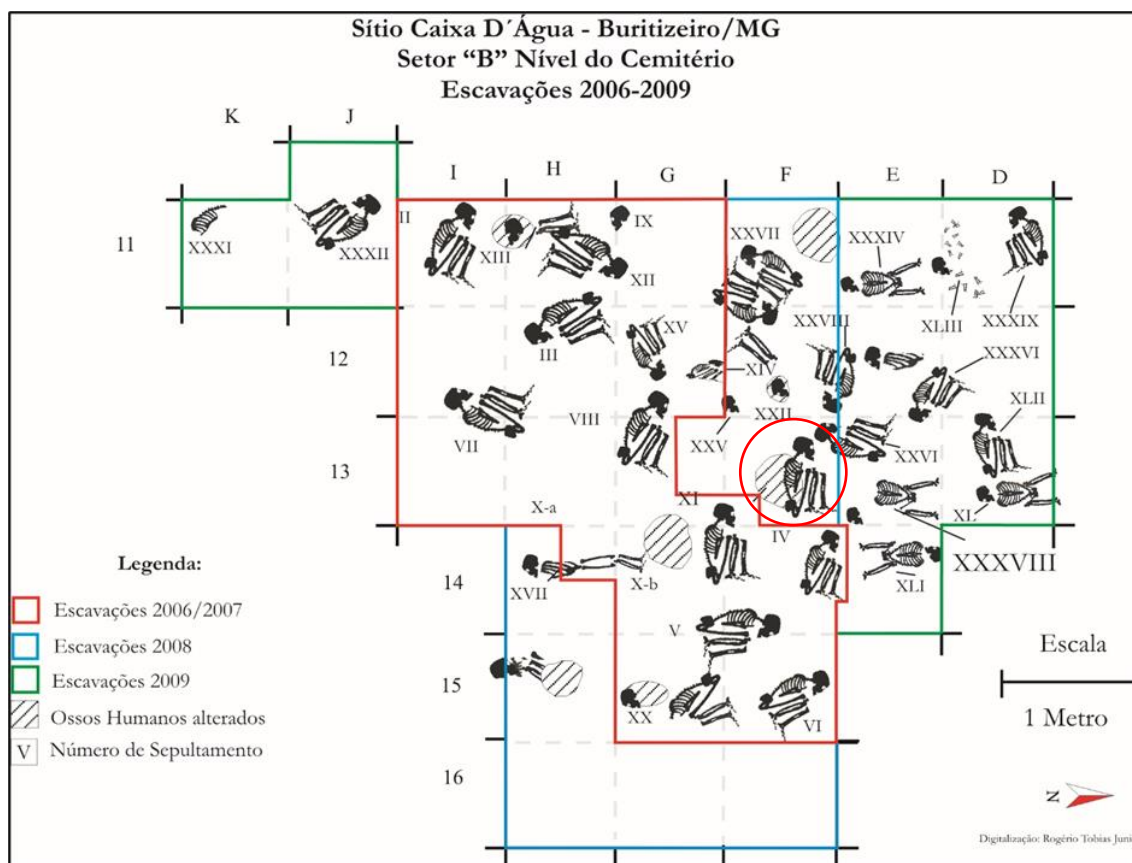


Figura 153 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 21. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 21 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 21 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo. O sexo e idade de morte do esqueleto não pôde ser determinada. Ainda assim, segundo as descrições de campo, se tratava de um indivíduo adulto. O corpo estava orientado no sentido oeste → leste (crânio → bacia) e com a face voltada para norte. O esqueleto estava articulado, fletido, em decúbito lateral esquerdo, com as pernas dobradas (figura 154). O braço esquerdo estava estendido, com a mão depositada ao lado da bacia. Não foi possível obter informações quanto a posição do braço direito. Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre.

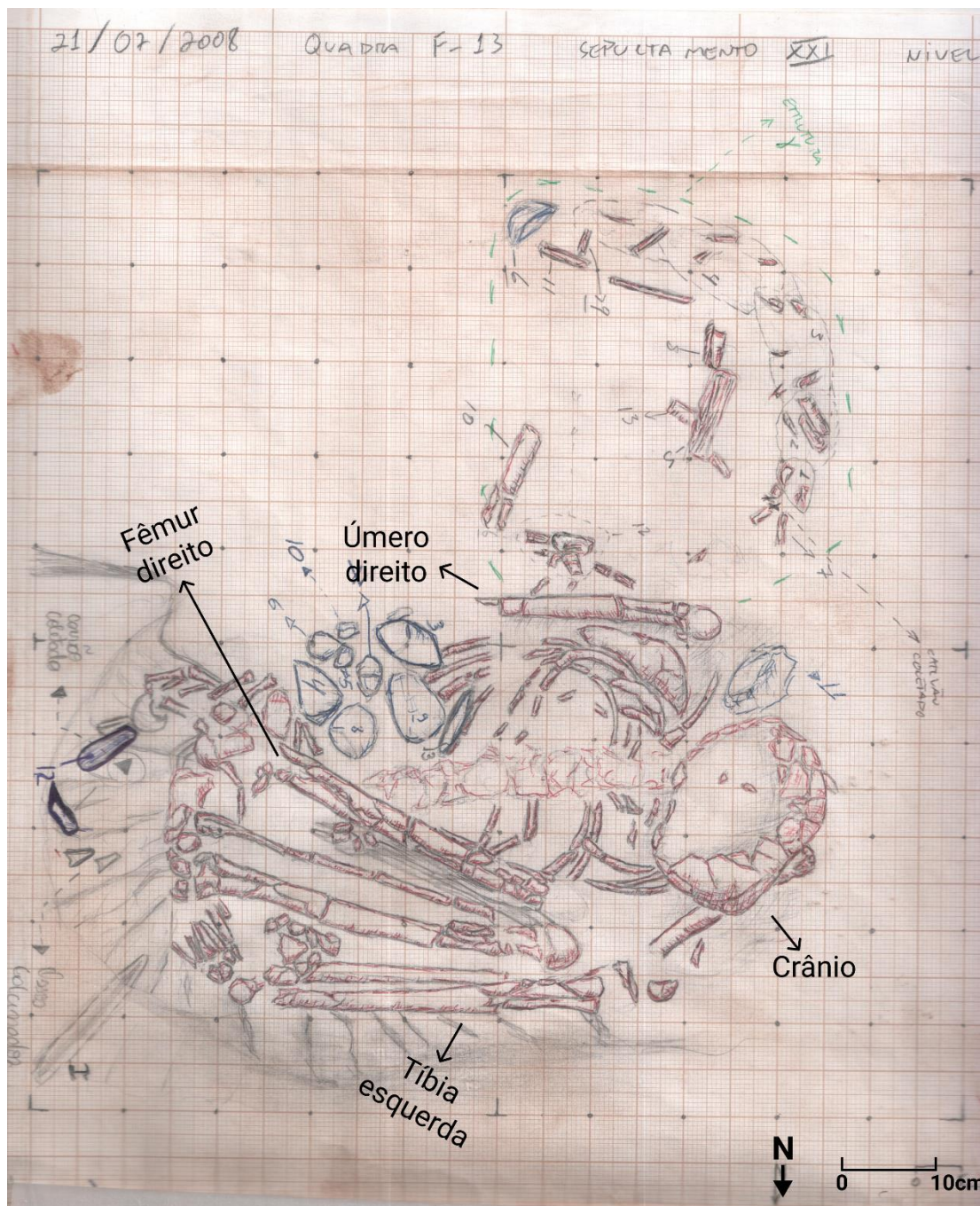


Figura 154 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21 – croqui do fim da exumação do Sepultamento, no nível II Médio. No desenho, é possível observar a posição fletida, em decúbito lateral esquerdo, do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

In situ, não foi possível identificar os limites da cova funerária. Ainda assim, blocos de pedra foram encontrados no limite oeste do Sepultamento, juntos ao crânio (1 e 2 na figura 155). Outro grande bloco de arcósio estava depositado em cima do esqueleto, na região da bacia, cobrindo parte das costelas e das pernas (3 na figura 155). Não se obteve informações das dimensões desses blocos, bem como imagens que detalhem as características deles. Em um

croqui do início da exumação do esqueleto (figura 155), foi possível observar a posição dos blocos no Sepultamento.

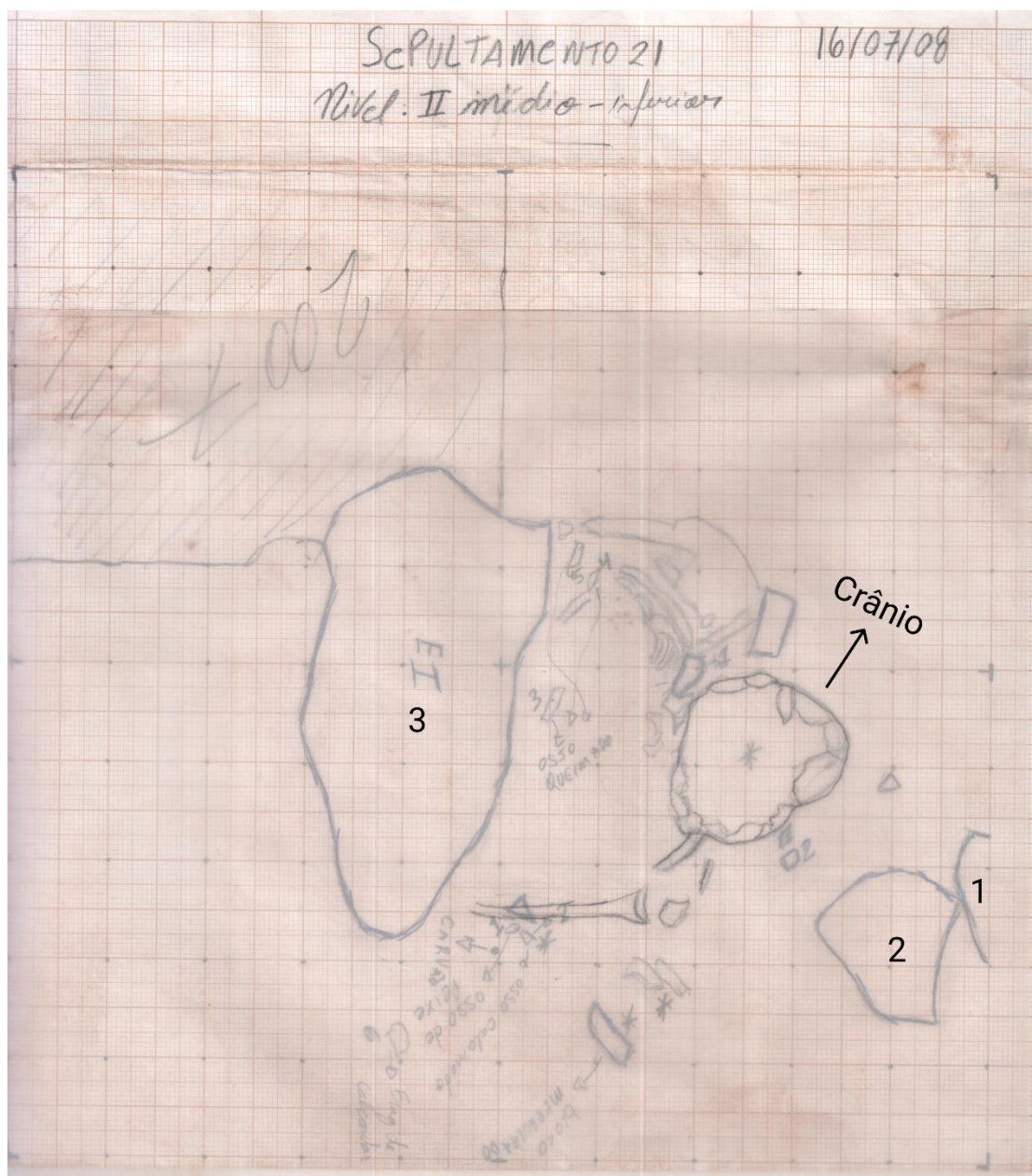


Figura 155 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 21 – Croqui do início da exumação do Sepultamento 21, com apenas o crânio do indivíduo totalmente evidenciado. Na imagem, é possível observar a posição dos blocos de arcósio associados ao esqueleto. N° 1 e N° 2, próximos ao crânio e o N° 3 em cima do esqueleto, cobrindo parte das pernas, costelas e bacia. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Abaixo do bloco de arcósio que cobria parcialmente o esqueleto, havia um conjunto de materiais líticos (seixos, lascas e machados) e um artefato em osso (ponta óssea). Os instrumentos estavam depositados sobre a bacia do indivíduo. Os objetos foram encontrados ainda em sua posição original, compactados, sugerindo que estavam armazenados em um

recipiente de origem vegetal ou outro tipo material perecível (figura 154). Nos cadernos de campo esse agrupamento foi denominado de “conjunto ventral”, assim como para o conjunto encontrado no Sepultamento 7.

Próximo da região sudoeste do Sepultamento 21 havia uma concentração de fragmentos ósseos humanos queimados. Nos diários de campo, ela foi denominada de “Conjunto gama”. Apesar de se tratarem de ossos cremados, não foram encontradas cinzas ou outros indícios de processos de combustão no sedimento ao redor dessa estrutura. Ainda que estivessem próximos um do outro, o “conjunto gama” não estava associado ao Sepultamento 21.

Modo de Enterramento

O Sepultamento 21 do sítio arqueológico Caixa D’Água era constituído por um enterro primário e simples (figuras 156, 157 e 158). Embora não identificados claramente os limites da cova, o esqueleto parece ter sido “coberto” e delimitado por uma estrutura de blocos de arcócio. Como acompanhamento funerário, um pacote de artefatos líticos e ósseos depositados sobre a bacia do indivíduo. Não foi comprovada a associação de estruturas com o esqueleto.

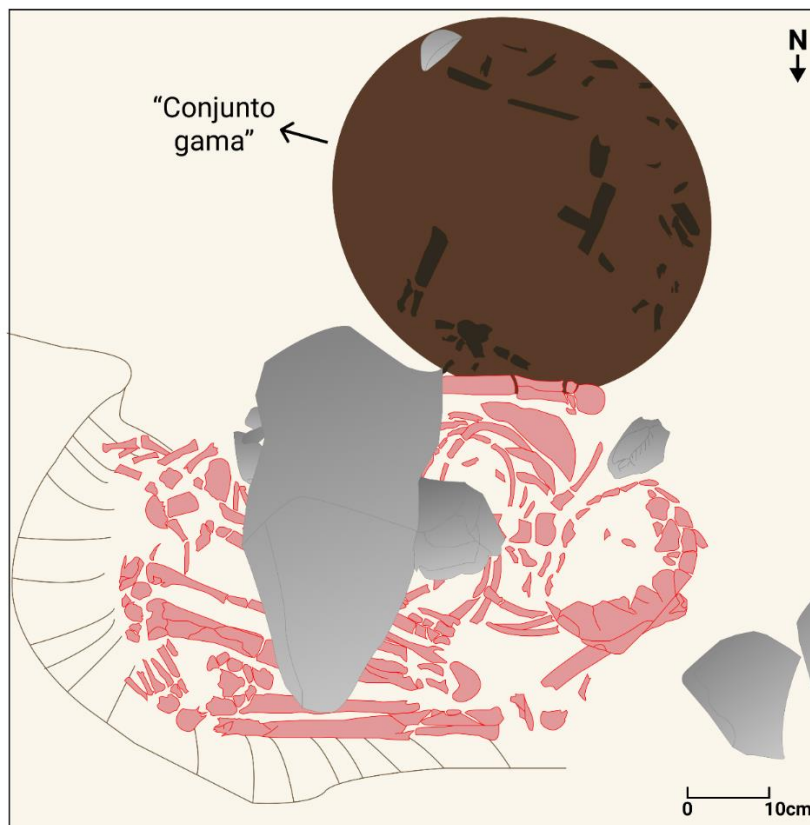


Figura 156 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21 – Desenho digital baseado nos croquis originais de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar a posição do esqueleto e as demais estruturas associadas ou próximas a ele.

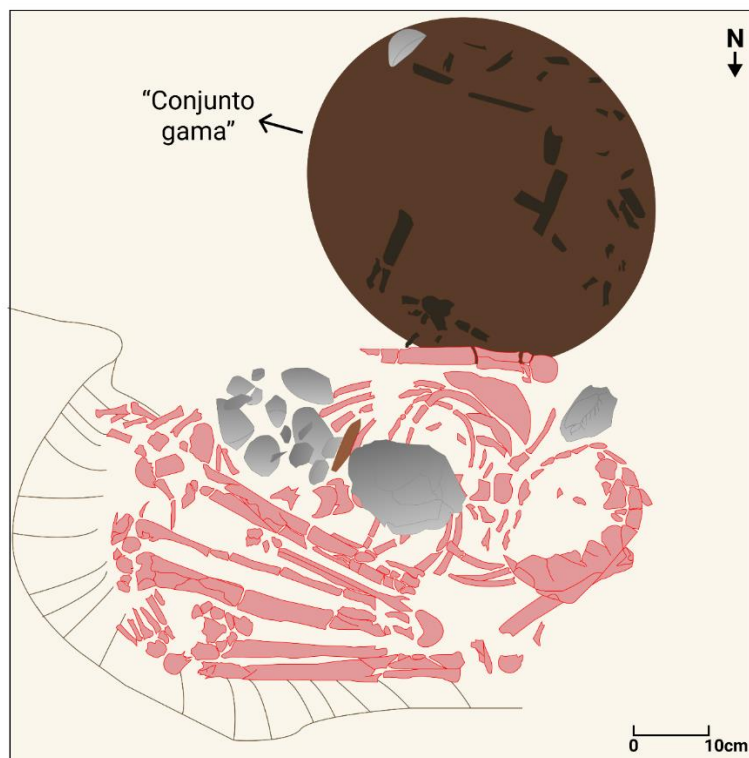


Figura 157 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21 – Desenho digital baseado nos croquis originais de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar o esqueleto já sem parte das pedras que o circundavam e/ou o cobriram. Após a retirada do bloco de arcócio que ficava em cima do esqueleto, se evidenciou o conjunto de artefatos líticos e ósseos concentrados na bacia do indivíduo.



Figura 158 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 21 - Desenho digital baseado nos croquis originais de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar o esqueleto sem as pedras que o circundavam e/ou o cobriram e o conjunto de artefatos líticos e ósseos concentrados na bacia do indivíduo.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.22 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 22

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 22 do sítio arqueológico Caixa D'Água estava localizado no extremo leste da quadra F12 (figura 159) e foi escavado na campanha de 2008. Não foram encontradas informações a respeito deste Sepultamento. Por esse motivo, ele não será descrito.

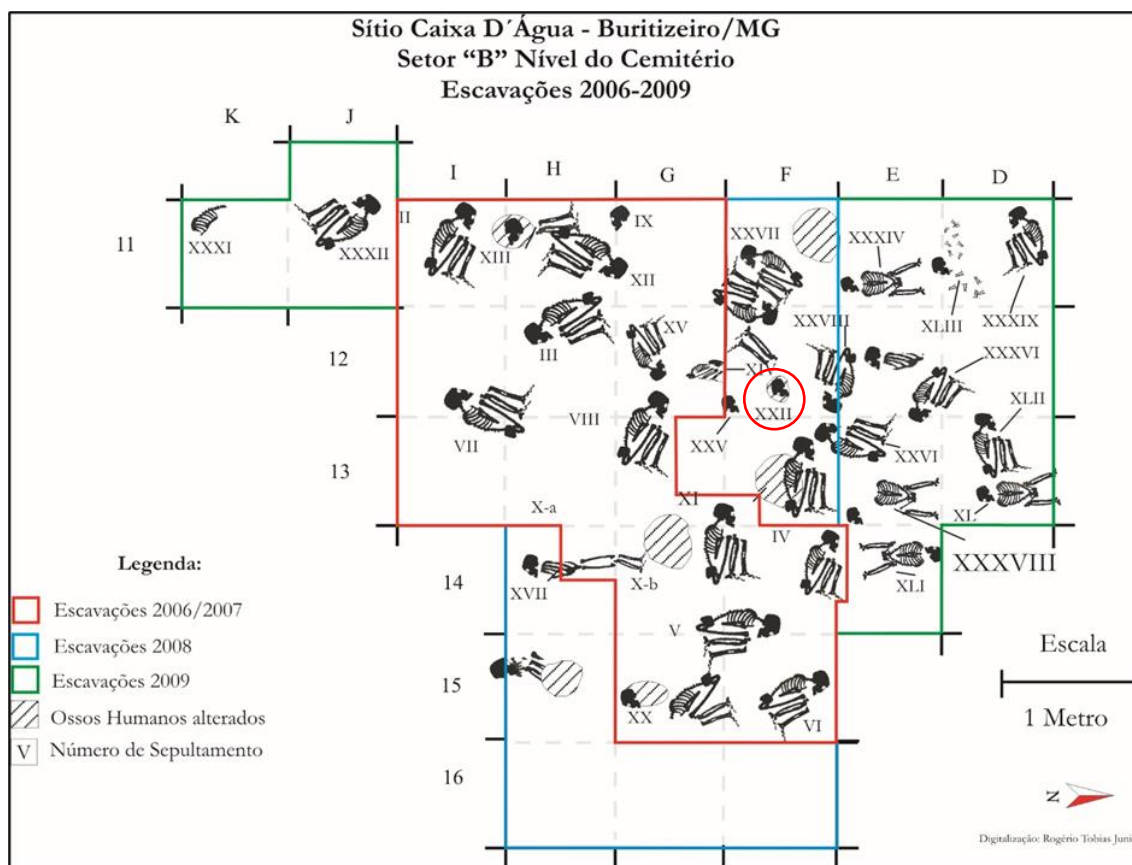


Figura 159 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 22. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 22 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

7.23 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 23

Localização espacial e estratigráfica

Nas documentações de campo é descrito que o Sepultamento 23 do sítio arqueológico Caixa D'Água, escavado na campanha de 2008, estava localizado entre as quadras F12 e F13

(figura 160). O topo do Sepultamento estava a 87 cm da superfície e, a base, a 93 cm de profundidade. Não foi possível determinar o nível estratigráfico ao qual o esqueleto estava associado.

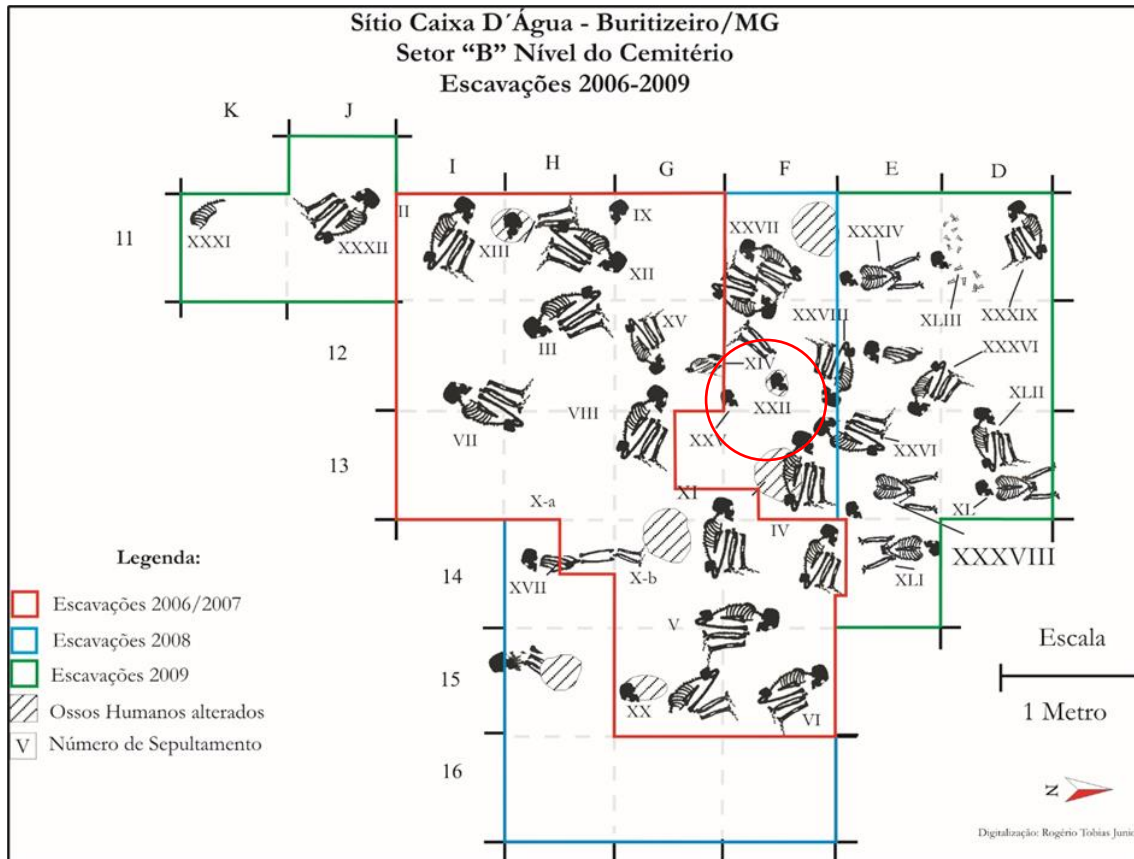


Figura 160 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 23. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a região em que o Sepultamento 23 estava localizado (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do sepultamento

Poucas informações acerca das características do Sepultamento 23 estavam disponíveis na literatura. Foi encontrado apenas um croqui, sem identificação do nível estratigráfico (figura 161), em que é possível observar os fragmentos ósseos correspondentes ao Sepultamento.

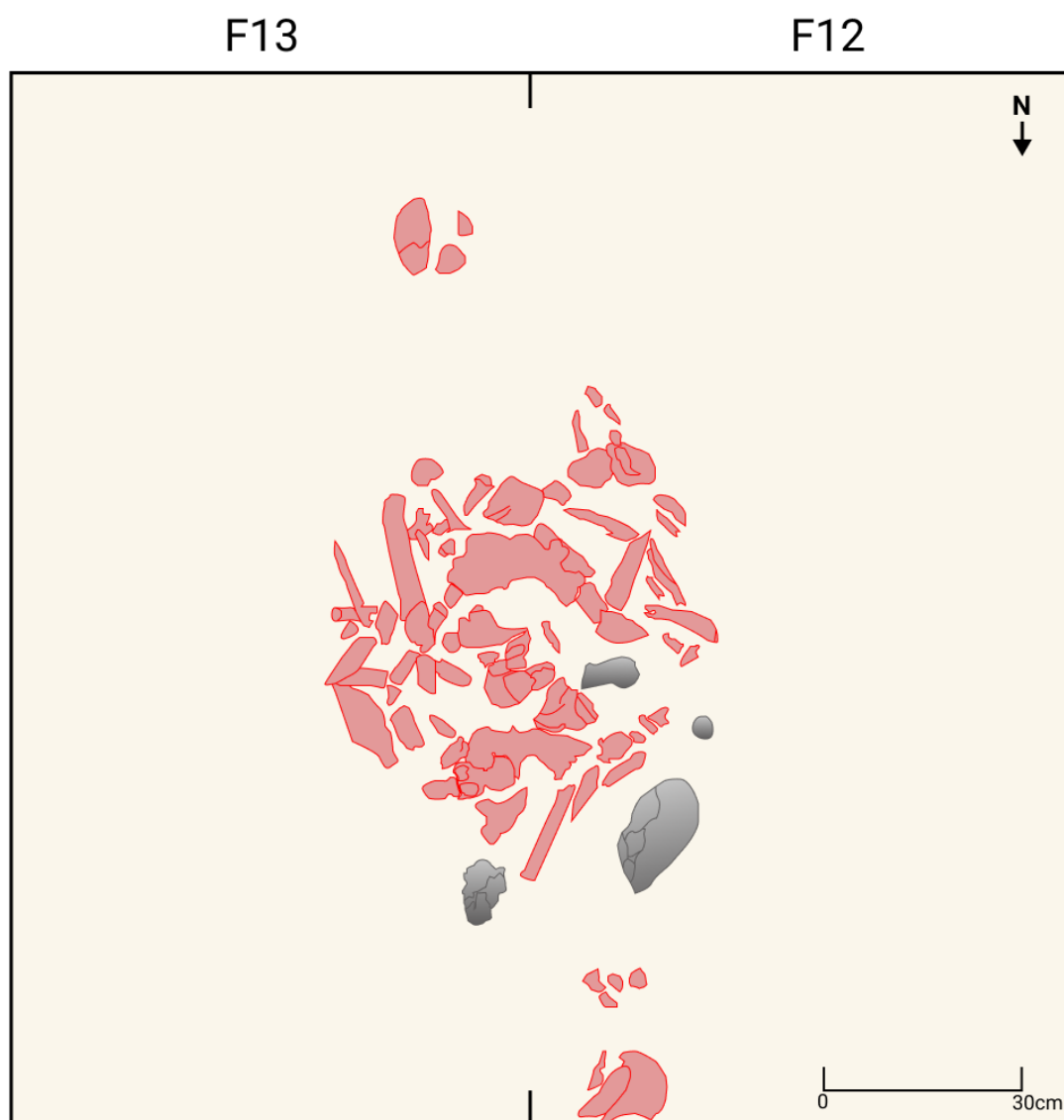


Figura 161 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 23 - Desenho demonstrando a disposição dos fragmentos ósseos in situ. Na imagem, é possível observar o estado fragmentado do esqueleto, o que dificultou a identificação anatômica dos ossos.

Nas documentações de campo é descrito que os fragmentos ósseos estavam depositados em um bloco de pedra e cobertos por uma grande mó de 34 x 29 x 9 cm, com larga depressão na face superior e outra bem rasa na face oposta. Não foram encontrados desenhos ou fotografias da estrutura *in situ*. O sepultamento foi considerado perturbado, contudo, a ausência de informações de campo e a impossibilidade de analisar o material em laboratório impedem que se confirme esta hipótese.

Modo de enterramento

Devido à ausência de informações, não foi possível inferir o modo de enterramento.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise

7.24 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 24

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 24 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2008. O indivíduo estava localizado nas quadras F11 e F12 (figura 162), depositado no nível II Médio – Inferior B. A cota superior do crânio foi de 0,76 m e, do fundo da cova, de 1,04 m. Informações acerca de todas cotas iniciais e finais de exumação não foram explicitadas.

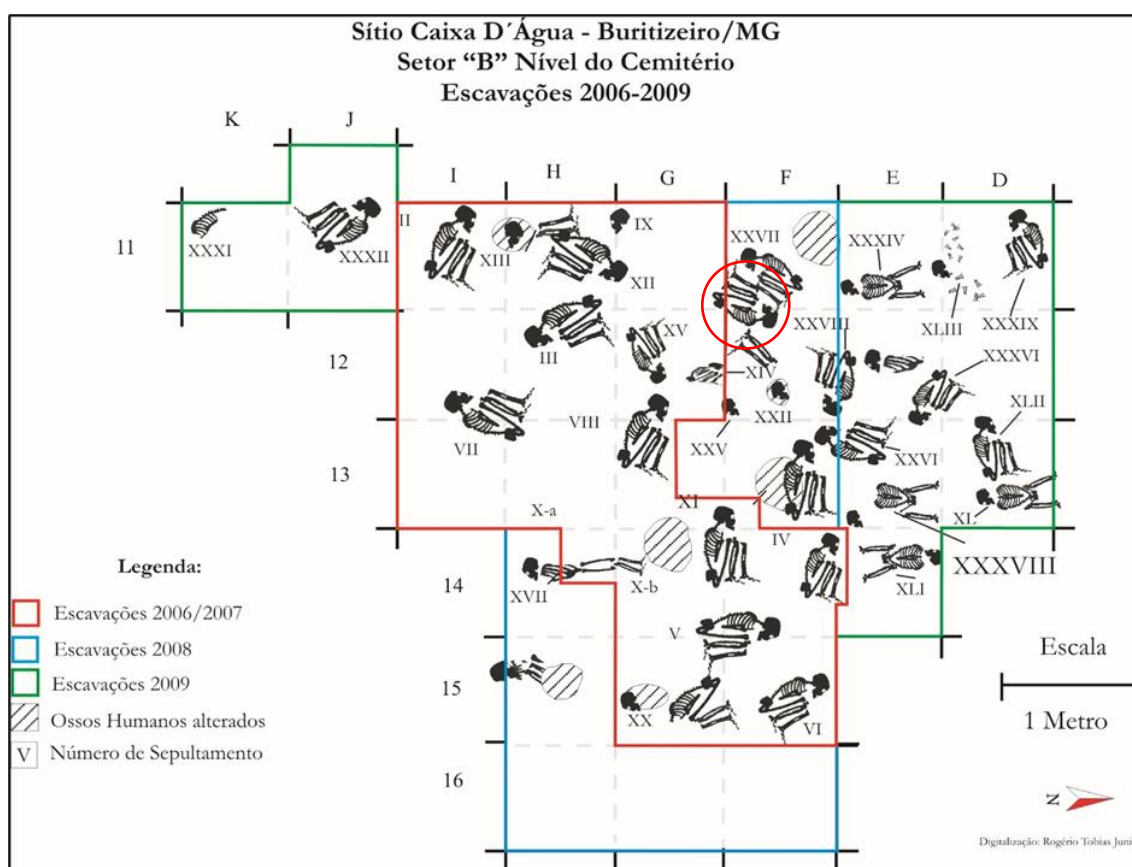


Figura 162 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 24. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 24 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do sepultamento

O Sepultamento 24 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um esqueleto, possivelmente de um adulto. O sexo e idade de morte estimada não puderam ser inferidas, uma vez que o material não estava disponível para análise. Ainda *in situ*, as condições

de preservação do esqueleto foram consideradas regulares. O corpo estava orientado no sentido norte → sul (crânio → bacia) e com a face voltada para noroeste. O esqueleto estava articulado, hiperfletido, em decúbito lateral direito, com as pernas dobradas sobre a caixa torácica (imagem C na figura 163). O braço esquerdo estava estendido ao lado do corpo. A posição do braço direito não pôde ser inferida, pois a região onde o membro estava localizado foi perturbada pela cova do Sepultamento 27. Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre. Não foram obtidas informações quanto ao espaço ocupado pelo esqueleto.

Durante a escavação não foi possível identificar os limites da cova funerária. Ainda assim, blocos de pedra foram encontrados circundando a parte norte e leste do Sepultamento (imagem A na figura 163) e em cima da caixa torácica do esqueleto (imagem B na figura 163). Não foi possível inferir as características desses blocos, mas um deles, possivelmente o bloco localizado a esquerda do indivíduo (círculo vermelho na imagem B da figura 163), se tratava de um artefato lítico polido.

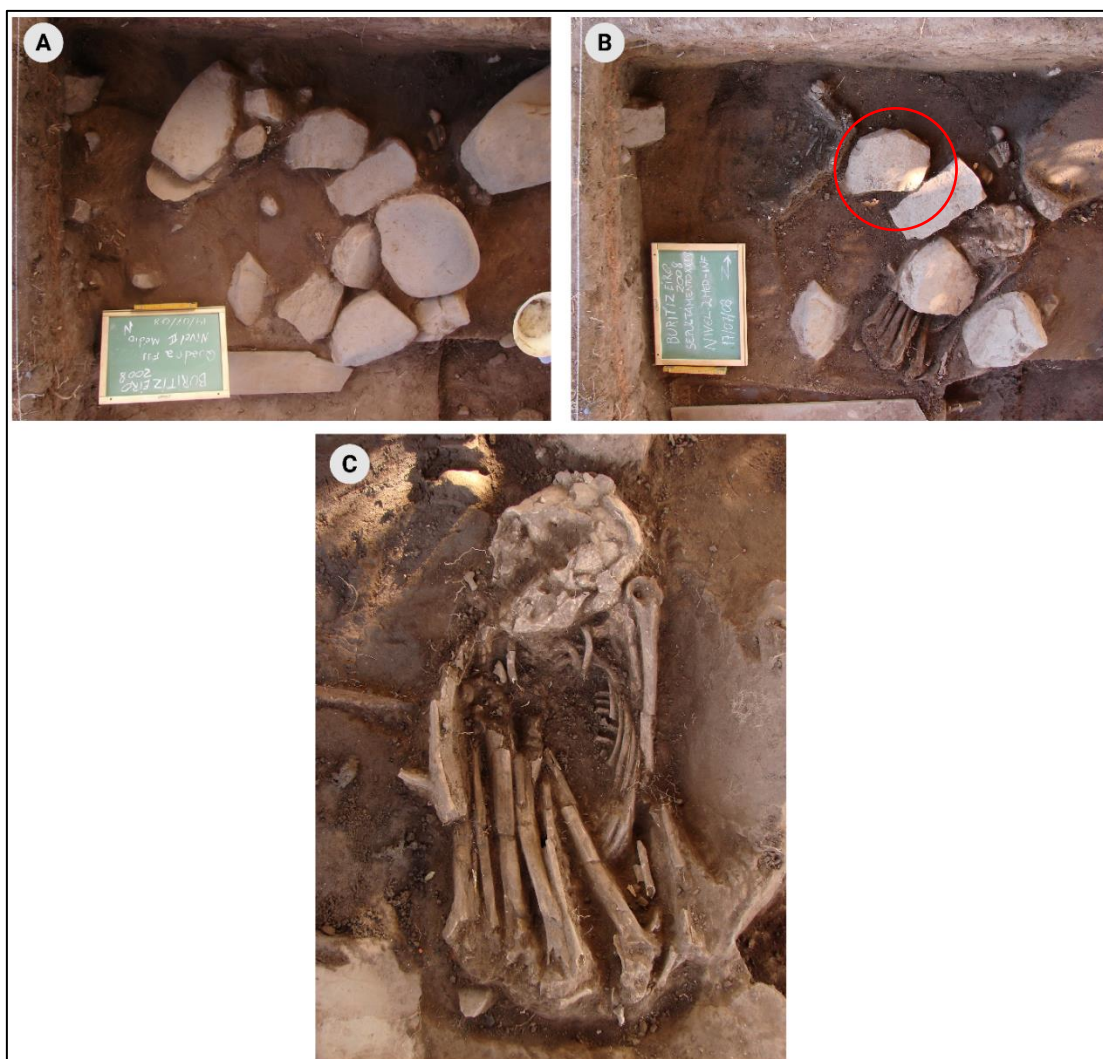


Figura 163 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 24 – Imagens das exposições Sepultamento 24, evidenciando a organização da estrutura de blocos de pedra e a posição do esqueleto. A) início da exposição da estrutura de blocos de pedra. B) evidência do esqueleto localizado abaixo dos blocos. C) exposição total do indivíduo. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2008.

Na extremidade norte do Sepultamento, abaixo de um dos blocos de arcósio (localizado ao extremo oeste da estrutura) havia uma concentração de fragmentos ósseos humanos cremado (seta vermelha na figura 164). Apesar de estar próximo do Sepultamento 24, não foi possível inferir sua relação com o indivíduo sepultado. A estrutura, portanto, poderia se tratar de um elemento do ritual funerário do indivíduo 24 ou de um evento distinto do Sepultamento.



Figura 164 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 24 – Imagem da exposição Sepultamento 24, onde é possível observar a localização da estrutura composta por fragmentos ósseos humanos cremados (seta vermelha). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2008.

Modo de enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 24 do sítio arqueológico de Caixa D’Água indicam um enterro primário e simples (figuras 165, 166 e 167). Ainda que não tenha sido identificado o contorno da cova, parece ter havido uma delimitação do corpo do indivíduo através da utilização dos blocos de arcósio. Não foi descrita a presença de acompanhamentos funerários, bem como não foi possível determinar a associação de outras estruturas com o Sepultamento.

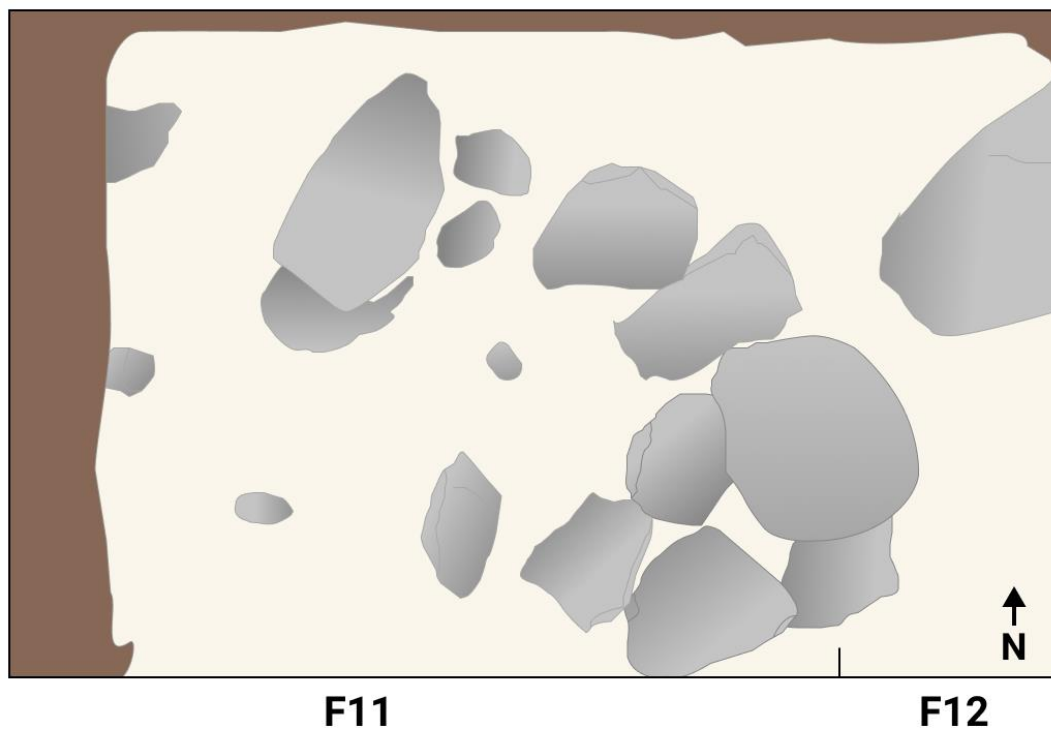


Figura 165 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 24 - Desenho digital baseado na fotografia (A na figura 163) de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar a estrutura de blocos de pedra que circundava e cobriam o esqueleto.

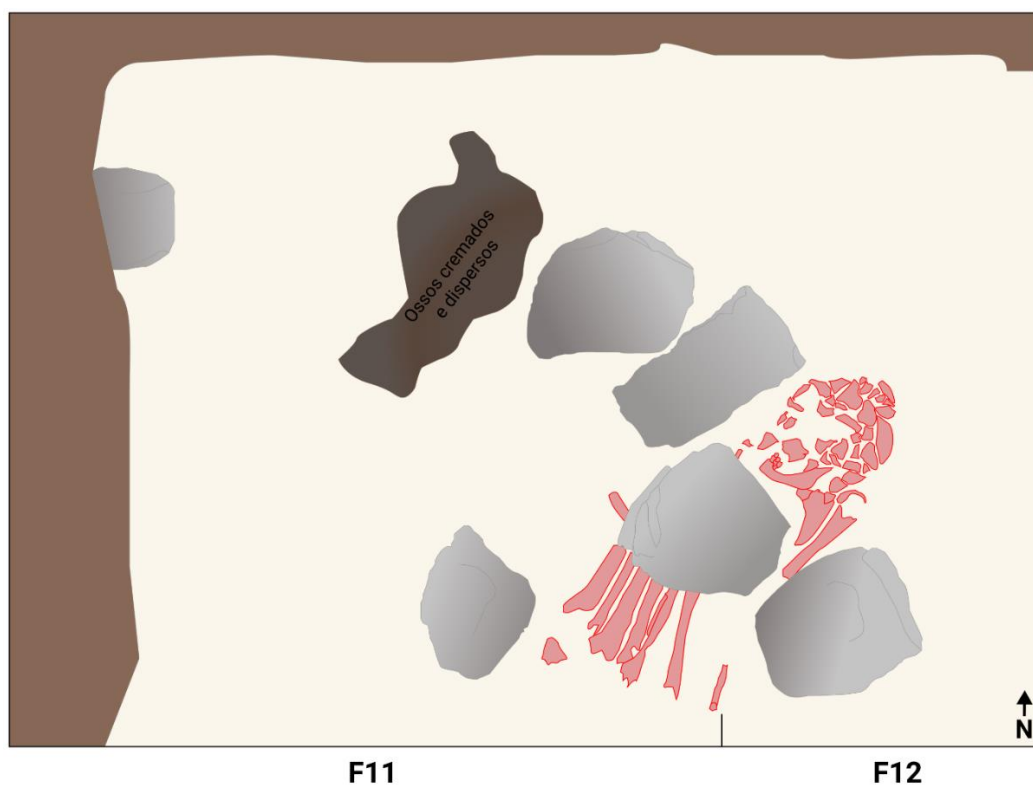


Figura 166 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 24 - Desenho digital baseado na fotografia (B na figura 163) de exumação do Sepultamento. Na imagem, é possível observar o esqueleto parcialmente exposto, o bloco de arcósio acima da caixa torácica e a estrutura de ossos cremados.

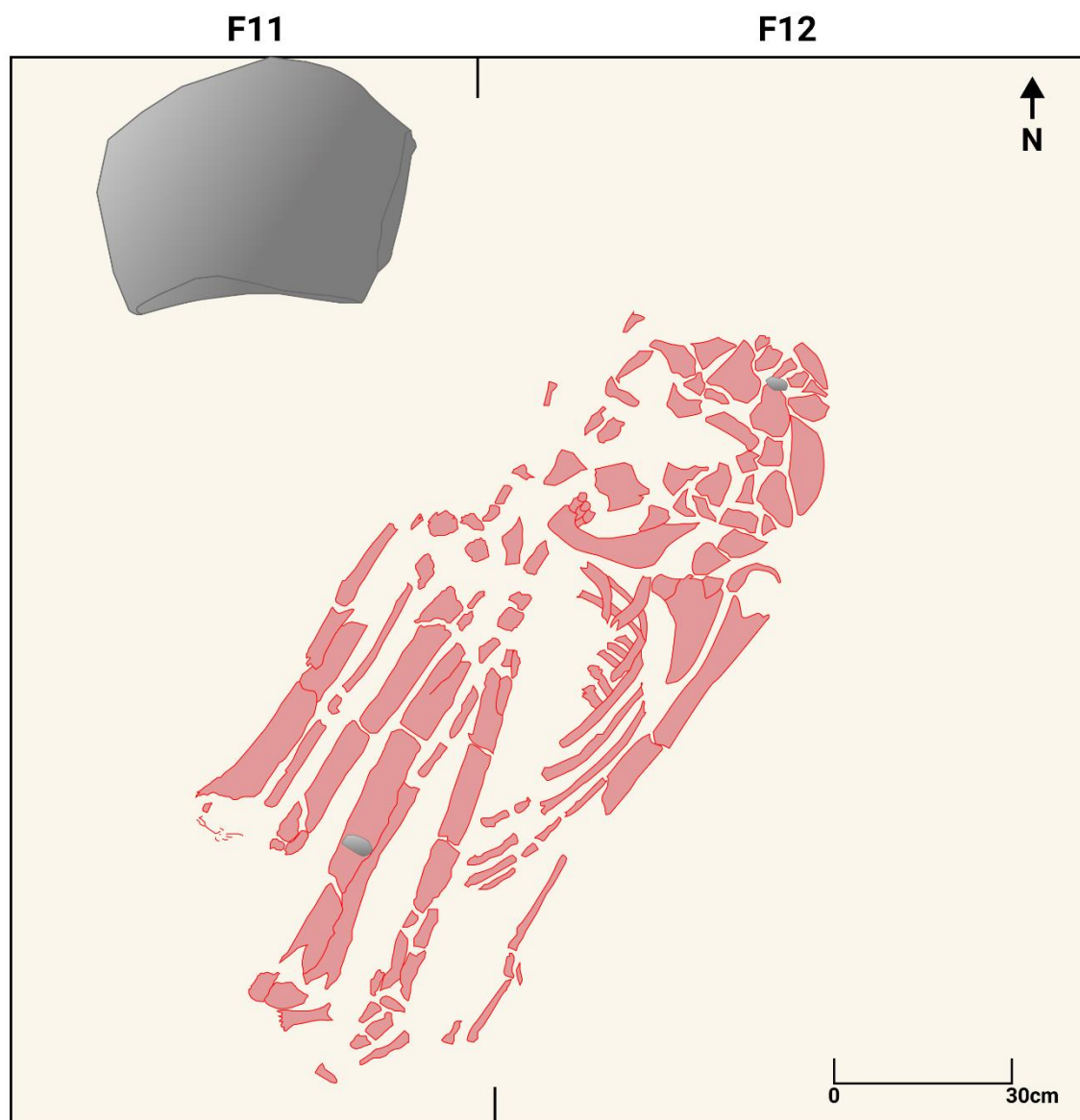


Figura 167 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 24 - Desenho digital baseado no croqui de exumação do Sepultamento. Na imagem é possível observar a posição do esqueleto, com as pernas fletidas em direção a caixa torácica.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.25 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 25

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 25 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2008. O indivíduo estava localizado nas quadras G13 e F13 (figura 168). A sepultura estava

associada ao nível II Médio Inferior. Informações acerca das cotas iniciais e finais de exumação não foram explicitadas.

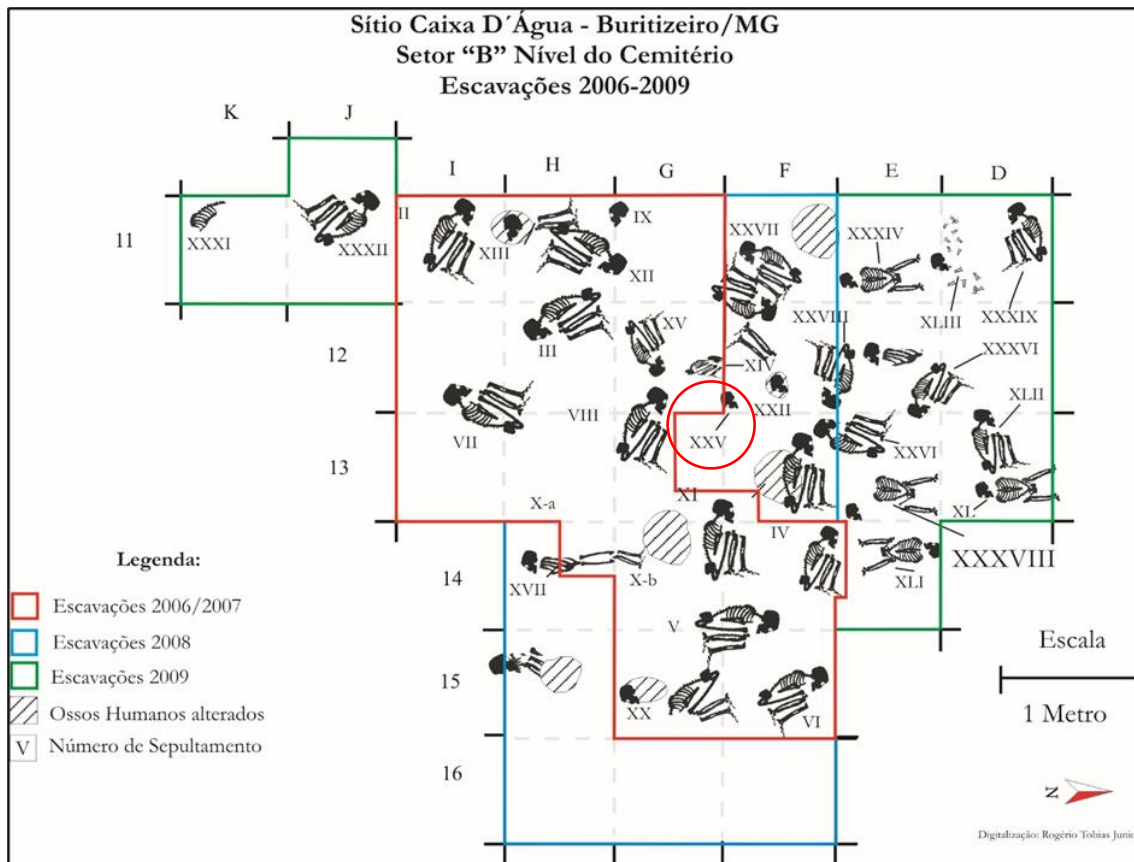


Figura 168 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 25. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 25 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Poucas informações a respeito do Sepultamento 25 puderam ser obtidas na literatura. Com base em croqui da exumação do esqueleto, estima-se que se tratava de apenas um crânio isolado (figura 169).

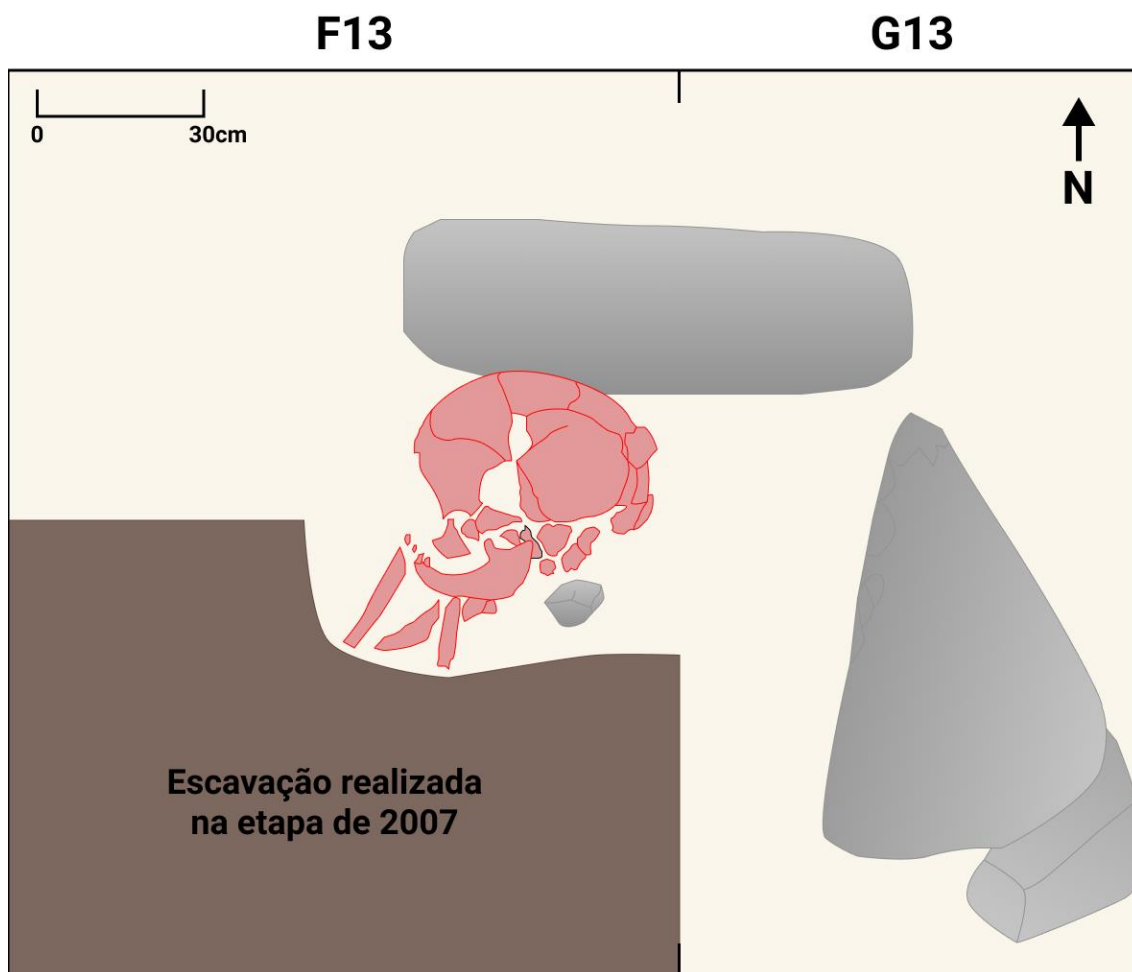


Figura 169 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 25 - Desenho digital baseado no croqui de exposição do esqueleto (créditos: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG). Na imagem, é possível observar o crânio do indivíduo e blocos de arcócio circundando o remanescente.

Modo de enterramento

Considerando o número de restrito de informações a respeito do Sepultamento 25, não foi possível definir o modo de enterramento.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.26 Buritizeiro Caixa D’Água - Sepultamento 26

Escavado na campanha de 2008, o Sepultamento 26 foi encontrado entre as quadras F13 e E13 (figura 170). O esqueleto estava depositado na mesma região eu os Sepultamentos 28, 30, 33 e 38, sendo que o seu crânio estava sobre o topo do crânio do indivíduo 28. Os vestígios esqueléticos estavam associados ao nível II médio. As cotas iniciais do Sepultamento foram

tiradas de seus pontos cardeais, sendo eles: -1,14m (sudoeste); -1,11m (sudeste); -1,06m (noroeste) e -1,09m (nordeste). Não foram definidas as cotas finais do Sepultamento.

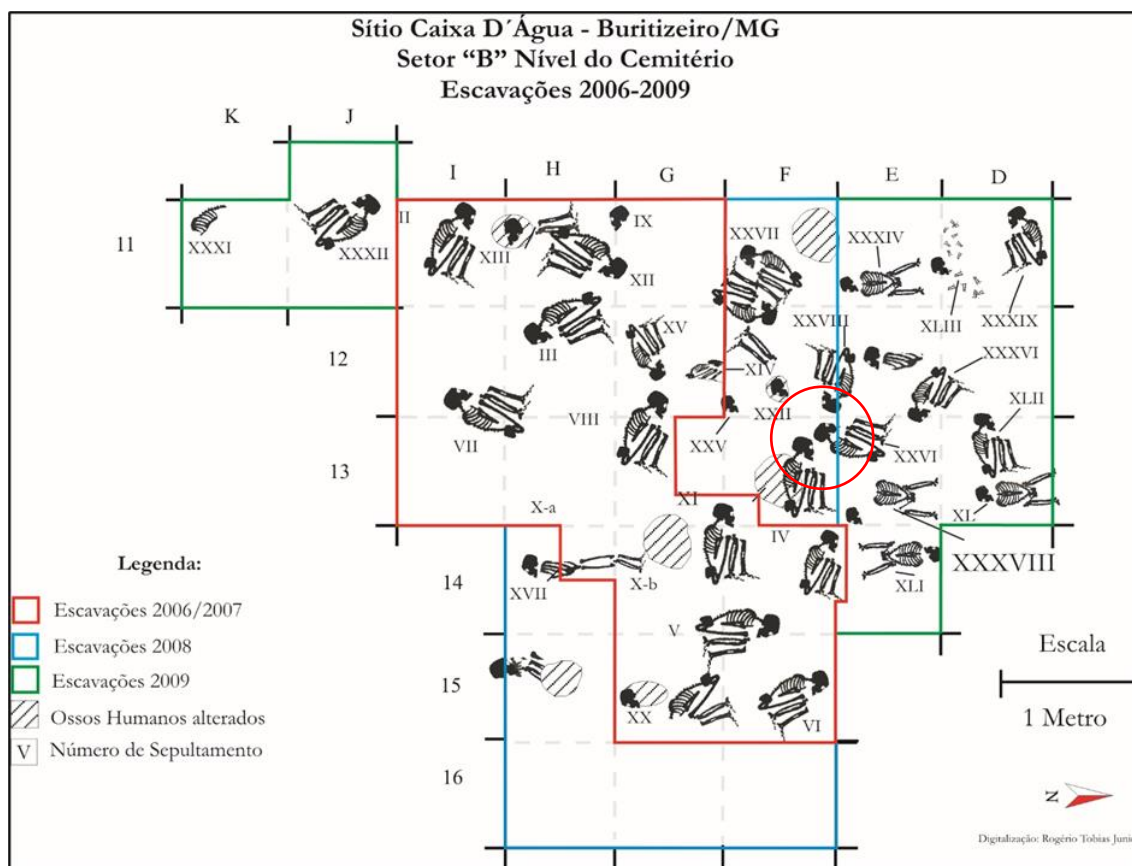


Figura 170 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 26. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 26 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 26 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo de sexo masculino e idade de morte estimada de <60 anos. Durante as escavações, não foi possível identificar os limites da cova funerária. Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto foram consideradas regulares. Ainda assim, foi possível identificar que o corpo estava orientado no sentido sul → norte (crânio → bacia) e com a face voltada para sudoeste. O esqueleto estava articulado, semifletido, em decúbito lateral esquerdo, com as pernas parcialmente dobradas. O braço direito parcialmente fletido e o braço esquerdo estendido (figura 171). Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre.

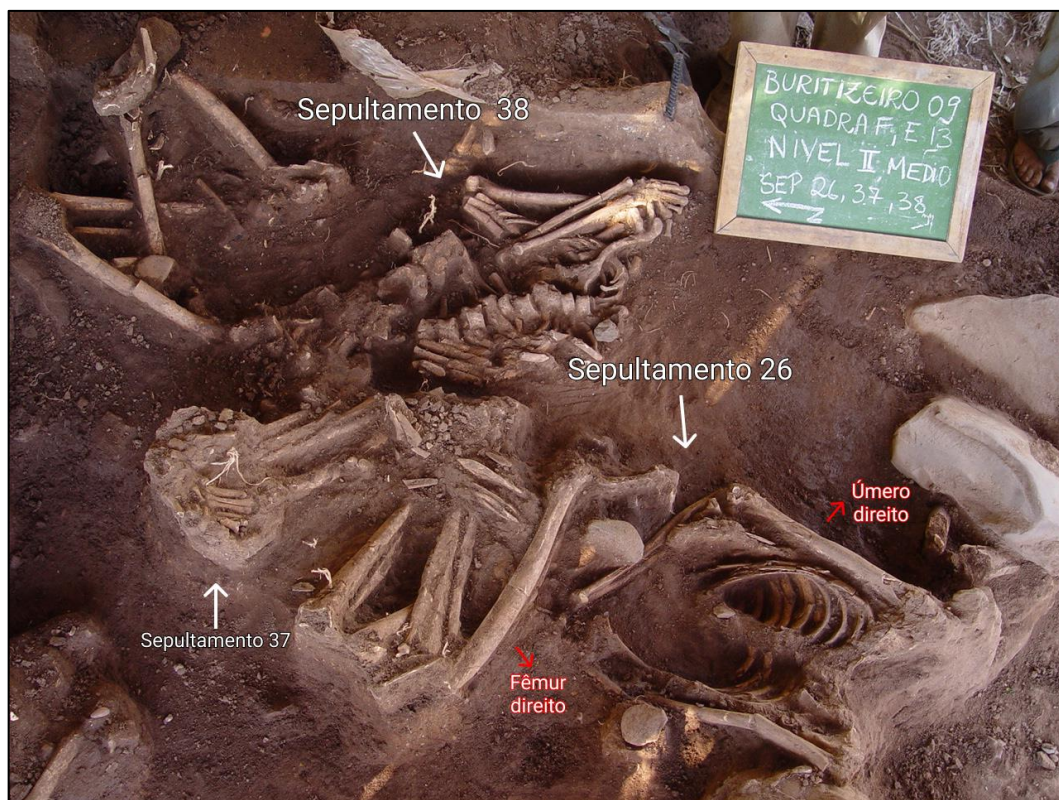


Figura 171 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 26 – Fotos de campo mostrando o Sepultamento 26 durante sua exposição. A) Posição do esqueleto in situ, onde é possível observar os membros flexionados. B) Foto em detalhe da parte superior do Sepultamento em que se observa a mão esquerda do indivíduo apoiando o seu crânio. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2008.

Acima do fêmur direito do esqueleto, e próximo à bacia, estava depositado um bloco de arcócio (imagem A na figura 172). Em uma de suas superfícies (imagem B na figura 172) foi observada a presença de marcas de polimento. Não foram obtidas informações acerca das dimensões do artefato.

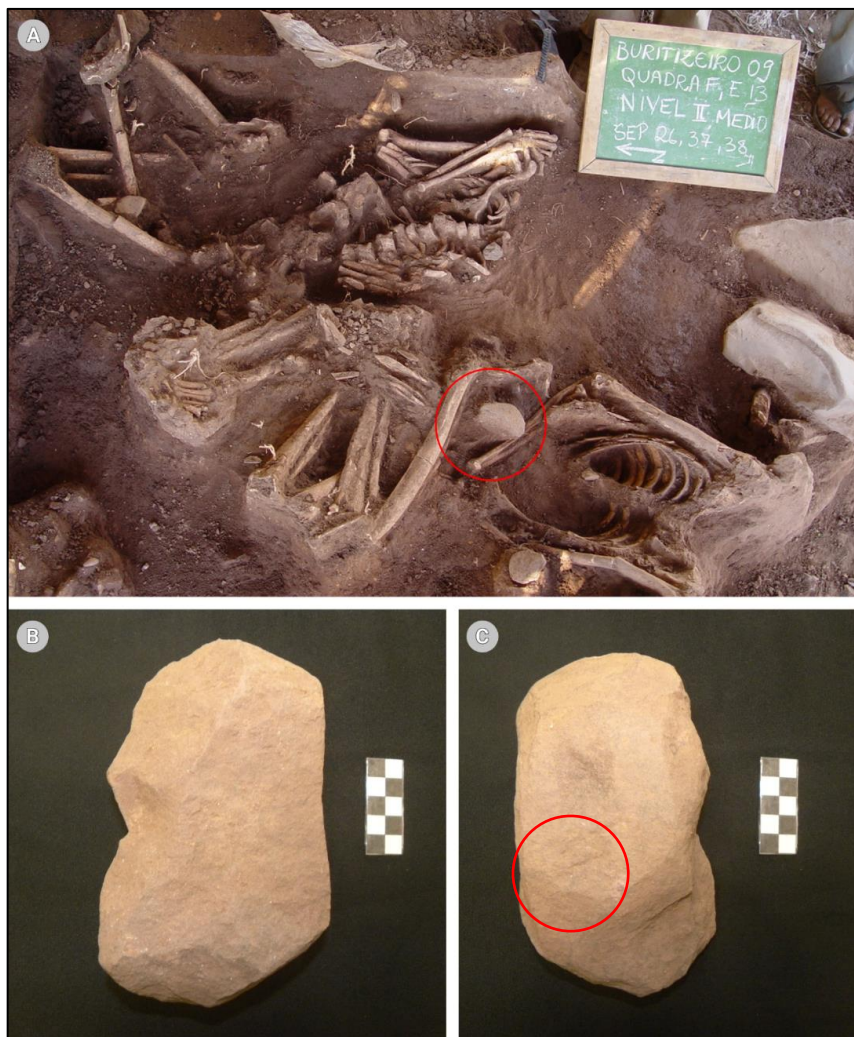


Figura 172 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 26 – A) foto do Sepultamento 26 in situ, onde é possível observar a posição do bloco de arcósio (círculo vermelho) no Sepultamento. B) imagem tirada em laboratório da parte não trabalhada do bloco de arcósio associado ao Sepultamento 26. C) Fotografia onde é possível observar a área polida (círculo vermelho) do bloco de arcósio associado ao Sepultamento 26. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2008.

Três pontas de osso foram encontradas junto ao Sepultamento 26. Os artefatos estavam depositados entre o fêmur direito e a bacia do indivíduo (figura 173). Imagens em laboratório e descrições das características dessas peças não puderam ser obtidas.



Figura 173 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 26 – Imagem do Sepultamento 26 in situ. No círculo vermelho, é possível observar a posição das três pontas de osso que acompanhavam o indivíduo do Sepultamento 26. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografias tiradas em 2008.

Modo de enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 26 do sítio arqueológico de Caixa D'Água indicam um enterro primário e simples (figuras 174 e 175). Como acompanhamento funerário, haviam três pontas de osso e um bloco de arcósio com uma das superfícies polidas.

E13

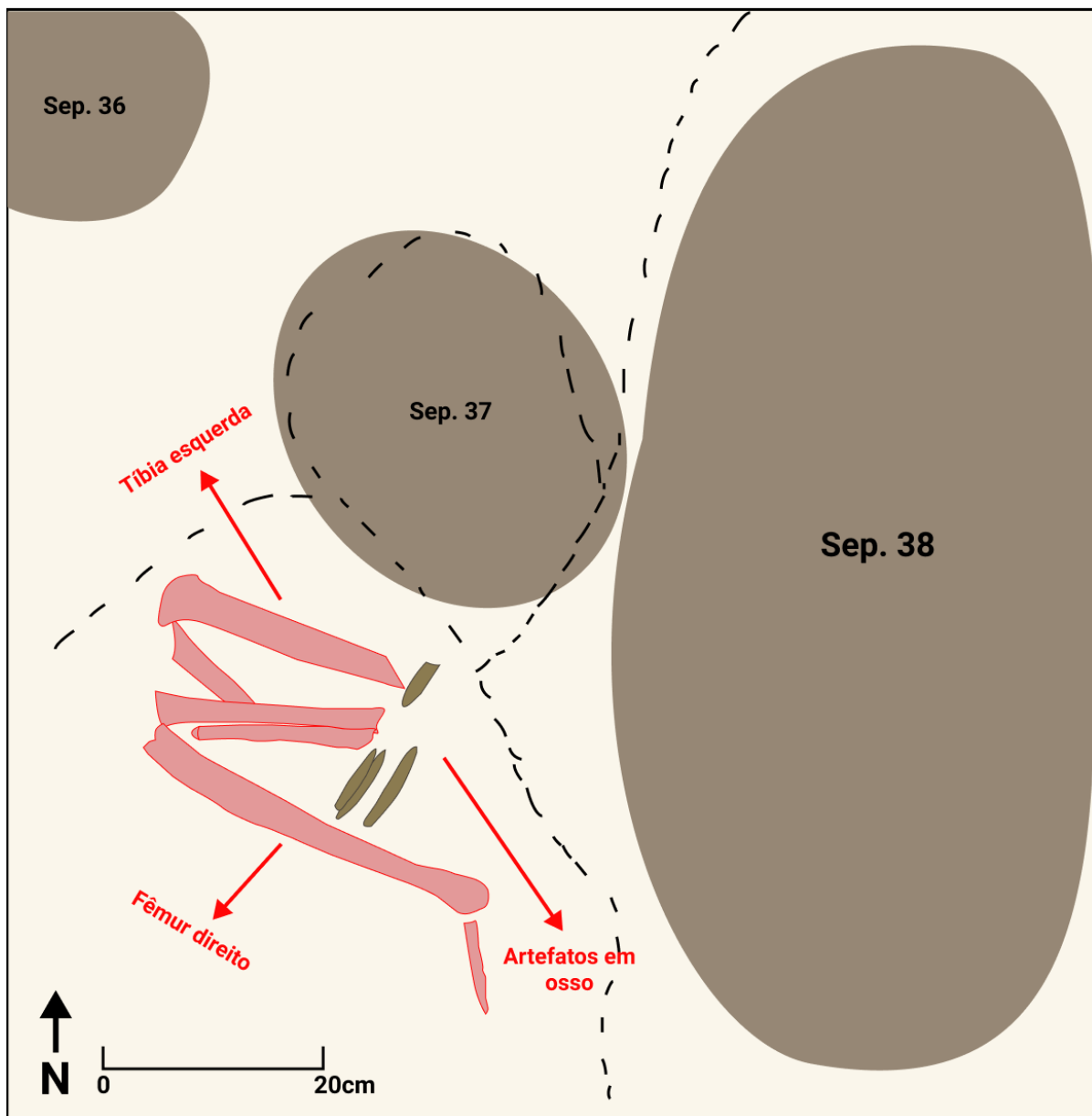


Figura 174 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 26 - Desenho digital baseado no croqui da primeira exposição Sepultamento. Na imagem é possível observar a primeiramente a exposição dos membros inferiores e dos artefatos ósseos depositados nessa região.

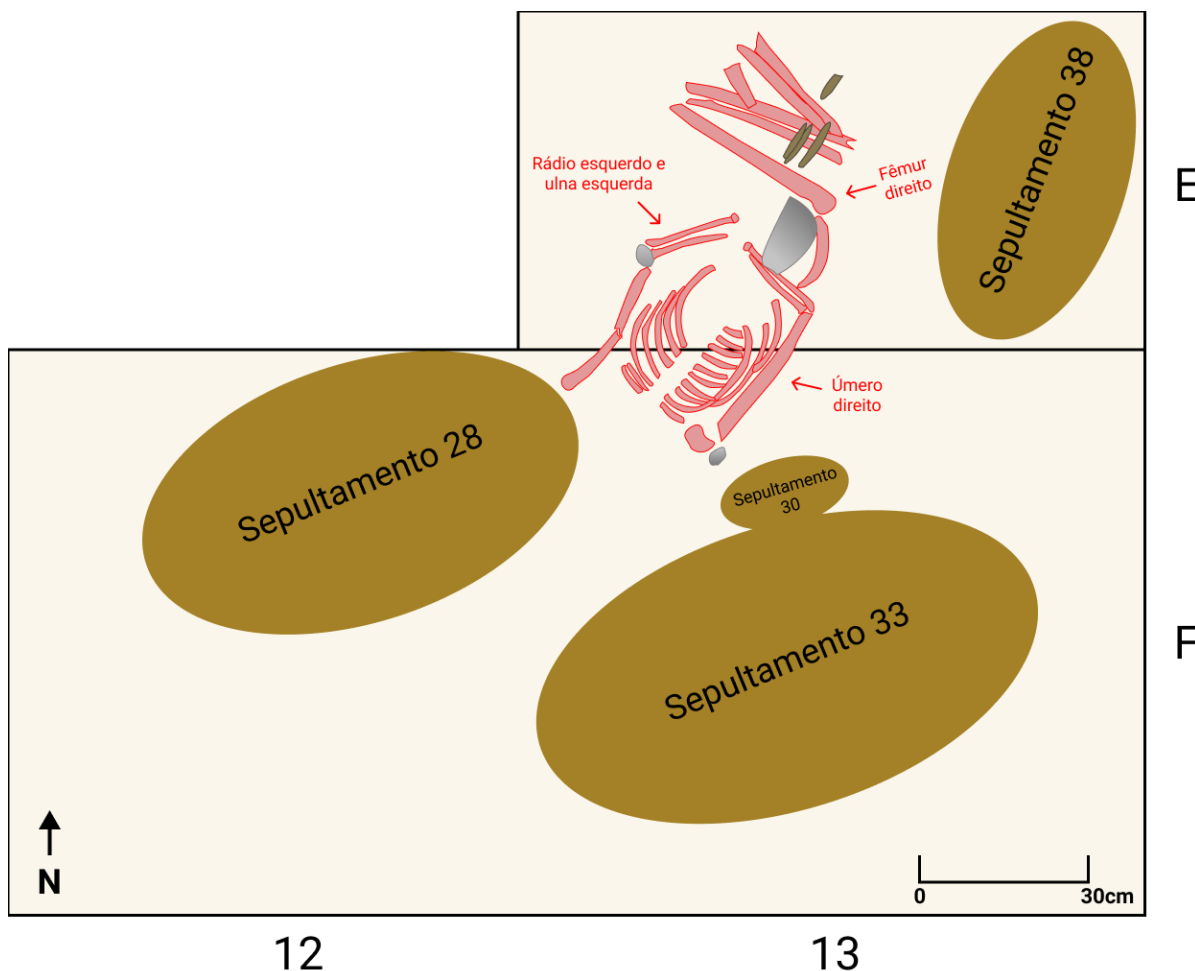


Figura 175 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 26 - Desenho digital baseado no croqui final da escavação das quadras E13 (parcialmente), F13 e F12. Na imagem é possível observar o esqueleto totalmente exposto e a posição dos membros in situ. O crânio do indivíduo, ausente no croqui original, foi retirado antes do restante do corpo.

Análise em laboratório

Os sepultamentos 26 estava armazenado em uma caixa de papelão de 35 x 25 x 12 cm. O material solto estava acondicionado em sacos plásticos fechados com arames plastificados. Já os blocos foram armazenados em sacos plásticos transparentes abertos. Nos pacotes, haviam ossos correspondentes a um indivíduo, mas com a presença de dois crânios. Com base nos dados disponíveis no diário de campo e imagens disponíveis do material em campo e em laboratório, estima-se que o segundo crânio corresponde ao Sepultamento 28, localizado próximo ao indivíduo 26. Portanto, embora estejam presentes partes de dois indivíduos, não se trata de um enterramento duplo.

O processo de curadoria do Sepultamento 26 foi iniciado e finalizado no ano de 2020. Os fragmentos de ossos soltos foram lavados em água corrente, limpos com o auxílio de uma escova de cerdas macias e posteriormente secados em área ventilada e afastada da luz solar. Já

o protocolo adotado para os blocos foi o uso de spray d'água para a dissolução do sedimento. Após essa etapa, todos os fragmentos retirados seguiram as etapas descritas anteriormente. Durante esse processo, o grau de conservação do esqueleto foi considerado regular, tendo sido possível remontar boa parte dos ossos presentes, inclusive o crânio (figura 176). Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. Entre elas, o “achatamento” dos ossos ocasionada pela pressão do sedimento sobre o esqueleto, quebras *post-mortem*, sinais de atividade fúngica e estrias causadas por bioturbações de raízes.



Figura 176 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 26 – Fotos de partes do sepultamento 26 após a finalização do processo de curadoria. A) crânio do sepultamento 26, utilizado para estimativa de sexo e idade. B) tíbia esquerda do indivíduo em bom estado de conservação, com exceção das epífises. C) mandíbula do sepultamento 26. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Na região da diáfise do fêmur direito do indivíduo foi observada a presença de uma estria em formato de “ziguezague” (figura 177). Essa alteração derivou, possivelmente da atividade de raízes sobre a superfície do osso, o que indica a presença de bioturbação desses agentes na região onde estava depositado o esqueleto.



Figura 177 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 26 – Fêmur direito. A) fêmur direito, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. B) fotografia da região da diáfise do osso, onde se destaca a presença uma estria em formato de “zigzag”, que percorre boa parte da superfície óssea. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Manchas ocasionadas por atividade fúngica foram observadas em apenas um osso do esqueleto. Na região do corpo da clavícula esquerda foram observados pequenos pontos pretos dispersos sobre o osso. Ainda que presentes, os sinais de atividade desses agentes não se mostraram intensivos (figura 178).



Figura 178 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 26 – Clavícula esquerda. A) clavícula esquerda, vista superior, extremidade distal a direita na foto. B) imagem do corpo da clavícula, próximo a epífise distal do

osso, onde se observa pequenos pontos pretos esparsos sobre a superfície do osso. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.27 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 27

O Sepultamento 27 do sítio Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2008 e estava localizado na quadra F11 (figura 179), no nível II Médio Inferior B. A profundidade inicial do esqueleto para a região do crânio foi de - 0,93 m. Já a cota final para o fundo da cova foi de - 1,10 m. Imediatamente ao lado do Sepultamento 27 estava o Sepultamento 24. Esse esqueleto, todavia, estava depositado 13cm acima do indivíduo 27. Ainda que próximos, a deposição do Sepultamento 24 não perturbou o Sepultamento 27.

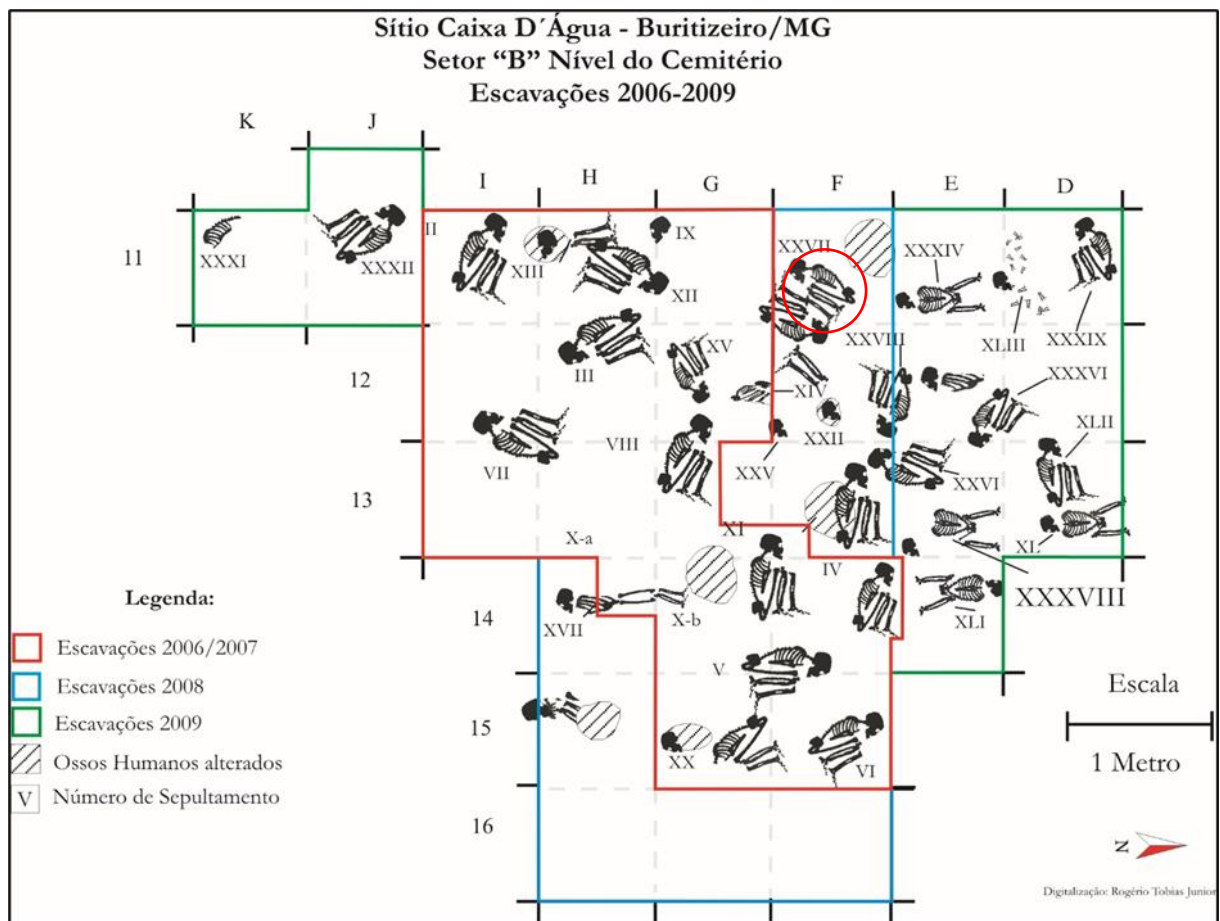


Figura 179 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 27 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do sepultamento

O Sepultamento 27 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi sepultado imediatamente ao lado do Sepultamento 24. Durante as escavações, foi descrito que os sepultamentos aparentavam ser contemporâneos, sobretudo devido a inexistência de perturbações no

Sepultamento 27 para a deposição do 24 (mais recente). Além disso, a estrutura de blocos de arcócio presente nas quadras F11 e F12 parecia cobrir ambos os esqueletos (figura 180).



Figura 180 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27 – Imagens das exposições Sepultamento 27, próximo ao Sepultamento 24. A) início da exposição da estrutura de blocos de pedra onde depositado o Sepultamento 24. O círculo vermelho indica a região onde estava localizado o Sepultamento 27. B) evidência do Sepultamento 24, localizado abaixo dos blocos. O círculo vermelha indica a região onde estava localizado o Sepultamento 27. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Data das fotos: 2008.

O Sepultamento 27 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo de sexo feminino e idade de morte estimada de >20 anos. Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto foram consideradas boas. Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre. O corpo estava orientado no sentido sudeste → nordeste (crânio → bacia) e com a face voltada para sudoeste. O esqueleto estava articulado, fletido, em decúbito lateral direito. As pernas estavam fletidas sobre a bacia. O braço direito estava parcialmente fletido, com a mão repousando sobre a bacia. Já o braço esquerdo estava fletido sobre o tórax do esqueleto (figura 181). Não foi descrita a presença de acompanhamentos funerários junto ao Sepultamento.

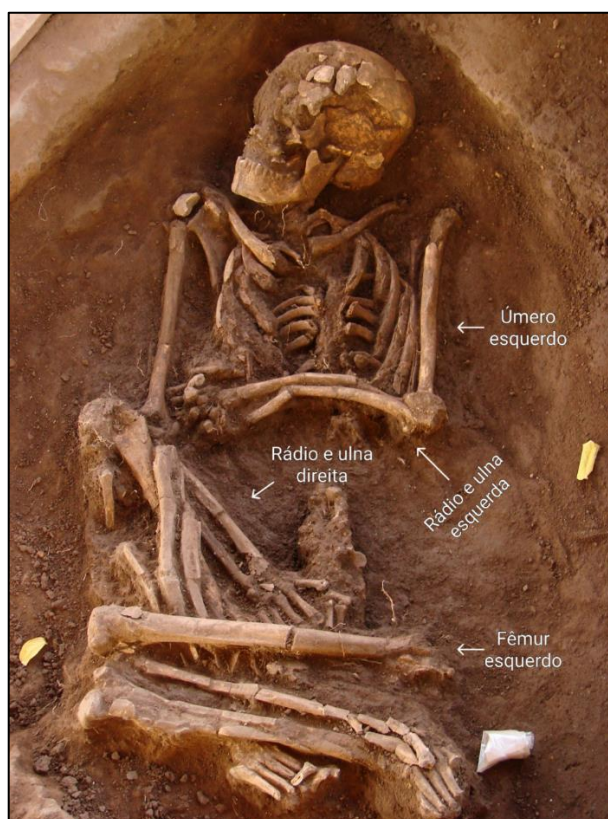


Figura 181 – Sítio arqueológico Caixa D'água. Sepultamento 27 – Imagem da exposição total do Sepultamento 27. Foto após a retirada dos localizados acima do Sepultamento 27 e 24. Na imagem, é possível observar a posição dos membros do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografia tirada em 2008.

Modo de enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 27 do sítio arqueológico de Caixa D'Água indicam um enterro primário e simples (figuras 182 e 183). Embora não descrita a presença de acompanhamentos funerários, há a possibilidade de que houvesse uma estrutura ou artefato de material perecível na região entre a bacia e o tórax do indivíduo.

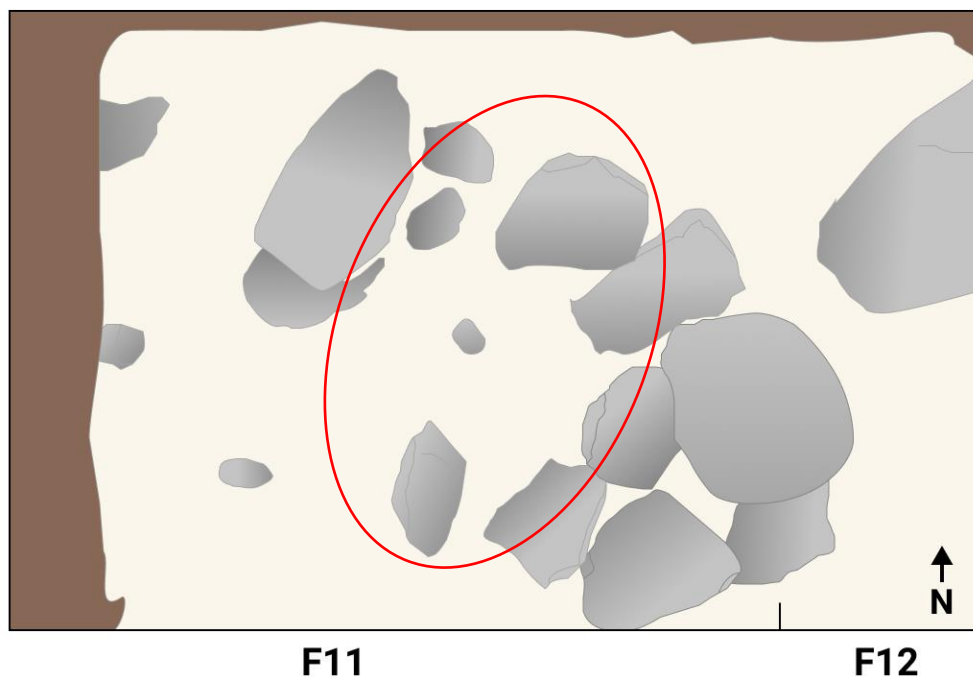


Figura 182 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27 - Desenho digital baseado na fotografia (A na figura 180) de exumação do Sepultamento 24. Na imagem, é possível observar a estrutura de blocos de pedra que estava acima dos esqueletos. O círculo vermelho indica a região em que o Sepultamento 27 estava depositado.

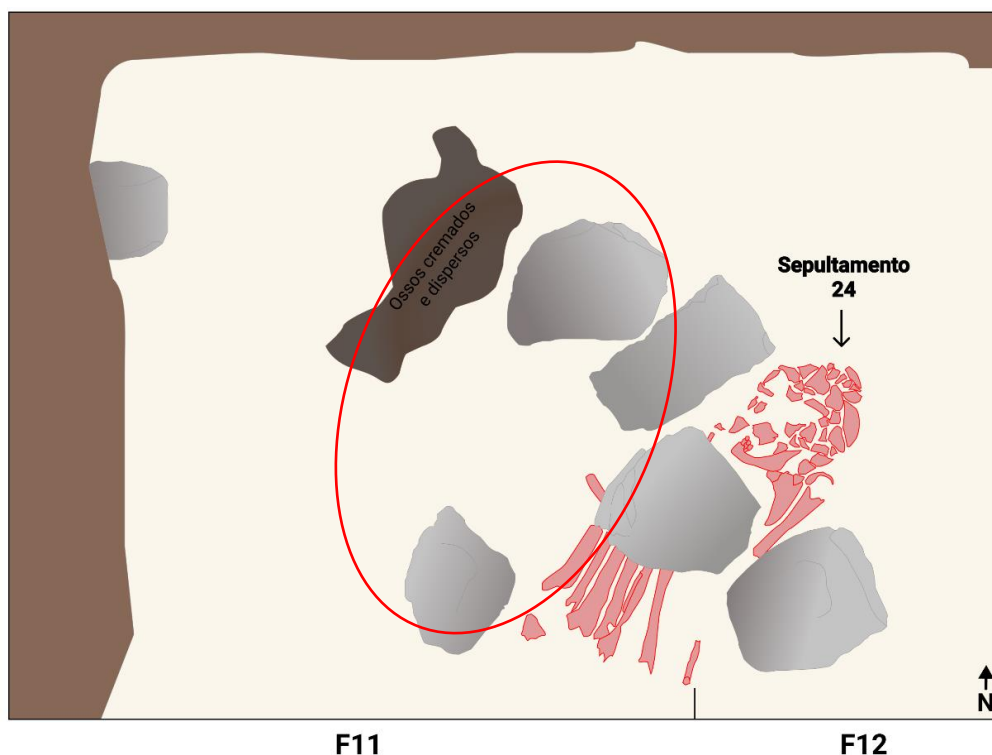


Figura 183 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27 - Desenho digital baseado na fotografia (B na figura 180) de exumação do Sepultamento 24. Na imagem, é possível observar o esqueleto 24 parcialmente exposto, o bloco de arcócio acima da caixa torácica e a estrutura de ossos cremados. O círculo vermelho indica a região em que o Sepultamento 27 estava depositado.

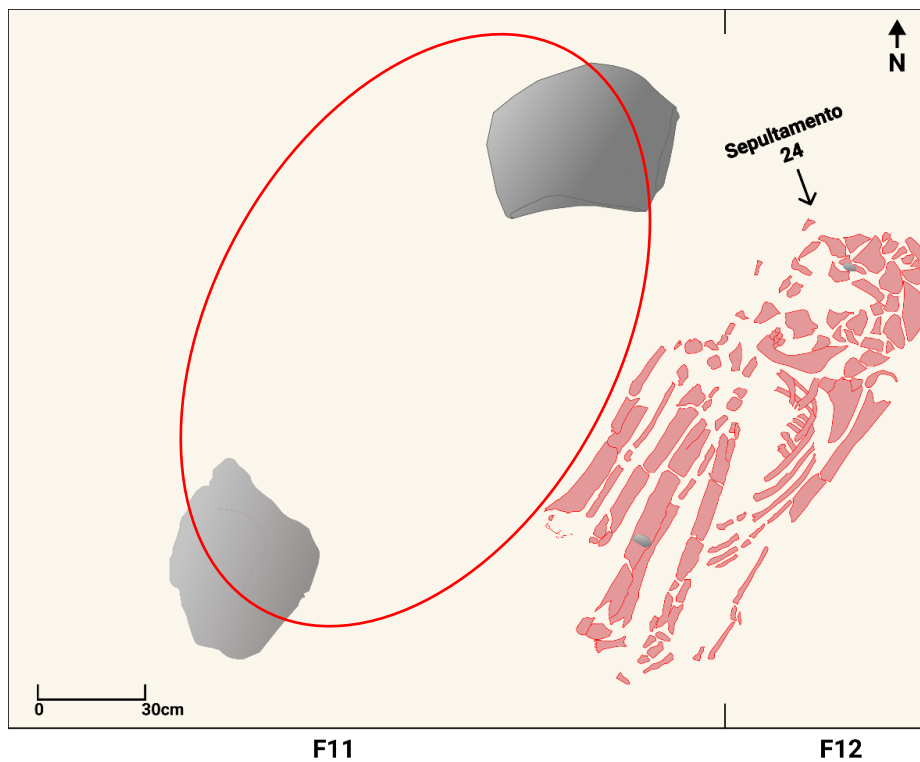


Figura 184 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27 - Desenho digital baseado no croqui de exumação do Sepultamento 24. Na imagem é possível observar a posição do esqueleto 24. O círculo vermelho indica a região em que o Sepultamento 27 estava depositado.

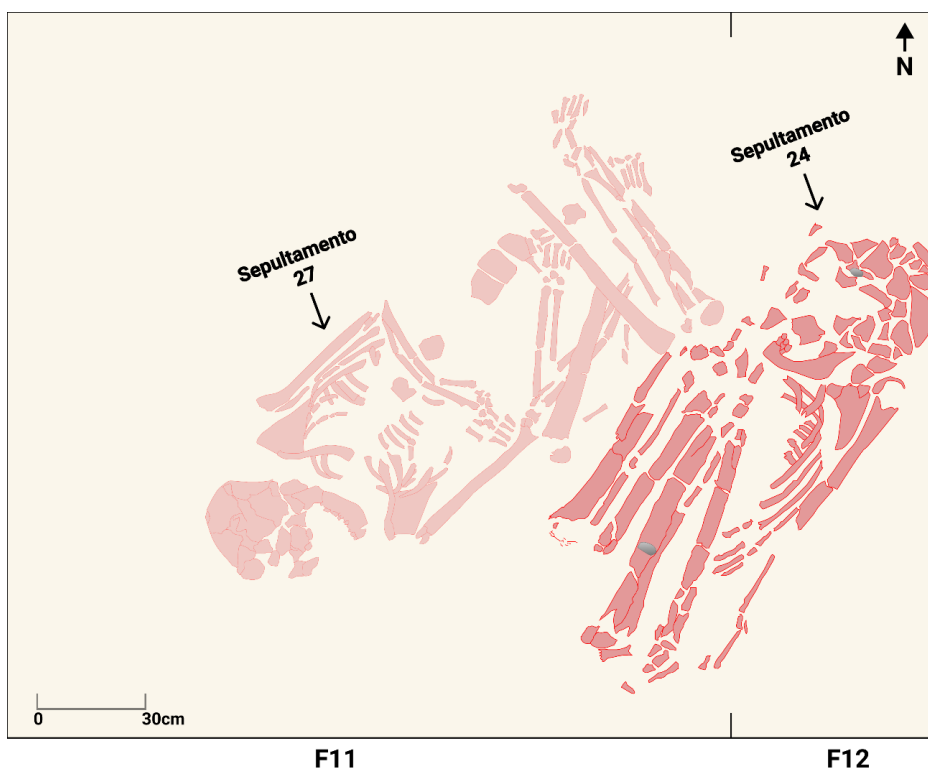


Figura 185 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27 - Desenho digital baseado nos croquis de exumação do Sepultamento 24 e 27. Na imagem é possível observar a posição do esqueleto 24 e, 19 cm abaixo, o indivíduo 27.

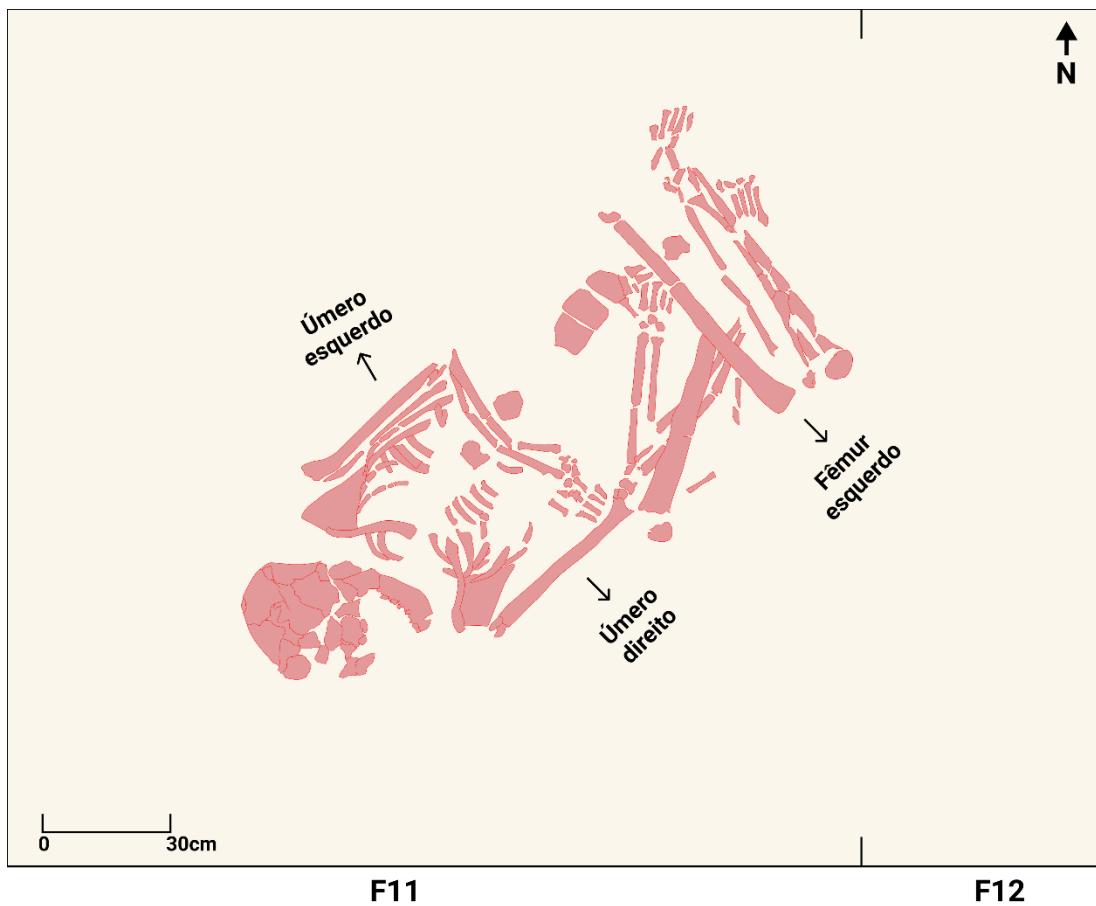


Figura 186 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação do Sepultamento. Na imagem é possível observar o esqueleto totalmente exposto e a posição dos membros in situ.

Análise em laboratório

Os sepultamentos 27 estava armazenado em uma caixa de papelão de 35 x 25 x 12 cm. O material solto estava acondicionado em sacos plásticos fechados com arames plastificados. Já os blocos foram armazenados em sacos plásticos transparentes abertos. O processo de curadoria do Sepultamento 27 foi iniciado e finalizado no ano de 2019. Os fragmentos de ossos soltos foram lavados em água corrente, limpos com o auxílio de uma escova de cerdas macias e posteriormente secados em área ventilada e afastada da luz solar. Já o protocolo adotado para os blocos foi o uso de spray d'água para a dissolução do sedimento. Após essa etapa, todos os fragmentos retirados seguiram as etapas descritas anteriormente. Durante esse processo, o grau de conservação dos ossos foi considerado bom. O esqueleto estava parcialmente completo, com parte expressiva dos ossos longos em boas condições tafonômicas (figura 187). Já porções anatômicas como a bacia, escápulas e coluna vertebral não se mostraram presentes ou em boas condições. O crânio, embora extremamente fragmentado, pôde ser parcialmente remontado.



Figura 187 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27 - Fotos de partes do sepultamento 27 após a finalização do processo de curadoria. a) mandíbula do indivíduo utilizada para estimar sexo. b) clavícula esquerda do indivíduo em bom estado de conservação. c) ulna direita do sepultamento 27 **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Análises tafonômicas foram realizadas em laboratório no ano de 2021. Os resultados não indicaram a presença de alterações que estivessem diretamente relacionadas ao tratamento funerário (e.g. marcas de corte, queima, quebra). Apenas modificações relacionadas a processos pós-deposicionais foram identificadas. Entre elas, o “achatamento” dos ossos ocasionada pela pressão do sedimento sobre o esqueleto, quebras *post-mortem*, sinais de atividade fúngica, estrias e ranhuras causadas na superfície do osso e danos gerados por cupins.

As alterações tafonômicas mais evidentes foram as marcas causadas por atividade fúngica, assinaladas em dois ossos do indivíduo. Na escápula esquerda, foi observada a presença de manchas pretas em três fragmentos. Já no úmero esquerdo, foram encontrados pequenos pontos pretos distribuídos sobre a diáfise do osso e próximo da área fragmentada, onde estaria localizada a epífise proximal (figura 188).

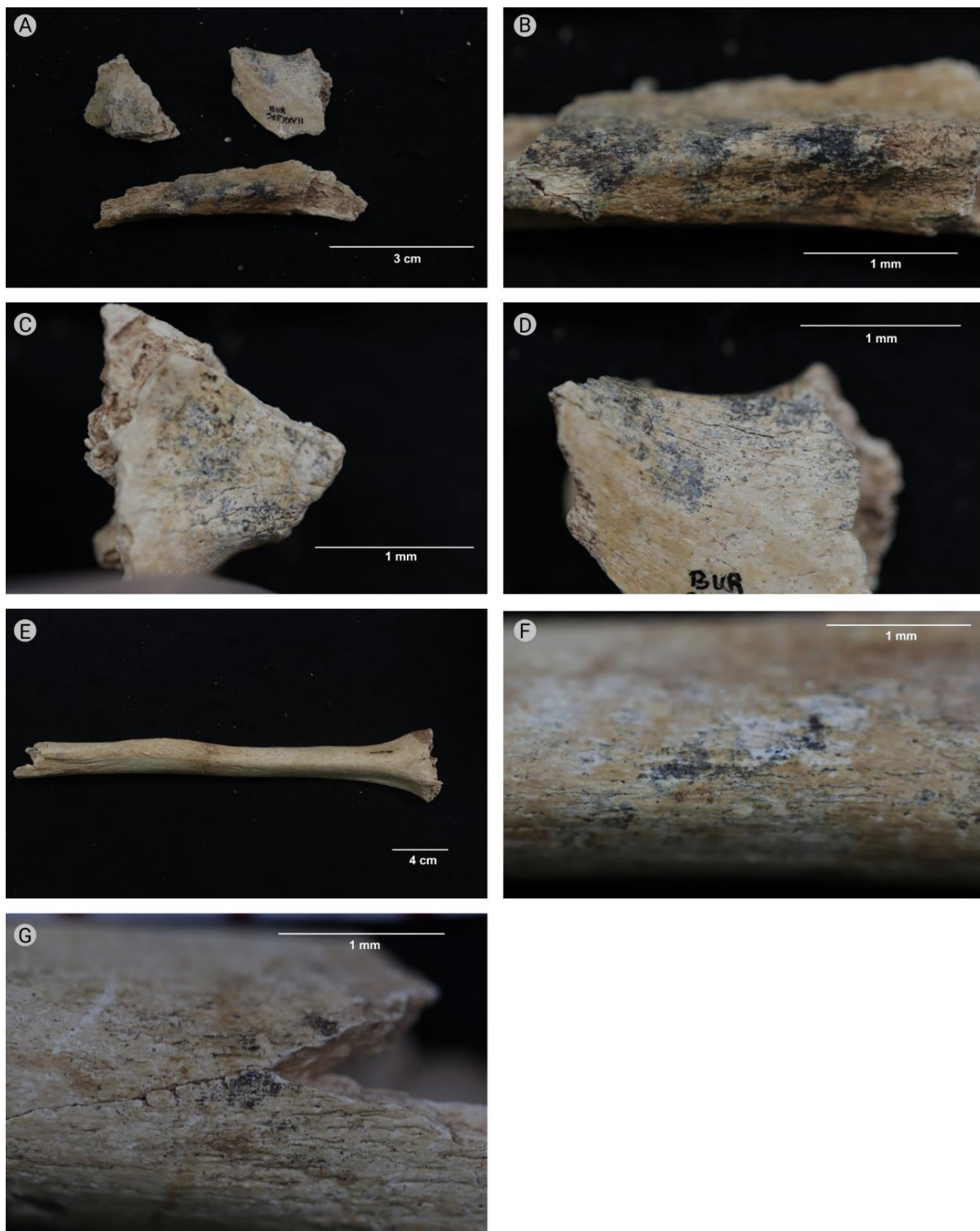


Figura 188 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 27 – Ossos do Sepultamento 27 que apresentaram sinais de atividade fúngica. A) escápula esquerda, vista e extremidades não identificadas. B, C e D) imagens em detalhe dos ossos de escápula esquerda onde se observa a distribuição dos pontos pretos sobre a superfície dos fragmentos. E) úmero esquerdo, vista anterior, extremidade distal a direita na foto. F e G) regiões da diáfise do osso onde foram identificadas marcas de atividade fúngica em pequenas quantidades. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Em alguns ossos longos foi observada a presença de “ranhuras” ou cortes na superfície óssea que parecem se tratar de uma atividade *post-mortem* e não relacionada com o ritual

fúnebre. No fêmur direito foi identificada a presença de uma pequena estriação profunda que cobria parte da diáfise do osso. As características indicam se tratar de um dano causado por bioturbação de raízes na superfície do osso. Já na fíbula e tíbia direita, foram observadas pequenas ranhuras sobre a superfície óssea (figura 189).



Figura 189 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27 – Ossos longos onde foi observada a presença de estriações ou ranhuras na superfície. A) fêmur direito, vista posterior, extremidade distal a direita na foto. B) região da diáfise do osso em que há uma pequena estriação na superfície ocasionada pela atividade de raízes na área em que o Sepultamento estava depositado. C) fíbula direita, vista lateral, extremidade distal a direita na foto. D) imagem em detalhe da região próxima a área fragmentada da diáfise da fíbula em que se observa uma pequena ranhura na superfície do osso. E) tíbia direita, vista posterior, extremidade proximal a direita na foto. F) área a diáfise do osso, onde se observa pequenas ranhuras que se distribuem sobre quase toda a superfície. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

Danos causados possivelmente por cupins foram observados apenas em um osso do crânio do esqueleto. Em um fragmento de parietal e occipital, de lateralidade não identificada, havia um túnel com estriações subparalelas no seu entorno, produzidos pela perfuração do osso pelos insetos (figura 190).

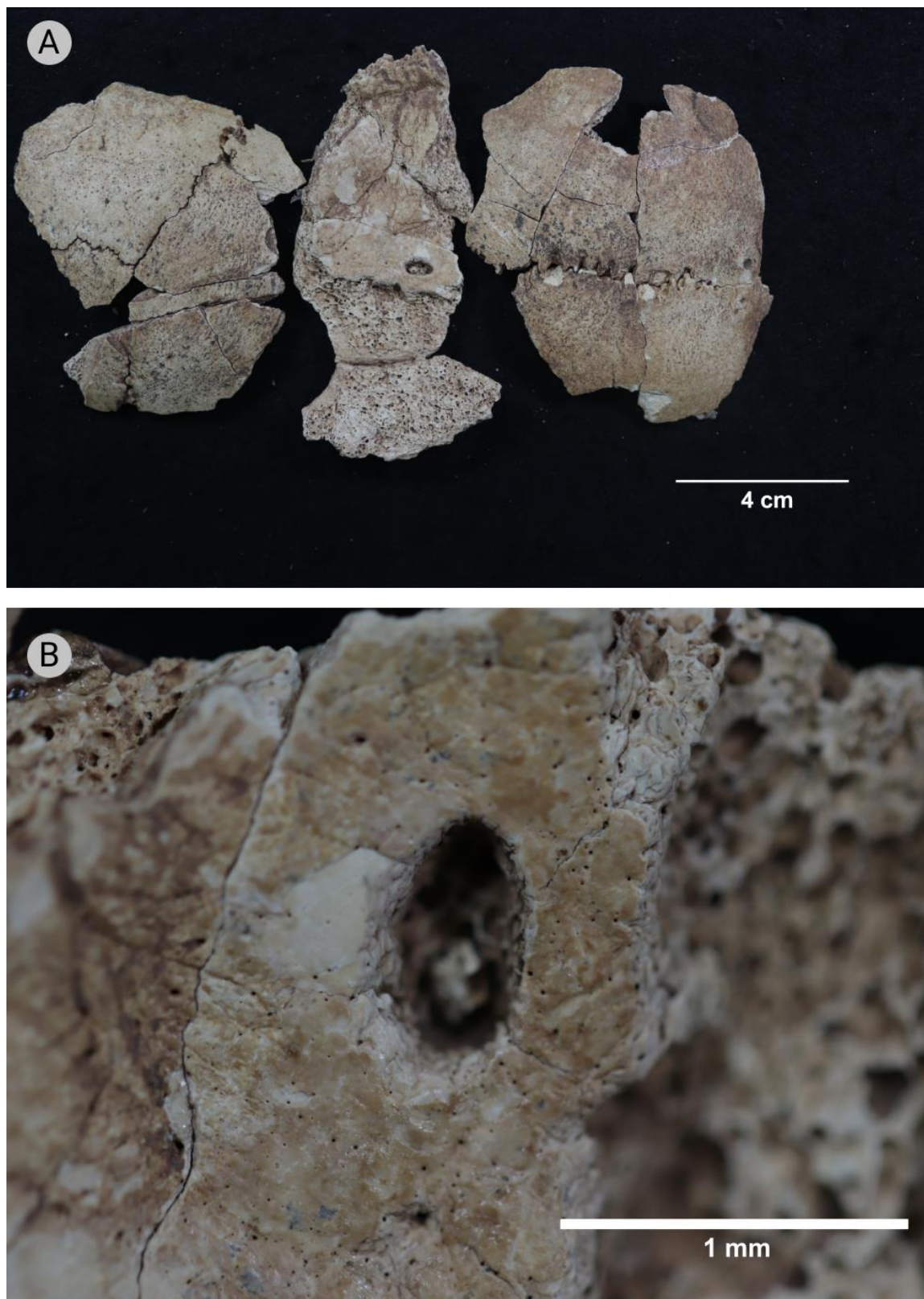


Figura 190 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 27 – Fragmentos de crânio onde foi identificada a presença de danos causados por cupins. A) fragmentos de parietal/occipital, lateralidade não reconhecida. B) imagem em detalhe do túnel causado pelas atividades de cupins no osso, onde se observa as pequenas estriações subparalelas em seu entorno. **Créditos:** Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva.

7.28 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 28

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 28 do sítio Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2009 e estava localizado nas quadras F12 e E12 (figura 191), no nível II Médio. A profundidade inicial do esqueleto foi de -0,90m (local não identificado). Já a cota final para a região da bacia, centro e crânio foi de, respectivamente, -1,15 m, -1,11 m e -1,08 m. Imediatamente ao lado do Sepultamento 28 estava o Sepultamento 26. O crânio do indivíduo 28 estava localizado abaixo da bacia do esqueleto 26. Ainda que próximos, ambos os sepultamentos não estavam perturbados.

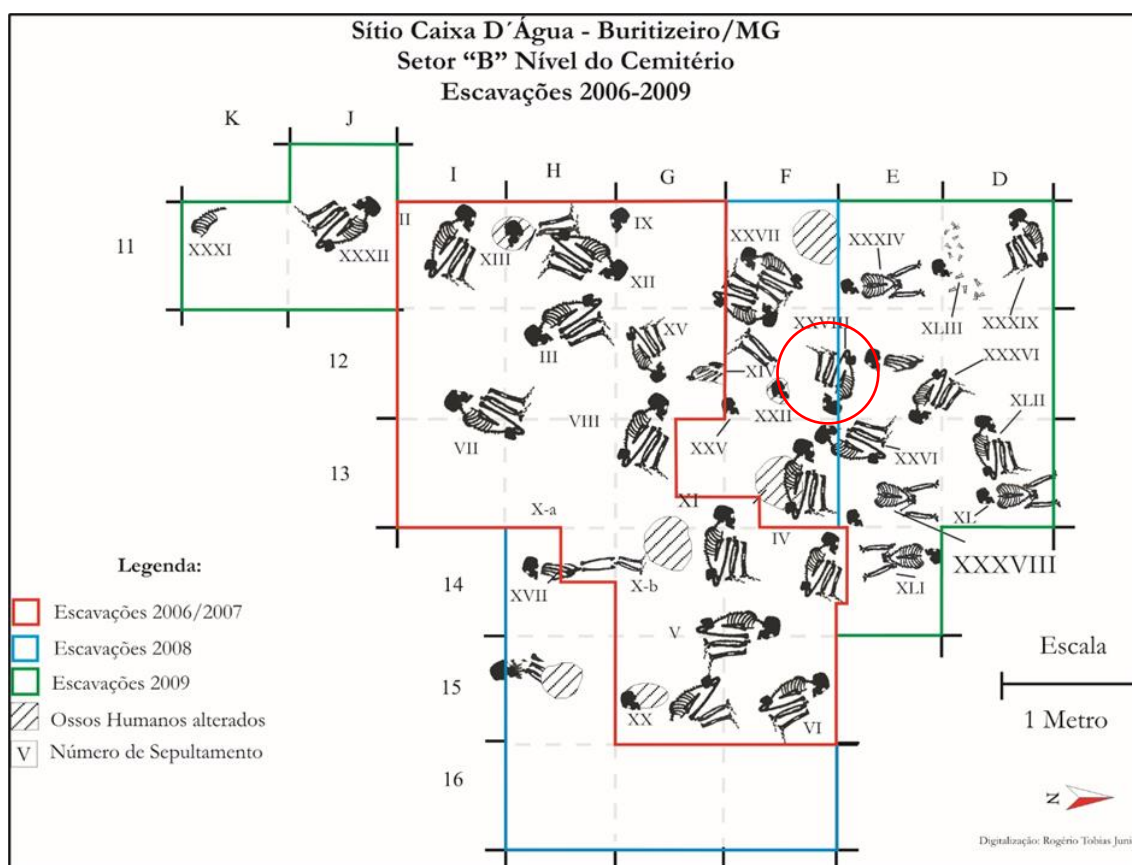


Figura 191 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 28. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 28 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 28 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo adulto, sem idade e sexo estimado. Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto foram consideradas boas. O corpo estava orientado no sentido leste → oeste (crânio → bacia) e com a face voltada para sudoeste. O esqueleto estava articulado, fletido, em decúbito

lateral esquerdo. As pernas estavam fletidas em direção ao tórax do indivíduo. Os pés foram perturbados, possivelmente para a deposição do que foi chamado de “Sepultamento 29” nas documentações de campo (imagem A da figura 192). O braço direito estava parcialmente fletido e acomodado entre as pernas do esqueleto. Já o braço esquerdo foi encontrado totalmente fletido, em direção ao crânio, com a mão apoiada o lado esquerdo da mandíbula (imagem B da figura 192).



Figura 192 – Sítio arqueológico Caixa D’água. Sepultamento 28 – Imagens do esqueleto in situ. A) imagem do processo de exumação do Sepultamento 28 com o esqueleto quase totalmente exposto, evidenciando a posição dos membros. O círculo vermelho destaca a região perturbada do Sepultamento, onde estariam os ossos dos pés do indivíduo. B) imagem em detalhe da parte superior do Sepultamento 28. Na fotografia, é possível observar a mandíbula do indivíduo apoiada sobre a mão esquerda. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre no indivíduo. Todavia, nas documentações de campo é descrito que abaixo do esqueleto foram encontradas pequenas concentrações de pigmento vermelho. Entretanto, não foram encontradas imagens desse pigmento *in situ*, nem especificado se se trata de uma aplicação intencional de corante. Abaixo das costelas foi encontrado carvões em grande quantidade e alguns ossos queimados que não pareciam pertencer ao indivíduo 28 (figura 193).



Figura 193 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 28 – Imagens do esqueleto *in situ*. A) foto do esqueleto parcialmente exumado. Os círculos vermelhos indicam as regiões onde foram encontradas concentrações de carvão/ossos queimados. B) foto da região das costelas do esqueleto. As setas pretas indicam os carvões/ossos queimados. C) foto da porção superior do sepultamento. A seta preta, abaixo da ulna esquerda, indica a presença do osso queimado. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Nas documentações de campo referentes ao Sepultamento 28, não é descrita a evidenciação de uma delimitação da cova funerária. O espaço ocupado pelo esqueleto também não pôde ser especificado. Ainda que seja comum a utilização de blocos de arcósio para a

demarcação e delimitação de sepultura no sítio Caixa D'água, não foram encontradas informações sobre o seu uso no Sepultamento 28. Blocos de pedra, todavia, foram encontrados associados ao esqueleto. Nas descrições de campo consta que havia um bloco de arcósio depositado acima do crânio. Entretanto, não foram encontradas fotografias de campo que indicassem a presença do artefato. Outro bloco, verticalizado, estava depositado próximo as pernas do indivíduo (figura 194). A região da articulação fêmoro-patelar estava sobre o bloco mergulhado, o que fez com que os ossos das pernas se quebrassem com o processo tafonômico.

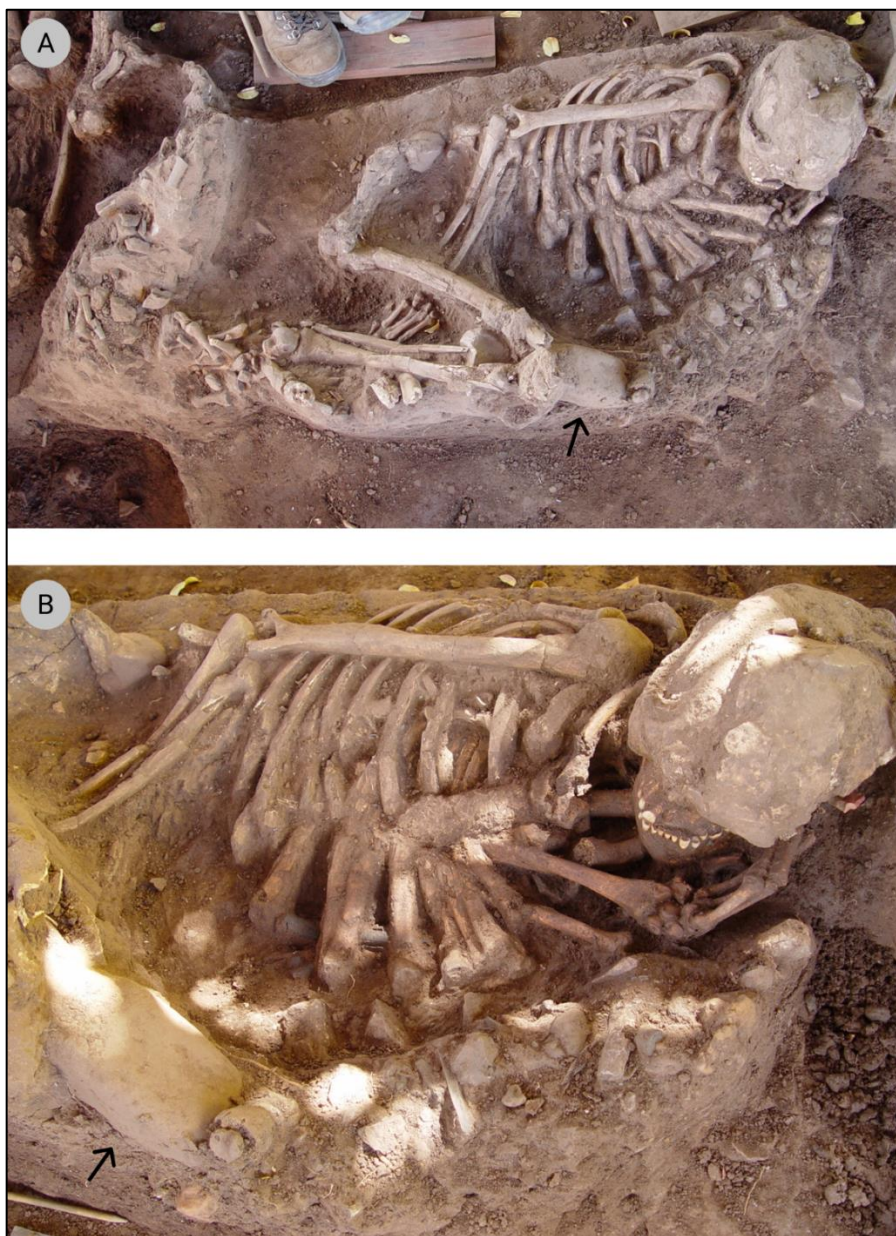


Figura 194 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 28 – Imagens do esqueleto in situ. A) foto da exumação do esqueleto. A seta preta indica a localização do bloco próximo as pernas do indivíduo. B) fotografia da porção superior do esqueleto, onde é possível observar em maior detalhe o bloco próximo as pernas do indivíduo. A seta preta indica a localização do bloco. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Próximo da bacia do indivíduo havia uma concentração de ossos cremados, em conjunto com peças líticas também queimadas (figura 195). Embora os ossos e artefatos presentes estivessem queimados, nenhum carvão vegetal foi encontrado na estrutura. Segundo descrições de campo esse conjunto pode ter sido cremado em outro local e depositado intencionalmente ao redor do Sepultamento 28. Os ossos apresentavam fraturas por flexão. As cores variavam de preto e branco e pareciam ter sido queimados e descarnados ainda verdes. As fraturas também apresentavam marcas de queima. Apesar de presentes nos cadernos de campo, tais características não puderam ser verificadas em laboratório, uma vez que esse material não pôde ser acessado.

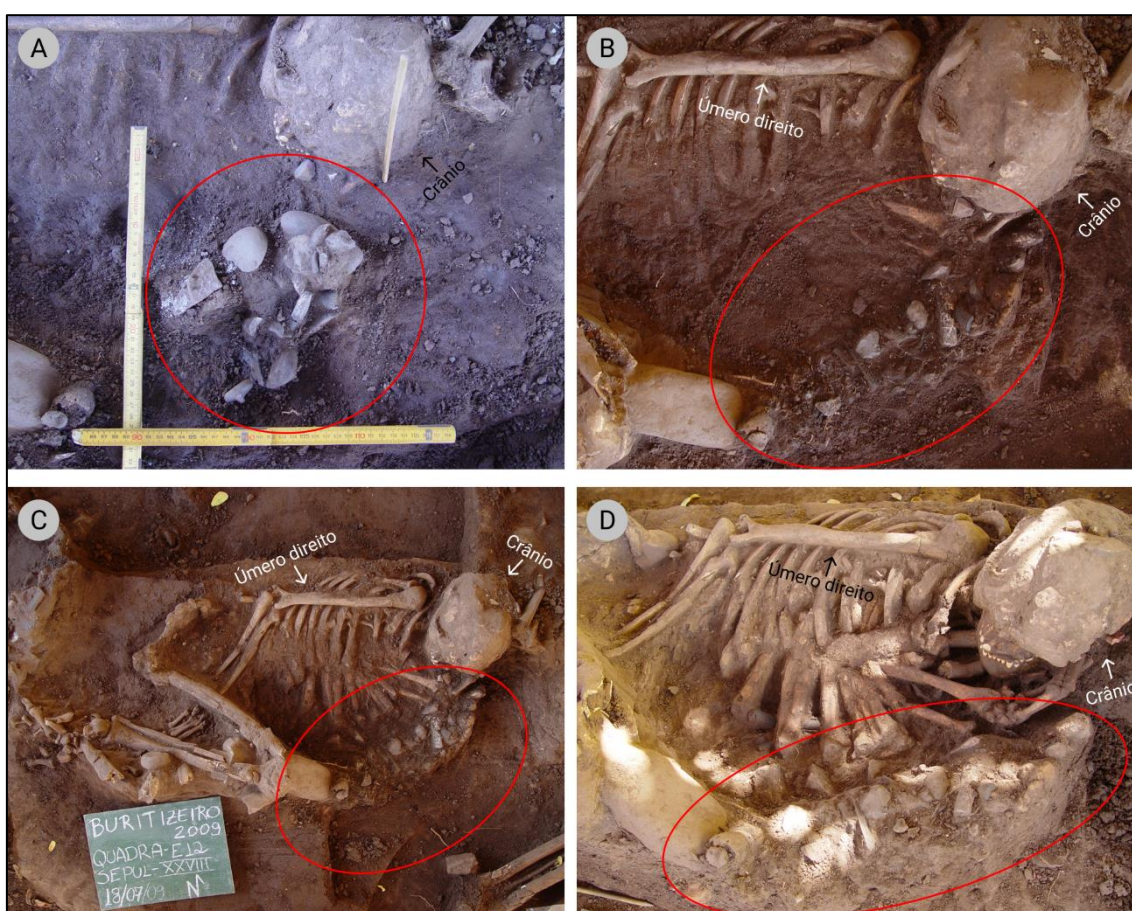


Figura 195 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 28 – Imagens A, B, C e D: fotos tiradas em campo onde é possível observar o processo de escavação da estrutura de ossos e líticas queimados. O círculo vermelho nas figuras indica a localização da estrutura e circundava a parte superior do Sepultamento 28. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Modo de enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 28 do sítio arqueológico de Caixa D'Água indicam um enterro primário e simples. Não foi possível determinar o contorno da cova ou alguma delimitação do corpo do indivíduo. Não foi descrita a presença de acompanhamentos

funerários, ainda que houvesse um bloco de arcósio polido próximo as pernas do esqueleto. Circundando a porção superior do sepultamento, na região sudeste, havia uma concentração de ossos humanos e artefatos líticos cremados (figura 196).

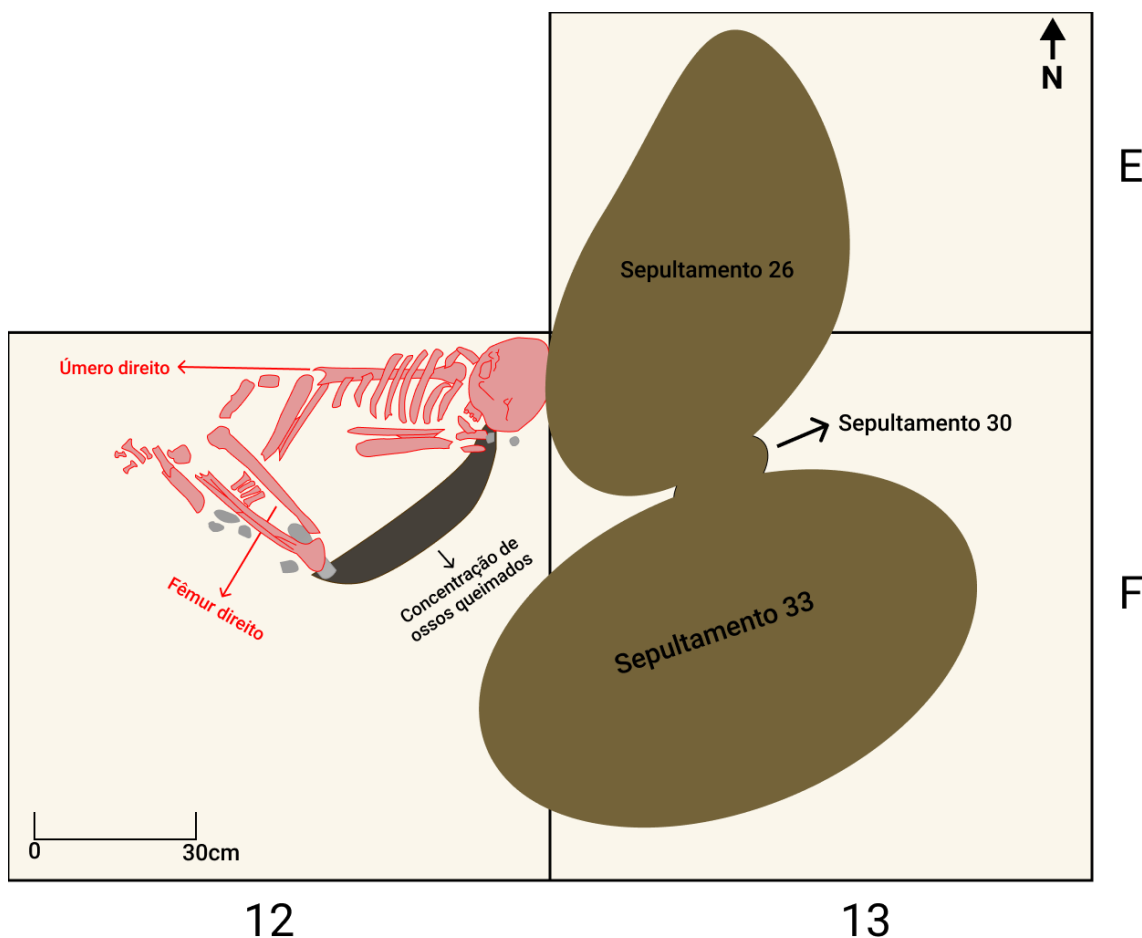


Figura 196 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 28 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação do Sepultamento. Na imagem é possível observar o Sepultamento totalmente exposto, a posição dos membros in situ, a localização das estruturas associadas ao esqueleto e os Sepultamentos próximos.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.28 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 29

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 29 do sítio Caixa D'Água foi escavado na campanha de 2009 e estava localizado na quadra F12 (figura 197), no nível II Inferior. A cota inicial do esqueleto foi de -1,01 m (local não identificado). Não foi possível obter as cotas finais para o esqueleto.

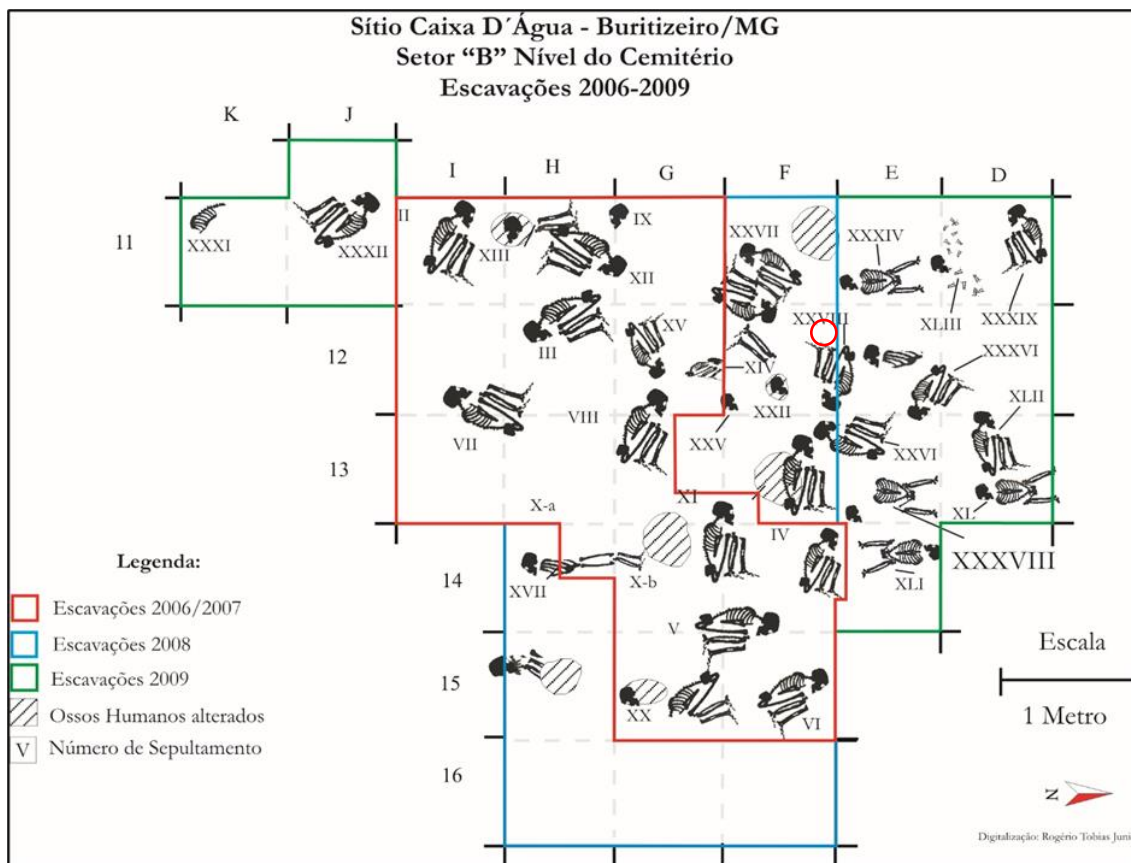


Figura 197 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 29. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização aproximada do Sepultamento 29 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do sepultamento

O Sepultamento 29 do sítio arqueológico Caixa D'água corresponde a uma concentração de ossos muito fragmentados das pernas e dos pés humanos. Os fragmentos estavam localizados na porção sudoeste e estavam misturados com os pés do indivíduo do Sepultamento 28. Não há fotografias ou croquis para o Sepultamento 29.

Modo de enterramento

Devido à ausência de informações, não foi possível inferir o modo de enterramento.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.30 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 30

Localização espacial e estratigráfica

Escavado na campanha de 2009, o Sepultamento 30 de Caixa D'Água estava depositado na quadra F13, no nível II Inferior (figura 198). As cotas iniciais associadas ao bloco localizado acima do Sepultamento e dos ossos longos aparentes eram de, respectivamente, -1,03 m e -1,12 m. Já as cotas finais da exumação foram tiradas dos pontos cardeais da sepultura, sendo eles: -1,22 m (sudoeste); -1,22 m (noroeste); -1,20 m (sudeste) e -1,20 m (nordeste). Não foi possível determinar os limites da cova funerária. Imediatamente acima do Sepultamento 30 estava depositado o Sepultamento 33, no Nível II Médio.

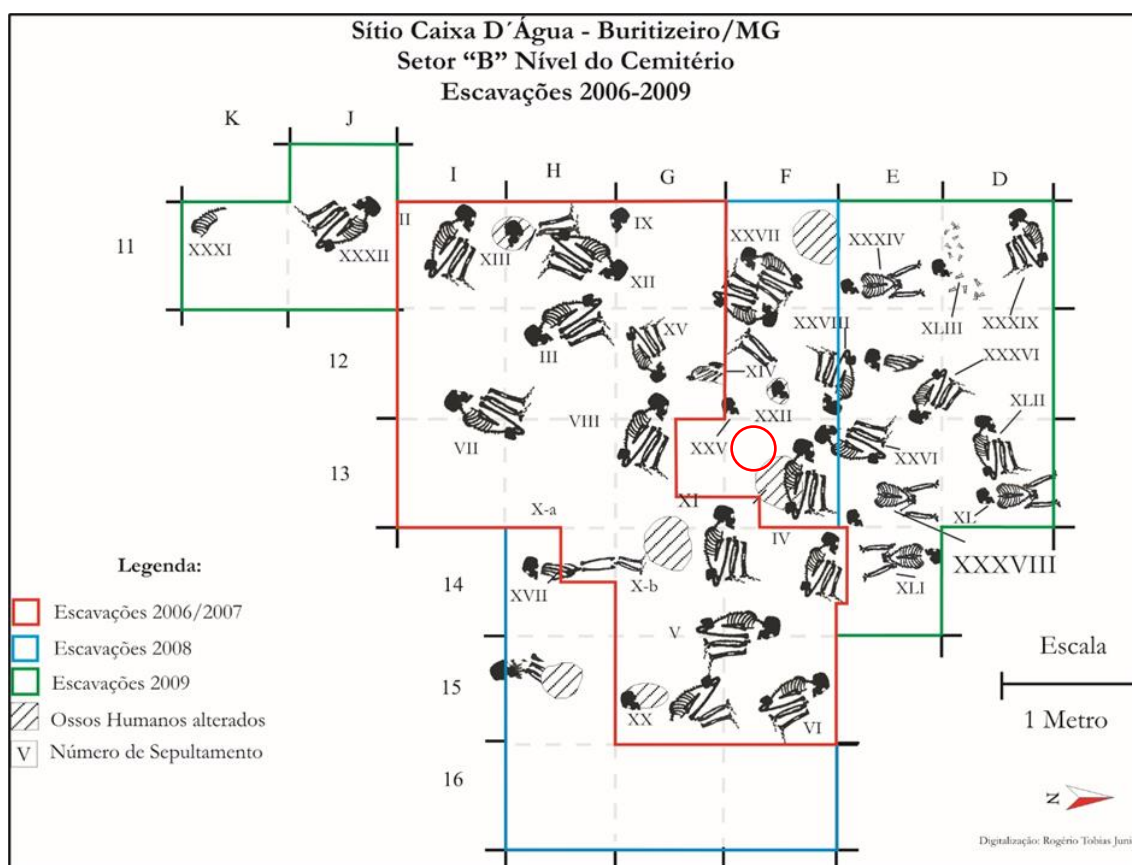


Figura 198 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização aproximada do Sepultamento 30 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 30 do sítio arqueológico Caixa D'Água foi encontrado em um grau de fragmentação elevado, o que impediu a identificação do número de indivíduos *in situ*. Devido a impossibilidade de se analisar o material em laboratório, não foi possível estimar o sexo e idade de morte dos remanescentes esqueléticos. Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto foram consideradas baixas. Ainda assim, foi possível identificar que boa parte dos ossos estavam depositados à sudeste da quadra F13. Fragmentos ósseos das pernas e dos pés

estavam concentrados na região sudeste, sendo que as falanges apontavam para noroeste. As costelas, embora muito fragmentadas, estavam orientadas para oeste. Fragmentos de ulna, rádio e úmero estavam orientados sentido sudeste -> noroeste (proximal -> distal). O esqueleto, desarticulado e fragmentado, estava depositado abaixo de um bloco de arcósio que circundava o Sepultamento 33 (figura 199).



Figura 199 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 30 – Imagem do Sepultamento in situ, onde é possível observar o Sepultamento 33 e, imediatamente abaixo, remanescentes esqueléticos fragmentados correspondentes ao Sepultamento 30. Na figura, nota-se a perturbação causada pela deposição, tanto do corpo do indivíduo do Sepultamento 33, quanto pelos blocos de arcósio que o acompanhavam, no Sepultamento 30. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre. Todavia, é descrito nos cadernos de campo que havia no Sepultamento, em formato de esferas, algumas concentrações de pigmento vermelho. Elas estavam concentradas na região onde estavam localizados fragmentos ósseos da coluna vertebral e das costelas. Conforme aumentou a profundidade da escavação, a pigmentação vermelha foi se espalhando em direção a sudoeste da quadra. Ainda segundo as documentações de campo, essas “manchas vermelhas” teriam sido causadas por cupins, que poderiam ter descido do nível estéril, de goethita e

hematita, até os níveis arqueológicos, e depositado o sedimento vermelho. Apesar de descrito nas documentações, não foram encontradas fotografias desse sedimento.

Na região onde estava depositado o Sepultamento 30 foi descrita a presença de inúmeros túneis de cupinzeiros. Tal atividade desses insetos contribuiu para a perturbação do Sepultamento. Além disso, também foi descrita a presença de raízes próximas aos ossos longos (fêmur e tíbia), adentrando-os e deixando-os mais sensíveis e fragmentados (figura 200).



Figura 200 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Imagem da quadra F13 após a retirada do Sepultamento 30. Na figura, é possível observar o buraco causado pelos cupins (seta vermelha) e a presença de raízes em várias regiões da quadra (setas brancas). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Nenhum acompanhamento funerário foi encontrado junto ao esqueleto. Entretanto, haviam alguns seixos e três fragmentos de ponta óssea ao redor da cavidade sepulcral. Contudo, não é possível afirmar que se tratavam de acompanhamentos dispersos no sedimento devido as perturbações. Além desses artefatos, também havia, imediatamente abaixo dos remanescentes

esqueletais, um bloco de arcósio polido e manchado com pigmento vermelho (figura 201). A relação dessa peça com o Sepultamento, entretanto, não foi esclarecida. Apesar de descritos na documentação de campo, não foram obtidas imagens desses artefatos *in situ*.

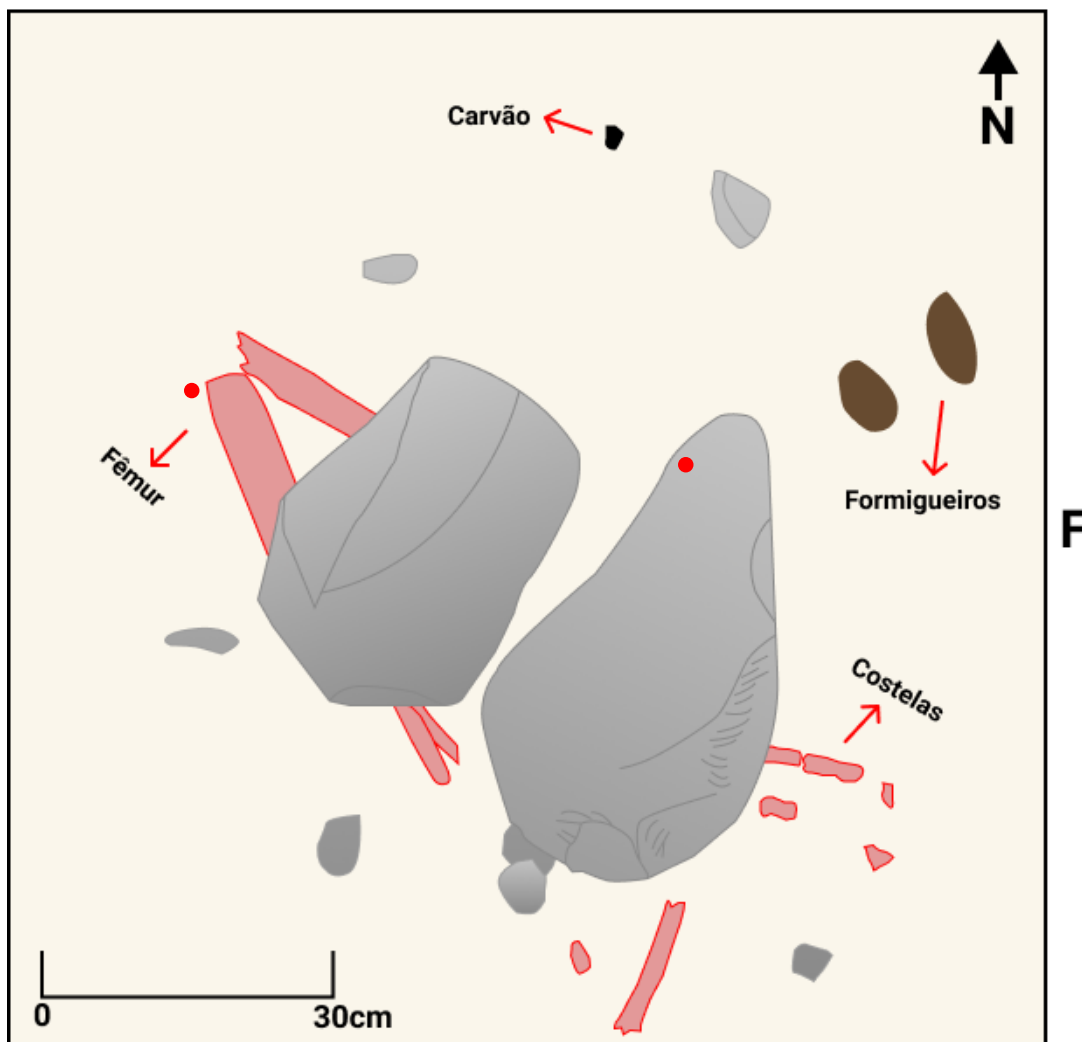


Figura 201 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Imagens do bloco de arcósio manchado com pigmentação vermelha, encontrado imediatamente abaixo dos remanescentes esqueletais do Sepultamento 30. A) figura do bloco, onde é possível observar a parte pigmentada. B) imagem em detalhe da pigmentação vermelha (setas pretas). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Modo de enterramento

Considerando o grau de fragmentação (figuras 202 a 208), a ausência dos remanescentes esqueletais para análise em laboratório e a impossibilidade de obter mais informações do Sepultamento *in situ*, não foi possível determinar o modo de enterramento.

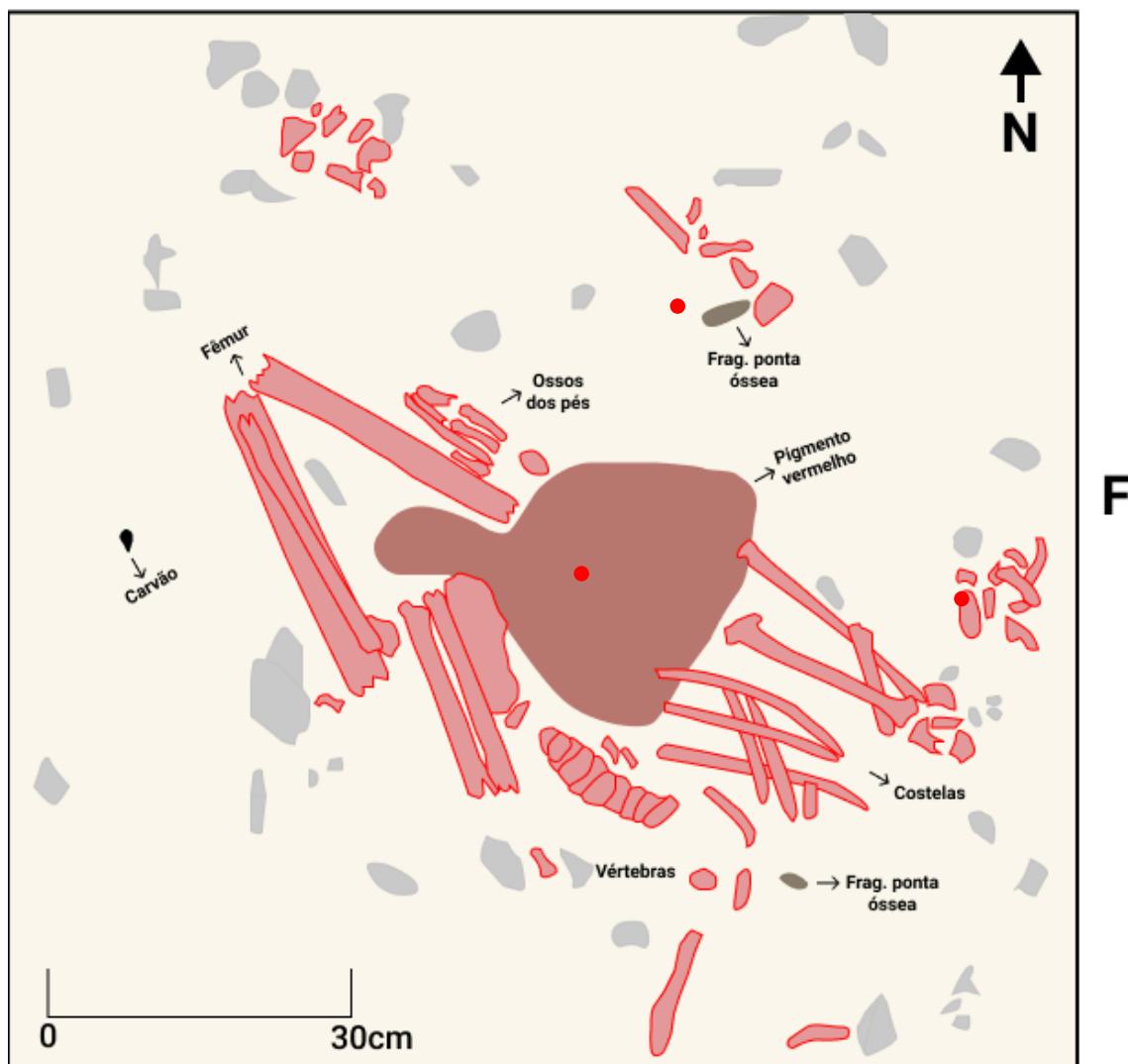
Sítio Caixa D'Água
Sepultamento 30
Nível II Inferior



13

Figura 202 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Inferior (cotas – pontos vermelhos. Bloco: - 1,03 m. Osso longo: - 1,12m). Na imagem é possível observar o início da evidência do Sepultamento 30, logo após a exumação do Sepultamento 33. Os remanescentes esqueléticos fragmentados estavam depositados imediatamente abaixo dos blocos de arcócio que circundavam o esqueleto do Sepultamento 33. Cotas/Pontos vermelhos – Bloco: - 1,03 m. Osso longo: - 1,12 m.

Sítio Caixa D'Água
Sepultamento 30
Nível II Inferior 2º retirada



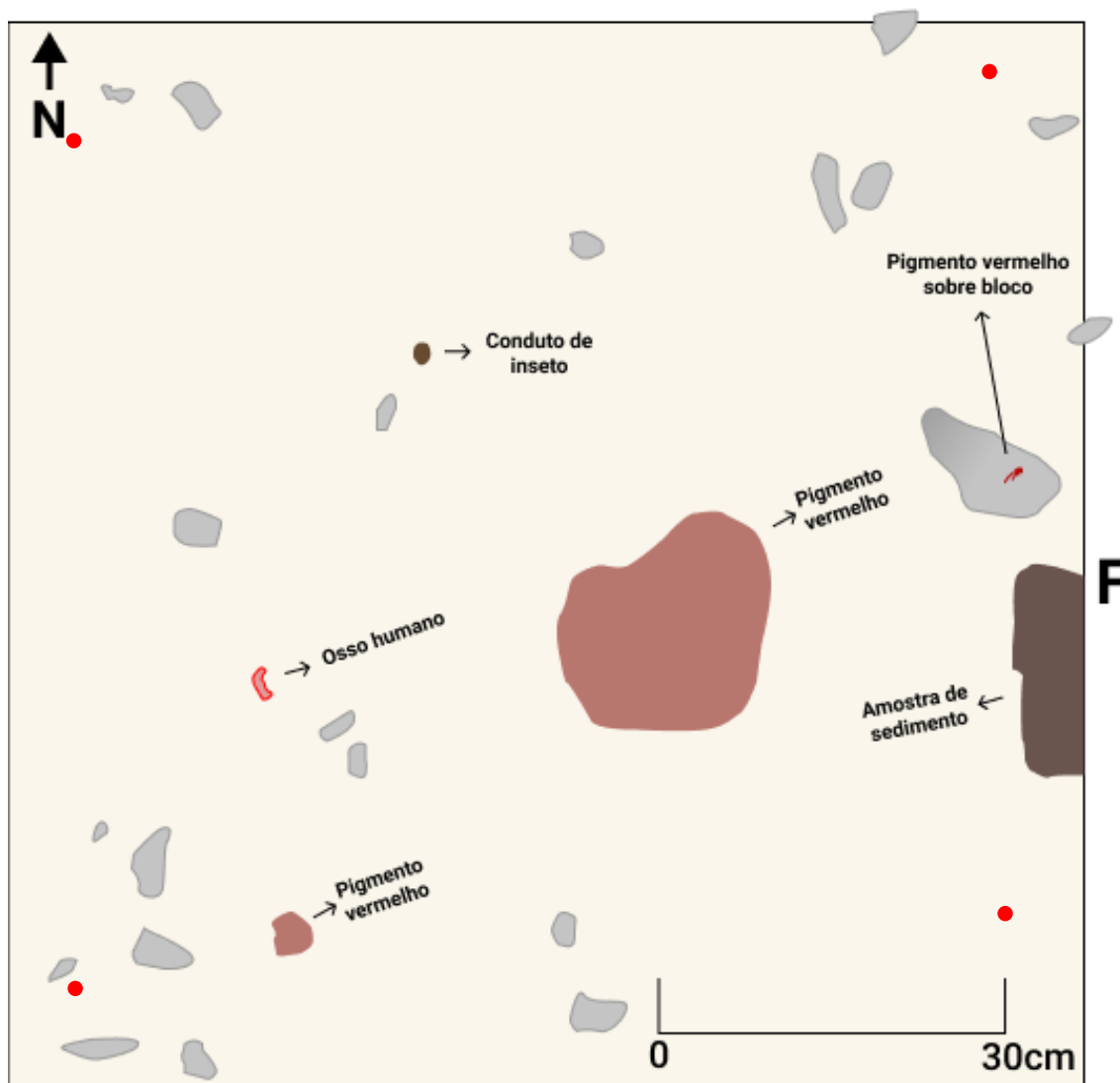
13

Figura 203 – Sítio arqueológico Caixa D'água. Sepultamento 30. Desenho digital baseado no croqui do Nível II Inferior 2º retirada. Na imagem, é possível observar a localização dos ossos do Sepultamento 30 após a retirada dos blocos de arcócio. No centro do Sepultamento, surge a mancha de pigmentação vermelha, entre os ossos longos das pernas e as costelas do indivíduo. No desenho, também se destaca o estado perturbado e fragmentado do esqueleto. Cotas/Pontos vermelhos – Pigmento vermelho: - 1,19 m. Fragmento de ponta óssea: - 1,16 m. Ossos esparsos: - 1,16 m).

Sítio Caixa D'Água

Sepultamento 30

Nível Contato II - III



13

Figura 204 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do Nível Contato II – III. Na imagem, a quadra F13 aparece já sem os remanescentes esqueléticos do Sepultamento 30 e com a concentração de pigmento vermelho menos esparsa. A nordeste é possível observar um bloco de arcócio polido, onde havia uma pequena mancha de pigmento vermelho. Abaixo, foi retirado um bloco de sedimento para amostra. Cotas/Pontos vermelhos – NW: - 1,22 m. NE: - 1,20 m. SW: - 1,22 m. SE: - 1,20 m.

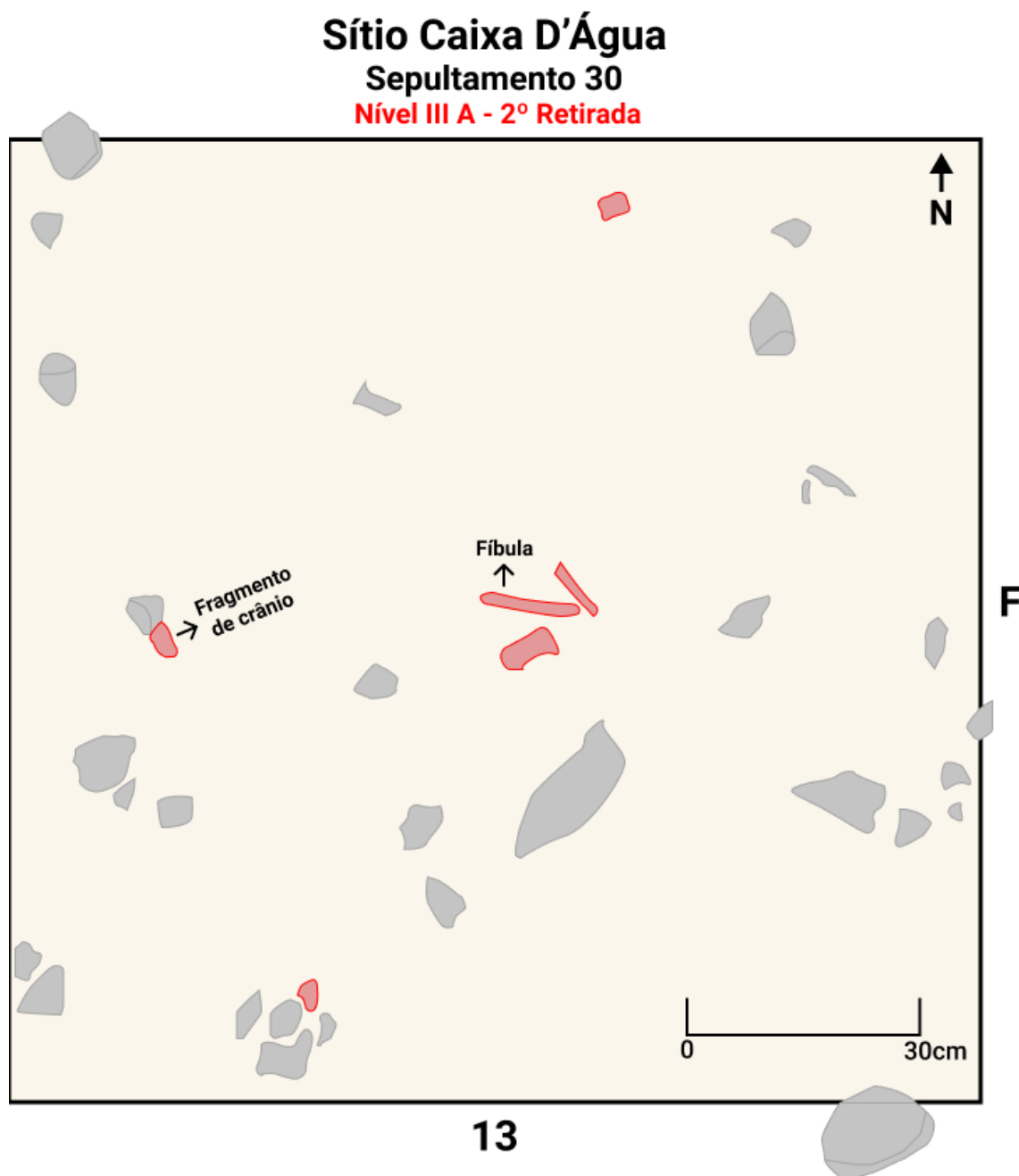


Figura 205 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do nível III A 2º Retirada. Na imagem, é possível observar a presença de fragmentos ósseos do crânio e da fíbula. Já a concentração de pigmento vermelho desapareceu totalmente. Cotas – Início da 2º Retirada: - 1,25 m. Fim da 2º Retirada: - 1,30 m.

Sítio Caixa D'Água
Sepultamento 30
Nível III B - 1º Retirada

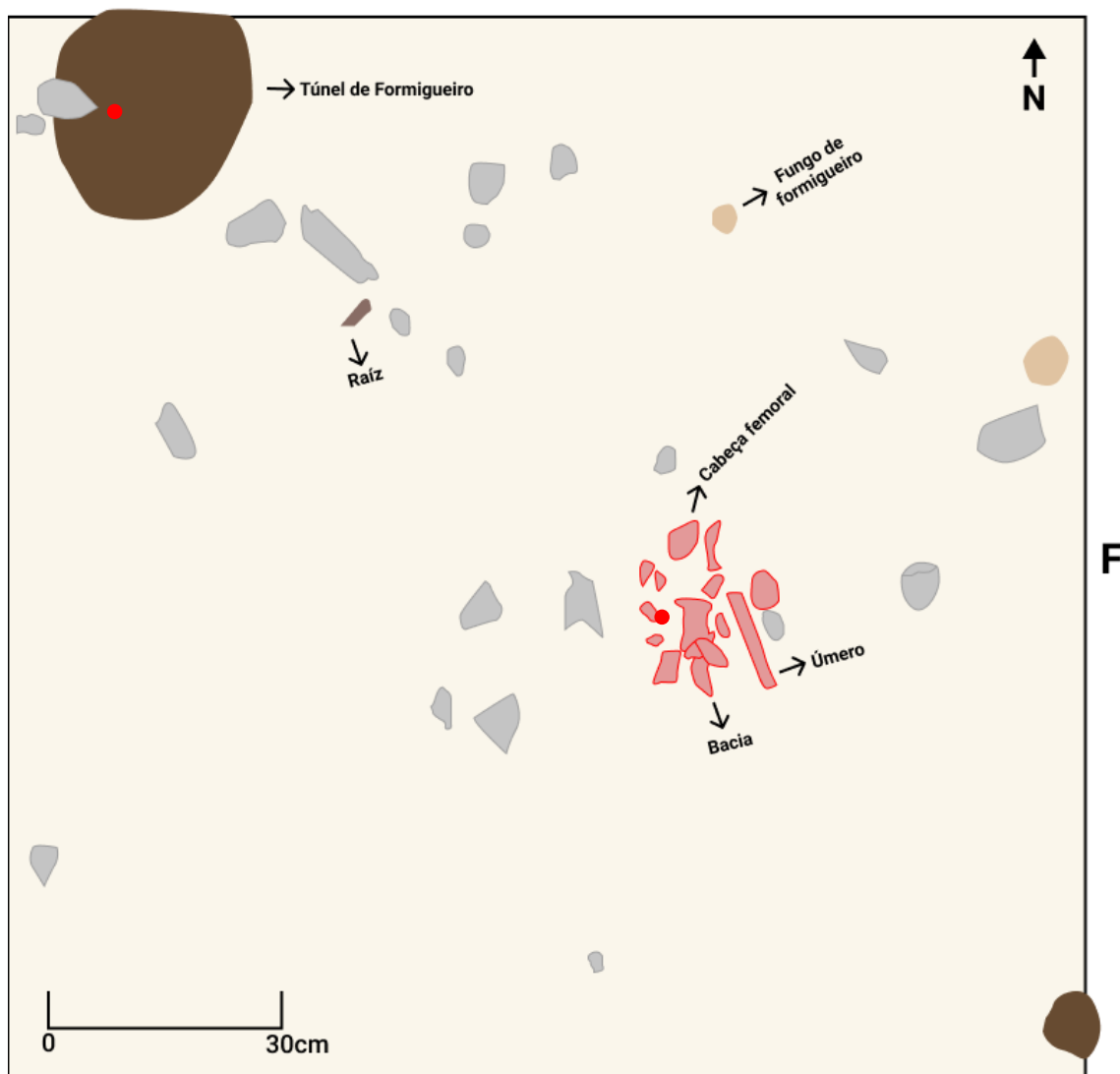
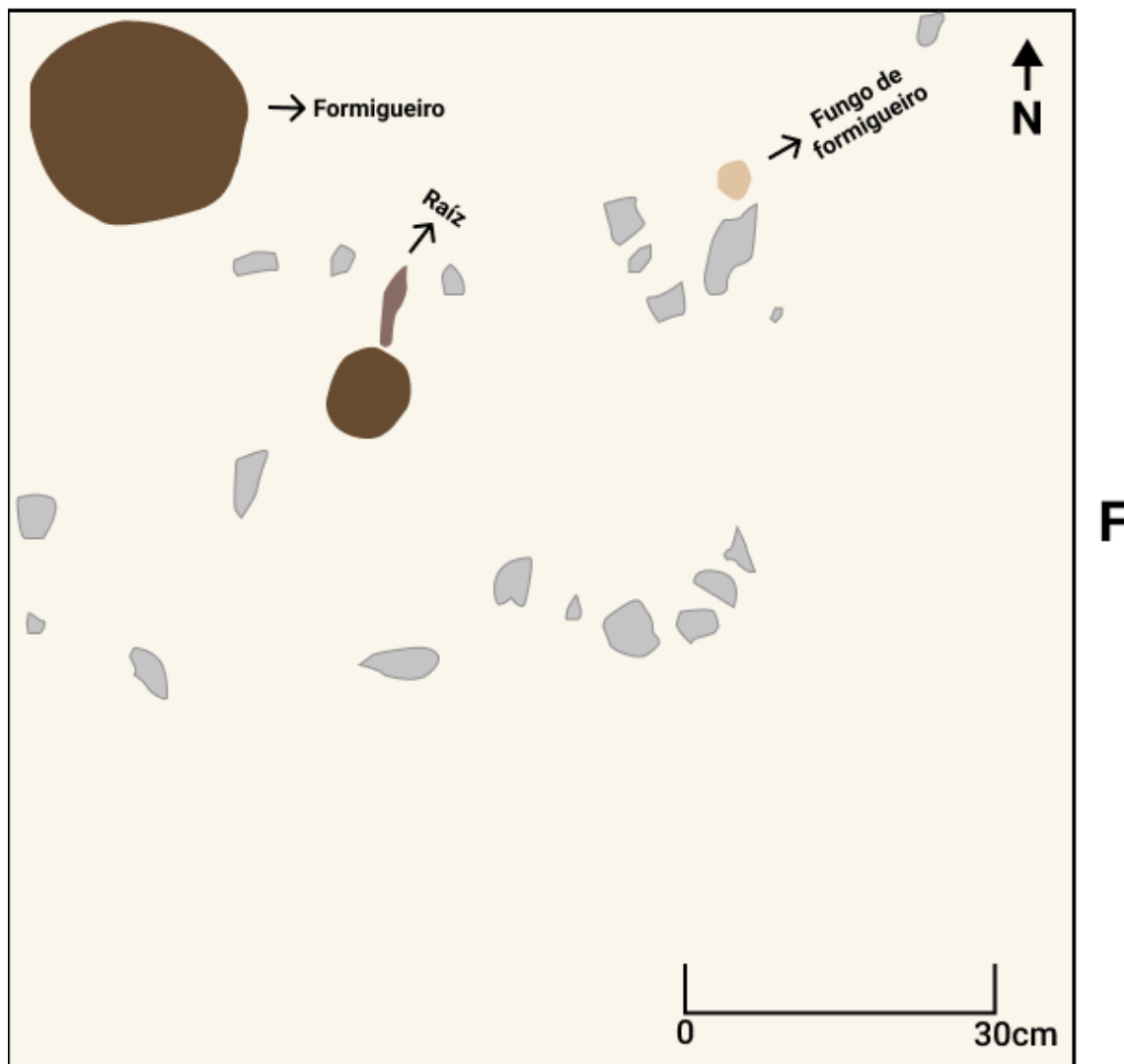


Figura 206 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do Nível III B 1º Retirada. Na imagem, é possível observar a presença de mais fragmentos de osso longo. A norte da quadra, há a presença de raízes e fungos de formigueiro. Cotas/Pontos vermelhos – Túnel de formigueiro: - 1,32 m. Ossos topo: - 1,29 m. Ossos base: - 1,32 m.

Sítio Caixa D'Água
Sepultamento 30
Nível III B - 2º Retirada



13

Figura 207 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do nível III B 2º Retirada. Na imagem, é possível observar os túneis de formigueiro, além de raízes. Sem cotas.

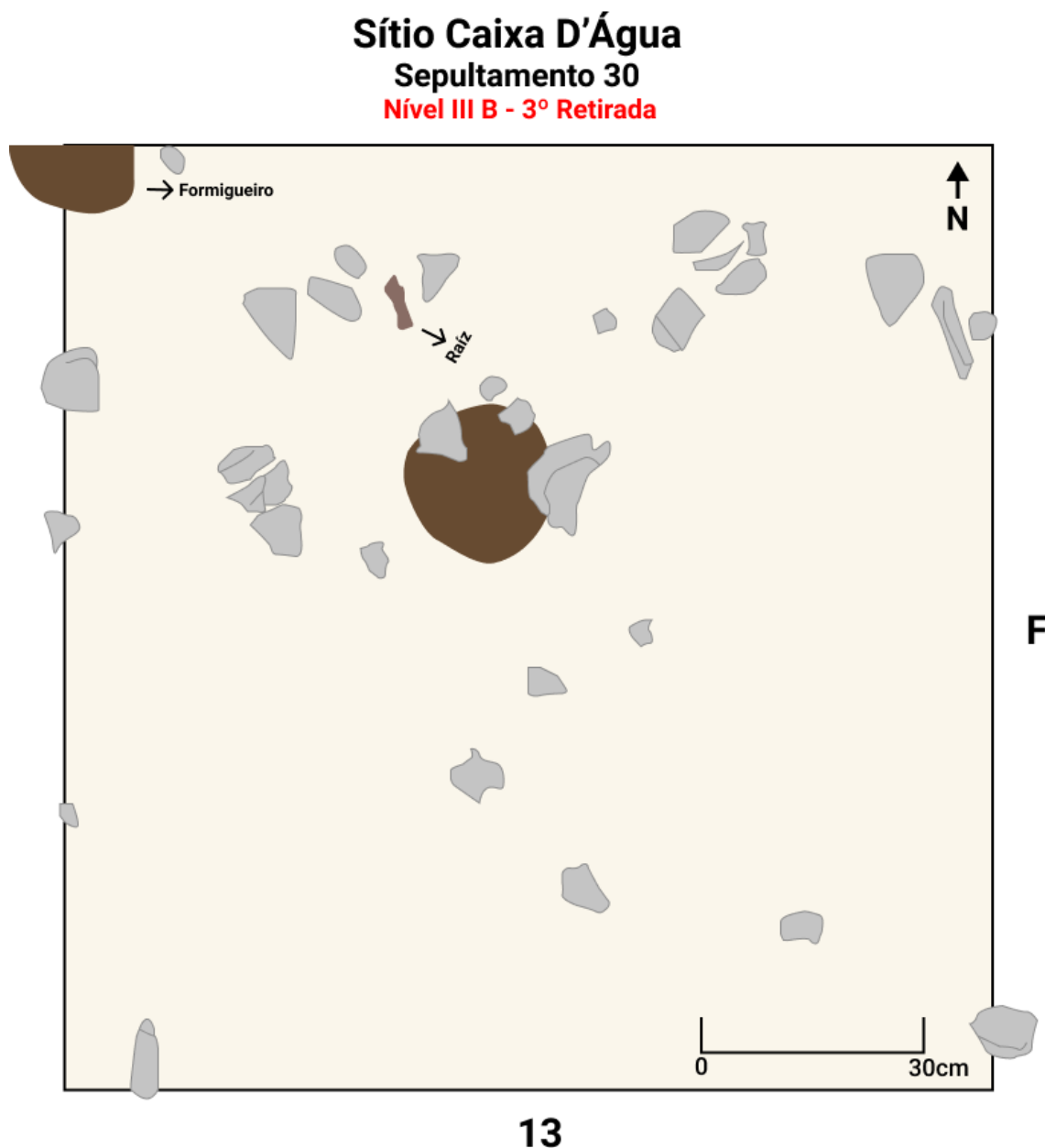


Figura 208 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 30 – Desenho digital baseado no croqui do nível III B 3º Retirada. Na imagem, é possível observar a profundidade atingida pelos túneis de formigueiro. Cota – Base do nível: - 1,39 m.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.31 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 31

O Sepultamento 31 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado durante a campanha de 2009. Os remanescentes esqueléticos estavam localizados na quadra K11 e J11 (figura 209) e associados ao nível zero superior (superfície). As cotas iniciais para noroeste da

quadra foram de -0,42m e para nordeste -0,38m. Já as cotas finais para noroeste, nordeste, sudoeste e sudeste da quadra foram, respectivamente, -0,68 m, -0,70 m, -0,71 m e -0,71 m.

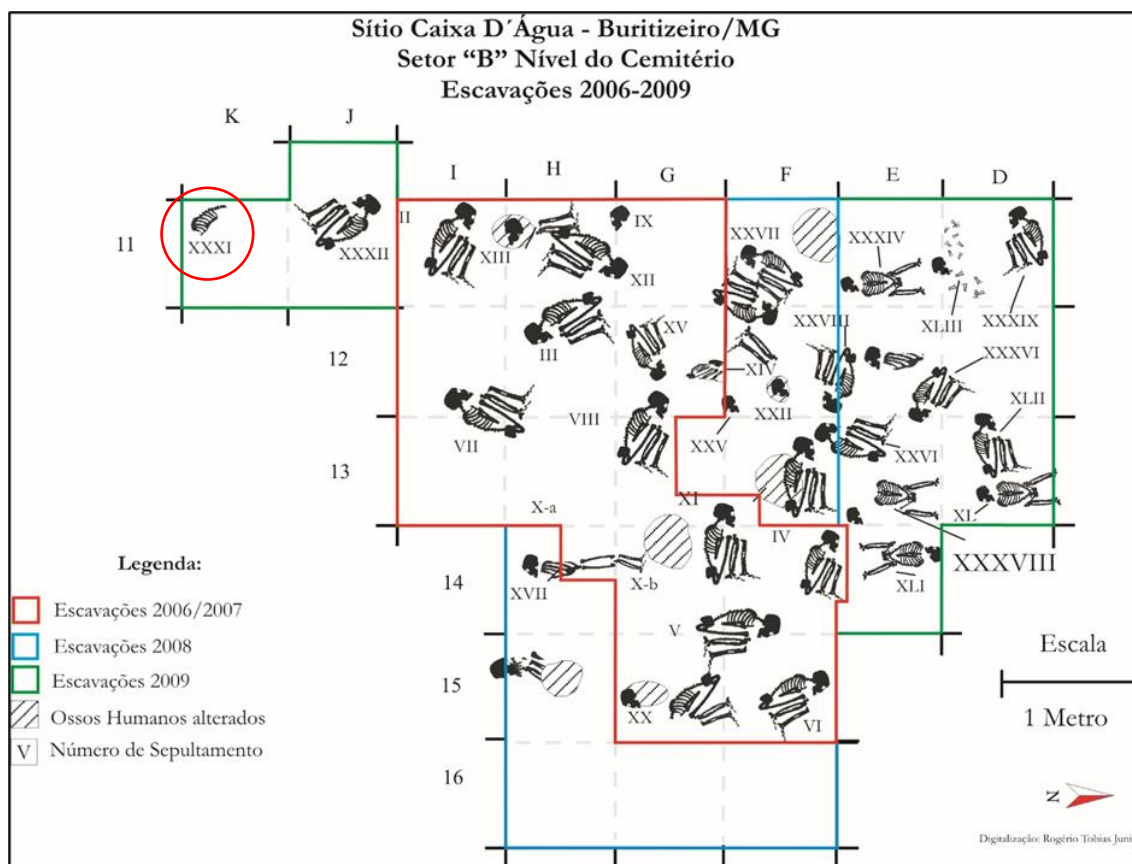


Figura 209 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 31. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 31 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 31 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi encontrado em estado elevado de fragmentação. Os remanescentes esqueléticos estavam dispersos nas camadas superficiais das quadras K11 e J11. O Sepultamento foi dividido em duas partes, denominadas de "A" e "B". A concentração "A" estava localizada a sudoeste da quadra K11 (imagem A na figura 210). Essa parte ainda estava retida no perfil. Segundo as descrições de campo, o indivíduo foi "cortado" pelo maquinário utilizado nas obras de saneamento básico e então parcialmente arrastado para a região central entre K11 e J11. Esses remanescentes foram chamados de concentração "B", composta por alguns ossos longos, fragmentos de costelas e parte da caixa torácica (imagem B na figura 210).



Figura 210 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 31 – Imagens do Sepultamento in situ. A) fotografia da concentração “A” (círculo vermelho) do Sepultamento 31. B) fotografia da concentração “B” (círculo vermelho) do Sepultamento 31. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Modo de enterramento

Considerando o grau de perturbação do Sepultamento 31 (figura 211), não foi possível determinar o modo de enterramento.

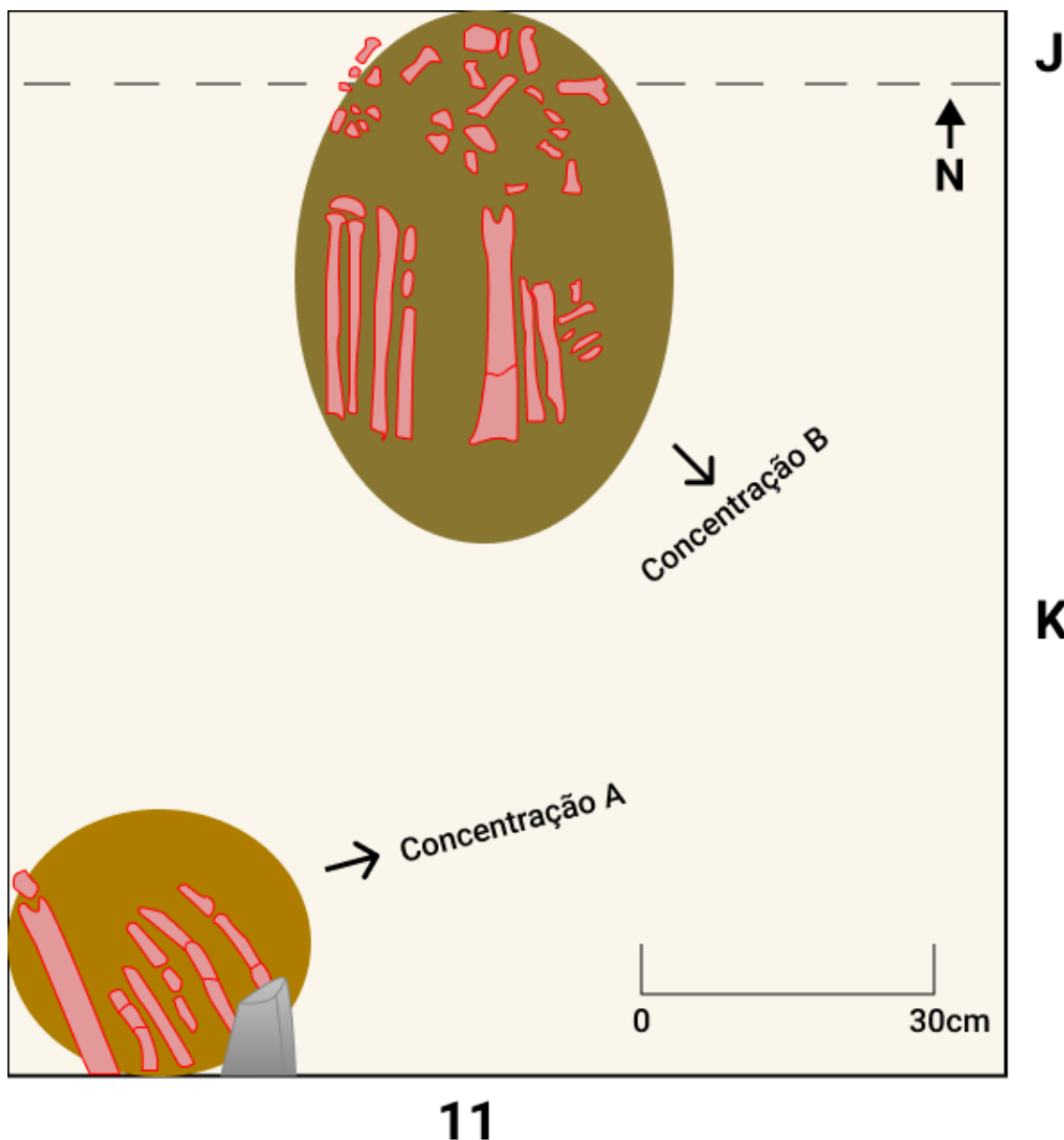


Figura 211 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 31 – Desenho digital baseado no croqui de exumação Zero Superior. Na imagem, é possível observar a concentração “A”, ainda retido no perfil e a concentração “B” arrastada para a região central das quadras K11 e J11.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.32 Buritizeiro Caixa D’Água - Sepultamento 32

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 32 do Sítio arqueológico Caixa D’Água foi escavado durante a campanha de 2009. O indivíduo estava sepultado na quadra J11 e associado ao nível II Superior (figura 212). As cotas iniciais do Sepultamento para o crânio, perna direita e o conjunto de

blocos de arcósio abaixo dos pés foram, respectivamente, - 0,68 m, - 0,65 m e - 0,69 m. Já as cotas finais de exumação não foram explicitadas. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

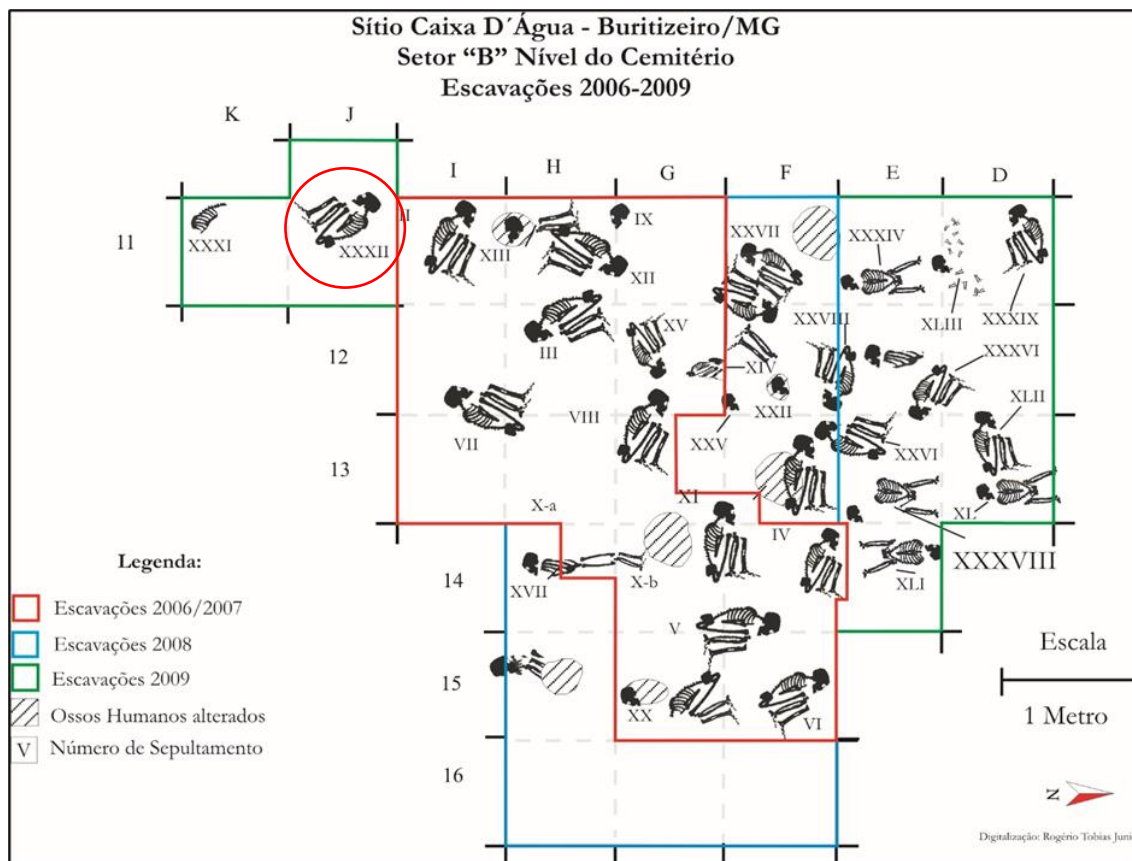


Figura 212 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 32. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 32 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 32 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo de sexo e idade de morte indeterminada. Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto foram consideradas boas. O corpo estava orientado no sentido norte → sul (crânio → bacia) e com a face voltada para sul. O esqueleto estava articulado, fletido, em decúbito dorsal, com as pernas dobradas em direção ao tórax e os braços parcialmente estendidos ao lado do corpo (figura 213). O crânio e as costelas estavam extremamente fragmentados, sobretudo devido a atividade de cupins nessas áreas, o que fragilizou os ossos, deixando-os mais propensos a quebras *post-mortem* devido à pressão do solo (figura 213). Durante as escavações, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre no esqueleto.



Figura 213 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 32 – Imagens do Sepultamento in situ. A) imagem do início da exumação da porção superior do Sepultamento 32, onde é possível observar o estado fragmentado do crânio. B) fotografia da exumação parcial do esqueleto, onde se visualiza boa parte dos ossos longos e os blocos de arcósio abaixo dos pés do indivíduo. C) imagem do Sepultamento totalmente exposto, onde se observa o estado fragmentado das costelas, os blocos de arcósio abaixo dos pés do indivíduo e a posição do esqueleto. D) foto do Sepultamento totalmente exposto, após a retirada de parte das costelas e a evidenciação do bloco de arcósio depositado acima da perna direita do indivíduo. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Não foi possível determinar o espaço ocupado pelo esqueleto e, embora não tenha sido descrito o limite da cova funerária, a parte inferior da sepultura parece ter sido delimitada por um conjunto de blocos de arcósio (imagem A na figura 214). Outro bloco estava depositado acima da perna direita do indivíduo, contudo, não aparentava se tratar de parte de uma estrutura, como os blocos anteriores (imagem B na figura 214).

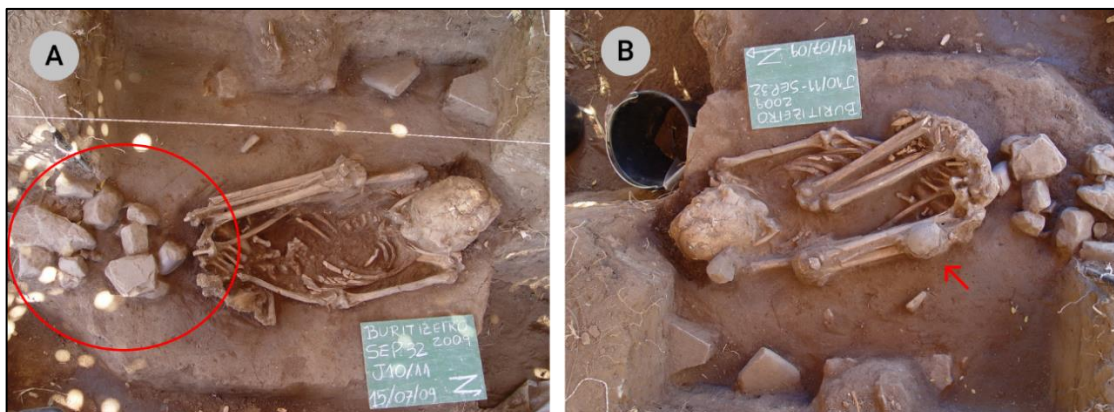


Figura 214 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 32 – Imagens do Sepultamento in situ. A) figura indicando a localização do bloco de arcósio depositado sobre a perna direita do indivíduo (seta vermelha). B) fotografia indicando o conjunto de blocos de arcósio (círculo vermelho) que estavam colocados abaixo dos pés do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Embora não tenha sido evidenciada a aplicação de ocre no esqueleto, um dos blocos pertencentes ao conjunto abaixo dos pés do indivíduo estava manchado de pigmento vermelho (figura 215). Além desse, outros cinco blocos faziam parte do conjunto. Havia um bloco de arenito com as duas superfícies polidas, outro com quatro pontos de percussão e um não trabalhado, além de uma pequena plaqueta de arcósio. Outro bloco, verticalizado, também tinha marcas de pigmento e, segundo as descrições de campo, pode ter sido utilizado como uma “laje funerária”, assim como é visto para o Sepultamento 1. Apesar de descritos, não foi possível obter imagens em detalhe desses cinco blocos. Além dessa estrutura, não foi descrita a presença de nenhum outro artefato, ou acompanhamento funerário, associado com o Sepultamento.



Figura 215 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 32 – Imagens do bloco de arcócio manchado com pigmentação vermelha, encontrado imediatamente abaixo dos remanescentes esqueléticos do Sepultamento 30. A) figura do bloco, onde é possível observar a parte pigmentada. B) imagem em detalhe da pigmentação vermelha (setas pretas). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Modo de enterramento

O Sepultamento 32 do sítio arqueológico Caixa D'Água era constituído por um enterro primário e simples (figura 216). Embora não identificados claramente os limites da cova, a porção inferior do esqueleto parece ter sido delimitada por uma estrutura de blocos de arcócio. Não foi constada a presença de acompanhamentos funerários.

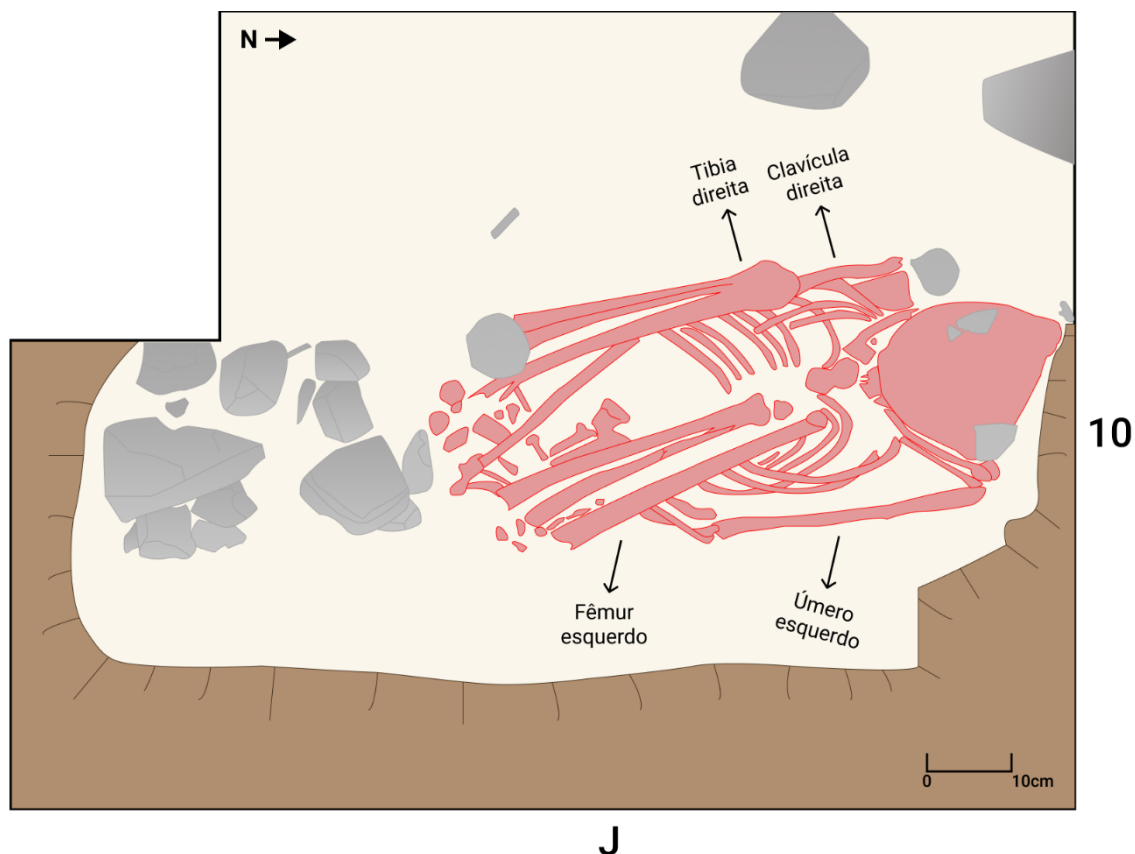


Figura 216 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 32 – Desenho digital baseado no croqui de exumação do nível II Superior. Na imagem é possível observar o Sepultamento totalmente exposto, a posição dos membros in situ e a localização das estruturas associadas ao esqueleto.

Análise em laboratório

Material indisponível para análise no período de execução deste trabalho.

7.33 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 33

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 33 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado durante a campanha de 2009. O indivíduo estava sepultado entre as quadras F12 e F13 (figura 217). As cotas iniciais dos blocos acima do esqueleto foram, respectivamente, - 0,97 m, - 1,02 m e - 1,05 m. Já as cotas finais de exumação não foram explicitadas. O nível ao qual o indivíduo estava associado também não pôde ser determinado. Abaixo do esqueleto 33, estava depositado o Sepultamento 30.

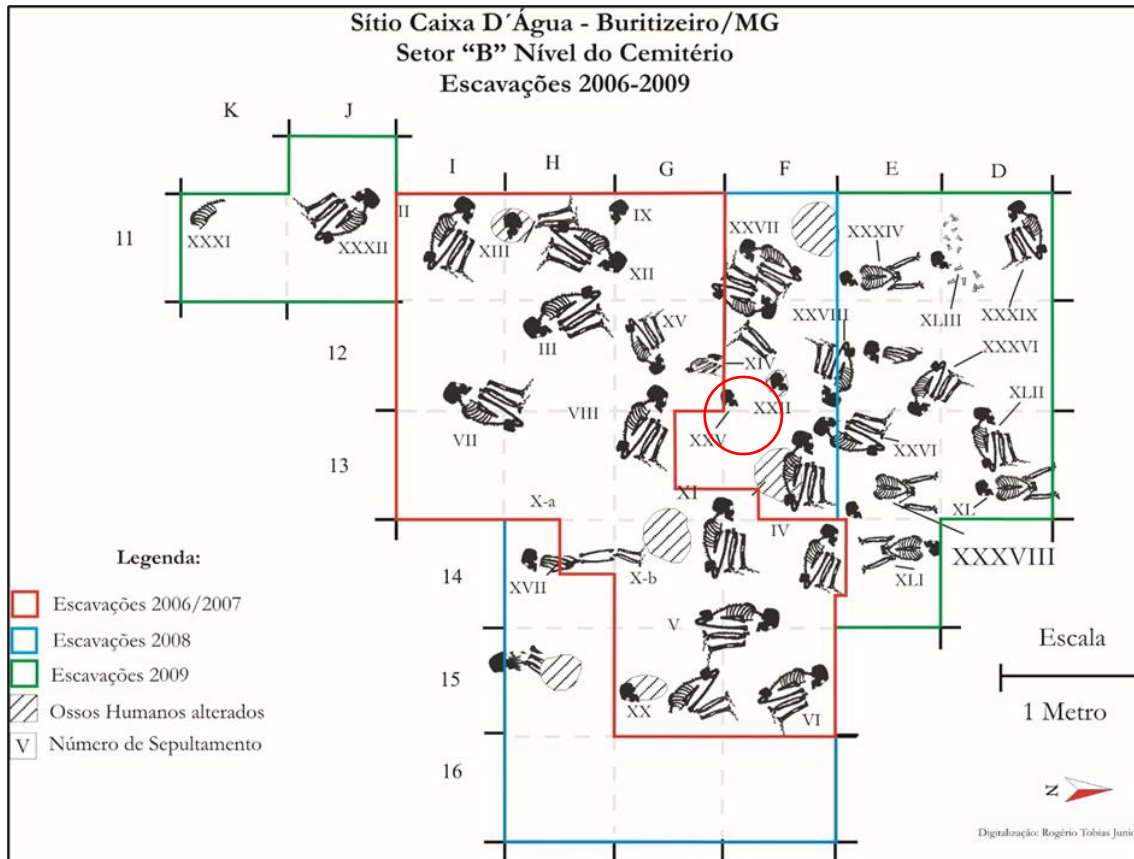


Figura 217 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 33. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a região onde estaria localizado o Sepultamento 33 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 33 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo, possivelmente adulto. O sexo não pôde ser inferido. Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto foram consideradas regulares. Ainda assim, foi possível identificar que o corpo estava orientado no sentido leste → oeste (crânio → bacia) e com a face voltada para norte. O esqueleto estava articulado, fletido, em decúbito lateral direito. As pernas estavam dobradas em direção a bacia, enquanto os braços estavam fletidos em direção ao crânio, com as mãos “apoiando” face sobre um grande bloco de arcósio (figura 218). Em campo, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre.

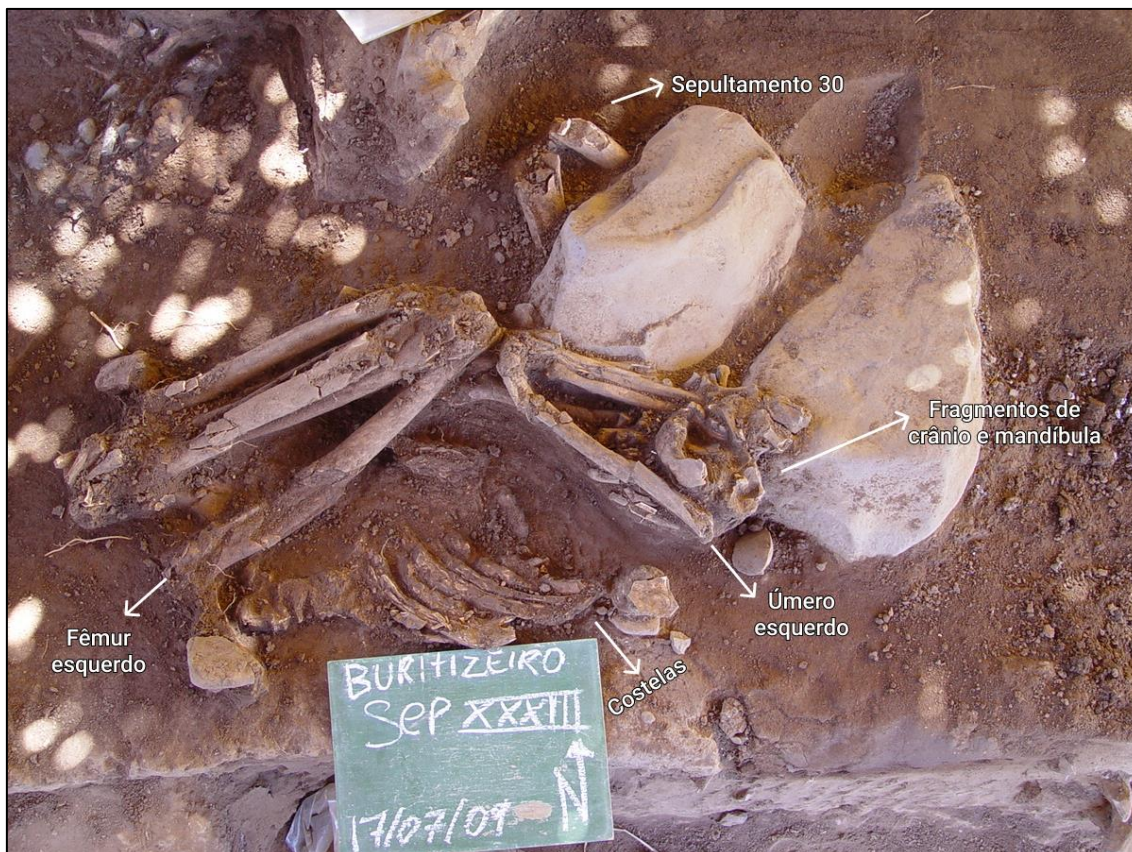


Figura 218 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 33 – Imagem do esqueleto in situ, onde é possível observar a posição dos membros do esqueleto e o crânio sobre as mãos apoiadas em um grande bloco de arcócio. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tiradas em 2009.

Durante a escavação não foi possível identificar os limites da cova funerária. Ainda assim, cinco blocos de pedra foram encontrados delimitando o Sepultamento. Três estavam acima do esqueleto, cobrindo a parte superior e a bacia do corpo, enquanto outros dois blocos estavam depositados abaixo. Um deles foi utilizado como “apoio” para o crânio, que repousava sobre as mãos do indivíduo (figura 219). Não foram encontradas descrições das características ou imagens em laboratório desses blocos.

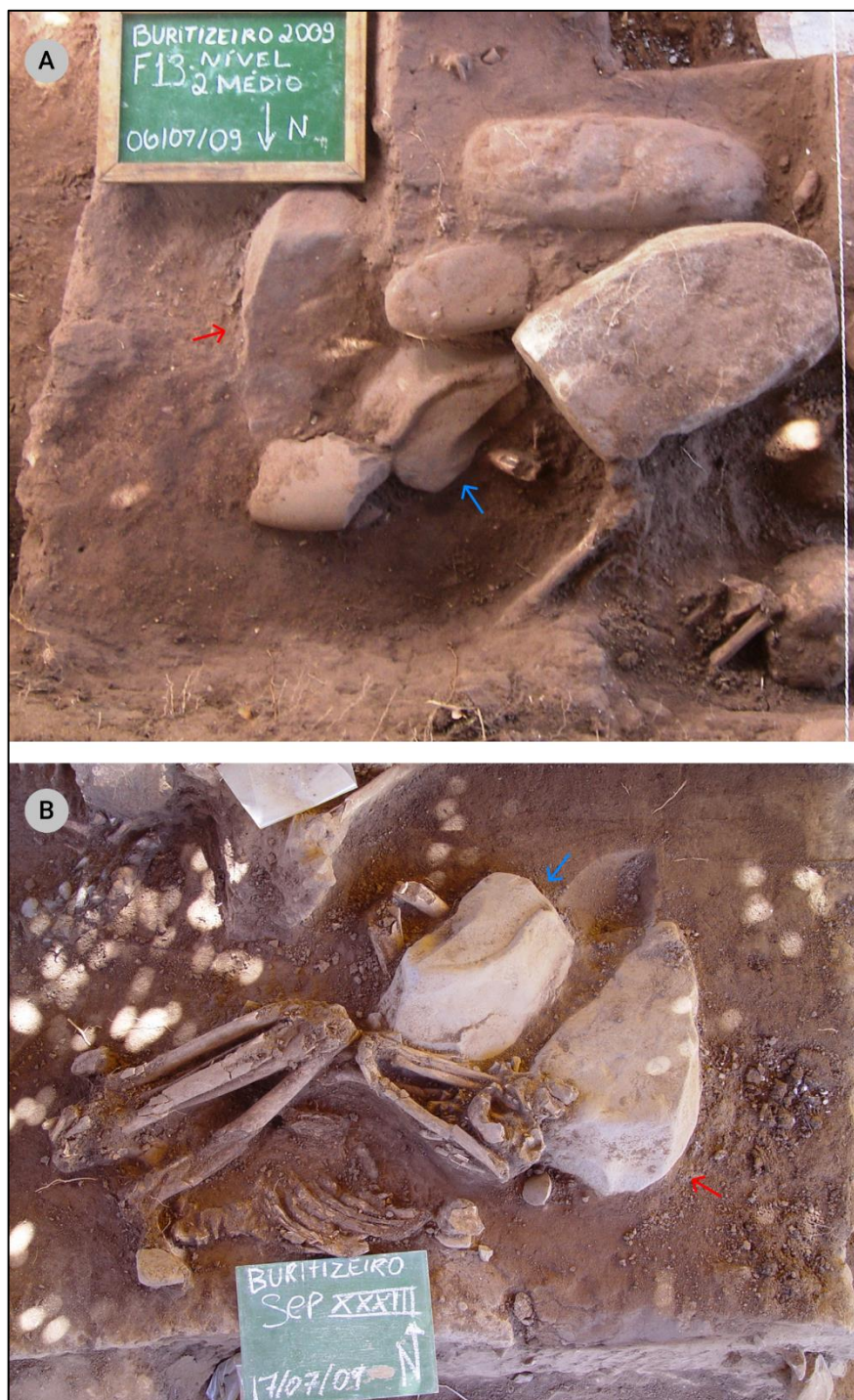


Figura 219 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 33 – Imagens do Sepultamento in situ. A) fotografia tirada antes da exumação do esqueleto, onde é possível visualizar os blocos de arcóσιο depositados acima do indivíduo. As setas azul e vermelha indicam os blocos que estavam imediatamente abaixo do esqueleto. B) foto do Sepultamento após a retirada dos blocos que estavam acima do corpo. Na imagem, se observa com maior clareza a posição dos blocos depositados abaixo do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade de Minas Gerais. Fotografia tiradas em 2009.

Segundo descrições de campo, a deposição do Sepultamento 33 pode ter perturbado uma sepultura mais antiga. Abaixo de um dos blocos de arcóσιο que circundava o indivíduo, foram

encontrados ossos correspondentes ao Sepultamento 30 (figura 220). Esses remanescentes se encontravam extremamente fragmentados e descontextualizados.



Figura 220 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 33 – Imagem do Sepultamento in situ, onde é possível observar os fragmentos de ossos longos verticalizados, referentes ao Sepultamento 30, depositados abaixo do bloco de arcósio (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.

O esqueleto estava um estado bastante fragmentado, sobretudo devido ao peso do solo e dos blocos de arcósio depositados acima do corpo. O crânio fragmentado, em particular, “deslizou” sobre o bloco ao qual a cabeça estava apoiada, o que dispersou esses fragmentos ósseos sobre o sedimento (figura 221).



Figura 221 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 33 – Imagem do Sepultamento in situ. Na imagem em detalhe da parte superior do corpo, é possível observar o crânio fragmentado (círculo vermelho) e alguns fragmentos ósseos dispersos no sedimento (seta vermelha). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.

Modo de enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 33 do sítio arqueológico Caixa D'Água indicam um enterro primário e simples (figuras 222 e 223). Ainda que não tenha sido identificado o contorno da cova, parece ter havido uma delimitação do corpo do indivíduo através da utilização dos blocos de arcósio. Um desses blocos, inclusive, serviu como “apoio” para a cabeça do indivíduo sepultado. Não foi descrita a presença de acompanhamentos funerários.

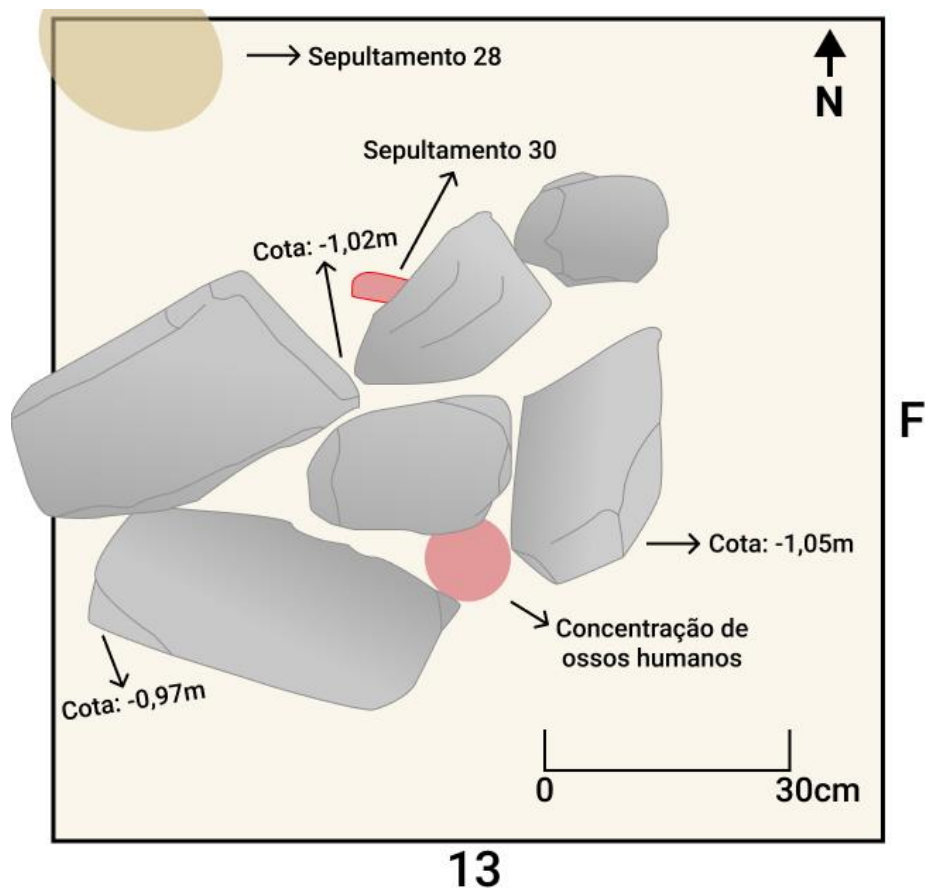


Figura 222 - Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 33 – Desenho digital baseado no croqui de escavação das quadras F13 e G13. O nível não é especificado. Na imagem, é possível observar os blocos de arcócio associados ao Sepultamento 33.

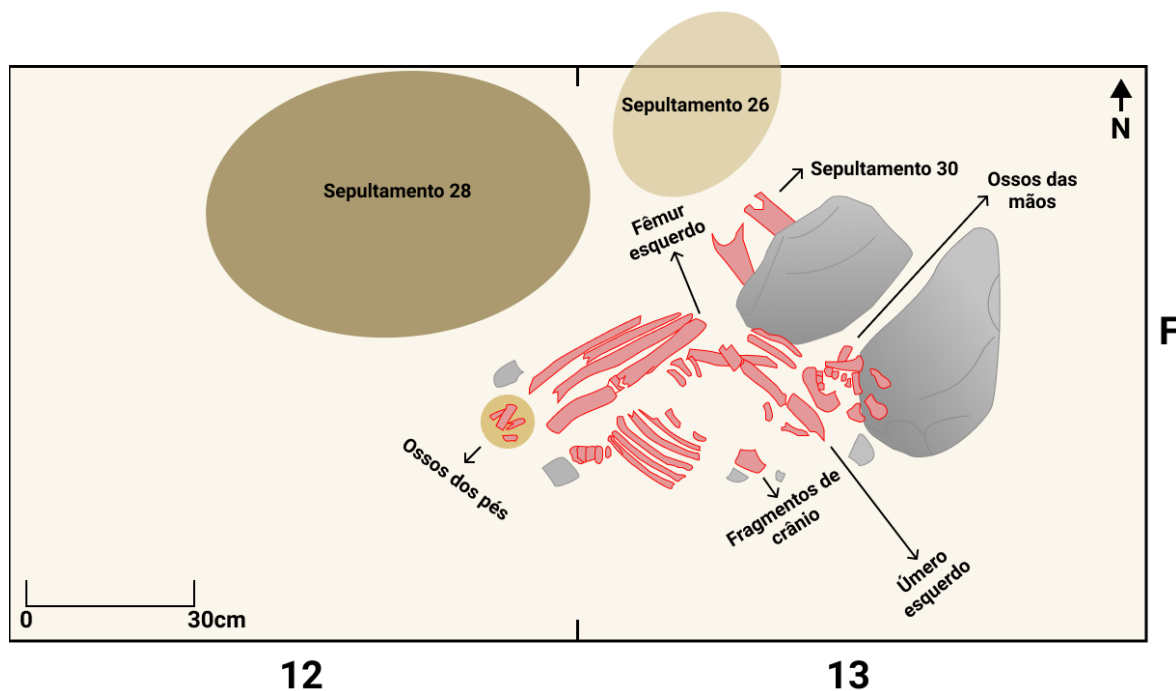


Figura 223 - Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 33 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação do Sepultamento. Na imagem é possível observar o Sepultamento totalmente exposto, a posição dos membros e blocos in situ e os Sepultamentos próximos.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.34 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 34

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 34 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado durante a campanha de 2009. O indivíduo estava sepultado entre as quadras E11 e E12, no nível II Inferior (figura 224). As cotas iniciais para o centro da fossa e o topo do crânio do Sepultamento foram, respectivamente, - 1,12 m e - 1,01 m. Já as cotas finais da quadra após exumação foram - 1,16 m para noroeste, nordeste, sudoeste e sudeste e - 1,14 m para o centro da quadra. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

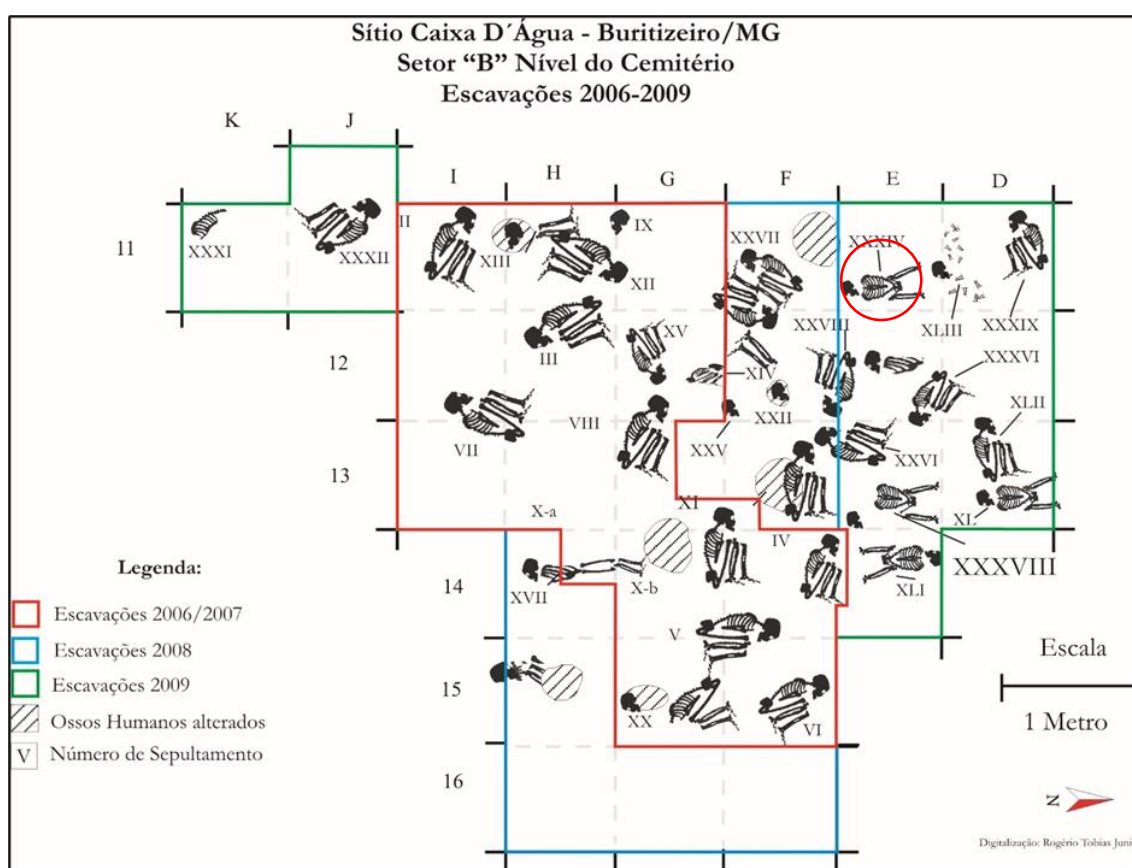


Figura 224 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 34. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 34 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 34 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo, possivelmente adulto. O sexo não pôde ser inferido. Ainda *in situ*, as condições de

preservação do esqueleto foram consideradas regulares. Ainda assim, foi possível identificar que o corpo estava orientado no sentido leste → oeste (crânio → bacia) e com a face voltada para sudoeste. O esqueleto estava articulado, fletido e em decúbito dorsal. As pernas estavam dobradas em direção ao tórax, enquanto os braços estavam estendidos ao lado do corpo (figura 225). Em campo, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre.

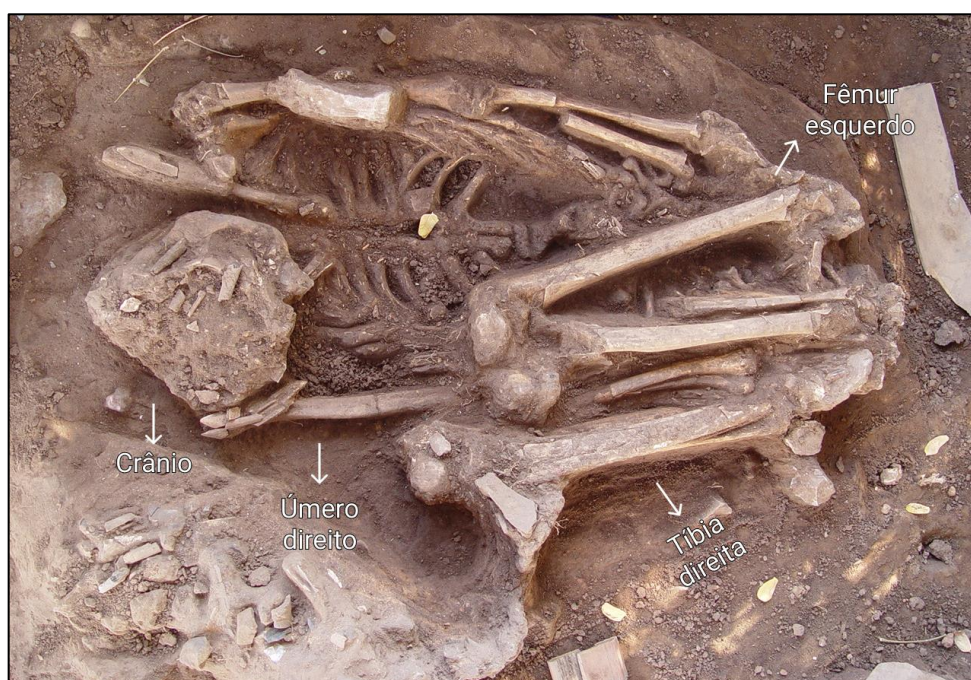


Figura 225 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 34 – Imagem do Sepultamento in situ. Na fotografia é possível observar a posição dos membros do esqueleto, em decúbito dorsal e com as pernas fletidas em direção ao tórax. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.

A utilização de blocos de arcósio como delimitadores de cova não foi constatada para a enterramento do Sepultamento 34. Ainda assim, dois blocos de arcósio estavam em associação com o esqueleto, mas parecem se tratar de uma deposição não intencional (figura 226). Um deles estava depositado acima do úmero esquerdo do indivíduo, enquanto o outro foi evidenciado após a exumação das costelas.



Figura 226 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 34 – Imagem do Sepultamento in situ. Na fotografia, as setas pretas indicam a localização dos blocos associados ao esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.

Segundo as descrições de campo, haviam duas pontas ósseas como acompanhamento funerário do indivíduo. Cada uma delas estava depositada em um lado do crânio (figura 227). A do esquerdo media 2 cm de largura e 11 cm de comprimento. Não foram obtidas as medidas da segunda ponta óssea. Não foram encontradas fotografias de laboratório desses artefatos.



Figura 227 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 34 – Imagens do Sepultamento in situ. A) fotografia geral do indivíduo, onde é possível observar a localização das pontas ósseas ao lado do crânio (setas brancas). B) imagem em detalhe da ponta óssea depositada do lado esquerdo do crânio (seta branca). C) foto em detalhe das duas pontas ósseas depositadas ao lado do crânio (setas brancas). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.

Modo de enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 34 do sítio arqueológico Caixa D'Água indicam um enterro primário e simples (figuras 228 a 231). Não foi identificado o contorno da cova funerária, assim como uma possível limitação do corpo do indivíduo através da utilização dos blocos de arcósio. Como acompanhamento funerário, duas pontas ósseas foram depositadas, uma em cada lado do crânio.

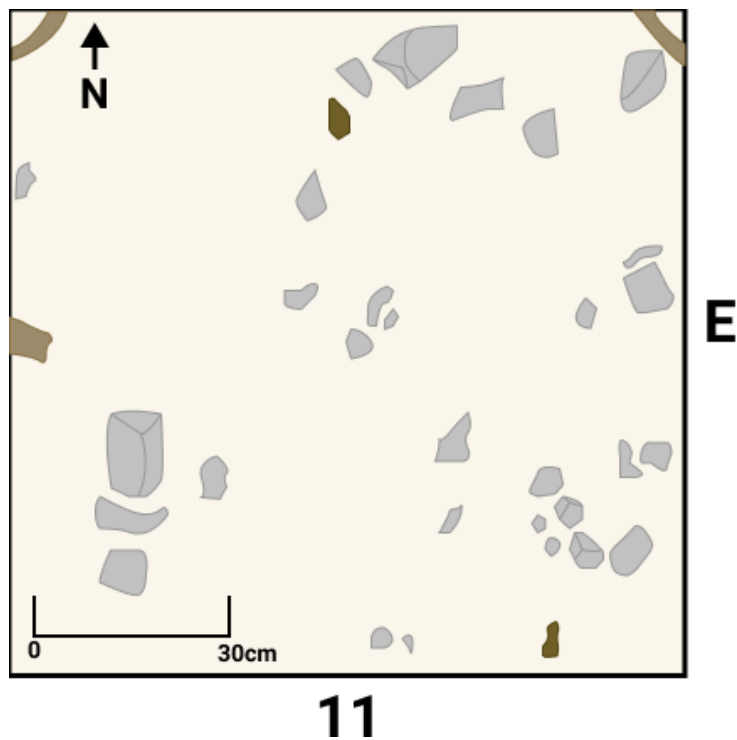


Figura 228 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 34 – Desenho digital baseado no croqui do nível I da quadra E11. Na figura, é possível observar a quadra antes dos primeiros sinais do Sepultamento.

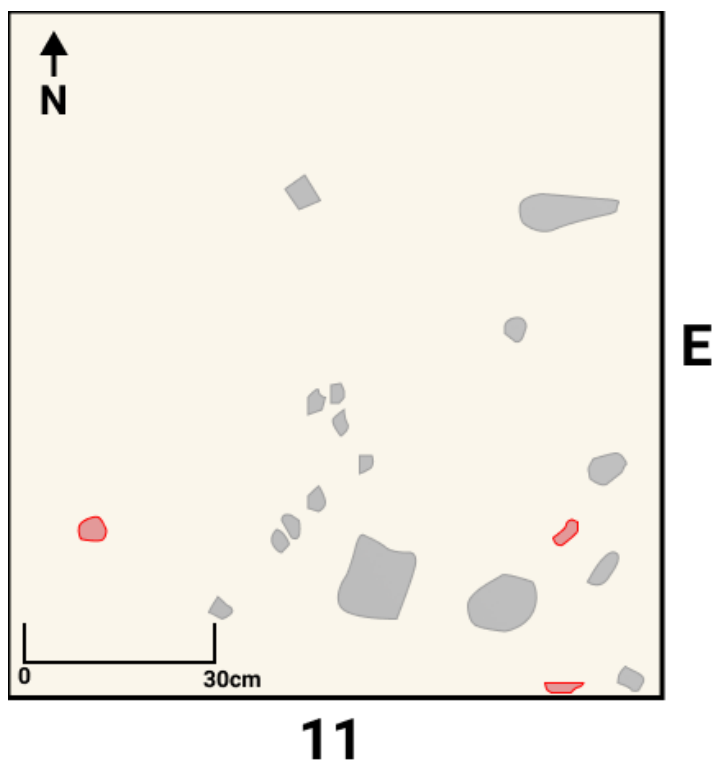
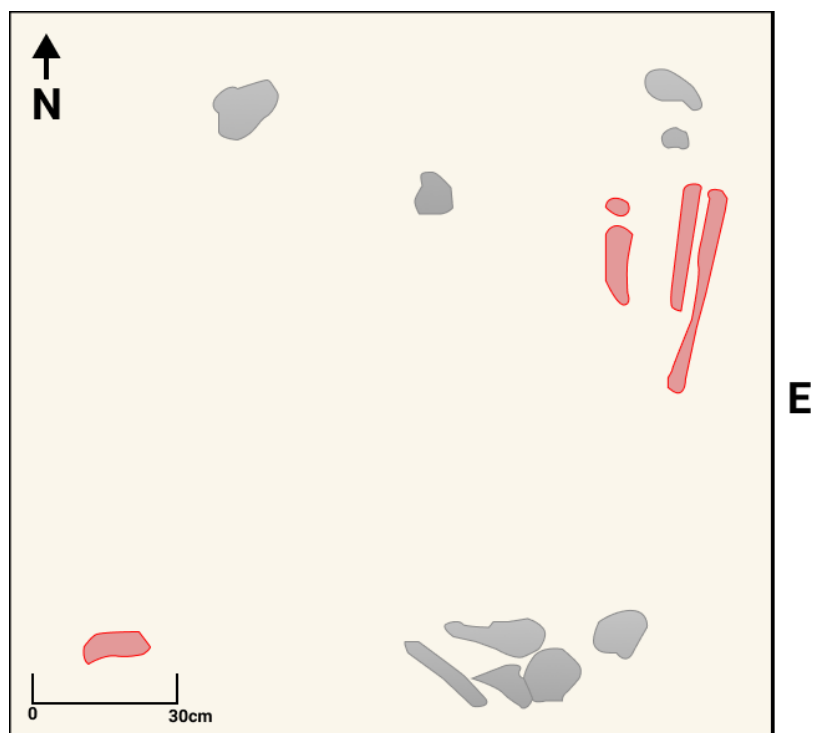


Figura 229 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 34 – Desenho digital baseado no croqui do Nível Contato I-II da quadra E12, onde é possível observar os primeiros fragmentos ósseos (em rosa) do Sepultamento 34.



11

Figura 230 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 34 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio. Na imagem, já se observa a presença de alguns ossos longos, correspondentes ao Sepultamento 34.

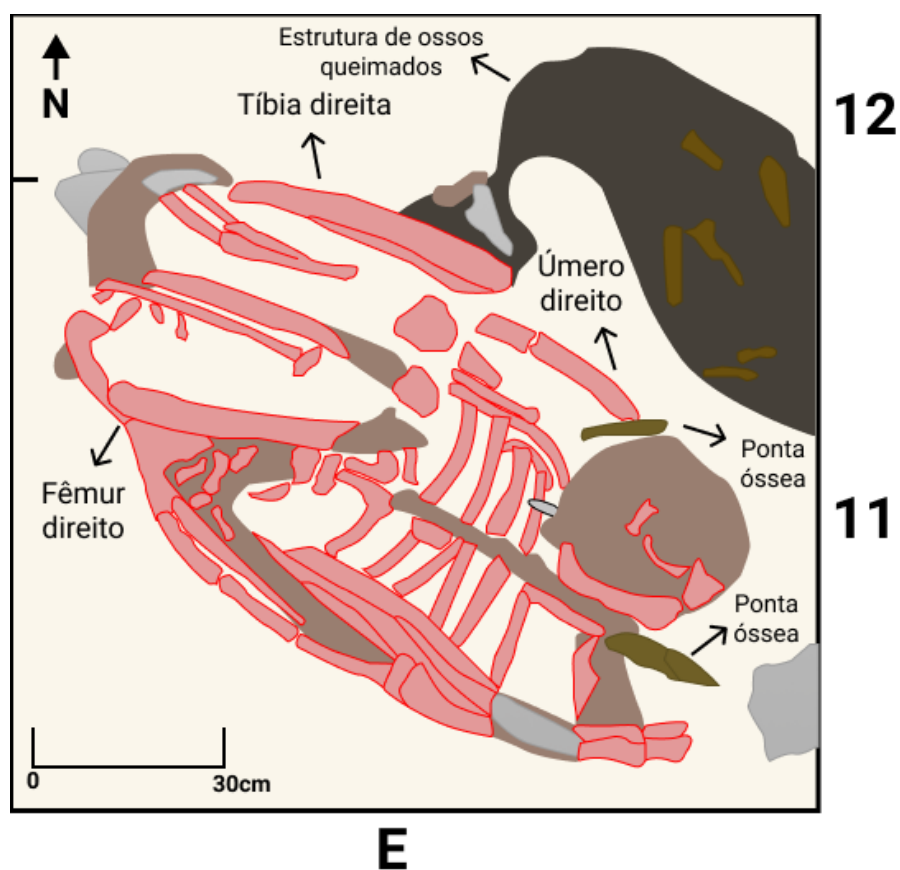


Figura 231 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 34 – Desenho digital baseado no croqui do Nível II Inferior das quadras E11 e E12. Na figura, já se observa o Sepultamento 34 totalmente exposto.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.35 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 35

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 35 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado durante a campanha de 2009. O indivíduo estava sepultado na quadra E12, no nível II médio (figura 232). A cota do topo do bloco central depositado acima do esqueleto foi de - 1,02 m. Já a cota da base desse mesmo bloco foi de - 1,11 m. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

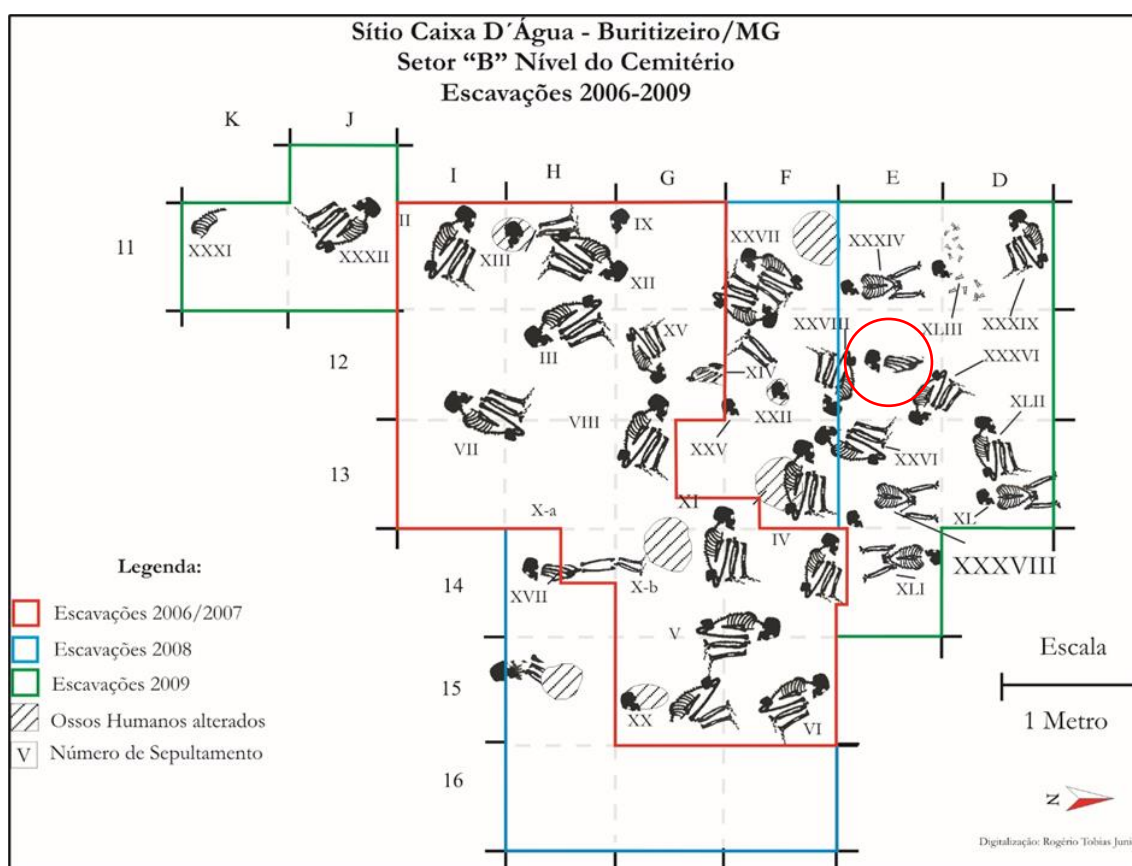


Figura 232 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 35. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 35 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 35 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo. Com base nas imagens e descrições de campo, o esqueleto aparentava ser de um subadulto. O sexo não pôde ser inferido. O corpo estava orientado no sentido sul → norte

(crânio → bacia) e com a face voltada para nordeste. O esqueleto estava articulado, fletido e em decúbito lateral direito. As pernas estavam dobradas em direção ao tórax, com os braços também dobrados sobre o peito (figura 233). Em campo, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre.

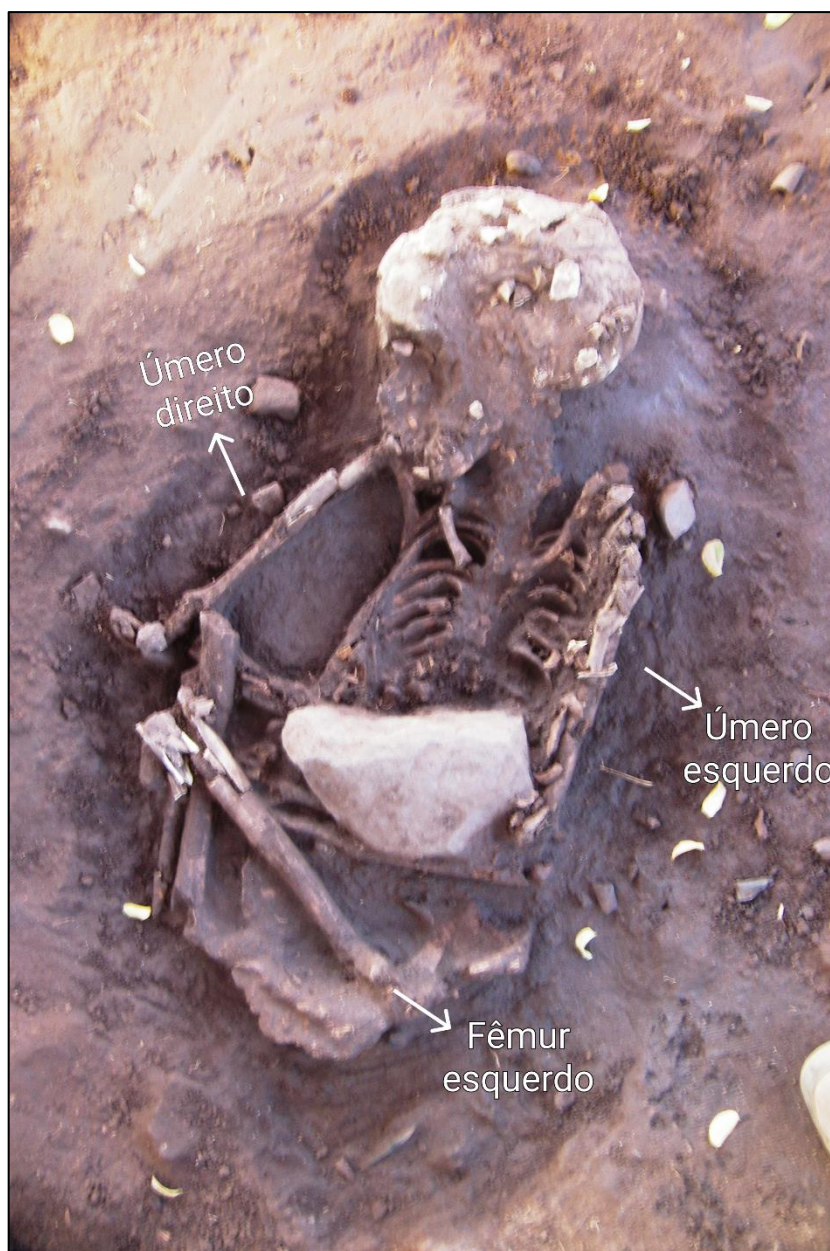


Figura 233 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 35 – Imagem do Sepultamento in situ. Na figura, é possível observar a posição dos membros superiores e inferiores do esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotografia tirada em 2009.

Durante a escavação não foi possível identificar os limites da cova funerária. Ainda assim, dois blocos de pedra estavam depositados sobre o esqueleto. Um deles foi descrito como uma mó, e estava localizado em cima da bacia e braço esquerdo. Outro bloco estava na região do crânio e causou a compressão e perturbação desses ossos (figura 234). Não foi possível

inferir as características desses blocos, assim como não foram obtidas fotografias desse material em laboratório.

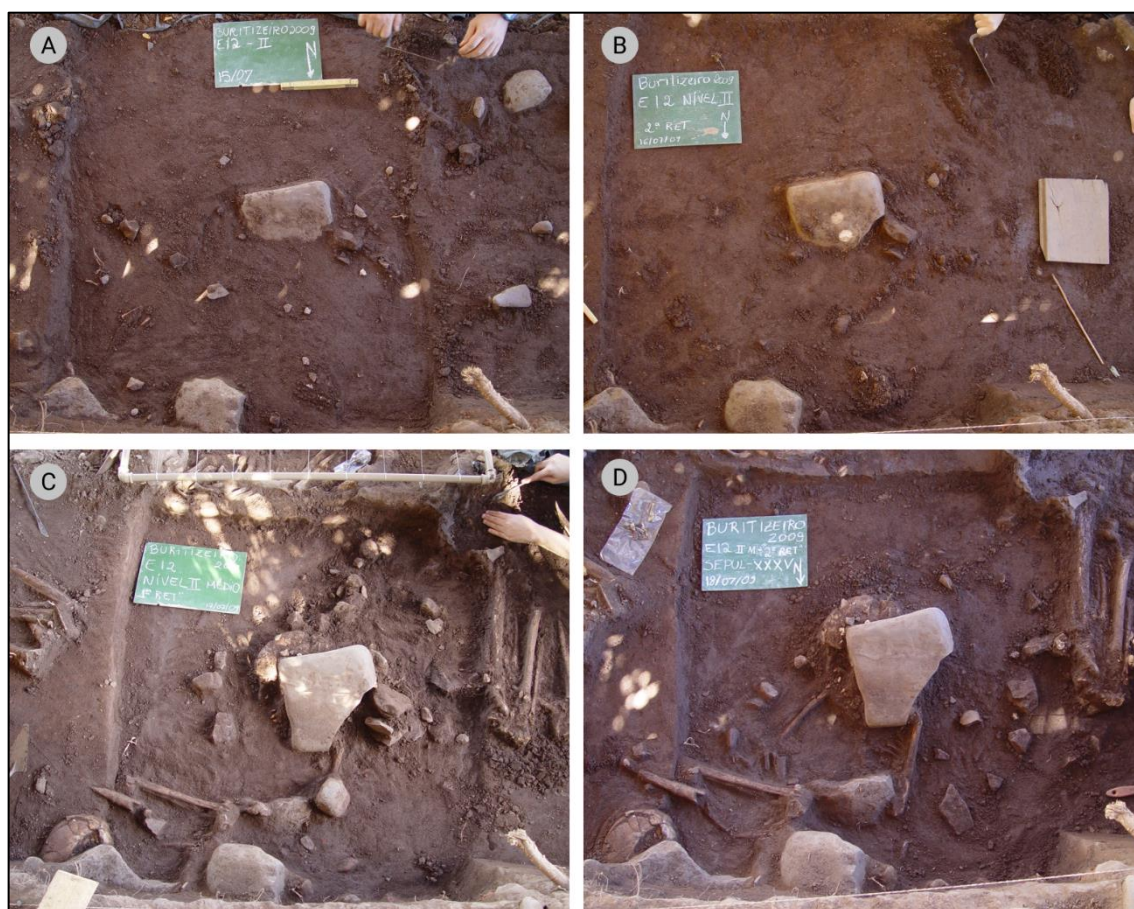


Figura 234 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 35 – Imagens da exumação do esqueleto. A e B) início da escavação da sepultura, onde é possível observar a exposição do bloco de arcósio que cobria o crânio e a parte superior do esqueleto. C) fotografia da exumação parcial do Sepultamento 35. O bloco que cobria a parte superior do indivíduo já estava totalmente exposto. Abaixo, há o início da exposição do bloco de arcósio depositado acima da bacia e do braço esquerdo do esqueleto. D) imagem da exumação do esqueleto onde já é possível observar os blocos de arcósio associados com o indivíduo. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Segundo as descrições de campo, havia um artefato ósseo associado ao esqueleto. O objeto estaria depositado na região da bacia. Contudo, não foram encontradas fotografias desse artefato *in situ* ou em laboratório. Além disso, de acordo com as documentações, também havia um formigueiro abaixo da bacia do esqueleto, o que pode ter causado perturbações no local.

Modo de enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 35 do sítio arqueológico Caixa D'Água indicam um enterro primário e simples (figuras 235 a 238). Não foi identificado o contorno da cova funerária, mas o esqueleto parece ter sido coberto por blocos de arcósio. Como

acompanhamento funerário, possivelmente foi depositada uma ponta óssea na região da bacia do indivíduo.

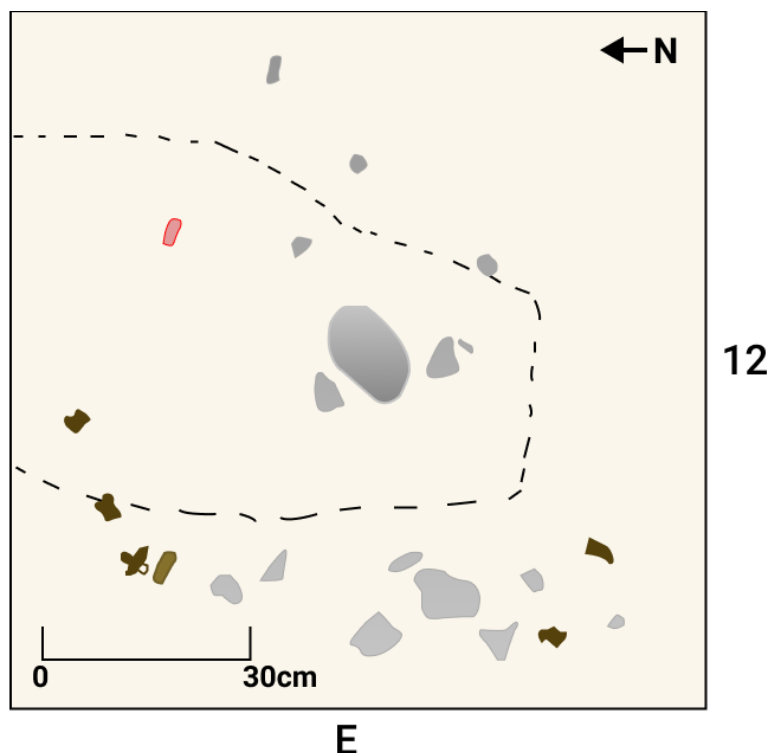


Figura 235 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 35 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio, onde é possível observar a quadra E12 no nível imediatamente anterior a evidenciação do Sepultamento 35.

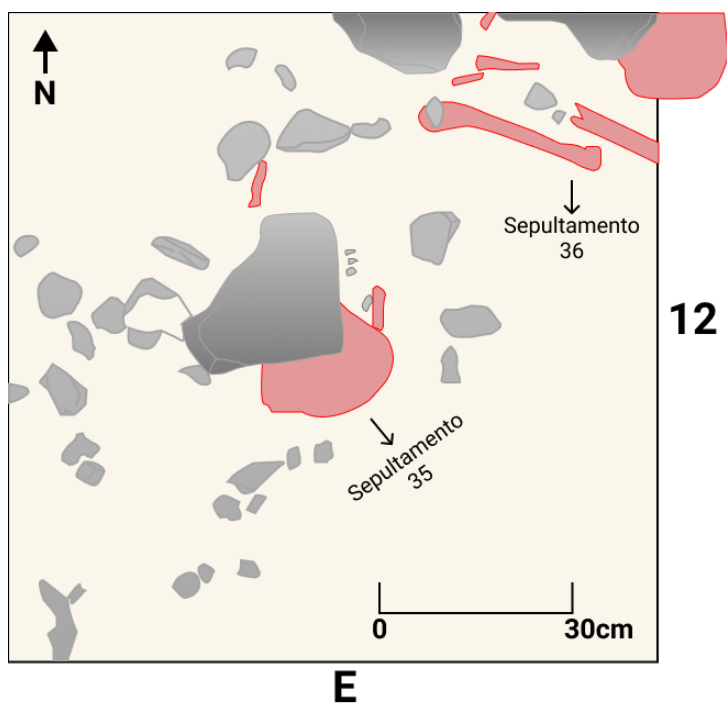


Figura 236 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 35 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio 1ª retirada. Na figura, já é possível observar a evidenciação do esqueleto e do bloco de arcócio depositado acima do crânio.

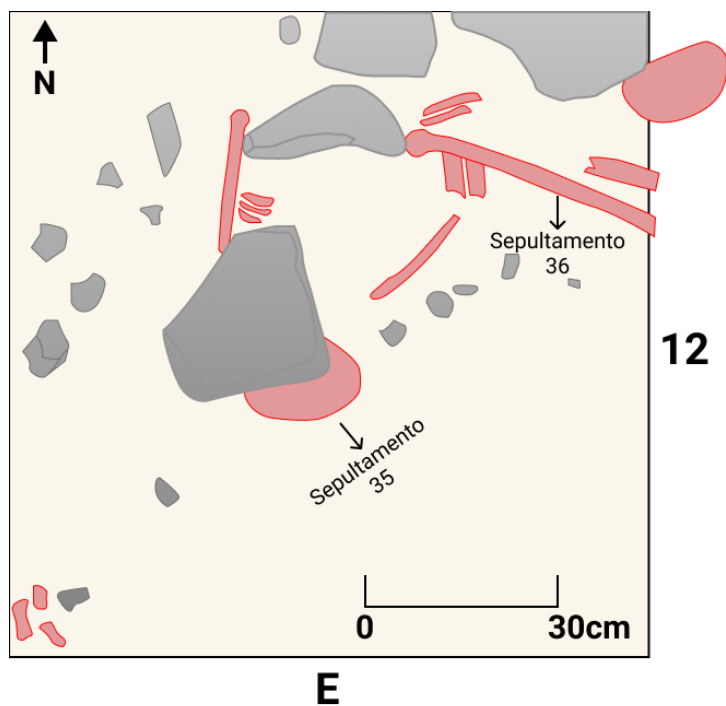


Figura 237 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 35 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio 2º retirada. Na figura, já é possível observar a evidência do esqueleto, do bloco de arcócio depositado acima do crânio e ossos longos do indivíduo.

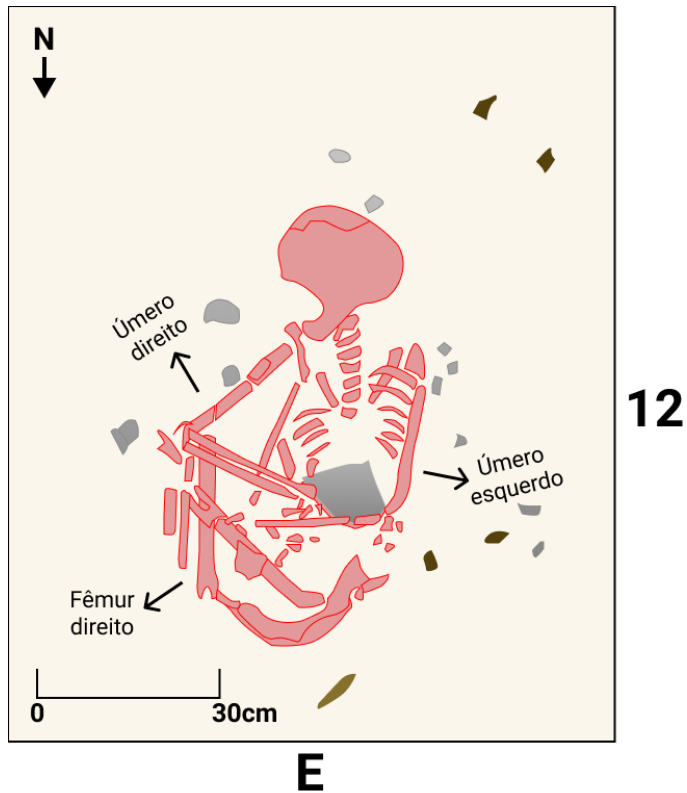


Figura 238 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 35 – Desenho digital baseado no croqui do nível II Médio (não especificada a retirada). Na figura, se observa o indivíduo totalmente exposto após a retirada dos blocos de arcócio que estavam depositados em cima.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.36 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 36

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 36 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado durante a campanha de 2009. O indivíduo estava sepultado entre as quadras D17 e E12, no nível II Médio (figura 239). As cotas iniciais para o topo do pé e do crânio foram, respectivamente, - 0,86 m e - 0,98 m. Já as cotas finais para a base do crânio e a base da cova foram de - 1,08 m e - 1,10 m. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

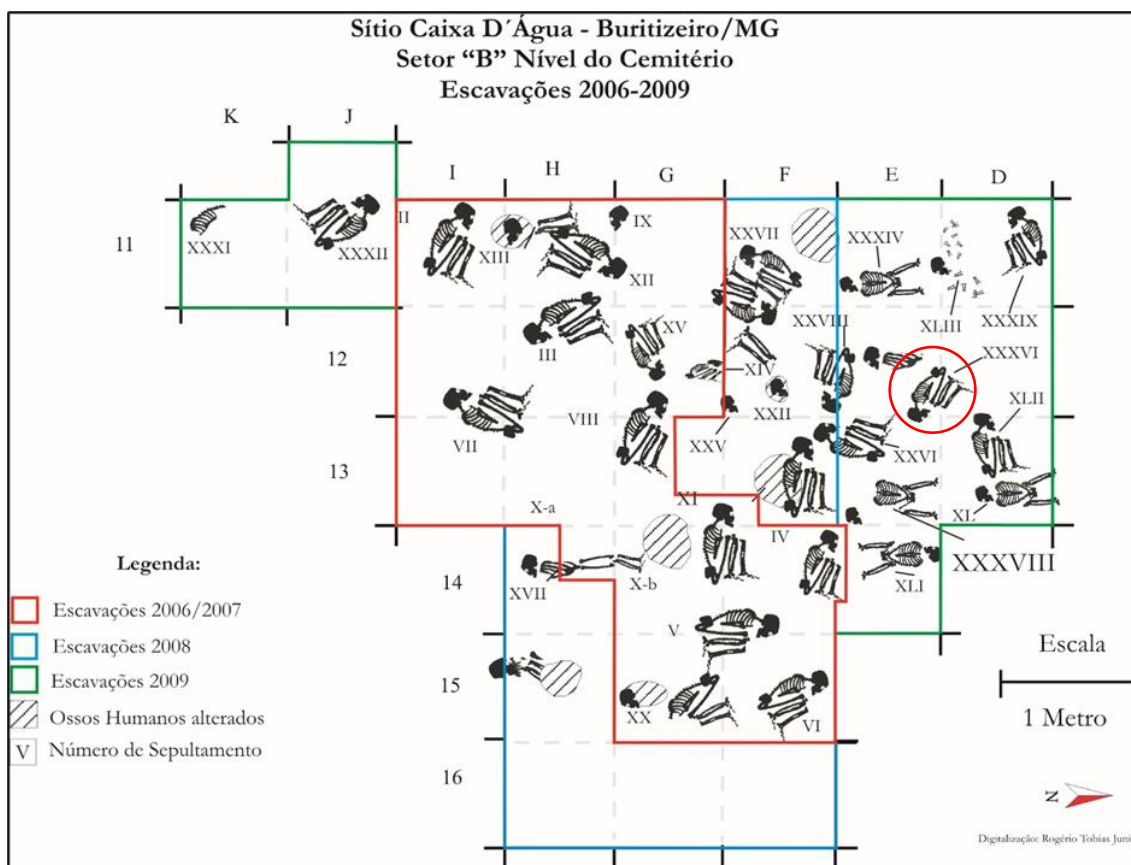


Figura 239 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 36. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 36 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 36 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo. Com base nas imagens e descrições de campo, o esqueleto aparentava ser de um adulto. O sexo não pôde ser inferido. Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto

foram consideradas baixas. O esqueleto estava depositado em uma área superficial do sítio, o que intensificou a perturbação do Sepultamento. Ainda assim, foi possível identificar que o corpo estava orientado no sentido leste → oeste (crânio → bacia) e com a face voltada para norte. Segundo as descrições, o esqueleto estava parcialmente articulado e fletido. Apesar de documentado, não foi possível obter imagens da posição do indivíduo em campo. As pernas estavam sobrepostas e o braço direito depositado abaixo delas, com a mão sobre o crânio do indivíduo. O braço esquerdo estava fletido e com o úmero deslocado do rádio e ulna, possivelmente perturbado. A mão estava abaixo do crânio. Em sítio, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre no esqueleto. Não foi possível determinar o espaço ocupado pelo esqueleto.

Durante a escavação, não foi possível identificar os limites da cova funerária. Ainda assim, blocos de pedra foram encontrados em cima da cova, cobrindo quase que totalmente o esqueleto (figura 240). Não foram obtidas informações quanto as características desses blocos, mas o que cobria as pernas do indivíduo parecia se tratar de um artefato polido (círculo vermelho na imagem A da figura 240). O peso causado pela estrutura ocasionou a compressão e quebra *post-mortem* dos ossos do indivíduo.



Figura 240 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 36 – Imagens do Sepultamento *in situ*. Nas fotografias, é possível observar a cobertura quase total do esqueleto pelos blocos de arcócio e a compressão causada pela estrutura nos ossos. Na imagem A, circulado em vermelho, o bloco de arcócio com uma das superfícies polidas. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fotos tiradas em 2009.

Nas descrições de campo é documentado que haviam artefatos, possivelmente acompanhamentos funerários, associados ao esqueleto. Uma ponta óssea e um dente de capivara estavam depositadas na região das costelas. Abaixo da mão direita do indivíduo também havia um artefato lítico. Considerando o grau de perturbação do Sepultamento, sobretudo na região do tórax, os artefatos possivelmente não estavam depositados no local original. Não foram encontradas fotografias desses objetos *in situ*. Suas localizações no Sepultamento, todavia, foram descritas em um croqui de exumação do Sepultamento 36 (figura 241).

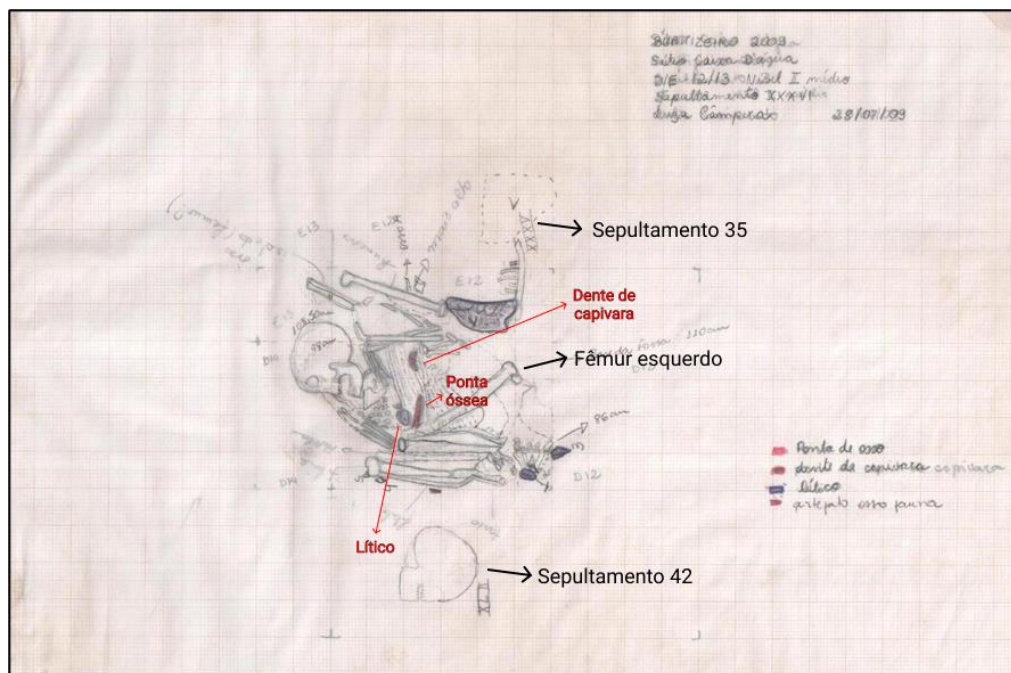


Figura 241 – Sítio arqueológico Caixa D’Água. Sepultamento 36 – Croqui de exumação do Sepultamento 36 no nível II Médio. Na imagem, é possível observar a posição do esqueleto e a disposição dos acompanhamentos funerários (setas vermelhas). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Modo de enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 36 do sítio arqueológico Caixa D’Água indicam um enterro primário e simples (figuras 242 a 244). Não foi identificado o contorno da cova funerária, mas o esqueleto parece ter sido coberto por blocos de arcócio. Como acompanhamento funerário, possivelmente foi depositada uma ponta óssea, um dente de capivara e um artefato lítico.

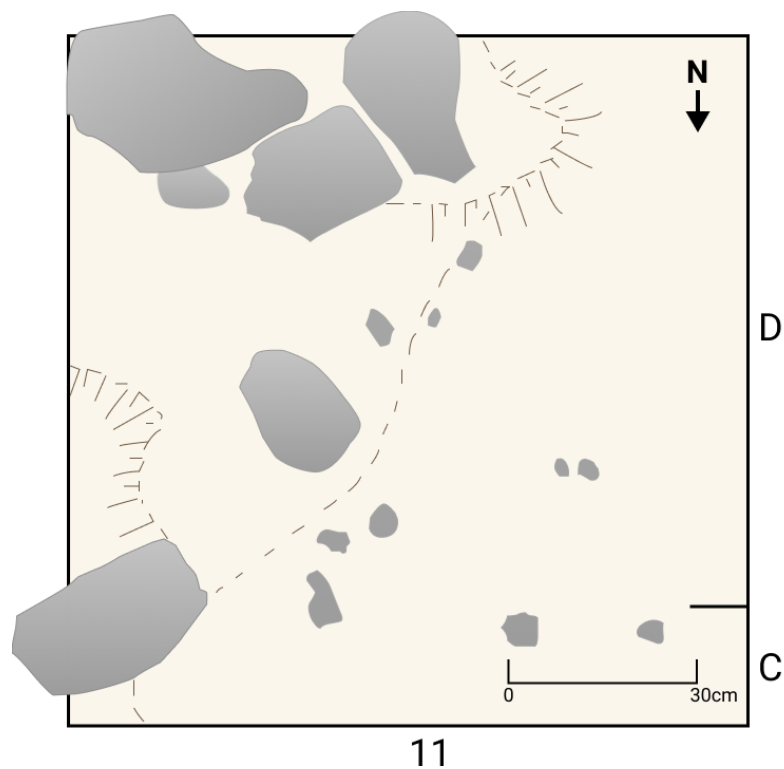


Figura 242 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 36 – Desenho digital baseado no croqui de escavação das quadras C11 e D11 no nível II Médio. A sul da imagem é possível observar os blocos de arcócio que estavam depositados acima do esqueleto.

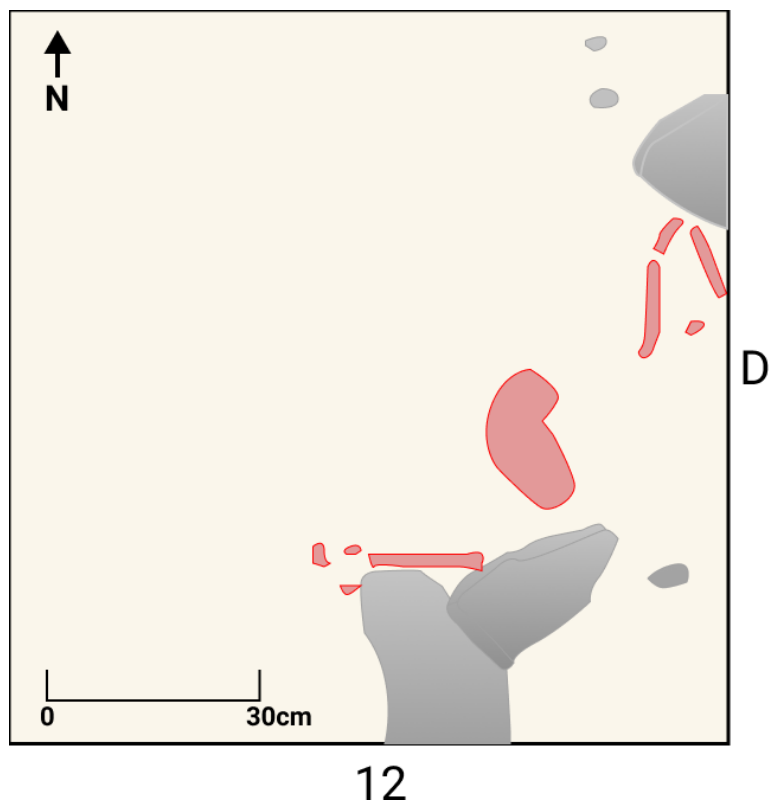


Figura 243 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 36 – Desenho digital baseado no croqui de escavação da quadra D12 no nível II Médio 1º retirada. Ao sul da quadra, é possível observar o surgimento de fragmentos ósseos correspondentes ao Sepultamento 36.

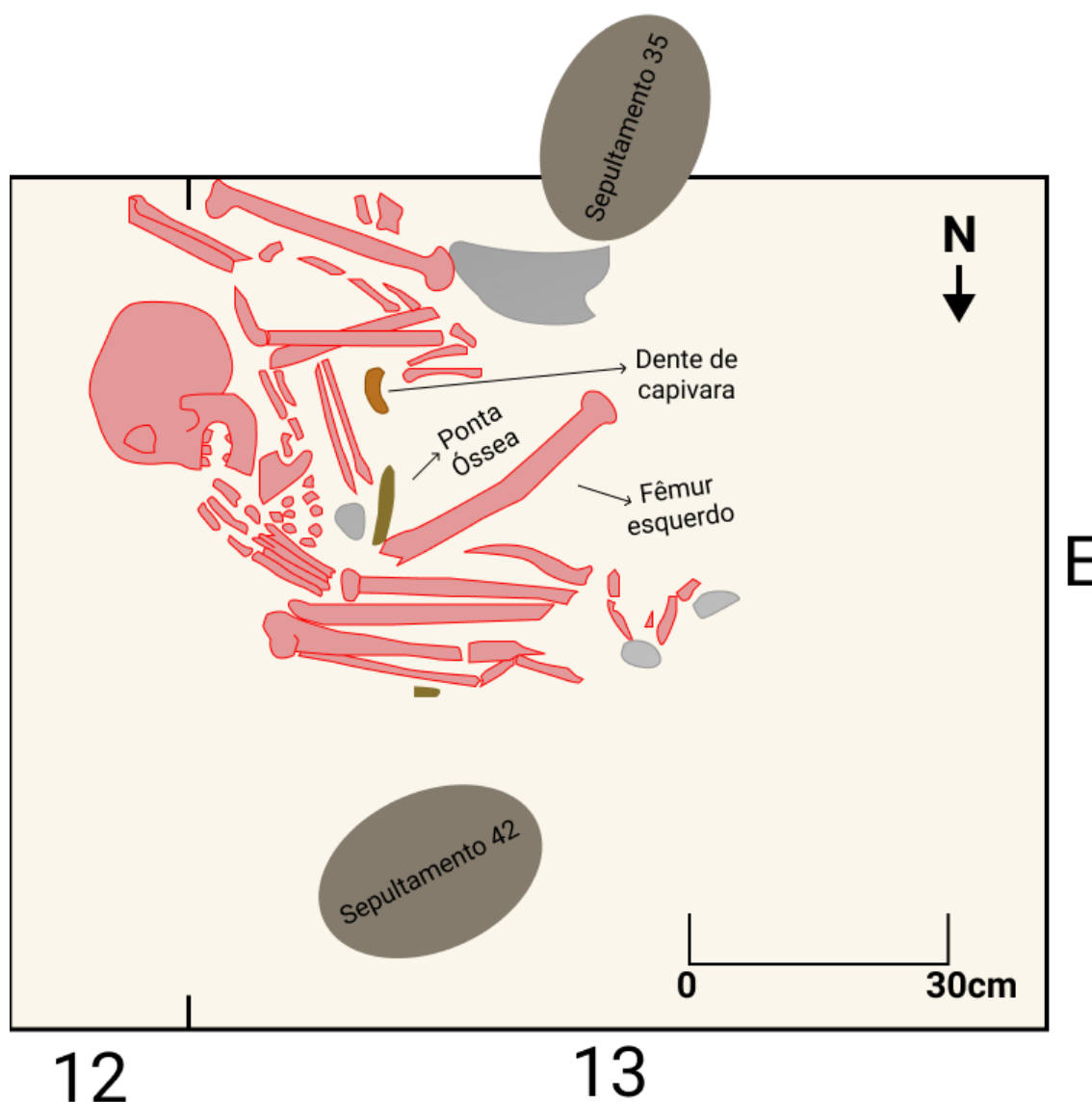


Figura 244 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 36 – Desenho digital baseado no croqui de exumação do esqueleto no nível II Médio. Na imagem, é possível observar o esqueleto totalmente exposto e os artefatos associados. Desenho feito após a retirada dos blocos de arcósio.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.37 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 38

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 38 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado durante a campanha de 2009. O indivíduo estava sepultado nas quadras E13 e E14, no nível II Médio (figura 245). Não foi possível obter as cotas iniciais e finais de exumação. Segundo descrições de campo, o Sepultamento 38 foi perturbado para a deposição do Sepultamento 26.

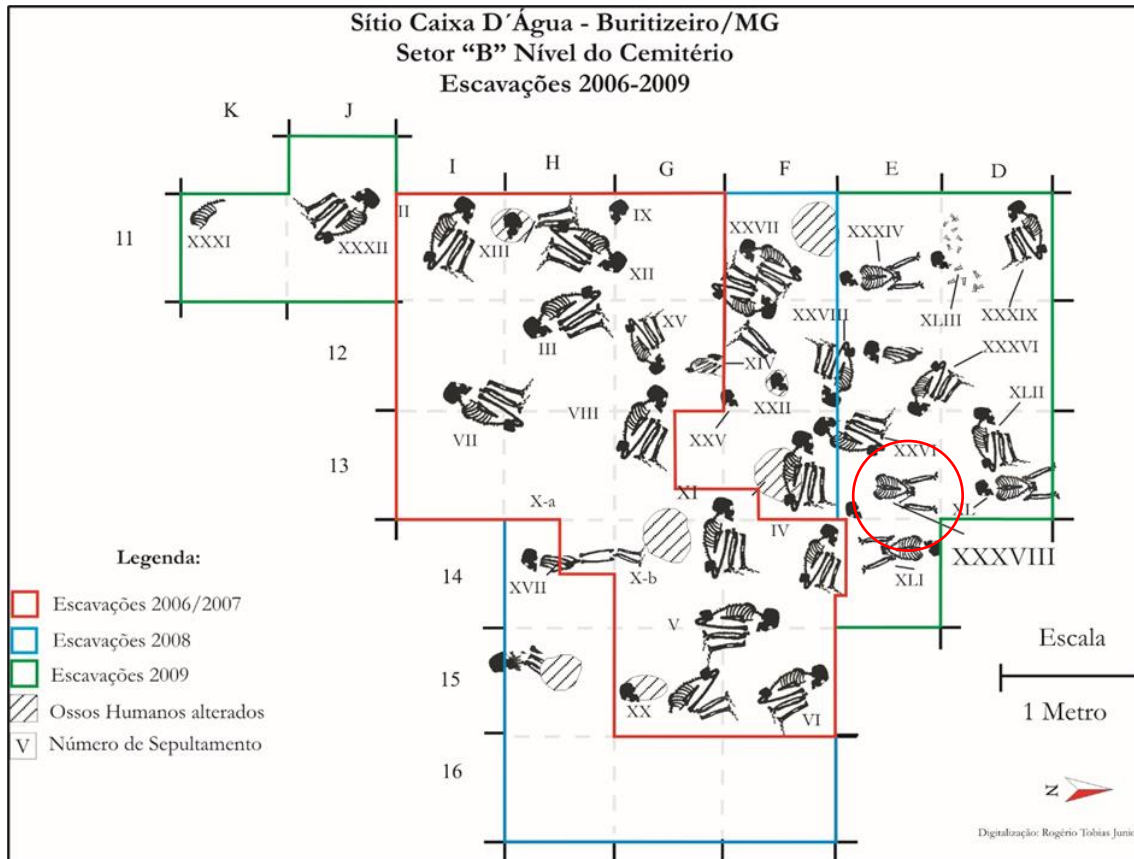


Figura 245 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 38. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 38 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 38 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por um esqueleto. Com base nas imagens de campo, o indivíduo seria possivelmente adulto. O sexo não pôde ser inferido. O corpo estava orientado no sentido sul → norte (crânio → bacia). O esqueleto estava parcialmente articulado, em posição semifletida. As pernas estavam cruzadas entre si, enquanto os braços estavam fletidos, com as mãos apoiando o crânio (figura 246). Segundo as descrições de campo, a sepultura foi perturbada para a deposição do Sepultamento 26.



Figura 246 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 38 – Imagem da exposição do Sepultamento 26, onde é possível observar o esqueleto correspondente ao Sepultamento 38 (seta vermelha). Ao lado, estava depositado o Sepultamento 26. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.

Modo de enterramento

Considerando o grau de perturbação do Sepultamento (figura 247 e 248), e a impossibilidade de obter dados de campo, não foi possível determinar o modo de enterramento.

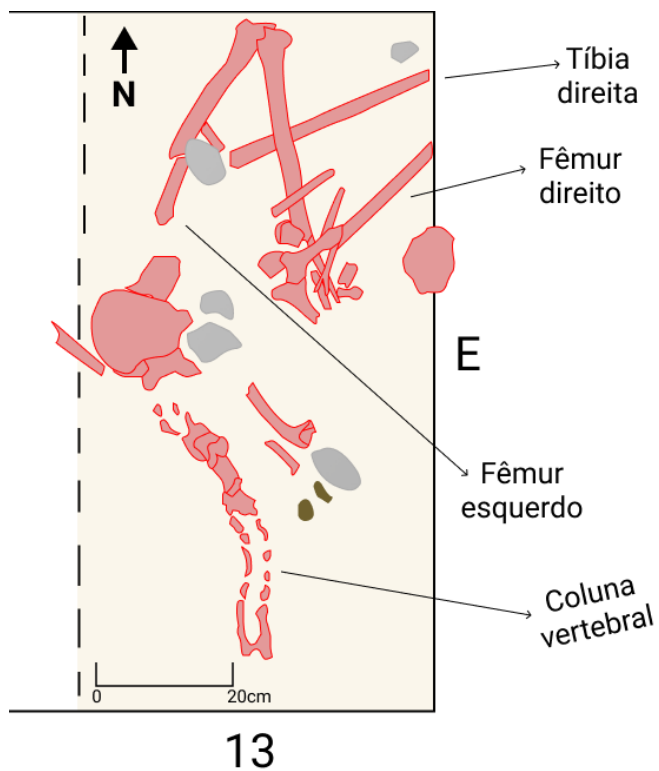


Figura 247 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 38 – Desenho digital baseado no croqui de exumação da parte inferior do Sepultamento 38.



Figura 248 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 38 – Desenho digital baseado no croqui de exumação da parte superior do Sepultamento 38.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.38 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 39

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 39 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado durante a campanha de 2009. O indivíduo estava sepultado na quadra D11 (figura 249). As cotas iniciais para o ombro, crânio e fêmur foram, respectivamente, - 0,93 m, - 0,92 m e - 1,01 m. Já a cota final para a base do Sepultamento foi de - 1,05 m. Não foi possível identificar o nível ao qual o esqueleto estava associado.

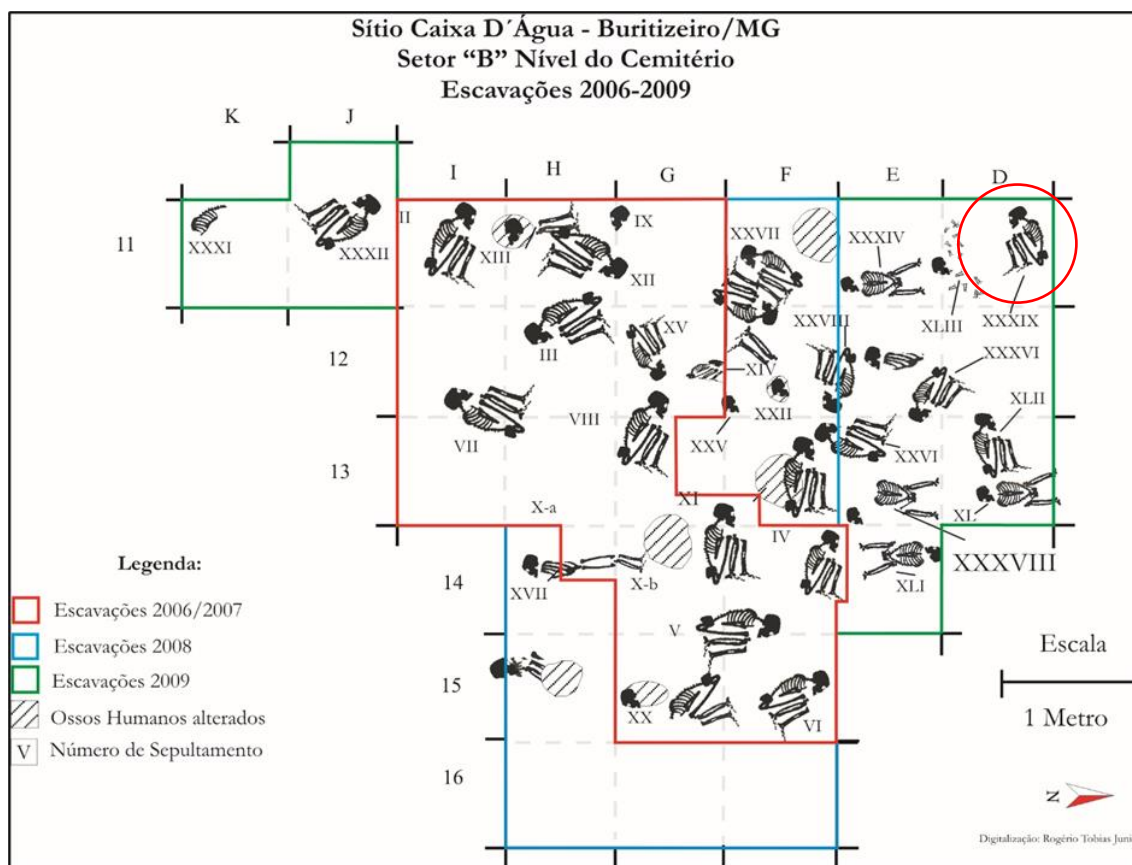


Figura 249 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 39. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 39 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 39 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por um indivíduo. Não foi possível inferir a idade a morte e o sexo do esqueleto. O corpo estava orientado no sentido sul → norte (crânio → bacia), com a face orientada para noroeste. Não foram obtidos

dados de campo para a exumação do esqueleto 39, o que dificultou a descrição desse Sepultamento.

Modo de enterramento

Considerando o grau de perturbação do Sepultamento e a impossibilidade de obter dados de campo, não foi possível determinar o modo de enterramento.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.39 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 40

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 40 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado durante a campanha de 2009. O indivíduo estava sepultado na quadra D13, no nível contato II/III (figura 250) A cota inicial do rádio e ulna esquerda foi de - 0,95 m. Já a cota final da base da sepultura foi de - 0,99 m.

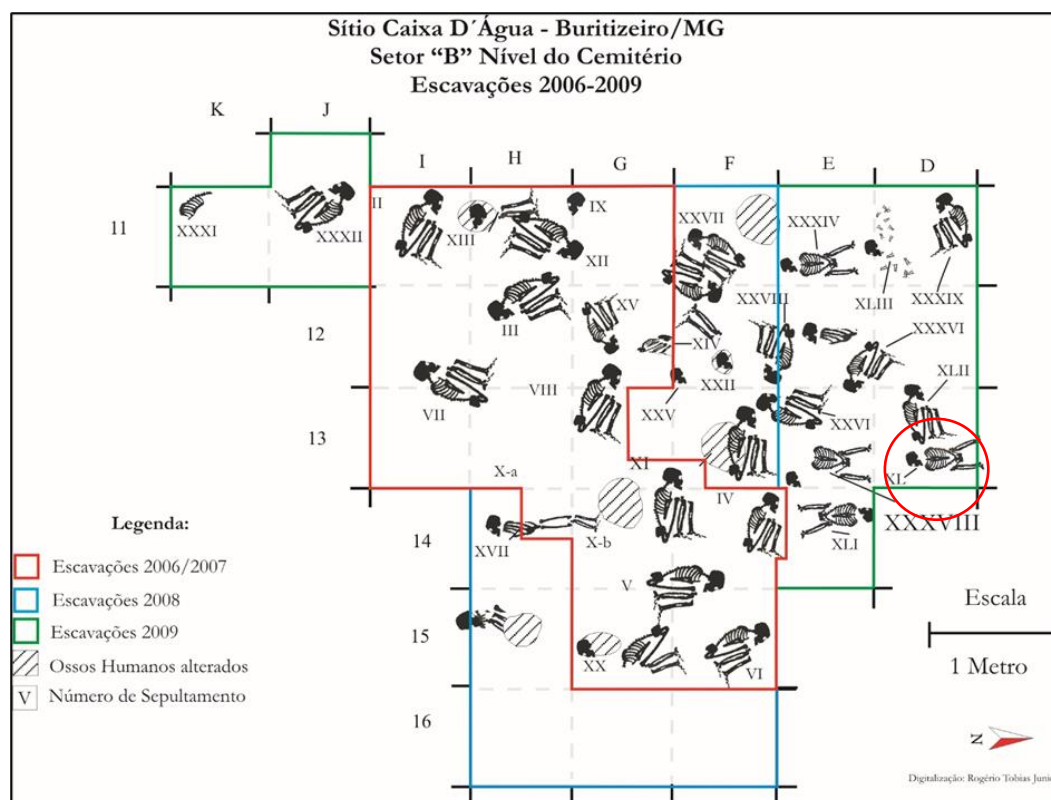


Figura 250 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 40. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 40 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 40 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por um indivíduo. Não foi possível inferir a idade a morte o sexo do esqueleto. O corpo estava orientado no sentido sul → norte (crânio → bacia). Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto foram consideradas baixas. O indivíduo estava parcialmente descontextualizado e depositado ao lado de um bloco de arcósio verticalizado (figura 251). Não foram obtidos dados de campo para a exumação do esqueleto 40, o que dificultou a descrição desse Sepultamento.



Figura 251 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 40 – Imagem do Sepultamento *in situ*. Na fotografia, é possível observar o estado fragmentado e descontextualizado do indivíduo. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.

Modo de enterramento

Considerando o grau de perturbação do Sepultamento e a impossibilidade de obter dados de campo, não foi possível determinar o modo de enterramento (figura 252).

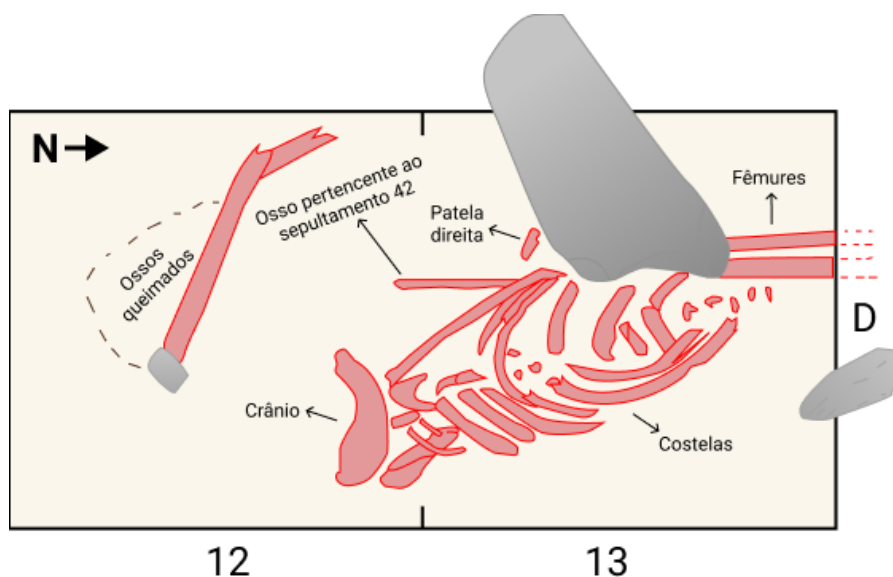


Figura 252 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 40 – Desenho digital baseado no croqui de escavação das quadras D12 e D13 no nível II Médio. Na imagem, é possível observar a posição dos fragmentos ósseos in situ e o estado perturbado do esqueleto.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.40 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 41

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 41 do sítio arqueológico de Buritizeiros (Caixa D'Água) foi escavado na campanha de 2009. O esqueleto foi encontrado na quadra E14, no nível II Inferior (figura 253). As cotas iniciais da quadra no começo da exumação foram - 1,08 m para noroeste, nordeste, sudeste e centro, e - 1,07 m para sudoeste. Já as cotas ao fim da exumação foram de - 1,15 m para noroeste, sudeste e centro e - 1,14 m para nordeste, sudoeste e a base do Sepultamento. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

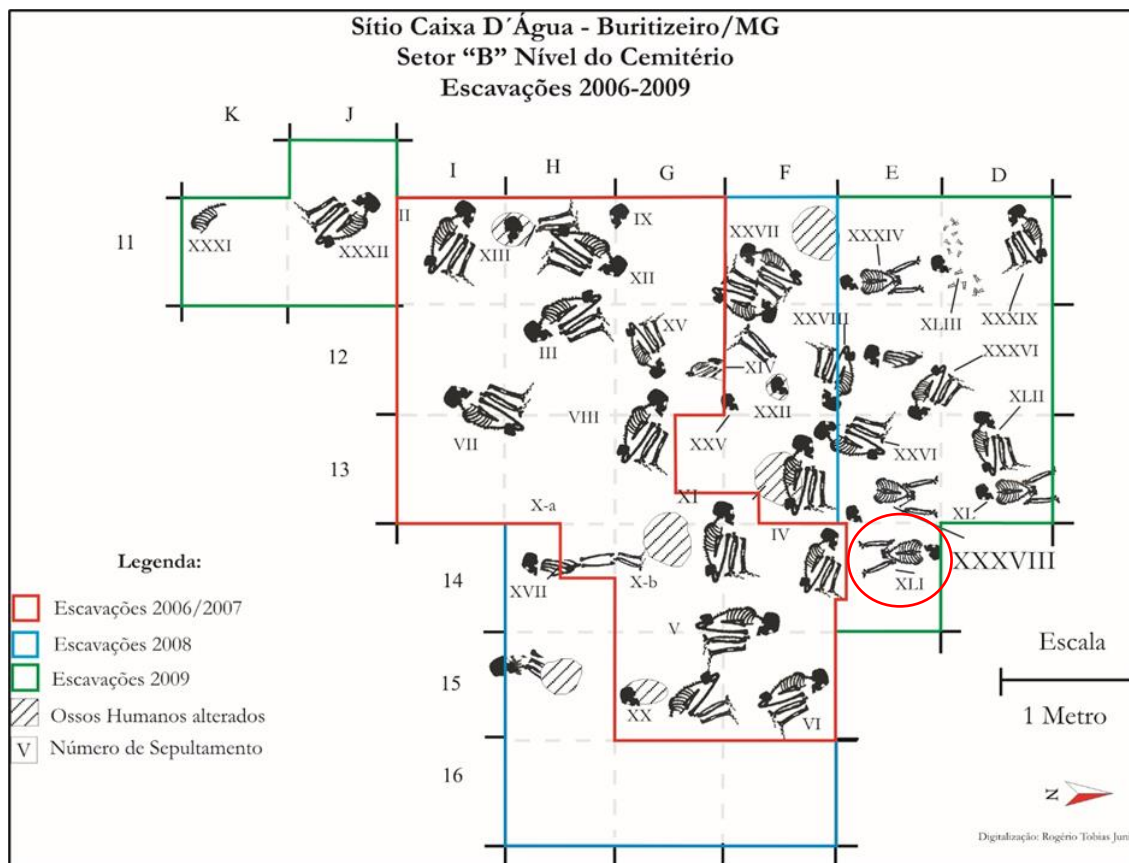


Figura 253 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 41. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 41 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

O Sepultamento 41 do sítio arqueológico Caixa D'Água era composto por apenas um indivíduo, possivelmente adulto. O sexo não pôde ser inferido. Ainda *in situ*, as condições de preservação do esqueleto foram consideradas regulares, estando bastante fragmentado e deformado. Não é especificada a causa dessa condição, mas ela pode ser atribuída ao peso causado pelo maquinário que realizou atividades no local na década de 80. O crânio, especificamente, estava com um grau de compressão elevado. Ainda assim, foi possível identificar que o corpo estava orientado no sentido norte → sul (crânio → bacia) e com a face voltada para sudeste. O esqueleto estava articulado, semifletido, em decúbito lateral direito. As pernas estavam dobradas em sentido oposto a bacia, que estava inclinada para esquerda. O braço direito estava fletido sobre o tórax do indivíduo, com o antebraço dobrado sobre as costelas e a mão apoiada no ombro do membro oposto. Já o braço esquerdo estava estendido ao lado do corpo (figura 254). Em campo, não foram observadas marcas de corte, queima ou aplicação de ocre. Pigmentação vermelha foi encontrada distribuída sobre toda a quadra, inclusive dentro do Sepultamento. Todavia, parece se tratar de uma atividade não antrópica.



Figura 254 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 41 – Imagem do esqueleto in situ, onde é possível observar a posição dos membros do indivíduo sepultado. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.

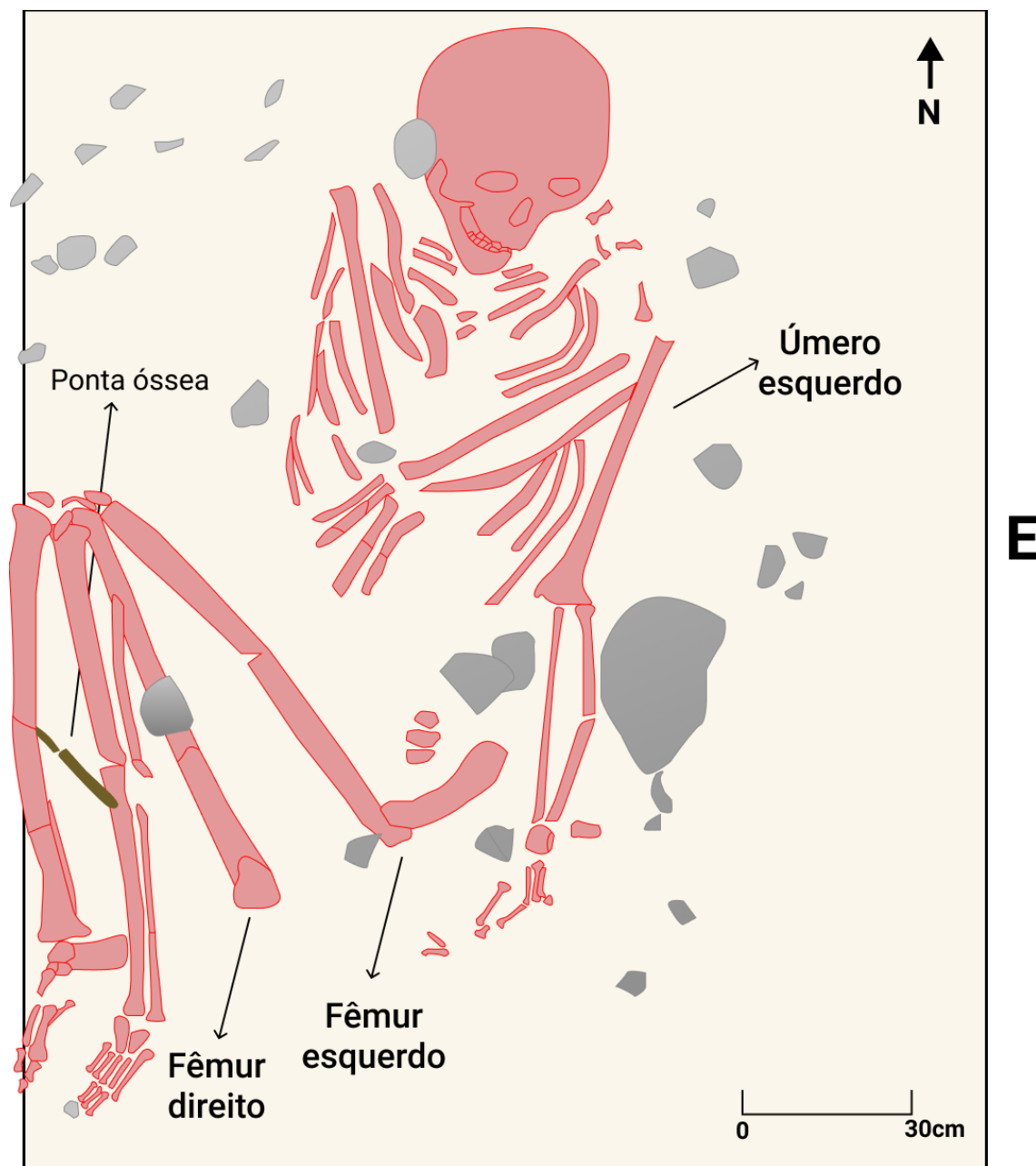
Durante as escavações, não foi possível observar as dimensões da cova funerária, nem o espaço ocupado pelo esqueleto. Ainda assim, é descrito que o corpo estava depositado em uma cova rasa e não parecia estar coberto por alguma estrutura de arcósio. Blocos de pedra pequenos apenas circundavam o esqueleto em algumas regiões, como no tórax, bacia e fêmures. Um bloco maior estava inclinado para dentro da cova, delimitando o braço esquerdo do indivíduo. Além desses artefatos, uma ponta óssea de 10 cm foi encontrada em posição perpendicular as tíbias do indivíduo e foi classificada como um acompanhamento funerário (figura 255).



Figura 255 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 41 – Imagem do esqueleto in situ. Na figura, se observa os blocos que circundavam o esqueleto (setas vermelhas). A direita, o bloco maior, verticalizado, que delimitava o braço esquerdo do indivíduo. A seta preta indica o local onde estava depositada a ponta óssea associada ao esqueleto. **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto tirada em 2009.

Tipo de enterramento

As feições descritas para o Sepultamento 41 do sítio arqueológico de Caixa D'Água indicam um enterro primário e simples. Não foi possível determinar o contorno da cova ou alguma delimitação do corpo do indivíduo, mas o esqueleto foi enterrado em uma cova rasa. Como acompanhamento funerário, uma ponta óssea foi depositada na região das tíbias (figura 256).



14

Figura 256 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 41 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação do esqueleto, onde se observa o indivíduo totalmente exposto, a posição dos membros inferiores e superiores e a localização dos artefatos associados com o corpo.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.41 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 42

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 42 do sítio arqueológico de Buritizeiros (Caixa D'Água) foi escavado na campanha de 2009. O esqueleto foi encontrado na quadra D13, no nível II Médio (figura 257). As cotas para o topo do crânio, ossos carbonizados associados e o osso mais alto do Sepultamento foram, respectivamente, - 0,95 m, - 1,02 m e - 0,99 m. Já a profundidade do osso mais baixo do Sepultamento e para a base do crânio foram de -1,06 m e - 1,11 m. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

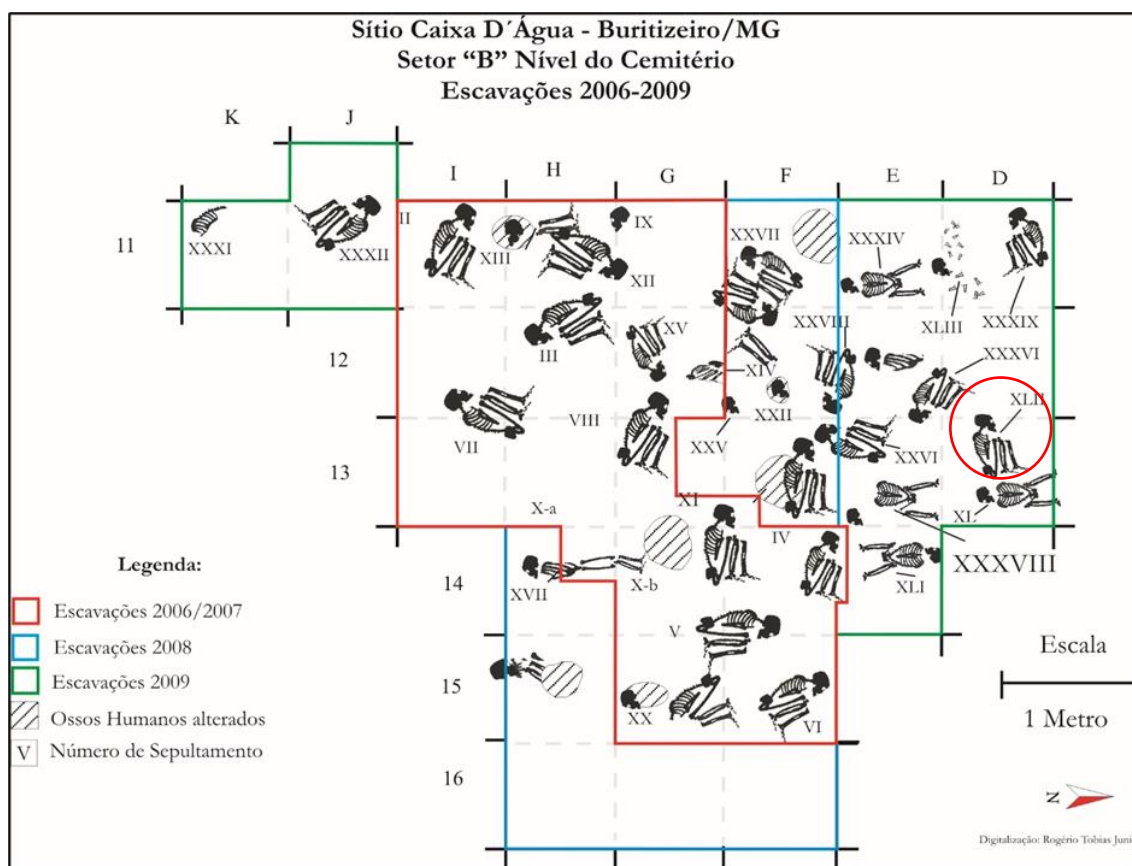


Figura 257 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 42. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'Água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 42 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Poucas informações sobre o Sepultamento 42 do sítio arqueológico Caixa D'Água puderam ser obtidas. Segundo descrições de campo, o Sepultamento, intensamente remexido, era composto por um indivíduo. A idade a morte e o sexo do esqueleto não puderam ser inferidos. *In situ*, é sugerido que o corpo estava possivelmente orientado no sentido nordeste - > sudeste (crânio -> bacia), com a face virada para norte. Ainda que o crânio estivesse bem preservado, o restante dos ossos do esqueleto, como as costelas e ossos longos encontravam-se muito fragmentados. Alguns líticos estavam espalhados ao redor do indivíduo, bem como a

sudeste do crânio havia uma concentração de ossos carbonizados. A associação desses elementos com o Sepultamento 42, todavia, não pôde ser confirmada.

Tipo de enterramento

Considerando o grau de perturbação do Sepultamento (figura 258), e a impossibilidade de obter dados de campo, não foi possível determinar o modo de enterramento.

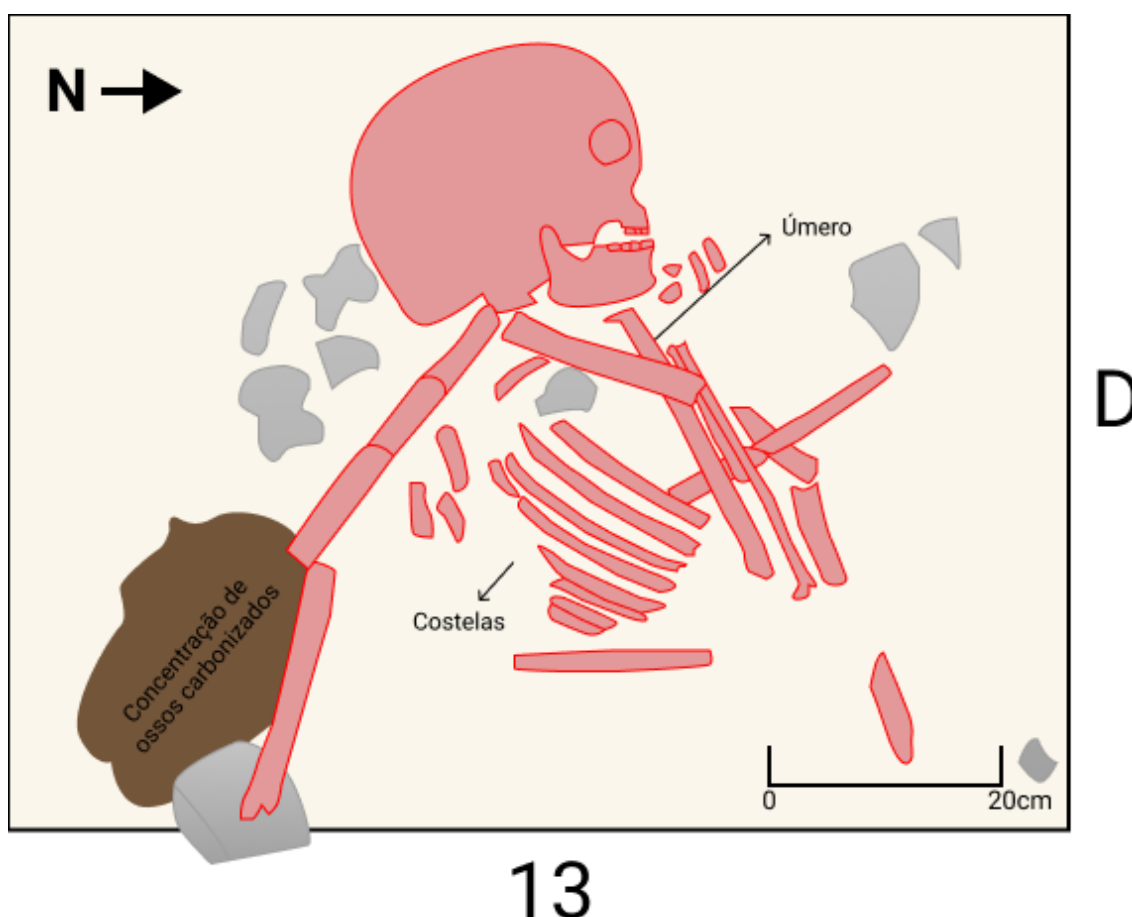


Figura 258 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 42 – Desenho digital baseado no croqui de exumação final do esqueleto, onde se observa a posição dos fragmentos ósseos.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

7.42 Buritizeiro Caixa D'Água - Sepultamento 43

Localização espacial e estratigráfica

O Sepultamento 43 do Sítio arqueológico Caixa D'Água foi escavado durante a campanha de 2009. O indivíduo estava sepultado na quadra D12, no nível II Médio/Inferior

(figura 259). A cota inicial e final para o crânio foi de, respectivamente, -1,08 m e -1,18 m. Não foram documentadas associações com outros sepultamentos.

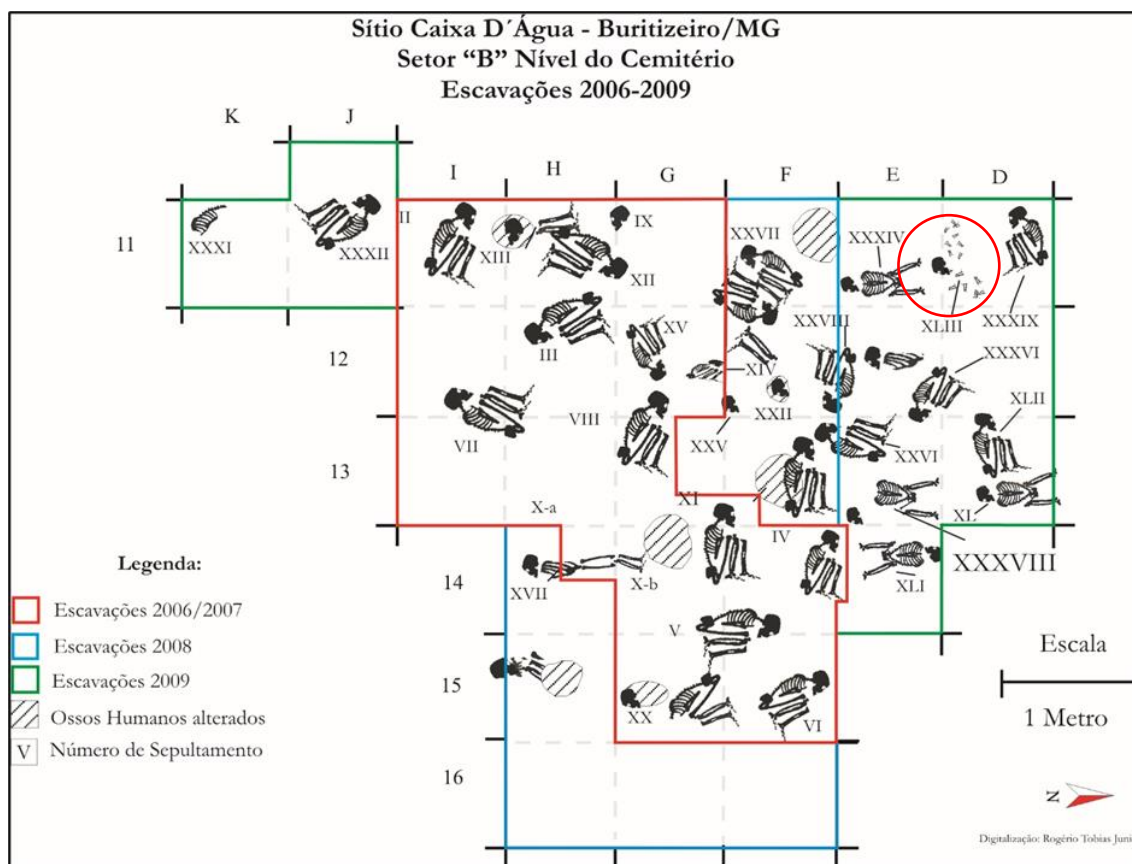


Figura 259 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 43. Desenho esquemático das quadras escavadas no setor B do sítio arqueológico Caixa D'água onde é possível visualizar a localização do Sepultamento 43 (círculo vermelho). **Créditos:** Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Descrição do Sepultamento

Poucas informações a respeito do Sepultamento 43 do sítio arqueológico Caixa D'Água puderam ser obtidas. Segundo algumas descrições de campo, o Sepultamento era formado por um conjunto de ossos esparsos e queimados e um crânio. Carvões vegetais circulavam todo o sepultamento. Imediatamente abaixo do crânio do indivíduo, havia um túnel, possivelmente ocasionado por algum animal.

Modo de enterramento

Considerando o grau de perturbação do Sepultamento (figura 260), e a impossibilidade de obter dados de campo, não foi possível determinar o modo de enterramento.

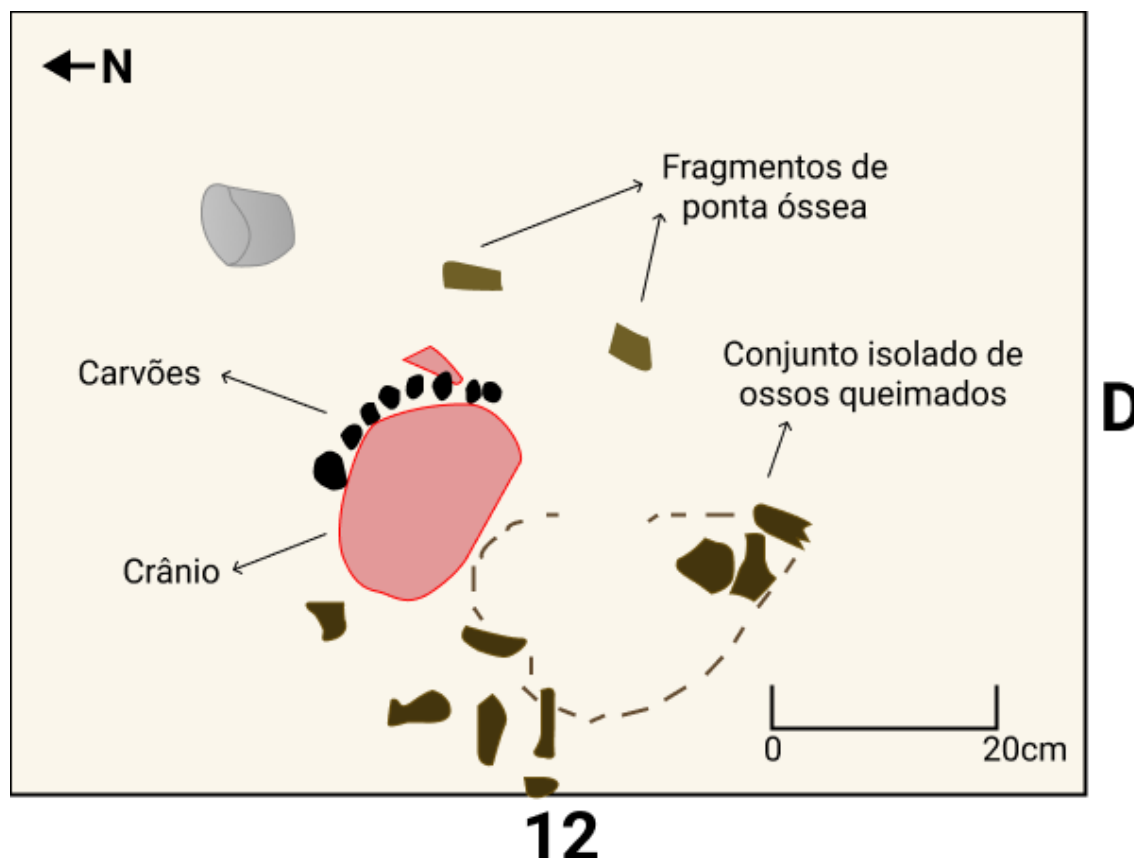


Figura 260 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Sepultamento 43 – Desenho digital baseado no croqui final de exumação dos fragmentos ósseos, onde se observa a dispersão dos fragmentos sobre o sedimento.

Análise em laboratório

Material inexistente para análise.

8. Os Padrões de Sepultamento de Caixa D'Água

Em estudos de práticas mortuárias, parte dos esforços estão voltados para a definição de padrões de sepultamento do sítio arqueológico estudado. De maneira geral, espera-se que tais gestos reflitam as normas sociais e/ou culturais de uma dada sociedade em relação ao tratamento de seus mortos. Já em uma visão mais pragmática, um padrão de sepultamento pode ser visto como um agrupamento de enterramentos que compartilham um conjunto de similaridades julgadas relevantes pelo pesquisador (e. g. posição do corpo, presença ou ausência de acompanhamentos funerários). Entretanto, não é esperado que uma determinada cultura apresente normas inflexíveis para enterrar seus mortos. Ou seja, diferentes conjuntos de sepultamento que compartilhem propriedades formais podem pertencer a um mesmo padrão de enterramento. Nesse sentido, é fundamental que também se considere a posição cronológica e a disposição espacial dos indivíduos, além de suas propriedades formais, no processo de se caracterizar um padrão de sepultamento. Isso porque, mais que uma característica geral

compartilhada por um conjunto, é importante que haja uma relação cronológica entre os sepultamentos agrupados, para que sejam maiores as chances de um grupo de enterramentos terem sido gerados por um conjunto comum de normas de uma mesma sociedade.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas durante a investigação de padrões funerários no sítio Caixa D'Água está relacionada, justamente, as questões cronológicas e de disposição espacial dos enterramentos. Nas etapas de campo que ocorreram entre 2005 e 2009, a metodologia de escavação seguiu os níveis naturais do estrato, em conjunto com a aplicação do critério de sucessão entre a densidade qualitativa de material lítico e sua diminuição (Alves, 2010). Para os quatro níveis arqueológicos identificados no sítio houveram subníveis intermediários, definidos como superior, médio e inferior. Apesar dessa metodologia ser útil para a observação de alterações na matéria prima e artefatos líticos, ela pode dificultar a inferência de relações espaciais entre os sepultamentos. Isso porque, como os “subníveis” foram divididos de acordo com o material lítico, enterramentos possivelmente contemporâneos foram separados em níveis distintos sem um critério diretamente relacionado a suas profundidades. Além disso, durante as diferentes campanhas de escavação, as nomenclaturas dos níveis e as profundidades a eles atrelados foram alterados. Esses fatores impossibilitaram a compreensão total da relação cronológica entre os sepultamentos.

Diversos problemas foram observados nos registros de campo de diferentes sepultamentos do sítio Caixa D'Água. Em alguns indivíduos, por exemplo, não foram anotados o nível e a profundidade de deposição do esqueleto. Considerando aqueles em que essa informação está presente, pode se afirmar que, de maneira geral, os enterramentos de Caixa D'Água estavam associados ao nível II Médio (tabela 3). Contudo, as profundidades dos sepultamentos agrupados em um mesmo nível variaram consideravelmente (e. g. Sepultamento 21: - 0,76 m e Sepultamento 26: - 1,14 m). Indivíduos enterrados em níveis anteriores ao II Médio também apresentaram profundidades maiores (e.g. Sepultamento 11: Nível II Superior). Além disso, não é claro nas documentações de campo se as cotas tiradas dos sepultamentos exumados em diferentes etapas seguiram como referência um mesmo ponto zero.

Tabela 3 – Sítio arqueológico Caixa D'Água. Tabela apresentando as quadras, níveis arqueológicos e cotas iniciais e finais de cada Sepultamento.

Sepultamento	Quadra	Nível arqueológico	Cota inicial	Cota final
1	P12 e O12	Nível IV Superior	Crânio: - 0,56 m Bacia: - 0,54 m Pés: - 0,53 m	Crânio: - 0,58 m Úmero: - 0,52 m Costelas: - 0,44 m
2	I11 e I12	Nível I Médio	Úmero esq: - 0,31m Escápula esq: - 0,27 m Mão dir: - 0,29 m	Não consta
3	H11 e H12	Nível I Médio	Não consta	Não consta
4	F14	Nível I (1º retirada)	Não consta	Não consta
5	F14 e F15	Não consta	Não consta	Não consta
6	G15	Nível I Superior	Não consta	Não consta
7	H/I 12 e 13	Não consta	Não consta	Não consta
8	G/H 12 e 13	Nível II	Não consta	Não consta
9	G11	Não consta	Não consta	Não consta
10	H/G 13 e 14	Nível II Inferior	Não consta	Não consta
11	G/F 13 e 14	Nível II Superior	Bloco acima do esqueleto: - 2,21 m	Base crânio: - 2,37 m Base bacia: - 2,43 m
12	H11	Nível II Superior	Não consta	Fundo da fossa: - 1,17 m
13	H11 e I11	Nível II	Não consta	Fundo da fossa: - 1,17 m
14	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta
15	G11 e G12	Nível II Médio	Não consta	Não consta
16	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta
17	H/G 13 e 14	Nível II Inferior	Não consta	Base da cova: - 1,18 m
18	G13 e G14	Contato II – III	Não consta	Rádio: - 1,15 m Tórax: - 1,20 m Crânio: - 1,21 m
19	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta

20	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta
21	F13	Nível II Médio	Topo: - 0,76m	Não consta
22	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta
23	F12 e F13	Não consta	Bloco (mó): - 0,87 m	Fundo da cova: - 0,93 m
24	F11 e F12	Nível II Médio	Crânio: - 0,76 m	Fundo da cova: - 1,04 m
25	F13 e G13	Nível II Médio	Não consta	Não consta
26	E13 e F13	Nível II Médio	Sw: - 1,14 m Se: - 1,11 m Nw: - 1,06 m Ne: - 1,09 m	Não consta
27	F11	Nível II Médio Inferior B	Crânio: - 0,93 m	Fundo da cova: - 1,10 m
28	F12 e E12	Nível II Médio	Topo: - 0,90 m	Bacia: - 1,15 m Centro: - 1,11 m Crânio: - 1,08 m
29	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta
30	F13	Nível II Inferior	Topo bloco: - 1,03 m Osso longo: - 1,12m	Sw: - 1,22 m Nw: - 1,22 m Se: - 1,20 m Ne: - 1,20 m
31	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta
32	J10	Nível II Superior	Crânio: - 0,68 m Base braço: - 0,79 m Osso mais alto: - 0,69 m Osso mais baixo: -0,76 m Perna direita: - 0,65 m Conj. Pedras aos pés do indivíduo: - 0,69 m	Não consta
33	F12 e F13	Não consta	Blocos acima: - 1,05m; - 0,97 m; - 1,02 m	Não consta
34	E11	Nível II Inferior	Nw: - 1,09 m	Nw: - 1,16 m

			Ne: - 1,11 m	Ne: - 1,16 m
			Sw: - 1,08 m	Sw: - 1,16 m
			Se: - 1,05 m	Se: - 1,16 m
			Centro: - 1,09 m	Centro: - 1,14 m
			Centro da fossa: - 1,12 m	
			Topo crânio: - 1,01 m	
35	E12	Nível II Médio	Topo bloco acima do esqueleto: - 1,02 m	Base bloco: - 1,11 m
36	D12 e E12	Nível II Médio	Topo pé: - 0,86 m	Base crânio: - 1,08 m
			Topo crânio: - 0,98 m	Base cova: - 1,10 m
37	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta
38	E13 e E14	Nível II Médio	Não consta	Não consta
39	D11	Não consta	Ombro: - 0,93 m	Base: - 1,05 m
			Crânio: - 0,92 m	
			Fêmur: - 1,01 m	
40	D13	Contato II – III	Ulna e rádio esq: - 0,95 m	Cota final: -0,99m
41	E14	Nível II Inferior	Nw: - 1,08 m	Nw: - 1,15 m
			Ne: - 1,08 m	Ne: - 1,14 m
			Sw: - 1,07 m	Sw: - 1,14 m
			Se: - 1,08 m	Se: - 1,15 m
			Centro: - 1,08 m	Centro: - 1,15 m
42	D13	Nível II Médio	Topo crânio: - 0,95 m	Base do crânio: - 1,11 m
			Osso queimado: - 1,02 m	
			Osso mais alto: - 0,99 m	
			Osso mais baixo: - 1,06 m	
43	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta

Com base nas informações atualmente disponíveis, fica clara a impossibilidade de se estabelecer, a partir de dados estratigráficos, uma relação cronológica e espacial entre os Sepultamentos. Esse fator faz com que a geração de datas diretas para os indivíduos sepultados

seja uma etapa crucial no processo de caracterização dos padrões funerários. Apesar das inúmeras tentativas, essa tarefa não pôde ser realizada durante o período contemplado por este trabalho⁹. Por esse motivo, optou-se por não estabelecer padrões funerários, mas sim determinar possíveis agrupamentos, a partir de similaridades e diferenças, dos enterramentos aqui apresentados, sem considerar suas relações cronológicas.

Foram realizadas Análises de Cluster a partir de um banco de dados em formato de matriz binária formado com as características de deposição dos 43 sepultamentos de Caixa D'Água. Contudo, apenas 39 enterramentos continham descrições e participaram da análise. No gráfico gerado, foi possível observar um eixo de origem em comum entre todos os sepultamentos. Abaixo, dois grandes agrupamentos foram formados, sendo que um deles se dividiu em dois grupos (figura 261). A Análise de Cluster gerada foi utilizada para facilitar a avaliação, visual e qualitativa, das características responsáveis pela formação dos agrupamentos. Assim, foi estabelecida a presença de quatro agrupamentos.

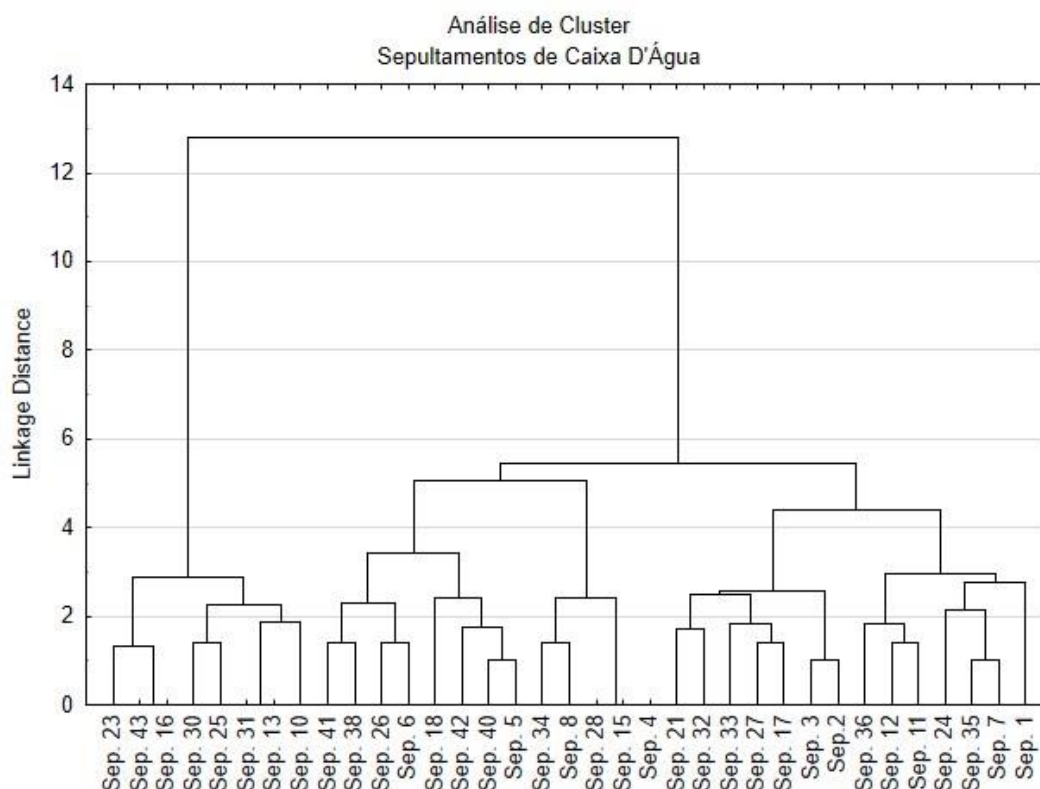


Figura 261 – Gráfico gerado a partir de Análise de Cluster em que se observa a formação de três agrupamentos, sendo que dois deles derivaram de um eixo em comum.

⁹ Inicialmente, um dos objetivos do presente trabalho era gerar datas diretas para os Sepultamentos de Caixa D'Água, em colaboração com o Instituto Weizmann, em Israel, já que a tentativa de estabelecer datações em laboratórios comerciais se mostrou ineficiente. Contudo, devido a pandemia da covid-19, não foi possível realizar essa etapa do projeto.

8.1 Agrupamento de Sepultamento 1

Foram incluídos no agrupamento 1 os Sepultamentos 23, 43 e 16, que se tratavam de enterramentos formados por uma concentração circular de ossos fragmentados. Durante as escavações, eles foram considerados sepultamentos perturbados ou desconexos. O Sepultamento 23 era composto por ossos humanos fragmentados, sem evidências de queima, depositados acima de um bloco de arcósio, descrito como uma mó. O Sepultamento 43 era formado por ossos humanos fragmentados e parcialmente queimados. Já o Sepultamento 16, é descrito apenas como uma concentração circular de ossos fragmentados (tabela 4).

Tabela 4 – Lista dos Sepultamentos referentes ao primeiro agrupamento e suas respectivas características de deposição.

Sepultamento	Características
23	Concentração circular de ossos fragmentados; associado a uma mó.
43	Concentração circular de ossos fragmentados.
16	Concentração circular de ossos fragmentados.

8.2 Agrupamento de Sepultamento 2

Foram incluídos no agrupamento 2 os Sepultamentos 30, 25, 31, 13 e 10. Esse grupo é formado por Sepultamentos cujas informações de deposição se mostraram insuficientes para a identificação do tipo de enterramento (tabela 5).

Tabela 5 – Lista dos Sepultamentos referentes ao segundo agrupamento e suas respectivas características de deposição.

Sepultamento	Características
30	Desarticulado; tipo de sepultamento indeterminado; blocos de pedra circundando e em cima do indivíduo
25	Desarticulado; tipo de enterramento indeterminado; crânio apoiado sobre bloco; blocos circundando o indivíduo.
31	Desarticulado; tipo de enterramento indeterminado.
13	Desarticulado; tipo de enterramento indeterminado.
10	Desarticulado; tipo de enterramento indeterminado; ponta em osso; colar de dentes de fauna.

8.3 Agrupamento de Sepultamento 3

Formado por 13 enterramentos, o agrupamento 3 é composto por sepultamentos que compartilham algumas propriedades similares no modo de enterramento. Os Sepultamentos, simples e primários, se dividiram entre os que não estavam fisicamente delimitados e aqueles tinham apenas uma ou duas unidades de blocos de arcósio circundando ou em cima do esqueleto. Como acompanhamento funerário, de modo geral, foram encontradas pontas em osso (tabela 6).

Tabela 6 – Lista dos Sepultamentos referentes ao terceiro agrupamento e suas respectivas características de deposição.

Sepultamento	Características
41	Articulado; simples; primário; semifletido; decúbito lateral direito; blocos circundando o sepultamento; ponta em osso.
38	Parcialmente articulado; simples; primário; semifletido; decúbito lateral direito.
26	Articulado; simples; primário; semifletido; decúbito lateral esquerdo; lítico; ponta em osso.
6	Parcialmente articulado; simples; primário; semifletido; decúbito lateral esquerdo; blocos circundando o esqueleto; ponta em osso.
18	Articulado; simples; primário; estendido; decúbito ventral; ponta em osso.
42	Desarticulado; simples.
40	Desarticulado; simples; primário; blocos em cima do esqueleto.
5	Parcialmente articulado; simples; primário; decúbito lateral esquerdo; blocos em cima do esqueleto
34	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito dorsal; ponta em osso.
8	Desarticulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral esquerdo; blocos circundando o sepultamento.
28	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral esquerdo.
15	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral esquerdo.
4	Desarticulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral esquerdo.

8.4 Agrupamento de Sepultamento 4

O agrupamento 4 é composto por 14 enterramentos. De maneira geral, os Sepultamentos, simples e primários, estavam cobertos e/ou circundados por uma grande

quantidade de blocos de arcósio. Tais blocos variaram entre material não trabalhado, mós e/ou laje fúnebres. Os acompanhamentos funerários eram diversos. Em alguns casos, foram encontrados líticos, dentes de animais e/ou pontas em osso. Em outros indivíduos, foi observada a presença de uma concentração de artefatos sobre a bacia. Esse conjunto de materiais, composto por líticos, pontas em osso e ossos e dentes de animais, estava compactado e em posição original. Isso se deu, possivelmente, devido ao seu armazenamento em algum recipiente perecível.

Tabela 7 – Lista dos Sepultamentos referentes ao quarto agrupamento e suas respectivas características de deposição.

Sepultamento	Características
21	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral esquerdo; blocos circundando e em cima do sepultamento; concentração de artefatos sobre a bacia.
32	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito dorsal; circundando o sepultamento; conjuntos de blocos abaixo do sepultamento.
33	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral direito; crânio apoiado sobre um bloco; blocos circundando o sepultamento.
27	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral direito; blocos abaixo e circundando o sepultamento.
17	Parcialmente articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral direito.
3	Parcialmente articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral direito; laje funerária; conjunto de blocos abaixo do esqueleto.
2	Articulado; simples; primário; fletido; bloco abaixo dos pés do indivíduo; laje funerária.
36	Parcialmente articulado; simples; primário; fletido; mós; blocos em cima do esqueleto; dente de capivara; ponta em osso.
12	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral esquerdo; blocos em cima do esqueleto; ponta em osso.
11	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral direito; blocos em cima do esqueleto; ponta em osso.
24	Articulado; simples; primário; semifletido; decúbito lateral direito; mós; blocos circundando e em cima do esqueleto.
35	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral direito; mós; blocos em cima do esqueleto;
7	Articulado; simples; primário; fletido; decúbito lateral direito; mós; blocos em cima do esqueleto; concentração de artefatos sobre a bacia.

1

Articulado; simples; primário; semifletido; decúbito lateral direito; blocos abaixo dos pés e em cima do esqueleto; laje funerária; mós; ponta em osso.

8. Discussão e conclusões

A escassez de contextos arqueológicos datados para o Holoceno Médio, sobretudo aqueles onde há a presença de sepultamentos humanos, destaca a importância de sítios como Caixa D'água. A partir do estudo dessa coleção esquelética, foi possível estabelecer algumas considerações de como o sítio se insere dentro contexto regional e cronológico das práticas mortuárias no Brasil Central. Em suma, se observa uma diminuição do uso dos abrigos rochosos como área de deposição dos mortos, sobretudo em Lagoa Santa. Ainda assim, em algumas regiões essa prática se manteve presente, como na Gruta do Gentio, Vale do Peruaçu e também no Nordeste (e. g. Buíque e Pedra do Alexandre).

Em Lagoa Santa, não somente o uso dos abrigos como área de deposição dos mortos parece ter sido abandonado como também o uso de práticas fúnebres cuja manipulação do corpo (e. g. descarnamento, corte e decapitação) desaparecem na região. A prática de se utilizar de blocos para a demarcação ou cobertura da estrutura funerária, em contrapartida, parece se manter em todo o Brasil Central. Em sítios como a Lapa do Boquete e também em Caixa D'água, os blocos de pedra eram utilizados para cobrir o indivíduo, delimitá-lo e/ou para “ferrar” a cova funerária.

Durante o Holoceno Médio, o Rio São Francisco parece desempenhar um importante papel no universo fúnebre das populações que habitavam o Brasil Central. A preferência por áreas de deposição próximas à beira do Rio foi constatada em diferentes regiões. No caso do sítio Caixa D'água, essa é uma prática que parece se estabelecer exclusivamente durante o Holoceno médio. Já no caso do sítio Justino, na Bahia, ela perdura ao longo de todo o Holoceno. Ainda assim, durante o Holoceno Médio, o local pode ter sido utilizado com maior intensidade para a deposição dos mortos, pois há um aumento no número de sepultamentos nesse período (Oliveira; Kokler, 2018).

Embora o sítio Caixa D'água e Justino sejam considerados similares por serem sítios/cemitério próximos ao Rio São Francisco, o sítio Caixa D'água detém duas características singulares. Durante o Holoceno Médio, o uso de artefatos ósseos e mós parece ser algo exclusivo do sítio Caixa D'água. Esses artefatos podem representar não somente uma alteração

na simbologia dos materiais atrelados aos corpos, mas também uma mudança no modo de vida e de subsistência dessas populações no período. Além disso, em contraposição ao sítio Justino, Caixa D'água não apresenta vestígios, ao menos durante o Holoceno Médio, de ter sido utilizado como um local de habitação. A área em que estão concentrados os sepultamentos pode ter sido direcionada apenas para essa prática no período.

O sítio Caixa D'água é conhecido pelos arqueólogos como um cemitério do Holoceno Médio. A coleção esquelética formada por 43 sepultamentos denota a importância desse sítio para o entendimento de um período ainda pouco compreendido pela Arqueologia brasileira. Apesar disso, três problemas impossibilitavam a compreensão total dessa coleção. Duas dessas lacunas foram sanadas por esse trabalho, sendo elas a finalização da curadoria dos esqueletos e a organização e análise das documentações de campo. O terceiro diz respeito ao incêndio que atingiu o Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em junho de 2020. No incidente, 27 sepultamentos do sítio Caixa D'água foram perdidos. A perda de boa parte da coleção de Caixa D'água impactou severamente quaisquer estudos que pudessem ser realizados em laboratório. Ainda assim, a partir do estudo da documentação de campo e a análise dos remanescentes esqueléticos que não foram impactados pelo incêndio, foi possível gerar algumas conclusões acerca dos sepultamentos de Caixa D'água.

O primeiro ponto a ser discutido é sobre a suposta homogeneidade no tipo de enterramento do sítio Caixa D'água. Em suma, todos os sepultamentos encontrados foram classificados como primários. Contudo, essa aparente uniformidade pode estar mais relacionada com o modo de escavação e as interpretações geradas do que com a realidade. Esqueletos considerados em campo como apenas um material perturbado e/ou muito fragmentado pode se tratar, na verdade, de enterros secundários. Esse é o caso dos Sepultamentos 23, 43 e 16, que compõem o Agrupamento 1 do sítio Caixa D'água. Esses enterramentos eram compostos por fragmentos ósseos organizados e, apesar de fragmentados, não aparentavam estar dispersos no sedimento, mas sim organizados em uma concentração circular. No Sepultamento 16, por exemplo, os fragmentos foram ainda depositados em cima de um instrumento polido, descrito como uma mó. Apesar dessas evidências, teria sido necessário empregar técnicas mais minuciosas em campo, além de realizar análises em laboratório a fim de identificar quaisquer sinais de secundarização nos ossos. Contudo, os três sepultamentos foram perdidos no incidente que atingiu o Museu da UFMG, o que impediu a realização desses estudos.

Nas análises de laboratório dos sepultamentos que foram preservados, todos primários, não foram identificados sinais de manipulação do corpo (e. g. cortes, descarnamento, queima e etc.) que estivessem relacionadas com o ritual fúnebre. A posição de deposição dos esqueletos se mostrou bastante uniforme. Tanto os sepultamentos do Agrupamento 3 quanto do Agrupamento 4 variaram entre indivíduos fletidos ou semifletidos. Essas características, em conjunto com a aparente homogeneidade no modo de enterramento, fizeram com que as práticas funerárias do sítio Caixa D'água fossem consideradas simples e pouco diversas. Contudo, a variedade das práticas funerárias de Caixa D'água não está relacionada a manipulação do corpo, como em outros sítios do Brasil central (e. g. Lapa do Santo), mas sim nos diferentes acompanhamentos funerários e estruturas associadas ao indivíduo. Nos sepultamentos do agrupamento 4, por exemplo, foram encontradas pontas ósseas em diferentes quantidades e posições, colares de dente de animais, conjuntos de artefatos arqueológicos (estojo) e até instrumentos de pedra polida (mós). Esses objetos podem indicar que a materialidade associada aos indivíduos poderia se tratar de um fator fundamental no ritual fúnebre.

Ainda que tenha sido possível estabelecer algumas interpretações para os sepultamentos de Caixa D'água, dois grandes fatores dificultam o estudo das práticas funerárias no sítio. O primeiro diz respeito a ausência de informações espaciais e cronológicas dos sepultamentos, o que impediu que fossem realizadas interpretações diacrônicas acerca dos rituais mortuários de Caixa D'água. O segundo problema é referente as descrições de campo, sobretudo devido à ausência de fichas específicas para os enterramentos e a não utilização de protocolos de escavação e documentação bioarqueológica. Esse fator causou um hiato nas informações *in situ* de vários sepultamentos, e não podem ser recuperadas a partir de análises em laboratório.

O cenário aqui apresentado parece indicar um grande potencial de diversidade funerária ainda não compreendido no sítio arqueológico Caixa D'água. A realização de novas etapas de campo, seguindo protocolos bem estabelecidos de escavação de remanescentes esqueléticos, podem preencher as lacunas ainda existentes, permitindo análises mais concretas das práticas mortuárias do sítio. Ainda assim, duas contribuições deste trabalho merecem destaque. A primeira diz respeito à organização, compatibilização e sintetização das distintas fontes documentais referentes aos sepultamentos de Caixa D'água. Esse tratava de um dos primeiros passos para elucidar as riquezas mortuárias desse sítio e permite que, agora que o material se encontra organizado, de forma inteligível e de fácil acesso, possam ser realizadas análises de questões mais interpretativas. A segunda contribuição desta dissertação foi justamente auxiliar na compreensão dos rituais funerários no Brasil central durante o Holoceno Médio, com

enfoque no sítio Caixa D'água. Esse material acarreta uma série de reavaliações sobre as ideias vigentes, não só relacionadas ao universo fúnebre, mas também às mudanças que ocorreram durante esse período na região.

Ao final desta dissertação, fica clara a importância do material encontrado no sítio Caixa D'água. Esse registro corresponde a um período cuja raridade de sítios e material arqueológico é evidente. Em conjunto, trata-se de uma coleção intrinsecamente fascinante e que, para o contexto em que está inserida, detém um excelente grau de preservação. Para tanto, pode se concluir que o sítio Caixa D'água, ainda nas próximas décadas, pode se tornar um dos sítios mais relevantes, tanto no que diz respeito à Arqueologia da morte, quanto na compreensão de um dos períodos mais desconhecidos pela Arqueologia brasileira: o Holoceno Médio. Este mestrado foi um dos primeiros passos nessa direção, em conjunto com outros trabalhos iniciais já realizados.

10. Referências Bibliográficas

ALVES, T. **Cultura e tecnologia: estudo tecnomorfológico das indústrias líticas lascadas do sítio arqueológico Buritizeiro/MG**. 2010. 260 f. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

ARAUJO, A. Paleoenvironments and Paleoindians in Eastern South America. **Pre-Clovis in the Americas: International Science Conference Proceedings**. [S. l.: s. n.], 2014.

ARAUJO, A. G. de M.; NEVES, W. A. **Lapa das Boleiras: Um Sítio Paleoíndio do Carste de Lagoa Santa, MG, Brasil**. 1º Edição. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2010.

ARAUJO, A.; NEVES, W. A.; PILO, L. B. Eventos de seca no holoceno e suas implicações no povoamento pré-histórico do Brasil Central. **II Congresso sobre Planejamento e Gestão das Zonas Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa**, p. 3, 2003. .

ARAUJO, A.; NEVES, W. A.; PILO, L. B.; ATUI, J. P. V. Holocene Dryness and Human Occupation in Brazil During the “Archaic Gap.” **Quaternary Research**, vol. 64, no. 3, p. 298–307, 20 Nov. 2005. DOI 10.1016/j.yqres.2005.08.002. Available at: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0033589400027332/type/journal_article.

ARAUJO, A.; PILO, L. B.; NEVES, W. A.; ATUI, J. P. V. Human occupation and paleoenvironments in South America: expanding the notion of an “Archaic Gap.” **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, vol. 15, no. 16, p. 3–35, 2006. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2006.89707>.

ARAUJO, A.; PUGLIESE, F. A.; DOS SANTOS, R. O.; OKUMURA, M. Extreme cultural persistence in eastern-central Brazil: The case of Lagoa Santa paleoindians. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, vol. 90, no. 2, p. 2501–2521, 2018. <https://doi.org/10.1590/0001-3765201720170109>.

BAGGIO FILHO, H.; FREITAS, M. de O.; MENESES, T. S. de; DA COSTA, T. M. Aspectos Georquológicos Do Sítio Cemitério Caixa D'Água: Vale Do São Francisco -

Minas Gerais/Brasil. **Geonomos**, no. November, 2012.
<https://doi.org/10.18285/geonomos.v20i1.26>.

BÁNYAI, M. **Minhas Pesquisas Arqueológicas na Região de Lagoa Santa**. [s.l.]: Symbiose, 1996.

BARTEL, B. A historical review of ethnological and archaeological analyses of mortuary practice. **Journal of Anthropological Archaeology**, no. 1, p. 32–58, 1981. .

BEHRENSMEYER, A. K.; KIDWELL, S. M. Taphonomy's contributions to paleobiology. **Paleobiology**, vol. 11, no. 1, p. 105–119, 8 Apr. 1985. DOI 10.1017/S009483730001143X. Available at:

https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S009483730001143X/type/journal_article.

BEMENT, L. C. **Hunter-Gatherer Mortuary Practices during the Central Texas Archaic**. [S. l.]: University of Texas Press, 1994. DOI 10.1086/jar.52.3.3630097. Available at: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/jar.52.3.3630097>.

BINFORD, L. R. Mortuary Practices : Their Study and Their Potential. **Society for American Archaeology**, no. 25, p. 6–29, 1970. .

BIRD, J. **Travels and Archaeology in South Chile**. Iowa City: University Of Iowa Press, 1988.

BLACK, T. K. A new method for assessing the sex of fragmentary skeletal remains: Femoral shaft circumference. **American Journal of Physical Anthropology**, 1978.
<https://doi.org/10.1002/ajpa.1330480217>.

BOAZ, N. T.; BEHRENSMEYER, A. K. Hominid taphonomy: Transport of human skeletal parts in an artificial fluvial environment. **American Journal of Physical Anthropology**, vol. 45, no. 1, p. 53–60, Jul. 1976. DOI 10.1002/ajpa.1330450107. Available at: <http://doi.wiley.com/10.1002/ajpa.1330450107>.

BRAIN, C. K. The contribution of Namib desert Hottentots to an understanding of Australopithecine bone accumulations. **Scientific Papers of the Namib Desert Research Station**, vol. 39, no. 9, p. 13–22, 1969. .

BROWN, J. A. Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices: Their Study and Potential. **Memoir of the Society for American Archaeology**, vol. 25, p. 6–29, 1971. .

BRUZEK, J. A method for visual determination of sex, using the human hip bone. **American Journal of Physical Anthropology**, 2002. <https://doi.org/10.1002/ajpa.10012>.

BUENO, L. O sítio Lajeado 1 e os palimpsestos do Brasil central. **Revista de Arqueologia**, vol. 18, no. 1, p. 25–42, 2005. <https://doi.org/10.24885/sab.v18i1.202>.

BUENO, L.; BARBOSA, V.; GOMES, W. Resgatando Coleções: A Lapa Pequena de Montes Claros Revisitada. **Manuscrito do setor de arqueologia do Museu de História da UFMG**, , p. 47–79, 2008. .

BUENO, L.; BETARELLO, J.; LIMA, F. El valle del río Tocantins entre el fin del Pleistoceno y el Holoceno Medio: discutiendo hipótesis sobre poblamientos y fronteras. **Revista del Museo de La Plata**, vol. 4, no. 2, p. 437–462, 31 Jul. 2019. DOI 10.24215/25456377e084. Available at: <https://publicaciones.fcnyu.unlp.edu.ar/rmlp/article/view/2357>.

BUENO, L.; BRAGA, A. S.; BETARELLO, J. Abrigo do Jon e a dinâmica de ocupação do

médio Tocantins ao longo do Holoceno Introdução. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas.**, vol. 17, no. 30, p. 115–149, 2017. .

BUENO, L.; ISNARDIS, A. Peopling Central Brazilian Plateau at the onset of the Holocene: Building territorial histories. **Quaternary International**, vol. 473, p. 144–160, Apr. 2018. DOI 10.1016/j.quaint.2018.01.006. Available at: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1040618217306511>.

BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. **Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains : Poceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History.** [S. l.: s. n.], 1994.

CALCE, S. E. A new method to estimate adult age-at-death using the acetabulum. **American Journal of Physical Anthropology**, 2012. <https://doi.org/10.1002/ajpa.22026>.

CANNON, A.; BARTEL, B.; BRADLEY, R.; CHAPMAN, R. W.; CURRAN, M. Lou; HUMPHREYS, S. C.; MORRIS, I.; QUILTER, J.; ROTHSCHILD, N. A.; RUNNELS, C. The Historical Dimension in Mortuary Expressions of Status and Sentiment [and Comments and Reply]. **Current Anthropology**, 1989. <https://doi.org/10.1086/203764>.

CARNEIRO, R. L. **Evolutionism in Cultural Anthropology.** [S. l.]: Routledge, 2018. DOI 10.4324/9780429500671. Available at: <https://www.taylorfrancis.com/books/9780429969225>.

CARR, C. Mortuary practices: Their social, philosophical-religious, circumstantial, and physical determinants. **Journal of Archaeological Method and Theory**, 1995. <https://doi.org/10.1007/BF02228990>.

CHAPMAN, R. W. Mortuary analysis. A matter of time? *In*: RAKITA, G.F.M., BUIKSTRA, J.E., BECK, L.A. AND WILLIAMS, S. R. (ed.). **Interacting with the Dead. Perspectives on Mortuary Archaeology for the New Millennium.** Gainesville: University Press of Florida, 2005. p. 25–40.

CHRISTOPHER, S.; STEVEN, S. **The Analysis Of Burned Human Remains.** [S. l.: s. n.], 2008. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-372510-3.X5001-1>.

CORREIA, P. M. M. Fire Modification of Bone: A Review of the Literature. **Forensic Taphonomy: The Postmortem Fate of Human Remains.** [S. l.: s. n.], 1997.

COUTINHO, R. O homem de Buritizeiro. **31**, , p. 26–29, 2007. .

CRISTANTE, M. A. P. **Práticas funerárias de grupos de línguas Tupi-Guarani : análise de contextos das regiões do Paranapanema e alto Paraná.** 2017. 372 f. Universidade de São Paulo, 2017.

DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. **Archaeological and paleontological research in Lagoa Santa: The quest for the first Americans.** [S. l.: s. n.], 2017. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-57466-0>.

DA SILVA, S. **Arqueologia das Práticas Mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo.** 2005. 408 f. Universidade de São Paulo, 2005.

DE SOUSA, D. V.; KER, J. C.; SCHAEFER, C. E. R.; RODET, M. J.; GUIMARÃES, L. M.; FELIX, J. F. Magnetite originating from bonfires in a Brazilian prehistoric Anthrosol: A micro-Raman approach. **CATENA**, vol. 171, p. 552–564, Dec. 2018. DOI 10.1016/j.catena.2018.07.036. Available at:

<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S034181621830314X>.

DILLEHAY, T. **The settlement of the Americas**. New York: Basic Books, 2000.

DUDAY, H. L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort (Archaeothanatology or the Archaeology of Death). **Social Archaeology of funerary remains**, , p. 30–56, 2006. .

DUDAY, H.; COURTAUD, P.; CRUBEZY, E.; SELIER, P.; TILLIER, A.; HENRI, D.; PATRICE, C.; ÉRIC, C.; PASCAL, S.; ANNE-MARIE, T.; DE, L. A. L'Anthropologie « de terrain » : reconnaissance et interprétation des gestes funéraires. **Cahiers Du Centre De Recherches Anthropologiques**, vol. 2, p. 29–49, 1990. .

DUDAY, H.; LE MORT, F.; TILLIER, A. M. Archaeothanatology and funeral archaeology. Application to the study of primary single burials. **Anthropologie (Czech Republic)**, vol. 52, no. 3, p. 235–246, 2014.

EFREMOV, I. A. Taphonomy: A New Branch of Paleontology. **Pan-American Geologist**, vol. 74, no. 2, p. 81–93, 1940.

ELLINGHAM, S. T. D.; THOMPSON, T. J. U.; ISLAM, M.; TAYLOR, G. Estimating temperature exposure of burnt bone - A methodological review. **Science and Justice**, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.scijus.2014.12.002>.

FAGUNDES, M. O Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha - Sítios arqueológicos, cultura material e cronologias para compreensão das ocupações indígenas holocênicas no Alto Vale do Rio Araçuaí, Minas Gerais - Brasil. **Revista Científica Vozes dos Vales**, vol. 10, p. 1–25, 2016. .

FALSETTI, A. B. Biological anthropology of the human skeleton. **American Journal of Human Biology**, vol. 14, no. 5, p. 688–690, Sep. 2002. DOI 10.1002/ajhb.10104. Available at: <http://doi.wiley.com/10.1002/ajhb.10104>.

FERNANDES, H. L. A. **Os sepultamentos do sítio Aratu de Piragiba-BA**. 2003. 393 f. Universidade Federal da Bahia, 2003.

FERNANDES, H. L. A. Pequenas variações dos sepultamentos da tradição Aratu na Bahia. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**, vol. 17, no. 30, p. 151–172, 2017. .

FIUMARI, V. **PEDRAS ROLADAS: UMA ANÁLISE TECNO-MORFOLÓGICA DAS INDÚSTRIAS LÍTICAS SOBRE QUARTZO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CAIXA D'ÁGUA – BURITIZEIRO – MINAS GERAIS**. 2017. 138 f. Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

FOGAÇA, E. **A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil - 12.000/10.500 B.P.)**. 2001. 459 f. Universidade de São Paulo, 2001.

FRAZER, J. G. On Certain Burial Customs as Illustrative of the Primitive Theory of the Soul. **The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**, vol. 15, p. 63–104, 1886. <https://doi.org/10.2307/2841908>.

GOLDBERG, A.; MYCHAJLIW, A. M.; HADLY, E. A. Post-invasion demography of prehistoric humans in South America. **Nature**, vol. 532, no. 7598, p. 232–235, 2016. DOI 10.1038/nature17176. Available at: <http://dx.doi.org/10.1038/nature17176>.

GOLDSTEIN, L. G. **Spatial structure and social organization : regional manifestations of Mississippian society**. 1976. Northwestern University, 1976.

GOWLAND, R., KNÜSEL, C. **The Social Archaeology of Funerary Remains**. Exeter: [s. n.], 2006.

HAGLUND, D., SORG, H. **Advances in Forensic Taphonomy: Method, Theory, and Archaeological Perspectives**. 1^o edition. Washington, D. C.: CRC Press, 2002.

HAGLUND, D., SORG, H. **Forensic Taphonomy: The Postmortem Fate of Human Remains**. 1^o edition. Washington, D. C.: CRC Press, 1997. DOI 10.1017/CBO9781107415324.004. Available at: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/CBO9781107415324A009/type/book_part

HEGLAR R. Burned remains. **Human Identification: Case Studies in Forensic Anthropology**. [S. l.: s. n.], 1984.

HENDY, A. J. W. Taphonomic Overprints on Phanerozoic Trends in Biodiversity: Lithification and Other Secular Megabiases. In: ALLISO, P. A.; BOTTJER, D. J. (eds.). **Taphonomy: Process and Bias Through Time**. 2^o. [S. l.: s. n.], 2011. p. 19–77. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511612381>.

HILL, A. Taphonomical background to fossil man: problems in palaeoecology. **Geological Society, London, Special Publications**, vol. 6, no. 1, p. 87–101, 1978. DOI 10.1144/GSL.SP.1978.006.01.08. Available at: <http://sp.lyellcollection.org/lookup/doi/10.1144/GSL.SP.1978.006.01.08>.

HOLZ, M.; SIMÕES, G. **Elementos Fundamentais de Tafonomia**. Porto Alegre: [s. n.], 2002.

HUCHET, J. B.; DEVERLY, D.; GUTIERREZ, B.; CHAUCHAT, C. Taphonomic evidence of a human skeleton gnawed by termites in a Moche-civilisation grave at Huaca de la Luna, Peru. **International Journal of Osteoarchaeology**, vol. 21, no. 1, p. 92–102, 2011. <https://doi.org/10.1002/oa.1110>.

HUCHET, Jean Bernard. Insect remains and their traces: Relevant fossil witnesses in the reconstruction of past Funerary practices. **Anthropologie (Czech Republic)**, vol. 52, no. 3, p. 329–346, 2014. .

HURT, W. R.; BLASI, O. O Projeto Arqueológico “Lagoa Santa”-Minas Gerais, Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense-Nova Série**, vol. 4, p. 1–60, 1969. .

INIZAN, M.; REDURON-BALLINGER, M.; ROCHE, H.; RODET, M.; MACHADO, R. **Tecnologia da Pedra Lascada**. 5th ed. Belo Horizonte: MHNJB-UFGM, 2017.

IRIARTE, J.; DEBLASIS, P.; DE SOUZA, J. G.; CORTELETTI, R. Emergent complexity, changing landscapes, and spheres of interaction in southeastern South America during the middle and late Holocene. **Journal of Archaeological Research**, vol. 25, no. 3, p. 251–313, 2017. <https://doi.org/10.1007/s10814-016-9100-0>.

ISNARDIS, A. **Entre as Pedras As ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais**. 2009. 280 f. Universidade de São Paulo, 2009. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.2009.113527>.

JAMES, E. C.; THOMPSON, J. C. On bad terms: Problems and solutions within zooarchaeological bone surface modification studies. **Environmental Archaeology**, vol. 20, no. 1, p. 89–103, 2015. <https://doi.org/10.1179/1749631414Y.0000000023>.

JUNQUEIRA, P. A. As estruturas aparentes (2): os sepultamentos do Grande Abrigo de Santana do Riacho — Os sepultamentos da escavação No. III. **Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais**, vol. 13, no. 14, p. 78–87, 1992. .

KELLEHEAR, A. **A Social History of Dying**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. DOI 10.1017/CBO9780511481352. Available at: <https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9780511481352/type/book>.

KELLOGG, R.; WEIGELT, J. Rezente Wirbeltierleichen und ihre paläobiologische Bedeutung. **Journal of Mammalogy**, vol. 9, no. 2, p. 159, May 1928. DOI 10.2307/1373437. Available at: <http://www.jstor.org/stable/1373437?origin=crossref>.

KIPNIS, R. **Foraging Societies of Eastern Central Brazil : An Evolutionary Ecological Study of Subsistence Strategies During the Terminal Pleistocene and Early /Middle Holocene**. 2002. 654 f. University of Michigan, 2002.

KNUSEL, C. J. The physical evidence of warfare - subtle stigmata? **Warfare, Violence and Slavery in Prehistory**, no. August, p. 49–65, 2005. .

KNÜSEL, C. J.; ROBB, J. Funerary taphonomy: An overview of goals and methods. **Journal of Archaeological Science: Reports**, vol. 10, p. 655–673, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2016.05.031>.

KROEBER A. L. Disposal of the Dead. **American Anthropologist**, vol. 29, no. 3, p. 308–315, 9 Jul. 1927. DOI 10.1525/aa.1927.29.3.02a00090. Available at: <http://doi.wiley.com/10.1525/aa.1927.29.3.02a00090>.

LAMING-EMPERAIRE, A. Missions archéologiques francobrésiennes de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil: le grand abri de Lagoa Vermelha. **Revista de Pré-História**, vol. 1, no. 1, p. 53–89, 1979.

LARA, E. G.; MORESI, C. M. D. Material Textil de Santana do Riacho. **Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais**, vol. 12, p. 179–186, 1991.

LESSA, A. Conceitos E Métodos Em Curadoria De Coleções Osteológicas Humanas. **Arquivos do Museu Nacional**, 2011. .

LORENTZ, K. O. Challenges for funerary taphonomy viewed through prehistoric Cyprus. **Journal of Archaeological Science: Reports**, vol. 10, p. 757–768, Dec. 2016. DOI 10.1016/j.jasrep.2016.06.056. Available at: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2352409X1630342X>.

LOVEJOY, C. O. Dental wear in the Libben population: Its functional pattern and role in the determination of adult skeletal age at death. **American Journal of Physical Anthropology**, 1985. <https://doi.org/10.1002/ajpa.1330680105>.

LOVELL, N. C. Trauma Analysis in Paleopathology. **Yearbook of Physical Anthropology**, 1997. [https://doi.org/10.1002/\(sici\)1096-8644\(1997\)25+<139::aid-ajpa6>3.0.co;2-#](https://doi.org/10.1002/(sici)1096-8644(1997)25+<139::aid-ajpa6>3.0.co;2-#).

LYMAN, R. What Taphonomy Is, What it Isn't, and Why Taphonomists Should Care about the Difference. **Journal of taphonomy**, vol. 8, no. 1, p. 1–16, 2010. .

LYMAN, R. L. **Vertebrate Taphonomy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. DOI 10.1017/CBO9781139878302. Available at: <https://www.cambridge.org/core/product/identifier/9781139878302/type/book>.

LYMAN, R. L. **Vertebrate Taphonomy**. [S. l.]: Cambridge University Press, 1994. DOI 10.1017/CBO9781139878302. Available at: <https://www.cambridge.org/core/product/identifiier/9781139878302/type/book>.

MACHADO, L. M.; ARAÚJO, A.; CONFALONIERI, U.; FERREIRA, L. F. Estudo prévio de práticas funerárias e o encontro de parasitos humanos, na Gruta do Gentio II, Unaí, MG. **Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais**, vol. 6/7, p. 207–219, 1982. .

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 5° edition. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.

MARTIN, R. E. **Taphonomy: A Process Approach**. 1° edição. New York: Cambridge University Press, 1999.

MCKINLEY, J. I. Cremation: Excavation, Analysis, and Interpretation of Material from Cremation-Related Contexts. **The Oxford handbook of the archaeology of death and burial**. [S. l.: s. n.], 2013.

MEDEIROS, S. **Mapeamento e classificação dos padrões deposicionais dos sepultamentos pré-históricos do sítio arqueológico Caixa D'água em Buritizeiro, Minas Gerais**. 2018. 80 f. Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F.; SIANTO, L.; FERNANDES, A.; JANSEN, A. M.; VICENTE, A. C.; KIPNIS, R.; FERREIRA, L. F.; DITTMAR, K.; ARAÚJO, A. Sepultamento IV do Sítio Arqueológico Lapa do Boquete, MG: Patologias Ósseas, Parasitoses e Doença de Chagas. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico UFMG**, vol. 19, no. January, p. 209–223, 2009. .

MIZOGUCHI, K.; UCHIDA, J. The Anyang Xibeigang Shang royal tombs revisited: a social archaeological approach. **Antiquity**, vol. 92, no. 363, p. 709–723, 2018. <https://doi.org/10.15184/aqy.2018.19>.

MORAITIS, K.; SPILIOPOULOU, C. Identification and differential diagnosis of perimortem blunt force trauma in tubular long bones. **Forensic Science, Medicine, and Pathology**, 2006. <https://doi.org/10.1385/FSMP:2:4:221>.

MOTTA BAETA, A. **Os Grafismos Rupestres e suas Unidades Estilísticas no Carste de Lagoa Santa e Serra do Cipó - MG**. 2011. 280 f. Universidade de São Paulo, 2011.

MÜLLER PLUMM GOMES, L. **Padrão de mobilidade de grupos humanos encontrados no Brasil Central durante o Holoceno Inicial: um estudo isotópico sobre a dinâmica ocupacional das paisagens regionais**. 2020. 317 f. Universidade de São Paulo, 2020.

MYERS, T. P.; VOORHIES, M. R.; CORNER, R. G. Spiral Fractures and Bone Pseudotools at Paleontological Sites. **American Antiquity**, 1980. <https://doi.org/10.2307/279863>.

NEVES, W. A.; PROUS, A.; GONZÁLEZ-JOSÉ, R.; KIPNIS, R.; POWELL, J. Early holocene human skeletal remains from Santana do Riacho, Brazil: Implications for the settlement of the New World. **Journal of Human Evolution**, vol. 45, no. 1, p. 19–42, 2003. [https://doi.org/10.1016/S0047-2484\(03\)00081-2](https://doi.org/10.1016/S0047-2484(03)00081-2).

O'CONNOR, T.; BODDINGTON, A.; GARLAND, A. N.; JANAWAY, R. C. Death, Decay and Reconstruction. Approaches to Archaeology and Forensic Science. **American Journal of Archaeology**, 1989. <https://doi.org/10.2307/505598>.

O'SHEA. **Mortuary Variability: an archaeological investigation**. New York: Academic Press, 1984.

OLIVEIRA, L.; KOKLER, D. Corpos, oferendas, rituais e gênero no sítio justino, baixo são francisco. **Habitus**, vol. 16, no. 1, p. 103–124, 2018. .

OUTRAM A. Bone fracture and within-bone nutrients: an experimentally-based method for investigating levels of marrow extraction. **Consuming Passions and Patterns of Consumption**. [S. l.: s. n.], 2002.

PALGI, P.; ABRAMOVITCH, H. Death: A Cross-Cultural Perspective. **Annual Review of Anthropology**, vol. 13, no. 1, p. 385–417, Oct. 1984. DOI 10.1146/annurev.an.13.100184.002125. Available at: <http://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.an.13.100184.002125>.

PARIZZI, M. G. **A Gênese e a Dinâmica da Lagoa Santa com Base em Estudos Palinológicos, Geomorfológicos e Geológicos de sua Bacia**. 1991. Universidade Federal de Minas Gerais, 1991.

PAROLIN, M. Registros palinológicos e mudanças ambientais durante o Holoceno de Taquarussu (MS). **Revista Brasileira de Paleontologia**, vol. 9, no. 1, p. 137–148, 2006. <https://doi.org/10.4072/rbp.2006.1.14>.

PEARSON, M. P. **Archaeology of Death and Burial**. Texas: Texas A&M University Press, 1999.

PHENICE, T. W. A newly developed visual method of sexing the os pubis. **American Journal of Physical Anthropology**, 1969. <https://doi.org/10.1002/ajpa.1330300214>.

PRADO, L. F.; WAINER, I.; CHIESSI, C. M.; LEDRU, M.-P.; TURCQ, B. A mid-Holocene climate reconstruction for eastern South America. **Climate of the Past**, vol. 9, no. 5, p. 2117–2133, 9 Sep. 2013. DOI 10.5194/cp-9-2117-2013. Available at: <https://cp.copernicus.org/articles/9/2117/2013/>.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores**. 1^o Edição. Cuiabá - MT: Carlini & Caniato Esitorial, 2019.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, DF: Editora UnB, 1992a.

PROUS, A. As estruturas aparentes (2): os sepultamentos do Grande Abrigo de Santana do Riacho — Os sepultamentos da escavação No. I. **Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais**, vol. 13, no. 14, p. 22–77, 1992b. .

PROUS, A. As muitas arqueologias das Minas Gerais. **Revista Espinhaço| UFVJM**, vol. 2, no. 2, p. 36–54, 2017. .

PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros: A pré-história de nosso país**. 1^o edição. s.l: Zahar, 2007.

PROUS, A.; BAETA, A. Elementos de cronologia, descrição de atributos e tipologia. **Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**, Belo Horizonte, vol. 13, p. 241–332, 1992. .

PROUS, A.; PESSOA LIMA, A. O REGISTRO DE MOLUSCOS NOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS PRÉ-HISTÓRICOS DO BRASIL. **Comechingonia. Revista de Arqueología**, 2019. <https://doi.org/10.37603/2250.7728.v23.n1.25966>.

- PROUS, A.; RIBEIRO, L. Archéologie du cours moyen du Rio São Francisco (vallées des rios Peruaçu et Cochá). **Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**, vol. 17/18, p. 19–67, 1997. .
- PROUS, A.; RODET, M. J. Os vivos e seus mortos no Brasil tropical e sub-tropical pré-histórico (11.000/500BP). *In*: MORALES, W. F.; MOI, F. P. (eds.). **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo: AnnaBlume, 2009. p. 11–43.
- PROUS, A.; RODET, M. J.; BAGGIO, H. O Homem de Buritizeiro. **Revista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)**, Belo Horizonte, vol. 31, p. 26–29, 2007. .
- PROUS, A.; SCHLOBACH, M. SEPULTAMENTOS PRÉ-HISTÓRICOS DO VALE DO PERUAÇU - MG. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, vol. 7, p. 3–21, 1997. .
- PUTZ, R.; PABST, R. **Atlas de Anatomia Humana Sobotta - Volume 1**. 22nd ed. [S. l.]: Guanabara, 2008a.
- PUTZ, R.; PABST, R. **Atlas de Anatomia Humana Sobotta - Volume 2**. 22nd ed. [S. l.]: Guanabara, 2008b.
- PY-DANIEL, A. R. Os contextos funerários na arqueologia da calha do rio Amazonas. **Revista de Arqueologia**, vol. 27, no. 2, p. 180–183, 4 Dec. 2014. DOI 10.24885/sab.v27i2.410. Available at: <https://revista.sabnet.org/index.php/SAB/article/view/410>.
- QUATREHOMME, G.; IŞCAN, M. Y. Postmortem skeletal lesions. **Forensic Science International**, 1997. [https://doi.org/10.1016/S0379-0738\(97\)00113-8](https://doi.org/10.1016/S0379-0738(97)00113-8).
- REIS, E. **Estatística Multivariada Aplicada**. Lisboa: [s. n.], 2001.
- RIRIS, P.; ARROYO-KALIN, M. Widespread population decline in South America correlates with mid-Holocene climate change. **Scientific Reports**, vol. 9, no. 1, p. 6850, 9 Dec. 2019. DOI 10.1038/s41598-019-43086-w. Available at: <http://www.nature.com/articles/s41598-019-43086-w>.
- ROBB, J. Creating Death: An Archaeology of Dying. *In*: S. TARLOW AND L. NILSSON STUTZ (ed.). **The Oxford Handbook of the Archaeology of Death and Burial**. [s.l.]: Oxford University Press, 2013. p. 441–458.
- ROBB, J.; PAUKETAT, T. Time and Change in Archaeological Interpretation. **Cambridge Archaeological Journal**, vol. 18, no. 1, p. 57–59, 15 Feb. 2008. DOI 10.1017/S0959774308000048. Available at: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0959774308000048/type/journal_article.
- ROCHA, R. Descrição preliminar do sítio arqueológico Caixa d'Água e de seus remanescentes ósseos humanos (Buritizeiro, Minas Gerais - 6.000 BP). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, vol. 11, p. 101–107, 2011. .
- RODET, M. J. **Etude technologique des industries lithiques taillées du nord de Minas Gerais, Brésil, depuis le passage Pléistocène/Holocène jusqu'au contact - XVIII e siècle**. 2006. Universidade de Paris 10, 2006.
- RODET, M. J. O estudo tecnológico das indústrias líticas da bacia do rio Peruaçu: cadeias operatórias, métodos de debitagem, técnicas de lascamento. **Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**, Belo Horizonte, vol. 19, p. 413–348, 2009. .

- RODET, M. J.; DUARTE-TALIM, D.; BARRI, F. Reflexões Sobre As Primeiras Populações Do Brasil Central: “Tradição Itaparica.” **Habitus**, vol. 9, no. 1, p. 81–100, 2011. .
- RODET, M. J.; DUARTE-TALIM, D.; CUNHA, A. C.; DINIZ, L.; BAGGIO, H. Os métodos de “fatiagem” sobre seixo de arenito / quartzito do Brasil Central – exemplo do sítio arqueológico de Buritizeiro, Minas Gerais. **Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)**, , p. 1–12, 2007. .
- ROKSANDIC, M. Position of Skeletal Remains as a Key to Understanding Mortuary Behavior. **Advances in Forensic Taphonomy**. [S. l.]: CRC Press, 2001. p. 99–117. DOI 10.1201/9781420058352-8. Available at: <http://www.crcnetbase.com/doi/10.1201/9781420058352-8>.
- SAUER N. The timing of injuries and manner of death: distinguishing among antemortem, perimortem, and postmortem trauma. **Forensic Osteology: Advances in the Identification of Human Remains**. [S. l.: s. n.], 1998.
- SAVILLE, A. **Hazleton North: The Excavation of a Neolithic Long Cairn of the Cotswold-Severn Group**. London: [s. n.], 1990. <https://doi.org/10.2307/j.ctvxbpbfm>.
- SAXE, A. A.; GALL, P. L. Ecological determinants of mortuary practices: the Temuan of Malaysia. In: WOOD W. (ed.). **Cultural-Ecological perspectives on Southeast Asia**. Athens, Ohio: Ohio University Centre for International Studies, 1977.
- SAXE, Arthur A. Social Dimensions of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Haifa, Sudan. **Memoirs of the Society for American Archaeology**, vol. 25, p. 39–57, 1971. <https://doi.org/10.1017/s0081130000002537>.
- SAYER, D. Death and the family: Developing generational chronologies. **Journal of Social Archaeology**, 2010. <https://doi.org/10.1177/1469605309354398>.
- SCHMITZ, P. I.; SALES BARBOSA, A.; JACOBUS, A. L.; BARBERI RIBEIRO, M. Arqueologia nos Cerrados do Brasil central : Serranópolis I. In: 44. [S. l.]: Pesquisas. Antropologia, 1989. p. 208.
- SENE, G. A. **Indicadores de Gênero na Pré-História Brasileira: Contexto Funerário, Simbolismo e Diferenciação Social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais**. 2007. 413 f. Universidade de São Paulo, 2007.
- SHIPMAN, P.; FOSTER, G.; SCHOENINGER, M. Burnt bones and teeth: an experimental study of color, morphology, crystal structure and shrinkage. **Journal of Archaeological Science**, 1984. [https://doi.org/10.1016/0305-4403\(84\)90013-X](https://doi.org/10.1016/0305-4403(84)90013-X).
- SILVA, V. **Geoarqueologia na bacia do rio São Francisco, Minas Gerais (sítios arqueológicos Caixa D’água, Bibocas II e Lapa do Sol)**. 2015. 115 f. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- SIMON, C.; CARVALHO, O. ESQUELETOS HUMANOS PRÉ-HISTÓRICOS DO SÍTIO JUSTINO: AS INFORMAÇÕES PALEOANTROPOLÓGICAS NO ESTUDO DAS SEPULTURAS. **Enterramentos na necrópole do Justino-Xingó**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 1999. p. 09–48.
- SOLARI, A.; ISNARDIS, A.; LINKE, V. Entre cascas e couros: os sepultamentos secundários da Lapa do Caboclo (Diamantina, Minas Gerais). **Habitus**, vol. 10, no. 1, p. 115–134, 2012. .

- SOLARI, A.; PESSIS, A. M.; MARTIN, G.; GUIDON, N. Fetal Bioarchaeology: A Case-study of a Premature Birth from Burial 2 in Toca do Enoque (Middle Holocene, Northeastern Brazil). **Childhood in the Past**, vol. 13, no. 1, p. 8–19, 2020. <https://doi.org/10.1080/17585716.2020.1738629>.
- SOUSA, D.; KER, J.; RODET, M.; SCHAEFER, C.; TEIXEIRA, W. Pedoarqueologia em abrigo quartizítico, Sítio Bibocas II, Jequitaiá, ocupação humana no holoceno inicial na bacia do São Francisco. **Revista Teoria & Sociedade**, vol. 0, no. 0, p. 167–197, 2015. .
- SOUSA, D. V. de; GUIMARÃES, L. M.; FÉLIX, J. F.; KER, J. C.; SCHAEFER, C. E. R. G.; RODET, M. J. Dynamic of the structural alteration of biochar in ancient Anthrosol over a long timescale by Raman spectroscopy. **PLOS ONE**, vol. 15, no. 3, p. e0229447, 23 Mar. 2020. DOI 10.1371/journal.pone.0229447. Available at: <https://dx.plos.org/10.1371/journal.pone.0229447>.
- STEVEN, A. **Manual of Forensic Taphonomy**. [S. l.]: CRC Press, 2013. DOI 10.1201/b15424. Available at: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781439878439>.
- STODDER, A. L. W. Taphonomy and the Nature of Archaeological Assemblages. **Biological Anthropology of the Human Skeleton: Second Edition**. [S. l.: s. n.], 2007. p. 71–114. <https://doi.org/10.1002/9780470245842.ch3>.
- STRAUSS, A. **As práticas mortuárias dos caçadores coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico “Lapa do Santo.”** 2010. 742 f. Universidade de São Paulo, 2010. <https://doi.org/10.24885/sab.v24i1.320>.
- STRAUSS, A. As práticas mortuárias dos caçadores coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico “Lapa do Santo.” **Revista de Arqueologia**, vol. 24, no. 1, p. 136–139, 2011. <https://doi.org/10.24885/sab.v24i1.320>.
- STRAUSS, A. As práticas mortuárias dos primeiros sul-americanos. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico**, vol. 23, no. 1, p. 89–134, 2014. .
- STRAUSS, A. Os padrões de sepultamento do sítio arqueológico Lapa do Santo (Holoceno Inicial, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, 2016. <https://doi.org/10.1590/1981.81222016000100013>.
- STRAUSS, A. Possibilidades e limitações interpretativas da Hipótese Saxe/Goldstein. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, vol. 7, no. 2, p. 525–546, Aug. 2012. DOI 10.1590/S1981-81222012000200013. Available at: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000200013&lng=pt&tlng=pt.
- STRAUSS, A.; MARIANO RODRIGUES, I. M.; BAETA, A.; VILLAGRAN, X. S.; ALVES, M.; PUGLIESE, F.; BISSARO, M.; DE OLIVEIRA, R. E.; DE SOUZA, G. N.; BUENO, L.; DE SOUSA, J. C. M.; MORROW, J. J.; REINHARD, K. J.; HERMENEGILDO, T.; PEREZ, G. C.; CHIM, E. N.; DE OLIVEIRA DOS SANTOS, R.; DE PAIVA, M.; KIPNIS, R.; NEVES, W. The Archaeological Record of Lagoa Santa (East-Central Brazil): From the Late Pleistocene to Historical Times. [S. l.: s. n.], 2020. p. 227–281. DOI 10.1007/978-3-030-35940-9_12. Available at: http://link.springer.com/10.1007/978-3-030-35940-9_12.
- STRAUSS, A.; OLIVEIRA, R. E.; BERNARDO, D. V.; SALAZAR- GARCÍA, D. C.; TALAMO, S.; JAOUEN, K.; HUBBE, M.; BLACK, S.; WILKINSON, C.; RICHARDS, M. P.; ARAUJO, A. G. M.; KIPNIS, R.; NEVES, W. A. The oldest case of decapitation in the

new world (Lapa do Santo, East-Central Brazil). **PLoS ONE**, vol. 10, no. 9, p. 1–31, 2015. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0137456>.

TRIGGER, B. G. **História do Pensamento Arqueológico**. 2º. [S. l.]: Editora Odysseus, 2011.

TYLOR, E. B. **Primitive Culture**. New York: Putnam's, 1920.

UBELAKER, D.; MONTAPERTO, M. Trauma interpretation in the context of biological anthropology. **The Routledge Handbook of the Bioarchaeology of Human Conflict**. [S. l.: s. n.], 2014. p. 109–126. <https://doi.org/10.4324/9781315883366-17>.

UBELAKER, Donald H. Reconstruction of Demographic Profiles from Ossuary Skeletal Samples. **A Case Study from the Tidewater Potomac**, 1974. .

UBELAKER, Douglas H.; ADAMS, B. J. Differentiation of Perimortem and Postmortem Trauma Using Taphonomic Indicators. **Journal of Forensic Sciences**, 1995. <https://doi.org/10.1520/jfs13818j>.

UCKO, P. J. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. **World Archaeology**, vol. 1, no. 2, p. 262–280, 1969. <https://doi.org/10.1080/00438243.1969.9979444>.

VERGNE, C. Complexidade social e ritualidade funerária em xingo: apontamentos teóricos para a compressão das práticas mortuárias do sítio justino. **Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, vol. 9, no. 1, p. 25–58, 2007. .

VERGNE, C. Estruturas funerárias do Sítio Justino: Distribuição no espaço e no tempo. **Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, São Cristóvão**, vol. 2, 2002. .

VERGNE, C. Os Rituais Funerários dos Cemitérios “D” e “C” - Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Área Arqueológica de Xingó, Sergipe. **Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, São Cristóvão**, vol. 5, 2005. .

WALKER, P. L. Sexing skulls using discriminant function analysis of visually assessed traits. **American Journal of Physical Anthropology**, 2008. <https://doi.org/10.1002/ajpa.20776>.

WALTER, H. V. **Arqueologia da região de Lagoa Santa**. Rio de Janeiro: Sedegra, 1958.

WALTHALL, J. A. Mortuary Behavior and Early Holocene Land Use in the North American Midcontinent. **North American Archaeologist**, vol. 20, no. 1, p. 1–30, 1999. <https://doi.org/10.2190/mdep-vm2k-yb2q-l1d0>.

WATSON, P. J. Processualism and After. **Handbook of Archaeological Theories**. [S. l.: s. n.], 2008. p. 29–38.

WEBSTER, G. Culture History : A Culture-Historical Approach. *In*: BENTLEY, A.; CHIPPINDALE, C.; MASCHNER, H. (eds.). **Handbook of Archaeological Theories**. [S. l.]: AltaMira Press, 2008. p. 11–27.

WEISS-KREJCI, E. The Formation of Mortuary Deposits: Implications for Understanding Mortuary Behavior of Past Populations. **Social Bioarchaeology**. [S. l.: s. n.], 2011. <https://doi.org/10.1002/9781444390537.ch4>.

WHITE, T.; FOLKENS, P. **The Human Bone Manual**. [S. l.: s. n.], 2005. <https://doi.org/10.1016/C2009-0-00102-0>.

WHITTLE, A.; WYSOCKI, M.; RICHARDS, M.; ROUSE, A.; WALKER, E.;

ZIENKIEWICZ, L. Parc le Breos Cwm Transepted Long Cairn, Gower, West Glamorgan: Date, Contents, and Context. **Proceedings of the Prehistoric Society**, vol. 64, p. 139–182, 18 Jan. 1998. DOI 10.1017/S0079497X00002206. Available at: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0079497X00002206/type/journal_article.

11. Anexos

ANEXO 1 – FICHA DO SEPULTAMENTO 1

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 1**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **P12 e O12**

(b) nível: **IV Superior**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Crânio: - 56,5

Bacia: - 54,0

Pé: - 53,5

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Crânio: -58,5

Úmero: -52,0

Costela: -44,0

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

(a) Sexo provável: **feminino**

(b) Idade provável: **30> anos**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **semifletido**

(b) **decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **parcialmente estendido**

Braço esquerdo: **parcialmente estendido**

Ângulo do cotovelo direito: **180°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **180°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

norte → sul.

- **Orientação da face:**

leste

- **Grau de articulação:**

articulado

- **Associação com outros sepultamentos:** **Nada consta**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

ausente

- **Ação do fogo:**

ausente

6. Estado de preservação:

mal

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**
Não identificada
- **Dimensões da cova:**
Não identificada
- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**
comprimento máximo: 108 cm
largura máxima: 53 cm

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* foram encontrados blocos sobre as pernas (fêmures) e delimitando o extremo sul do sepultamento (inclusive uma bigorna). Sobre a cabeça também havia blocos. Havia um bloco com um gume numa das extremidades produzido por lascamento bifacial (no pé). Ele apresenta características que indica que pode ter sido utilizado para cavar a cova. É descrita a presença de blocos acima do sepultamento, mas não há menção quanto a disposição e características deles. Uma ferramenta interpretada como mó também estava associada ao esqueleto.

(b) *sua disposição no sepultamento:* blocos localizados abaixo do sepultamento

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* material lítico (pequenas lascas); artefato em osso

(b) *sua disposição no sepultamento:*

Material lítico: ocorrência no sedimento em volta do sepultamento

Artefato em osso: 3 pontas de osso acompanhavam o sepultamento. Não há descrições da disposição desses artefatos.

- **Corante:** ausente
- **Carvão:** presente

(a) *descrever a quantidade:* poucos e pequenos

(b) *sua disposição no sepultamento:* dispersos

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais*: presente

(b) *compressão/deformação*: presente. Ocasionalmente pela compactação do solo

(c) *bioturbação*: presente. Buraco de cigarra e presença de formigas circulando sobre e dentro dos ossos

(d) estado do osso: frágeis

(e) alteração dos ossos: sim, alterações causadas por cupins.

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

Alterações causadas por cupins: danos causados por cupins em 7 ossos longos do esqueleto, sendo eles a tíbia esquerda, tíbia direita, fêmur esquerdo, fêmur direito, fíbula esquerda, fíbula direita, rádio esquerdo e ulna esquerda. Foram encontrados “túneis”, “poços” em formato de estrela e entradas com ranhuras causadas por cupins.

- **Estrutura funerária:**

(a) perturbada

(b) parcialmente perturbado, buracos de cigarra, origem natural, sem especificação.

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Ossos extremamente frágeis e de difícil exumação devido o substrato argiloso. Dada as condições dos ossos, foi decidido retirar, após à exposição nº1 (registrada na foto como 1b), a retirada sistemática dos ossos, respeitando sua deposição anatômica. Após a retirada dos ossos expostos na primeira decapagem (1b) – ossos longos das pernas, braço direito, crânio e mandíbula – realizou-se a retirada dos “blocos” completos contendo os ossos e a matriz sedimentar. **Quatro peças foram retiradas e não plotadas. Nº da ficha: 6271. Estava muito próximo do sepultamento e pode estar associado a ele. Calota craniana praticamente ausente. Processo tafonômico que não ficou claro durante a escavação.**

ANEXO 2 – FICHA DO SEPULTAMENTO 2

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio*: Sítio Caixa D'água

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 2**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **I11 e I12**

(b) nível: **I Médio**

(c) profundidade inicial:

Extremidade distal do úmero esquerdo: 31,5 cm

Junção do úmero/escápula esquerda: 27 cm

Falange intermediária da mão direita: 29 cm

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]: **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

(a) Sexo biológico: **masculino**

(b) Idade provável: **25 > anos**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: estendido (ao lado do corpo)

Braço esquerdo: semifletido (mão sobre o abdômen)

Ângulo do cotovelo direito: 180°

Ângulo do cotovelo esquerdo: +/- 90°

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) leste → oeste.

- **Orientação da face:**

(a) nordeste

- **Grau de articulação:**

(a) articulado

- **Associação com outros sepultamentos:** conjunto de ossos longos da perna abaixo do bloco que ficava localizado abaixo das pernas do sepultamento 2.

Descrição da associação: Abaixo das pernas do indivíduo do sepultamento 2, havia um bloco de pedra e, sobre ele, um conjunto de ossos da perna de outro indivíduo, que adentravam o barranco da quadra vizinha. Não há como confirmar se esse bloco fazia parte da sepultura do sepultamento 2, ou se na verdade era um outro sepultamento. Com base nas imagens, o que parece mais provável é se tratar de um outro sepultamento.

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

ausente

- **Ação do fogo:**

ausente

6. Estado de preservação:

regular

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: 80 cm

largura máxima: 45 cm (ombro), 55 (pernas+bacia)

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* Blocos parecem estar limitando, ou ao menos circundando, o esqueleto.

(b) *sua disposição no sepultamento:* blocos localizados sobre o crânio. Bigorna para oeste do crânio. Bloco sobre o crânio. Bloco acima do crânio (“laje funerária”). Bloco abaixo das pernas, onde havia um conjunto de ossos longos de outro indivíduo.

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

- **Corante:** ausente

- **Carvão:**

(a) *descrever a quantidade:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* sim

(b) *compressão/deformação:* sim

(c) *bioturbação:* sim

(d) *estado do osso:*

(e) *alteração dos ossos:*

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

(c) Há um formigueiro no mesmo nível do sepultamento, com pequenas formigas e ovos. Indicativo de uma possível perturbação.

(a), (b) Quebras e achatamento dos ossos ocasionadas pela compressão do sedimento

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

- (a) Perturbada
- (b) Não há descrição quanto ao grau de perturbação. A origem é natural e ocasionada recentemente por formigas.

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

- A alguns centímetros a oeste apareceu uma bigorna com uma ponta. Possivelmente, tal instrumento tenha sido utilizado como “picão” para a abertura da fossa.
- A leste do sepultamento foi encontrada uma estrutura de combustão com um aglomerado de ossos de fauna queimados. Não há informações quanto às suas características. Durante as escavações, foi sugerida uma associação entre ela e o sepultamento 2, o que não pôde ser comprovado devido a interrupção das atividades. Nas imagens disponíveis para o sepultamento 2, não foi possível averiguar a organização espacial dessa estrutura. A única menção quanto a sua localização corresponde a um desenho técnico presente em um dos cadernos de campo.

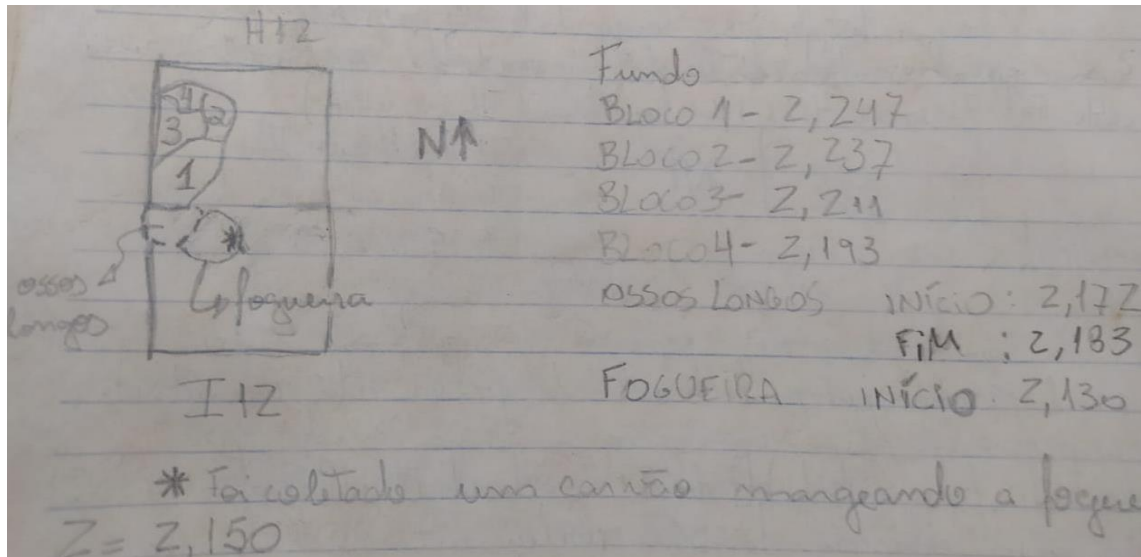
ANEXO 3 – FICHA DO SEPULTAMENTO 3

1. Informações gerais:

- (a) nome do sítio: **Sítio Caixa D’água**
- (b) sigla do sítio: **BURCA**
- (c) número do sepultamento: **Sepultamento 3 e 3b**

2. Localização do sepultamento:

- (a) quadra: **H11 e H12**
- (b) nível: **Nível I Médio**
- (c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: **Não consta**
- (d) profundidade final [crânio; bacia; pé]: **Obs: não há cotas para o esqueleto, apenas para o fundo dos blocos retirados com os fragmentos ósseos.**



Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

(a) Sexo provável: **masculino**

(b) Idade provável: **40 – 45 anos (3b: 50 anos)**

3. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **não consta**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **não consta**

Braço esquerdo: **estendido**

Ângulo do cotovelo direito: **não consta**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **não consta**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **norte → sul.**

- **Orientação da face:**

(a) **sul**

- **Grau de articulação:**

(a) **parcialmente articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **Nada consta**

4. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **ausente**

- **Ação do fogo:**

(a) **ausente**

5. Estado de preservação:

(a) **mal**

6. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: **1m (com perturbação)**

largura máxima: **70cm**

7. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* **blocos de pedra**

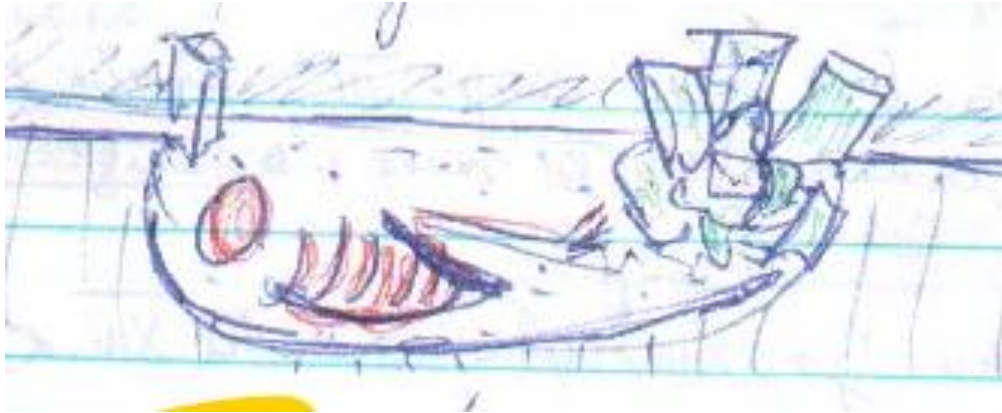
(b) *sua disposição no sepultamento:*

Na descrição do sepultamento 3:

Havia um grande bloco a leste da quadra H12, ao lado do sepultamento.

Na descrição do sepultamento 3b:

Havia uma laje no ventre do sepultamento. Blocos menores, paralelepípedos inseridos verticalmente. Conjuntos de blocos de pedra próximo dos pés.



Objetos:

(a) *descrever o tipo de material associado:* **Não consta**

(b) *sua disposição no sepultamento:*

- **Corante:** ausente
- **Carvão:** ausente

(a) *descrever a quantidade:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

8. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* **presente**

(b) *compressão/deformação:* **presente**

(c) *bioturbação:* **presente**

(d) *estado do osso:* **fragmentado**

(e) *alteração dos ossos:*

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **Perturbada**

(b) **Muito perturbada. Esqueleto espalhado pela quadra. Perturbação causada por ninho de cupim na região do sepultamento.**

9. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Existem dois sepultamentos enumerados como 3. Com base nas descrições, um deles foi escavado no ano de 2006, e outro no ano de 2007 (em laboratório foram enumerados como 3 (2006) e 3b (2007)). Ambos estão na mesma quadra, mas não há muitas informações sobre a profundidade e localização específica de ambos os sepultamentos. Não há muitas imagens desses sepultamentos. Ambos os indivíduos foram diagnosticados como do sexo masculino e idade aprox. 45 – 50 anos, o que sugere que eles podem se tratar do mesmo indivíduo.

ANEXO 4 – FICHA DO SEPULTAMENTO 4

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 4**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **F14**

(b) nível: **Nível I (1º retirada)**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: **Não consta**

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]: **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

(a) Sexo provável: **indeterminado; indeterminado; indeterminado**

(b) Idade provável: **indeterminado; \cong 5 anos; (intrusão) 20 e 35 anos**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) *fletido*

(b) *decúbito lateral esquerdo*

- **Posição dos membros:**

Braço direito: indeterminado

Braço esquerdo: fletido (braço sobre o abdômen e acima do fêmur direito)

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: $\cong 90^\circ$

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) *norte → sul*

- **Orientação da face:**

(a) *nordeste*

- **Grau de articulação:**

(a) *perturbado*

- **Associação com outros sepultamentos: Nada consta**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) *ausente*

- **Ação do fogo:**

(a) *ausente*

6. Estado de preservação:

(a) *ruim*

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**
Não identificada
- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**
comprimento máximo: -
largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**
(a) descrever a característica da estrutura: Nada consta
(b) sua disposição no sepultamento:
- **Objetos:**
(a) descrever o tipo de material associado: Nada consta
(b) sua disposição no sepultamento: Nada consta
- **Corante: Nada consta**
- **Carvão: Nada consta**
(a) descrever a quantidade:
(b) sua disposição no sepultamento:

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**
(a) quebras pós deposicionais: presente
(b) compressão/deformação: presente
(c) bioturbação: presente
(d) estado do osso:
(e) alteração dos ossos:
caso presentes, descrever as características de cada categoria.
- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.
(a) Perturbada
(b) Não há descrições quanto a origem da perturbação no esqueleto. Há indicações de que, devido à proximidade a um cupinzeiro, e a presença

de ovos e formigas nos ossos, o sepultamento possa ter tido uma perturbação de origem natural causada por cupins.

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Existem poucas informações nos diários de campo que descrevam o processo de exumação do sepultamento 4. Além disso, apenas 2 fotos e 2 croquis indicando a organização espacial e posição do esqueleto no sítio foram encontrados. Neles, foi possível identificar a posição do esqueleto e a sua proximidade com os sepultamentos 5 e 6 no sítio arqueológico. Durante a curadoria, foram identificados ossos correspondentes a até 3 indivíduos. Um adulto, um subadulto e outros fragmentos ósseos menores e menos robustos, que poderiam pertencer aos dois primeiros ou a um terceiro. Não há descrições em campo que determinem que se tratava de um sepultamento duplo ou múltiplo. Pode se tratar ou de materiais intrusivos ou, de fato, um sepultamento duplo ou múltiplo. No caderno de campo do Dr. André Prous (e nos croquis), o sepultamento foi considerado como simples.

ANEXO 5 – FICHA DO SEPULTAMENTO 5

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 5**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **F14 e F15**

(b) nível: **Não descrito**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: **Não consta**

(d) *profundidade final* [crânio; bacia; pé]: **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

(a) *Indeterminado*

(b) *45 – 55 anos (Senil)*

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) *primário*

(b) *simples*

- **Posição do esqueleto:**

(a) *não consta*

(b) *decúbito lateral esquerdo*

- **Posição dos membros:**

Braço direito: fletido com a mão sobre o pescoço

Braço esquerdo: não consta

Ângulo do cotovelo direito: 45°

Ângulo do cotovelo esquerdo: não consta

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) *nordeste → sudoeste.*

- **Orientação da face:**

(a) *sudeste*

- **Grau de articulação:**

(a) *parcialmente articulado*

- **Associação com outros sepultamentos:** *Sepultamento 6 (possivelmente mais recente que 5, tendo sido sobreposto a ele)*

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**
(a) ausente
- **Ação do fogo:**
(a) ausente

6. Estado de preservação:

(a) mal

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**
Não identificada
- **Dimensões da cova:**
Não identificada
- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**
comprimento máximo: não consta
largura máxima: não consta

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* não há descrições das características dessa estrutura

(b) *sua disposição no sepultamento:* um bloco localizado acima da parte superior do sepultamento, cobrindo a região da caixa torácica e parte do crânio.

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* Não consta

(b) *sua disposição no sepultamento:*

- **Corante:** presente
- **Carvão:** não consta

(a) *descrever a quantidade:* poucos e pequenos

(b) *sua disposição no sepultamento:* não consta

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* presente

(b) *compressão/deformação:* presente

(c) *bioturbação:* presente

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) *Perturbada*

(b) *A parte inferior do esquerdo (pernas) estava ausente. Nas poucas descrições presentes para o sepultamento, há a sugestão de alteração do esqueleto por ações de cupins. Além disso, é destacada a possibilidade desse sepultamento ter sido perturbado para a deposição do sepultamento 6, sobreposto a ele.*

10. Observações gerais sobre o sepultamento:

síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Existem poucas informações descritas para esse sepultamento. Pouco se pôde saber quanto a suas características específicas, além de sua localização e posição do esqueleto. Durante a curadoria, o esqueleto foi descrito como muito fragmentado, o que dificultou a identificação e remontagem dos ossos. Nenhuma espécie de pigmentação ou queima dos ossos foi observada nem pré ou pós-lavagem do material. O crânio também estava muito fragmentado e com desgaste excessivo na região das fraturas, o que impossibilitou sua remontagem.

ANEXO 6 – FICHA DO SEPULTAMENTO 6

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio:* Sítio Caixa D'água

(b) *sigla do sítio:* BURCA

(c) *número do sepultamento:* Sepultamento 6

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra*: **G15**

(b) *nível*: **Nível I – Superior**

(c) *profundidade inicial* [crânio, bacia, pé]: **Não consta**

(d) *profundidade final* [crânio; bacia; pé]: **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

(a) *Indeterminado*

(b) *Indeterminado*

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **semifletido**

(b) **decúbito lateral esquerdo**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **parcialmente fletido**

Braço esquerdo: **parcialmente fletido**

Ângulo do cotovelo direito: **45°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **45°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **norte → sul.**

- **Orientação da face:**

(a) **noroeste**

- **Grau de articulação:**

(a) **indeterminado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **sobreposto ao 5**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**
(a) **não descrito**
- **Ação do fogo:**
(a) **não descrito**

6. Estado de preservação:

- (a) **não descrito**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**
Não identificada
- **Dimensões da cova:**
Não identificada
- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**
comprimento máximo: **não descrito**
largura máxima: **não descrito**

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* dois blocos de pedra circundavam o sepultamento. O primeiro deles, localizado ao lado do braço esquerdo também cobria parte do braço do indivíduo. Tinha um formato pontiagudo, sendo que o “gume” estava apontado para dentro do sepultamento. O segundo bloco, de formato retangular, estava localizado nas costas do indivíduo, delimitando a parte leste do sepultamento. O bloco não cobria parte dos ossos.

(b) *sua disposição no sepultamento:* dois blocos de pedra. Um localizado imediatamente ao lado e sobre o braço esquerdo e outro atrás do corpo entre a calota craniana e o braço direito.

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* **artefato em osso**

(b) sua disposição no sepultamento:

Artefato em osso: duas pontas em osso estavam localizadas entre as pernas do indivíduo, com a parte pontiaguda direcionada para norte. Elas estavam depositadas abaixo das tíbias e fíbulas, mas acima dos fêmures. Essa posição pode indicar que as pontas foram entre as pernas do indivíduo. Outros fragmentos de ponta foram encontrados próximo aos braços do esqueleto, mas pode se tratar de material intrusivo do solo.

- **Corante: não descrito**
- **Carvão: não descrito**

(a) descrever a quantidade: -

(b) sua disposição no sepultamento: -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* presente

(b) *compressão/deformação:* presente

(c) *bioturbação:* presente

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) *Indeterminado*

(b) *indeterminado*

10. Inventário dos ossos presentes: (a) assinalar com “x” no diagrama de um esqueleto completo os ossos encontrados; (b) descrever o grau de preservação dos ossos presentes

11. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Existem poucas informações descritivas e imagens desse sepultamento, o que dificultou a compreensão da sua deposição. Ainda no início das escavações, uma área com fragmentos de crânio e osso longo foi encontrada e denominada como sepultamento 6 (acredita-se que seja essa parte que está na caixa no laboratório). Contudo, com base

nos croquis, acredita-se que acima dessa área foi encontrado um sepultamento, que também foi denominado como 6. Para essa ficha, ele foi o considerado para análise.

ANEXO 7 – FICHA DO SEPULTAMENTO 7

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 7**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **H/I 12/13**

(b) nível: **Não consta**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: **Não consta**

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]: **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **(a) indeterminado (b) indeterminado**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **parcialmente fletido**

Braço esquerdo: **parcialmente fletido**

Ângulo do cotovelo direito: **45°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: 45°

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) norte → sul.

- **Orientação da face:**

(a) Não consta

- **Grau de articulação:**

(a) articulado (com exceção do crânio)

- **Associação com outros sepultamentos:**

não

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) ausente

- **Ação do fogo:**

(a) ausente

6. Estado de preservação:

(a) regular

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: Não documentado

largura máxima: Não documentado

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) descrever a característica da estrutura:

(b) sua disposição no sepultamento:

Objetos:

(a) *descrever o tipo de material associado:* material lítico (seixos e lascas); artefato em osso (três pontas ósseas); fauna (2 esporões de surubim + ossos de répteis e cervídeos); 1 bloco de pigmento vermelho.

(b) *sua disposição no sepultamento:*

“Conjunto ventral”: concentração de artefatos localizada na região da barriga. Estavam contidos em sua posição original, sugerindo que haviam sido depositados em um recipiente de vegetais perecíveis ou outro material. Os braços do indivíduo estavam posicionados de forma a “proteger” ou “segurar” esse pacote.

- **Corante:** ausente
- **Carvão:** ausente

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* presente

(b) *compressão/deformação:* presente

(c) *bioturbação:*

(d) *estado do osso:*

(e) *alteração dos ossos:*

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

Quebras pós deposicionais causadas pela pressão do solo e retirada do esqueleto durante as escavações. Ossos muito friáveis, o que facilitou a quebra. Compressão causada pelo peso dos maquinários e casas de pau-a-pique.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

O esqueleto estava articulado, com exceção do crânio que estava ausente. Abaixo do corpo, na região dos pés, estava depositado um crânio, alguns fragmentos de costela e ossos longos. Há a possibilidade desses remanescentes ósseos se tratarem de uma perturbação, para isso, é importante se ater a um possível sepultamento depositado acima. Ao mesmo tempo, gera certa estranheza todos os ossos do indivíduo estarem articulados e, a única parte ausente ser o crânio. Há a necessidade de, em laboratório investigar possíveis marcas de corte.

ANEXO 8 – FICHA DO SEPULTAMENTO 8

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 8**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **G12, H12, G13, H13**

(b) nível: **Nível II**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: **Não consta**

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]: **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral esquerdo**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **Não consta**

Braço esquerdo: **Não consta**

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) oeste → leste

- **Orientação da face:**

(a) norte

- **Grau de articulação:**

(a) parcialmente articulado

- **Associação com outros sepultamentos:** Nada consta

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) ausente

- **Ação do fogo:**

(a) ausente

6. Estado de preservação:

(a) mal

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* **Bloco de arcósio**

(b) *sua disposição no sepultamento:* **Bloco de arcósio: bloco localizado do lado esquerdo do sepultamento. Não há descrições que relatem se tratar de uma estrutura funerária ou a um objeto associado ao esqueleto.**

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

- **Corante:** ausente

- **Carvão:** ausente

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* **presente**

(b) *compressão/deformação:* **presente**

(c) *bioturbação:*

(d) *estado do osso:*

(e) *alteração dos ossos:*

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

Quebras pós deposicionais causadas pela pressão do solo e retirada do esqueleto durante as escavações. Ossos muito friáveis, o que facilitou a quebra. Compressão causada pelo peso dos maquinários e casas de pau-a-pique.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

Não há descrições sobre a estrutura funerária

10. Observações gerais sobre o sepultamento:

síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Não há fotografias e descrições a respeito desse sepultamento. Apenas um croqui do nível II foi encontrado. Esse fator comprometeu severamente a interpretação contextual desse sepultamento.

ANEXO 9 – FICHA DO SEPULTAMENTO 9

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 9**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **G11**

(b) nível: -

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: **Não consta**

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]: **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) -

(b) -

- **Posição do esqueleto:**

(a) -

(b) -

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) -

- **Orientação da face:**

(a) -

- **Grau de articulação:**

(a) -

- **Associação com outros sepultamentos: Nada consta**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) -

- **Ação do fogo:**

(a) -

6. Estado de preservação:

(a) -

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo:

largura máxima:

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

Objetos:

(a) *descrever o tipo de material associado:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

- **Corante: -**

- **Carvão: -**

(a) *descrever a quantidade: -*

(b) *sua disposição no sepultamento: -*

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais: -*

(b) *compressão/deformação: -*

(c) *bioturbação: -*

(d) *estado do osso: -*

(e) *alteração dos ossos: -*

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

-

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Não há nenhuma informação a respeito deste sepultamento. Por esse motivo, ele não pôde ser descrito.

ANEXO 10 – FICHA DO SEPULTAMENTO 10

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 10**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **H13, G13, H14 e G14**

(b) nível: **II Inferior**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: **Não consta**

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]: **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) -

(b) -

- **Posição do esqueleto:**

(a) -

(b) -

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **sudoeste → nordeste**

- **Orientação da face:**

(a) -

- **Grau de articulação:**

(a) **perturbado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **Nada consta**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **ausente**

- **Ação do fogo:**

(a) **ausente**

6. Estado de preservação:

(a) **mal**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* **artefato em osso**

(b) sua disposição no sepultamento: **fragmento localizado acima das costelas do esqueleto. Devido a condição perturbada do sepultamento, não é possível inferir se se trata de um acompanhamento funerário.**

- **Corante:** ausente
- **Carvão:** presente

(a) descrever a quantidade: **não há informações**

(b) sua disposição no sepultamento: **concentrado próximo aos ossos longos**

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* **presente**

(b) *compressão/deformação:*

(c) *bioturbação:* **presente**

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

O esqueleto foi severamente perturbado e modificado por cupins. Entre os ossos, havia um buraco de ninho de cupim. Além disso, o sepultamento estava depositado em uma camada possivelmente superficial, atingida pela pressão e alteração de agentes antrópicos. Esse fator gerou quebras pós deposicionais e possivelmente compressão e deformação dos ossos.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **Perturbada**

(b) **De origem natural e antrópica. A estrutura funerária foi severamente impactada.**

Os ossos estavam, em sua maioria, espalhados. Ao que tudo indica, parte dessa perturbação foi derivada da ação de cupins. Outra devido à proximidade com a superfície, o que facilitou o impacto antrópico das casas de pau-a-pique e retroescavadeiras no sepultamento.

- **10. Observações gerais sobre o sepultamento:** síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Existem poucas informações ou fotografias sobre o sepultamento 10. Com base nas descrições existentes, o sepultamento parece ter sido separado em “conjuntos” durante a sua exumação. Possivelmente acharam primeiramente se tratar de um único sepultamento e depois definiram como mais de um (o sepultamento 13 era um antigo conjunto do sepultamento X). Os ossos estavam dispersos no sedimento, embora os conjuntos Xa e Xb tivessem alguma conexão anatômica. Segundo a descrição: “O Sep. Xa parece ter a perna dobrada. O sep. Xb parece um pacote coerente com tórax, braço direito fletido, braço esquerdo caído para a esquerda. Todos os sepultamentos estavam aparentemente flexionados e lateralizados. O Xb, entretanto, aparentava estar sentado.”

ANEXO 11 – FICHA DO SEPULTAMENTO 11

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D’água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 11**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **G13, G14, F13 e F14**

(b) nível: **Nível II Superior/Médio**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Ponta do bloco em cima do sepultamento: 2,21m

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Base do crânio: 2,37m

Base da bacia: 2,43m

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

(a) **Indeterminado**

(b) **30> anos**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **fletido**

Braço esquerdo: **fletido**

Ângulo do cotovelo direito: **90°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **90°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **leste → oeste.**

- **Orientação da face:**

(a) **noroeste**

- **Grau de articulação:**

(a) **articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **Fogueira com ossos humanos (crânio) cremados acima da laje do sepultamento, na área oeste, próximo do crânio do indivíduo.**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **ausente**

- **Ação do fogo:**

(a) **ausente**

6. Estado de preservação:

(a) **bom**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* o bloco estava localizado acima do sepultamento, direcionado para noroeste da sepultura. A laje estava em posição vertical. Outro bloco menor estava acima e ao lado desse grande bloco. Outros blocos menores estavam abaixo desse grande bloco.

(b) *sua disposição no sepultamento:* Grande bloco localizado acima do sepultamento, na região do crânio. Abaixo estavam os braços como se “segurando” a laje. Outros blocos menores estavam localizados abaixo desse grande bloco, como um suporte para o maior. Eles circundavam a lateral do crânio do indivíduo. Um outro bloco estava mais elevado e acima desse grande bloco.

(a) *descrever a característica da estrutura:* a fogueira com ossos queimados estava em uma profundidade um pouco menor do que esqueleto e relativamente afastado do indivíduo. Não há como confirmar se estavam associados. Pelas imagens, a fogueira parece ser mais recente que o sepultamento.

(b) *sua disposição no sepultamento:* fogueira com ossos do crânio queimados a oeste do sepultamento

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* material lítico (pequenas lascas); artefato em osso

(b) sua disposição no sepultamento:

Material lítico: não há descrição de onde estavam presentes. Pelas imagens em laboratório, é notável a grande quantidade desse material. Pelas imagens de campo, entretanto, nenhum pareceu estar diretamente associado como um acompanhamento funerário, mas sim dispersos no sedimento.

Artefato em osso: é indicada a presença de duas pontas em osso. Uma delas não é descrito a região onde foi encontrada, ou se estava de fato associada ao sepultamento. Uma delas estava posicionada sobre o braço esquerdo do indivíduo.

- **Corante:** ausente
- **Carvão:** ausente

(a) descrever a quantidade: -

(b) sua disposição no sepultamento: -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) quebras pós deposicionais: presente

(b) compressão/deformação: presente

(c) bioturbação:

(d) estado do osso: relativamente conservado

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

(a) Os ossos apresentavam significativas quebras pós deposicionais em todos os ossos. Além da pressão do solo, muitas quebras foram geradas pela própria pressão do bloco que estava depositado acima do esqueleto

(b) a compressão/deformação nos ossos se deu também pela pressão do bloco que estava depositado acima do esqueleto. O crânio foi o mais afetado.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) Intacta

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

O sepultamento estava localizado na mesma região que os sepultamentos 4, 5 e 6, mas ele parece ser mais profundo que os anteriores. O esqueleto estava relativamente conservado. As áreas mais afetadas foram o crânio e a região dos pés. Durante a curadoria, foram encontrados fragmentos ósseos de um infante, mas parece se tratar de material intrusivo. Os ossos dos pés e das mãos estavam muito fragmentados. A reconstrução do crânio não pôde ser realizada, pois os fragmentos estavam com as áreas de contato muito deterioradas. Outros fragmentos de crânio (aparentemente de outro indivíduo) foram encontrados abaixo da grande laje acima do sepultamento. Muitos ossos de fauna foram encontrados no sedimento do esqueleto, com diferentes níveis de exposição ao fogo. Um dos fragmentos tinha marcas de corte.

ANEXO 12 – FICHA DO SEPULTAMENTO 12

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 12**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **H11**

(b) nível: **Nível II Superior**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: **Não consta**

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Fundo da fossa: - 117cm

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) fletido

(b) decúbito lateral esquerdo

- **Posição dos membros:**

Braço direito: parcialmente fletido

Braço esquerdo: indefinido

Ângulo do cotovelo direito: 90°

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) norte → sul.

- **Orientação da face:**

(a) sudeste

- **Grau de articulação:**

(a) articulado

- **Associação com outros sepultamentos:** crânio definido como “Sepultamento 9” estava acima do crânio do indivíduo.

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) ausente

- **Ação do fogo:**

(a) ausente

6. Estado de preservação:

(a) regular

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* foi encontrado um grande bloco de arcósio que cobria quase inteiramente o sepultamento. Ele estava depositado acima da região do tórax do indivíduo, cobrindo as pernas e os braços do esqueleto.

(b) *sua disposição no sepultamento:* bloco depositado acima do sepultamento

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* artefato em osso

(b) *sua disposição no sepultamento:*

Artefato em osso: Uma grande ponta de osso foi encontrada acima do ventre do indivíduo, deixada sobre o lado esquerdo. Também havia um fragmento de ponta óssea queimada alocada no crânio do indivíduo. Pode se tratar de material intrusivo do solo.

- **Corante:** ausente
- **Carvão:** ausente

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* presente

(b) *compressão/deformação:* presente

(c) *bioturbação:*

(d) *estado do osso:* regular

(e) *alteração dos ossos:*

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

- (a) Os ossos apresentavam significativas quebras pós deposicionais em todos os ossos. Além da pressão do solo, muitas quebras foram geradas pela própria pressão do bloco que estava depositado acima do esqueleto
- (b) a compressão/deformação nos ossos se deu também pela pressão do bloco que estava depositado acima do esqueleto.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) *intacta*

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

O Sepultamento 12 parecia mais preservado que os esqueletos próximos a ele. Durante as escavações, houveram suposições de que ele seria mais antigo que os outros. É descrito nas documentações de campo que haviam blocos de pedra e ossos queimados sobre o Sepultamento. Contudo, nas imagens isso não fica claro. Os ossos das duas mãos do indivíduo não foram encontrados. O bloco que estava acima do indivíduo foi descrito como bem trabalhado. Nas análises de estrôncio ele foi considerado o único outlier das 9 amostras realizadas. Acima do crânio do Sepultamento 12, em camadas superiores, foi encontrado um fragmento de calota craniana denominado “Sepultamento 9”.

ANEXO 13 – FICHA DO SEPULTAMENTO 13

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio:* **Sítio Caixa D’água**

(b) *sigla do sítio:* **BURCA**

(c) *número do sepultamento:* **Sepultamento 13**

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra:* **H11 e I11**

(b) *nível:* **II**

(c) *profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:* **Não consta**

(d) *profundidade final [crânio; bacia; pé]:*

Fundo da fossa: -117cm

- 3. Perfil biológico:** (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

Não foi possível inferir

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) -

(b) -

- **Posição do esqueleto:**

(a) -

(b) -

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) -

- **Orientação da face:**

(a) -

- **Grau de articulação:**

(a) -

- **Associação com outros sepultamentos:** Nas descrições, é considerado do antigo conjunto "x". Se se trata de Sepultamento X, não faz muito sentido, já que ele está longe da localização do Sep. 13

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **ausente**

- **Ação do fogo:**

(a) **ausente**

6. Estado de preservação:

(a) **mal**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura: -*

(b) *sua disposição no sepultamento: -*

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado: -*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

- **Corante: ausente**

- **Carvão: ausente**

(a) *descrever a quantidade:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* -

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) *estado do osso:* -

(e) *alteração dos ossos:* -

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

Não foi possível inferir

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Poucas informações estavam disponíveis para esse Sepultamento, o que impossibilitou a interpretação do seu modo de enterramento. Há apenas uma imagem de um croqui do Sepultamento.

ANEXO 14 – FICHA DO SEPULTAMENTO 15

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio:* **Sítio Caixa D'água**

(b) *sigla do sítio:* **BURCA**

(c) *número do sepultamento:* **Sepultamento 15**

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra:* **G11 e G12**

(b) *nível:* **II Médio**

(c) *profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:* **Não consta**

(d) *profundidade final [crânio; bacia; pé]:* **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **indeterminado**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral esquerdo**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **fletido**

Braço esquerdo: **fletido**

Ângulo do cotovelo direito: **45°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **45°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **leste → oeste.**

- **Orientação da face:**

(a) **leste**

- **Grau de articulação:**

(a) **articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **Nada consta**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **ausente**

- **Ação do fogo:**

(a) **ausente**

6. Estado de preservação:

(a) bom

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* nas descrições, é comentado a presença de blocos no Sepultamento. Contudo, não há imagens ou detalhes de onde eles estariam localizados no sepultamento.

(b) *sua disposição no sepultamento:* blocos de arcósio

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* material lítico (pequenas lascas); artefato em osso

(b) *sua disposição no sepultamento:*

Material lítico: ocorrência no sedimento em volta do sepultamento. Não é caracterizado como acompanhamento funerário.

Artefato em osso: ponta óssea cremada sobre a caixa torácica do indivíduo. Não foi caracterizado como acompanhamento funerário.

- **Corante:** ausente

- **Carvão:** ausente

(a) *descrever a quantidade:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais*: presente

(b) *compressão/deformação*: presente

(c) *bioturbação*:

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

(a) Os ossos apresentavam significativas quebras pós deposicionais em todos os ossos causadas pela pressão do solo.

(b) compressão/deformação nos ossos se deu também pela pressão do solo. A área mais afetada foi o crânio.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) intacta

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Existem poucas informações a respeito do Sepultamento 15. Não há muitas descrições ou imagens do esqueleto em campo. Há apenas alguns croquis da exumação do esqueleto, mas não é explicitado o número da exposição.

ANEXO 15 – FICHA DO SEPULTAMENTO 17

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio*: Sítio Caixa D'água

(b) *sigla do sítio*: BURCA

(c) *número do sepultamento*: Sepultamento 17

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra*: G13, G14, H13 e H14

(b) *nível*: II Inferior – III superior

(c) *profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: Não consta*

(d) *profundidade final [crânio; bacia; pé]:*

Base da cova: - 118cm

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

obs: os braços estavam dobrados com as mãos sob o queixo

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **sul → norte.**

- **Orientação da face:**

(a) **leste**

- **Grau de articulação:**

(a) **-**

- **Associação com outros sepultamentos: Nada consta**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**
(a) **ausente**
- **Ação do fogo:**
(a) **ausente**

6. Estado de preservação:

- (a) **mal**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**
(a) **Não identificada**
- **Dimensões da cova:**
(a) **Não identificada**
- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**
(a) *comprimento máximo:* -
(b) *largura máxima:* -

8. Associações

- **Estruturas:**
(a) *descrever a característica da estrutura:* -
(b) *sua disposição no sepultamento:* -
- **Objetos:**
(a) *descrever o tipo de material associado:* **material lítico (pequenas lascas)**
(b) *sua disposição no sepultamento:*

Material lítico: ocorrência no sedimento em volta do sepultamento

- **Corante:** **ausente**
- **Carvão:** **presente**
(a) *descrever a quantidade:* **poucos e pequenos**
(b) *sua disposição no sepultamento:* **dispersos**

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais: não descrito*

(b) *compressão/deformação: não descrito*

(c) *bioturbação: presente*

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

(c) a região próxima da mandíbula estava cheia de buracos de formiga, que ainda andavam sobre o sepultamento.

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) *intacta*

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

O sepultamento estava bastante fragmentado. Foram encontradas a mandíbula, duas clavículas muito próximas, uma omoplata e várias costelas. Os braços do indivíduo estavam dobrados e com as mãos sob o queixo. A região próxima à mandíbula estava cheia de buracos de formiga, que ainda andavam sobre os ossos.

ANEXO 16 – FICHA DO SEPULTAMENTO 18

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio: Sítio Caixa D'água*

(b) *sigla do sítio: BURCA*

(c) *número do sepultamento: Sepultamento 18*

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra: G13 e G14*

(b) *nível: Contato II - III*

(c) *profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: Não consta*

(d) *profundidade final [crânio; bacia; pé]:*

Rádio – 115cm

Tórax – 120cm

Crânio – 121cm

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

O esqueleto foi perdido no incêndio.

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) primário

(b) simples

- **Posição do esqueleto:**

(a) estendido

(b) decúbito ventral

- **Posição dos membros:**

Braço direito: parcialmente fletido

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: <90°

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) sul → norte

- **Orientação da face:**

(a) sudeste

- **Grau de articulação:**

(a) articulado

- **Associação com outros sepultamentos:** A parte inferior do esqueleto foi retirada em 2007, no conjunto X.

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**
(a) ausente
- **Ação do fogo:**
(a) ausente

6. Estado de preservação:

(a) regular

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**
Não identificada
- **Dimensões da cova:**
Não identificada
- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**
comprimento máximo: -
largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* material lítico (pequenas lascas); artefato em osso

(b) *sua disposição no sepultamento:*

Material lítico: ocorrência no sedimento na base da cova. Não se tratavam de acompanhamentos funerários.

Artefato em osso: uma ponta de osso estava depositada ao lado do crânio do indivíduo.

- **Corante:** ausente

- **Carvão:** ausente

(a) *descrever a quantidade:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* -

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) *estado do osso:*

(e) *alteração dos ossos:*

Não haviam descrições ou fotografias suficientes para determinar as alterações tafonômicas do esqueleto.

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **intacta**

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Não foram tiradas fotografias do Sepultamento.

ANEXO 17 – FICHA DO SEPULTAMENTO 21

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio:* **Sítio Caixa D'água**

(b) *sigla do sítio:* **BURCA**

(c) *número do sepultamento:* **Sepultamento 21**

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra:* **F13**

(b) *nível:* **II Médio**

(c) *profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:*

Topo: 76cm

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]: **Não consta**

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **O esqueleto foi perdido no incêndio.**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral esquerdo**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: **estendido**

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: **180°**

O braço esquerdo estava estendido com a mão próxima da bacia.

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **oeste → leste.**

- **Orientação da face:**

(a) **norte**

- **Grau de articulação:**

(a) **articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **“Conjunto gama”:** estrutura de ossos queimados que estava próxima da região sudoeste do crânio.

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**
(a) ausente
- **Ação do fogo:**
(a) ausente

6. Estado de preservação:

(a) regular

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**
Não identificada
- **Dimensões da cova:**
Não identificada
- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**
comprimento máximo: -
largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* foram encontrados dois blocos que parecem delimitar a região do crânio. Em cima do esqueleto, na região da bacia e das pernas, cobrindo essa parte do esqueleto.

(b) *sua disposição no sepultamento:* blocos localizados acima do sepultamento e envolta do esqueleto

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* material lítico; artefato em osso.

(b) *sua disposição no sepultamento:*

“Conjunto ventral”: estojo de artefatos depositado na região da bacia do esqueleto.

Haviam duas lâminas de machado, seixos e uma ponta óssea cremada.

- **Corante:** ausente

- **Carvão: presente**

(a) *descrever a quantidade:* **poucos e pequenos**

(b) *sua disposição no sepultamento:* **dispersos**

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* -

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria.

Não há fotos ou descrições do esqueleto que permitam visualizar as alterações tafonômicas presentes. O esqueleto também foi perdido no incêndio.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **intacta**

10. Inventário dos ossos presentes:

(a) assinalar com “x” no diagrama de um esqueleto completo os ossos encontrados; (b) descrever o grau de preservação dos ossos presentes

O esqueleto foi perdido no incêndio.

11. Observações gerais sobre o sepultamento:

síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Não existem fotografias do Sepultamento 21. Várias grandes vértebras de peixe foram encontradas entre o crânio do sep. 21. Alguns ossos queimados foram encontrados espalhados no tórax do Sep. 21 que poderiam vir da estrutura de ossos queimados “conjunto gama”.

ANEXO 18 – FICHA DO SEPULTAMENTO 23

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio:* **Sítio Caixa D’água**

(b) *sigla do sítio:* **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 23**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **F12 e F13**

(b) nível: **Não consta**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Bloco (Mó) – 87cm

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Fundo da ova – 93cm

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **indeterminado**

(b) **indeterminado**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **indeterminado**

(b) **indeterminado**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) -

- **Orientação da face:**

(a) -

- **Grau de articulação:**

(a) **desarticulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **perturbado pela escavação da fossa do Sepultamento 21**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **Não consta**

- **Ação do fogo:**

(a) **Não consta**

6. Estado de preservação:

(a) **mal**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* **O sepultamento estava coberto por um grande bloco de arcósio identificado como uma mó. Os remanescentes esqueléticos repousavam também sob um grande bloco.**

(b) *sua disposição no sepultamento:* **blocos localizados acima e abaixo do sepultamento**

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Corante:** -
- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* -

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: **Considerando a ausência de informações em campo, e a impossibilidade de analisar o material, não foi possível obter informações tafonômicas**

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **Perturbada**

(b) **Cova perturbada para a deposição do Sepultamento 21. Não é descrito o grau de perturbação**

10. Observações gerais sobre o sepultamento:

síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Há duas possibilidades para esse sepultamento. 1. Ou ele foi perturbado e reorganizado para a deposição do sepultamento 21 ou 2. Ele se trata de um sepultamento secundário.

ANEXO 19 – FICHA DO SEPULTAMENTO 24

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio:* **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 24**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **F11 e F12**

(b) nível: **Nível II Médio – Inferior B**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Crânio = - 0,76m

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Fundo da cova = - 1,04m

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido**
(b) conforme imagens de campo, estima-se que seja um esqueleto de um indivíduo adulto

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **Hiperfletido**

(b) **Decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **Não identificado**

Braço esquerdo: **Estendido**

Ângulo do cotovelo direito: **Não identificado**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **180°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) Norte -> Sul

- **Orientação da face:**

(a) Noroeste

- **Grau de articulação:**

(a) articulado

- **Associação com outros sepultamentos:** perturbado pela escavação da fossa do Sepultamento 27

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) Não

- **Ação do fogo:**

(a) Não

6. Estado de preservação:

(a) regular

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Comprimento máximo: 0,52m

Largura máxima: 0,35m

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* O sepultamento estava coberto por um grande bloco de arcósio. Além disso, uma série de pedras, algumas delas mós, circundavam a parte superior do sepultamento (crânio)

(b) sua disposição no sepultamento: blocos circundando a parte superior do esqueleto, bem como depositados em cima deste.

- **Objetos:**

(a) descrever o tipo de material associado: -

(b) sua disposição no sepultamento: -

- **Corante:** presente

- **Carvão:** presente

(a) descrever a quantidade: poucos

(b) sua disposição no sepultamento: ambos esparsos, o carvão parece estar associado à bioturbações

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) quebras pós deposicionais: presente

(b) compressão/deformação: presente

(c) bioturbação: presente (cupim)

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: Considerando a ausência de informações em campo, e a impossibilidade de analisar o material, não foi possível obter informações tafonômicas sobre o estado e alteração dos ossos

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(c) Perturbada

(d) Cova perturbada para a deposição do Sepultamento 27. Não é descrito o grau de perturbação

10. Observações gerais sobre o sepultamento:

síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

ANEXO 20 – FICHA DO SEPULTAMENTO 25**1. Informações gerais:**

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 25**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **F13 e G13**

(b) nível: **Nível II Médio Inferior**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]: -

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]: -

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **indeterminado**

(b) **indeterminado**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **indeterminado**

(b) **indeterminado**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) -

- **Orientação da face:**

(a) -

- **Grau de articulação:**

(a) **desarticulado**

- **Associação com outros sepultamentos: -**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **Não consta**

- **Ação do fogo:**

(a) **Não consta**

6. Estado de preservação:

(a) **mal**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* **Bloco de arcósio que circundavam os remanescentes**

(b) *sua disposição no sepultamento:* **Bloco abaixo do crânio, servindo de apoio e outros dois blocos de arcósio dispostos do lado esquerdo do sepultamento**

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Corante:** -

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* -

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: **Considerando a ausência de informações em campo, e a impossibilidade de analisar o material, não foi possível obter informações tafonômicas**

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(e) **Não há informação**

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

ANEXO 21 – FICHA DO SEPULTAMENTO 26

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio:* **Sítio Caixa D'água**

(b) *sigla do sítio:* **BURCA**

(c) *número do sepultamento:* **Sepultamento 26**

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra:* **E13 e F13**

(b) nível: **Nível II Médio**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Sw: -114cm

Se: -111cm

Nw: -106cm

Ne: -109cm

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Não consta

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **simples**

(b) **primário**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **semifletido**

(b) **decúbito lateral esquerdo**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **parcialmente fletido**

Braço esquerdo: **fletido**

Ângulo do cotovelo direito: **$\cong 45^\circ$**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **180°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **sul -> norte**

- **Orientação da face:**

(a) **sudoeste**

- **Grau de articulação:**

(a) **articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:**

- **O crânio do sepultamento 26 estava sobre o topo do crânio o sepultamento 28**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **Não consta**

- **Ação do fogo:**

(a) **Não consta**

6. Estado de preservação:

(a) **regular**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

Objetos:

(a) *descrever o tipo de material associado:* **lítico; pontas em osso**

(b) *sua disposição no sepultamento:*

Lítico: um bloco de pedra com uma das superfícies parcialmente polida localizado entre a bacia e o fêmur direito do indivíduo

Pontas em osso: Entre a bacia e as pernas do indivíduo, foram encontradas três pontas de osso, estando uma delas fragmentada.

- **Corante:** presente
- **Carvão:** presente

(a) *descrever a quantidade:* poucos

(b) *sua disposição no sepultamento:* esparsos

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* -

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: **Laboratório**

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) *intacta*

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Pontos de pigmento são observados ao redor do sepultamento, mas não se descreve se se trata de um fenômeno natural ou antrópico.

ANEXO 22 – FICHA DO SEPULTAMENTO

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio:* Sítio Caixa D'água

(b) *sigla do sítio:* BURCA

(c) *número do sepultamento:* Sepultamento 27

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra*: **F11**

(b) *nível*: **II Médio Inferior B**

(c) *profundidade inicial* [crânio, bacia, pé]:

Crânio – 0,93m

(d) *profundidade final* [crânio; bacia; pé]:

Fundo da cova – 1,10m

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Laboratório**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **Primário**

(b) **Simplex**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **Fletido**

(b) **Decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **parcialmente fletido**

Braço esquerdo: **fletido**

Ângulo do cotovelo direito: **45°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **90°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **sudeste -> noroeste**

- **Orientação da face:**

(a) **sudoeste**

- **Grau de articulação:**

(a) articulado

- Associação com outros sepultamentos: sepultado ao lado do Sepultamento 24

5. Ação sobre o corpo:

- Ação do ocre:

(a) Não consta

- Ação do fogo:

(a) Não consta

6. Estado de preservação:

(a) Bom

7. Características da cova

- Delimitação da cova:

Não identificada

- Dimensões da cova:

Não identificada

- Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- Estruturas:

(a) descrever a característica da estrutura: Tratam-se de dois grandes blocos de arcósio trabalhados que estavam limitando os dois extremos do sepultamento (cabeça e pés do indivíduo).

(b) sua disposição no sepultamento: Um dos blocos estava depositado acima do crânio, enquanto o outro estava depositado sobre os pés do indivíduo

Objetos:

(a) descrever o tipo de material associado: -

(b) sua disposição no sepultamento: -

- **Corante:** -
- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* -

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: **laboratório**

Estrutura funerária: (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **Intacta**

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

ANEXO 23 – FICHA DO SEPULTAMENTO 28

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio:* **Sítio Caixa D'água**

(b) *sigla do sítio:* **BURCA**

(c) *número do sepultamento:* **Sepultamento 28**

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra:* **F12 e E12**

(b) *nível:* **Nível II Médio**

(c) *profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:*

Topo (Local não identificado) – 90cm

(d) *profundidade final [crânio; bacia; pé]:*

Bacia – 115m

Centro – 111m

Crânio – 108m

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **Simplex**

(b) **Primário**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral esquerdo**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **parcialmente fletido**

Braço esquerdo: **fletido**

Ângulo do cotovelo direito: **100°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **30°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **leste -> oeste**

- **Orientação da face:**

(a) **sudoeste**

- **Grau de articulação:**

(a) **articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:**

concentração delta – Concentração de ossos cremados próximos a barriga/bacia do sepultamento 28

Sepultamento 26 – O crânio do Sepultamento 28 estava apoiado próximo ao crânio do sepultamento 26

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) Não consta

- **Ação do fogo:**

(a) Não consta

6. Estado de preservação:

(a) bom

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:*

Bloco de pedra -> Não foram encontradas descrições a respeito das características dessa estrutura

Estrutura de ossos cremados -> Ossos muito queimados, todos humanos, sem nenhum carvão vegetal. Fraturas por flexão. Ossos esponjosos queimados, por vezes mais compactos na área externa. Cores que variam de preto a branco. Parecem ter sido queimados e descarnados ainda frescos – Ossos quebrados antes de queimar (fraturas queimadas).

(b) *sua disposição no sepultamento:*

Bloco de pedra -> Depositado acima da cabeça do indivíduo

Estrutura de ossos cremados -> Concentração de ossos cremados próximos a barriga/bacia do sepultamento 28

Objetos:

(a) *descrever o tipo de material associado:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Corante:** Sim

- **Carvão:** Sim

(a) *descrever a quantidade:*

Corante: Não especificado

Carvão: Não especificado

(b) *sua disposição no sepultamento:*

Corante: Abaixo do sepultamento apareceram bolas vermelhas que poderiam ser pigmento.

Carvão: carvões abaixo das costelas do indivíduo

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* Quebras pós deposicionais causadas pela pressão no solo causada pelo maquinário e pela pressão dos blocos em algumas regiões do esqueleto

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* Presença de área bioperturbada (buraco Z), com fragmentos de ossos humanos que parecem ter sido “carregados” de sepultamentos próximos (28, 27 e 26)

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: Considerando a ausência de informações em campo, e a impossibilidade de analisar o material, não foi possível obter muitas informações tafonômicas

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) Parcialmente perturbada

(b) Os pés do indivíduo foram perturbados, possivelmente para a deposição do que foi chamado “Sepultamento 29”

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

A cova parece ter 2 estruturas diferentes. A primeira seria a camada de ossos aparentemente humanos, queimados em conjunto com peças líticas também queimadas. A segunda estrutura seria o próprio sepultamento 28, sobre a 1º estrutura. O sepultamento 28 ocupa a metade norte da quadra, no nível II médio. A metade sul da quadra foi escavada no nível II Inferior.

ANEXO 24 – FICHA DO SEPULTAMENTO 30

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D’água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 30**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **F13**

(b) nível: **Nível II Inferior**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Topo do bloco – 103cm

Osso longo – 112cm

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

SW – 122cm

NW – 122cm

SE – 120cm

NE – 120cm

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **indeterminado**

(b) **indeterminado**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **indeterminado**

(b) **indeterminado**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) -

- **Orientação da face:**

(a) -

- **Grau de articulação:**

(a) **desarticulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **Sepultamento 33**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **Não consta**

- **Ação do fogo:**

(a) Não consta

6. Estado de preservação:

(a) mal

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* O sepultamento estava coberto por dois grandes blocos de arcósio trabalhados e verticalizados, que cobriam boa parte dos remanescentes esqueléticos. Na base da cova funerária foi encontrado um bloco de arcósio polido que continha marcas de pigmentação vermelha.

(b) *sua disposição no sepultamento:* blocos localizados acima do Sepultamento. Não foi possível determinar se eles estavam associados apenas ao Sepultamento 33 (depositado em cima do Sep. 30), ou se foram depositados em associação ao Sep. 30 e reutilizados.

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Corante:** -

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais*: **sim**

(b) *compressão/deformação*: -

(c) *bioturbação*: **sim**

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: **Todos os ossos presentes estavam com grau de fragmentação elevado possivelmente devido a perturbação e pressão causada pela deposição do Sepultamento 33 imediatamente acima do Sepultamento 30. Além disso, uma série de tuneis e cupinzeiros estavam localizados na região de deposição do Sepultamento. Raízes também atravessavam o Sepultamento. As raízes médias estavam presentes próximas aos ossos longos (fêmur e tibia), cresciam por dentro desses ossos deixando-os sensíveis e fragmentados.**

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **Perturbada**

(b) **Cova perturbada para a deposição do Sepultamento 33 e também pelos buracos de formigas existentes no local.**

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Sobre o pigmento vermelho: Os ossos saíram fragmentados, devido a própria conservação do sepultamento. Sepultamento 30, identificado com o n° 8642. A mancha vermelha se define em um conjunto de esferas. No sepultamento estão localizados na região do abdômen. Ao evidenciarmos a fossa percebeu-se um sedimento mais arenoso no quadrante SE. As esferas vermelhas, antes concentradas na região do abdômen agora espalham para SW. Acredita-se que a mancha vermelha em relevo seja provocada por formigas saúvas, que poderiam ter descido até o nível estéril, de goethita e hematita, e depositado o sedimento vermelho, formando canais tortuosos.

Posição do esqueleto: o sepultamento está incompleto. Está situado na região central para SE. A região que seria o joelho aponta para NW. O segundo conjunto de ossos da perna (tibia e fêmur) estão lado a lado. Abaixo da tibia da primeira perna encontra-se a fíbula e, abaixo desta, está em pé. O pé está quase completo encontra-se bem preservado. Os ossos do tarso estão voltados para SE e as falanges apontam para NW (este pé fora representado ao lado da planta). As costelas estão muito fragmentadas. Estão orientadas no sentido W/E. Ao lado do fêmur, perna 1, encontrou-se outro pé, orientado no mesmo

sentido do pé descrito anteriormente. Foi encontrado um braço com ulna, rádio e úmero, bem conservados. Estão orientados sentido SE/NW (cotovelo apontando para NW).
Acompanhamentos: Nenhum desses objetos foram encontrados juntos ao esqueleto, por vezes estavam presentes dentro da fossa, as vezes fora da fossa. Encontrou-se dois seixos de formas diferentes, três fragmentos de ponta de osso.

ANEXO 25 – FICHA DO SEPULTAMENTO 32

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 32**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **J10**

(b) nível: **Nível II Superior**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Crânio (parte mais alta do Sepultamento): - 0,68m

Base próxima ao braço: - 0,79m

Ossos mais altos: - 0,69m

Ossos mais baixos: - 0,76m

Perna direita: -0,65m

Conjunto de pedras aos pés do indivíduo: 0,69m

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Não consta

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados.

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **simples**

(b) **primário**

- **Posição do esqueleto:**

(a) fletido

(b) decúbito dorsal

- **Posição dos membros:**

Braço direito: parcialmente estendido

Braço esquerdo: parcialmente estendido

Ângulo do cotovelo direito: $\approx 160^\circ$

Ângulo do cotovelo esquerdo: $\approx 160^\circ$

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) Norte -> Sul

- **Orientação da face:**

(a) Sul

- **Grau de articulação:**

(a) articulado

- **Associação com outros sepultamentos:**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) Não consta

- **Ação do fogo:**

(a) Não consta

6. Estado de preservação:

(a) bom

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**
Não identificada
- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**
comprimento máximo: -
largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**
 - (a) *descrever a característica da estrutura:* Uma série de blocos de arcósio estavam associados ao esqueleto. Pequenos blocos estavam sobre os joelhos e um outro junto ao crânio, e outro perto do braço. Abaixo dos pés do indivíduo, havia um grande conjunto de blocos, sendo eles:
 1. Bloco de arenito c/ 1 canaleta? + 2 restos de superfície polida
 2. Pequena plaqueta de arcósio (natural?) bem geométrica
 3. Blocos de arenito com microcupule cônica.
 4. Blocos próximos dos pés: 1 deles c/ pontos vermelhos – Outros c/ marcas muito discretas (9-G)
 5. Um bloco vertical c/ marcas de pigmento sobre as quais marcas de picoteamento violento (p/ quebrar a peça?)
 6. Outro bloco próximo ao cúbito c/ 4 pontos de percussão.
 - (b) *sua disposição no sepultamento:* blocos sobre os joelhos, crânio e perto do braço (não é indicado qual). Conjunto de blocos de arcósio abaixo dos pés do indivíduo.

- **Objetos:**

- (a) *descrever o tipo de material associado:* -
- (b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Corante:** -
- **Carvão:** -

- (a) *descrever a quantidade:* -
- (b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais*: **sim**

(b) *compressão/deformação*: -

(c) *bioturbação*: **sim**

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria:

Costelas muito esmagadas, com resto de passagem de formigas de formigueiros ao redor da bacia

Os ossos estavam bastante fragmentados, sobretudo o crânio e as costelas. Restos de passagem de formigas e formigueiros foram encontrados ao redor da bacia. É possível que a ação desse agente tenha deixado os ossos mais frágeis, o que intensificou a quebra *post-mortem* causada pela pressão do solo e do maquinário.

- **Estrutura funerária**: (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **Intacta**

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

ANEXO 26 – FICHA DO SEPULTAMENTO 33

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio*: **Sítio Caixa D'água**

(b) *sigla do sítio*: **BURCA**

(c) *número do sepultamento*: **Sepultamento 33**

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra*: **F12 e F13**

(b) *nível*: **Não consta**

(c) *profundidade inicial [crânio, bacia, pé]*:

Blocos acima do esqueleto (identificados no croqui):

- 1,05m, - 0,97m, - 1,02m

(d) *profundidade final* [crânio; bacia; pé]:

Não consta

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **Simplex**

(b) **Primário**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **fletido**

Braço esquerdo: **fletido**

Ângulo do cotovelo direito: **≈ 30°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **≈ 30°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **leste -> oeste**

- **Orientação da face:**

(a) **norte**

- **Grau de articulação:**

(a) **articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **sepultamento 30 -> ler tópico observações gerais**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) Não consta

- **Ação do fogo:**

(a) Não consta

6. Estado de preservação:

(a) regular

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* cinco blocos de arcósio recobriam o esqueleto. Três deles estavam depositados acima, cobrindo a parte superior e a bacia do corpo. Outros dois blocos estavam depositados imediatamente abaixo do esqueleto, sendo que um deles, foi utilizado como “apoio” para o crânio. Não foram encontradas descrições das características desses blocos.

(b) *sua disposição no sepultamento:* blocos localizados acima do esqueleto e outros dois imediatamente abaixo. Um deles foi utilizado como “apoio” para o crânio.

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Corante:** -

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) sua disposição no sepultamento: -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais*: **sim**

(b) *compressão/deformação*: **sim**

(c) *bioturbação*: -

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria:

O esqueleto se encontrava bastante quebrado e comprimido, sobretudo devido a pressão dos blocos depositados acima do esqueleto e do solo. Especialmente, o crânio parece ter “deslizado” sobre o bloco o qual apoiava a cabeça, após a fragmentação do crânio.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **intacta**

10. Observações gerais sobre o sepultamento:

síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Sepultamento 30 – Abaixo do bloco de arcósio que apoiava o braço esquerdo do indivíduo, estava depositado o sepultamento 30 (para mais informações, ler a ficha do Sepultamento 30).

ANEXO 27 – FICHA DO SEPULTAMENTO 34

1. Informações gerais:

(a) *nome do sítio*: **Sítio Caixa D'água**

(b) *sigla do sítio*: **BURCA**

(c) *número do sepultamento*: **Sepultamento 34**

2. Localização do sepultamento:

(a) *quadra*: **E11**

(b) *nível*: **Nível II Inferior**

(c) *profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:*

NW: - 1,09m

NE: - 1,11m

SW: - 1,08m

SE: - 1,05m

Centro: - 1,09m

Centro da fossa: -1,12m

Final da quadra: - 1, 13m

Topo do crânio: - 1,01m

(d) *profundidade final [crânio; bacia; pé]:*

NW: - 1,16m

NE: - 1,16m

SW: - 1,16m

SE: - 1,16m

Centro: - 1,14m

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido. Segundo imagens de campo, possivelmente se trata de um adulto.**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito dorsal**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **estendido**

Braço esquerdo: **estendido**

Ângulo do cotovelo direito: **180°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **180°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **leste -> oeste**

- **Orientação da face:**

(a) **sudoeste**

- **Grau de articulação:**

(a) **articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **Não consta**

- **Ação do fogo:**

(a) **Não consta**

6. Estado de preservação:

(a) **regular**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* Abaixo do crânio, estava preso um seixo que apresenta 4 orifícios de forma anormal. Impossível afirmar se o seixo foi fixado na terra para colocar o crânio ou se já estava isolado; havia um aglomerado próximo ao esqueleto em que havia uma grande quantidade de ossos queimados. Não possuíam associação com o Sepultamento, pois estavam em níveis superiores.

(b) *sua disposição no sepultamento:* Preso na parte de baixo do crânio; na porção SE do Sepultamento

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* ponta óssea

(b) *sua disposição no sepultamento:* duas pontas ósseas estavam depositadas uma em cada lado do crânio.

- **Corante:** sim

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* moderado

(b) *sua disposição no sepultamento:* no fundo da cova

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* sim

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: Os ossos, de maneira geral, estavam em bom estado de conservação. As costelas, entretanto, estavam frágeis e se desfazendo.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) Intacta

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas. **Esse esqueleto não possuía a estrutura de blocos de pedra comumente associada aos sepultamentos.**

ANEXO 28 – FICHA DO SEPULTAMENTO 35

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 35**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **E12**

(b) nível: **II Médio**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Topo do bloco acima do esqueleto: - 1,02m

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Cota base do bloco: - 1,11m

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido.**

Segundo as imagens de campo, parece se tratar de um indivíduo subadulto

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) **decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: fletido

Braço esquerdo: fletido

Ângulo do cotovelo direito: 90°

Ângulo do cotovelo esquerdo: 90°

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) *sul -> norte*

- **Orientação da face:**

(a) *nordeste*

- **Grau de articulação:**

(a) *articulado*

- **Associação com outros sepultamentos: Não comprovado**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) *Não consta*

- **Ação do fogo:**

(a) *Não consta*

6. Estado de preservação:

(a) *mal*

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* Dois blocos de arcósio acompanhavam esse Sepultamento. Um deles, uma mó, estava depositado acima da bacia e braço esquerdo do indivíduo. Outro estava na região do crânio, o que causou o esmagamento dos ossos, com os dentes espalhados.

(b) *sua disposição no sepultamento:* blocos localizados acima do sepultamento

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* Ponta óssea

(b) *sua disposição no sepultamento:* ponta óssea encontrada na região da bacia.

- **Corante:** -

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* sim

(b) *compressão/deformação:* sim

(c) *bioturbação:* sim

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: Foi constatada a presença de um formigueiro embaixo da bacia, o que pode ter perturbado o Sepultamento. O corpo também sofreu compressões e quebras pós deposicionais devido ao peso dos blocos de arcósio que estava depositado acima do esqueleto.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) intacta

10. Observações gerais sobre o sepultamento:

síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Existe a possibilidade de um conjunto de ossos encontrados em E13, nos níveis SUP. II e II Médio, pertencerem ao sepultamento 35, na quadra E12. Não foram encontrados os pés e existem apenas fragmentos de fíbula e tíbia no sep. 35. Acredita-se que esses ossos sejam aqueles da quadra E13

ANEXO 29 – FICHA DO SEPULTAMENTO 36

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 36**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **D12 e E12**

(b) nível: **II Médio**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Cota do topo do pé: 86cm

Cota do topo do crânio: 98cm

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Cota base crânio: 108,50cm

Cota base da cova: 110 cm

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido.**
Segundo as imagens de campo, parece se tratar de um indivíduo adulto

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **fletido**

(b) -

- **Posição dos membros:**

Braço direito: hiperfletido

Braço esquerdo: hiperfletido

Ângulo do cotovelo direito: $\approx 30^\circ$

Ângulo do cotovelo esquerdo: $\approx 30^\circ$

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) leste -> oeste

- **Orientação da face:**

(a) norte

- **Grau de articulação:**

(a) parcialmente articulado

- **Associação com outros sepultamentos:** Não comprovado

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) Não consta

- **Ação do fogo:**

(a) Não consta

6. Estado de preservação:

(a) mal

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* Três blocos de arcósio cobriam quase que totalmente o esqueleto. Outro bloco, menor, estava próximo desses grandes blocos. O bloco próximo das pernas do indivíduo parecia estar polido em algumas regiões.

(b) *sua disposição no sepultamento:* blocos localizados acima do sepultamento

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* Ponta óssea; dente de capivara; lítico

(b) *sua disposição no sepultamento:* ponta óssea e dente capivara encontrados na região das costelas do indivíduo. Parece terem sido perturbadas. Abaixo da mão direita havia um lítico que foi plotado.

- **Corante:** -

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* sim

(b) *compressão/deformação:* sim

(c) *bioturbação:*

(d) *estado do osso:*

(e) *alteração dos ossos:*

caso presentes, descrever as características de cada categoria: O corpo estava muito superficial, por esse motivo, ele sofreu quebras e compressos pelo peso do maquinário. Além disso, as pedras que cobriam quase inteiramente o esqueleto também contribuíram para as quebras pós deposicionais.

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) intacta

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

As duas pernas estavam sobrepostas e o braço direito estava abaixo delas. Era possível ver a mão direita tocando a mandíbula. A mão esquerda estava aparente com o úmero deslocado dos outros ossos (rádio e ulna), em posição flexionada formando um V. A mão esquerda estava dobrada abaixo do crânio, também parecendo um V com os ossos do braço (rádio/ulna). A mão direita está tocando o rosto e a mão esquerda dobrada logo abaixo do crânio. Próximo a ele está o crânio do sepultamento 42.

ANEXO 30 – FICHA DO SEPULTAMENTO 38

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: Sítio Caixa D'água

(b) sigla do sítio: BURCA

(c) número do sepultamento: Sepultamento 38

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: E13 e E14

(b) nível: II Médio

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

-

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

-

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido. Segundo as imagens de campo, parece se tratar de um indivíduo adulto

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **semifletido**

(b) **decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **fletido**

Braço esquerdo: **fletido**

Ângulo do cotovelo direito: **30°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **30°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **sul -> norte**

- **Orientação da face:**

(a) **-**

- **Grau de articulação:**

(a) **parcialmente articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **26**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **Não consta**

- **Ação do fogo:**

(a) **Não consta**

6. Estado de preservação:

(a) **regular**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Corante:** -

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* -

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: **Considerando a ausência do material e de informações de campo, não será possível descrever as alterações tafonômicas.**

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **Perturbada**

(b) O sepultamento foi perturbado para a deposição do Sepultamento 26. O indivíduo estava sem o crânio.

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Não foram encontradas documentações para o sepultamento.

ANEXO 31 – FICHA DO SEPULTAMENTO 39

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 39**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **D11**

(b) nível: **Não consta**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Ombro – 93,5 cm

Crânio – 92 cm

Fêmur/Bacia – 101,5 cm

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Base – 105 cm

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido.**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) -

(b) -

- **Posição do esqueleto:**

(a) -

(b) -

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) sul -> norte

- **Orientação da face:**

(a) noroeste

- **Grau de articulação:**

(a) parcialmente articulado

- **Associação com outros sepultamentos:** Não comprovado

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) Não consta

- **Ação do fogo:**

(a) Não consta

6. Estado de preservação:

(a) mal

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* Ponta óssea

(b) *sua disposição no sepultamento:* ponta óssea encontrada próximo aos pés do indivíduo

- **Corante:** -

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:* -

(b) *compressão/deformação:* -

(c) *bioturbação:* -

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: Considerando a ausência de informações de campo e em laboratório, não é possível determinar

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

indeterminado

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Não existem registros escritos para esse sepultamento.

ANEXO 32 – FICHA DO SEPULTAMENTO 40

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 40**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **D13**

(b) nível: **Contato II/III**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Ulna e raios e esquerdo: -0,95m

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Cota final: -0,99m

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido.**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) -

(b) -

- **Posição do esqueleto:**

(a) -

(b) -

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **sul -> norte**

- **Orientação da face:**

(a) -

- **Grau de articulação:**

(a) **desarticulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **Não comprovado**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **Não consta**

- **Ação do fogo:**

(a) **Não consta**

6. Estado de preservação:

(a) **mal**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* Um bloco de arcósio estava depositado sobre os fêmures do indivíduo

(b) *sua disposição no sepultamento:* Bloco de arcósio localizado acima do esqueleto.

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:*

(b) *sua disposição no sepultamento:*

- **Corante: -**

- **Carvão: -**

(a) *descrever a quantidade: -*

(b) *sua disposição no sepultamento: -*

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:*

(b) *compressão/deformação:*

(c) *bioturbação:*

(d) *estado do osso:*

(e) *alteração dos ossos:*

caso presentes, descrever as características de cada categoria:

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **Perturbado**

(b) **Sepultamento estava desconexo**

10. Observações gerais sobre o sepultamento:

síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 41**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **E14**

(b) nível: **II Inferior**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

NW – 108cm,

NE – 108cm,

SW – 107cm,

SE – 108cm,

C – 108,5cm

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

NW: 115cm

NE: 114,5cm

SW: 114,5cm

SE: 115cm

CE: 115cm

A base do sepultamento foi 114cm

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido. Segundo as imagens de campo, parece se tratar de um indivíduo adulto**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) **primário**

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) **semifletido**

(b) **decúbito lateral direito**

- **Posição dos membros:**

Braço direito: **fletido**

Braço esquerdo: **estendido**

Ângulo do cotovelo direito: **45°**

Ângulo do cotovelo esquerdo: **180°**

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **norte -> sul**

- **Orientação da face:**

(a) **sudeste**

- **Grau de articulação:**

(a) **articulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **Não comprovado**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **Não consta**

- **Ação do fogo:**

(a) **Não consta**

6. Estado de preservação:

(a) **regular**

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada (nas descrições de campo, é comentado que se tratava de uma cova rasa)

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* blocos pequenos estavam circundando o tórax e a bacia. Um bloco maior, inclinado para dentro da cova, estava delimitando o braço esquerdo do indivíduo. Entre os fêmures, havia um bloco de arcósio de 5cm de largura. Há um bloco de 25cm na vertical, na extremidade leste da quadra. A outro de 40cm a sudeste e um inclinado para o norte na parte sudeste, este tem 15cm. Há um bloco relativamente grande de goetita entre as costelas e o antebraço esquerdo do esqueleto. O crânio estava se apoiando sobre um seixo de 6,5cm por 5cm no lado direito sob o zigomático.

(b) *sua disposição no sepultamento:* blocos localizados sobre e ao redor do esqueleto

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* Ponta óssea (10cm)

(b) *sua disposição no sepultamento:* ponta óssea encontrada perpendicular na região das tíbias.

- **Corante:** sim

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* muitos

(b) *sua disposição no sepultamento:* distribuídos sobre toda a quadra, inclusive dentro do sepultamento.

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais*: **sim**

(b) *compressão/deformação*: **sim**

(c) *bioturbação*:

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: **O esqueleto foi encontrado bastante fragmentado e deformado. Não é especificado o motivo, mas considerando a ausência de blocos de arcósio em cima do esqueleto, pode ter sido uma compressão causada pela pressão do solo e do maquinário no local. O crânio, especificamente, estava achatado do lado direito.**

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) **intacta**

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

o esqueleto não tinha associado praticamente nenhum material, tanto dentro quanto fora da cova. Esqueleto completo; blocos pequenos circundando o tórax e bacia. 1 bloco maior no limite da cova, inclinado para dentro, ao longo do braço esquerdo. Ele se delineou no centro da quadra, com o crânio ao N e mais alto e o corpo no sentido N -> S no centro da quadra, com as pernas aparentemente fletidas com os pés saindo no limite E-14/E-13. Percebemos uma concentração de material lítico em uma zona semi-lunar no limite entre os **Sepultamentos 41 e 38 (E13)**. Há uma plaqueta inclinada no sentido E -> W que parece indicar o limite e inclinação da fossa utilizada para o sepultamento 41. No **Sepultamento 41** percebemos que a mão esquerda continha uma lasca (4cm) e a mão estava estendida abaixo da bacia. Entre as tíbias há uma ponta de osso (10cm), perpendicular as tíbias. O braço direito do esqueleto está fletido sobre o tórax e o antebraço dobrou-se sobre as costelas indo até a altura do ombro (formando um triângulo, o braço com o antebraço). O rádio e a ulna de ambos os braços estão bem visíveis. O quadril (bacia) dobra-se para a direita em relação ao corpo que está reto na vertical seguindo o norte. As vértebras lombares estão entre o fêmur e parte da bacia. Parte do fêmur está sobre a bacia. Entre os fêmures há um arcóseo de 5cm de largura. **Importante: há vários líticos (15) na posição vertical e há uma pequena lasca (3cm) na vertical na base dos pés.** O esqueleto teve o crânio achatado do lado direito,

diminuindo o orifício do olho direito. Tanto a mandíbula, quanto a maxila, com dentes, estão presentes. Ambas as pernas possuem a tíbia, porém somente junto à tíbia esquerda foi observada a fíbula. Há um bloco de 25cm na vertical, na extremidade leste da quadra. A outro de 40cm a sudeste e um inclinado para o norte na parte sudeste, este tem 15cm. Não foi possível delimitar a fossa do sepultamento (fossa rasa). Há um bloco relativamente grande de goetita entre as costelas e o antebraço esquerdo do esqueleto – **Sepultamento 41** - (o bloco foi plotado e coletado) e abaixo da plaqueta de arcósio que está logo acima do mesmo antebraço, encontramos pequenos grânulos de goetita. Para toda a quadra encontramos pontas de pigmentos (sobretudo vermelhos), inclusive dentro do sepultamento. Sob os ossos do sepultamento foram encontradas algumas lascas. O crânio estava se apoiando sobre um seixo de 6,5cm por 5cm no lado direito sob o zigomático. Vários pedaços de raízes foram encontrados espalhados por toda a quadra.

ANEXO 34 – FICHA DO SEPULTAMENTO 42

1. Informações gerais:

(a) nome do sítio: **Sítio Caixa D'água**

(b) sigla do sítio: **BURCA**

(c) número do sepultamento: **Sepultamento 42**

2. Localização do sepultamento:

(a) quadra: **D13**

(b) nível: **II Médio**

(c) profundidade inicial [crânio, bacia, pé]:

Cota Topo crânio: 95 cm

Cota ossos humanos carbonizados 102 cm

Cota osso + alto: 99 cm

Cota osso + baixo: 106 cm

(d) profundidade final [crânio; bacia; pé]:

Cota base do crânio: 111 cm

3. Perfil biológico: (a) sexo provável [feminino, masculino, indeterminado] e quais indicadores utilizados; (b) idade provável [em margem de anos ou meses] e quais indicadores utilizados. **Não será possível determinar uma vez que o material foi perdido.**

4. Informações sobre a deposição do corpo:

- **Tipo de sepultamento:**

(a) -

(b) **simples**

- **Posição do esqueleto:**

(a) -

(b) -

- **Posição dos membros:**

Braço direito: -

Braço esquerdo: -

Ângulo do cotovelo direito: -

Ângulo do cotovelo esquerdo: -

- **Orientação do corpo (crânio → bacia):**

(a) **oeste -> leste**

- **Orientação da face:**

(a) **norte**

- **Grau de articulação:**

(a) **desarticulado**

- **Associação com outros sepultamentos:** **Não comprovado**

5. Ação sobre o corpo:

- **Ação do ocre:**

(a) **Não consta**

- **Ação do fogo:**

(a) Não consta

6. Estado de preservação:

(a) mal

7. Características da cova

- **Delimitação da cova:**

Não identificada

- **Dimensões da cova:**

Não identificada

- **Dimensões do espaço ocupado pelo esqueleto:**

comprimento máximo: -

largura máxima: -

8. Associações

- **Estruturas:**

(a) *descrever a característica da estrutura:* concentração de ossos cremados. Não foi possível determinar se realmente estava associado com o esqueleto

(b) *sua disposição no sepultamento:* concentração de ossos cremados a sudoeste do crânio

- **Objetos:**

(a) *descrever o tipo de material associado:* líticos

(b) *sua disposição no sepultamento:* distribuídos no sepultamento

- **Corante:** -

- **Carvão:** -

(a) *descrever a quantidade:* -

(b) *sua disposição no sepultamento:* -

9. Informações tafonômicas

- **Alterações tafonômicas do esqueleto:**

(a) *quebras pós deposicionais:*

(b) *compressão/deformação:*

(c) *bioturbação:*

(d) estado do osso:

(e) alteração dos ossos:

caso presentes, descrever as características de cada categoria: **Considerando a baixa descrição para o Sepultamento 42, não foi possível determinar as informações tafonômicas.**

- **Estrutura funerária:** (a) intacta, perturbada; (b) caso perturbada, descrever o grau de perturbação, se é de origem natural ou antrópica e recente ou ausente.

(a) Perturbada

(b) Não é descrito o motivo da perturbação do esqueleto

10. Observações gerais sobre o sepultamento: síntese das características do sepultamento, descrevendo o seu contexto espacial e informações relevantes a serem destacadas.

Crânio parece preservado, porém sepultamento tem indicação de ter sido remexido. O crânio está olhando para norte, levemente inclinado (quase nordeste); É possível que o esqueleto esteja no eixo nordeste-sudeste. O crânio está em bom estado, ainda tendo mandíbula, maxila e dentes. Os ossos mais superficiais estão + fragmentados, são ossos longos, aparentemente das pernas. As costelas (algumas) aparecem muito fragmentadas. Estão numa área à leste do crânio entre ossos longos. A sudoeste do crânio e tangente a ele tem 2 ossos longos aparentemente de fêmur, na direção nordeste, partindo do crânio estão ossos finos que podem ser perna ou braço. Imediatamente próximo à mandíbula do crânio há uma concentração de ossos fragmentados, aparentemente há uma mão embaixo dessa concentração, tocando o queixo. Há alguns líticos associados ao sepultamento. A sudeste do crânio há uma concentração de ossos carbonizados. Com a retirada de alguns ossos superiores (que parecem ser de um braço. Apenas um fêmur a sudoeste do crânio) conseguimos ver ossos de 1 braço -> rádio e tíbia conectados e outro osso longo que poderia ser de úmero, associado a um osso que já havia sido plotado (H) e era o de maior cota (106) na primeira retirada. Provavelmente o osso do braço estava associado a mão que tocava o maxilar. Foi possível evidenciar as costelas e a caixa torácica, evidenciando que estavam associadas com o crânio. Ao fim, percebeu-se que o esqueleto estava bastante perturbado.

Fotos Rogério (4907) mostrando os ossos no alto do sepultamento 42. A direita fêmur esquerdo, sobre ulna e rádio esquerdo e vestígios das tíbias esquerda e direita no corte da quadra (esq. Por baixo da direita). Ainda na foto 4907 aparecem seixo e lasca de arcósio que estavam sob o sep. 40. Apareceram em maior concentração abaixo do tórax.

Sep. 42, à oeste do 40, aparentemente perturbou estes seixos que possivelmente formavam um limite e foram perturbados no momento em q a cova do sep. 42 foi aberta. A porção norte da quadra, principalmente no entorno do sep. 40, continua mais dura do que o sedimento restante da quadra e com pouca penetração de água.

**ANEXO 35 – FICHA TÉCNICA DA COLA UTILIZADA PARA RESTAURO DOS
REMANESCENTES ESQUELETAIS**

Folha de Dados Técnicos



Adesivo PVA

Pritt Tenaz

- Ideal para crianças;
- Não tóxica;
- Cola lavável.

Composição

Poliacetato de vinila (PVA) em dispersão aquosa.

Campo de Aplicação

Adesivo em dispersão aquosa à base de poliacetato de vinila (PVAC), especialmente indicado para colagem de papel, papelão, cartão, cartolina e outros materiais porosos.

Este produto tem como principal característica o fato de ser facilmente removido depois de seco, pela lavagem com água, mesmo à temperatura ambiente (em materiais como tecidos, dentre outros), além de ser totalmente não tóxico.

Precauções

- Para evitar contaminação do produto, não retorne sobras para a embalagem.
- Produto sem características tóxicas com relação à manipulação ou inalação, não devendo, entretanto, ser ingerido ou colocado em contato com partes sensíveis do corpo. Caso ocorra ingestão, remova a maior quantidade possível do material do interior da boca. Ingira grande quantidade de água, não induza vômito. Em caso de contato com os olhos, lave-os com água corrente por 15 minutos, se a irritação persistir, procure um médico.
- Produto não classificado como perigoso, não requerendo indicações especiais.
- Para maiores informações de manuseio e segurança deste produtos, consulte a Ficha de Informação de Segurança do Produto Químico (FISPQ).



Características Técnicas

Aspecto do Produto	Líquido branco, viscoso, livre de grumos e/ ou materiais estranhos e odor característico de acetato de vinila.
Aspecto do Filme Seco	Transparente, flexível, isento de pontos, com baixa resistência a água e ao calor.
Teor de Sólidos, %	23 – 25
Viscosidade Brook. LVF – 25°C, cP	2000 – 4000
pH a 25°C	3,5 – 5,0
Validade (meses)	36

Folha de Dados Técnicos Pritt Tenaz



Modo de uso

1. Preparar as superfícies a serem coladas, as quais devem estar limpas, planas e secas.
2. Aplique o adesivo de maneira uniforme.
3. Juntar as partes imediatamente, mantendo-as sob pressão, por dois a três minutos, a fim de aumentar a eficiência da colagem.

Recomendações

- Em colagens de artefatos de madeira, pode-se acelerar a secagem com uso de aquecimento “secador” (máximo 60°C).
- A aplicação pode ser feita através de máquinas ou manualmente, utilizando-se pincel, trincha, rolo, espátula, etc.

ATENÇÃO: O contato do adesivo úmido com materiais ferrosos faz com que ocorra um escurecimento da linha de colagem.

LIMPEZA: Se for necessário, o adesivo ainda úmido pode ser retirado de tecidos utilizando-se um pano úmido para retirada do excesso de cola, antes de colocar a peça para lavar.

Após seco, deve-se deixar a peça de molho em água e sabão, esfregando-a manualmente, antes de colocá-la na máquina de lavar.

Embalagens

- Pritt Tenaz: Embalagens de 35g, 110g, 225g, 500g e 1Kg

Classificação de Transporte

O Pritt Tenaz não está classificado como líquido inflamável, corrosivo ou agressivo, portanto não se enquadra como produto perigoso.

Armazenamento

O produto tem vida útil de 36 meses em condições normais de estocagem, entre 5°C e 30°C, em ambiente ventilado, protegido de intempéries e na embalagem original. Durante o transporte, o produto pode ser mantido em condições adversas às determinadas acima, desde que não ultrapassem a um período de 5 (cinco) dias. Faça rotação de estoque. Utilize sempre o produto mais antigo.

Ficha de Informação de Segurança

A Henkel dispõe da “FICHA DE INFORMAÇÃO DE SEGURANÇA DE PRODUTOS QUÍMICOS” (FISPQ), para fornecimento, com detalhes de segurança e proteção individual, relativos à sua linha de produtos, favor entrar em contato com o nosso SAC – Serviço de Atendimento ao Cliente.

**Para outras informações, entre em contato
com nosso Serviço de Atendimento ao
Cliente:
0800-704-2334**

As informações contidas nesta Folha de Dados Técnicos (FDT) incluindo as recomendações de uso e de aplicações são baseadas em nosso conhecimento e experiência sobre este produto na data de criação deste documento. O produto pode ter uma variedade diferente de aplicações de acordo com as condições de seu ambiente de trabalho, as quais estão além do controle da Henkel. A Henkel, portanto, não é responsável pela adequação do produto em referência aos seus processos produtivos e condições no que diz respeito a forma como você o usa, assim como as aplicações pretendidas e resultados. Recomenda-se fortemente que você realize previamente testes para confirmar a adequação deste produto.

A Henkel se exime de qualquer responsabilidade a respeito das informações contidas nesta Folha de Dados Técnicos ou de quaisquer outras recomendações escritas ou orais em relação ao referido produto, exceto se de outra for expressamente acordado e exceto em relação à morte ou lesões causadas por negligência ou qualquer responsabilidade atribuída à Henkel por força de lei.

Henkel Brasil Ltda
Av. Professor Vernon Kriebler, 91
Itapevi, São Paulo, Brasil
Tel: (55) (11) 3205.7001
www.henkel.com.br / www.prittworld.com.br

Excellence is our Passion